

AUTOR N.º1 DO *NEW YORK TIMES*

DANIEL
SILVA

O ESPIÃO
IMPROVÁVEL

«RÁPIDO E CHEIO DE *SUSPENSE*.»
THE NEW YORK TIMES

AUTOR DE *AS REGRAS DE MOSCOVO*
E *O CASO REMBRANDT*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTOR N.º 1 DO *NEW YORK TIMES*

DANIEL SILVA

O ESPIÃO IMPROVÁVEL

«RÁPIDO E CHEIO DE *SUSPENSE*.»
THE NEW YORK TIMES

AUTOR DE *AS REGRAS DE MOSCOVO*
E *O CASO REMBRANDT*

Daniel Silva

O Espião Improvável

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2012

Ficha Técnica

Título original: *The Unlikely Spy*.

Autor: Daniel Silva

Copyright (c) Daniel Silva, 1996

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: Shutterstock/Arcangel Images

Revisão: Catarina Andrade

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda. Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

Depósito legal nº 338 566/12

Acabou de imprimir-se em março de 2012

ISBN: 978-972-25-2392-9

*Para a minha mulher, jamie, cujo amor, apoio e encorajamento
constante tornaram esta obra possível, e para os meus filhos, Lily e
Nicholas*

PREFÁCIO

Em abril de 1944, seis semanas antes da invasão da França pelos Aliados, o propagandista nai William Joyce — mais conhecido como Lord Haw-Haw — foi responsável por uma sinistra emissão radiofónica dirigida ao Reino Unido.

Segundo Joyce, a Alemanha sabia que os Aliados estavam a construir grandes estruturas de betão no sul de Inglaterra. E a Alemanha também sabia que essas estruturas seriam transportadas ao longo do canal da Mancha, durante a invasão que se aproximava, e submersas ao largo da costa de França. Joyce declarou: "bom, vamos ajudar-vos, rapais. Quando as trouxerem, nós vamos afundá-las por vós."

Soaram sirenes de alarme no seio dos Serviços Secretos britânicos e do Alto Comando Aliado. As estruturas de betão a que Joyce se referia eram na realidade componentes de um gigantesco complexo de portos artificiais, com destino à Normandia, com o nome de código Operação Mulberry [Amora]. Se os espões de Hitler soubessem o verdadeiro objetivo da Mulberry, podiam muito bem saber o segredo mais importante da guerra — a hora e o local da invasão da França pelos Aliados.

Após vários dias de agitação, esses medos foram dissipados quando os Serviços Secretos Americanos intercetaram uma mensagem em código do embaixador japonês em Berlim, o tenente-general e barão Hiroshi Oshima, para os seus superiores em Tóquio. Oshima recebia dos aliados alemães relatórios frequentes sobre os preparativos para a iminente invasão. Segundo a mensagem intercetada, os serviços secretos acreditavam que as estruturas de betão fariam parte de um enorme complexo antiaéreo — não de portos artificiais.

Mas como teriam os Serviços Secretos Alemães cometido um erro de cálculo tão decisivo? Teriam interpretado as suas próprias informações erradamente? Ou teriam sido enganados?

AGRADECIMENTOS

Os acontecimentos descritos neste romance são produto da imaginação do autor, tal como as personagens que o povoam, não se pretendendo com ele uma reprodução de factos reais. No entanto, muita gente contribuiu generosamente com o seu tempo e sabedoria para ajudar um jovem a escrever sobre coisas que aconteceram há muito tempo. Obviamente, os conhecimentos são dessas pessoas. Quaisquer enganos e liberdades dramáticas são meus.

Estou eternamente em dívida para com a equipa da editora londrina Weidenfeld & Nicolson — Anthony Cheetham, Cássia Joll e Maureen Kristunas, por não ter saído na sua paragem de metro. Mas, acima de tudo, um agradecimento muito especial a Ian Trewin, que me disponibilizou os seus olhos e ouvidos e respondeu pacientemente às minhas perguntas, por mais fúteis que fossem. Este romance não poderia verdadeiramente ter sido escrito sem a sua ajuda, encorajamento e passeatas de pesquisa ao fim de semana, com a sua mulher, Sue, pela costa de Norfolk.

A todos os meus amigos e colegas da CNN, em especial Iain Johnson, Ed Turner, Frank Sesno, Richard Davis e Bill Headline, que me deram o tempo e a liberdade para escrever este romance e, a seguir, me permitiram regressar a casa depois de estar terminado.

A equipa da International Creative Management: Heather Schroder, Sloan Harris e Jack Horner. Mas, acima de tudo, à minha agente, amiga e guia Esther Newberg, por fazer um sonho tornar-se realidade. Não há ninguém melhor.

A todos aqueles que me auxiliaram ou aconselharam pelo caminho: o Dr. Uwe Hedlt e o professor Klaus Fischer, pelos conhecimentos relacionados com a história da Alemanha nazi; o Dr. Michael Baden, pelos conselhos prestados em matéria das complexidades dos ferimentos por apunhalamento e da decomposição;

Brian Montgomery, pela paciente lição sobre a anatomia de um motor a diesel; e Lisa Havlovitz, pelo auxílio na preparação do manuscrito final. E, também, um agradecimento especial a Adria Hillman, Kenneth Warner e Jeffrey Blount, pela ajuda inestimável, e ao professor Bernard Jacob, meu amigo, meu mestre e meu eterno ombro onde me apoiar.

E, por fim, à extraordinária equipa de profissionais da Random

House: Harry Evans, Sybil Pincus, Mark Speer, Lillian Langostsky, Dan Rembert, Adam Rothberg, Brian McLendon, Kirsten Raymond, Sairey Luterman, Annik LaFarge, Melissa Milsten, Jennifer Webb, Leta Evanthes, Camille MacDuffie e Lynn Goldberg.

E, claro, a David Rosenthal, o meu editor e brilhante revisor, que me mostrou o caminho, me recolocou suavemente no rumo certo quando me perdi e ajudou a transformar um manuscrito num romance. Um verdadeiro amigo do princípio ao fim.

"Este projeto é tão vital que poderia ser descrito como o cerne de toda a operação."

— Memorando do Almirantado

"Tendo em conta os milhares de trabalhadores que, num ou noutro momento, estiveram envolvidos, é notável que o inimigo não fizesse ideia do que se passava."

— Guy Hartcup, Força Mulberry

"Em tempo de guerra, a verdade é tão preciosa que deve ser sempre acompanhada por uma escolta de mentiras."

— Winston Churchill

PRIMEIRA PARTE

UM

SUFFOLK, INGLATERRA: NOVEMBRO DE 1938

Beatrice Pymm morreu porque perdeu o último autocarro para Ipswich.

Vinte minutos antes de morrer, encontrava-se na sombria paragem de autocarros e consultava o horário à luz mortiça do único candeeiro de rua da povoação. Daí a poucos meses, o candeeiro seria desligado, de acordo com o regulamento do blackout. Beatrice Pymm nunca viria a saber do blackout.

Por agora, o candeeiro brilhava apenas o suficiente para que Beatrice conseguisse ler o horário mergulhado nas sombras. Para o ver melhor, pôs-se em bicos de pés e seguiu os números com a ponta do indicador, manchado de tinta. A sua mãe, já falecida, queixava-se sempre da tinta com amargura. Considerava impróprio de uma senhora ter as mãos sempre manchadas. Tinha desejado que Beatrice se tivesse dedicado a um passatempo mais asseado — música, voluntariado, até mesmo a escrita, embora a mãe de Beatrice não tivesse os escritores em grande conta.

— Raios! — resmungou Beatrice, com a ponta do dedo ainda colada ao horário.

Normalmente, era extremamente pontual. Numa vida sem responsabilidades financeiras, sem amigos, sem família, tinha delineado um plano pessoal rigoroso. Naquele dia, tinha-se desviado dele pintara demasiado tempo e regressara demasiado tarde.

Retirou a mão do horário e levou-a ao rosto, fazendo um esgar de preocupação. A cara do teu pai, dizia a mãe com uma ponta desespero — uma testa larga e plana, um grande nariz nobre, um queixo recuado. com apenas trinta anos, tinha o cabelo prematuramente raiado de grisalho.

Perguntou-se o que fazer. A sua casa em Ipswich ficava a pelo menos oito quilómetros, demasiado para ir a pé. Ao início da noite, haveria ainda a luz do trânsito na estrada. Talvez alguém lhe desse boleia.

Deixou escapar um longo suspiro de frustração. A sua respiração gelou, pairou diante do seu rosto e depois afastou-se ao sabor do vento frio vindo do pântano. As nuvens dispersaram-se e uma Lua luminosa

brilhou através delas. Beattice olhou para cima e viu um halo de gelo em redor dela. Arrepiou-se, sentindo o frio pela primeira vez.

Pegou nas suas coisas: uma mochila de couro, uma tela, um cavalete gasto. Tinha passado o dia a pintar ao longo do estuário do Orwell. A pintura era o seu único amor e a paisagem da East Anglia o seu único tema. Isso levava-a de facto a uma certa repetição no trabalho. A mãe gostava de ver pessoas nos quadros — cenas de rua, cafés cheios. Uma vez, até sugeriu a Beatrice que passasse algum tempo em França, de modo a prosseguir a carreira. Beatrice recusou. Adorava os pântanos e os diques, os estuários e as lagoas, os terrenos pantanosos a norte de Cambridge, as pastagens ondulantes de Suffolk.

Com relutância, começou a dirigir-se para casa, caminhando a bom ritmo ao longo da beira da estrada, apesar do peso que transportava. Vestia uma camisa de homem de algodão, manchada de tinta tal como os seus dedos, uma pesada camisola de lã grossa que a fazia sentir-se como um urso de peluche, um casacão demasiado comprido nas mangas e calças enfiadas dentro das botas de borracha. Afastou-se do alcance da esfera amarela do candeeiro; a escuridão engoliu-a. Não sentiu qualquer apreensão por caminhar na escuridão do campo. A mãe, assustada com as suas longas caminhadas solitárias, avisava-a constantemente para ter cuidado com os violadores. Beatrice descartava sempre a ameaça, considerando-a improvável.

Arrepiou-se com o frio. Pensou na sua casa, um grande chalé nos arredores de Ipswich, que lhe fora deixado pela mãe. Por trás da casa, no extremo da alameda do jardim, tinha construído um estúdio banhado de luz, onde passava a maior parte do tempo. Para ela, não era invulgar passar dias sem falar com outro ser humano.

Tudo isto, e ainda mais, era do conhecimento do seu assassino.

Após cinco minutos de caminhada, ouviu o barulho de um motor atrás de si. Um veículo comercial, pensou. Antigo, a julgar pelo ruído irregular do motor. Beatrice observou o brilho dos faróis espalhar-se como o nascer do Sol através da erva, de ambos os lados da estrada. Ouviu o motor perder potência e o carro começar a avançar em ponto morto. Sentiu uma rajada de vento quando o veículo a ultrapassou. Sufocou com o fedor do escape.

De seguida, viu-o encostar à berma da estrada e parar.

A mão, visível sob o intenso luar, impressionou Beatrice pela sua estranheza. Saiu pela janela do condutor segundos depois de a carrinha ter parado e fez-lhe um gesto para que se aproximasse. Uma grossa luva de pele, reparou Beatrice, do género das utilizadas pelos trabalhadores que transportam coisas pesadas. Um fato-macaco azul-escuro, talvez.

A mão acenou-lhe uma vez mais. Lá estava outra vez — havia qualquer coisa no modo como se movia que não batia certo. Ela era

artista e os artistas conhecem o movimento e o fluir. E havia mais qualquer coisa. Quando a mão se movia, expunha a pele entre a ponta da manga e a base da luva. Mesmo sob a luz fraca, Beatrice conseguia ver que a pele era clara e sem pelos — não parecia o pulso de nenhum trabalhador que já tivesse visto, invulgarmente delgado.

Contudo, não se sentiu alarmada. Acelerou o ritmo e alcançou a porta do passageiro com alguns passos. Abriu-a e colocou as coisas no espaço em frente ao banco. De seguida, ergueu os olhos pela primeira vez para o interior da carrinha e apercebeu-se de que o condutor tinha desaparecido.

Nos últimos segundos conscientes da sua vida, Beatrice Pymm interrogou-se por que razão utilizaria alguém uma carrinha para transportar uma moto. Ali estava ela, deitada de lado na parte de trás, com dois recipientes de gasolina junto dela.

Ainda de pé junto da carrinha, fechou a porta e chamou. Não houve resposta.

Segundos mais tarde, ouviu o som de uma bota de couro no cascalho.

Ouviu de novo o som, mais perto.

Virou a cabeça e viu o condutor ali parado. Olhou para a cara dele e viu apenas uma máscara de lã preta. Dois poços de um azul-pálido fixavam-na friamente por detrás dos buracos para os olhos. Lábios de aspeto feminino, ligeiramente entreabertos, brilhavam por detrás da abertura para a boca.

Beatrice abriu a boca para gritar. Só conseguiu soltar um breve suspiro antes de o condutor lhe enfiar a mão enluvada na boca. Os dedos penetraram-lhe na carne macia da garganta. A luva sabia horripelantemente a poeira, gasolina e óleo de motor. Beatrice começou a vomitar os restos do almoço do seu piquenique — frango assado, queijo Stilton e vinho tinto.

Depois sentiu a outra mão a tatear-lhe o seio esquerdo. Por um instante, Beatrice pensou que os receios da mãe em relação a violações tinham sido finalmente comprovados. Mas a mão que lhe tocava no peito não era a mão de um molestador ou de um violador. A mão era hábil, como a de um médico, e curiosamente delicada. Moveu-se do peito para as costelas, pressionando com força. Beatrice estremeceu, arquejou e mordeu com força. O condutor pareceu não sentir nada através da luva grossa.

A mão alcançou o fundo das costelas e sondou a carne macia ao cimo do abdómen. Não foi mais além. Um dedo continuou a apertar essa zona. Beatrice ouviu um estalido agudo.

Um instante de dor insuportável, uma explosão de luz branca e brilhante.

A seguir, uma escuridão benévola.

O assassino tinha treinado vezes sem conta para aquela noite, mas era a primeira vez. O assassino retirou a mão enluvada da boca da vítima, virou-se e vomitou violentamente. Não havia tempo para sentimentalismos. O assassino era um soldado — major dos serviços secretos — e Beatrice Pymm em breve seria a inimiga. A sua morte, embora lamentável, era necessária.

O assassino limpou o vômito dos bordos da máscara e meteu mãos à obra. O assassino agarrou na faca de ponta e mola e puxou-a. A ferida reteve-a com força, mas o assassino puxou com mais força e a lâmina deslizou para fora.

Um assassinio excelente, limpo, com muito pouco sangue.

Vogelficaria orgulhoso.

O assassino limpou o sangue da navalha, voltando a fechar a lâmina, e guardou-a no bolso do fato-macaco. Depois, o assassino agarrou o corpo por baixo dos braços, arrastou-o para a parte de trás da carrinha e deixou-o cair na berma de alcatrão esboroadada.

O assassino abriu as portas traseiras. O corpo entrou em convulsões.

Foi uma luta levantar o corpo e colocá-lo na parte de trás da carrinha, mas um momento depois estava feito. O motor hesitou, depois pegou. A seguir, a carrinha estava de novo a caminho, com os faróis a brilharem através da povoação às escuras, virando para a estrada deserta.

O assassino, tranquilo apesar da presença do corpo, cantou calmamente uma canção da infância para ajudar a passar o tempo. Era uma viagem longa, quatro horas pelo menos. Durante os preparativos, o assassino tinha percorrido a estrada de moto, a mesma que agora se encontrava ao lado de Beatrice Pymm. A viagem levaria muito mais tempo na carrinha. O motor tinha pouca potência, os travões eram maus e fugia bastante para a direita.

O assassino prometeu a si mesmo roubar uma melhor na vez seguinte.

As facadas no coração, por regra, não matam instantaneamente. Mesmo que a arma penetre numa cavidade, o coração continua a bater durante algum tempo até a vítima se esvair em sangue.

Enquanto a carrinha avançava ruidosamente pela estrada, a cavidade torácica de Beatrice Pymm encheu-se rapidamente de sangue.

A sua mente ficou num estado próximo do coma. Teve a sensação de estar prestes a morrer.

Recordou-se dos avisos que a mãe lhe fazia por andar sozinha à noite. Sentiu a viscosidade húmida do seu próprio sangue a escoar-se do corpo para a blusa. Interrogou-se se o seu quadro teria sido danificado.

Depois ouviu o canto. Um belo canto. Levou algum tempo, mas percebeu por fim que o condutor não estava a cantar em inglês. A canção era alemã e a voz a de uma mulher.

Foi então que Beatrice Pymm morreu.

Primeira paragem, dez minutos depois, na margem do rio Orwell, o mesmo lugar onde Beatrice Pymm tinha estado a pintar naquele dia. A assassina deixou o motor da carrinha ligado e saiu. Dirigiu-se ao lugar do passageiro, abriu a porta e tirou o cavalete, a tela e a mochila.

O cavalete foi montado muito próximo da água, que corria lentamente, e a tela colocada nele. A assassina abriu a mochila, retirou de lá as tintas e a paleta e pousou-as no solo molhado. Lançou um olhar ao quadro inacabado e achou que era bastante bom. Fora uma pena que não tivesse podido matar alguém com menos talento.

De seguida, retirou a garrafa meio cheia de vinho tinto, derramou o que restava no rio e atirou-a para junto das pernas do cavalete. Pobre Beatrice. Demasiado vinho, um passo descuidado, um mergulho na água gelada, uma lenta viagem até ao mar alto.

Causa da morte: presumivelmente afogada, presumivelmente acidental.

Caso encerrado.

Seis horas mais tarde, a carrinha atravessou a aldeia de Whitchurch, nas West Midlands, e virou para um caminho de terra batida que contornava um campo de cevada. A vala tinha sido cavada na noite anterior — suficientemente profunda para esconder um cadáver, mas não tão profunda que ele não pudesse vir a ser descoberto.

Ela arrastou o corpo de Beatrice Pymm para fora da carrinha e despiu-lhe a roupa ensanguentada. Agarrou o cadáver nu pelos pés e arrastou-o até junto da vala. A seguir, a assassina voltou à carrinha e tirou de lá três artigos — um malho em ferro, um tijolo vermelho e uma pequena pá.

Esta era a parte que ela mais temia; por algum motivo, pior do que o assassinio em si. Largou os três artigos junto ao cadáver e acalmou-se. Lutando contra outra onda de náusea, segurou o malho na mão enluvada, ergueu-o e esmagou o nariz de Beatrice Pymm.

Quando terminou, mal conseguia olhar para o que restava do rosto de Beatrice Pymm. Utilizando primeiro o malho e depois o tijolo, tinha-o esmagado numa massa de sangue, tecido, ossos quebrados e dentes esmigalhados.

Conseguira o efeito pretendido — as feições tinham sido apagadas, o rosto tornara-se irreconhecível.

Fizera tudo o que lhe tinham mandado fazer. Era para ser diferente. Tinha sido treinada num campo especial durante muitos

meses, muito mais tempo do que os outros agentes. Iria ser infiltrada mais fundo. Fora por isso que tivera de matar Beatrice Pymm. Não iria desperdiçar o seu tempo a fazer o que outros, agentes menos dotados, poderiam fazer — contar tropas, monitorizar caminhos de ferro, avaliar danos causados por bombas. Isso era fácil. Seria reservada para maiores e melhores coisas. Seria como uma bomba-relógio em contagem decrescente no interior de Inglaterra, à espera de ser ativada, à espera de explodir.

Encostou a bota às costelas e empurrou. O cadáver caiu na vala. Cobriu o corpo com terra. Recolheu as roupas manchadas de sangue e atirou-as para as traseiras da carrinha. Do banco da frente, retirou uma pequena bolsa contendo um passaporte holandês e uma carteira. A carteira tinha documentos de identificação, uma carta de condução de Amesterdão e fotografias de uma família holandesa, gorda e sorridente.

Tudo isto tinha sido forjado pela Abwehr em Berlim.

Atirou a bolsa para as árvores na orla do campo de cevada, a alguns metros da vala. Se tudo corresse conforme planeado, o corpo, já em avançado estado de decomposição e mutilado, seria encontrado daí a alguns meses, juntamente com a bolsa. A polícia iria julgar que a mulher morta era Christa Kunst, uma turista holandesa que entrara no país em outubro de 1938 e cujas férias tinham terminado de modo lamentável e violento.

Antes de partir, deu uma última olhadela à vala. Sentiu uma ponta de tristeza por Beatrice Pymm. Na morte, tinham-lhe sido roubados o rosto e o nome.

Outra coisa: a assassina tinha agora perdido a sua própria identidade. Durante seis meses, tinha vivido na Holanda, visto que o holandês era uma das suas línguas. Tinha construído cuidadosamente um passado, votado numa eleição local em Amesterdão, permitindo-se mesmo arranjar um jovem amante, um rapaz de dezanove anos com um imenso apetite e disposição para aprender coisas novas. Agora, Christa Kunst jazia numa vala rasa, na orla de um campo de cevada inglês.

A assassina assumiria uma nova identidade pela manhã.

Mas naquela noite não era ninguém.

Voltou a encher o depósito da carrinha e conduziu durante vinte minutos. A povoação de Alderton, assim como Beatrice Pymm, tinha sido cuidadosamente escolhida — um local onde uma carrinha a arder na berma da estrada, a meio da noite, não seria imediatamente notada.

Tirou a mota da carrinha, apoiando-a numa pesada prancha de madeira, uma tarefa difícil até para um homem forte. Debateu-se com a mota e desistiu quando esta se encontrava a um metro da estrada. A

mota caiu no chão com grande estrondo, o único erro que cometeu durante toda a noite.

Pegou na mota e fê-la deslizar, em ponto morto, até ficar a cerca de cinquenta metros da carrinha. Depois regressou à carrinha. Um dos recipientes ainda continha alguma gasolina. Espalhou-a no interior da carrinha, despejando a maioria do combustível na roupa de Beatrice Pymm, manchada de sangue.

Quando a carrinha se transformou numa bola de fogo, já ela tinha ligado a mota. Observou a carrinha a arder durante alguns segundos, com a luz alaranjada a dançar no campo árido e a linha das árvores um pouco mais longe.

A seguir, virou a mota para sul e dirigiu-se para Londres.

DOIS

OYSTER BAY, NOVA IORQUE: AGOSTO DE 1939

Dorothy Lauterbach considerava a sua imponente mansão de pedra a mais bela da North Shore. A maioria dos seus amigos concordava, porque ela era mais rica e eles queriam convites para as duas festas que os Lauterbach davam todos os verões — um encontro turbulento e ébrio, em junho, e uma ocasião mais meditativa, no final de agosto, quando a temporada de verão findava num desenlace melancólico.

As traseiras da casa tinham vista para o estuário do Sound. Havia uma agradável praia de areia branca trazida de camião do Massachusetts. Da praia, partia um relvado bem fertilizado que corria em direção às traseiras da casa, interrompido aqui e ali para orlar os requintados jardins, o campo de ténis em terra vermelha, a piscina em azul-real.

Os empregados tinham-se levantado cedo para prepararem o bem merecido dia de inatividade da família, montando o equipamento do croquet e a rede de badminton em que ninguém tocaria, retirando a lona protetora do barco a motor com casco de madeira, que nunca seria desamarrado da doca. Um dia, um empregado apontara corajosamente à senhora Lauterbach a insensatez desse ritual quotidiano. A senhora Lauterbach tinha-lhe dado uma áspera reprimenda e esse hábito nunca mais fora questionado. Os brinquedos eram colocados nos seus lugares em cada manhã, ficando abandonados com a mesma tristeza das decorações de Natal em maio, até serem cerimoniosamente retirados ao pôr do Sol e passarem a noite outra vez guardados.

O piso térreo da casa estendia-se ao longo da água desde o jardim de inverno até à sala de estar, à sala de jantar e, finalmente, à sala Florida embora nenhum dos outros Lauterbach compreendesse por que razão Dorothy insistia em chamá-la sala Florida quando o sol de verão na North Shore também podia ser tão quente.

A casa tinha sido comprada trinta anos antes, quando os jovens Lauterbach supunham que iriam produzir um pequeno exército como prole. Em vez disso, tiveram apenas duas filhas que não gostavam muito da companhia uma da outra — Margaret, uma frequentadora

dojef-sef bela e muito popular, e Jane. Por isso, a casa tornou-se um lugar pacífico, de sol quente e cores suaves, onde a maioria do ruído era produzida pelo roçar de cortinas brancas ao sabor de ligeiras brisas e a incansável busca da perfeição em todas as coisas de Dorothy Lauterbach.

Naquela manhã — a manhã após a última festa dos Lauterbach -, as cortinas pendiam imóveis nas janelas abertas, à espera de uma brisa que nunca viria. O sol resplandecia e uma neblina difusa pairava sobre a baía. O ar estava tenso e compacto.

No andar de cima, no seu quarto, Margaret Lauterbach-Jordan tirou a camisa de dormir e sentou-se em frente do toucador. Penteou o cabelo rapidamente. Era de um louro quase cinza, aclarado pelo sol e curto, fora de moda. Mas era confortável e fácil de cuidar. Além disso, gostava do modo como lhe enquadrava o rosto e realçava a longa e graciosa linha do pescoço.

Olhou para o seu corpo no espelho. Tinha finalmente perdido os últimos e renitentes quilos que tinha ganho quando ficara grávida do seu primeiro filho. As estrias tinham desaparecido e o ventre ostentava um bronzeado intenso. A barriga à mostra estava na moda naquele verão e ela gostava do modo como toda a gente na North Shore tinha ficado surpreendida com a sua forma física. Apenas os seios estavam diferentes — estavam maiores, o que não a apoquentava, porque Margaret sempre se sentira pouco à vontade em relação ao tamanho deles. Os novos sutiãs daquele verão eram mais pequenos e mais rígidos, concebidos para elevar os seios. Margaret gostava deles porque Peter gostava do aspeto que lhe davam.

Vestiu um par de calças de algodão, uma blusa sem mangas, atada com um nó abaixo dos seios, e umas sandálias rasas. Olhou para a sua imagem refletida no espelho uma última vez. Era linda — sabia disso -, mas não de um modo ousado, que fizesse virar cabeças nas ruas de Manhattan. A beleza de Margaret era intemporal e subtil, perfeita para a camada social em que tinha nascido.

Pensou: E não tarda nada vais ficar outra vez uma vaca gorda!

Afastou-se do espelho e abriu as cortinas. A luz erma do sol derramou-se pelo quarto. O relvado estava um caos. A tenda era desmontada, os fornecedores embalavam as mesas e as cadeiras, a pista de dança era levantada peça por peça e retirada. A relva, anteriormente verde e exuberante, tinha ficado toda pisada. Abriu as janelas e aspirou o aroma adocicado a champanhe derramado. Algo nisso a deixou deprimida. Hitlerpode estar a preparar-se para conquistar a Polónia, mas foi reservado um momento esplendoroso a todos os que assistiram este sábado à noite à gala anual de agosto dada por Bratton e Dorothy Lauterbach. Margaret já quase podia escrever ela própria as colunas sociais.

Ligou o rádio na mesinha de cabeceira e sintonizou a WNYC. "Til Never Smile Again" tocava com suavidade. Peter agitou-se, ainda a dormir. À luz brilhante do sol, mal se conseguia distinguir a sua pele de porcelana dos lençóis brancos de cetim. Outrora, ela pensava que os engenheiros eram homens com o cabelo cortado rente, óculos pretos com lentes grossas e um monte de lápis nos bolsos das camisas. Peter não era assim — maçãs do rosto pronunciadas, uma fina linha do maxilar, suaves olhos verdes, cabelo quase preto. Nesse momento, deitado na cama, com a parte superior do corpo exposta, tinha o aspeto, pensava Margaret, de um Miguel Angelo tombado.

Destacava-se na North Shore, destacava-se dos rapazes de cabelos claros que tinham nascido no meio de fortunas extraordinárias e planeavam viver a vida em espreguiçadeiras.

Peter era perspicaz, ambicioso e vivo. Mostrava-se muito superior a todos os outros. Margaret gostava disso.

Lançou um olhar ao céu nublado e franziu a testa. Peter detestava dias assim em agosto. Ficaria irritável e rabugento durante todo o dia. Haveria provavelmente uma tempestade para arruinar a viagem de regresso à cidade.

Pensou: Talvez eu devesse esperar para lhe contar as novidades.

— Levanta-te, Peter, ou vamos ouvir das boas — disse Margaret, empurrando-o com o dedo grande do pé.

— Só mais cinco minutos.

— Não temos cinco minutos, querido. Peter não se mexeu.

— Café — suplicou.

As empregadas tinham deixado café à porta do quarto. Era um hábito que Dorothy Lauterbach detestava; achava que isso fazia o corredor do andar de cima parecer o Plaza Hotel. Mas permitia-o, se isso significasse que as crianças cumpririam a única regra dos fins de semana — que desceriam para tomar o pequeno-almoço às nove horas em ponto.

Margaret encheu uma chávena de café e entregou-a a Peter. Este deslizou sobre o cotovelo e bebeu um pouco. De seguida, sentou-se na cama e observou Margaret.

— Como é que consegues ficar tão linda dois minutos depois de saíres da cama?

Margaret sentiu-se aliviada.

— Não há dúvida de que estás de bom humor. Temi que estivesse de ressaca e fosses andar perfeitamente insuportável o dia inteiro.

— E estou mesmo de ressaca. Benny Goodman está a tocar na minha cabeça e a minha língua parece que precisa de ser barbeada. Mas não tenho nenhuma intenção de me comportar de maneira...

Fez uma pausa.

— Qual foi a palavra que utilizaste?

— Insuportável.

Ela sentou-se na borda da cama.

— Há uma coisa de que temos de falar e esta parece ser uma altura tão boa como qualquer outra.

— Hum. Parece-me sério, Margaret.

— Depende — respondeu ela, olhando-o com o seu ar brincalhão e depois fingindo-se irritada. — Mas levanta-te e veste-te. Ou não és capaz de te vestir e ouvir ao mesmo tempo?

— Sou um engenheiro altamente preparado e altamente conceituado — retorquiu Peter, obrigando-se a sair da cama, gemendo com o esforço. — Talvez consiga.

— É sobre o telefonema de ontem à tarde.

— Aquele de que não quiseste falar?

— Sim, esse. Era o doutor Shipman. Peter parou de se vestir.

— Estou grávida outra vez. Vamos ter outro filho. — Margaret baixou os olhos e pôs-se a mexer no nó da blusa. — Não planeei nada disto. Limitou-se a acontecer. O meu corpo finalmente recuperou de ter tido o Billy e, bem, a natureza tomou o seu caminho — explicou ela, voltando a olhar para ele. — Suspeitava há algum tempo, mas tinha medo de to dizer.

— E por que raio é que haverias de ter medo de mo dizer?

Mas Peter sabia a resposta à sua própria pergunta. Tinha dito a Margaret que não queria ter mais filhos até ter realizado o sonho da sua vida: abrir a sua própria empresa de engenharia. com apenas trinta e três anos, tinha granjeado a reputação de ser um dos melhores engenheiros do país. Depois de se formar em primeiro lugar no seu ano, no prestigiado Rensselaer Polytechnic Institute, foi trabalhar para a Northeast Bridge Company, a maior empresa de construção da Costa Leste. Cinco anos mais tarde, foi nomeado engenheiro-chefe, tornou-se sócio e foi-lhe atribuída uma equipa de cem pessoas. A American Society of Civil Engineering nomeou-o engenheiro do ano, em 1938, pelo seu trabalho inovador numa ponte sobre o rio Hudson, no norte do estado de Nova Iorque. A Scientific American publicou um perfil de Peter descrevendo-o como a mente da engenharia mais promissora da sua geração. Mas ele queria mais — queria a sua própria empresa. Bratton Lauterbach tinha prometido financiar a empresa de Peter quando chegasse a altura ideal, possivelmente no ano seguinte. Mas a ameaça de guerra tinha posto um travão a tudo isso. Se os Estados Unidos fossem arrastados para a guerra, deixaria de haver dinheiro, da noite para o dia, para obras públicas de grande envergadura. A nova empresa de Peter afundar-se-ia antes de ter uma hipótese de levantar voo.

— De quanto tempo estás? — perguntou ele.

— Quase dois meses.

O rosto de Peter abriu-se num sorriso.

— Não estás aborrecido comigo? — perguntou Margaret.

— Claro que não!

— E a tua empresa e tudo aquilo que disseste sobre termos de esperar para ter mais filhos?

Beijou-a.

— Isso não importa. Nada disso importa.

— A ambição é uma coisa maravilhosa, mas não demasiada ambição. Às vezes, tens de relaxar e divertir-te, Peter. A vida não é um ensaio geral.

Peter pôs-se de pé e acabou de se vestir.

— E quando é que tencionas dizer à tua mãe?

— No momento certo. Lembras-te da reação dela quando eu fiquei grávida do Billy. Pôs-me maluca. Tenho muito tempo para lhe dizer.

Peter sentou-se junto dela, na cama.

— Vamos fazer amor antes do pequeno-almoço.

— Não podemos, Peter. A mãe vai matar-nos se não descermos.

Ele beijou-lhe o pescoço.

— O que foi que disseste sobre a vida não ser um ensaio geral? Ela fechou os olhos e a sua cabeça deslizou para trás.

— Isso não é justo. Estás a deturpar as minhas palavras.

— Não, não estou, estou a beijar-te.

— Sim...

— Margaret!

A voz de Dorothy Lauterbach ecoou pelas escadas acima.

— Estamos a ir, mãe.

— Quem me dera — murmurou Peter, seguindo-a depois para o andar de baixo a fim de tomar o pequeno-almoço.

Walker Hardegen juntou-se-lhes para o almoço junto à piscina. Sentaram-se debaixo do guarda-sol: Bratton e Dorothy, Margaret e Peter, Jane e Hardegen. Uma brisa húmida e inconstante soprava do Sound. Hardegen era o braço direito de Bratton Lauterbach no banco. Era alto e largo de peito e ombros, e a maioria das mulheres achava que ele se parecia com Tyrone Power. Era um homem de Harvard e durante o seu último ano tinha marcado um touchdown no jogo com Yale. Os seus tempos de futebol americano tinham-no deixado com um joelho arruinado e ligeiramente coxo, o que de certo modo o tornava ainda mais atraente. Tinha o sotaque indolente de New England e sorria facilmente.

Pouco tempo depois de Hardegen ter chegado ao banco, convidou Margaret para sair e tiveram vários encontros. Hardegen queria que a relação continuasse, mas Margaret não quis. Terminou tudo discretamente, mas ainda via Walker com regularidade em festas e continuaram amigos. Seis meses mais tarde, conheceu Peter e

apaixonou-se. Hardegen ficou fora de si. Uma noite no Copacabana, um pouco bêbado e com muitos ciúmes, acercou-se de Margaret e implorou-lhe que voltasse a andar com ele. Quando ela recusou, agarrou-a bruscamente pelo ombro e abanou-a. Pela expressão gelada no seu rosto, Margaret tornou claro que lhe destruiria a carreira se ele não acabasse com o seu comportamento infantil.

O incidente ficou entre eles. Nem mesmo Peter sabia. Hardegen rapidamente ascendeu nas fileiras do banco e tornou-se o executivo de elevada posição em quem Bratton depositava mais confiança. Margaret notava que existia uma tensão silenciosa entre Hardegen e Peter, uma competitividade natural. Ambos eram jovens, bonitos, inteligentes e bem-sucedidos. A situação tinha piorado um pouco antes do verão, quando Peter descobriu que Hardegen se opunha ao empréstimo para a sua empresa de engenharia.

— Eu não sou grande adepto de Wagner, especialmente no clima atual — disse Hardegen, fazendo uma pausa para dar um gole no vinho branco gelado, enquanto toda a gente ria do seu comentário. Mas tem mesmo de ir ao Metropolitan ver o Herbert Janssen no Tannhäuser. É maravilhoso.

— Tenho ouvido falar muitíssimo bem dessa ópera — respondeu Dorothy.

Ela adorava falar de ópera, teatro, livros e filmes novos. Hardegen, que conseguia ver e ler tudo apesar de uma imensa carga de trabalho no banco, fazia-lhe a vontade. As artes eram um tema seguro, ao contrário de assuntos familiares e de mexericos, que Dorothy deplorava.

— Vimos a Ethel Merman no novo musical do Cole Porter disse Dorothy, enquanto o primeiro prato, uma salada fria de camarão, era servido. — Não me lembro agora do título.

— Dubany Was a Laïny — interveio Hardegen. — Adorei. Hardegen continuou a falar. Na véspera, tinha ido a Forest Hills à tarde e visto Bobby Riggs ganhar o jogo que estava a disputar. Achava que Riggs seria garantidamente o vencedor do Open desse ano. Margaret observou a mãe, que observava Hardegen. Dorothy adorava Hardegen, tratando-o praticamente como um membro da família. Tinha tornado claro que preferia Hardegen a Peter. Hardegen era oriundo de uma família rica e conservadora do Maine, não tão rica quanto os Lauterbach, mas que andava lá perto, o que era reconfortante. Peter viera de uma família irlandesa da classe média baixa e crescera na zona ocidental de Manhattan. Podia ser um engenheiro brilhante, mas nunca seria um dos nossos. A disputa ameaçou destruir a relação de Margaret com a mãe. Foi terminada por Bratton, que não iria tolerar objeções ao marido que a filha tinha escolhido. Margaret tinha casado com Peter, numa cerimónia de conto

de fadas na St. James' Episcopal Church, em junho de 1935. Hardegen foi um dos seiscentos convidados. Dançara com Margaret durante a recepção e comportara-se como um cavalheiro. Até ficou para se despedir do casal antes da lua de mel de dois meses pela Europa. Foi como se o incidente na Copa nunca tivesse acontecido.

Os empregados trouxeram o almoço — um prato frio de salmão estufado — e a conversa mudou inevitavelmente para a guerra iminente na Europa.

Bratton perguntou:

— Há alguma maneira de conseguir parar Hitler neste momento ou a Polónia vai tornar-se a província mais a leste do Terceiro Reich?

Hardegen, advogado e um sagaz investidor, tinha tomado a responsabilidade de desembaraçar o banco dos seus investimentos arriscados na Alemanha e na Europa. Dentro do banco, era tratado carinhosamente por "o nosso nazi" devido ao nome, ao seu alemão perfeito e às viagens frequentes a Berlim. Mantinha igualmente uma rede de excelentes contactos em Washington e funcionava como o principal agente dos serviços de informação do banco.

— Falei com um amigo esta manhã. Ele faz parte da equipa do Henry Stimson, no Ministério da Guerra -- disse Hardegen. — Quando Roosevelt regressou a Washington depois do cruzeiro a bordo do Tuscaloosa, Stimson encontrou-se com ele na Union Station e foram juntos para a Casa Branca. Quando Roosevelt o questionou acerca da situação na Europa, Stimson respondeu que os dias de paz podiam agora ser contados pelos dedos das mãos.

— Roosevelt regressou a Washington há uma semana — disse Margaret.

— É verdade. Faz as contas. E penso que Stimson estava a ser otimista. Acho que a guerra deve estar por horas.

— Mas então e a comunicação a que o Times se refere na edição de hoje? — perguntou Peter.

Hitler tinha enviado uma mensagem ao Reino Unido na noite anterior e o Times sugeria que isso poderia abrir caminho a uma solução negociada para a crise polaca.

— Ele está a protelar — respondeu Hardegen. — Os alemães têm dezasseis divisões ao longo da fronteira polaca à espera da ordem para avançar.

— Então de que é que Hitler está à espera? — estranhou Margaret.

— De uma desculpa.

— com certeza que os polacos não lhe vão dar uma desculpa para invadir.

— Não, claro que não. Mas isso não vai parar Hitler.

— O que é que está a sugerir, Walker? — indagou Bratton.

— Hitler vai inventar um motivo para atacar, uma provocação que lhe permita invadir sem uma declaração de guerra.

— E os britânicos e os franceses? — perguntou Peter. — Vão fazer jus aos seus compromissos e declarar guerra à Alemanha se a Polónia for atacada?

— Creio que sim.

— Não conseguiram deter Hitler na Renânia, na Áustria ou na Checoslováquia — afirmou Peter.

— Sim, mas com a Polónia é diferente. Agora, o Reino Unido e a França compreendem que é preciso tomar medidas em relação a Hitler.

— E quanto a nós? — interveio Margaret. — Podemos ficar de fora?

— Roosevelt continua a afirmar que se quer manter à margem — respondeu Bratton -, mas não acredito nele. Se a Europa inteira for arrastada para a guerra, duvido que sejamos capazes de ficar de fora por muito tempo.

— E o banco? — continuou Margaret.

— Estamos a cessar todos os nossos negócios com parceiros alemães — respondeu Hardegen. — Se houver uma guerra, haverá muitas outras oportunidades de investimento. Esta guerra pode ser exatamente do que nós precisamos para arrancar o país da Depressão de uma vez por todas.

— Ah, não há nada melhor do que retirar lucro da morte e da destruição — disse Jane.

Margaret olhou com severidade para a irmã mais nova e pensou: típico da Jane. Gostava de se apresentar como uma iconoclasta; uma intelectual sombria e taciturna, crítica da sua classe e de tudo o que ela representava. Ao mesmo tempo, frequentava festas sem parar e gastava o dinheiro do pai como se o poço estivesse a ponto de secar. com trinta anos, não tinha meios de subsistência e nenhuma perspectiva de casamento.

— Oh, Jane, andaste a ler Marx outra vez? — perguntou Margaret em tom de brincadeira.

— Margaret, por favor — disse Dorothy.

— Jane passou algum tempo em Inglaterra, há uns anos — continuou Margaret, como se não tivesse ouvido o apelo da mãe para que houvesse paz. — Tornou-se uma grande comunista nessa altura, não foi, Jane?

— Tenho direito a ter uma opinião, Margaret — disparou Jane. Hitler não manda nesta casa.

— Acho que também gostaria de me tornar comunista — disse Margaret. — O verão tem sido bastante aborrecido, com toda esta conversa acerca da guerra. Converter-me ao comunismo seria uma

maneira agradável de mudar de rotina. Os Hutton vão dar um baile de máscaras no próximo fim de semana. Podíamos ir disfarçadas de Lenine e Estaline. Depois da festa, podemos ir para North Fork coletivizar todas as quintas. Vai ser muito divertido.

Bratton, Peter e Hardegen desataram a rir às gargalhadas.

— Obrigado, Margaret — disse Dorothy com severidade. — Entreteve-nos a todos o suficiente para o resto do dia.

A conversa acerca da guerra tinha ido longe demais. Dorothy esticou a mão e tocou no braço de Hardegen.

— Walker, tenho tanta pena que não tenha podido vir à nossa festa ontem à noite. Foi maravilhosa. Deixe-me contar-lhe tudo.

O luxuoso apartamento na Quinta Avenida com vista para o Central Park tinha sido uma prenda de casamento de Bratton Lauterbach. Às sete da noite, Peter Jordan estava à janela. Uma tempestade tinha-se estendido por toda a cidade. No parque, brilhavam relâmpagos sobre as copas das árvores de um verde-profundo. O vento impelia a chuva contra o vidro. Peter tinha regressado sozinho à cidade porque Dorothy insistira para que Margaret comparecesse a uma festa em casa de Edith Blakemore. Margaret estava naquele momento a voltar para a cidade, trazida por Wiggins, o motorista dos Lauterbach. E agora iriam ser apanhados pelo mau tempo.

Peter esticou o braço e lançou uma olhadela ao relógio pela quinta vez em cinco minutos. Tinha ficado de se encontrar com o chefe da comissão responsável pelas estradas e pontes da Pennsylvania, no Stork Club, para um jantar às sete e meia. A Pennsylvania estava a receber propostas e projetos para uma nova ponte sobre o rio Allegheny. O patrão de Peter queria que ele fechasse o negócio nessa noite. Era muitas vezes convocado para receber clientes. Era jovem e esperto, e a sua bela mulher era filha de um dos mais poderosos banqueiros do país. Formavam um par esplêndido.

Pensou: Onde é que ela estará, raios?

Ligou para a casa de Oyster Bay e falou com Dorothy.

— Não sei o que lhe dizer, Peter. Ela já saiu há muito tempo. Porventura, o Wiggins está a demorar mais por causa do mau tempo. Sabe como é o Wiggins... basta um sinal de chuva e quase que para.

— Dou-lhe mais quinze minutos. Depois, tenho de sair.

Peter sabia que Dorothy não faria conversa de circunstância, por isso desligou antes de se instalar um silêncio incómodo. Preparou um gim tónico e bebeu-o rapidamente enquanto esperava. Às 19h15, desceu no elevador e aguardou no vestíbulo enquanto o porteiro saía para enfrentar a chuva e chamava um táxi.

Quando a minha mulher chegar, peça-lhe para ir diretamente para o Stork Club.

— Sim, senhor Jordan.

O jantar correu bem, apesar de Peter se ter levantado três vezes para telefonar para o apartamento e para a casa de Oyster Bay. Às 20h30, já não estava aborrecido, estava preocupadíssimo.

Às 20h45, Paul Delano, o chefe de mesa, dirigiu-se a Peter.

— O senhor tem uma chamada no bar.

— Obrigado, Paul.

Peter pediu licença. No bar, teve de levantar a voz acima do tinir dos copos e do ruído das conversas.

— Peter, é a Jane.

Peter ouviu a voz dela tremer.

— O que se passa?

— Temo que tenha havido um acidente.

— Onde estás?

— Estou na esquadra de polícia do condado de Nassau.

— O que aconteceu?

— Um carro meteu-se à frente deles, na autoestrada. Wiggins não conseguiu vê-lo com a chuva. Quando se apercebeu, já era demasiado tarde.

— Oh, meu Deus!

— Wiggins está em muito mau estado. Os médicos não têm muita esperança que ele sobreviva.

— E a Margaret, raios?

Os Lauterbach não choravam em funerais; o luto era feito em privado. A cerimónia foi realizada na St. James' Episcopal Church, a mesma igreja em que Peter e Margaret se tinham casado quatro anos antes. O presidente Roosevelt enviou uma nota de condolências e expressou o seu pesar por não poder estar presente. Mas a maioria da alta sociedade de Nova Iorque compareceu. Bem como a maioria do mundo das finanças, ainda que os mercados estivessem em tumulto. A Alemanha tinha invadido a Polónia e o mundo estava à espera da eclosão da guerra na Europa.

Billy permaneceu junto de Peter durante as exéquias. Vestia calças curtas, um pequeno blazer e gravata. Quando a família começou a sair da igreja em fila, estendeu a mão e puxou a bainha do vestido preto da tia Jane.

— A mamã vai voltar algum dia a casa?

— Não, Billy, não vai voltar. Ela deixou-nos.

Edith Blakemore ouviu por acaso a pergunta da criança e começou a chorar.

— Que tragédia — lamentou ela. — Que tragédia sem sentido!

Margaret foi enterrada sob um céu brilhante na campa de família, em Long Island. Durante as últimas palavras do reverendo Pugh, um murmúrio atravessou os enlutados em redor da campa e depois

dissipou-se.

Quando terminou, Peter regressou à limusina com o seu melhor amigo, Shepherd Ramsey. Shepherd tinha apresentado Peter a Margaret. Mesmo com o seu fato escuro sombrio, tinha o aspeto de ter acabado de sair do convés do seu veleiro.

— De que estava toda a gente a falar? — perguntou Peter. Foi bastante grosseiro.

— Houve pessoas que chegaram atrasadas e que tinham estado a ouvir as notícias no rádio do carro — disse Shepherd. — O Reino Unido e a França acabaram de declarar guerra à Alemanha.

TRÊS

LONDRES: MAIO DE 1940

O professor Alfred Vicary desapareceu sem explicação do University College London, na terceira sexta-feira de maio de 1940. Uma secretária chamada Lillian Walford foi o último membro do staffa. ver Vicary antes do seu abrupto desaparecimento. Numa rara indiscrição, revelou aos outros professores que a última chamada telefónica que Vicary recebera tinha sido do novo primeiro-ministro. Na verdade, ela até tinha falado pessoalmente com o senhor Churchill.

— Aconteceu a mesma coisa com Masterman e Cheney em Oxford — disse tom Perrington, um egiptólogo, enquanto dava uma vista de olhos à entrada no livro de registos telefónicos. — Chamadas misteriosas, homens de fatos escuros. Suspeito que o nosso caro amigo Alfred tenha passado para trás do véu.

Depois acrescentou sotto você:

— Para o interior da Acrópole secreta.

O sorriso lânguido de Perrington não conseguia esconder a sua desilusão, comentaria posteriormente Miss Walford. Era uma pena que o Reino Unido não estivesse em guerra com os antigos egípcios — talvez Perrington também tivesse sido escolhido.

Vicary passou as suas últimas horas no seu gabinete abarrotado e desorganizado, com vista para Gordon Square, dando os últimos retoques num artigo para o Sunday Times. A atual crise poderia ter sido evitada, sugeria o texto, se o Reino Unido e a França tivessem atacado a Alemanha em 1939, quando Hitler ainda estava absorto com a Polónia. Sabia que seria severamente criticado devido ao atual clima; o último artigo que escrevera tinha sido condenado como chunhilliano e belicista por uma publicação da extrema-direita pró-nazi. Vicary esperava no seu íntimo que o novo artigo fosse recebido de um modo semelhante.

Era um glorioso dia de fim de primavera — sol brilhante, mas tempo dececionantemente fresco. Vicary, um jogador de xadrez talentoso, ainda que relutante, apreciava o logro. Levantou-se, vestiu um casaco de malha e depois retomou o trabalho.

O clima agradável dava uma imagem falsa da realidade. O Reino Unido era uma nação sitiada — sem defesas, assustada, titubeando em

total confusão. Foram elaborados planos para evacuar a família real para o Canadá. O governo pediu que o outro tesouro nacional do Reino Unido, as suas crianças, fosse enviado para o campo, onde estariam a salvo dos bombardeiros da Luftwaffe.

Através da utilização de hábil propaganda, o governo tinha tornado a população extremamente consciente da ameaça colocada por espiões e quinta-colonistas. Estava agora a sofrer as consequências. Os regimentos de polícia estavam a ser soterrados por relatórios sobre estranhos, indivíduos de ar esquisito ou cavalheiros com aspeto de alemães. Os cidadãos escutavam conversas empabs, ouvindo o que queriam e comunicando depois à polícia. Relatavam sinais de fumo, luzes a piscarem na costa e espiões paraquedistas. Um rumor atravessou o país, segundo o qual agentes alemães se tinham feito passar por freiras durante a invasão dos Países Baixos; de repente, as freiras tornaram-se suspeitas. A maioria só saía do santuário murado dos seus conventos quando era absolutamente necessário.

Um milhão de homens demasiado novos, demasiado velhos ou demasiado débeis para ingressar nas forças armadas apressou-se a alistar-se na Guarda Territorial. Não havia espingardas para a guarda, por isso armavam-se com o que podiam — caçadeiras, espadas, cabos de vassoura, clavas medievais, facas nepalesas, até tacos de golfe. Aqueles que por algum motivo não conseguiam encontrar a arma adequada recebiam ordens para andar com pimenta para lançar aos olhos dos soldados alemães saqueadores.

Vicary, um reputado historiador, observou a agitação dos preparativos da sua nação para a guerra com um misto de enorme orgulho e silencioso desânimo. Ao longo dos anos trinta, os seus artigos de jornal e conferências tinham avisado que Hitler representava uma séria ameaça à Inglaterra e ao resto do mundo. Mas o Reino Unido, esgotado pela última guerra com os alemães, não tinha estado com disposição para ouvir falar de outra. Mas, naquele preciso momento, o exército alemão avançava pela França com a tranquilidade de um passeio automobilístico de fim de semana. Em breve, Adolf Hitler estaria no topo de um império que se estenderia do Círculo Polar Ártico até ao Mediterrâneo. E o Reino Unido, insuficientemente armado e mal preparado, encontrava-se sozinho contra ele.

Vicary terminou o artigo, pousou o lápis e leu-o desde o início. Lá fora, o Sol estava a pôr-se num mar alaranjado sobre Londres. O cheiro de flores primaveris que floresciaam nos jardins da Gordon Square entrava pela janela. A tarde tinha arrefecido; era provável que as flores dessem início a uma crise de espirros. Mas a brisa sabia-lhe maravilhosamente no rosto e, por alguma razão, fazia o chá saber

melhor. Deixou a janela aberta e desfrutou.

A guerra estava a fazê-lo pensar e agir de um modo diferente. Estava a fazê-lo olhar mais afetuosamente para os seus compatriotas, que normalmente observava com uma atitude próxima do desespero. Espantava-se com o facto de serem capazes de dizer piadas enquanto entravam em fila indiana no abrigo da estação de metro e com o modo como cantavam nos pubs para esconderem o medo. Levou algum tempo até que Vicary reconhecesse os seus sentimentos pelo que eles eram — patriotismo. Ao longo de uma vida de estudo, tinha concluído que aquela era a força mais destrutiva do planeta. Mas, naquele momento, sentia a agitação do patriotismo no seu próprio peito e não estava envergonhado. Nós somos bons e eles são maus. O nosso nacionalismo é justificado.

Vicary tinha decidido que queria contribuir. Queria fazer algo em vez de observar o mundo através da sua janela bem protegida.

Às seis da tarde, Lillian Walford entrou sem bater. Era alta, com pernas de lançador de pesos e óculos redondos que ampliavam um olhar inabalável. Começou a pôr papéis em ordem e a fechar livros com a tranquila eficiência de uma enfermeira noturna.

Nominalmente, Miss Walford trabalhava para todos os professores do departamento. Mas ela acreditava que Deus, na sua infinita sabedoria, confiava a cada pessoa uma alma para dela cuidar. E se havia uma pobre alma a precisar de que cuidassem dela, era o professor Vicary. Durante dez anos, tinha orientado os pormenores da vida simples de Vicary com uma precisão militar. Certificava-se de que havia comida na casa dele em Draycott Place, em Chelsea.

Assegurava-se de que as camisas lhe eram entregues e continham a quantidade exata de goma — não em demasia, pois isso irritar-lhe-ia a pele suave do pescoço. Tratava-lhe das contas e censurava-o regularmente sobre o estado da sua conta bancária mal gerida.

Contratava novas empregadas com uma regularidade sazonal porque os ataques de mau feitio dele afugentavam as anteriores. Apesar da proximidade das suas relações profissionais, nunca se tratavam pelos nomes de batismo. Ela era Miss Walford e ele, o professor Vicary. Ela preferia ser vista como uma assistente pessoal e, de maneira pouco característica, Vicary fazia-lhe a vontade.

Miss Walford tocou de raspão em Vicary, ao passar, e fechou a janela, lançando-lhe um olhar de censura.

— Se não se importa, professor Vicary, vou-me embora para casa.

— Claro, Miss Walford.

Ele olhou para ela. Era um homem pequeno, inquieto e com ar de estudioso, careca no cimo da cabeça, à exceção de alguns fios de cabelo grisalho despenteados. Os seus maltratados óculos em meia-lua repousavam-lhe na ponta do nariz. Estavam manchados com dedadas

por causa do hábito de os retirar e voltar a pôr sempre que se sentia nervoso. Usava um casaco de tweed fustigado pelas intempéries e uma gravata manchada de chá, escolhida com desleixo. O seu modo de andar era objeto de piadas na universidade e, sem que tivesse conhecimento, alguns dos seus alunos tinham aprendido a imitá-lo na perfeição. Um joelho destruído durante a guerra anterior tinha-o deixado com um coxear mecanizado e as articulações presas — um soldado de brincar que já não funcionava em condições, pensava Miss Walford. A cabeça tinha tendência a inclinar-se para baixo a fim de lhe permitir ver por cima dos óculos e ele parecia estar sempre a correr para algum lugar onde preferiria não estar.

O senhor Ashworth entregou há pouco duas belas costeletas de cordeiro em sua casa — disse Miss Walford, franzindo o sobrolho a uma confusa pilha de papéis como se se tratasse de uma criança desobediente. — Disse que poderia ser o último cordeiro que se conseguiria arranjar nos próximos tempos.

— Creio bem que sim — respondeu Vicary. — Há várias semanas que já não aparece carne na ementa do Connaught.

— Isto está a tornar-se um pouco absurdo, não acha, professor Vicary? Hoje, o governo decretou que os tejadilhos dos autocarros londrinos fossem pintados do cinzento dos couraçados — revelou Miss Walford. -- Aham que será mais difícil para a Luftwaffe bombardeá-los.

— Os alemães são implacáveis, Miss Walford, mas mesmo assim não vão perder tempo a bombardear autocarros de passageiros.

— E também decretaram que não devíamos abater pombos-correios. Fazia o favor de me explicar como é que eu sou capaz de distinguir um pombo-comw de um pombo normal?

— Nem lhe consigo dizer quantas vezes me sinto tentado a abater pombos — atirou Vicary.

— Já agora, também tomei a liberdade de lhe encomendar molho de hortelã — anunciou Miss Walford. — Sei que comer uma costeleta de cordeiro sem molho de hortelã lhe pode dar cabo da semana.

— Obrigado, Miss Walford.

— O seu editor ligou para dizer que as provas do novo livro estão prontas para revisão.

— E com apenas quatro semanas de atraso. Um recorde para Cagley. Lembre-me de procurar um novo editor, Miss Walford.

— Sim, professor Vicary. Miss Simpson ligou para dizer que não estará disponível para jantar consigo esta noite. A mãe adoeceu. Pediu-me para lhe dizer que não é nada de grave.

— Raios — murmurou Vicary.

Andava ansioso por se encontrar com Alice Simpson. Era a relação mais séria que tinha com uma mulher em muito tempo.

— É tudo?

— Não, o primeiro-ministro telefonou.

— O quê? Por que raio não me avisou?

— O senhor deixou instruções rigorosas para não ser incomodado.

Quando lhe expliquei isso, o senhor Churchill foi bastante compreensivo. Diz que nada o transtorna mais do que ser interrompido quando está a escrever.

Vicary franziu o sobrolho.

— A partir deste momento, Miss Walford, tem a minha explícita permissão para me interromper quando o senhor Churchill telefonar.

— Sim, professor Vicary — respondeu ela, ainda com a plena convicção de que tinha agido corretamente.

— O que disse o primeiro-ministro?

— Que conta consigo para o almoço de amanhã em Chartwell.

Vicary variava de percurso quando regressava a casa, de acordo com a sua disposição. Por vezes, preferia abrir caminho por uma rua comercial movimentada ou passar pelo meio do rebuliço da multidão no Soho. Noutras noites, deixava as vias principais e percorria as tranquilas ruas residenciais, ora detendo-se a contemplar um exemplar de arquitetura georgiana esplendidamente iluminado, ora retardando o passo para ouvir os sons de música, risos e tinir dos copos provenientes de uma festa divertida.

Naquela noite, ia andando indolentemente por uma rua sossegada durante os últimos resquícios do crepúsculo.

Antes da guerra, passara a maioria das noites a fazer investigação na biblioteca, percorrendo os corredores entre as estantes como um fantasma até altas horas da noite. Numa ou noutra noite, adormecia. Miss Walford deu instruções aos porteiros noturnos — quando o encontrassem deveriam acordá-lo, enfiar-lhe o impermeável e enviá-lo para casa.

O blackout tinha modificado essa situação. Todas as noites, a cidade mergulhava numa profunda escuridão. Os londrinos de gema perdiam-se nas ruas em que andavam há anos. Para Vicary, que sofria de cegueira noturna, o blackout tornava a navegação próxima do impossível. Imaginava que as coisas deveriam ter sido assim dois milénios antes, quando Londres era um aglomerado de cabanas em madeira ao longo das margens pantanosas do rio Tamisa. O tempo tinha-se dissipado, os séculos, recuado, e o progresso inegável da humanidade fora interrompido pela ameaça dos bombardeiros de Góring. Todas as tardes, Vicary fugia da universidade e apressava-se em direção a casa antes que ficasse encalhado nas ruas secundárias de Chelsea. Uma vez seguro dentro de casa, bebia os dois copos de Borgonha da praxe e devorava o prato de costeletas e ervilhas que a empregada lhe deixava num fogão quente. Se não lhe preparassem as

refeições, passaria fome, já que ainda se debatia com as complexidades da moderna cozinha inglesa.

Depois do jantar, um pouco de música, uma peça de teatro na telefonia, ou mesmo um romance policial, uma obsessão privada que não revelava a ninguém. Vicary gostava de mistérios; gostava de enigmas. Gostava de utilizar as suas capacidades de raciocínio e dedução para resolver os casos muito antes de o autor fazer isso por ele. Também gostava dos estudos de personagem nos mistérios e muitas vezes encontrava paralelos no seu próprio trabalho — a razão pela qual, por vezes, pessoas boas faziam coisas más.

Adormecer era um processo gradual. Começava na sua cadeira preferida, com o candeeiro de leitura ainda aceso. Depois, mudava-se para o sofá. De seguida, normalmente nas últimas horas antes do amanhecer, subia para o quarto, no andar de cima. Por vezes, a concentração necessária para despir a roupa deixava-o demasiado desperto para voltar a adormecer e, por isso, ficava acordado a pensar, à espera do amanhecer cinzento e do riso malicioso da velha pega que chapinhava todas as manhãs na fonte do jardim, lá fora.

Tinha dúvidas se iria conseguir dormir grande coisa nessa noite — ainda por cima, depois da convocatória de Churchill.

Não era invulgar Churchill ligar-lhe para o gabinete, era mais o timing. Vicary e Churchill eram amigos desde o outono de 1935, quando Vicary assistira a uma conferência dada por Churchill em Londres. Churchill, confinado à desolação dos lugares de trás do parlamento britânico, era uma das poucas vozes no Reino Unido a alertar para a ameaça colocada pelos nazis. Nessa noite, afirmara que a Alemanha se estava a rearmar a um ritmo frenético, que Hitler pretendia combater assim que fosse capaz. A Inglaterra tinha de se rearmar imediatamente, defendeu ele, ou enfrentar ser escravizada pelos nazis.

O público pensou que Churchill tinha perdido a cabeça e apupou-o sem misericórdia. Churchill interrompera abruptamente as suas observações e regressara a Chartwell, mortificado.

Naquela noite, Vicary tinha-se deixado ficar ao fundo do auditório a assistir ao espetáculo. Também ele andava a observar a Alemanha cuidadosamente desde que Hitler ascendera ao poder. Tinha previsto discretamente perante os colegas que a Inglaterra e a Alemanha entrariam em guerra dentro de pouco tempo, talvez ainda antes do final da década. Ninguém prestara atenção. Havia muita gente que pensava que Hitler era um bom contrapeso à União Soviética e que devia ser apoiado. Vicary achava que isso era um absurdo total. À semelhança do resto do país, considerava Churchill um pouco aventureiro, um tanto belicoso. Mas em se tratando dos nazis, Vicary achava que Churchill tinha toda a razão.

Quando regressou a casa, Vicary sentou-se à secretária e escreveu-lhe rapidamente um bilhete, com uma única frase: Assisti à sua conferência em Londres e concordo com cada palavra que proferiu. Cinco dias mais tarde, chegou um bilhete de Churchill a casa de Vicary: Meu Deus, afinal não estou sozinho. O grande Vicary está ao meu lado! Por favor, conceda-me a honra de vir almoçar a Chartwell este domingo.

O primeiro encontro entre ambos foi um sucesso. Vicary foi imediatamente incorporado no círculo de académicos, jornalistas, funcionários públicos e oficiais que iria aconselhar e fornecer informações a Churchill acerca da Alemanha durante o resto da década. Winston forçava Vicary a ouvi-lo enquanto percorria o antigo piso de madeira da sua biblioteca e explicava as suas teorias acerca das intenções alemãs. Por vezes, Vicary discordava, forçando Churchill a clarificar os seus pontos de vista. Por vezes, Churchill perdia a calma e recusava voltar atrás. Vicary mantinha-se firme. A amizade entre ambos foi cimentada desse modo.

Naquele preciso momento, caminhando através da escuridão crescente, Vicary pensou na convocatória de Churchill para ir até Chartwell. Não era certamente apenas para uma conversa amistosa.

Vicary virou para uma rua de casas brancas geminadas, de estilo georgiano, pintadas de rosa pelos últimos minutos do crepúsculo primaveril. Caminhou lentamente, como se estivesse perdido, com uma mão a agarrar a mala, pesada como chumbo, e a outra enfiada no bolso do impermeável. Uma mulher atraente, aproximadamente da sua idade, emergiu da soleira de uma porta. Um homem elegante e de ar aborrecido seguia-a. Mesmo ao longe — mesmo com a sua terrível visão -, conseguiu perceber que era Helen. Reconhecê-la-ia em qualquer lugar — a postura ereta, o pescoço alto, o caminhar desdenhoso, como se estivesse sempre prestes a pisar qualquer coisa desagradável. Vicary viu-os entrar para o banco de trás de um carro conduzido por um motorista. O carro arrancou, afastando-se do passeio, e avançou na sua direção. Dá meia-volta, meu grande parvo! Não olhes para ela! Mas foi incapaz de seguir o seu próprio conselho. Quando o carro passou por ele, virou a cabeça e olhou para o banco de trás. Ela viu-o — por um instante, apenas -, mas foi o suficiente. Embaraçada, baixou imediatamente os olhos. Vicary, através do vidro traseiro do carro, observou-a a virar-se e a sussurrar alguma coisa ao marido que o fez soltar uma gargalhada, atirando a cabeça para trás.

Idiota! Idiota dum raio!

Vicary começou a andar. Olhou em frente e observou o carro a desaparecer ao virar da esquina. Interrogou-se para onde iriam a outra festa, talvez ao teatro. Porque não a esqueço simplesmente? já passaram vinte e cinco anos, por amor de Deus! E depois pensou:

— E porque é que o teu coração está a bater como se fosse a primeira vez que a visses?

Continuou a andar o mais rapidamente que pôde até ficar cansado e sem fôlego. Pensou em qualquer coisa que lhe viesse à mente — tudo menos ela. Chegou a um parque infantil e ficou parado junto ao portão de ferro, a olhar fixamente para as crianças através das grades. Tinham roupa a mais para maio e andavam aos encontrões umas às outras, como minúsculos pinguins roliços. Um qualquer espião alemão que estivesse à espreita iria certamente aperceber-se de que muitos londrinos tinham ignorado o aviso do governo e mantido os filhos junto de si, na cidade. Vicary, normalmente indiferente a crianças, manteve-se ao portão, a ouvir, hipnotizado, pensando que não havia nada tão reconfortante como o som dos pequeninos a brincar.

O carro de Churchill esperava-o na estação. Acelerou, com a capota descida, através dos campos verdes e ondulados do sudeste de Inglaterra. Estava fresco, corria uma brisa e parecia que tudo estava em flor. Vicary ia sentado no banco de trás, com uma mão a manter o casaco fechado e a outra a segurar o chapéu na cabeça. O vento soprava por cima do descapotável como o temporal sobre a proa de um navio. Pensou se haveria de pedir ao condutor para parar o carro e subir a capota. Foi então que começou o inevitável ataque de espirros, primeiro como se fossem disparos esporádicos de um atirador furtivo, depois progredindo para uma autêntica barragem de artilharia. Vicary não conseguia decidir que mão libertar para cobrir a boca. Virava a cabeça repetidamente ao espirrar, fazendo com que as pequenas rajadas de humidade e germes fossem levadas pelo vento.

O condutor viu os constantes movimentos de Vicary pelo retrovisor e ficou alarmado.

— Quer que pare o carro, professor Vicary? — perguntou, levantando o pé do acelerador.

O ataque de espirros acalmou e por fim Vicary foi capaz de apreciar a viagem. Em regra, não se interessava pelo campo. Era um londrino. Gostava das multidões, do ruído e do trânsito e tendia a ficar desorientado em espaços abertos. Também detestava a tranquilidade das noites. A sua mente vagueava e ele ficava convencido de que havia assaltantes deambulando na escuridão. Mas, naquele momento, recostou-se no banco do carro, maravilhado com a beleza natural de Inglaterra.

O carro virou para o caminho de entrada de Chartwell. A pulsação de Vicary aumentou quando saiu do carro. Ao aproximar-se da porta, esta abriu-se e lá estava o homem de Churchill, Inches, para o cumprimentar.

— bom dia, professor Vicary. O senhor primeiro-ministro tem estado a aguardar a sua chegada com muitíssima ansiedade.

Vicary entregou o casaco e o chapéu e entrou. Cerca de uma dúzia de homens e um par de raparigas estavam a trabalhar na sala de estar, alguns de uniforme, outros, como Vicary, à civil. Falavam num tom abafado e confessional, como se todas as notícias fossem mas.

Um telefone tocou, depois outro. Todos eram atendidos ao primeiro toque.

— Espero que tenha tido uma viagem agradável — estava a dizer Inches.

— Maravilhosa — respondeu Vicary, mentindo educadamente.

— Como é hábito, o senhor Churchill está atrasado esta manhã

— disse Inches. De seguida, acrescentou em tom de confiança: Ele estabelece uma agenda impossível de cumprir e todos nós passamos o resto do dia a tentar respeitá-la.

— Compreendo, Inches. Onde quer que eu espere?

— Na verdade, o senhor primeiro-ministro está muito ansioso por vê-lo esta manhã. Pediu para o levar ao andar de cima assim que o senhor chegasse.

— Ao andar de cima?

Inches bateu suavemente e abriu a porta da casa de banho. Churchill estava estendido na banheira, com um charuto na mão e o segundo copo de uísque do dia pousado numa pequena mesa de fácil acesso. Inches anunciou Vicary e retirou-se.

— Vicary, meu caro amigo — disse ele, colocando de seguida a boca ao nível da água e fazendo bolhas. — Que bom ter vindo.

Vicary achou opressiva a temperatura quente da casa de banho. E também achou difícil não se rir perante o enorme homem rosado a chapinhar na banheira como uma criança.

Despiu o casaco de tweed e, com relutância, sentou-se na sanita.

— Queria trocar umas palavras consigo em privado... foi por isso que o convidei a vir aqui à minha toca. — Churchill franziu os lábios.

— Vicary, devo admitir desde já que estou aborrecido consigo.

Vicary endireitou-se.

Churchill abriu a boca para continuar, mas deteve-se. Um olhar perplexo e derrotado despontou-lhe no rosto.

— Inches! — berrou Churchill.

Inches entrou.

— Sim, senhor Churchill?

— Inches, creio que a água da minha banheira baixou dos 40 graus. É capaz de verificar o termómetro?

Arregaçando a manga, Inches retirou o termómetro da água. Estudou-o como um arqueólogo a examinar um fragmento de osso antigo.

— Ah, tem razão, senhor. A temperatura da água caiu para os 39 graus. Devo aquecê-la?

— Claro.

Inches abriu a torneira da água quente e deixou-a correr por instantes. Churchill sorriu quando a água da banheira atingiu a temperatura adequada.

— Muito melhor, Inches.

Churchill virou-se de lado. A água caiu em cascata por cima do bordo da banheira, molhando a perna das calças de Vicary.

— O senhor primeiro-ministro estava a dizer?

— Ah, sim, estava a dizer, Vicary, que estou aborrecido consigo. Nunca me tinha dito que quando era novo era bastante bom a jogar xadrez. Batia todos os jovens promissores em Cambridge, segundo me disseram.

Vicary, absolutamente confuso, respondeu:

— Peço desculpa, senhor primeiro-ministro, mas o xadrez nunca foi tema que surgisse em nenhuma das nossas conversas.

— Brilhante, implacável, arriscado: foi como as pessoas me descreveram o seu jogo. — Churchill calou-se por uns instantes e, a seguir, disse: — E também fez parte do Corpo dos Serviços Secretos durante a Primeira Guerra Mundial.

— Estive apenas na Unidade de Motocicletas. Fazia de correio, nada mais.

Churchill desviou o olhar de Vicary para o teto, fitando-o.

— Em 1250 a.C., o Senhor disse a Moisés que enviasse agentes para espiar a terra de Canaã. O Senhor teve a amabilidade de dar alguns conselhos a Moisés sobre como recrutar os espões. Apenas os melhores e mais brilhantes homens eram capazes de uma tarefa tão importante, disse o Senhor, e Moisés cumpriu as instruções à risca.

— Isso é verdade, senhor primeiro-ministro — disse Vicary. Mas também é verdade que a informação recolhida pelos espões de Moisés foi mal utilizada. Em resultado disso, os israelitas passaram mais quarenta anos a percorrer o deserto.

Churchill sorriu.

— Já devia ter aprendido há muito a nunca discutir consigo. O Alfred tem uma mente ágil. Sempre admirei isso.

— O que quer o senhor que eu faça?

— Quero que aceite um lugar nos serviços secretos militares.

— Mas, senhor primeiro-ministro, eu não estou qualificado para esse tipo de...

— Não há ninguém que saiba o que anda a fazer por aquelas bandas — disse Churchill, interrompendo Vicary. — Especialmente os agentes profissionais.

— Mas e os meus alunos? A minha investigação?

— Os seus alunos entrarão em breve no serviço militar, para lutar pela vida. E quanto à sua investigação, ela pode esperar. — Churchill

fez uma pausa. — Conhece John Masterman e Christopher Cheney, de Oxford?

— Não me diga que eles foram convocados?

— com efeito, e não espere encontrar nenhum matemático digno desse nome em qualquer universidade — retorquiu Churchill. Foram todos abocanhados e empacotados para Bletchley Park.

— E que raio andam eles a fazer por lá?

— A tentar descobrir os códigos alemães.

Por breves instantes, Vicary fez questão de mostrar que estava a ponderar o assunto.

— Julgo que aceito.

— Ótimo! — exclamou Churchill, batendo com o punho no rebordo da banheira. — Na segunda-feira, deve apresentar-se logo pela manhãzinha a Sir Basil Boothby. Ele é o chefe da divisão para a qual vai ser destacado. E também é o perfeito imbecil inglês. Opor-se-ia a mim, se pudesse, mas é demasiado estúpido para isso. Um idiota de primeira apanha.

— Parece encantador.

— Ele sabe que eu e o Alfred somos amigos e por isso vai fazer-lhe frente. Não deixe que ele o intimide. Entendido?

— Sim, senhor primeiro-ministro.

— Preciso de alguém em quem possa confiar dentro daquele departamento. Está na altura de voltar a colocar a inteligência nos serviços secretos militares^[1]. Além do mais, isto será bom para si, Alfred. Está na altura de sair da sua biblioteca empoeirada e regressar ao mundo dos vivos.

Vicary foi apanhado desprevenido pela repentina intimidade de Churchill. Pensou na noite anterior, no passeio até casa, no olhar lançado ao carro de Helen.

— Sim, senhor primeiro-ministro, creio que está na altura. E o que irei fazer exatamente pelos serviços secretos militares?

Mas Churchill tinha mergulhado debaixo da linha da água e desaparecido.

QUATRO

RASTENBURG, ALEMANHA: JANEIRO DE 1944

O contra-almirante Wilhelm Franz Canaris era um homem pequeno e nervoso que falava com um ligeiro ceceo e possuía um humor sarcástico nas raras ocasiões em que decidia exibí-lo. De cabelo branco e olhos azuis penetrantes, estava sentado no banco de trás de um Mercedes oficial, que se deslocava ruidosamente do aeródromo de Rastenburg até ao búnquer secreto de Hitler, a cerca de 15 quilómetros de distância. Normalmente, Canaris evitava uniformes e aparatos militares de todo o género, preferindo um fato escuro de homem de negócios. Mas visto que se ia encontrar com Adolf Hitler e com os mais importantes oficiais da Alemanha, envergava o seu uniforme da Kriegsmarine por baixo do sobretudo formal.

Conhecido como a Velha Raposa tanto pelos amigos como pelos seus detratores, a personalidade distante e reservada de Canaris adequava-se na perfeição ao mundo impiedoso da espionagem. Preocupava-se mais com os seus dois dachshunds, que dormiam nesse momento aos seus pés, do que com qualquer outra pessoa, exceto a mulher, Erika, e as filhas. Quando o trabalho obrigava a viagens noturnas, reservava um segundo quarto, com camas duplas, de modo que os cães pudessem dormir confortavelmente. Quando era necessário deixá-los em Berlim, Canaris contactava constantemente os seus assessores para se certificar de que os animais tinham comido e defecado apropriadamente. Os membros da Abwehr que ousassem falar mal dos cães enfrentavam a ameaça bem real de ficarem com as carreiras destruídas se uma palavra da sua maledicência alcançasse os ouvidos de Canaris. Educado numa villa murada em Aplerbeck, nos subúrbios de Dortmund, Wilhelm Canaris fazia parte da elite tão detestada por Adolf Hitler — filho de um barão das chaminés e descendente de italianos emigrados para a Alemanha no século xvi. Falava as línguas dos amigos da Alemanha, bem como as dos seus inimigos — italiano, espanhol, inglês, francês e russo -, e presidia regularmente a recitais de música de câmara no salão da sua imponente casa de Berlim. Em 1933, tinha o posto de comandante de um entreposto naval no mar Báltico, em Swinemünde, quando Hitler o escolheu inesperadamente para dirigir a Abwehr, os serviços de

informação e contraespionagem do estado-maior alemão. Hitler deu instruções ao seu novo mestre espião para criar uns serviços secretos que seguissem o modelo britânico — uma ordem, afazer o seu trabalho com paixão — e Canaris assumiu formalmente o comando da agência de espionagem no dia de Ano Novo de 1934, a data do seu quadragésimo sétimo aniversário.

Esta decisão iria revelar-se uma das piores de Hitler. Desde que assumira o comando da Abwehr, Wilhelm Canaris andava embrenhado numa ação altamente arriscada — garantir ao estado-maior as informações de que necessitava para conquistar grande parte da Europa, ao mesmo tempo que utilizava os serviços como uma ferramenta para livrar a Alemanha de Hitler. Era o líder do movimento de resistência apelidado de Orquestra Negra — Schwarze Kapelle — pela Gestapo. Um grupo muito unido de oficiais alemães, membros do governo e líderes civis, a Orquestra Negra tinha tentado, sem sucesso, derrubar o Fúhrer e negociar um acordo de paz com os Aliados. Canaris também tinha estado envolvido noutras atividades de traição. Em 1939, depois de saber dos planos de Hitler para invadir a Polónia, avisou os britânicos numa vã tentativa de os induzir à ação. Fez o mesmo em 1940, quando Hitler anunciou os seus planos para a invasão dos Países Baixos e da França.

Canaris virou-se e olhou pela janela, observando a floresta de Görlitz a passar diante de si — negra, silenciosa, densamente arborizada, como um cenário de conto de fadas dos irmãos Grimm. Canaris, perdido na tranquilidade das árvores cobertas de neve, pensava no recente atentado à vida do Fúhrer. Dois meses antes, em novembro, um jovem capitão de nome Axel von dem Bussche tinha-se voluntariado para assassinar Hitler durante a inspeção de um novo sobretudo para a Wehrmacht. Bussche planeou esconder algumas granadas debaixo do casaco e, a seguir, detoná-las durante a demonstração, matando-se e ao Fúhrer. Mas, um dia antes da tentativa de assassinio, os bombeiros aliados destruíram o edifício onde os casacos estavam armazenados. A demonstração foi cancelada e nunca chegou a ser reagendada.

Canaris sabia que haveria mais tentativas — mais alemães corajosos prontos a sacrificar a própria vida a fim de derrubar Hitler -, mas também sabia que o tempo fugia.

A invasão anglo-americana da Europa era uma certeza. Roosevelt tinha tornado claro que não aceitaria nada menos do que uma rendição incondicional. A Alemanha seria destruída, tal como Canaris temera em 1933, quando as ambições messiânicas de Hitler se tinham tornado claras para ele. Também se apercebeu de que o seu ténue controlo sobre a Abwehr enfraquecia de dia para dia. Vários membros da equipa executiva de Canaris, no quartel-general da Abwehr, em

Berlim, tinham sido presos pela Gestapo e acusados de traição. Os seus inimigos andavam a conspirar para se apoderarem do comando da agência de espionagem e colocar-lhe o pescoço num nó de corda de piano. Percebeu que tinha os dias contados — que a sua longa, perigosa e arriscada ação estava a chegar ao fim.

O carro oficial passou pela miríade de portões e postos de controlo, depois virou para o complexo no Wolfschanze^[2] de Hitler a Toca do Lobo. Os dachshunds acordaram, ganindo nervosamente, e saltaram para o colo de Canaris. A conferência iria ter lugar na sala de mapas glacial e abafada, no búnquer subterrâneo. Canaris saiu do carro e atravessou, com ar sombrio, o complexo. Ao fundo das escadas, encontrava-se um guarda-costas corpulento das SS, pronto para aliviar Canaris de quaisquer armas que pudesse levar. Canaris, que evitava armas e detestava violência, abanou a cabeça e passou por ele.

— Em novembro, emiti a Diretiva Número Cinquenta e Um do Fúhrer — começou a dizer Hitler sem preâmbulos, caminhando furiosamente pela sala com as mãos cruzadas atrás das costas.

Envergava uma túnica cinzento-clara, calças pretas e botas de cano alto resplandecentes. No bolso do peito do lado esquerdo usava a Cruz de Ferro que tinha conquistado em Ypres enquanto soldado de infantaria no Regimento List, durante a Primeira Guerra Mundial.

— A Diretiva Número Cinquenta e Um exprimia a minha convicção de que os anglo-saxões tentarão invadir o noroeste da França o mais tardar na primavera, talvez antes.

Durante os dois últimos meses, não vi nada que me fizesse mudar de opinião.

Sentado à mesa da conferência, Canaris observou o Fúhrer a pavonear-se ao redor da sala. A inclinação pronunciada de Hitler, causada pela cifose da coluna, parecia ter piorado. Canaris interrogou-se se ele estaria finalmente a sentir a pressão. Tinha razões para isso. O que tinha dito Frederico, o Grande? Quem defende tudo, não defende nada. Hitler deveria ter prestado atenção ao conselho do seu guia espiritual, já que a Alemanha estava na mesma posição em que se encontrara durante a Primeira Guerra Mundial. Tinha conseguido conquistar mais território do que o que podia defender.

A culpa era exclusivamente de Hitler — o raio do louco Canaris lançou uma olhadela ao mapa. A leste, as tropas alemãs combatiam ao longo de uma frente de 2000 quilómetros.

Qualquer esperança de uma vitória militar contra os russos tinha sido esmagada em julho, em Kursk, onde o Exército Vermelho tinha dizimado uma ofensiva da Wehrmacht e infligido baixas vertiginosas. Naquele preciso momento, o exército alemão tentava manter uma linha que se estendia desde Leninegrado até ao mar Negro. Ao longo

do Mediterrâneo, a Alemanha defendia 3000 quilómetros de costa. E a ocidente Meu Deus!, pensou Canaris -, 6000 quilómetros de território que se estendia desde a Holanda até à extremidade sul da baía de Biscaia. A Festung Europa de Hitler — a Fortaleza Europa — estava dispersa e vulnerável por todos os lados.

Canaris olhou em redor para os homens sentados ao seu lado. O marechal de campo Gerd von Rundstedt, comandante supremo de todas as forças alemãs a ocidente; o marechal de campo Erwin Rommel, comandante do Grupo B do Exército, no noroeste da França; o Reichsführer Heinrich Himmler, líder das SS e chefe da polícia alemã. Meia dúzia dos homens mais cruéis e leais a Himmler estava de vigia, apenas no caso de algum dos membros da cúpula do Terceiro Reich decidir fazer um atentado contra a vida do Führer.

Hitler parou e disse:

— A Diretiva Cinquenta e Um também mencionava a minha convicção de que já não podemos justificar a redução do nosso número de tropas a ocidente de modo a apoiar as forças que combatem os bolcheviques. No leste, a vastidão da área vai permitir-nos, como último recurso, abdicar de grandes áreas de território antes de o inimigo ameaçar a pátria alemã. Não é assim a ocidente. Se a invasão anglo-saxónica tiver êxito, as consequências serão desastrosas. Portanto, é aqui, no noroeste da França, que a batalha mais decisiva da guerra terá lugar.

Hitler fez uma pausa, permitindo que as suas palavras fossem assimiladas.

— A invasão enfrentará todo o nosso poderio e será destruída no mar alto. Se tal não for possível, e se os anglo-saxões conseguirem assegurar temporariamente uma cabeça de praia, devemos estar preparados para reposicionar rapidamente as nossas forças, organizar um contra-ataque gigantesco e obrigar os invasores a retroceder para o mar — afirmou Hitler, cruzando os braços. — Mas para alcançar esse objetivo, temos de conhecer a ordem de batalha do inimigo. Temos de saber quando é que pretende atacar. E, o mais importante, onde. Herr Generalfeldmarshal?

O marechal de campo Gerd von Rundstedt levantou-se e deslocou-se num andar cansado até ao mapa, segurando com a mão direita o bastão incrustado de jóias de marechal de campo com que andava sempre. Conhecido como o último dos cavaleiros alemães, Rundstedt tinha sido demitido e chamado de novo ao serviço por Adolf Hitler mais vezes do que Canaris, ou mesmo o seu próprio staff, se conseguia lembrar. Detestava o mundo fanático dos nazis e tinha sido Rundstedt quem apelidara escarninhamente Hitler de caboinho da boémia. A tensão de cinco longos anos de guerra começava a notar-se nas finas feições aristocráticas do seu rosto. Os rígidos e precisos maneirismos

que caracterizavam os oficiais do Estado-Maior do tempo do Império tinham desaparecido. Canaris sabia que Rundstedt bebia mais champanhe do que devia e precisava de grandes quantidades de uísque para dormir à noite. Levantava-se com regularidade às dez da manhã, uma hora muito pouco militar; o staffão seu quartel-general, em St. Germain-en-Laye, raramente agendava reuniões para antes do meio-dia.

Apesar da idade avançada e do declínio moral, Rundstedt continuava a ser o melhor soldado da Alemanha — um estratega e planeador brilhante, como tinha demonstrado aos polacos, em 1939, e aos franceses e britânicos, em 1940. Canaris não invejava a situação de Rundstedt. No papel, dirigia a força mais poderosa do Ocidente um milhão e meio de homens, incluindo 350 000 tropas de choque Waffen-SS, dez divisões Panzer e duas divisões de paraquedistas de elite Fallschirmjager. Se fossem posicionadas rápida e corretamente, as tropas de Rundstedt ainda seriam capazes de impor aos Aliados uma derrota devastadora. Mas se o velho cavaleiro teutónico tivesse um palpite errado — se mobilizasse as suas forças incorretamente ou cometesse erros táticos uma vez começada a batalha — os Aliados estabeleceriam a sua preciosa base de operações no continente e a guerra no Ocidente estaria perdida.

— Na minha opinião, a equação é simples — começou a dizer Rundstedt. — A leste do Sena, no Pas-de-Calais, ou a oeste do Sena, na Normandia. Cada um tem as suas vantagens e desvantagens.

— Continue, Herr Generalfeldmarshal. Rundstedt prosseguiu num tom monótono:

— Calais é o fulcro da costa no canal da Mancha. Se o inimigo assegurar uma cabeça de praia em Calais, pode virar-se para leste e ficar a poucos dias de marcha do Ruhrgebiet, o nosso coração industrial. Os americanos querem que a guerra termine por altura do Natal. Se conseguirem desembarcar em Calais, talvez sejam capazes de concretizar esse desejo.

Rundstedt fez uma pausa para permitir que o seu aviso fosse assimilado e, a seguir, retomou o relatório.

— Há outra razão por que Calais faz sentido militarmente: é o ponto onde o canal da Mancha é mais estreito. O inimigo será capaz de despejar homens e equipamento em Calais quatro vezes mais depressa do que na Normandia ou na Bretanha. Não se esqueçam, o relógio começa a contar para o inimigo no momento em que a invasão se iniciar. Tem de acumular tropas, armas e material a um ritmo extremamente rápido. Há três portos de águas profundas na região do Pas-de-Calais — explicou Rundstedt, indicando cada um com a ponta do bastão, subindo pela costa. — Bolonha, Calais e Dunquerque.

O inimigo precisa de portos. É minha convicção que o primeiro

objetivo dos invasores será capturar e reabrir um porto importante e reabri-lo o mais rapidamente possível, porque sem um porto importante o inimigo não pode abastecer as tropas. Se não conseguirmos abastecer as tropas, está acabado.

— Impressionante, Herr Generalfeldmarshal — disse Hitler. Mas porque não a Normandia?

— A Normandia apresenta muitos problemas ao inimigo. A distância pelo canal da Mancha é muito maior. Em alguns pontos, encontram-se falésias elevadas entre as praias e o continente. O porto mais próximo é Cherburgo, na ponta de uma península altamente defendida. O inimigo poderia levar vários dias para nos conseguir tirar Cherburgo. E mesmo que o conseguisse, sabe que preferiríamos inutilizá-lo a abdicar dele. Mas o argumento mais lógico contra o ataque na Normandia, na minha opinião, é a sua localização geográfica. Fica demasiado a ocidente. Mesmo que o inimigo consiga desembarcar na Normandia, corre o risco de ficar preso e estrategicamente isolado. Tem de nos combater em toda a extensão da França antes de atingir sequer solo alemão.

— Qual é a sua opinião, Herr Generalfeldmarshal? — disparou Hitler.

— Talvez os Aliados tentem alguma trapaça — respondeu Rundstedt cautelosamente, com os dedos a agitarem-se sobre o bastão. — Talvez um desembarque a servir de manobra de diversão, como o senhor mesmo sugeriu, meu Fúhrer. Mas o verdadeiro ataque vai dar-se aqui — afirmou, batendo no mapa. — Em Calais.

— Almirante Canaris? — exclamou Hitler. — De que informações dispõe para apoiar esta teoria?

Pouco propenso a exibições formais diante do mapa, Canaris continuou sentado. Enfiou a mão no bolso direito interior do casaco, onde tinha um pacote de cigarros. Os homens das SS estremeceram nervosamente. Abanando a cabeça, Canaris tirou lentamente os cigarros e mostrou-os. Acendeu um com toda a calma e lançou uma baforada de fumo na direção de Himmler, sabendo muito bem da especial irritação que o Reichsführer nutria pelo tabaco. Himmler olhou fixamente para ele, através da cortina de fumo azul em espiral, não revelando qualquer emoção no olhar e com a face a contrair-se nervosamente.

Canaris explicou que a Abwehr estava a recolher e a analisar três tipos de informação relacionada com os preparativos para a invasão — fotografias aéreas das tropas inimigas, no sul de Inglaterra, comunicações do inimigo via rádio, monitorizadas pela Funkabwehr, o serviço de escutas da agência, e relatórios de agentes a atuarem no interior do Reino Unido.

— E o que lhe dizem essas informações, Herr Admirai? —

vociferou Hitler.

— A nossa recolha inicial de informações tende a apoiar a avaliação do marechal de campo: que os Aliados pretendem atacar em Calais. De acordo com os nossos agentes, tem havido um aumento da atividade do inimigo no sudeste de Inglaterra, do outro lado do canal da Mancha, em frente ao Pas-de-Calais. Nós monitorizámos as transmissões telegráficas referentes a uma nova força denominada First United States Army Group. Também temos vindo a analisar a atividade aérea do inimigo no noroeste da França. Está a passar muito mais tempo a sobrevoar Calais, com o propósito de bombardeamento e de reconhecimento, do que a Normandia ou a Bretanha. E tenho ainda mais uma nova informação a relatar, meu Fúhrer. Um dos nossos agentes em Inglaterra tem uma fonte dentro do alto comando aliado. Na noite passada, o agente transmitiu um relatório. O general Eisenhower chegou a Londres. Os americanos e os britânicos pretendem manter a sua presença em segredo por enquanto.

Hitler pareceu impressionado com o relatório do agente. Canaris pensou: se ao menos Hitler soubesse a verdade — que, neste momento, apenas a poucos meses da batalha mais importante da guerra, as redes de informação da Abwehr em Inglaterra estão muito provavelmente em frangalhos. Canaris culpava Hitler. Durante os preparativos para a operação Seelöwe — a invasão abortada do Reino Unido -, Canaris e a sua equipa enviaram temerariamente uma torrente de espões para Inglaterra. Toda a cautela foi mandada às malvas, por causa da necessidade urgente de informações sobre as defesas costeiras e o posicionamento das tropas britânicas. Os agentes foram recrutados à pressa, mal treinados e equipados de forma ainda pior. Canaris suspeitava que a maioria tivesse ido parar diretamente às mãos do MI5, infligindo danos permanentes em redes que tinham sido construídos ao longo de vários anos de trabalho meticuloso. Naquele momento, não o podia admitir; fazê-lo seria assinar a sua própria sentença de morte.

Adolf Hitler começou de novo a dar voltas pela sala. Canaris sabia que Hitler não temia a futura invasão. Muito pelo contrário, acolhia-a com prazer. Tinha dez milhões de alemães mobilizados e uma indústria de armamento que, apesar do bombardeamento implacável dos Aliados e da escassez de mão de obra e matéria-prima, continuava a produzir quantidades colossais de armas e material. Mantinha-se confiante na sua capacidade de repelir a invasão e infligir aos Aliados uma derrota cataclísmica. À semelhança de Rundstedt, acreditava que um desembarque no Pas-de-Calais fazia sentido estratégico e era aí que a sua Atlantikwall mais se parecia com a visão de uma fortaleza inexpugnável. com efeito, tinha tentado forçar os Aliados a invadir em Calais, ordenando que as plataformas de lançamento das bombas V-1 e

V-2 fossem aí colocadas. No entanto, Hitler também estava ciente de que os britânicos e os americanos tinham recorrido ao logro durante a guerra e de que o voltariam a fazer antes de invadirem a França.

— Vamos inverter os papéis — disse Hitler por fim. — Se eu fosse invadir a França a partir de Inglaterra, o que faria? Viria pelo caminho mais óbvio? O caminho que o meu inimigo espera que eu siga? Organizaria um ataque frontal à parte da costa mais protegida? Ou seguiria outro caminho e tentaria surpreender o inimigo? Transmitiria mensagens falsas via rádio e enviaria relatórios falsos através dos espões? Faria declarações enganadoras à imprensa? A resposta a todas estas questões é sim. Temos de contar que os britânicos recorram ao logro e até a um grande desembarque como manobra de diversão. Por mais que eu gostasse que eles tentassem desembarcar em Calais, devemos estar preparados para a possibilidade de uma invasão na Normandia ou na Bretanha. Para isso, os nossos Panzers devem manter-se bem afastados da costa até que as intenções do inimigo fiquem claras. De seguida, concentraremos a nossa base militar no ponto principal da invasão e obrigá-los-emos a retroceder para o mar.

— Há outra coisa a ter em conta e que pode fundamentar a sua argumentação — disse o marechal de campo Erwin Rommel.

Hitler rodou nos calcanhares e encarou-o.

— Continue, Herr Generalfeldmarshal.

Rommel apontou para o enorme mapa, que se estendia do chão até ao teto, atrás de Hitler.

— Se me der licença que faça uma demonstração, meu Fúhrer.

— Claro.

Rommel enfiou a mão na pasta, tirou um compasso de calibre e, a seguir, levantou-se e dirigiu-se para o mapa. Em dezembro, Hitler tinha-lhe atribuído o comando do Grupo B do exército ao longo da costa do canal da Mancha. O Grupo B do exército incluía o 7.^o Exército na região da Normandia, o 15.^o Exército entre o estuário do Sena e o golfo Zuiderzee, e o Exército da Holanda. Física e psicologicamente recuperado das desastrosas derrotas no Norte de África, a famosa Raposa do Deserto tinha-se atirado à sua nova missão com uma incrível demonstração de energia, lançando-se a toda a hora pela costa francesa no seu Mercedes 230 cabriolet, inspecionando as defesas costeiras e o posicionamento das tropas e bases militares. Tinha prometido transformar o litoral francês num jardim do Diabo — um cenário de artilharia, campos de minas, fortificações em cimento e arame farpado do qual o inimigo nunca conseguiria sair. No entanto, em privado, Rommel defendia que qualquer fortificação concebida pelo ser humano podia também ser destruída por ele.

De pé, junto ao mapa, abriu o compasso e disse:

— Isto representa o raio de ação dos caças Spitfire e Mustang do

inimigo. E estas são as posições das principais bases dos caças no sul de Inglaterra.

Rommel colocou as pontas do compasso em cada um dos locais e desenhou uma série de arcos no mapa.

— Como pode ver, meu Fúhrer, tanto a Normandia como Calais se encontram bem dentro do raio de ação dos caças do inimigo. Por esse motivo, devemos considerar ambas as áreas como possíveis locais para a invasão.

Hitler assentiu com a cabeça, impressionado com a demonstração de Rommel.

— Agora, coloque-se na posição do inimigo por um momento, Herr Generalfeldmarshal. Se estivesse a tentar invadir a França a partir de Inglaterra, onde é que atacaria?

Por breves instantes, Rommel fez questão de mostrar que estava a ponderar bem a questão e, a seguir, respondeu:

— Devo admitir, meu Fúhrer, que todos os indícios apontam para uma invasão no Pas-de-Calais. Mas não consigo livrar-me da convicção de que o inimigo nunca iria tentar um ataque frontal à nossa maior concentração de forças. E também me sinto influenciado pela experiência em África, meu Fúhrer. Os britânicos recorreram ao logro antes da Batalha de Alamein e vão voltar a fazê-lo antes de invadirem a França.

— E a Westwall, Herr Generalfeldmarshal? Como é que têm avançado os trabalhos?

— Ainda há muito a fazer, meu Fúhrer. Mas estamos a avançar bem.

— E vai estar tudo terminado antes da primavera?

— Creio que sim. Mas as fortificações costeiras não chegam para deter o inimigo. Temos de ter as nossas bases militares devidamente dispostas. E para isso receio bem que tenhamos de saber onde é que eles planeiam atacar. Só isso nos servirá de alguma coisa. Se o inimigo for bem-sucedido, a guerra pode estar perdida.

— Isso é um absurdo — lançou Heinrich Himmler. — Sob o comando do Fúhrer, a vitória final da Alemanha é ponto assente. As praias da França vão ser um cemitério para os britânicos e os americanos.

— Não — interveio Hitler, gesticulando. — O marechal de campo Rommel tem razão. Se o inimigo conseguir assegurar uma cabeça de praia, então a guerra estará perdida. Mas, se aniquilarmos a invasão antes de ter sequer começado — prosseguiu Hitler, com a cabeça inclinada para trás e os olhos a chamejarem -, seriam necessários vários meses para organizar outra tentativa. O inimigo nunca voltaria a tentar! Roosevelt nunca seria reeleito. Até poderia acabar preso num sítio qualquer! O moral dos britânicos iria desabar da noite para o dia.

Churchill, aquele velho gordo e doente, seria destruído! com os americanos e os britânicos paralisados, a lamberem as feridas, podemos deslocar homens e matériel do Ocidente e despejá-los no Leste. Estaline vai ficar à nossa mercê. Vai tentar negociar um acordo de paz. Tenho a certeza disso.

Hitler fez uma pausa, permitindo que as suas palavras fossem assimiladas.

— Mas, se queremos deter o inimigo, temos de saber o local da invasão — afirmou. — Os meus generais pensam que será em Calais. Eu estou cético — confessou, rodando nos calcanhares e olhando fixamente para Canaris. — Herr Admirai, quero que resolva o impasse.

— Isso pode não ser possível — disse Canaris cautelosamente.

— A missão da Abwehr não é fornecer informações militares?

— E claro que sim, meu Fúhrer.

— Dispõe de espiões a atuarem dentro do Reino Unido, este relatório acerca da chegada do general Eisenhower a Londres é prova disso.

— Obviamente, meu Fúhrer.

— Então, sugiro que comece a trabalhar, Herr Admirai. Quero provas das intenções dos inimigos. Quero que me traga o segredo da invasão. E rapidamente, Herr Admirai. Deixe-me assegurar-lhe: não dispõe de muito tempo.

Hitler empalideceu visivelmente e pareceu subitamente exausto.

— Agora, a menos que os senhores tenham mais alguma má notícia para me dar, vou retirar-me para dormir umas horas. Foi uma noite muito longa.

Levantaram-se todos enquanto Hitler subia as escadas.

CINCO

NORTE DE ESPANHA: AGOSTO DE 1936

Ele encontra-se diante das portas abertas para a noite cálida, segurando uma garrafa de vinho branco gelado. Serve-se de outro copo sem se oferecer para encher novamente o dela. Ela está deitada na cama, a fumar e a ouvir a voz dele. Escutando o vento quente que agita as árvores lá fora, junto à varanda. Relâmpagos tremeluz silenciosamente sobre o vale. O seu vale, como ele está sempre a dizer. A porra do meu vale. E se os filhos da puta dos lealistas alguma vez mo tentarem tirar, corto-lhes a merda dos tomates e atiro-os aos cães.

— Quem te ensinou a disparar assim?—pergunta ele.

Tinham ido à caça de manhã e ela tinha capturado quatro faisões contra um dele.

— O meu pai.

— Disparas melhor do que eu. -Já reparei.

Uma vez mais, os relâmpagos surgem silenciosamente na sala e ela consegue ver Emílio com clareza durante alguns segundos. É trinta anos mais velho e, no entanto, ela acha-o lindo. Tem cabelo louro-grisalho e o sol pôs-lhe a cara da cor do couro polido de uma sela. O nariz é longo e afilado, como a lâmina de um machado. Queria ser beijada pelos lábios dele, mas desde a primeira vez ele queria-a muito depressa e de modo rude e o Emilio consegue sempre toda a merda que quer, querida.

— Falas inglês muito bem — informa-a ele, como se ela estivesse a ouvir isso pela primeira vez — O teu sotaque é perfeito. Nunca consegui perder o meu, por mais que tentasse.

— A minha mãe era inglesa.

— Onde está ela agora?

— Morreu há muito tempo.

— Também falas francês?

— Sim — responde ela.

— Italiano.

— Sim, falo italiano.

— O teu espanhol é que não é assim tão bom.

— Chega para o que é preciso — diz ela.

Ele está a tocar no pénis enquanto fala. Adora-o tal como adora o

seu dinheiro e a sua terra. Fala dele como se fosse um dos seus melhores cavalos. Na cama, é como uma terceira pessoa.

— Deitas-te com a Maria ao pé da ribeira, mas depois à noite deixas que eu entre na tua cama e foda contigo — diz ele.

— É uma maneira de pôr as coisas — responde ela. -Queres que eu pare com a Maria?

— Tu fazes a maria feliz — responde ele, como se a felicidade justificasse alguma coisa.

— Ela faze-me feliz.

— Nunca conheci uma mulher como tu — disse ele, pondo um cigarro no canto da boca e acendendo-o, com as mãos em concha para o proteger da brisa noturna. — Fodes comigo e com a minha filha no mesmo dia, sem pestanejar.

— Não acredito nisso de criar afetos. Ele ri-se, no seu riso calmo e controlado.

— Isso é maravilhoso — responde ele, sorrindo outra vez calmamente. Não acreditas nisso de criar afetos. Isso é magnífico. Tenho pena do pobre canalha que cometa o erro de se apaixonar por ti.

— Também eu.

— E tens alguns sentimentos?

— Não, nem por isso.

— Amas alguém ou alguma coisa?

— Amo o meu pai — responde ela. — E amo estar deitada ao pé da ribeira com a Maria.

Maria é a única mulher que conheceu até hoje cuja beleza a ameaça.

Neutralaria essa ameaça pilhando a beleza de Maria para si mesma. A sua juba de cabelos castanhos encaracolados. A imaculada pele cor de azeitona. Os seios perfeitos que são como pêras no verão na sua boca. Os lábios que são a coisa mais suave em que já tocou. "Vem passar o verão a Espanha comigo, na estância da minha família", diz Maria numa tarde chuvosa em Paris, onde ambas se encontram a estudar, na Sorbonne. O pai vai ficar desiludido, mas a ideia de passar um verão na Alemanha a observar a merda dos nais a desfilar pelas ruas não significa nada para ela. Mas não sabia que a alternativa seria enfiar-se bem no meio de uma guerra civil.

Mas a guerra não perturba o insolente enclave paradisíaco de Emílio, no sopé dos Pirenéus. É o verão mais maravilhoso da vida dela. De manhã, os três caçam ou passeiam os cães e, à tarde, ela e Maria vão até à ribeira, nadam nos lagos profundos e gélidos e bronzeiam-se nas rochas cálidas. Maria gosta mais quando estão lá fora. Gosta da sensação do sol nos seios e de Anna entre as pernas. "O meu pai também te quer, sabes?", anuncia Maria uma tarde em que

estão deitadas à sombra de um eucalipto.

"Podes tê-lo. Só não te apaixones por ele. Toda a gente está apaixonada por ele."

Emílio está outra vez a falar:

— Quando voltares para Paris, no próximo mês, quero que te encontres com uma pessoa.

Faz isso por mim?

— Depende.

— De quê?

— De quem for.

— Ele vai entrar em contacto contigo. Quando lhe falar de ti, vai ficar muito interessado.

— Não vou dormir com ele.

— Ele não vai estar interessado em dormir contigo. É um homem de família. Tal como eu — acrescenta, rindo-se com o seu riso mais uma vez.

— E qual é o nome dele?

— Os nomes não são importantes para ele.

— Dime o nome dele.

— Não tenho a certeza do nome que ele usa atualmente.

— E o que é que o teu amigo faz?

— Trabalha com informação.

Ele regressa à cama. A. conversa excitou-o. Tem o pénis novamente duro e deseja-a outra vez de imediato. Está a afastar-lhe as pernas e a tentar penetrá-la. Ela pega-lhe nas mãos para o ajudar e a seguir crava as unhas nele.

— Ahhhh! Meu Deus, Anna! com tanta força, não!

— Diz-me o nome dele.

— É contra as regras... não posso.

— Diz-me — insiste ela, cravando-lhe as unhas com mais força.

— Vogel- murmura ele. — O nome dele é Kurt Vogel. Jesus!

BERLIM: JANEIRO DE 1944

A Abwehr tinha dois tipos básicos de espões em ação contra o Reino Unido. A Corrente-S consistia em agentes que entravam no país, se instalavam com identidades falsas e desenvolviam atividades de espionagem. Os agentes da Corrente-R eram maioritariamente cidadãos de outros países que entravam periodicamente no Reino Unido, de forma legal, recolhiam informações e enviavam relatórios aos seus superiores em Berlim. Havia uma terceira rede de espões mais pequena e altamente secreta referida como a Corrente-V- um punhado de agentes adormecidos, excecionalmente treinados, que se infiltravam de forma profunda na sociedade inglesa e esperavam, por vezes durante anos, até serem ativados. Foi assim chamada devido ao seu criador e único agente que a comandava, Kurt Vogel.

O modesto império de Vogel consistia em duas salas no quarto piso do quartel-general da Abwehr, localizado num par de austeros prédios geminados, em pedra cinzenta, nos números 74 e 76 da Tirpitz Ufer. As janelas davam para o Tiergarten, o parque com 255 hectares no coração de Berlim. Em tempos, tinha tido uma vista espetacular. Mas meses de bombardeamentos por parte dos Aliados tinham deixado crateras do tamanho de Panzers nos caminhos equestres e reduzido a maioria dos castanheiros e das tílias a tocos carbonizados. Grande parte do gabinete de Vogel estava ocupada por uma fila de armários de aço trancados e um pesado cofre. Vogel suspeitava que os empregados do registo central da Abwehr tinham passado a trabalhar para a Gestapo e recusava-se a guardar lá os dossiês. O seu único assistente — um tenente condecorado da Wehrmacht chamado Werner Ulbricht, que tinha ficado estropiado a lutar contra os russos — trabalhava na antessala. Guardava um par de pistolas Luger na gaveta de cima da secretária e Vogel tinha-lhe ordenado que disparasse contra qualquer pessoa que entrasse sem autorização. Ulbricht sofria de pesadelos em que matava Wilhelm Canaris por engano.

Oficialmente, Vogel detinha o posto de capitão na Kriegsmarine, mas era apenas uma formalidade concebida para lhe permitir o acesso necessário para atuar junto de determinados grupos. Tal como o seu mentor, Canaris, raramente envergava o uniforme. O seu guarda-roupa variava pouco — um fato cinzento-escuro a lembrar o de um cangalheiro, uma camisa branca, uma gravata negra. Tinha cabelo grisalho-escuro, que parecia ter sido ele a cortar, e o olhar intenso de um revolucionário de café.

A voz era como uma dobradiça enferrujada e, depois de quase uma década de conversas clandestinas em cafés, salas de hotel e escritórios sob escuta, raramente se elevava acima de um murmúrio de capela. Ulbricht, surdo de um ouvido, esforçava-se constantemente por o ouvir.

A paixão de Vogel pelo anonimato raiava o absurdo. No gabinete havia apenas um objeto pessoal, um retrato da mulher, Gertrude, e das filhas gémeas. Enviara-as para a casa da mãe de Gertrude, na Baviera, quando os bombardeamentos começaram e via-as com pouca frequência. Sempre que saía do gabinete, mesmo por curtos momentos, retirava o retrato de cima da secretária e fechava-o na gaveta. Até mesmo o seu distintivo de identificação era um enigma. Não tinha fotografia — Vogel recusava ser fotografado há anos — e o nome era falso. Possuía um pequeno apartamento perto do gabinete, a que se chegava depois de um agradável passeio ao longo das frondosas margens do Landwehr Kanal, para aquelas raras noites em que se permitia escapar. A senhoria achava que ele era um professor universitário com uma série de namoradas.

Mesmo dentro da Abwehr, pouco mais se sabia dele.

Kurt Vogel tinha nascido em Dusseldorf. O pai era o diretor de um Gymnasium local, a mãe uma professora de música em part-time que tinha abandonado uma carreira promissora como pianista para casar e criar uma família. Vogel tinha feito um doutoramento em Direito, na Universidade de Leipzig, onde estudara Direito Civil e Político com duas das maiores mentes jurídicas da Alemanha, Herman Heller e Leo Rosenberg. Era um aluno brilhante, o melhor da sua turma, e os professores previram discretamente que Vogel se sentaria um dia no Reichsgericht, o Supremo Tribunal da Alemanha.

Hitler alterou tudo isso. Hitler acreditava no poder dos homens, não no poder do Direito. Poucos meses após ter tomado o poder, já tinha virado do avesso todo o sistema judicial da Alemanha. O Führergewalt — o poder do Führer — tornou-se a única lei do país e todos os caprichos de Hitler eram imediatamente traduzidos em códigos e regulamentos. Vogel lembrava-se de algumas máximas ridículas cunhadas pelos arquitetos da revisão legal da Alemanha imposta por Hitler. A lei é o que é útil ao povo alemão! A lei deve ser interpretada através de saudáveis emoções populares! Quando o poder judiciário ordinário se interpôs, os nazis estabeleceram os seus próprios tribunais, os Volksgerichtshof, os Tribunais do Povo. Na opinião de Vogel, o dia mais negro na história da jurisprudência alemã ocorreu em outubro de 1933, quando dez mil advogados, nos degraus do Reichsgericht, em Leipzig, ergueram os braços na saudação nazi e juraram seguir o rumo do Ftihrer até ao fim dos nossos dias. Vogel tinha sido um deles. Naquela noite, regressou ao pequeno apartamento que partilhava com Gertrude, queimou os livros de Direito no fogão e bebeu até não poder mais.

Vários meses mais tarde, no inverno de 1934, foi abordado por um homem pequeno e austero, com um par de dachshunds — Wilhelm Canaris, o novo chefe dos serviços secretos militares alemães. Canaris perguntou a Vogel se estaria disposto a trabalhar para a Abwehr. Vogel aceitou, com uma condição — que não fosse obrigado a filiar-se no partido nazi e, na semana seguinte, desapareceu no mundo dos serviços secretos militares alemães. Oficialmente, estava ao serviço como conselheiro legal interno de Canaris. Extraoficialmente, foi-lhe atribuída a tarefa de preparar a guerra contra os britânicos que Canaris considerava inevitável.

Naquele preciso momento, Vogel estava sentado à secretária debruçado sobre um memorando, com os nós dos dedos a pressionar as têmporas. Esforçava-se por se concentrar no meio do ruído o chocalhar do velho elevador à medida que se arrastava para cima e para baixo no poço mesmo por trás da parede, o respingar da chuva gelada nas janelas, a cacofonia das buzinas dos automóveis que

acompanhava a hora de ponta no entardecer de Berlim. Tirou as mãos das têmporas e tapou os ouvidos, apertando até fazer silêncio. O memorando tinha-lhe sido dado por Canaris naquele dia, algumas horas depois de a Velha Raposa ter regressado de uma reunião com Hitler, em Rastenburg. Canaris achava que parecia promissor e Vogel não podia deixar de concordar.

— Hitler quer resultados, Kurt — tinha dito Canaris, sentando-se atrás da antiga secretária desgastada, como um velho fidalgo impenetrável, com os olhos a percorrerem as prateleiras transbordantes de livros como se estivesse à procura de um volume precioso há muito perdido. — Ele quer provas de que é em Calais ou na Normandia. Talvez seja altura de trazermos para o jogo o teu velho ninho de espões.

Vogel tinha lido o memorando uma vez, rapidamente. Naquele instante, estava a lê-lo uma segunda vez, mais cuidadosamente. Na verdade, era mais do que prometedora — era perfeito, a oportunidade de que estava à espera. Quando terminou, ergueu o olhar e sussurrou o nome de Ulbricht várias vezes, como se estivesse a falar diretamente ao ouvido dele. Por fim, não recebendo resposta, levantou-se e dirigiu-se à antessala. Ulbricht estava a limpar as Lagers.

— Werner, estou a chamá-lo há cinco minutos — disse Vogel, com uma voz quase inaudível.

— Peço desculpa, capitão. Não o ouvi.

— Quero ver o Müller logo pela manhãzinha. Marque-me uma reunião para amanhã.

— Sim, senhor.

— E, Werner, faça qualquer coisa ao raio dos ouvidos. Tive de gritar a plenos pulmões ali dentro.

Os bombardeiros chegaram à meia-noite quando Vogel dormia uma sesta intermitente no gabinete numa dura cama de campanha. Pôs os pés no chão, levantou-se e dirigiu-se para a janela enquanto os aviões zumbiam lá em cima. Berlim estremecia à medida que os primeiros fogos deflagravam nos bairros de Pankow e Weissensee. Vogel interrogou-se quanto mais poderia a cidade aguentar. Vastas secções da capital do Reich de mil anos já tinham sido reduzidas a destroços. Muitos dos mais famosos bairros da cidade pareciam desfiladeiros de tijolo pulverizado e aço retorcido. As tílias do Unter den Linden tinham sido queimadas, tal como grande parte dos bancos e lojas, outrora resplandecentes, que se estendiam pela ampla avenida. O famoso relógio da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm tinha-se imobilizado nas 7h30 desde novembro, quando os bombardeiros aliados tinham devastado quatrocentos hectares de Berlim numa única noite.

O memorando girava na sua cabeça enquanto ele observava o

ataque noturno.

ABWEHR/BERLIM XFU0465848261

PARA: CANARIS

DE: MULLER

DATA: 2 NOV43

A 21 DE OUTUBRO, O CAPITÃO DIETRICH DA BASE DE ASUNCION INTERROGOU O OPERACIONAL AMERICANO SCORPIO NA CIDADE DO PANAMÁ. COMO SABE, SCORPIO É UM DOS NOSSOS AGENTES MAIS IMPORTANTES NA AMÉRICA. OCUPA UMA POSIÇÃO IMPORTANTE NOS CÍRCULOS FINANCEIROS DE NOVA IORQUE E TEM BOAS RELAÇÕES EM WASHINGTON. É AMIGO PESSOAL DE MUITOS QUADROS SUPERIORES DO MINISTÉRIO DA GUERRA E DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS . ENCONTROU-SE PESSOAL-

MENTE com ROOSEVELT. AO LONGO DA GUERRA, AS SUAS INFORMAÇÕES TÊM SIDO ATEMPADAS E ALTAMENTE PRECISAS. RECORDE-LHE A INFORMAÇÃO QUE NOS FORNECEU ACERCA DAS REMESSAS DE ARMAS AMERICANAS PARA OS BRITÂNICOS .

DE ACORDO com SCORPIO, UM REPUTADO ENGENHEIRO AMERICANO CHAMADO PETER JORDAN FOI RECRUTADO PELA MARINHA AMERICANA NO MÊS PASSADO E ENVIADO PARA LONDRES PARA TRABALHAR NUM PROJETO DE CONSTRUÇÃO ALTAMENTE SECRETO. JORDAN NÃO POSSUI NENHUMA EXPERIÊNCIA MILITAR ANTERIOR. SCORPIO CONHECE JORDAN PESSOALMENTE E FALOU com ELE ANTES DA SUA PARTIDA PARA LONDRES.

SCORPIO AFIRMA QUE O PROJETO ESTÁ SEM DÚVIDA RELACIONADO com O PLANO DO INIMIGO PARA INVADIR A FRANÇA.

JORDAN É RESPEITADO PELO TRABALHO DESENVOLVIDO EM VÁRIOS PROJETOS IMPORTANTES DE PONTES AMERICANOS. JORDAN É VIÚVO. A MULHER, FILHA DO BANQUEIRO AMERICANO BRATTON LAUTERBACH, MORREU NUM ACIDENTE DE AUTOMÓVEL EM AGOSTO DE 1939 . SCORPIO ACHA QUE JORDAN É BASTANTE VULNERÁVEL A UMA ABORDAGEM DE UM ELEMENTO FEMININO.

JORDAN VIVE ATUALMENTE SOZINHO, NA ZONA DE LONDRES CONHECIDA COMO KENSINGTON

. SCORPIO FORNECEU A MORADA DA CASA, BEM COMO A COMBINAÇÃO DO COFRE QUE SE ENCONTRA NO ESTÚDIO . SUGIRA AÇÃO.

Vogel reparou num feixe de luz na soleira da porta e ouviu o arrastar da perna de pau de Ulbricht contra o chão. Os bombardeamentos perturbavam Ulbricht de um modo que ele não

conseguia pôr em palavras e que Vogel nunca seria capaz de compreender. Retirou o porta-chaves da gaveta da secretária e dirigiu-se a um dos armários de aço. O ficheiro encontrava-se dentro de uma pasta negra sem identificação. Vogel voltou para a secretária, serviu-se de um grande copo de conhaque e abriu o dossiê. Estava lá tudo, as fotografias, o material relativo aos antecedentes, os relatórios de execução. Mas não precisava de o ler. Tinha sido ele a escrevê-lo e, tal como a pessoa em questão, era amaldiçoado com uma memória perfeita.

Virou mais algumas páginas e encontrou as notas que tinha redigido depois do primeiro encontro entre ambos, em Paris. Por baixo delas, estava uma cópia do telegrama que lhe fora enviado pelo homem que a tinha descoberto, Emilio Romero, um rico proprietário rural espanhol, um fascista, um caçador de talentos para a Abwehr.

Ela é tudo aquilo de que andas à procura. Gostava de ficar com ela para mim, mas, como sou amigo, vou dar-ta. A um preço razoável, é claro.

Na sala, fez-se de repente um frio de gelar os ossos. Vogel deitou-se na cama de campanha e tapou-se com um cobertor.

Hitler quer resultados, Kurt. Talvez seja altura de trazermos para o jogo o teu velho ninho de espões.

Por vezes, imaginava-se a deixá-la infiltrada até tudo ter terminado e, a seguir, a encontrar algum modo de a tirar de lá. Mas ela era perfeita para aquilo, claro. Era linda, era inteligente e o seu inglês e o conhecimento que tinha da sociedade britânica eram irrepreensíveis. Virou-se e viu a fotografia de Gertrude e das filhas. Pensar que tinha fantasiado abandoná-las por ela. Tinha sido tão tolo. Desligou as luzes. O ataque aéreo tinha terminado. A noite era uma sinfonia de sirenes. Tentou dormir, mas era escusado. Não a conseguia tirar da cabeça.

Pobre Vogel, pus-te o coração de pernas para o ar, não foi?

Os olhos da fotografia perfuravam-no. Era obsceno olhar para eles, recordá-la. Levantou-se, dirigiu-se para a secretária e guardou a foto na gaveta.

— Por amor de Deus, Kurt! — exclamou Müller quando Vogel entrou no seu gabinete, na manhã seguinte. — Quem é que te tem cortado o cabelo, meu amigo? Deixa-me dar-te o nome da mulher que tem cortado o meu, talvez ela te possa ajudar.

Vogel, exausto depois de uma noite de pouco sono, sentou-se e contemplou em silêncio a figura diante dele. Paul Müller era responsável pela rede dos serviços de informações da Abwehr nos Estados Unidos. Era baixo, atarracado e estava impecavelmente vestido com um fato francês lustroso. Tinha o cabelo liso com brilhantina penteado para trás, deixando a descoberto o rosto de

querubim. A boca pequena era generosa e vermelha, como a de uma criança que acabou de comer doce de cereja.

— Vejam só, o grande Kurt Vogel aqui, no meu gabinete — exclamou Müller, com um sorriso afetado. — A que devo o privilégio?

Vogel retirou a cópia do memorando de Müller do bolso do casaco e abanou-a diante dele.

— Fala-me de Scorpio — disse.

— Então, o Velho lá fez circular finalmente o meu memorando. Olha para a data dessa maldita coisa. Dei-lhe isso há um mês e meio. Tem estado a apanhar pó na secretária dele. Essa informação é ouro. Mas vai para a Toca do Lobo e não volta mais — queixou-se Müller, fazendo depois uma pausa, acendendo um cigarro e lançando o fumo para o teto. — Sabes, Kurt, às vezes, pergunto-rne de que lado estará Canaris.

A observação não era invulgar naqueles tempos. Desde a prisão de vários membros do comando da Abwehr sob a acusação de traição, o moral em Tirpitz Ufer tinha caído para níveis até aí inauditos. Vogel pressentiu que a agência de serviços secretos militares da Alemanha se encontrava perigosamente à deriva. Tinha ouvido rumores de que Canaris deixara de agradar a Hitler. Havia até rumores entre o staffde que Himmler estava a conspirar para fazer cair Canaris e colocar a Abwehr sob o controlo das SS.

— Fala-me de Scorpio — repetiu Vogel.

— Jantei com ele em casa de um diplomata americano — revelou Miiller, atirando a cabeça redonda para trás e contemplando o teto. — Antes da guerra, em 1937, creio eu. vou verificar no dossiê dele para ter a certeza. O alemão do tipo era melhor do que o meu. Achava que os nazis eram um maravilhoso bando de companheiros a fazer grandes coisas pela Alemanha. A única coisa que ele odiava mais do que os judeus eram os bolcheviques. Foi como uma audição. Recrutei-o eu mesmo no dia seguinte.

A presa mais fácil da minha carreira.

— Quais são os antecedentes dele? Müller sorriu:

— Investimento bancário. Ivy League, bons contactos com a indústria, amizades com meia Washington. As informações dele sobre a produção de armamento têm sido excelentes.

Vogel estava a dobrar o memorando e a guardá-lo outra vez no bolso.

— E o nome dele?

— Vá lá, Kurt. É um dos meus melhores agentes.

— Quero o nome dele.

— Este sítio é como uma peneira, sabes disso. Se eu te disser, toda a gente fica a saber.

— Quero uma cópia do dossiê dele na minha secretária daqui a

uma hora — ordenou Vogel, com a voz baixa pouco mais do que um sussurro. — E quero tudo o que tenhas sobre o engenheiro.

— Posso dar-te as informações relacionadas com o Jordan.

— Quero tudo, e, se tiver de ir falar com o Canaris, faça isso.

— Oh, por amor de Deus, Kurt, não vais a correr ter com o tio Willy, pois não?

Vogel levantou-se e abotoou o casaco.

— Quero o nome dele e quero o dossiê dele. Vogel virou-se e saiu do gabinete.

— Kurt, volta aqui — gritou Müller. — Vamos resolver isto, por amor de Deus.

— Se quiseses falar, estou no gabinete do Velho — atirou Vogel afastando-se pelo corredor estreito.

— Muito bem, ganhaste — lançou Müller, com as mãos bem tratadas a vasculharem num arquivo. — Aqui está a merda do dossiê. Não tens de ir a correr ter com o tio Willy outra vez. Meu Deus, às vezes, és pior do que os cabrões dos nazis.

Vogel passou o resto da manhã a ler o dossiê sobre Peter Jordan. Quando terminou, retirou um par de ficheiros de um dos arquivos, voltou para a secretária e leu-os cuidadosamente.

O primeiro ficheiro continha informações sobre um irlandês que tinha trabalhado como espião durante um curto período de tempo, mas que deixara de o fazer porque as informações que recolhia eram consideradas fracas. Vogel ficara com o dossiê dele e colocara-o na folha de salários da Corrente-V. Vogel não estava preocupado com a péssima avaliação que o espião tinha recebido no passado — não andava à procura de um espião. Havia outras qualidades no agente que Vogel considerava interessantes. Era dono de uma pequena quinta, numa região isolada na costa de Norfolk, no Reino Unido. Era uma casa segura perfeita — suficientemente perto de Londres para se fazer a viagem de comboio em três horas, suficientemente longe para não estar cheia de agentes do MI5 à sua volta.

O segundo ficheiro continha o dossiê de um antigo paraquedista da Wehrmacht que fora impedido de continuar a saltar por causa de um ferimento na cabeça. O homem possuía todas as qualidades de que Vogel gostava — um inglês perfeito, bom olho para o pormenor, inteligência fria. Ulbricht tinha-o encontrado num posto de escuta de comunicações da Abwehr, no norte da França. Vogel colocou-o na folha de salários da Corrente-V e guardou-o para missões adequadas.

Vogel afastou os ficheiros e redigiu duas mensagens. Acrescentou os códigos a serem utilizados, as frequências em que as mensagens seriam enviadas e o horário de transmissão. De seguida, olhou para cima e chamou Ulbricht.

— Sim, Herr Kapitän — disse Ulbricht ao entrar no escritório,

coxeando pesadamente com a perna de pau.

Vogel olhou para Ulbricht durante um instante antes de falar, interrogando-se se o homem estaria à altura das exigências de uma operação como a que queria empreender. Ulbricht tinha vinte e sete anos, mas parecia ter, no mínimo, quarenta. Tinha o cabelo preto, cortado rente, salpicado de cinzento. Rugas de dor corriam como afluentes desde o canto do olho bom. Perdera o outro olho na explosão; a órbita vazia estava escondida por uma elegante pala negra. Uma Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro balançava-lhe ao pescoço. O botão de cima da túnica de Ulbricht estava desapertado porque o esforço que significava o mais simples movimento o punha a transpirar. Durante todo o tempo em que tinham trabalhado juntos, Vogel nunca ouvira Ulbricht queixar-se uma única vez.

— Quero que vá a Hamburgo amanhã à noite — informou Vogel, entregando a Ulbricht as transcrições das mensagens. — Mantenha-se ao pé do operador de rádio enquanto ele as estiver a enviar. Assegure-se de que não há nenhum engano. Certifique-se de que as confirmações dos agentes estão corretas. Se houver alguma coisa de invulgar, quero ser informado. Compreendido?

— Sim, senhor.

— Antes de ir, quero que me localize Horst Neumann. — Está em Berlim, creio eu.

— E onde é que está hospedado?

— Não tenho a certeza — disse Ulbricht. — Mas acho que há uma mulher envolvida.

— Normalmente há — disse Vogel, indo até à janela e olhando para baixo. — Contacte o staffãa quinta Dahlem. Diga-lhes que contem connosco hoje à noite. Quero que vá lá ter amanhã, quando regressar de Hamburgo. Diga-lhes que vamos ficar uma semana. Temos muita coisa a estudar. E diga-lhes para preparar a plataforma de salto no celeiro. Neumann já não salta de um avião há muito tempo. Vai precisar de treinar.

— Sim, senhor.

Ulbricht saiu, deixando Vogel sozinho no gabinete. Este ficou à janela durante bastante tempo, a pensar naquilo mais uma vez. Era o segredo mais bem guardado da guerra e planeava roubá-lo com uma mulher, um aleijado, um paraquedista que não podia saltar e um traidor britânico. Que grande equipa que tu reuniste, Kurt, meu velho. Se a sua pele não estivesse em jogo, teria achado tudo aquilo engraçado. Em vez disso, limitou-se a ficar ali, como uma estátua, observando a neve a acumular-se silenciosamente sobre o Tiergarten, roendo-se de preocupação.

SEIS

LONDRES

Os Serviços Secretos e de Segurança do Império Britânico mais conhecidos pela sua designação enquanto serviços secretos militares, MI5 — tinham a sua sede num pequeno e exíguo prédio de escritórios, no número 58 da St. James's Street. A ocupação do MI5 era a contraespionagem. No léxico da espionagem, contraespionagem significa proteger segredos; e, quando necessário, capturar espões. Durante grande parte dos seus quarenta anos de existência, os Serviços de Segurança labutaram à sombra do seu primo mais charmoso, os Serviços Secretos, ou MI6. Essas rivalidades internas não preocupavam muito o professor Vicary. Foi no MI5 que Vicary ingressou, em maio de 1940, e era aí que, numa noite sombria e chuvosa cinco dias depois da conferência secreta de Hitler em Rastenburg, continuava a poder ser encontrado.

O último andar era a reserva particular dos quadros superiores o gabinete do diretor-geral, o seu secretariado, os diretores-adjuntos e os chefes de divisão. Era lá que ficava o gabinete do brigadeiro Sir Basil Boothby, escondido por trás de um par de intimidantes portas de carvalho. Um par de luzes brilhava por cima das portas: uma vermelha, que significava que a sala estava demasiado exposta para se permitir o acesso, e outra verde, cujo significado era: entre por sua própria conta e risco. Vicary, como sempre, hesitou antes de carregar na campainha.

Vicary tinha sido convocado às nove horas, enquanto estava a fechar as suas coisas à chave no armário cinzento-escuro e a arrumar a cabana, o nome que dava ao seu pequeno gabinete. Quando o MI5 explodiu em tamanho, no início da guerra, o espaço tornou-se um bem precioso. Vicary foi relegado para um cubículo sem janelas, do tamanho de um armário de vassouras, com uma burocrática e desgastada carpete verde e uma pequena e robusta secretária de diretor de escola. O parceiro de Vicary, um antigo agente da Polícia Metropolitana chamado Harry Dalton, sentava-se com os outros membros menos importantes numa área comum, no centro do piso. Em torno desse sítio, havia uma azáfama própria de uma sala de redação, e Vicary apenas se aventurava até lá quando era

absolutamente necessário.

Oficialmente, Vicary ocupava o posto de major no Corpo dos Serviços Secretos, embora os postos militares não significassem quase nada dentro do departamento. A maioria do staff referia-se habitualmente a ele como Professor, e Vicary apenas tinha vestido o uniforme duas vezes. No entanto, a maneira de vestir de Vicary mudara. Abandonara os fatos de tweed da universidade, vestindo em vez disso fatos de um cinzento-escuro que tinha comprado antes de a roupa, tal como tudo o resto, ter sido racionada. Por vezes, deparava com um conhecido ou com um velho colega do University College. Apesar dos incessantes avisos do governo sobre os perigos de conversas imprudentes, perguntavam inevitavelmente a Vicary o que estava a fazer ao certo. Normalmente, ele sorria com ar cansado, encolhia os ombros e dava a resposta prescrita: estava a trabalhar num departamento muito aborrecido do Ministério da Guerra.

Por vezes, era aborrecido, mas não acontecia frequentemente. Churchill tinha razão — era tempo de regressar ao mundo dos vivos. A chegada ao MI5, em maio de 1940, tinha sido um renascimento. Desabrochou na atmosfera dos serviços secretos em tempo de guerra: as longas horas, as crises, até mesmo o chá horrível da cantina. Até tinha voltado a fumar cigarros, a que tinha renunciado no último ano em Cambridge. Adorava ser ator no teatro da realidade. Duvidava seriamente se conseguiria voltar a sentir-se satisfeito no santuário do mundo académico.

Era evidente que as horas e a tensão estavam a produzir os seus efeitos, mas nunca se sentira tão bem. Conseguia trabalhar mais tempo e precisava de dormir menos. Quando acabava por ir para a cama, adormecia imediatamente. À semelhança dos outros agentes, passava muitas noites na sede do MI5, dormindo na pequena cama de campanha que conservava fechada junto à secretária.

Apenas os maus-tratos infligidos aos óculos em meia-lua sobreviveram à catarse de Vicary — continuavam manchados e ameaçados e eram uma espécie de piada dentro do departamento. Em momentos de aflição, ainda os procurava batendo nos bolsos distraidamente e punha-os para se reconfortar.

Era o que fazia naquele momento, quando a luz por cima da porta do gabinete de Boothby ficou de repente verde. Vicary carregou na campainha, com o ar pensativo de um homem prestes a assistir ao funeral de um amigo de infância. A campainha tocou suavemente, a porta abriu-se e Vicary entrou.

O gabinete de Boothby era grande e largo, com belas pinturas, uma lareira a gás, valiosos tapetes persas e uma vista magnífica fornecida pelas janelas altas. Sir Basil deixou Vicary à espera os dez minutos da praxe e entrou por fim na sala, por uma segunda porta,

que ligava o gabinete ao secretariado do diretor-geral.

O brigadeiro Sir Basil Boothby tinha o tamanho e a escala típicos de um inglês — alto, magro, exibindo ainda sinais da agilidade física que tinha feito dele um atleta famoso nos tempos de estudante. Via-se isso no modo fácil como o braço forte segurava a bebida, nos ombros quadrados e no pescoço grosso, nos quadris estreitos onde calças, colete e casaco convergiam numa perfeição graciosa. Tinha a beleza vigorosa que um certo tipo de mulheres mais novas acha atraente. O cabelo e as sobrancelhas de um louro-acinzentado eram tão exuberantes que os espirituosos do departamento se referiam a ele como o escovilhão do quinto andar.

Oficialmente, pouco se sabia acerca da carreira de Boothby apenas que tinha feito parte das organizações de serviços secretos e contraterrorismo britânicas ao longo de toda a sua vida profissional. Vicary achava que a má-língua e os rumores que envolviam um homem diziam mais sobre ele do que o seu currículo vitae. As especulações acerca de Boothby tinham dado origem a uma atividade verdadeiramente próspera dentro do departamento. Segundo o que se dizia, Boothby tinha dirigido uma rede de espionagem durante a Primeira Guerra Mundial, que se infiltrara no estado-maior alemão. Em Deli, executou ele próprio um indiano acusado do assassinio de um cidadão britânico. Na Irlanda, espancou um homem até à morte com a coronha da pistola por se recusar a divulgar a localização de um esconderijo de armas. Era especializado em artes marciais e utilizava o tempo livre para manter a sua perícia. Era ambidestro e conseguia escrever, fumar, beber o gim e a cerveja amarga ou partir um pescoço com qualquer uma das mãos. Jogava ténis tão bem que poderia ter ganho o torneio de Wimbledon. Enganadora era a palavra utilizada mais frequentemente para descrever a forma como jogava e a capacidade para mudar de mão a meio de um jogo continuava a desconcertar os adversários. A sua vida sexual era muito discutida e debatida — um mulherengo implacável que tinha levado para a cama metade das datilógrafas e das raparigas da divisão dos Registos e, simultaneamente, homossexual.

Na opinião de Vicary, Sir Basil Boothby simbolizava tudo o que havia de errado nos serviços secretos britânicos entre as duas guerras mundiais — o inglês de boas famílias, educado em Eton e Oxford, que achava que o exercício secreto do poder era um direito adquirido por nascimento, tal como a fortuna da família e a mansão secular em Hampshire. Inflexível, indolente, ortodoxo, um polícia de sapatos feitos à mão e fato da Savile Row. Boothby tinha sido eclipsado intelectualmente pelos novos recrutas atraídos para o MI5 desde o início da guerra — os melhores cérebros das universidades, os melhores advogados dos escritórios mais prestigiados de Londres.

Naquele momento, encontrava-se numa posição nada invejável — a supervisionar homens que eram mais espertos do que ele, ao mesmo tempo que tentava ficar com os louros burocráticos pelas façanhas deles.

— Desculpe tê-lo feito esperar, Alfred. Tive uma reunião nas Salas de Guerra Subterrâneas com Churchill, o diretor-geral, Menzies e Ismay. Receio bem que tenhamos uma grave crise nas nossas mãos. Vou beber brandy com soda. O que vai tomar?

— Uísque — respondeu Vicary, observando Boothby.

Apesar de ser um dos agentes mais importantes do MI5, Boothby ainda tinha um orgulho infantil em pronunciar os nomes das pessoas poderosas com quem se encontrava regularmente. O grupo de homens que se tinha acabado de reunir na fortaleza subterrânea do primeiro-ministro era a elite da comunidade dos serviços secretos britânica durante o período da guerra — o diretor-geral do MI5, Sir David Petrie; o diretor-geral do MI6, Sir Stewart Menzies; e o chefe da equipa pessoal de Churchill, o general Sir Hastings Ismay. Boothby carregou num botão na mesa e pediu à secretária para trazer a bebida de Vicary. Foi até à janela, levantou a cortina opaca e olhou lá para fora.

— Peço a Deus que não venham outra vez hoje à noite, a maldita Luftwaffe. Era diferente em 1940. Era tudo novo e excitante, de um modo estranho. Transportar o próprio capacete de aço debaixo do braço para ir jantar. Correr para os abrigos. Assistir ao fogo nos telhados. Mas não acho que Londres consiga suportar outro inverno com uma Blitz em plena força. As pessoas estão todas tão cansadas. Cansadas, esfomeadas, esfarrapadas e fartas das humilhações mesquinhas que acompanham uma guerra. Não sei bem quanto mais é que este país consegue aguentar.

A secretária de Boothby trouxe a bebida de Vicary. Vinha no centro de uma bandeja de prata, em cima de um guardanapo de papel branco. Boothby tinha uma obsessão com as manchas de água na mobília do escritório. Sentou-se numa cadeira ao lado de Vicary e cruzou as pernas compridas, com a biqueira do sapato engraxado a apontar para a rótula de Vicary como uma arma carregada.

— Temos uma nova missão para si, Alfred. E de modo que possa compreender verdadeiramente a sua importância, decidimos que é necessário levantar um pouco o véu e mostrar-lhe um bocadinho mais do que lhe foi permitido ver até agora. Compreende o que lhe estou a dizer?

— Creio que sim, Sir Basil.

— O Alfred é que é o historiador. Sabe muito acerca de Sun-Tzu?

— A China do século iv a.C. não é propriamente a minha área, Sir Basil. Mas já o li.

— E sabe o que é que Sun-Tzu escreveu sobre o logro militar, Alfred?

— Sun-Tzu escreveu que toda a guerra tem por base o logro. Pregava que todas as batalhas eram ganhas ou perdidas antes de sequer serem travadas. O conselho era simples... ataca o inimigo quando ele está desprevenido e surge onde não és esperado. Disse que era vital minar o inimigo, subvertê-lo e corrompê-lo, semear a discórdia interna entre os seus líderes e destruí-lo sem o combater.

— Muito bem, Alfred — exclamou Boothby, visivelmente impressionado. — Infelizmente, nunca seremos capazes de destruir Hitler sem o combatermos. E para termos alguma hipótese de o derrotar num combate, temos de o enganar primeiro. Temos de prestar atenção a essas palavras sábias de Sun-Tzu. Temos de surgir onde não somos esperados.

Boothby levantou-se, dirigiu-se à secretária e trouxe uma pasta segura. Era de metal — da cor da prata polida — e tinha alças presas à pega.

— Está prestes a ser Bigoted- disse Boothby, abrindo a pasta.

— Peço desculpa?

— Bigoted- é uma classificação ultrassecreta desenvolvida especialmente para ocultar a invasão. O nome vem de um selo que colocámos em documentos transportados por agentes britânicos para Gibraltar para a invasão do Norte de África. To Gib — para Gibraltar. Apenas pusemos as letras ao contrário. To Gib tornou-se BIGOT.

— Estou a perceber — disse Vicary.

Quatro anos depois de ter chegado ao MI5, Vicary ainda considerava ridículos muitos dos nomes de código e classificações de segurança.

— BIGOT refere-se agora a quem conheça o segredo mais importante da Operação Overlord... o momento e o local da invasão da França. Se souber o segredo, é um BIGOT. Todos os documentos relacionados com a invasão levam um selo BIGOT.

Boothby abriu a pasta, meteu a mão lá dentro e tirou um dossiê bege. Pousou-o cuidadosamente na mesa de café. Vicary olhou para a capa e de seguida para Boothby. Estava identificada com a espada e o escudo do SHAEF — o Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas — e carimbada com um selo BIGOT. Por baixo, estavam as palavras Plano Bodyguard [Escolta], seguidas pelo nome de Boothby e um número de distribuição.

— É uma irmandade muito pequena aquela em que estás prestes a entrar... apenas algumas centenas de agentes — retomou Boothby. E há quem ache que isso já é demasiado. E também o devo informar de que os seus antecedentes pessoais e profissionais foram amplamente investigados. Nenhuma pedra ficou por virar, como se costuma dizer.

Fico feliz por lhe transmitir que não é membro conhecido de nenhuma organização fascista ou comunista, que não bebe em excesso, pelo menos em público, que não anda com mulheres dissolutas e que não é homossexual nem qualquer outro tipo de depravado sexual.

— É bom saber.

— E também o devo informar de que pode ser alvo de verificações de segurança e vigilância adicionais em qualquer altura. Nenhum de nós foi isentado disso. Nem mesmo o general Eisenhower.

— Compreendo, Sir Basil.

— Muito bem. Primeiro, gostava de lhe fazer uma pergunta ou duas. O seu trabalho tem-se debruçado sobre a invasão. O número de casos que tratou tem-lhe dado uma ideia sobre alguns dos preparativos. Onde acha que planeamos atacar?

— Baseado no pouco que sei, diria que os vamos atacar na Normandia.

— E como é que avalia as possibilidades de sucesso de um desembarque na Normandia?

— As invasões anfíbias são, por natureza, a mais complexa de todas as operações militares — respondeu Vicary. — Especialmente quando envolvem o canal da Mancha. Júlio César e Guilherme, o Conquistador, conseguiram fazê-lo. Napoleão e os espanhóis falharam. Hitler acabou por desistir em 1940. Eu diria que as probabilidades de uma invasão bem-sucedida não ultrapassam os cinquenta por cento.

Boothby resmungou:

— Se tanto, Alfred, se tanto.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro do gabinete.

— Até agora, conseguimos levar a bom porto três operações anfíbias... Norte de África, Sicília e Salerno. Mas nenhum desses desembarques envolveu uma costa fortificada.

Boothby parou de caminhar e olhou para Vicary.

— Tem razão, já agora. É na Normandia. E está agendado para o final da primavera. E para termos sequer essas suas probabilidades de sucesso de cinquenta por cento, Hitler e os generais deles têm de pensar que vamos atacar noutro lugar — revelou Boothby, sentando-se e pegando no dossiê. -

É por isso que desenvolvemos isto: chama-se Plano Bodyguard. Sendo historiador, acho que terá uma estima especial pelo Plano Bodyguard. É uma ruse de guerra de uma amplitude e ambição nunca antes tentadas.

O nome de código não significava nada para Vicary. Boothby prosseguiu com a sua palestra de doutrinação:

— Já agora, o Plano Bodyguard chamava-se Plano Jael. Recebeu o seu novo nome por respeito a uma observação bastante eloquente que

o primeiro-ministro fez a Estaline, em Teerão. Churchill disse: Em tempo de guerra, a verdade é tão preciosa que deve ser sempre acompanhada por uma escolta de mentiras. O Velho tem um certo jeito para as palavras, reconheço-lhe. O Plano Bodyguard não é apenas uma operação.

É o nome de código para todas as operações estratégicas de cobertura e logro que serão levadas a cabo numa escala global, com o intuito de enganar Hitler e o seu estado-maior em relação às nossas intenções no Dia D.

Boothby pegou no dossiê e folheou-o furiosamente.

— A componente mais importante do Plano Bodyguard é a Operação Fortitude [Fortaleza]. O objetivo da Fortitude é atrasar ao máximo a reação da Wehrmacht à invasão, levando-os a acreditar que outras partes do noroeste da Europa também estão sob ameaça direta de ataque, especificamente a Noruega e o Pas-de-Calais.

"O nome de código do logro norueguês é Fortitude Norte. O objetivo é forçar Hitler a deixar vinte e sete divisões na Escandinávia, convencendo-o de que planeamos atacar a Noruega, antes ou mesmo depois do Dia D. A Fortitude Sul é a mais crucial e, atrevo-me a dizer, a mais perigosa das duas operações.

Boothby passou para outra página do dossiê e suspirou profundamente.

— O objetivo da Fortitude Sul é convencer lentamente Hitler, os generais e os agentes secretos dele de que pretendemos organizar não uma invasão da França, mas duas. O primeiro ataque, de acordo com a Fortitude Sul, deverá ser uma manobra de diversão na baía do Sena, na Normandia. O segundo ataque, o golpe principal, terá lugar três dias mais tarde, do outro lado do estreito de Dover, em Calais. A partir de Calais, os nossos exércitos invasores podem seguir diretamente para leste e entrar na Alemanha em poucas semanas — explicou Boothby, fazendo uma pausa para dar um gole no brandy com soda e permitir que as suas palavras fossem assimiladas. — Segundo a Operação Fortitude, o objetivo do primeiro assalto é forçar Rommel e Von Rundstedt a lançarem as unidades Panzer de elite do Décimo Quinto Exército Alemão na Normandia, deixando assim Calais desprotegida quando a verdadeira invasão ocorrer. Obviamente, nós queremos que aconteça o contrário. Queremos que os Panzers do Décimo Quinto Exército se mantenham em Calais, à espera da verdadeira invasão, paralisados pela indecisão, enquanto desembarcamos na Normandia.

— De uma simplicidade brilhante.

— Absolutamente — retorquiu Boothby. — Mas com uma fraqueza flagrante. Não dispomos de homens suficientes para a levar a cabo. No final da primavera, haverá apenas trinta e sete divisões no Reino Unido, americanas, britânicas e canadianas, o que mal chega

para organizar um ataque contra a França, muito menos dois. Para que a Operação Fortitude tenha alguma possibilidade de sucesso, temos de convencer Hitler e os seus generais de que temos as divisões necessárias para organizar duas invasões.

— E como raio vamos fazer isso?

— Ora, vamos criar simplesmente um exército de um milhão de homens. Vamos fazê-lo aparecer como que por encanto, a partir, receio bem, do nada.

Vicary deu um gole na bebida e olhou fixamente para Boothby, de rosto incrédulo.

— Não podem estar a falar a sério.

— Podemos, sim, Alfred, estamos a falar muito a sério. Para que a invasão tenha a tal hipótese em duas de ser bem-sucedida, temos de convencer Hitler, Rommel e Von Rundstedt de que dispomos de uma força gigantesca e poderosa dissimulada nas falésias de Dover, à espera para atacar em força o outro lado do canal da Mancha, em Calais. Não a teremos, como é óbvio. Mas, quando terminarmos, os alemães vão acreditar que se encontram face a uma força viva e verdadeira, com umas trinta divisões. Se não acreditarem que essa força existe, se falharmos e perceberem o nosso logro, há uma grande probabilidade de o regresso à Europa, como Churchill lhe chama, acabar num fracasso sangrento e cataclísmico.

— E esse exército fantasma tem nome? — perguntou Vicary.

— Naturalmente: o First United States Army Group. FUSAG, para abreviar. Até tem um comandante, o próprio Patton. À sua disposição, Patton terá à volta de um milhão de homens. Correspondendo maioritariamente a nove divisões do Terceiro Exército dos Estados Unidos e a duas divisões do Primeiro Exército Canadano. O FUSAG até tem um quartel-general em Londres, em Bryanston Square.

Vicary pestanejou rapidamente, tentando digerir as informações extraordinárias que estava a receber. Imagine-se, criar um exército de um milhão de homens a partir do nada. Boothby tinha razão: era uma rase de guerre de proporções inimagináveis. Fazia o cavalo de Tróia de Ulisses parecer uma brincadeira de crianças.

— Hitler não é nenhum tolo, nem os generais dele. Aprenderam bem as lições de Clausewitz e Clausewitz deu alguns conselhos muito valiosos sobre a espionagem em tempo de guerra: Grande parte das informações obtidas na guerra é contraditória, uma parte ainda considerável é falsa e, de longe, a maior parte é duvidosa. Os alemães não vão acreditar que existe um exército de um milhão de homens acampado na zona rural de Kent só porque nós lhes dizemos que assim é.

Boothby sorriu, voltou a meter a mão na pasta e tirou outro dossiê.

— É verdade, Vicary. E foi por isso que inventámos isto: a Operação Mercury. O objetivo da Operação Mercury é dar carne e ossos ao nosso pequeno exército de fantasmas. Nas próximas semanas, à medida que as forças fantasma do FUSAG começarem a chegar ao Reino Unido, vamos inundar as ondas rádio de tráfego, com algumas comunicações enviadas em códigos que sabemos que os alemães já quebraram e outras em clair. Tudo tem de ser perfeito, exatamente como aconteceria se fôssemos colocar um verdadeiro exército de um milhão de homens em Kent. Quartéis-mestres a queixarem-se da falta de tendas. Messes insurgindo-se contra a escassez de comida e de talheres. Conversas via rádio durante os exercícios. A partir deste momento e até à invasão, vamos bombardear os postos de escuta deles no norte da França com perto de um milhão de mensagens. E algumas dessas mensagens darão aos alemães uma pequena pista, ínfimas informações sobre a localização das forças ou o seu posicionamento. Obviamente, queremos que os alemães descubram essas pistas e se agarrem a elas.

— Um milhão de mensagens via rádio? Como é isso possível?

— com o US 3103 Signals Service Battalion. Vão trazer uma equipa formidável — atores da Broadway, estrelas da rádio, especialistas em vozes. Homens que conseguem imitar o sotaque de um judeu de Brooklyn num minuto e o horrível tom arrastado de um trabalhador agrícola do Texas no outro. Vão gravar as mensagens falsas num estúdio, em discos de dezasseis polegadas, e depois emitilas em camiões a circular pela zona rural de Kent.

— Inacreditável — exclamou Vicary baixinho.

— Sim, completamente. E isso é só uma parte. A Operação Mercury é responsável pelo que os alemães vão ouvir através do ar. Mas também temos de ter em conta o que eles vão ver a partir do ar. Temos de fazer com que pareça que um gigantesco exército se está a reunir lenta e metodicamente no canto sudeste do país. Tendas que cheguem para albergar um milhão de homens, uma gigantesca armada de aviões, tanques e barcos de desembarque. Até vamos construir o raio de um depósito de gasolina em Dover.

Vicary disse:

— Mas, Sir Basil, de certeza que não dispomos de aviões, tanques e lanchas de desembarque suficientes para desperdiçar num logro.

— Claro que não. Vamos ser nós próprios a construí-los, com contraplacado e lona. Vistos do solo, vão parecer exatamente o que são: falsificações toscas e preparadas à pressa. Mas vistos do ar, pelas objetivas das câmaras de vigilância da Luftwaffe, vão parecer verdadeiros.

— E como podemos ter a certeza de que os aviões de vigilância vão conseguir penetrar nas nossas defesas?

Boothby fez um grande sorriso, terminou a bebida e acendeu um cigarro calmamente.

— Agora está a compreender, Alfred. Nós temos a certeza de que eles vão conseguir penetrar nas nossas defesas porque vamos deixar. Nem todos, claro. Eram capazes de perceber que havia marosca se fizéssemos isso. A RAF e os aviões americanos vão patrulhar constantemente os céus sobre o nosso FUSAG. E vão perseguir alguns dos invasores. Mas a alguns deles, apenas àqueles que estiverem a voar acima dos trinta mil pés, devo acrescentar, será permitido penetrar. Se tudo correr de acordo com o guião, os analistas de vigilância aérea de Hitler vão dizer-lhe a mesma coisa que os agentes responsáveis pelas escutas no norte da França lhe estão a dizer, que existe uma gigantesca força aliada a postos no Pas-de-Calais.

Vicary estava a abanar a cabeça.

— Comunicações via rádio e fotografias aéreas, duas das formas que os alemães têm para recolher informações acerca das nossas intenções. A terceira forma é, claro, através de espões.

Mas sobravam realmente alguns espões? Em setembro de 1939, no dia em que a guerra rebentou, o MI5 e a Scotland Yard empreenderam uma gigantesca rusga, reunindo todos aqueles de que desconfiavam. Foram todos presos, transformados em agentes duplos ou enforcados. Em maio de 1940, quando Vicary chegou, o MI5 estava prestes a capturar os novos espões que Canaris enviava para Inglaterra para recolherem informações sobre a futura invasão. Esses novos espões sofreram o mesmo destino que a vaga anterior.

Caçador de espões não era a expressão apropriada para descrever o que Vicary fazia no MI5. Era tecnicamente um agente da Operação Double Cross [Dupla Traição]. Tinha a missão de garantir que a Abwehr continuava a acreditar que os seus espões ainda se encontravam infiltrados, a recolher informações e a enviá-las para os agentes que os controlavam a partir de Berlim. Manter os agentes vivos, para a Abwehr, trazia vantagens óbvias. O MI5 tinha sido capaz de manipular os alemães desde o início da guerra, controlando o fluxo de informações saído das Ilhas Britânicas. Isso também fez com que a Abwehr não enviasse novos agentes para Reino Unido, já que Canaris e os agentes de controlo julgavam que a maioria dos espões ainda se encontrava ativa.

— Exato, Alfred. A terceira fonte de informações de Hitler sobre a invasão são os espões dele. Os espões de Canaris, melhor dizendo.

E nós sabemos como eles são eficazes. Os agentes alemães sob o nosso controlo vão dar um contributo vital ao Plano Bodyguard, confirmando a Hitler muito do que ele consegue ver a partir dos céus e ouvir através das ondas rádio. De facto, um dos nossos agentes duplos, Tate, já foi posto em jogo.

Tate ficou com esse nome de código por causa de uma extraordinária semelhança com o popular comediante de music hall Harry Tate. O seu nome verdadeiro era Wulf Schmidt, um agente da Abwehr que saltou de paraquedas de um Heinkel 111 para a zona rural de Cambridgeshire, na noite de 19 de setembro de 1940. Vicary, embora não lhe tivessem atribuído o caso Tate, sabia o essencial. Tendo passado a noite ao relento, enterrou o paraquedas e o rádio e, a seguir, dirigiu-se à povoação mais próxima. O primeiro sítio em que parou foi a barbearia de Wilfred Searle, onde comprou um relógio de bolso para substituir o relógio de pulso que tinha esmagado ao saltar do Heinkel. Depois, comprou um exemplar do Times à senhora Field, a vendedora de jornais, lavou o tornozelo inchado na bomba da povoação e tomou o pequeno-almoço num pequeno café. Por fim, às dez da manhã, foi preso pelo soldado Tom Cousins, da reserva territorial da zona. No dia seguinte, levaram-no de carro para as instalações de interrogatório do MI5, em Ham Common, no condado de Surrey, e foi aí que, após treze dias de interrogatório, Tate concordou em trabalhar como agente duplo e enviar mensagens da Operação Double Cross para Hamburgo através do rádio.

— A propósito, Eisenhower está em Londres. Do nosso lado, só um número muito restrito é que sabe disso. No entanto, Canaris sabe disso. E agora Hitler também o sabe. Na verdade, os alemães sabiam que Eisenhower estava cá antes de ele se instalar para passar a primeira noite em Hayes Lodge. E sabiam que ele estava cá porque Tate lhes disse que ele estava cá. Foi perfeito, claro, uma informação aparentemente importante, mas no entanto completamente inofensiva. Agora, a Abwehr acha que Tate tem uma fonte importante e credível dentro do SHAEF. Essa fonte será crucial à medida que a invasão se aproximar. Vão dar uma mentira importante a Tate para ele transmitir. E, com alguma sorte, a Abwehr também vai acreditar nela.

"Nas próximas semanas, os espiões de Canaris vão começar a ver sinais de um grande aumento de homens e material no sudeste de Inglaterra. Vão ver tropas canadianas e americanas. Vão ver acampamentos e áreas de reagrupamento. Vão ouvir histórias do povo britânico acerca dos terríveis inconvenientes de ter tantos soldados amontoados num lugar tão pequeno. Vão ver o general Patton a andar pelas povoações da East Anglia com as suas botas engraxadas e o seu revólver com a coroa de marfim. Os que forem bons até vão ficar a saber os nomes dos comandantes de topo deste exército e enviar esses nomes para Berlim. A sua própria rede da Operação Double Cross vai desempenhar um papel decisivo, Alfred.

Boothby parou por uns instantes, esmagou o cigarro e acendeu outro logo de imediato.

— Mas o Alfred está a abanar a cabeça. Suspeito que tenha

descoberto o calcanhar de Aquiles de todo este plano de logro.

Os lábios de Vicary curvaram-se num sorriso cuidadoso. Porventura, Boothby, sabendo do amor de Vicary pela história e tradições gregas, percebera que ele iria pensar automaticamente na Guerra de Tróia ao ser informado dos pormenores da Operação Fortitude.

— Posso? — perguntou Vicary, apontando para o maço de cigarros Player's. — Acho que deixei os meus lá em baixo.

— Claro — respondeu Boothby, passando o maço a Vicary e oferecendo-lhe a chama do seu isqueiro.

— Aquiles morreu depois de ser atingido por uma seta no seu único ponto vulnerável, o calcanhar — disse Vicary. — O calcanhar de Aquiles da Operação Fortitude é o facto de poder ir por água abaixo com um relatório genuíno de uma fonte em que Hitler confie. Será necessário manipular por completo todas as fontes de informação que Hitler e os seus agentes secretos possuam. Têm todas de ser envenenadas para que a Operação Fortitude funcione. Hitler tem de ser apanhado numa rede completa de mentiras. Se uma nesga de verdade conseguir passar, todo o estratagema poderá ir por água abaixo.

Parando para fumar o seu Player's, Vicary não pôde resistir a estabelecer um paralelo histórico.

— Quando acabaram com Aquiles, a armadura dele foi dada a Ulisses. A nossa armadura, receio bem, vai ser dada a Hitler.

Boothby pegou no copo vazio e girou-o conscientemente na sua larga palma da mão.

— Esse é o perigo inerente a todos os logros militares, não é, Alfred? Indicam quase sempre o caminho para a verdade. O general Morgan, o autor do plano da invasão, disse-o melhor. Bastaria um espião decente alemão percorrer a costa sul de Inglaterra, da Cornualha a Kent. Se isso acontecesse, tudo isto desabaria. E, ao mesmo tempo, as esperanças da Europa. E foi por isso que estivemos a noite toda enfiados numa sala com o primeiro-ministro e é por isso que o Alfred está aqui agora.

Boothby levantou-se e recomeçou a andar lentamente de um lado para o outro do gabinete.

— A partir deste momento, estamos a agir partindo do pressuposto de que envenenámos de facto todas as fontes de informação de Hitler. E também estamos a agir partindo do pressuposto de que temos todos os espões de Canaris no Reino Unido contabilizados e de que nenhum está a atuar fora do nosso controlo. Não nos estaríamos a lançar num estratagema como a Operação Fortitude se não fosse esse o caso.

Boothby afastou-se da fraca luz do candeeiro e desapareceu num

canto escuro do gabinete.

— Na semana passada, Hitler organizou uma conferência em Rastenburg. Estiveram lá os pesos pesados todos, Rommel, Von Rundstedt, Canaris e Himmler. O assunto foi a invasão.

Especificamente, o momento e o local da invasão. Hitler encostou uma arma à cabeça de Canaris — figurativamente, não literalmente — e ordenou-lhe que descobrisse a verdade ou teria de enfrentar consequências bastante penosas. Canaris, por sua vez, atribuiu essa tarefa a um homem da sua equipa chamado Vogel, Kurt Vogel. Até agora, sempre acreditámos que Kurt Vogel era o conselheiro legal de Canaris. Como é óbvio, estávamos enganados. A sua missão, Alfred, é garantir que Kurt Vogel não descobre a verdade. Não tive oportunidade de ler o dossiê dele. Suspeito que a divisão dos Registos possa ter alguma coisa sobre ele.

— Certo — exclamou Vicary.

Boothby estava outra vez iluminado pela ténue luz. Franzziu o sobrolho ligeiramente, como se tivesse ouvido por acaso alguma coisa desagradável na sala ao lado, e depois mergulhou num longo silêncio especulativo.

— Alfred, quero que uma coisa fique completamente clara desde o início deste caso. O primeiro-ministro insistiu para que a missão lhe fosse atribuída a si, perante as enérgicas objeções do diretor-geral e as minhas.

Vicary fitou Boothby olhos nos olhos por um momento e, a seguir, sentindo-se embaraçado com o comentário, desviou o olhar. Deixou que os olhos divagassem pelas paredes.

Pelas dezenas de fotografias de Sir Basil com pessoas famosas. Pelo painel de carvalho muito bem polido. Pelo velho remo pendurado na parede, estranhamente desenquadrado naquele cenário formal. Talvez fosse uma recordação de tempos mais felizes e menos complicados, pensou Vicary. De um rio gelado ao nascer do Sol. De Oxford contra Cambridge. De viagens de comboio para casa em tardes frescas de outono.

— Permita-me que lhe explique o comentário. O Alfred tem feito um ótimo trabalho. A sua rede Becker tem-se revelado um sucesso assombroso. Mas tanto o diretor-geral como eu achamos que um homem mais experiente se poderia adequar melhor a um caso como este.

— Compreendo — retorquiu Vicary.

Um homem mais experiente significava um oficial de carreira e não um desses novos recrutas de que Boothby desconfiava tanto.

— Mas, obviamente — retomou Boothby -, não fomos capazes de convencer o primeiro-ministro de que o Alfred não era o melhor homem para este caso. Por isso, é seu. Vá-me atualizando

regularmente sobre os desenvolvimentos. E boa sorte, Alfred. Suspeito que vá precisar.

SETE

LONDRES

Em janeiro de 1944, o clima tinha reocupado o seu lugar enquanto obsessão principal do povo britânico. O verão e outono tinham sido invulgarmente secos e quentes; o inverno, quando chegou, invulgarmente frio. Nevoeiros gelados subiam do rio, assolavam Westminster e Belgravia, pairavam como o fumo de um revólver sobre as ruínas de Battersea e Southwark. A Blitz era pouco mais do que uma recordação longínqua. As crianças tinham regressado. Enchiam as lojas de brinquedos e os grandes armazéns, com as mães a reboque, trocando prendas de Natal que não queriam por artigos mais convenientes. Na noite de Ano Novo, grandes multidões atolaram Piccadilly Circus. Tudo poderia até ter parecido normal, não fosse a celebração ter tido lugar na escuridão do blackout. Mas, passados alguns dias, a Luftwaffe, depois de uma longa e agradável ausência, regressou aos céus de Londres.

Às oito horas dessa noite, Catherine Blake correu pela ponte de Westminster. Havia incêndios ao longo do East End e das docas, projéteis luminosos e holofotes cruzavam o céu noturno. Catherine conseguia ouvir o baque surdo do fogo proveniente das baterias antiaéreas em Hyde Park e ao longo do Embankment e sentir o sabor acre do fumo vindo dos céus. Sabia que a aguardava uma noite longa e atarefada.

Virou para a Lambeth Palace Road e ocorreu-lhe um pensamento absurdo — estava absolutamente esfomeada. Nunca houvera tão pouca comida disponível. O outono seco e o frio implacável do inverno tinham-se aliado para eliminar quase todas as verduras do país. As batatas e as couves-de-bruxelas eram iguarias. Os nabos e as rutabagas eram os únicos alimentos abundantes. Pensou: Se eu tiver de comer mais um nabo, dou um tiro na cabeça. Ainda assim, suspeitava que as coisas estariam muito piores em Berlim.

Um polícia — um homem baixo e gordo que parecia demasiado velho para entrar no exército — vigiava a entrada da Lambeth Palace Road. Levantou a mão e, gritando acima dos uivos das sirenes de ataque aéreo, pediu-lhe a identificação.

Como sempre, o coração de Catherine pareceu parar.

Mostrou-lhe um distintivo que a identificava como membro do Serviço de Voluntariado Feminino. O polícia deu uma olhadela ao distintivo e depois à cara dela. Catherine tocou no ombro do polícia e inclinou-se para ele de modo que quando falasse ele sentisse a respiração dela no ouvido. Era uma técnica que utilizava há vários anos para neutralizar os homens.

Catherine disse:

— Sou enfermeira voluntária no Hospital St. Thomas.

O polícia levantou os olhos. Pela expressão que tinha no rosto, Catherine percebeu que ele já não era uma ameaça. Estava a sorrir estupidamente, contemplando-a como se tivesse acabado de se apaixonar. A reação não era nenhuma novidade para Catherine. Ela era extraordinariamente bonita e tinha utilizado essa beleza como uma arma durante toda a vida.

O polícia devolveu-lhe a sua identificação.

— As coisas estão muito más?

— Bastante: tenha cuidado e mantenha a cabeça baixa.

A necessidade de ambulâncias em Londres excedia de longe a oferta. As autoridades deitavam a mão a tudo o que pudesse servir, carrinhas de entrega, camiões do leite, qualquer coisa com quatro rodas, um motor e espaço na parte de trás para um ferido e um médico. Catherine reparou numa cruz vermelha pintada sobre o nome desbotado de uma popular padaria local, numa das ambulâncias que seguiam em catadupa para a entrada das urgências do hospital.

Catherine começou a andar mais depressa, seguindo a ambulância, e entrou no hospital. A confusão era total. As urgências estavam cheias de feridos. Pareciam estar por todo o lado: no chão, nos corredores, até mesmo no posto das enfermeiras. Alguns gritavam. Outros estavam sentados a olhar espantados, demasiado aturdidos para compreenderem o que lhes tinha acontecido. Dezenas de doentes ainda não tinham sido vistos por um médico ou uma enfermeira. E a cada minuto chegavam mais.

Catherine sentiu uma mão no ombro.

— Não há tempo para ficar aí especada, Miss Blake. Catherine virou-se e viu o rosto severo de Enid Pritt. Antes da guerra, Enid era uma mulher simpática, por vezes confusa, acostumada a lidar com casos de gripe e, de vez em quando, com quem fosse derrotado numa luta de navalhas à porta de um pub, num sábado à noite. Tudo isso tinha mudado com a guerra. Andava direita como uma estaca e falava numa voz clara de parada militar, nunca utilizando mais do que as palavras necessárias para se referir a um assunto. Dirigia uma das enfermarias mais movimentadas de toda a cidade de Londres sem qualquer dificuldade. Um ano antes, o marido, de vinte e oito anos, morrera na Blitz. Enid Pritt não tinha feito luto. Isso podia esperar até

que os alemães fossem derrotados.

— Não os deixe perceberem aquilo em que está a pensar, Miss Blake — disse Enid Pritt rispidamente. — Assusta-os ainda mais. Tire o casaco e mãos à obra. Há pelo menos cento e cinquenta feridos só neste hospital e as morgues estão a encher-se rapidamente. Disseram-me para esperar ainda mais gente.

— Já não via isto assim desde setembro de 1940.

— É por isso que eles precisam de si. Agora, mãos à obra, minha menina, o mais depressa que puder.

Enid Pritt atravessou as urgências como um comandante num campo de batalha. Catherine observou-a a repreender outra jovem enfermeira por causa de um curativo desajeitado. Enid Pritt não tinha favoritas, era dura com todas as enfermeiras e voluntárias. Catherine pendurou o casaco e avançou por um corredor cheio de feridos. Começou por uma rapariguinha que estava a apertar um urso de peluche esfarrapado e chamuscado.

— Onde te dói, pequenina?

— No braço.

Catherine enrolou a manga da camisola da rapariga, deixando ver um braço que se encontrava obviamente partido. A criança estava em choque e não tinha consciência da dor. Catherine manteve-a a falar, tentando com que não pensasse na ferida.

— Como te chamas, querida? -;

— Ellen.

— E onde moras?

— Em Stepney, mas a nossa casa já não está lá. A voz dela estava calma e não revelava emoção.

— E onde estão os teus pais? Estão aqui contigo?

— O bombeiro disse-me que agora estão com Deus. Catherine não disse nada, apenas segurou a mão da menina.

— O médico já vem ver-te. Fica só quietinha e não tentes mexer o braço. Está bem, Ellen?

— Sim — respondeu ela. — És muito bonita. Catherine sorriu.

— Obrigada. Queres saber uma coisa?

— O quê?

— Tu também.

Catherine avançou novamente pelo corredor. Um homem de idade, com uma contusão no cimo da careca, olhou para ela enquanto Catherine examinava a ferida.

— Estou ótimo, menina. Há muita gente pior do que eu. Olhe por eles primeiro.

Ela alisou-lhe o parco e desgrenhado cabelo grisalho e fez o que ele pediu. Era uma qualidade que ela tinha visto nos ingleses uma e outra vez. Era um disparate Berlim retomar a Blitz. Quem lhe dera que

lhe fosse permitido dizer-lhes isso.

Catherine continuou a avançar pelo corredor, cuidando dos feridos, ouvindo as histórias deles enquanto trabalhava.

— Eu estava na cozinha a servir-me da porra de uma chávena de chá quando BOOM! Uma bomba de quatrocentos e cinquenta quilos rebenta-me mesmo à porra da porta de casa. Quando dei por mim, estou estatelado de costas no meio do que dantes era o meu jardim, a olhar para uma pilha de destroços que dantes era a porra da minha casa.

— Tem cuidado com a língua, George. Estás a ser mal-educado. Além disso, há crianças aqui.

Isso não foi assim tão mau, companheiro. A casa em frente à minha, do outro lado da rua, apanhou com uma bomba mesmo em cima. Uma família de quatro pessoas, gente boa, exterminada.

Uma bomba caiu ali perto; o hospital estremeceu.

Uma freira, gravemente ferida, abençoou-se e começou a dizer um pai-nosso para que as outras pessoas a acompanhassem.

— Vai ser preciso mais do que uma oração para expulsar a Luftwaffe dos céus hoje à noite, irmã.

— ... venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade...

— Perdi a minha mulher na Blitz de 1940. Acho que também devo ter perdido a minha única filha esta noite.

— ... assim na Terra como no Céu...

— Que guerra, irmã, que porra de guerra.

— ... assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido...

— Sabes, Mervin, tenho a impressão de que Hitler não gosta muito de nós.

— Também reparei nisso.

Nas urgências irromperam gargalhadas.

Dez minutos mais tarde, quando a freira decidiu que a oração tinha chegado ao fim, começou a inevitável cantoria.

— ... Atira capara fora o barril... Catherine abanou a cabeça.

— ... Vamos ter um barril de alegria...

Mas, passado um momento, deu por si a cantar com o resto das pessoas.

Na manhã seguinte, eram oito horas quando entrou no seu apartamento. O correio da manhã tinha chegado. A senhoria, a senhora Hodges, enfiava-lho sempre por baixo da porta. Catherine curvou-se, apanhou o correio e lançou de imediato três dos envelopes no caixote do lixo da cozinha. Não precisava de os ler porque ela mesma os tinha escrito e enviado de diferentes locais de Londres. Em circunstâncias normais, Catherine não receberia cartas pessoais, já que não tinha amigos nem família no Reino Unido. Mas seria estranho que uma rapariga atraente e educada nunca se correspondesse com

ninguém — e a senhora Hodges era um pouco bisbilhoteira — e, por isso, Catherine lançou-se num intrincado estratagema para garantir que recebia um fluxo constante de postais e cartas pessoais.

Foi à casa de banho e abriu as torneiras por cima da banheira. A pressão era baixa, a água gotejava da torneira num fio, mas pelo menos estava quente. Havia pouca água por causa do verão e outono secos e o governo ameaçava racioná-la também. Encher a banheira demoraria alguns minutos.

Quando foi recrutada, Catherine Blake não estava em posição de fazer exigências, mas tinha feito uma — dinheiro que lhe permitisse viver confortavelmente. Tinha sido educada em grandes casas geminadas e em vastas propriedades rurais — os pais eram da classe alta, e passar a guerra numa pensão qualquer parecida com um casebre, partilhando uma casa de banho com seis outras pessoas, estava fora de questão. Segundo o seu disfarce, era uma viúva de guerra, de uma família da classe média de respeitáveis recursos, e o apartamento assentava na perfeição — um conjunto de divisões, modesto mas confortável, numa casa vitoriana em Earl's Court.

A sala de estar era acolhedora, parcamente mobilada, embora um estranho pudesse ficar impressionado com a completa ausência de artigos pessoais. Não havia fotografias nem lembranças. Tinha um quarto com uma cama de casal confortável, uma cozinha com todos os eletrodomésticos modernos e a sua própria casa de banho, com uma grande banheira.

O apartamento tinha outras características que uma inglesa comum a viver sozinha poderia não exigir. Ficava no último piso, onde a mala rádio AFU podia receber transmissões de Hamburgo com pouca interferência, e a janela de sacada vitoriana, na sala de estar, tinha uma vista desimpedida da rua lá em baixo.

Dirigiu-se para a cozinha e colocou uma chaleira de água ao lume. O trabalho de voluntariado consumia-lhe tempo e deixava-a exausta, mas era essencial para o disfarce. Toda a gente estava a fazer alguma coisa para ajudar. Não iria parecer bem uma rapariga saudável e sem família não fazer nada em prol do esforço de guerra. Ir trabalhar para uma fábrica de munições era arriscado — o disfarce poderia não resistir a uma verificação de antecedentes minuciosa — e alistar-se no ramo feminino da Marinha Real Britânica estava fora de questão. O Serviço de Voluntariado Feminino era a solução de compromisso perfeita. Precisavam desesperadamente de pessoas. Quando Catherine se candidatou, em setembro de 1940, foi colocada ao serviço nessa mesma noite. Tratava de feridos no Hospital St. Thomas e distribuía livros e biscoitos no metropolitano durante os ataques aéreos noturnos. A julgar pelas aparências, era a rapariga inglesa modelo a cumprir o seu dever.

Por vezes, não podia deixar de se rir.

A chaleira apitou. Voltou para a cozinha e fez chá. Como todos os londrinos, tinha ficado viciada em chá e cigarros; parecia que o país inteiro vivia de tanino e tabaco e Catherine não era exceção. Tinha esgotado a ração de leite em pó e de açúcar e, por isso, bebeu o chá sem mais nada. Em momentos como aquele, sentia saudades do café forte e amargo de casa e de um pedaço de bolo de Berlim.

Terminou a primeira chávena de chá e encheu a segunda. Queria tomar banho, enfiar-se na cama e dormir sem parar, mas tinha trabalho a fazer e precisava de se manter acordada. Teria chegado a casa uma hora mais cedo se se deslocasse por Londres como uma mulher comum. Teria atravessado Londres de metro até EarPs Court. Mas Catherine não se deslocava por Londres como uma mulher comum. Tinha apanhado um comboio, depois um autocarro, a seguir um táxi e depois outro autocarro. Tinha saído do autocarro antes da paragem indicada e feito os últimos quatrocentos metros até ao apartamento a pé, verificando constantemente se não estava a ser seguida. Quando chegou por fim a casa, estava ensopada da chuva, mas tinha a certeza de que estava só. Passados mais de cinco anos, alguns agentes poderiam ficar tentados a tornarem-se complacentes. Era uma das razões que explicavam que ela tivesse sobrevivido quando outros tinham sido presos e enforcados.

Entrou na casa de banho e despiu-se à frente do espelho. Era alta e estava em forma; vários anos de duras cavalgadas e caçadas tinham-na tornado muito mais forte do que a maioria das mulheres e muitos homens. Era larga de ombros e tinha braços macios e firmes como uma estátua. Os seios eram redondos e pesados, muitíssimo bem feitos, e a barriga firme e lisa. Como quase toda a gente, estava mais magra do que era antes da guerra. Retirou o gancho que lhe prendia o cabelo num discreto carrapito de enfermeira, deixando-o cair para o pescoço e ombros, enquadrando-lhe o rosto. Os olhos eram de um azul muito claro — da cor de um lago prussiano, dizia-lhe o pai sempre — e as maçãs do rosto largas e proeminentes, mais alemãs do que inglesas. O nariz era comprido e delicado, a boca generosa e com lábios sensuais.

Pensou: Bem vistas as coisas, ainda és uma mulher muito atraente, Catherine Blake.

Entrou na banheira, sentindo-se de repente muito só. Vogel tinha-a advertido em relação à solidão. Ela nunca imaginara que pudesse ser tão intensa. Por vezes, conseguia ser até pior do que o medo. Achava que seria preferível estar completamente só — isolada numa ilha deserta ou no cimo de uma montanha — em vez de rodeada de pessoas em que não podia tocar.

Não tinha permitido a si própria ter um amante desde o rapaz na

Holanda. Sentia falta dos homens e sentia falta do sexo, mas conseguia viver sem ambos. O desejo, tal como todas as suas emoções, era algo que conseguia ligar e desligar como um interruptor. Além disso, ter um homem era difícil com o seu tipo de trabalho. Os homens tinham tendência a ficar obcecados com ela. A última coisa de que precisava era de um homem perdido de amores a investigar o seu passado.

Catherine acabou de tomar banho e saiu da banheira. Penteou o cabelo molhado rapidamente e vestiu o roupão. Foi à cozinha e abriu a porta da despensa. As prateleiras estavam vazias. A mala rádio estava na prateleira de cima. Tirou-a de lá e levou-a para a sala de estar, junto à janela, onde a receção era melhor. Abriu a tampa e ligou o rádio.

Havia outra razão que explicava que nunca tivesse sido apanhada — Catherine não fazia transmissões. Todas as semanas, ligava o rádio por um período de dez minutos. Se Berlim tivesse ordens para ela, enviar-lhas-ia.

Durante cinco anos, não tinha havido nada, apenas o assobiar da atmosfera.

Tinha comunicado com Berlim apenas uma vez, na noite a seguir a ter assassinado a mulher em Suffolk e assumido a identidade dela. Eeatrice Pymm... Nesse momento, pensou na mulher sem sentir remorsos. Catherine era um soldado e durante a guerra os soldados eram obrigados a matar. Além disso, o crime não tinha sido gratuito — era absolutamente necessário.

Havia duas maneiras de um agente se introduzir no Reino Unido: clandestinamente, de paraquedas ou num pequeno barco, ou abertamente, como passageiro de um barco ou avião. Cada um dos métodos tinha os seus inconvenientes. Tentar introduzir-se no país sem ser detetado a partir do ar ou de um pequeno barco era arriscado. O agente poderia ser localizado ou ferir-se na queda; aprender simplesmente a saltar de paraquedas teria acrescentado meses ao treino já interminável de Catherine. O segundo método, entrar por meios legais, também acarretava os seus perigos. O agente teria de passar pela zona de controlo de passaportes. A data e o porto de entrada ficariam registados. Quando a guerra rebentasse, o MI5 iria certamente contar com esses registos para localizar os espões. Se um estrangeiro entrasse no país e nunca mais saísse, o MI5 poderia assumir com segurança que essa pessoa era um agente alemão. Vogel engendrou uma solução — entrar no Reino Unido de barco, em segurança, e a seguir eliminar o registo da entrada eliminando a pessoa em causa. Simples, tirando uma coisa — era necessário um cadáver. Beatrice Pymm, ao morrer, tornou-se Christa Kunst. O MI5 nunca descobrira Catherine porque nunca a tinha procurado. A entrada e a saída dela do país estavam ambas justificadas. Não faziam

ideia de que ela existisse sequer.

Catherine encheu outra chávena de chá, colocou rapidamente os auscultadores e aguardou.

Quase entornou o chá em cima de si quando, cinco minutos mais tarde, o rádio começou a fazer barulho.

O operador em Hamburgo premiu ritmadamente uma sucessão de sinais em código.

Os operadores de rádio alemães tinham a reputação de serem os mais precisos do mundo. E também os mais rápidos. Catherine esforçou-se por acompanhá-lo. Quando o operador em Hamburgo terminou, ela pediu-lhe que repetisse a mensagem.

Ele fê-lo, mais lentamente. ;

Catherine agradeceu e desligou.

Levou alguns minutos a encontrar o livro de códigos e mais outros tantos para descodificar a mensagem. Quando terminou, olhou pasmada para ela, incrédula.

Executar rendezvous alfa...

Kurt Vogel queria finalmente que ela se encontrasse com outro agente.

OITO

HAMPTON SANDS, NORFOLK

A chuva varria a costa de Norfolk enquanto Sean Dogherty, entorpecido por cinco canecas de cerveja aguada, tentava montar a bicicleta à porta do Hampton Arms. Conseguiu, à terceira tentativa, e dirigiu-se para casa. Dogherty, pedalando com firmeza, mal reparou na aldeia. Era de facto um lugar desolador, um aglomerado de chalés ao longo de uma única rua, a loja da aldeia, o pub Hampton Arms. A tabuleta já não era pintada desde 1938; a tinta, como quase tudo o resto, tinha sido racionada. A St. John's Church elevava-se na extremidade leste. O cemitério ficava à saída da aldeia. Dogherty benzeu-se inconscientemente ao passar pelo portão e, a seguir, atravessou a ponte de madeira que se estendia sobre a enseada. Passado um momento, a aldeia já tinha desaparecido atrás dele.

Caía a noite; Dogherty esforçou-se por manter a bicicleta direita no trilho cheio de buracos. Era um homem baixo, com cinquenta anos, olhos verdes muito enterrados na cara e uma barba grisalha desmazelada. O nariz, arrebitado e torto, tinha sido partido mais vezes do que se queria lembrar durante uma breve carreira como pugilista de peso meio-médio, em Dublin, e mais umas quantas em lutas de rua, bêbado. Usava um oleado e um gorro de lã. O ar frio cortava-lhe a pele exposta do rosto: o ar do mar do Norte, parecido com uma lâmina, com o perfume dos campos de gelo do Ártico e dos fiordes noruegueses por onde tinha passado antes de assolar a costa de Norfolk.

A cortina de chuva afastou-se e o terreno tornou-se visível: extensos campos cor de esmeralda, planícies de lama cinzenta sem fim, pântanos de água salgada cheios de juncos e vegetação. À esquerda, uma praia vasta, aparentemente infinita, estendia-se até ao mar. À direita, não muito longe, colinas verdes erguiam-se suavemente até atingirem uma nuvem baixa. Dois gansos-de-brent, vindos da Sibéria para passarem o inverno, levantaram voo dos pântanos e depois pousaram sobre a água, com as asas a baterem delicadamente. Um habitat perfeito para muitas espécies de pássaros, a costa de Norfolk tinha sido em tempos um destino turístico popular. Mas a guerra tinha tornado a observação de aves praticamente

impossível. Grande parte de Norfolk estava transformada numa zona militar restrita e o racionamento de gasolina tinha deixado poucos cidadãos com meios para viajarem para um canto tão isolado do país. E quando os tinham, era difícil encontrar o caminho para lá. Na primavera de 1940, com a febre provocada pelo receio de uma invasão a aumentar, o governo tinha retirado todos os sinais de trânsito.

Mais do que outros residentes da costa de Norfolk, Sean Dogherty reparava nessas coisas com especial atenção. Em 1940, tinha sido recrutado para espiar ao serviço da Abwehr e tinha-lhe sido atribuído o nome de código de Esmeralda.

O chalé surgiu ao longe, com o fumo a elevar-se suavemente da chaminé para logo depois ser cortado pelo vento e estender-se pelo prado extenso. Era uma pequena propriedade num terreno arrendado, mas proporcionava uma subsistência modesta — um pequeno rebanho de ovelhas que lhes dava lã e carne, galinhas, uma pequena colheita de tubérculos que, por esses dias, obtinha bons preços no mercado. Dogherty possuía inclusivamente uma velha carrinha em mau estado e transportava géneros das quintas vizinhas para o mercado de King's Lynn. Em resultado disso, foi-lhe atribuída uma ração de gasolina para a agricultura, mais do que a ração civil normal.

Virou para o caminho de entrada do chalé, saiu da bicicleta e empurrou-a pelo trilho cheio de buracos, em direção ao celeiro. Por cima da cabeça, ouvia o rumor dos bombardeiros Lancaster a levantarem voo das bases em Norfolk. Recordava-se de uma época em que os aviões vinham da direção contrária — os pesados Heinkels da Luftwaffe, espalhando-se sobre o mar do Norte, em direção aos centros industriais de Birmingham e Manchester. Mas os Aliados tinham estabelecido o seu domínio dos céus e os Heinkels raramente se aventuravam sobre Norfolk. Claramente, Dogherty tinha apostado no cavalo errado.

Ergueu o olhar e viu as cortinas da janela da cozinha abrirem-se ligeiramente, viu a imagem desfocada do rosto de Mary através do vidro salpicado de chuva. Hoje à noite, não, Mary, pensou, desviando conscientemente os olhos. Por favor, outra vez hoje à noite, não.

Não tinha sido difícil à Abwehr convencer Sean Dogherty a trair a Inglaterra e passar a trabalhar para a Alemanha nazi. Em 1921, o irmão mais velho, Daniel, foi preso e enforcado pelos britânicos por liderar uma unidade terrestre do Exército Republicano Irlandês.

Dentro do celeiro, Dogherty abriu um armário de ferramentas e tirou o transmissor-recetor fornecido pela Abwehr, o bloco de códigos, um bloco de notas e um lápis. Ligou o rádio e fumou um cigarro enquanto aguardava. As instruções eram simples — ligar o rádio uma vez por semana e aguardar instruções de Hamburgo. Já tinham

passado mais de três anos desde que a Abwehr lhe tinha pedido para fazer alguma coisa. Apesar disso, ligava o rádio zelosamente, à hora indicada, e aguardava dez minutos.

Quando faltavam ainda dois minutos, Dogherty guardou novamente o bloco de códigos e o bloco de notas no armário. Já no último minuto, esticou a mão na direção do cabo de alimentação. Estava prestes a desligar o rádio quando este deu subitamente sinais de vida. Agarrou-se ao bloco de notas e pôs-se a escrever furiosamente até que o rádio se calou. Rapidamente, confirmou a receção da mensagem e terminou a comunicação.

Dogherty demorou vários minutos até descodificar a mensagem.

Quando acabou, não acreditou no que estava a ver.

Executar procedimento de receção número um...

Os alemães queriam que ele acolhesse um agente.

Tinham passado quinze minutos desde que Mary Dogherty, à janela da cozinha, vira o marido entrar no celeiro. Perguntou-se por que razão estaria a demorar tanto tempo. O jantar de Sean ia arrefecer se ele não viesse para dentro depressa. Limpou as mãos ao avental e levou uma caneca de chá a esquentar para a janela da frente.

A chuva caía com mais violência e o vento chicoteava a costa, vindo do mar do Norte.

Pensou: Que noite horrível para andar lá fora, Sean Dogherty.

Pôs as mãos à volta da caneca de esmalte lascada e deixou que o vapor que de lá saía lhe aquecesse o rosto. Sabia o que Sean estava a fazer no celeiro — estava a comunicar com os alemães pelo rádio.

Mary tinha de admitir que espiar para os nazis tinha rejuvenescido Sean. Na primavera de 1940, ele fez o reconhecimento de vastas partes da zona rural de Norfolk. Mary assistiu com espanto, à medida que ele foi parecendo despertar para a vida com a atribuição dessa tarefa, pedalando vários quilómetros por dia, à procura de sinais de atividade militar, tirando fotografias às defesas costeiras. As informações eram passadas a um contacto da Abwehr em Londres, que por sua vez a passava a Berlim. Sean achava que era tudo muito perigoso e adorava cada momento.

Mas Mary detestava. Temia que Sean fosse apanhado. Toda a gente estava atenta, à procura de espões; era uma obsessão nacional. Um desliz, um erro, e Sean seria preso. O Treachery Act de 1940 decretava apenas uma pena por espionagem: a execução. Mary tinha lido sobre execuções de espões nos jornais, os enforcamentos em Wandsworth e Pentonville, e isso provocava-lhe sempre calafrios. Um dia, temia ela, iria ler que Sean tinha sido executado.

A chuva continuava a cair com mais violência ainda e o vento fustigava com tanta fúria o robusto chalezinho que Mary receava que a casa pudesse vir abaixo. Pensou em si a viver sozinha na velha e

degradada quinta; seria terrível. Estremecendo, afastou-se da janela e aproximou-se da lareira.

Se calhar, teria sido diferente se ela tivesse sido capaz de lhe dar filhos. Afastou esse pensamento da cabeça; tinha-se punido por demasiado tempo, desnecessariamente. Era inútil desenterrar coisas em relação às quais não podia fazer nada. Sean era quem era e já não havia nada que ela pudesse fazer para o mudar.

Mary pensou: Sean, em que é que tu te transformaste?

As pancadas na porta assustaram Mary, fazendo-a derramar o chá no avental. Sean não costumava ficar lá fora sem forma de entrar. Pousou a caneca no peitoril da janela e foi a correr para a porta. Estava preparada para lhe dar um berro por ter saído sem levar as chaves de casa. Em vez disso, quando abriu a porta, viu a figura de Jenny Colville, uma rapariga que vivia do outro lado da aldeia. Estava ali à chuva, com um oleado brilhante pendurado nos ombros magros. Não trazia chapéu e tinha o cabelo que usava até aos ombros colado à cabeça, enquadrando um rosto estranho que um dia poderia vir a ser muito bonito.

Mary percebeu que ela estivera a chorar.

— O que aconteceu, Jenny? O teu pai bateu-te outra vez? Anda a beber?

Jenny assentiu com a cabeça e desatou a chorar.

— Entra, sai dessa chuva — disse Mary. — Vais morrer de frio aí fora, numa noite destas.

Quando Jenny entrou, Mary procurou com os olhos a bicicleta dela no jardim da frente. Não estava lá; ela tinha vindo a pé desde o chalé dos Colville, a mais de um quilómetro e meio dali.

Mary fechou a porta.

— Tira essas roupas. Estão encharcadas. vou buscar-te um roupão para vestires até secarem.

Mary desapareceu dentro do quarto. Jenny fez o que lhe mandaram. Exausta, despiu o oleado, deixando-o deslizar dos ombros para o chão. A seguir, tirou a pesada camisola de lã grossa e largou-a no chão junto ao oleado.

Mary voltou com o roupão.

— Tira o resto da roupa, minha menina — atirou ela numa voz suave, fingindo-se zangada.

— Mas então é o Sean?

Mary mentiu:

— Está lá fora a remendar um buraco numa das suas queridas cercas.

— com este tempo? — cantarolou Jenny com o seu forte sotaque de Norfolk, recuperando um pouco da sua habitual boa disposição. Mary ficava espantada com a resistência dela. — Ele está maluco,

Mary?

— Sempre soube que eras uma criança perspicaz. Agora, vamos lá a tirar o resto dessa roupa molhada.

Jenny despiu as calças e a camisola interior. Costumava vestir-se como um rapaz, ainda mais do que as outras raparigas do campo. A pele era de um branco leitoso e estava toda arrepiada. Teria muita sorte se não apanhasse uma bela constipação. Mary ajudou Jenny a vestir o roupão e envolveu-a nele, apertando-o bem.

— Então, não estás melhor?

— Sim, obrigada, Mary — respondeu Jenny, recomeçando a chorar. — Não sei o que faria sem ti.

Mary puxou Jenny para junto de si.

— Nunca vais ficar sem mim, Jenny. Prometo.

Jenny sentou-se numa cadeira antiga junto da lareira e cobriu-se com uma manta bafienta. Colocou os pés por baixo de si e, passado um momento, parou de tremer e sentiu-se quente e em segurança. Mary estava ao fogão, cantarolando suavemente para si mesma.

Passados poucos momentos, o ensopado já estava a borbulhar, enchendo a casa de um cheiro maravilhoso. Jenny fechou os olhos, com a cabeça cansada a saltar de uma sensação agradável para outra — o cheiro quente do ensopado de borrego, o calor da lareira, a comovente suavidade da voz de Mary. O vento e a chuva fustigavam a janela junto da cabeça de Jenny. A tempestade fê-la sentir como era maravilhoso estar segura dentro de uma casa tranquila. Desejava que a sua vida fosse sempre assim.

Passados poucos momentos, Mary trouxe um tabuleiro com uma tigela de ensopado, um pão duro e uma caneca de chá a esquentar.

— Endireita-te, Jenny — disse ela, mas não obteve resposta.

Mary pousou o tabuleiro, tapou a rapariga com outra manta e deixou-a dormir.

Mary estava a ler junto da lareira quando Dogherty entrou em casa. Olhou para o marido em silêncio quando ele entrou na sala. Sean apontou para a cadeira onde Jenny estava a dormir e perguntou:

— Porque é que ela está aqui? O pai bateu-lhe outra vez?

— Chiu! — sibilou Mary. — Vais acordá-la.

Mary levantou-se e levou-o para a cozinha. Preparou-lhe um lugar na mesa. Dogherty encheu uma caneca de chá e sentou-se.

— Sabes, o que Martin Colville precisa é de alguém que lhe dê a provar do mesmo remédio. E eu sou o homem indicado para lho dar.

— Por favor, Sean, ele tem metade da tua idade e duas vezes o teu tamanho.

— E o que é que isso quer dizer, Mary?

— Quer dizer que te podias magoar. É a última coisa de que precisamos é que atraias a atenção da polícia com uma luta estúpida.

Agora, acaba de jantar e cala-te.

Vais acordar a miúda.

Dogherty fez o que lhe ordenaram e recomeçou a comer. Enfiou uma colherada do ensopado na boca e fez uma careta.

— Jesus, esta comida está mesmo gelada.

— Se tivesses chegado a casa a horas decentes, não estava. Onde é que andaste, Sean?

Sem levantar a cabeça do prato, Dogherty lançou um olhar gelado a Mary.

— Estive no celeiro — disse ele friamente.

— Estiveste com o rádio ligado, à espera de instruções de Berlim?

— perguntou Mary num sussurro sarcástico.

— Mais tarde, mulher — resmungou Sean.

— Não percebes que estás a desperdiçar o teu tempo lá, Sean? E a arriscar também os nossos pescoços?

— Eu disse mais tarde, mulher!

— Seu bode velho e estúpido!

— Já chega, Mary!

— Talvez os rapazes de Berlim te dêem um dia uma tarefa de verdade, Sean. Depois vais poder libertar todo o ódio que tens dentro de ti e vamos poder continuar com o que resta das nossas vidas — desabafou ela, levantando-se, olhando para ele e abanando a cabeça. — Estou cansada, Sean. vou para a cama. Põe mais um bocado de lenha na lareira para a Jenny ficar quente. E não faças nada que a acorde. Ela passou um mau bocado hoje à noite.

Maty subiu as escadas para o quarto e sem fazer barulho fechou a porta depois de entrar. Dogherty foi ao guarda-louça buscar uma garrafa de Bushmills. O uísque valia ouro por esses dias, mas era uma noite especial, por isso serviu-se de uma quantidade generosa.

— Talvez os rapazes de Berlim façam isso mesmo, Mary Dogherty — disse ele, erguendo o copo num brinde silencioso. — De facto, talvez até já tenham feito.

NOVE

LONDRES

Para conseguir entrar para os serviços secretos militares durante a Primeira Guerra Mundial, Alfred Vicary tinha, na verdade, recorrido ao logro. com vinte e um anos, estava à beira de terminar os estudos em Cambridge e convencido de que a Inglaterra se estava a afundar e, como tal, precisava de todos os homens capazes de que pudesse dispor. Não queria ter nada que ver com a infantaria. Sabia história suficiente para ter noção de que não havia aí qualquer espécie de glória, mas apenas tédio, sofrimento e, muito provavelmente, a morte ou um ferimento grave.

O seu melhor amigo, um brilhante estudante de filosofia chamado Brendan Evans, encontrou a solução perfeita. Brendan tinha ouvido dizer que o exército estava a formar algo chamado Corpo dos Serviços Secretos. As únicas qualificações requeridas eram fluência no alemão e no francês, considerável experiência de viagens pela Europa, capacidade de guiar e reparar uma mota e visão perfeita. Brendan contactou o Ministério da Guerra e marcou entrevistas para ambos na manhã seguinte.

Vicary ficou desanimado; não reunia as qualificações necessárias. Falava alemão, ainda que de forma pouco inspirada, um francês aceitável e viajara consideravelmente pela Europa, incluindo dentro da Alemanha. Mas não sabia guiar uma mota — aliás, era uma geringonça que o assustava de morte — e via horrivelmente mal.

Brendan Evans era o oposto de Vicary: alto, loiro, incrivelmente bonito, possuidor de um juvenil desejo de aventura e sem mãos a medir no que tocava a mulheres. Mas tinham uma característica em comum: uma memória perfeita.

Vicary concebeu o seu plano.

Ao final dessa tarde, na penumbra fresca de agosto, Brendan ensinou-o a andar de mota num trecho deserto de estrada, na região das Fens. Vicary quase os matou aos dois por diversas vezes, mas, quando a noite chegou, já avançava em grande velocidade pelos trilhos, desfrutando de uma mistura de excitação e imprudência que nunca tinha sentido. Na manhã seguinte, durante a viagem de comboio de Cambridge para Londres, Brendan instruiu-o sem parar

acerca da anatomia das motas.

Quando chegaram a Londres, Brendan entrou no Ministério da Guerra e Vicary ficou à espera à entrada, sob a luz quente do sol. Brendan reapareceu ao fim de uma hora, com um sorriso largo. Fui admitido, disse Brendan. Agora é a tua vez. Ouve com atenção. Foi então que lhe disse de memória o gráfico inteiro utilizado no teste de visão, até as letras irremediavelmente pequenas da última linha.

Vicary tirou os óculos, entregou-os a Brendan e entrou como um cego no edifício escuro e ameaçador. Passou facilmente no exame cometeu apenas um erro, confundindo um B com um D, mas isso por culpa de Brendan. Vicary entrou de imediato ao serviço, como segundo tenente na unidade de motocicletas do Corpo dos Serviços Secretos, passaram-lhe uma guia para levantar o uniforme e o equipamento e ordenaram-lhe que cortasse o cabelo, que tinha ficado comprido e encaracolado durante o verão. No dia seguinte, mandaram-no ir à estação de Euston recolher a mota, uma Rudge novinha em folha, embalada num caixote de madeira. Uma semana mais tarde, Brendan e Vicary embarcaram num navio de transporte de tropas rumo a França, acompanhados das motas.

Era tudo tão simples nesse tempo. Os agentes penetravam nas linhas inimigas, contavam o número de tropas, vigiavam as linhas de caminho de ferro. Até utilizavam pombos-correio para entregarem mensagens secretas. Agora, as coisas eram bem mais complexas, um duelo de inteligência através das ondas rádio, que requeria imensa concentração e atenção aos pormenores.

A Operação Double Cross.

Karl Becker era um exemplo paradigmático. Tinha sido enviado para Inglaterra por Canaris durante os tempos tumultuosos de 1940, quando a invasão parecia uma certeza.

Fazendo passar-se por um homem de negócios suíço, Becker estabeleceu-se, com estilo correspondente, em Kensington e começou a amealhar todos os segredos suspeitos a que conseguia deitar mão. O que levou Vicary até Becker foi a sua utilização de libras falsas e, no espaço de poucas semanas, o alemão estava já enredado na teia do MI5. Vicary, com a ajuda dos vigias, ia onde quer que Becker fosse: às festas onde trocava mexericos e emborcava champanhe do mercado negro, aos encontros com outros agentes de carne e osso, às entregas clandestinas em sítios predeterminados e ao quarto dele, para onde Becker levava mulheres, homens, crianças e sabe Deus que mais. Ao fim de um mês, Vicary desferiu o golpe. Prendeu Becker — arrancando-o dos braços de uma jovem que mantinha trancada e embriagada com champanhe — e acabou com uma rede inteira de agentes alemães.

A seguir, veio a parte complicada. Em vez de enforçar Becker, fê-lo mudar de lado e convenceu-o a trabalhar para o MI5 como agente duplo. Na noite seguinte, Becker, na cela da prisão, ligou o rádio e transmitiu um sinal de identificação codificado ao operador em Hamburgo. O operador pediu que Becker se mantivesse no ar para receber as instruções do agente da Abwehr que o controlava a partir de Berlim. Foi pedido a Becker que averiguasse a localização e o tamanho exatos de uma base de caças da RAF em Kent. Becker confirmou a mensagem e terminou a comunicação.

Foi Vicary quem se dirigiu ao aeródromo no dia seguinte. Podia ter telefonado à RAF, obtido as coordenadas da base e enviado a informação para a Abwehr. Mas não seria assim tão fácil para um espião. Para que a mensagem parecesse autêntica, Vicary foi fazer o reconhecimento da base, exatamente como um espião faria. Apanhou o comboio em Londres e, devido aos atrasos, não chegou antes do anoitecer. Um polícia militar abordou-o numa colina junto à base e pediu-lhe que se identificasse. Vicary conseguia ver a base lá em baixo, na planície, com a mesma perspetiva de um espião. Viu um conjunto de hangares semicilíndricos e alguns aviões espalhados pela pista coberta de vegetação. Na viagem de regresso a Londres, Vicary redigiu um relatório curto acerca do que tinha visto. Salientou que a luz já não era muita, por o comboio se ter atrasado, e que um polícia militar o tinha impedido de se aproximar mais. Nessa noite, Vicary obrigou Becker a enviar ele mesmo o relatório, já que cada espião tinha o seu estilo próprio de digitar, o chamado punho, que os operadores de rádio alemães eram capazes de reconhecer. Hamburgo deu-lhe os parabéns e terminou a comunicação.

Vicary contactou a RAF e explicou a situação. Os verdadeiros caças Spitfire foram transferidos para outro aeródromo, o pessoal foi evacuado e vários caças extremamente danificados foram abastecidos e colocados na pista. A Luftwaffe veio nessa noite. Os aviões falsos explodiram numa bola de chamas; a tripulação dos bombardeiros Heinkel pensou sem dúvida que tinha desferido um golpe preciso. No dia seguinte, a Abwehr pediu a Becker que regressasse a Kent e avaliasse os danos. Uma vez mais, foi Vicary quem lá foi, escrevendo um relatório acerca do que tinha conseguido ver e obrigando Becker a enviá-lo.

A Abwehr ficou em êxtase. Becker tornou-se uma estrela, um superespião, e tudo isso tinha apenas custado à RAF um dia a reparar a pista e a remover os esqueletos carbonizados dos Spitfires.

Os agentes que controlavam Becker estavam de tal forma impressionados que lhe pediram para recrutar mais agentes, coisa que ele fez — que, na realidade, Vicary fez. No final de 1940, Karl Becker já tinha um círculo de uma dúzia de agentes a trabalhar para si, sendo

que alguns o informavam do que descobriam e outros informavam diretamente Hamburgo. Eram todos fictícios, produto da imaginação de Vicary. Este tinha em atenção todos os aspetos da vida deles; apaixonavam-se, tinham casos amorosos, queixavam-se da falta de dinheiro, perdiam casas e amigos na Blitz.

Vicary deu-se até ao luxo de prender um ou outro; nenhuma rede a atuar em solo inimigo era infalível e a Abwehr nunca acreditaria na possibilidade de não perder nenhum agente. Era um trabalho extenuante e fastidioso, que exigia atenção ao mais ínfimo pormenor; Vicary achava-o estimulante e adorava cada minuto.

O elevador estava outra vez avariado e, por isso, Vicary teve de descer as escadas do covil de Boothby para a divisão dos Registos.

Ao abrir a porta, foi invadido pelo cheiro daquele lugar: papel a deteriorar-se, pó, um bafio penetrante devido à humidade que se infiltrava pelas paredes da cave. Lembrava-lhe a biblioteca da universidade. Havia dossiês em prateleiras abertas, dossiês em arquivos, dossiês amontoados no chão de pedra gelado, pilhas de documentos à espera de se transformarem em dossiês. Um trio de raparigas bonitas o pessoal da noite, que dormia em camas improvisadas — andava discretamente de um lado para o outro, falando uma linguagem de inventário que Vicary não conseguia perceber. As raparigas — conhecidas como rainhas da divisão dos Registos, no léxico daquele sítio — pareciam estranhamente deslocadas ali, no meio dos papéis e da escuridão. De certa forma, Vicary esperava virar uma esquina e deparar com um par de monges a ler um manuscrito à luz da vela.

Arrepiou-se. Céus, aquele sítio era frio como uma cripta. Arrependeu-se de não ter trazido uma camisola ou qualquer coisa quente para beber. Estava ali tudo — toda a história secreta do serviço. Enquanto vagueava entre as pilhas de documentos, ocorreu-lhe que, muito tempo depois de abandonar o MI5, também ali estaria um registo eterno de todas as suas ações. Se isso era reconfortante ou repugnante, não tinha a certeza.

Vicary pensou nas observações depreciativas que Boothby tecera sobre ele e a raiva que sentiu causou-lhe um calafrio. Vicary era um extraordinário agente da Operação Double Cross e nem mesmo Boothby o podia negar. Estava plenamente convencido de que era a sua formação como historiador que o tornava tão capaz para o trabalho. Um historiador tem muitas vezes de se ocupar de conjeturas — pegando numa série de pequenas pistas inconclusivas e, a partir delas, chegar a uma conclusão razoável. A Operação Double Cross era muito semelhante a essa elaboração de conjeturas, só que ao contrário. O trabalho de um agente desse tipo consistia em fornecer aos alemães pequenas pistas inconclusivas para que pudessem chegar

às conclusões desejadas. O agente precisava de ser cuidadoso e metuculoso nas pistas que revelava. Tinham de corresponder a uma cuidadosa mistura de realidade e ficção, de verdade e de mentiras metuculosamente disfarçadas. Os espões falsos de Vicary tinham de trabalhar arduamente para conseguirem as suas informações. E estas tinham de ser ministradas aos alemães em doses pequenas e por vezes insignificantes.

Precisavam de ser consistentes com o disfarce do espão. Por exemplo, não se poderia esperar que um motorista de camiões de Bristol estivesse na posse de documentos roubados em Londres. E as informações nunca deveriam parecer boas demais para serem verdade, pois as informações obtidas com demasiada facilidade são facilmente descartadas.

Os dossiês sobre o pessoal da Abwehr estavam armazenados em prateleiras abertas que se estendiam do chão ao teto, numa pequena divisão no extremo desse piso. Os Vs começavam numa das prateleiras de baixo e depois saltavam para uma no topo. Vicary teve de se pôr de gatas e inclinar a cabeça de lado como se estivesse à procura de um objeto valioso debaixo de uma mobília. Raios! O dossiê estava na prateleira de cima, claro. com esforço, levantou-se e, esticando o pescoço, espreitou para os ficheiros por cima dos óculos em meia-lua. Não valia a pena. Os dossiês estavam quase a dois metros de distância, demasiado longe para conseguir ler os nomes — era a vingança de Boothby contra todos os que não atingiam a altura estipulada para o departamento.

Uma das rainhas da divisão dos Registos deparou com ele a olhar fixamente para cima e disse que lhe ia trazer uma escada de biblioteca.

— A semana passada, Claymore tentou usar uma cadeira e quase partiu o pescoço — trauteou ela.

Regressou pouco depois a arrastar a escada. Deu uma nova olhadela a Vicary, sorriu-lhe como se este fosse um tio maluco e ofereceu-se para lhe ir buscar o dossiê. Vicary assegurou-lhe que conseguia tratar do assunto.

Subiu à escada e, usando o indicador como se fosse uma sonda, percorreu os dossiês. Descobriu uma pasta de arquivo de manilha com um separador vermelho: VOGEL, KURT — ABWHER BERLIM. Tirou-a da prateleira, abriu-a e olhou.

O dossiê de Vogel estava vazio.

Um mês depois de chegar ao MI5, Vicary ficou surpreendido por encontrar Nicholas Jago a trabalhar lá. Jago tinha sido arquivista principal no University College e fora recrutado pelo MI5 na mesma semana em que Vicary. Tinha sido colocado na divisão dos Registos e fora-lhe ordenado que impusesse um pouco de disciplina na memória,

por vezes volúvel, do departamento.

Jago, tal como a própria divisão dos Registos, era empoeirado, irascível e de trato difícil. Mas, uma vez ultrapassada essa couraça exterior, era capaz de ser gentil e generoso, transbordando de informações valiosas. Jago tinha ainda outro talento precioso: sabia perder e encontrar dossiês.

Apesar da hora tardia, Vicary encontrou Jago a trabalhar, sentado à secretária do seu exíguo gabinete envidraçado. Ao contrário das salas dos arquivos, era um santuário de limpeza e ordem. Quando Vicary bateu à porta envidraçada, Jago levantou os olhos, sorriu e fez-lhe sinal para entrar. Vicary apercebeu-se de que os olhos de Jago não acompanhavam o sorriso dele. Parecia exausto; Jago vivia naquele sítio. Mas havia outra coisa: em 1940, a sua mulher tinha sido morta durante a Blitz. A morte dela deixara-o destroçado. Tinha jurado a si mesmo derrotar os nazis — não com armas, mas com organização e precisão.

Vicary sentou-se e recusou a esbaforida oferta de chá por parte de Jago — material genuíno que acumulei antes da guerra. Nada parecido com o tabaco atroz, próprio da guerra, com que estava a encher o forninho do cachimbo antes de o acender com um fósforo. O fumo repugnante cheirava a folhas a arder e ficou a pairar entre eles, numa cortina, enquanto trocavam banalidades acerca do regresso à universidade quando o trabalho ali estivesse terminado.

Aclarando a garganta delicadamente, Vicary indicou que queria passar ao assunto que o trouxera ali.

— Estou à procura de um dossiê acerca de um agente algo obscuro da Abwehr — revelou Vicary. — Fiquei surpreendido quando vi que tinha desaparecido. A capa está na prateleira, mas o que devia estar lá dentro desapareceu.

— E qual é o nome? — perguntou Jago.

— Kurt Vogel.

O rosto de Jago ensombrou-se.

— Céus! Deixa-me dar uma vista de olhos. Espera aqui, Alfred. É só um momento.

— Eu vou contigo — disse Vicary. — Talvez possa ajudar.

— Não, não — insistiu Jago. — Nem quero ouvir falar disso. Eu não te ajudo a encontrar espões e tu não me ajudas a encontrar dossiês — atirou, rindo-se da sua própria piada. — Fica aqui e põe-te à vontade. É só um momento.

É a segunda vez que dizes isso, pensou Vicary. É só um momento... Vicary sabia que Jago era obcecado com os seus dossiês, mas a falta de um dossiê sobre um agente da Abwehr não era caso para uma emergência no departamento. Constantemente, colocavam-se dossiês no sítio errado ou deitavam-se fora por engano. Uma vez,

Boothby fez soar o alerta vermelho depois de ter perdido uma pasta cheia de documentos importantes. Segundo rezava a lenda do departamento, tinha sido encontrada uma semana mais tarde no apartamento da amante dele.

Passado um momento, Jago regressou apressadamente ao gabinete, com uma nuvem do fumo repugnante do cachimbo a flutuar atrás dele como o vapor de uma locomotiva. Entregou o dossiê a Vicary e sentou-se à secretária.

— Tal como eu suspeitava — anunciou Jago, absurdamente orgulhoso de si mesmo. — Estava ali mesmo na prateleira. Uma das raparigas deve tê-lo guardado na pasta errada. Está sempre a acontecer.

Vicary ouviu a desculpa duvidosa e franziu o sobrolho.

— Interessante... nunca me aconteceu tal coisa.

— Bem, talvez tenhas tido sorte. Nós aqui lidamos com milhares de dossiês por semana. Dava-nos jeito mais pessoal. Já discuti o assunto com o diretor-geral, mas ele disse-me que já atingimos a nossa quota e que não podemos ter mais pessoal.

O cachimbo de Jago tinha-se apagado e ele estava a reacendê-lo com toda a pompa e circunstância. Os olhos de Vicary lacrimejaram à medida que o pequeno gabinete se enchia novamente de fumo. Nicholas Jago era um homem perfeitamente bom e honesto, mas Vicary não acreditava numa só palavra da história que tinha contado. Estava convicto de que alguém tinha retirado o dossiê não há muito tempo e que este não tinha voltado para a prateleira. E esse alguém devia ser alguém bem importante, a julgar pela cara que Jago fez quando Vicary lho pediu.

Vicary serviu-se do dossiê para abrir uma clareira no meio da nuvem de fumo.

— Quem foi a última pessoa a mexer no dossiê de Vogel?

— Alfred, vá lá, sabes que não te posso dizer isso.

Era verdade. Comuns mortais como Vicary tinham de assinar um registo cada vez que retiravam um dossiê. Havia registos que indicavam quem retirava que dossiês e quando. Apenas o pessoal da divisão dos Registos e os chefes do departamento tinham acesso a esses registos. Só um grupo restrito de pessoas com cargos de grande relevo podia aceder aos dossiês sem ter de lavrar registo. Vicary suspeitava que o dossiê de Vogel tinha sido retirado por uma dessas pessoas.

— Tudo o que tenho de fazer é pedir a Boothby uma autorização para ver a lista de acessos e ele dá-ma — disse Vicary. — Porque não me poupas tempo e me deixas ver isso já?

— Pode dar-ta ou não.

— O que queres dizer com isso, Nicholas?

— Ouve, meu velho, a última coisa que eu quero é intrometer-me outra vez entre ti e Boothby.

Jago estava novamente às voltas com o cachimbo, enchendo o forninho e tirando um fósforo da caixa. Segurava o cachimbo entre os dentes, fazendo com que o forninho baloiçasse enquanto falava.

— Fala com o Boothby. Se ele disser que podes ver a lista de acessos, é toda tua.

Vicary deixou-o sentado no gabinete fumarento, a tentar acender o seu tabaco barato, com o fósforo a flamejar a cada puxadela do cachimbo. Ao afastar-se com o dossiê de Vogel, Vicary deitou uma última olhadela a Jago e achou que ele parecia um farol num local brumoso.

Ao voltar para o gabinete, Vicary parou na cantina. Não se conseguia lembrar da última vez que tinha comido. A sensação de fome não passava de uma moinha. Já não suspirava por comida boa. Comer tinha-se tornado uma tarefa prática, algo que tinha de se fazer por necessidade, não por prazer. Era como andar em Londres à noite: rapidamente e tentando não sair ferido. Lembrou-se da tarde de maio de 1940 em que o tinham contactado. O senhor Ashworth entregou há pouco duas belas costeletas de cordeiro em sua casa. Que tamanha perda de tempo precioso.

Já era tarde e a seleção era pior do que o habitual: um naco de pão escuro, um pedaço de queijo suspeito, um caldeirão borbulhante de líquido castanho. Alguém tinha riscado da ementa as palavras caldo de carne e escrito em seu lugar sopa de pedra. Vicary dispensou o queijo e cheirou o caldo.

Parecia suficientemente inócuo. Cuidadosamente, serviu-se de uma concha. O pão era duro como a tábua da cozinha. Vicary cortou um pedaço com a faca romba. Utilizando o dossiê de Vogel como tabuleiro, avançou com cautela por entre as mesas e cadeiras. Numa mesa, estava John Masterman, debruçado sobre um livro de latim. Dois advogados famosos estavam sentados numa mesa a um canto, reeditando um antigo duelo no tribunal. Um popular escritor de livros policiais escrevinhava num caderno desgastado. Vicary abanou a cabeça. O MI5 tinha recrutado um conjunto formidável de talentos.

Subiu as escadas cuidadosamente, com a tigela de sopa a balançar precariamente em cima do dossiê. O que mais lhe faltava era sujar o dossiê. Jago tinha escrito inúmeros memorandos enfurecidos, implorando aos agentes que tivessem mais cuidado com os dossiês.

— E qual é o nome?

— Kurt Vogel.

— Céus! Deixa-me dar uma vista de olhos.

Vicary tinha a certeza de que havia qualquer coisa ali que não batia certo. Mas era melhor não forçar as coisas. Era preferível não

pensar nisso e deixar o subconsciente juntar as peças.

Pousou o dossiê e a tigela de sopa na secretária e ligou a luz. Leu o dossiê de uma ponta a outra enquanto ia comendo a sopa em pequenos tragos. Sabia a bota de couro cozida. O sal era dos poucos condimentos que os cozinheiros possuíam em abundância e tinham-no usado generosamente. Quando acabou de ler o dossiê pela segunda vez, estava com uma sede digna do deserto e tinha os dedos a começarem a inchar.

Vicary ergueu os olhos e disse:

— Harry, acho que temos aqui um problema.

Harry Dalton, que se deixara adormecer à secretária, na área comum à porta do gabinete de Vicary, levantou-se e entrou. Formavam uma parceria insólita, conhecida humoristicamente no departamento como Músculos & Cérebro, Lda. Harry era alto e atlético, elegante, de cabelo negro densamente coberto de brilhantina, olhos azuis vivos e um sorriso sempre pronto. Antes da guerra, era o inspetor Harry Dalton, do principal departamento de homicídios da Polícia Metropolitana de Londres. Tinha nascido e crescido em Battersea e ostentava ainda na voz suave e agradável traços da pronúncia da classe operária do sul de Londres.

— Ele é inteligente, isso é certo — disse Vicary. — Olhe para isto: doutoramento em Direito na Universidade de Leipzig, sob a orientação de Heller e de Rosenberg.

Não me parece o nazi típico. Os nazis perverteram as leis da Alemanha. Uma pessoa com uma educação destas não poderia estar muito entusiasmado com eles. E depois, em 1935, decide abandonar de repente o direito e passar a trabalhar para o Canaris, como advogado dele, uma espécie de conselheiro interno da Abwehr? Não acredito nisso. Acho que ele é um espião e esta história de ser o conselheiro legal de Canaris é só mais uma camada do disfarce.

Vicary estava a folhear o ficheiro outra vez.

— Tem alguma teoria? — perguntou Harry.

— Três teorias, na verdade.

— Então, vamos ouvi-las.

— Teoria número um, Canaris perdeu a confiança nas redes britânicas e encarregou Vogel de levar a cabo uma investigação. Um homem com a experiência e formação de Vogel é o oficial perfeito para examinar minuciosamente os dossiês e todos os relatórios de agentes em busca de inconsistências. Temos sido extremamente cuidadosos, Harry, mas manter a Operação Double Cross é uma tarefa muito complexa. Aposto que lá pelo meio já cometemos um erro ou outro. E se a pessoa certa andasse à procura deles — um homem inteligente como Kurt Vogel, por exemplo -, talvez fosse capaz de os descobrir.

— Teoria número dois?

— Teoria número dois, Canaris encarregou Vogel da criação de uma nova rede. Nesta altura do campeonato, já é um pouco tarde para isso. Era preciso descobrir, recrutar e treinar agentes, além de os infiltrar no país. Isso, por norma, leva meses a ser feito em condições. Duvido que seja isso que andam a fazer, mas não podemos descartar essa ideia.

— Teoria número três?

— A teoria número três é que Kurt Vogel é responsável por uma rede de que ainda não temos conhecimento.

— Uma rede completa de agentes que ainda não desmascarámos? E isso é possível?

— Temos de presumir que sim.

— Então todos os nossos agentes duplos estariam em risco.

— É um castelo de cartas, Harry. Basta só um bom agente para se desmoronar tudo.

Vicary acendeu um cigarro. O tabaco tirou-lhe da boca o sabor do caldo.

— Canaris deve estar debaixo de enorme pressão para apresentar resultados. com certeza que iria querer que fosse o melhor homem dele a dirigir a operação.

— Então isso quer dizer que é como se Kurt Vogel fosse uma panela de pressão.

— Certo.

— E isso pode torná-lo perigoso.

— Mas também pode torná-lo descuidado. Tem de arriscar. Tem de usar o rádio ou enviar um agente para Inglaterra. E, quando o fizer, vamos estar em cima dele.

Ficaram sentados em silêncio durante um momento. Vicary estava a fumar e Harry ia folheando o dossiê de Vogel. Foi então que Vicary lhe contou o que tinha acontecido na divisão dos Registos.

— Estão sempre a desaparecer imensos dossiês, Alfred.

— Sim, mas porquê este dossiê? E, mais importante, porquê agora?

— Boas perguntas, mas desconfio que as respostas sejam muito simples. Quando estamos no meio de uma investigação, o melhor é mantermo-nos concentrados e não nos desviarmos do assunto.

— Eu sei, Harry — respondeu Vicary, franzindo o sobrolho. Mas isto está a pôr-me louco.

Harry disse:

— Eu conheço uma ou duas rainhas da divisão dos Registos.

Vicary olhou para ele.

— Tenho a certeza que sim.

— vou meter o nariz por lá e fazer umas perguntas.

- Faça isso discretamente.
- Não há outra forma de o fazer, Alfred.
- Jago está a mentir, está a esconder qualquer coisa.
- E porque havia ele de mentir?
- Não sei — respondeu Vicary, esmagando o cigarro -, mas sou pago para ter pensamentos desagradáveis.

DEZ

BLETCHLEY PARK, INGLATERRA

Oficialmente, chamava-se Escola Governamental de Códigos e Criptografia. No entanto, não era escola nenhuma. Podia parecer ser uma escola qualquer — uma grande e feia mansão vitoriana, rodeada por uma cerca alta -, mas a maior parte das pessoas daquela terra de ruas estreitas que crescera ao longo da linha de caminho de ferro percebia que algo mais importante se passava ali. Os grandes relvados estavam cheios de dezenas de cabanas temporárias. O espaço remanescente inha sido pisado, transformando-se em carreiros de lama congelada. Os jardins estavam em mau estado e por aparar, assemelhando-se a pequenas selvas. O staff era uma mistura excêntrica, os matemáticos mais brilhantes do país, campeões de xadrez, magos das palavras cruzadas, todos reunidos para o mesmo objetivo: decifrar os códigos alemães.

Mesmo no mundo notoriamente extravagante de Bletchley Park, Denholm Saunders era considerado um excêntrico. Antes da guerra, era um matemático de topo em Cambridge.

Naquele momento, estava entre os melhores criptólogos do mundo. Vivia numa aldeola nos arredores de Bletchley com a mãe e os gatos siameses, Platão e S. Tomás de Aquino.

Era o final da tarde. Saunders estava na mansão, sentado à secretária, ocupado com duas mensagens enviadas pela Abwehr, de Hamburgo, para agentes alemães no Reino Unido. As mensagens tinham sido intercetadas pelo Radio Security Service, assinaladas como suspeitas e encaminhadas para Bletchley Park para descodificação.

Saunders estava a assobiar fora de tom enquanto raspava com o lápis no bloco de notas, um hábito que irritava solenemente os colegas. Trabalhava na secção de descodificação manual de mensagens cifradas. Era uma área de trabalho exígua e estava a abarrotar, mas era relativamente quente. Era melhor estar ali do que lá fora, numa das cabanas onde os criptólogos se esforçavam arduamente por descodificar as mensagens cifradas do exército e da marinha alemães, como esquimós num iglu.

Ao fim de duas horas, Saunders parou de raspar e de assobiar. A

única coisa que se ouvia era o som da neve a derreter, gorgolejando nas goteiras da velha casa. O trabalho dessa tarde tinha sido pouco estimulante: as mensagens tinham sido transmitidas numa variante de um código que o próprio Saunders tinha decifrado em 1940.

— Meu Deus, eles estão a tornar-se um pouco aborrecidos, não estão? — comentou Saunders para ninguém em particular.

O seu superior era um escocês chamado Richardson. Saunders bateu à porta, entrou e pousou as duas mensagens descodificadas em cima da secretária. Richardson leu-as e franziu o sobrolho. Ainda na véspera, um agente do MI5 chamado Alfred Vicary os tinha posto de sobreaviso para esse tipo de coisas.

Richardson mandou chamar um estafeta motorizado.

— Só há um problema — disse Saunders.

— Qual é?

— Na primeira mensagem, o agente pareceu ter algumas dificuldades com o código Morse. Na realidade, até pediu a quem estava a digitar a mensagem que a enviasse uma segunda vez. Eles irritam-se com esse tipo de coisas. Pode não ser nada. Pode ter havido uma interferência qualquer. Mas talvez seja boa ideia contar isto à rapaziada do MI5.

Richardson pensou: Boa ideia, de facto.

Assim que Saunders saiu, Richardson datilografou uma breve nota descrevendo como o agente pareceu ter algumas dificuldades com o código Morse. Cinco minutos mais tarde, as mensagens descodificadas e a nota de Richardson já estavam numa pasta de couro, prontas para a viagem de sessenta e sete quilómetros até Londres.

ONZE

SELSEY, INGLATERRA

— Foi a coisa mais estranha que alguma vez vi, Mabel — disse Arthur Barnes à mulher ao pequeno-almoço naquela manhã.

Barnes tinha andado a passear, como fazia todas as manhãs, com a sua querida corgi Fionna pela zona do porto. Parte dele ainda estava aberta aos civis; grande parte tinha sido selada e designada como uma zona militar restrita. Toda a gente se interrogava sobre o que estavam os militares a fazer ali. Ninguém falava sobre isso. O alvorecer foi tardio nessa manhã — céu cinzento-escuro, chuva de vez em quando. Fionna estava sem trela, correndo de um lado para o outro das docas.

Fionna avistou a coisa primeiro, depois Barnes.

— O raio de um gigantesco monstro de betão, Mabel. Como um bloco de apartamentos deitado de lado.

Dois rebocadores estavam a empurrá-lo para o mar. Barnes trazia uns binóculos no casaco — uma vez, um amigo tinha visto a torre cónica de um submarino alemão e Barnes morria de vontade de ter também o vislumbre de um. Tirou os binóculos do casaco e levou-os aos olhos.

O monstro de betão trazia atracado a ele um barco com uma proa larga e achatada que cortava o mar agitado. Barnes analisou ao pormenor o lado de bombordo — Repara, Mabel, que é difícil distinguir o bombordo do estibordo — e descortinou um navio costeiro ligeiro, com um punhado de tipos militares no convés.

— Não queria acreditar, Mabel — contou ele enquanto acabava a última torrada. — Eles batiam palmas e aplaudiam dando abraços uns aos outros e palmadinhas nas costas — revelou, abanando a cabeça. — Imagina só. Hitler tem o mundo debaixo das patas e os nossos rapazes ficam excitados porque conseguem pôr a flutuar um grande pedaço de cimento.

A gigantesca estrutura flutuante de betão, avistada por Arthur Barnes nessa sombria manhã de janeiro, tinha o nome de código de Phoenix. Tinha 60,96 metros de comprimento, 15,24 metros de largura e deslocava mais de 6000 toneladas de água. Estava planeado construírem-se mais de duzentas. Os seus interiores — invisíveis do ponto de observação privilegiado de Barnes em frente do porto eram

um labirinto de câmaras vazias e válvulas para controlar a entrada da água, já que a Phoenix não tinha sido projetada para ficar à superfície por muito tempo. Fora projetada para ser rebocada através do canal da Mancha e afundada na costa da Normandia. As Phoenixes eram apenas uma componente de um enorme projeto dos Aliados para construir um porto artificial em Inglaterra e rebocá-lo para a França no Dia D. O nome de código global para o projeto era Operação Mulberry.

Foi Dieppe que lhes ensinou a lição, Dieppe e os desembarques anfíbios no Mediterrâneo. Em Dieppe, local do raide desastroso dos Aliados à França, em agosto de 1942, os alemães negaram aos Aliados o uso do porto pelo maior tempo possível. No Mediterrâneo, destruíram os portos antes de os abandonarem, tornando-os impraticáveis durante longos períodos. Os planeadores da invasão concluíram que tentar capturar um porto intacto era impossível. Decidiram que os homens e o material deviam chegar a terra firme da mesma maneira — nas praias da Normandia.

O problema era o tempo. Estudos dos padrões meteorológicos ao longo da costa francesa mostravam que não se podia esperar que períodos de boas condições durassem mais do que quatro dias consecutivos. Assim, os planeadores da invasão tiveram de assumir que o material teria de chegar a terra firme durante uma tempestade.

Em julho de 1943, o primeiro-ministro Winston Churchill e uma delegação de trezentos oficiais partiram para o Canadá a bordo do Queen Mary. Churchill e Roosevelt iam encontrar-se no Quebec, em agosto, para aprovar os planos da invasão da Normandia. Durante a viagem, o professor J. D. Bernal, um distinto físico, fez uma demonstração espetacular numa das luxuosas casas de banho do navio. Deitou na banheira alguns centímetros de água, com o lado raso a representar as praias da Normandia e o lado mais fundo a baía do Sena. Bernal colocou vinte barcos de papel na banheira e utilizou uma escova para as costas a fim de simular condições tempestuosas. Os barcos afundaram-se imediatamente. Bernal encheu depois um colete salva-vidas, a que a RAF chamava Mae West, e atravessou-o na banheira de lado a lado como um quebra-mar. A escova para as costas foi outra vez usada para criar uma tempestade, mas desta vez os barcos sobreviveram. Bernal explicou que a mesma coisa iria acontecer na Normandia. Uma tempestade resultaria numa devastação: era necessário um porto artificial.

No Quebec, os britânicos e os americanos concordaram em construir dois portos artificiais para a invasão da Normandia, cada um com a capacidade do grande porto de Dover. Dover demorou sete anos a construir; os britânicos e os americanos tinham cerca de oito meses. Era uma tarefa de dimensões inimagináveis. Cada Mulberry custou 20

milhões de libras. A economia britânica, paralisada por quatro anos de guerra, tinha que fornecer quatro milhões de toneladas de betão e aço. Seria necessário centenas de engenheiros de topo, bem como dezenas de milhares de trabalhadores especializados. Levar os Mulberries de Inglaterra para a França no Dia D iria requerer todos os rebocadores disponíveis no Reino Unido e na Costa Leste dos Estados Unidos.

A única tarefa igual à de construir os Mulberries seria a de os manter secretos — provado pelo facto de Arthur Barnes e a sua corgi Fionna ainda estarem à beira-mar quando o navio de cabotagem transportando a equipa de engenheiros britânicos e americanos acostou na doca. A equipa desembarcou e encaminhou-se para um autocarro que os esperava. Um dos homens separou-se do grupo e dirigiu-se para um carro oficial à espera para o levar outra vez para Londres. O condutor saiu do carro, abriu rapidamente a porta de trás e o comandante Peter Jordan entrou.

NOVA IORQUE: OUTUBRO DE 1943

Abordaram-no numa sexta-feira. Havia de se lembrar sempre deles como Laurel e Hardy; o gordo e atarracado americano, que cheirava a aftershave barato e à cerveja e salsicha do seu almoço; o magro e delicado inglês, que apertou a mão a Jordan como se estivesse à procura do pulso. Na realidade, os nomes deles eram Leamann e Broome — ou pelo menos era o que diriam os cartões de identificação que acenaram ao passarem por ele. Leamann disse que estava no Ministério da Guerra americano; Broome, o inglês magro, murmurou qualquer coisa sobre estar ligado ao Ministério da Guerra britânico. Nenhum dos homens estava de farda — Leamann usava um fato castanho e coçado que estava muito esticado no estômago corpulento e apertado nas virilhas; Broome, um fato de corte elegante de um cinento-carvão, demasiado quente para o outono americano.

Jordan recebeu-os no seu magnífico escritório na Baixa de Manhattan. Leamann susteve pequenos arrotos enquanto admirava a espetacular vista de Jordan sobre as pontes do rio East; aponte de Brooklyn, aponte de Manhattan, o bairro de Williamsburg. Broome, que mostrava pouco interesse pelas coisas feitas pelo ser humano, comentava o tempo — um perfeito dia de outono, um céu azul cristalino, um brilhante pôr do Sol cor de laranja. Uma tarde para faer crer que Manhattan é o sítio mais espetacular da Terra. Dirigiram-se para a janela a sul e conversaram enquanto observavam os cargueiros a entrarem e a saírem do porto de Nova Iorque.

— Fale-nos do trabalho que fa agora, senhor Jordan — disse Leamann com um ligeiro sotaque do sul de Boston.

Era um assunto sensível. Ainda era o engenheiro-chefe da Northeast Bridge Company, que ainda era a maior empresa de construção de pontes da Costa Leste. Mas o sonho de começar a sua

própria empresa de engenharia tinha morrido com a guerra, tal como temera.

Parecia que Leamann tinha memorizado o seu curriculum e, nesse momento, recitava-o como se Jordan tivesse sido nomeado para um prémio.

— Primeiro do seu ano no Rensse/aer Polytechnic Institute. Engenheiro do Ano em 1938. A Scientific American diz que o senhor é o maior desde o fulano que inventou a roda. O senhor é um caso muito sério, senhor Jordan.

Uma versão amplificada do artigo da Scientific American estava pendurada numa parede, numa elegante moldura preta. A fotografia que lhe tiraram naquela altura parecia a de outro homem. Era mais magro agora — havia quem dissesse que estava mais atraente — e, apesar de ainda não estar nos quarenta, salpicos grisalhos tinham aparecido nas fontes.

Broome, o inglês magro, estava a passear pelo escritório, escrutinando as fotografias e os modelos das pontes que a empresa tinha desenhado e construído.

— Tem muitos alemães a trabalhar aqui — disse Broome, como se fosse uma novidade para Jordan.

Uma verdade — alemães nos quadros de engenharia e alemães no pessoal administrativo. A própria secretária de Jordan era uma mulher chamada Miss Hofer, cuja família viera de Estugarda para a América quando ela era pequena. Ainda falava inglês com sotaque alemão. Foi então que, como que para provar a exatidão do comentário de Broome, dois rapaces estafetas passaram pela porta de Jordan a tagarelarem em alemão com sotaque de Berlim.

— Que tipo de inspeções de segurança lhes fizeram?

Era Eemann a falar outra vez. Jordan conseguia perceber que ele era um tipo qualquer de polícia, ou pelo menos tinha sido polícia noutra vida. Estava escrito no corte modesto do fato puído e na expressão de determinação canina no seu rosto. Para Eemann, o mundo estava cheio de pessoas más e ele era a única coisa que existia entre a ordem e a anarquia.

— Não lhes fademos inspeções de segurança. Aqui construímos pontes, não bombas.

— E como sabem se eles não são simpatizantes do outro lado?

— Eemann. Isso não é um nome alemão?

O rosto gordo de Eemann fechou-se numa carranca.

— Irlandês, por acaso.

Broome parou a inspeção aos modelos de pontes rindo-se com a troca de palavras.

— Conhece um homem chamado Walker Hardegen? -perguntou ele a seguir. Jordan teve a impressão desconfortável de que tinha sido

investigado.

— Penso que já conhece a resposta dessa pergunta. E sim, a família dele é alemã. Ele fala a língua e conhece o país. Tem sido de um valor incalculável para o meu sogro.

— Quer dizer, o seu ex-sogro? -perguntou Broome.

— Mantivemo-nos muito chegados mesmo depois da morte da Margaret. Broome estava debruçado sobre outro modelo.

— Isto é uma ponte suspensa?

— Não, é um desenho de um arco de ponte. Não é engenheiro, pois não?

Broome levantou os olhos e sorriu como se achasse a pergunta de certo modo ofensiva.

— Não, claro que não. Jordan sentou-se à secretária.

— Muito bem, meus senhores, chegou a altura de me dizerem ao que vêm.

— Tem que ver com a invasão da Europa — disse Broome. — Podemos precisar da sua ajuda.

— Querem que eu construa uma ponte entre a Inglaterra e a França? bereuntou Jordan com um sorriso.

— Qualquer coisa parecida com isso — respondeu leamann. Broome estava a acender um cigarro. Soprou uma elegante nuvem defumo na direção do rio.

— De facto, senhor Jordan, não é nada parecido com isso.

DOZE

LONDRES

Os céus desabaram num violento aguaceiro enquanto Alfred Vicary se apressava por Parliament Square em direção às Salas de Guerra Subterrâneas, o quartel-general de Winston Churchill debaixo dos passeios de Westminster. O primeiro-ministro tinha telefonado pessoalmente a Vicary, pedindo-lhe para o ver imediatamente. Vicary vestira rapidamente o uniforme e, com a pressa, abandonou o quartel-general do MI5 sem chapéu de chuva. Assim, a sua única defesa contra a investida da chuva gelada era acelerar o passo, com uma mão a apertar a gola do impermeável e a outra a segurar uma quantidade de dossiês sobre a cabeça, como um escudo. Passou apressadamente pelas estátuas contemplativas de Lincoln e Beaconsfield e, a seguir, completamente encharcado, apresentou-se à sentinela da Marinha Real, na porta reforçada com sacos de areia do número 2 de Great George Street.

O MI5 estava em pânico. Na noite anterior, duas mensagens decodificadas da Abwehr tinham chegado de Bletchley Park por correio motorizado. Confirmavam as piores suspeitas de Vicary — pelo menos dois agentes estavam em atividade no Reino Unido sem o conhecimento do MI5 e parecia que os alemães planeavam enviar mais um. Era um desastre. Vicary, depois de ler as mensagens com o coração apertado, telefonou para casa de Sir Basil e deu as notícias. Sir Basil contactou o diretor-geral e outros oficiais superiores envolvidos na Operação Double Cross. À meia-noite, as luzes fervilhavam no quinto andar. Vicary estava agora à frente de um dos mais importantes casos da guerra. Tinha dormido menos de uma hora. A cabeça doía-lhe, tinha os olhos a arderem, os seus pensamentos iam e vinham cmflashes turbulentos e caóticos.

A sentinela deu uma vista de olhos à identificação de Vicary e fez-lhe sinal para entrar. Vicary desceu as escadas e atravessou o pequeno átrio. Ironicamente, Neville Chamberlain mandara começar as obras nas Salas de Guerra Subterrâneas no dia em que regressou de Munique a declarar a paz no nosso tempo. Vicary pensava sempre naquele lugar como um monumento subterrâneo ao fracasso da conciliação. Escudado por 1,22 metros de qmento reforçado com os velhos carris

do elétrico de Londres, o labirinto subterrâneo era considerado absolutamente à prova de bomba. As armas secretas mais vitais do governo britânico estavam albergadas ali, juntamente com o posto de comando pessoal de Churchill.

Vicary percorreu o corredor, com os ouvidos cheios do matraquear das máquinas de escrever e do barulho de uma dúzia de telefones não atendidos. O teto baixo era reforçado com a madeira de um dos barcos de guerra de Nelson. Um sinal avisava CUIDADO com A CABIÍÇA. Vicary, com um escasso metro e sessenta e oito, passou facilmente por baixo dele. As paredes, outrora da cor da nata do Devonshire, tinham-se esbatido num bege baço como um jornal velho. Os soalhos estavam cobertos com um velho linóleo castanho. Por cima, numa braçadeira da canalização de drenagem, Vicary podia ouvir o gorgolejar da canalização dos New Public Offices, à superfície. Apesar de o ar ser filtrado por um sistema de ventilação especial, cheirava a corpos sujos e a fumo de cigarro velho. Vicary aproximou-se de uma porta onde estava outra sentinela da Marinha Real em posição de descanso. A sentinela pôs-se em sentido quando Vicary passou, com o barulho dos calcanhares amortecidos por um tapete de borracha especial.

Vicary olhou para os rostos do pessoal que trabalhava, vivia, comia e dormia debaixo de terra na fortaleza do primeiro-ministro. A palavra pálidos não fazia justiça ao seu estado; eram habitantes das cavernas macilentos e cor de cera que se deslocavam rapidamente pelo labirinto subterrâneo. Subitamente, o gabinete sem janelas de Vicary em St. James's Street já não parecia assim tão mau. Pelo menos, estava à superfície. Pelo menos, havia qualquer coisa parecida com ar fresco.

Os aposentos particulares de Churchill estavam localizados na sala 65A, contígua à sala de mapas e do outro lado do corredor da Sala de Comunicações Transatlânticas. Um assessor fez entrar de imediato Vicary, que foi recebido com os olhares gelados de um bando de burocratas que parecia estar à espera desde a última guerra. Era um espaço pequeno, grande parte dele ocupado por uma cama pequena feita com lençóis cinzentos do exército. Aos pés da cama, estava uma mesa com uma garrafa e dois copos. A BBC tinha instalado um microfone permanente para Churchill poder fazer a sua transmissão radiofónica na segurança da sua fortaleza subterrânea. Vicary reparou no pequeno sinal na sombra que dizia SILÊNCIO — NO AR. A sala continha apenas um item luxuoso, um humidificador para os charutos Romeoj Julieta do primeiro-ministro.

Churchill, de roupão de seda verde e com o primeiro charuto do dia entre os dedos, estava sentado à sua pequena secretária. Manteve-se aí quando Vicary entrou na sala. Vicary sentou-se na borda da cama

e fitou a figura à sua frente. Não era o mesmo homem que Vicary tinha visto naquela tarde de maio de 1940. Também não era a figura segura e bem-disposta das atualidades e dos filmes de propaganda. Era obviamente um homem que tinha trabalhado demais e dormido muito pouco. Acabava de regressar ao Reino Unido, tendo chegado do Norte de África poucos dias antes, onde tinha estado a convalescer depois de sofrer um pequeno ataque de coração e contrair uma pneumonia. Os olhos estavam raiados de vermelho, o rosto inchado e pálido. Esboçou um débil sorriso ao seu velho amigo.

— Olá, Alfred, como é que tem passado? — perguntou Churchill quando a sentinela da Marinha Real fechou cuidadosamente a porta.

— Bem, mas eu é que lhe devia estar a perguntar isso. O senhor é que tem estado sob pressão.

— Melhor do que nunca — retorquiu Churchill. — Ponha-me ao corrente dos factos.

— Intercetámos duas mensagens de Hamburgo para dois agentes alemães em atividade no Reino Unido — informou Vicary, entregando as mensagens a Churchill. — Como sabe, temos estado a agir na suposição de que tínhamos prendido, enforcado ou feito mudar de lado todos os agentes alemães a atuarem no Reino Unido. Isto é obviamente um grande golpe. Se os agentes transmitiram qualquer informação que contradiga o material que enviámos através da Operação Double Cross, os alemães vão suspeitar de tudo. E também julgamos que estão a planear introduzir um novo agente no país.

— E o que estamos a fazer para os deter?

Vicary informou Churchill das medidas que tinham tomado até ao momento.

— Mas, infelizmente, senhor primeiro-ministro, as hipóteses de capturar o agente à entrada não são boas. Antigamente, no verão de 1940, por exemplo, quando eles estavam a introduzir espões para a invasão, estávamos prontos para os capturar porque muitas vezes os alemães diziam aos agentes já em atividade no Reino Unido precisamente quando, onde e como os novos espões iam entrar.

— E esses agentes estavam a trabalhar para nós como agentes duplos.

— Ou na cela de uma prisão, sim. Mas, neste caso, a mensagem para o agente em atividade era muito vaga, apenas uma frase codificada: executar procedimento de receção número um. Partimos do princípio de que diga tudo o que o agente precisa de saber. Infelizmente, a nós não nos diz nada. Apenas podemos adivinhar como é que o novo espião está a planear entrar no país. E, a não ser que tenhamos muita sorte, as hipóteses de o capturar são, no mínimo, escassas.

— Maldição! — praguejou Churchill, batendo com a mão no braço

da cadeira.

Ergueu-se e serviu brandy para os dois. Olhou fixamente para dentro do copo, resmungando consigo próprio, como se se tivesse esquecido de que Vicary estava ali.

— Lembra-se da tarde em 1940 em que lhe pedi para vir trabalhar para o MI 5?

— Certamente, senhor primeiro-ministro.

— Eu tinha razão, não tinha?

— O que quer dizer?

— Tem passado o melhor tempo da sua vida, não tem? Olhe para si, Alfred, está um homem completamente diferente. Céus, eu queria ter o seu bom aspeto.

— Obrigado, senhor primeiro-ministro — Tem feito um ótimo trabalho. Mas não vai significar nada se esses espões alemães encontrarem o que procuram. Percebe isso, Alfred?

Vicary suspirou profundamente e respondeu:

— Percebo os riscos envolvidos, senhor primeiro-ministro.

— Quero-os detidos, Alfred, Quero-os esmagados.

Vicary pestanejou rapidamente e, inconscientemente, tocou no bolso do casaco à procura dos óculos em meia-lua. O charuto de Churchill tinha-se apagado na sua mão. Reacendendo-o, saboreou um momento de fumo tranquilo.

— Como está o Boothby? — perguntou Churchill por fim. Vicary voltou a suspirar.

— Como sempre, senhor primeiro-ministro.

— A dar apoio?

— Quer ser mantido a par de todos os passos que dou.

— Por escrito, suponho. Boothby é um defensor das coisas por escrito. O gabinete do homem produz mais papel que o Times, diabos o levem!

Vicary permitiu-se um ligeiro riso abafado.

— Nunca lhe disse isto, Alfred, mas tive as minhas dúvidas se conseguiria ter sucesso. Se o Alfred tinha verdadeiramente o que era preciso para agir no mundo dos serviços secretos militares. Oh, nunca duvidei que tivesse os miolos, a inteligência. Mas duvidei que possuísse a espécie de astúcia grosseira necessária para ser um bom agente dos serviços de secretos. Também duvidei que conseguisse ser suficientemente impiedoso.

As palavras de Churchill espantaram Vicary.

— Então porque está a olhar para mim assim, Alfred? E um dos homens mais decentes que alguma vez conheci. Normalmente, os homens que têm sucesso no seu tipo de trabalho são homens como Boothby. Ele prendia a própria mãe se pensasse que isso beneficiava a sua carreira, ou apunhalava o inimigo pelas costas.

— Mas eu mudei, senhor primeiro-ministro. Fiz coisas que nunca pensei ser capaz de fazer. E também fiz coisas de que me envergonho. Churchill pareceu perplexo.

— Vergonha?

— Quando se é contratado para limpar chaminés, fica-se com os dedos pretos — retorquiu Vicary. — Sir James Harris escreveu estas palavras quando foi ministro em Haia, em 1785. Detestava o facto de lhe pedirem para pagar subornos a espões e informadores. Às vezes, quem me dera que ainda fosse assim tão simples.

Vicary lembrou-se da noite em setembro de 1940. Ele e a sua equipa tinham-se escondido no meio da urze no topo de uma escarpa sobranceira a uma praia rochosa da Cornualha, abrigados da chuva fria debaixo de um oleado preto. Vicary sabia que o alemão viria nessa noite; a Abwehr tinha pedido a Karl Becker para lhe preparar uma festa de receção. Ele não passava de um rapaz, lembrou-se Vicary, e, no momento em que atingiu a praia na sua balsa insuflável, estava meio morto de frio. Caiu nas mãos dos homens da Divisão Especial, balbuciando em alemão, feliz por estar vivo. Os documentos dele eram atrozes, as duzentas libras mal forjadas e o inglês limitado a umas poucas amabilidades bem ensaiadas. Era tão mau que Vicary teve de conduzir o interrogatório em alemão. O espão tinha sido encarregado de recolher informações sobre as defesas costeiras e, quando chegasse a invasão, de fazer sabotagem. Vicary concluiu que ele era inútil. Imaginou quantos mais iguais àquele teria Canaris — mal treinados, mal equipados e mal financiados, praticamente sem qualquer hipótese de sucesso. Manter o logro elaborado pelo MI5 requeria que executassem alguns espões, portanto Vicary recomendou o seu enforcamento. Assistiu à execução na prisão de Wandsworth e nunca iria esquecer a expressão nos olhos do espão quando o carrasco lhe enfiou o capuz na cabeça.

— Tem de transformar o coração numa pedra, Alfred — disse Churchill num sussurro rouco. — Não temos tempo para sentimentos como vergonha ou compaixão, nenhum de nós, agora não. Tem de deixar de lado quaisquer princípios que ainda possua, deixar de lado quaisquer sentimentos de compaixão que ainda possua, e fazer tudo o que for necessário para vencer. Isso ficou claro?

— Ficou, senhor primeiro-ministro.

Churchill aproximou-se, inclinou-se e falou num tom confessional:

— Há uma verdade infeliz acerca da guerra. Embora seja praticamente impossível que um só homem ganhe uma guerra, é inteiramente possível que um só homem a perca.

Churchill fez uma pausa e, a seguir, rematou:

— Para bem da nossa amizade, Alfred, não seja esse homem! Vicary, abalado com o aviso de Churchill, reuniu as suas coisas e

dirigiu-se para a porta. Abriu-a e saiu para o corredor. Na parede, o quadro da meteorologia, atualizado de hora a hora, indicava tempo chuvoso. Vicary ouviu Churchill atrás de si, sozinho no quarto subterrâneo, murmurando consigo próprio. Vicary levou uns instantes a perceber o que o primeiro-ministro estava a dizer.

— Maldito tempo inglês! — murmurava Churchill. — Maldito tempo inglês!

Por instinto, Vicary procurou pistas no passado. Leu e releu descodificações de mensagens enviadas por agentes no Reino Unido para operadores de rádio em Hamburgo. Descodificações de mensagens enviadas por Hamburgo para os agentes no Reino Unido. Histórias de casos, mesmo de casos em que ele próprio tinha estado envolvido. Leu o relatório final de um dos primeiros casos que tinha tratado, um incidente que terminara no norte da Escócia, num lugar adequadamente chamado Cape Wrath^[3]. Leu a carta de recomendação que estava no seu processo, escrita de má vontade por Sir Basil Boothby, chefe de divisão, com cópia enviada para Winston Churchill, primeiro-ministro. Sentiu-se novamente cheio de orgulho.

Harry Dalton andava de um lado para o outro, entre o gabinete de Vicary e a divisão dos Registos, como um batedor de estradas medieval, trazendo novos documentos para um lado e devolvendo os antigos para o outro. Alguns agentes, cientes da tensão crescente no gabinete de Vicary, passavam pela sua porta em grupos de dois e três como automobilistas por um acidente na estrada — olhos desviados, mas lançando rápidas e temerosas olhadelas. Quando Vicary acabava um love de dossiês, Harry perguntava: Alguma coisa? Vicary fazia uma careta e respondia: Não, nada, raios!

Às duas horas daquela tarde, as paredes estavam a fechar-se sobre ele. Tinha fumado demasiados cigarros e bebido demasiadas chávenas de chá preto forte.

— Preciso de ar fresco, Harry.

— Saia daqui durante algumas horas. Fazia-lhe bem.

— vou dar um passeio, comer qualquer coisa, se calhar.

— Quer companhia?

— Não, obrigado.

Um chuvisco gelado, como o fumo de uma batalha próxima, caiu sobre Westminster enquanto Vicary caminhava ao longo do Embankment. Um vento cruelmente frio levantou-se do rio, fez retinir os sinais da rua temporários e em mau estado, e assobiou através de uma pilha de madeira despedaçada e tijolos partidos, onde antes se erguera um edifício esplêndido. Vicary deslocou-se rapidamente com o seu coxear mecânico, por causa do joelho rígido, com a cabeça baixa e as mãos mergulhadas nos bolsos do casaco. Pelo aspeto da sua cara, um transeunte podia deduzir que estava atrasado para uma reunião

importante ou a fugir de alguma desagradável.

A Abwehr tinha apenas umas quantas maneiras de introduzir um agente no Reino Unido. Muitos eram postos em terra em barcos pequenos saídos de um submarino. Vicary tinha acabado de ler o relatório da captura dos agentes duplos com o nome de código Mutt e Jeff. Tinham chegado a terra num hidroavião, perto da aldeia de pesca de arenque MacDuff, em Moray Firth. Vicary já tinha pedido à Guarda Costeira e à Marinha Real para estarem particularmente vigilantes. Mas o litoral inglês estendia-se por muitos milhares de quilómetros, impossíveis de cobrir totalmente. Vicary sabia que as hipóteses de apanhar um agente numa praia escura eram escassas.

A Abwehr tinha introduzido espões no Reino Unido de paraquedas. Era impossível ter em conta cada centímetro quadrado do espaço aéreo, mas Vicary tinha pedido à RAF para estar atenta a aeronaves isoladas.

A Abwehr tinha aterrado e desembarcado agentes na Irlanda e no Ulster. Para chegarem a Inglaterra tinham de apanhar o ferry. Vicary tinha pedido aos operadores do ferry em Liverpool para manterem debaixo de olho os passageiros desconhecidos: qualquer pessoa não familiarizada com a rotina da travessia de ferry, pouco à vontade com a língua ou com a moeda. Não lhes podia dar uma descrição porque não a tinha.

O passeio em andamento vivo e o tempo frio fizeram-lhe fome. Entrou num pub perto da estação de Victoria e pediu uma empada de legumes e meia caneca de cerveja.

Tem de transformar o coração numa pedra, dissera Churchill.

Infelizmente, já tinha feito isso há muito tempo. Helen. Era a filha mimada e atraente de um industrial próspero, e Vicary, apesar de saber que era um erro, apaixonara-se loucamente por ela. A relação começou a desfazer-se na tarde em que fizeram amor pela primeira vez. Por qualquer razão, o pai de Helen tinha lido corretamente os sinais; o modo como eles davam a mão no regresso do lago, a maneira como Helen tocava no cabelo já ralo de Vicary. Nessa noite, chamou Helen para uma conversa privada. Em nenhuma circunstância, ela seria autorizada a casar com o filho de um escriturário, que frequentara a universidade com uma bolsa de estudos. O pai de Helen ordenou-lhe que terminasse a relação tão rápida e discretamente quanto possível, e ela fez exatamente o que lhe tinha sido dito. Era esse tipo de rapariga. Vicary nunca a recriminou por isso e ainda a amava. Mas qualquer coisa se apagou nele nesse dia. Supôs que fosse a sua capacidade de acreditar. Perguntava-se se alguma vez a recuperaria.

É praticamente impossível que um só homem ganhe uma guerra.

Vicary pensou: Raios partam o Velho por pôr esse peso nos meus

ombros.

A dona do pub, uma mulher corpulenta, apareceu ao pé da mesa.

— Estava assim tão mau, meu querido?

Vicary olhou para o prato. As cenouras e as batatas tinham sido empurradas para o lado e estivera a passear distraidamente a ponta da faca pelo molho da carne. Olhou para o prato com mais atenção e verificou que tinha traçado um mapa de Inglaterra na mistela castanha.

Perguntou a si mesmo: Onde é que aquele maldito espião irá aterrar?

— Estava bom — disse Vicary educadamente, entregando o prato.

— Acho que não estava com tanta fome como pensava.

Na rua, Vicary levantou a gola do sobretudo e começou a voltar para o escritório.

E inteiramente possível que um só homem a perca.

Folhas mortas crepitavam no caminho de Vicary enquanto ele se apressava ao longo de Birdcage Walk. A última luz da tarde recuava lentamente. Na escuridão crescente, Vicary podia ver as cortinas do blackout fecharem-se como pálpebras nas janelas sobranceiras ao St. James's Park. Imaginou Helen numa das janelas a vê-lo apressar-se pelo passeio lá em baixo. Entrou numa feroz fantasia em que, resolvendo o caso, prendendo os espiões e ganhando a guerra, iria provar que era digno dela e ela o voltaria a aceitar.

Não seja esse homem.

Havia mais qualquer coisa que Churchill tinha dito; tinha-se queixado da chuva incessante. O primeiro-ministro, seguro no abrigo da sua fortaleza subterrânea, a queixar-se do tempo...

Vicary passou rapidamente pelo guarda do quartel-general do MI5, sem apresentar o distintivo de identificação.

— Conseguiu inspirar-se? — perguntou Harry quando Vicary voltou para o gabinete.

— Talvez. Se precisasse de meter de repente um espião no país, Harry, que caminho usava?

— Acho que vinha pelo leste... Kent, East Anglia e até mesmo pelo leste da Escócia.

— Exatamente o que pensei.

— E então?

— Se estivesse a montar uma operação rapidamente, que meio de transporte usava?

— Depende.

— Vá lá, Harry!

— Acho que escolhia um avião.

— E porque não um submarino... pôr o espião em terra com uma balsa?

— Porque é mais fácil arranjar um pequeno avião rapidamente do que um submarino precioso.

— Exato, Harry. E do que precisa para colocar um espião em Inglaterra por avião?

— bom tempo, para já.

— Certo outra vez, Harry.

Vicary agarrou subitamente no auscultador do telefone e esperou que a telefonista atendesse.

— Daqui fala Vicary. Ligue-me ao serviço meteorológico da RAF imediatamente.

Uma jovem atendeu um momento depois.

— Sim?

— — Daqui fala Vicary, do Ministério da Guerra. Preciso de uma informação sobre o tempo.

— Que tempo tão desagradável que estamos a ter, não é?

— Sim, sim — respondeu Vicary impacientemente — Quando é que vai melhorar a leste?

— Esperamos que o sistema atual se desloque para o mar alto amanhã à tarde, em qualquer altura.

— E vamos ter céu limpo?

— Cristalino.

— Raios!

— Mas não por muito tempo. Há outra frente atrás desta, a deslocar-se rapidamente pelo país para sudeste.

— E a que distância está?

— É difícil dizer. Provavelmente doze a dezoito horas.

— E depois disso?

— O país inteiro vai ficar encharcado na próxima semana... neve e chuva intermitente.

— Obrigado.

Vicary desligou o telefone e voltou-se para Harry.

— Se a nossa teoria for válida, o nosso espião vai tentar entrar no país de paraquedas amanhã à noite.

TREZE

HAMPTON SANDS, NORFOLK

A descida de bicicleta até à praia demorava normalmente cerca de cinco minutos. Ao fim da tarde, Sean Dogherty resolveu cronometrá-la apenas para ter a certeza.

Pedalou a uma cadência cuidadosa e sem pressas, com a cabeça inclinada para o vento refrescante vindo do mar. Desejou que a bicicleta estivesse em melhor estado.

Como a própria Inglaterra em tempo de guerra, estava gasta, batida, a precisar desesperadamente de manutenção. Chocalhava e chiava a cada volta dos pedais. A corrente precisava de óleo, que era escasso, e os pneus estavam tão carecas e remendados que até parecia que Dogherty se deslocava só nos aros.

A chuva diminuía a meio do dia. Nuvens gordas e esfarrapadas flutuavam por cima da cabeça de Dogherty como balões de barragem a flutuarem nos seus ancoradouros. Atrás dele, o Sol punha-se no horizonte como uma bola de fogo. Os pântanos e as encostas brilhavam com uma bela luz cor de laranja.

Dogherty sentiu uma intensa excitação a crescer no seu peito. Não sentia nada igual desde a primeira vez que se tinha encontrado com o contacto da Abwehr em Londres, no início da guerra.

A estrada acabava num pequeno pinhal no sopé das dunas. Um sinal desgastado pelo mau tempo avisava que havia minas na praia. Dogherty, como toda a gente em Hampton Sands, sabia que não havia nenhuma. No cesto da bicicleta, Dogherty tinha colocado um recipiente fechado com um litro de preciosa gasolina. Retirou o recipiente, empurrou a bicicleta para dentro do pinhal e encostou-a cuidadosamente a uma árvore.

Dogherty olhou para o relógio — exatamente cinco minutos.

Um trilho seguia pelo meio das árvores. Dogherty seguiu-o, com areia e agulhas secas de pinheiro por debaixo dos pés, e atravessou as dunas. O barulho da rebentação das ondas enchia o ar.

O mar abriu-se à frente dele. A maré tinha atingido o ponto mais alto duas horas antes. Naquele momento, já estava a vazar rapidamente e com força. À meia-noite, hora a que estava prevista a descida, iria haver uma larga faixa de areia seca e lisa ao longo da

linha de água, perfeita para a aterragem em paraquedas de um agente.

Dogherty tinha a praia por sua conta. Voltou para os pinheiros e passou os cinco minutos seguintes a recolher lenha suficiente para três pequenas fogueiras de sinalização. Precisou de quatro viagens para levar a lenha para a praia. Verificou o vento — de nordeste, a uns trinta e três quilômetros por hora. Dogherty empilhou a madeira em linha reta, separando as pilhas umas das outras cerca de vinte metros, para indicar a direção do vento.

O crepúsculo estava a terminar. Dogherty abriu o recipiente da gasolina e regou a madeira. À noite, teria de esperar ao pé do rádio até receber o sinal de Hamburgo a avisar que o avião se estava a aproximar. Nessa altura, teria de descer até- à praia, acender as fogueiras e recolher o agente. Simples, se tudo corresse conforme planeado.

Dogherty começou a voltar para trás pela praia. Foi então que viu Mary parada no topo das dunas, uma silhueta recortada pelos últimos raios do pôr do Sol, com os braços cruzados debaixo do peito. O vento atirava-lhe o cabelo para a cara. Ele tinha-lhe dito na noite anterior, tinha-lhe dito que a Abwehr o tinha mandado recolher um agente. Tinha-lhe pedido para sair de Hampton Sands até estar tudo acabado, tinham amigos e família em Londres com quem ela podia ficar. Mary tinha recusado ir. Não lhe tinha dito uma palavra desde então. Andavam aos encontrões no pequeno chalé, num silêncio zangado, evitando entreolharem-se, com Mary a bater com os tachos no fogão e a partir pratos e chávenas por causa dos nervos abalados. Era como se tivesse ficado para o punir com a sua presença.

Quando Dogherty chegou ao topo das dunas, Mary tinha partido. Seguiu o caminho até ao sítio onde tinha deixado a bicicleta. Mary tinha-a levado. Mais um round na nossa guerra silenciosa, pensou Dogherty. Levantou a gola para se proteger do vento e voltou para o chalé.

Jenny Colville descobriu o lugar quando tinha dez anos — uma pequena depressão nos pinheiros, a algumas centenas de metros da estrada, abrigada do vento por um par de grandes rochas. Um esconderijo perfeito. Tinha construído um tosco fogão de acampamento, amontoando rochas num círculo e pondo uma pequena grelha de metal no topo. Colocou os elementos de uma fogueira — agulhas de pinheiro, erva seca das dunas, pequenos galhos caídos das árvores e chegou-lhes um fósforo. Soprou suavemente e um instante depois a fogueira ganhou vida.

Ela conservava uma pequena mala escondida debaixo das rochas, coberta com uma camada de agulhas de pinheiro. Afastou as agulhas e tirou-a de lá. Jenny abriu a tampa e retirou o que estava lá dentro: um cobertor de lã gasto, uma pequena panela de metal, uma caneca de

esmalte lascada e uma caixa de chá seco e poeirento. Jenny desdobrou o cobertor e estendeu-o ao pé da fogueira. Sentou-se e aqueceu as mãos nas chamas.

Dois anos antes, um aldeão tinha descoberto as suas coisas e concluído que um vagabundo estava a viver na praia. Isso causou a maior agitação em Hampton Sands desde o incêndio na St. John's Church, em 1912. Jenny manteve-se afastada durante algum tempo. Mas o escândalo acalmou rapidamente e ela pôde voltar.

As chamas morreram, deixando uma camada de brasas vermelhas incandescentes. Jenny encheu o bule com água de um cantil que trouxera de casa. Assentou a panela na grelha e esperou que começasse a ferver, ouvindo o som do mar e do vento a assobiar entre os pinheiros.

Como de costume, o local exerceu a sua magia.

Começou a esquecer-se dos seus problemas — do pai.

Ao princípio da tarde, quando chegou a casa vinda da escola, ele estava sentado à mesa da cozinha, bêbado. Depressa se iria tornar beligerante, depois zangado e depois violento. Iria descarregar na pessoa mais próxima; inevitavelmente, seria Jenny. Decidiu esquivar-se à tarefa antes que ela pudesse acontecer. Fez-lhe um prato de sanduíches pouco abundante e um bule de chá e colocou-os na mesa. Ele não disse nada, não mostrou nenhum interesse em saber onde ela ia quando Jenny vestiu o casaco e se esgueirou pela porta.

A água ferveu. Jenny juntou-lhe o chá, tapou-a e tirou-a do lume. Pensou nas outras raparigas da aldeia. Estariam em casa a jantar com os pais, a falarem sobre os acontecimentos do dia e não a esconderem-se nas árvores ao pé da praia, sem outra companhia que não o som das ondas e uma chávena de chá. Isso tinha-a tornado diferente, mais velha, mais esperta. Tinha sido despojada da sua infância, do seu tempo de inocência, forçada a confrontar-se muito cedo na vida com o facto de o mundo poder ser um sítio diabólico.

Meu Deus, porque é que ele me odeia tanto? O que é que eu alguma vez fiz que o magoasse?

Mary tinha feito o seu melhor para explicar o comportamento de Martin Colville. Ele ama-te, tinha dito Mary vezes sem conta, mas está ferido, zangado e infeliz e descarrega na pessoa de quem gosta mais.

Jenny tinha tentado pôr-se no lugar do pai. Lembrava-se vagamente do dia em que a mãe juntou as suas coisas e partiu. Lembrava-se do pai a implorar e a suplicar-lhe que ficasse. Lembrava-se da expressão da cara dele quando ela recusou, lembrava-se do som do estilhaçar dos copos, dos pratos partidos, das coisas horríveis que disseram um ao outro. Durante muitos anos, não lhe disseram para onde a mãe tinha ido, simplesmente não se falava disso. Quando Jenny perguntava ao pai, ele ia-se embora num silêncio tempestuoso.

Mary foi quem acabou por lhe dizer. A mãe tinha-se apaixonado por um homem de Birmingham e tido um caso com ele, vivendo juntos desde então. Quando Jenny perguntou por que razão a mãe nunca a tinha tentado contactar, Mary não lhe pôde dar uma resposta. Para tornar as coisas piores, Mary disse a Jenny que ela se tinha tornado a cara da mãe. Jenny não tinha provas disso — a última memória que tinha da mãe era a de uma mulher desesperada e zangada, com os olhos inchados e vermelhos de chorar — e o pai tinha destruído todas as fotografias dela há muito tempo.

Jenny verteu o chá, apertando a caneca de esmalte junto do corpo para aquecer. Rajadas de vento agitavam o topo das árvores por cima da sua cabeça. A Lua apareceu, seguida pelas primeiras estrelas. Jenny conseguia sentir que iria ser uma noite muito fria. Não iria poder ficar muito tempo.

Deitou dois pedaços de lenha para a fogueira e ficou a olhar para as sombras a dançarem nas rochas. Acabou o chá e enrolou-se numa bola, com a cabeça apoiada nas mãos.

Imaginou-se noutro lugar qualquer, em qualquer sítio exceto Hampton Sands. Queria fazer algo grandioso e não voltar mais. Tinha dezasseis anos. Algumas das raparigas mais velhas das aldeias vizinhas tinham ido para Londres e para outras cidades grandes para aceitarem trabalhos que os homens tinham largado para irem para a guerra. Ela podia encontrar trabalho numa fábrica, servir à mesa, qualquer coisa.

Estava a começar a adormecer quando pensou ouvir um som perto da água. Por um momento, interrogou-se se haveria realmente vagabundos a viverem na praia. Assustada, Jenny pôs-se de pé. Os pinheiros acabavam nas dunas. Deslocou-se cuidadosamente pelo pinhal, pois tinha escurecido rapidamente, e iniciou a subida da areia. Parou no topo, com a vegetação da duna a dançar ao sabor do vento por baixo dos seus pés, e olhou na direção do som. Viu uma figura com um oleado, botas de mar e um chapéu impermeável com abas largas.

Sean Dogherty.

Parecia estar a empilhar madeira, a andar de um lado para o outro, a calcular alguma distância. Talvez Mary estivesse certa. Talvez Sean tivesse endoidecido.

Depois, Jenny descortinou outra figura no topo das dunas. Era Mary, ali de pé, ao vento, de braços cruzados, olhando para Sean em silêncio. A seguir, Mary voltou-se e foi-se embora silenciosamente sem esperar por Sean.

Quando Sean ficou fora de vista, Jenny apagou as brasas, guardou as suas coisas e pedalou de regresso a casa. O chalé estava vazio, frio e escuro quando chegou. O pai tinha saído, a lareira estava apagada há muito. Não havia nenhuma nota a explicar o seu paradeiro. Ficou

acordada na cama durante algum tempo, a ouvir o vento, a rever a cena que tinha testemunhado na praia. Havia qualquer coisa muito errada naquilo, concluiu. Qualquer coisa muito errada mesmo.

— De certeza que podemos fazer mais qualquer coisa, Harry disse Vicary a andar de um lado para o outro do gabinete.

— Já fizemos tudo o que podíamos fazer, Alfred.

— Talvez devêssemos verificar outra vez com a RAF.

— Acabei de verificar com a RAF.

— Alguma coisa?

— Nada.

— bom, ligue para a Marinha Real...

— Acabei de falar para a Cidadela.

— E?

— Nada.

— Cristo!

— Tem de ser paciente.

— Não sou dotado de paciência natural, Harry.

— Já reparei.

— E quanto a...

— Liguei para oferry de Liverpool — E então?

— Parado por causa do mar bravo.

— Então esta noite eles não vêm pela Irlanda.

— Não é muito provável.

— Talvez estejamos a abordar isto de uma perspetiva errada, Harry.

— O que quer dizer?

— Talvez devêssemos focar a nossa atenção nos dois agentes que já estão no Reino Unido.

— Estou a ouvir.

— Vamos voltar aos registos de passaportes e de imigração.

— Cristo, Alfred, eles não mudaram desde 1940. Juntámos todos os que achávamos que eram espiões e prendemos toda a gente de quem tínhamos dúvidas.

— Eu sei, Harry. Mas talvez haja alguma coisa em que não tenhamos reparado.

— Tal como?

— Diabos, como quer que eu saiba?

— Eu arranjo os registos. Mal não pode fazer.

— Talvez estejamos sem sorte, Harry.

— Alfred, conheci uma série de polícias com sorte no meu tempo.

— Sim, Harry?

— Mas nunca conheci um poli cia preguiçoso com sorte.

— Onde quer chegar, Harry?

— vou buscar os registos e fazer um bule de chá.

Sean Dogherty saiu do chalé pela porta das traseiras e percorreu o caminho até ao celeiro. Vestia uma camisola grossa e um oleado e trazia um candeeiro a petróleo. As últimas nuvens tinham desaparecido. O céu era um tapete azul-escuro carregado de estrelas, com uma Lua brilhante a três quartos. O ar estava dolorosamente frio.

Uma ovelha baliu quando ele abriu a porta do celeiro e entrou. O animal tinha-se enredado na cerca nesse dia. Na luta para se libertar, tinha arranjado maneira de cortar a pata e de abrir um buraco na cerca ao mesmo tempo. Naquele momento, estava deitada numa cama de feno no canto do celeiro.

Dogherty ligou o rádio e começou a mudar o penso, cantarolando serenamente para acalmar os nervos de ambos. Tirou o penso ensanguentado, substituiu-o por um novo e prendeu-o de forma a ficar seguro.

Estava a admirar o seu trabalho quando o rádio crepitou, dando sinal de vida. Dogherty atravessou o celeiro a correr e colocou os auscultadores. A mensagem era breve. Enviou um sinal de confirmação e saiu do celeiro velozmente.

O percurso até à praia demorou menos de três minutos.

Dogherty desmontou no fim da estrada e puxou a bicicleta para dentro das árvores. Trepou as dunas, desceu pelo outro lado e correu ao longo da praia. As fogueiras de sinalização estavam intactas, prontas para serem acesas. Ao longe, conseguia ouvir o ronco baixo de um avião.

Pensou: Meu Deus, ele está mesmo a chegar.

Acendeu as fogueiras. Em poucos segundos, a praia resplandecia de luz.

Dogherty, agachado na vegetação das dunas, esperou que o avião aparecesse. O aparelho desceu sobre a praia e um momento depois um ponto preto saltou da parte de trás do avião. O paraquedas abriu-se com um estalido enquanto o avião virava e se dirigia para o mar alto.

Dogherty levantou-se da vegetação da duna e correu pela praia, O alemão fez uma aterragem perfeita, rolou e já estava a recolher o paraquedas preto quando Dogherty chegou.

— Deve ser o Sean Dogherty — disse ele num inglês perfeito de colégio particular.

— É verdade — respondeu Sean, espantado. — E você deve ser o espião alemão.

O homem franziu o sobrolho.

— Qualquer coisa do género. Oiça, meu velho, eu trato disto. Porque não apaga essas malditas fogueiras antes que o mundo inteiro saiba que estamos aqui?

SEGUNDA PARTE

CATORZE

PRÚSSIA ORIENTAL: DEZEMBRO DE 1927

Os veados estão a passar fome este inverno. Saem dos bosques e esgaravatam os prados em busca de comida. O grande macho está lá, ao pôr do Sol, com o nariz a furar a neve por um bocado de erva congelada. Eles estão atrás de uma pequena elevação, Anna de barriga para baixo, o papá acororado ao lado dela. Ele sussurra instruções, mas ela não o ouve. Não precisa de instruções. Tinha estado à espera deste dia. Tinha-o imaginado. Tinha-se preparado para ele.

Ela está a introduzir as balas no cano da espingarda. É nova, a coroa lisa, sem um risco e a cheirar a óleo de limpar armas. É o seu presente de aniversário. Hoje quinze anos.

O veado também é o seu presente.

Tinha querido apanhar um veado antes, mas o papá recusara. "É uma coisa muito emocional, matar um veado", tinha-lhe dito em jeito de explicação. "É difícil de descrever.

Tens de experimentar e eu não deixo que isso aconteça até teres idade suficiente para compreender."

É um tiro difícil — cento e cinquenta metros, com vento lateral gelado e forte. A cara de Anna arde com o frio, o corpo estremece, os dedos ficaram entorpecidos nas luvas. Coreógrafa o tiro na cabeça; aperta o gatilho suavemente, tal como na carreira de tiro. Exatamente como o papá lhe ensinou.

O vento sopra em rajadas. Ela espera.

Ergue-se sobre um joelho e coloca a espingarda em posição de disparar.

O veado, assustado com o barulho da neve a ser esmagada debaixo de Arma, levanta a enorme cabeça e vira-a na direção do som.

Rapidamente, ela vê a cabeça do macho na mira, tem em conta o vento lateral e dispara. A bala penetra no olho do macho e ele cai no prado branco de neve como uma trouxa sem vida.

Ela baixa a arma e volta-se para o papá. Está à espera que ele esteja a sorrir, a aplaudir, que tenha os braços abertos para a acolher e lhe dizer quão orgulhoso está. Em vez disso, a cara dele é uma máscara vazia enquanto olha primeiro para o veado morto e depois para ela.

— O teu pai sempre quis um filho, mas eu não lhe dei um — disse-lhe a mãe quando estava de cama a morrer de tuberculose, no quarto ao fundo do corredor. — Sê o que ele quiser que tu sejas. Ajuda-o, Anna. Toma conta dele por mim.

Tinha feito tudo o que a mãe pedira. Tinha aprendido a andar a cavalo, a disparar e afazer tudo o que os rapaces fazem, só que melhor. Tinha viajado com o papá para os postos diplomáticos. Na segunda-feira, vão partir para a América, onde o papá vai ser primeiro conselheiro.

Anna tinha ouvido falar dos gangsters na América a deslocarem-se nas ruas nos seus enormes carros pretos, a dispararem sobre toda agente que vissem. Se os gangsters tentarem ferir o papá, ela vai dar-lhes um tiro nos olhos com a sua nova arma.

Nessa noite, deitam-se juntos na cama do papá, com uma grande quantidade de lenha a arder com intensidade na lareira. Lá fora, há uma tempestade. O vento ruge e as árvores batem na casa. Anna acha sempre que estão a tentar entrar porque têm frio. O fogo crepita e o fumo emite um cheiro quente e maravilhoso. Encosta a cara à do papá e põe os braços à volta do peito dele.

— Para mim, foi difícil a primeira vez que matei um veado — di ele como que a admitir uma falha. — Quase pus a minha arma de lado. Porque não foi difícil para ti, minha querida Anna?

— Não sei, papá, simplesmente não foi!

— Tudo o que conseguia ver eram os olhos daquela maldita coisa afitarem-me. Uns enormes olhos castanhos. Belos. Depois vi a vida a abandoná-los e senti-me pessimamente.

Não consegui tirar a maldita coisa da cabeça durante uma semana.

— Não vi os olhos. Voltou-se para ela no escuro.

— O que viste? Ela hesitou.

— Vi a cara dele.

— A cara de quem, querida? -pergunta ele, confuso. — A cara do veado?

— Não, papá, não a do veado.

— Anna, querida, de que raio estás a falar?

Ela quer desesperadamente dizer-lhe, dizer a alguém. Se a mãe ainda fosse viva, talvez lhe conseguisse dizer a ela. Mas não tem coragem para contar ao papá. Ficaria louco. Não seria justo para ele.

— De nada, papá. Agora estou cansada — responde ela, beijando-o na cara. — Boa noite, papá. Sonhos cor-de-rosa.

LONDRES: JANEIRO DE 1944

Tinham passado seis dias desde que Catherine Blake recebera a mensagem de Hamburgo. Durante esse tempo, pensara muito e arduamente na hipótese de a ignorar.

Alfa era o nome de código de um ponto de encontro no Hyde

Park, um caminho pelo meio de um pequeno bosque. Não conseguia evitar sentir-se inquieta com a ideia de ir para a frente com o encontro. O MI5 prendera dezenas de espões desde 1940. De certeza que alguns desses espões tinham contado tudo o que sabiam antes de irem ter com o carrasco.

Teoricamente, isso não devia fazer diferença no caso dela. Vogel prometera que com ela seria diferente. Teria procedimentos de rádio diferentes, procedimentos de encontro diferentes e códigos diferentes. Mesmo que todos os outros espões em Inglaterra fossem presos e enforcados, não teriam maneira de chegar até ela.

Catherine desejou poder partilhar da confiança de Vogel. Ele estava a centenas de quilómetros, separado do Reino Unido pelo canal da Mancha, a voar às cegas. O mais pequeno erro podia levá-la à prisão ou à morte. Como o ponto de encontro, por exemplo. Estava uma noite terrivelmente fria; alguém a vaguear pelo Hyde Park ficava automaticamente sob suspeita. Era um erro idiota, tão incaracterístico de Vogel. Devia estar sob grande pressão. Era compreensível. Aproximava-se uma invasão, toda a gente sabia disso. A única questão era quando e onde.

Sentia-se relutante em ir ao encontro por outra razão: receava ser arrastada para o jogo. Tinha-se habituado a viver confortavelmente — talvez demasiado confortavelmente. A sua vida adquirira uma estrutura e uma rotina. Tinha um apartamento confortável, o seu trabalho de voluntariado no hospital e o dinheiro de Vogel para subsistir. Estava relutante em pôr-se em perigo nesta fase final da guerra. Não se achava de maneira nenhuma uma alemã patriótica. O seu disfarce parecia totalmente seguro. Podia esperar pelo fim da guerra e depois voltar para Espanha. Voltar para a grande estância no sopé das colinas. Voltar para Maria.

Catherine entrou no Hyde Park. O trânsito da tarde em Kensington Road diluiu-se num zunido agradável.

Tinha duas razões para ir ao encontro.

A primeira era a segurança do pai. Catherine não se tinha voluntariado para trabalhar para a Abwehr como espiã, tinha sido forçada a fazê-lo. O instrumento de coerção de Vogel era o pai dela. Tinha deixado claro que o pai seria prejudicado — preso, atirado para um campo de concentração, morto mesmo — se ela não aceitasse ir para o Reino Unido. Se agora recusasse aceitar uma missão, a vida do pai ficaria certamente em perigo.

A segunda razão era mais simples — ela estava desesperadamente sozinha. Tinha sido destacada e isolada há seis anos. Os agentes vulgares podiam usar os seus rádios.

Tinham algum contacto com a Alemanha. Não lhe tinha sido permitido quase nenhum contacto. Era curiosa; queria falar com

alguém que pertencesse ao seu lado. Queria ser capaz de deixar cair o disfarce por alguns minutos apenas, de largar a identidade de Catherine Blake.

Meu Deus, pensou ela, mas eu já quase não me consigo lembrar do meu nome verdadeiro.

Decidiu ir ao encontro.

Caminhou ao longo da margem do lago Serpentine, vendo um bando de patos a apanhar peixe nas fendas do gelo. Seguiu o caminho em direção às árvores. A última luz tinha desaparecido; o céu era um tapete de estrelas cintilantes. O blackout tinha uma coisa boa, pensou ela: podiam ver-se as estrelas à noite, mesmo no coração do West End.

Meteu a mão na carteira e procurou a coronha da sua pistola com silenciador, uma Mauser automática 6.35. Estava lá. Se alguma coisa parecesse fora do normal, usá-la-ia. Tinha feito uma promessa nunca se deixaria prender. A ideia de estar fechada numa fedorenta prisão britânica qualquer punha-a doente fisicamente. Tinha pesadelos com a sua própria execução. Via as caras risonhas dos ingleses antes de o carrasco lhe colocar o capuz preto na cabeça e a corda à volta do pescoço. Usaria o seu comprimido para se suicidar ou morreria a lutar, mas nunca deixaria que lhe tocassem.

Um soldado americano passou na direção contrária. Tinha uma prostituta agarrada a ele que lhe estava a esfregar as virilhas e a enfiar a língua no ouvido. Era uma cena habitual. As raparigas trabalhavam em Piccadilly. Poucas gastavam tempo ou dinheiro em quartos de hotel. Trabalho de parede, chamavam-lhe os soldados. As raparigas limitavam-se a levar os clientes para becos ou parques e a levantar as saias. Algumas mais ingénuas acreditavam que foder de pé evitava que ficassem grávidas.

Inglesas estúpidas, pensou Catherine Meteu-se por entre o arvoredo e esperou que o agente de Vogel aparecesse.

O comboio da tarde de Hunstanton chegou à estação de Liverpool Street com meia hora de atraso. Horst Neumann recolheu o seu pequeno saco de viagem de couro da prateleira da bagagem e juntou-se à fila dos passageiros que enchiam o cais. A estação estava num caos. Grupos de passageiros cansados vagueavam pelo terminal como vítimas de um desastre natural, com caras inexpressivas, desesperadamente à espera de comboios atrasados. Soldados dormiam onde lhes apetecia, com as cabeças apoiadas nos sacos de viagem. Alguns polícias do caminho de ferro fardados circulavam pelo meio da multidão, tentando manter a ordem. Todos os passageiros eram mulheres. Neumann desceu para a plataforma. Pequeno, ágil, alerta, abriu caminho através da densa multidão.

Os homens junto à saída tinham autoridade estampada neles. Vestiam fatos amarrotados e usavam chapéu de coco. Interrogou-se se

estariam à procura dele. Não havia maneira nenhuma de terem uma descrição sua. Instintivamente, enfiou a mão no interior do casaco, à procura da coronha da pistola. Estava lá, escondida no cós das calças. Procurou também a carteira, no bolso do peito. O nome no bilhete de identidade dizia James Porter. O seu disfarce era o de caixeiro-viajante de produtos farmacêuticos. Roçou pelos dois homens ao passar e juntou-se à multidão que se acotovelava em Bishopsgate.

A viagem, excetuando o inevitável atraso, tinha corrido sem problemas. Partilhara o compartimento com um grupo de jovens soldados. Durante algum tempo, tinham-lhe deitado olhares malévolos enquanto lia o jornal. Neumann calculava que qualquer jovem saudável e bem-parecido à paisana estaria sujeito a uma certa dose de desprezo. Disse-lhes que tinha sido ferido em Dunquerque e trazido para Inglaterra meio morto, a bordo de um rebocador de alto-mar — um dos barcos pequenos. Os soldados convidaram Neumann a juntar-se-lhes num jogo de cartas e ele dera-lhes uma tarefa.

A rua estava escura como breu, com a única iluminação fornecida pelos faróis do trânsito do início da noite, que ia avançando pela rua, e pelas lanternas de blackout que muitos transeuntes transportavam. Sentiu-se como se estivesse no meio de um jogo de crianças, a tentar realizar às cegas uma tarefa ridiculamente simples. Por duas vezes, chocou com um peão a caminhar na direção oposta. Outra vez, colidiu com uma coisa fria e dura e começou a desculpar-se antes de perceber que era um poste de iluminação.

Teve de se rir. De facto, Londres tinha mudado desde a sua última visita.

Nascera com o nome de Nigel Fox, em Londres, em 1919, filho de mãe alemã e pai inglês. Quando o pai morreu em 1927, a mãe voltou para a Alemanha e instalou-se em Dusseldorf. Um ano mais tarde, voltou a casar com um construtor rico chamado Erich Neumann, um disciplinador duro que não estava interessado em ter um enteado chamado Nigel que falasse alemão com sotaque inglês. Mudou imediatamente o nome do rapaz para Horst, autorizou-o a usar o seu nome de família e inscreveu-o numa das mais duras escolas militares do país. Horst era muito infeliz. Os outros rapazes gozavam-no por causa do seu alemão deficiente. Pequeno, facilmente intimidável, vinha para casa a maior parte dos fins de semana com olhos negros e lábios cortados. A mãe sentia-se cada vez mais preocupada: Horst tinha-se tornado reservado e metido consigo mesmo. Erich achava que era bom para ele.

Mas quando Horst fez catorze anos, a sua vida mudou. Numa competição de atletismo aberta a todos, entrou nos 1500 metros com os calções da escola e descalço. Terminou muito abaixo dos cinco minutos, impressionante para um rapaz sem treino. Um treinador da

federação nacional viu a corrida. Encorajou Horst a treinar e convenceu a escola a dar-lhe condições especiais.

Horst reviveu. Livre da escravidão das aulas de educação física da escola, passava as tardes a correr pelos campos e montanhas. Gostava de estar só, longe dos outros rapazes. Nunca tinha sido tão feliz. Tornou-se rapidamente um dos melhores atletas juniores do país em corrida e uma fonte de orgulho para a escola. Aderiu à Hitler Jugend — a Juventude Hitleriana. De repente, rapazes que implicavam com ele nos anos anteriores procuravam a sua atenção. Em 1936, foi convidado a assistir aos Jogos Olímpicos em Berlim. Viu o americano Jesse Owens espantar o mundo ao ganhar quatro medalhas de ouro. Conheceu Adolf Hitler numa recepção à Juventude Hitleriana e até lhe apertou a mão. Ficou tão entusiasmado que telefonou para casa para contar à mãe. Erich ficou imensamente orgulhoso. Sentado na tribuna, Horst sonhou com 1944, ano em que teria idade suficiente e rapidez suficiente para competir pela Alemanha.

A guerra iria mudar tudo isso.

Entrou para a Wehrmacht no início de 1939. A sua condição física e a atitude de lobo solitário chamaram a atenção dos Fallschirmjäger, a tropa paraquedista. Foi enviado para a escola de paraquedismo em Stendhal e aterrou na Polónia no primeiro dia da guerra. Seguiram-se a França, Creta e a Rússia. Obteve a sua Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro no fim de 1942.

Paris terminaria com os seus dias de paraquedismo. Uma noite, já tarde, foi a um bar tomar um brandy. Um grupo de oficiais das SS tomara conta da sala das traseiras para uma festa privada. A meio da bebida, Neumann ouviu um grito vindo dessa sala. O francês atrás do balcão ficou petrificado, demasiado aterrado para investigar. Neumann atuou por ele. Quando abriu a porta, viu uma rapariga francesa em cima da mesa, com os braços e pernas presos por homens das SS. Um maior estava a violá-la e outro batia-lhe com um cinto. Neumann entrou a correr e aplicou um soco brutal na cara do major. A cabeça deste acertou na esquina de uma mesa: nunca recuperou a consciência.

Os outros homens das SS arrastaram-no para um beco, espancaram-no selvaticamente e deixaram-no à beira da morte. Passou três meses num hospital a recuperar. As lesões na cabeça foram tão severas que foi declarado incapaz para saltar de paraquedas. Por causa do seu inglês fluente, foi colocado num posto de escuta dos serviços secretos do exército, no norte de França, onde passou os dias sentado em frente de um recetor de rádio numa cabana limitada e claustrofóbica, a monitorizar comunicações via rádio com origem do outro lado do canal da Mancha, em Inglaterra. Era um trabalho escravo.

Foi então que apareceu o homem da Abwehr, Kurt Vogel. Tinha um aspeto doentio e cansado e, noutras circunstâncias, Neumann poderia ter pensado que ele era um artista ou um intelectual. Disse que procurava homens qualificados que quisessem ir fazer espionagem em Inglaterra. Disse que pagaria o dobro do ordenado de Neumann na Wehrmacht. Neumann estava completamente farto. Aceitou de imediato. Nessa noite, deixou a França e voltou para Berlim com Vogel.

Uma semana antes de ir para o Reino Unido, Neumann foi levado para uma quinta no distrito de Dahlem, mesmo à saída de Berlim, para uma semana de reuniões e de intensa preparação. As manhãs eram passadas no celeiro, onde Vogel tinha montado uma plataforma de saltos para Neumann treinar. Um salto real foi considerado fora de questão por razões de segurança. Também melhorou a sua habilidade com armas de fogo, que já era impressionante, e com métodos para matar silenciosamente. As tardes eram ocupadas com o essencial do trabalho de campo: saltos de treino, procedimentos especiais para encontros, códigos e rádio. Algumas vezes, as instruções eram dadas apenas por Vogel. Outras vezes, este trazia o assistente, Werner Ulbricht. Neumann referia-se a ele, a brincar, como Watson, e Ulbricht aceitava-o com uma satisfação pouco comum nele. No final das tardes, com a luz do inverno a morrer sobre a paisagem coberta de neve da quinta, Neumann tinha autorização para correr durante quarenta e cinco minutos. Durante três dias, deixaram-no correr sozinho. Mas, no quarto dia, com a cabeça cheia dos segredos de Vogel, foi seguido à distância por um jipe.

As noites pertenciam a Vogel. Depois de uma ceia em grupo na cozinha da casa da quinta, Vogel levava Neumann para o estúdio e ensinava-o à lareira. Nunca usava notas, pois Vogel, como Neumann podia ver, tinha o dom da memória. Vogel falou-lhe de Sean Dogherty e dos procedimentos para o salto. Falou-lhe de uma agente chamada Catherine Blake. Falou-lhe de um agente americano chamado Peter Jordan.

Todas as noites, Vogel revia matéria antiga antes de adicionar outro nível de detalhe. Apesar da informalidade da atmosfera da quinta, o seu guarda-roupa nunca mudava: fato escuro, camisa branca e gravata escura. A voz dele era irritante como uma dobradiça enferrujada, mas captava a atenção de Neumann com a sua intensidade e singeleza de propósitos. Na sexta noite, satisfeito com o progresso do pupilo, Vogel até se permitiu um ligeiro sorriso, que rapidamente disfarçou com a mão direita, embaraçado com os seus dentes medonhos.

Entrar no Hyde Park pelo norte, tinha-lhe lembrado Vogel na última reunião. A partir de Bayswater Road. Era o que Neumann

estava a fazer. Seguir o caminho até às árvores sobranceiras ao lago. Fazer uma passagem para ter a certeza de que o lugar está limpo. Fazer a aproximação numa segunda passagem. Deixá-la decidir se é para continuar. Ela saberá se é seguro. Ela é muito boa.

O homem baixo apareceu no trilho. Usava um sobretudo de lã e um chapéu de abas. Passou rapidamente, sem olhar para ela. Ela interrogou-se se estaria a perder o poder de atrair os homens.

Ficou à espera debaixo das árvores. As regras para os encontros eram específicas. Se o contacto não aparecer exatamente à hora marcada, ir-se embora e voltar no dia seguinte. Decidiu esperar mais um minuto e depois ir-se embora.

Ouviu os passos. Era o mesmo homem que tinha passado por ela um momento antes. Quase chocou com ela na escuridão.

— Penso que estou mesmo um pouco perdido — disse ele com um sotaque que ela não conseguiu identificar. — Pode indicar-me para que lado fica Park Lane?

Catherine olhou para ele com atenção. Ostentava um sorriso para todas as ocasiões, com os olhos azul-claros a brilharem por baixo da aba do chapéu.

Ela apontou para oeste.

— É para aquele lado.

— Obrigado.

Ele começou a afastar-se e depois voltou-se.

— Quem deve ascender à colina do Senhor? Ou quem deve ficar no seu lugar sagrado?

— Aquele que tem as mãos limpas, e um coração puro; Quem não tenha levado a alma à vaidade, nem tenha jurado falso.

Ele riu-se e disse:

— Catherine Blake, tão certo como eu estar vivo e a respirar.

Porque é que não vamos a algum lado quente onde possamos falar?

Catherine procurou dentro da carteira e retirou a lanterna para o blackout.

— Tem uma coisa destas? — perguntou ela.

— Infelizmente, não.

— Isso é um erro estúpido. E erros estúpidos como esse podem matar-nos aos dois.

QUINZE

LONDRES

Quando Harry Dalton ainda estava no Met^[4], era considerado um investigador metódico, arguto e implacável, que acreditava que nenhuma pista, por mais trivial que fosse, podia ser descartada. A sua grande oportunidade surgiu em 1936. Duas rapariguinhas tinham desaparecido de um pátio de recreio no East End e Harry foi destacado para a equipa especial de agentes a investigar o caso. Depois de três dias sem dormir e de intenso trabalho, Harry prendeu um vagabundo chamado Spencer Thomas. Harry dirigiu o interrogatório. No seu dia de descanso, chefiou uma equipa de busca a um lugar isolado junto ao estuário do Tamisa, onde Thomas lhe tinha dito que iria encontrar os corpos mutilados das raparigas. Nos dias que se seguiram, encontrou os corpos de uma prostituta em Gravesend, de uma criada em Bristol e de uma dona de casa em Sheffield. Spencer Thomas foi preso num manicómio para criminosos loucos. Harry foi promovido a inspetor.

Nada na sua experiência profissional o tinha preparado para um dia tão frustrante como o que estava a ter. Procurava um agente alemão, mas não tinha uma única pista ou orientação. O seu único recurso era telefonar às forças policiais locais e pedir relatórios de qualquer coisa fora do usual, de qualquer crime que pudesse ter sido cometido por um espião em movimento. Não podia dizer-lhes que andava à procura de um espião, seria uma violação de segurança. Andava à pesca e Harry Dalton detestava pescar.

A conversa que Harry teve com um polícia de Evesham foi típica.

— Como disse que era o seu nome?

— Harry Dalton.

— A telefonar de onde?

— Do Ministério da Guerra em Londres.

— Estou a ver. E o que quer de mim?

— Quero saber se recebeu alguns relatórios de crimes que possam ter sido cometidos por alguém em fuga.

— Tais como?

— Tais como carros roubados, bicicletas roubadas, cupões de racionamento roubados, gasolina. Use a sua imaginação!

— Estou a ver.

— E?

— De facto, tivemos uma participação de uma bicicleta roubada.

— A sério? Quando?

— Esta manhã.

— Isso pode ser alguma coisa.

— As bicicletas são terrivelmente valiosas nos dias que correm.

Tinha um traste velho a enferrujar no meu barracão. Tirei-a para fora, limpei-a um pouco, vendi-a a um cabo ianque por dez libras. Dez libras! Dá para acreditar? Aquela coisa não valia dez xelins.

— Isso é interessante. E quanto à bicicleta roubada?

— Aguenta um minuto — como é que disse que era o seu nome?

— Harry.

— Harry. Aguenta um minuto, Harry... George, ouvimos mais alguma coisa a respeito daquela bicicleta desaparecida em Sheep Street? Sim, essa... O que queres dizer com isso, ele encontrou-a? Onde é que ela estava, raios?... No meio do pasto? E como é que lá foi parar, raios?... Ai fez? Meu Deus do céu! Ainda está aí, Harry?

— Ainda estou aqui.

— Lamento. Falso alarme.

— Não faz mal. Obrigado por ter procurado.

— Não há problema.

— Se ouvir alguma coisa...

— Será o primeiro a saber, Harry.

— Adeus.

Ao fim da tarde, tinha atendido dezenas de chamadas de polícias das zonas rurais, cada uma mais bizarra do que a outra. Um polícia de Bridgewater telefonou para comunicar uma janela partida.

— Parece um caso de roubo com arrombamento? — perguntou Harry — Nem por isso.

— Porquê?

— Porque foi o vitral da igreja.

— Certo. Mantenham os olhos abertos.

Um polícia de Skegness informou que alguém tinha tentado entrar num pub fora de horas.

— O homem que procuro pode não estar familiarizado com as leis de licenciamento inglesas — disse-lhe Harry.

— Então vou verificar isso com mais atenção.

— Ótimo. Mantenha-se em contacto. Voltou a telefonar vinte minutos mais tarde.

— Era apenas uma mulher aqui da terra à procura do marido. Um bêbado completo, lamento dizê-lo.

— Raios!

— Lamento, Harry, Não pretendia dar-lhe esperanças.

— Só que deu, mas obrigado por ter verificado isso.

Harry olhou para o relógio: quatro horas, mudança de turno na divisão dos Registos. Grace vinha trabalhar. Pensou: Talvez ainda consiga aproveitar alguma coisa deste dia. Desceu no elevador para a divisão dos Registos e encontrou-a a empurrar um carrinho metálico a transbordar de dossiês. Tinha cabelo curto louro-branco e o batom barato daqueles tempos de guerra, vermelho cor de sangue, dava-lhe um ar de se ter embonecado para um homem. Vestia uma camisola infantil de lã cinzenta e uma saia preta um pouco curta demais. As meias grossas não conseguiam esconder a forma das pernas longas e atléticas.

Ela viu Harry e sorriu-lhe calorosamente. No mundo da divisão dos Registos, Grace era a exceção. Vernon Kell, o fundador do Serviço, achava que só os membros da aristocracia ou os familiares de agentes do MI5 eram de confiança para um trabalho tão delicado. Em resultado disso, a divisão dos Registos estava sempre povoada por um quadro de funcionárias debutantes muito belas. Grace era uma rapariga da classe média, filha de um professor de liceu. Viu Harry e sorriu calorosamente. Depois, apenas com uma olhadela de lado dos seus bonitos olhos verdes, disse-lhe para ir ter com ela a uma das pequenas salas secundárias. Juntou-se-lhe um momento depois, fechou a porta e deu-lhe um beijo na cara.

— Olá, Harry, querido. Como é que tens passado?

— Muito bem, Grace, é bom ver-te.

Tinha começado em 1940, durante um ataque aéreo noturno a Londres. Abrigaram-se juntos no metropolitano e de manhã, quando se ouviu o aviso de que estava tudo bem, ela levava-o para o seu apartamento e para a sua cama. Era atraente, de uma maneira não convencional, e uma amante arrebatada e desinibida — um agradável e conveniente escape da pressão da agência. Para Grace, Harry era alguém bondoso e meigo que ajudava a passar o tempo até que o marido voltasse do exército.

Podiam ter continuado assim durante toda a guerra. Mas passados três meses, Harry ficou subitamente esmagado pela culpa. O pobre desgraçado está a lutar pela vida no Norte de África e eu estou aqui, em Londres, a ir para a cama com a mulher dele. A culpa provocou nele uma crise ainda maior. Era jovem, talvez devesse estar no exército a arriscar a vida em vez de andar pelo Reino Unido a caçar espões relativamente inofensivos. Disse a si próprio que o trabalho do MI5 era vital para o esforço de guerra — indispensável -, mas a incómoda dúvida persistiu. O que é que eu faria no campo de batalha? Pegava na minha arma e lutava ou encolhia-me num buraco de trincheira? Contou a Grace o que sentia na noite em que rompeu a ligação. Fizeram amor pela última vez, com beijos salgados das lágrimas. Maldita guerra, não parava ela de dizer. Nojenta, horrorosa

e maldita guerra.

— Preciso de um favor, Grace — disse Harry em voz baixa.

— Olha-me só para ti, Harry. Não telefonas, não escreves, não me trazes flores. Depois apareces de repente e dizes que precisas de um favor — respondeu ela, sorrindo e beijando-o outra vez. — Está bem, do que precisas?

— Preciso de ver a lista de acessos a um dossiê. A cara dela fechou-se.

— Vá lá, Harry. Sabes que não posso fazer isso.

— Um homem da Abwehr chamado Vogel. Kurt Vogel.

Uma expressão de reconhecimento surgiu na cara dela e depois dissipou-se.

— Grace, não preciso de te dizer que estamos a trabalhar num caso muito importante.

— Eu sei que estás a trabalhar num caso importante, Harry. Todo o departamento anda a murmurar sobre isso.

— Quando Vicary desceu para ver o dossiê de Vogel, este tinha desaparecido. Foi falar com Jago e, dois minutos depois, tinha o raio da coisa nas mãos. Jago inventou uma história qualquer e disse que tinha sido posto fora do sítio.

Ela estava a esgravatar iradamente nos dossiês do carrinho. Agarrou num monte deles e começou a colocá-los nos respetivos lugares nas prateleiras.

— Eu sei isso tudo, Harry.

— E como é que sabes?

— Porque ele me culpou a mim. O filho da mãe escreveu uma carta de reprimenda e meteu-a no meu processo.

— Quem é que te culpou?

— Jago — sibilou ela — Porquê?

— Para proteger a pele, claro.

Ela estava outra vez a esgravatar nos dossiês. Harry aproximou-se e pegou-lhe nas mãos para a fazer parar.

— Grace, eu preciso de ver aquela lista de acessos.

— A lista de acessos não te vai dizer nada. A pessoa que tinha o dossiê antes do Vicary não deixa pistas.

— Grace, por favor. Suplico-te.

— Gosto quando suplicas, Harry.

— Sim, eu lembro-me.

— Porque não apareces lá em casa uma noite destas para jantar? Passou a ponta do dedo pelas costas da mão de Harry. Estava preta de seleccionar dossiês.

— Sinto falta da tua companhia. Conversamos, damos umas gargalhadas, nada mais.

— Ia gostar disso, Grace.

Era verdade. Tinha imensas saudades dela.

— Se disseses a alguém onde é que arranjaste isto, Harry, juro por Deus que...

— Fica só entre nós.

— Nem ao Vicary — insistiu ela. Harry pôs a mão sobre o coração.

— Nem ao Vicary.

Grace pegou noutra mão-cheia de dossiês e, a seguir, olhou para ele. com os seus lábios vermelhos, articulou as iniciais BB.

— Como é possível que não tenha uma única pista? — perguntou Basil Boothby quando Vicary se enterrou no sofá fundo e muito confortável.

Sir Basil tinha pedido atualizações noturnas sobre o progresso da investigação. Vicary, conhecedor da paixão de Boothby por receber coisas escritas, sugeriu uma nota concisa, mas Sir Basil quis ser informado em pessoa.

Nessa noite, Boothby tinha um compromisso. Murmurara qualquer coisa sobre os americanos para explicar o facto de estar vestido formalmente quando Vicary entrou no gabinete. Enquanto falava, a sua mão enorme estava empenhada num esforço infrutífero para colocar um botão de punho de ouro no punho engomado da camisa. Sir Basil tinha um criado particular em casa para o auxiliar nessas tarefas fastidiosas. As informações de Vicary ficaram suspensas por um momento enquanto Boothby chamava a sua bonita secretária para o ajudar a vestir-se.

Isso deu a Vicary um momento para processar as informações que Harry lhe tinha dado. Tinha sido Sir Basil a tirar o dossiê de Vogel. Tentou lembrar-se da primeira conversa. O que tinha Sir Basil dito? A divisão dos Registos pode ter alguma coisa sobre ele.

A secretária de Boothby retirou-se silenciosamente. Vicary retomou o relato. Tinham homens a vigiar todas as estações de caminho de ferro de Londres. Tinham as mãos atadas porque não havia nenhuma descrição dos agentes que deviam procurar. Harry Dalton tinha compilado uma lista dos locais que se sabia serem utilizados pelos agentes alemães para pontos de encontro. Vicary tinha homens a vigiar o maior número possível.

— Dava-lhe mais homens, Alfred, mas não há mais — disse Boothby. — Os vigias estão todos a fazer turnos duplos e triplos. O chefe dos vigias anda a queixar-se de que o Alfred está a dar cabo deles. O frio está a matá-los. Metade já foi apanhada pela gripe.

— Compreendo as dificuldades que os vigias estão a passar, Sir Basil. Estou a utilizá-los o mais sensatamente possível.

Boothby acendeu um cigarro e sorveu o seu gim com angustura enquanto andava de um lado para o outro da sala.

— Temos três agentes alemães à solta no país, fora do nosso controlo. Não preciso de lhe dizer como isto é grave. Se um desses agentes tentar contactar um dos nossos agentes duplos, vamos ter problemas. Todo o aparelho da Operação Double Cross estará em perigo.

— O meu palpite é que não vão tentar contactar outros agentes.

— E porque não?

— Porque acho que Vogel está a dirigir a sua própria operação. Acho que estamos a lidar com uma rede de espões independente, de que nunca ouvimos falar.

— Isso é apenas um palpite, Alfred. Temos de lidar com factos.

— Já leu alguma vez o dossiê do Vogel? — perguntou Vicary o mais descontraidamente possível.

— Não.

E és um mentiroso, pensou Vicary.

— A julgar pela maneira como este caso se está a desenrolar, eu diria que Vogel manteve uma rede de agentes adormecidos no Reino Unido desde o princípio da guerra. Se tivesse de adivinhar, o agente principal atua em Londres, o subagente algures no interior, onde lhe seja possível acolher um agente rapidamente. O agente que chegou ontem à noite está de certeza aqui para informar o agente principal da missão que tem de realizar. Tanto quanto sabemos, até podem estar a encontrar-se neste preciso momento em que estamos aqui a falar. E nós estamos a ficar cada vez mais para trás.

— Interessante, Alfred, mas é tudo baseado em conjecturas.

— Conjecturas baseadas na experiência, Sir Basil. Na ausência de factos provados, receio que seja o nosso único recurso — retorquiu Vicary, hesitando depois, consciente da reação que a sua próxima sugestão iria provavelmente gerar. — Entretanto, penso que devíamos marcar uma reunião com o general Betts para o informar dos desenvolvimentos.

A cara de Boothby transformou-se numa carranca zangada. O brigadeiro-general Thomas Betts era o chefe-adjunto dos serviços secretos do SHAEF. Alto, parecido com um urso, Betts tinha um dos lugares menos invejados de Londres: garantir que nenhum das várias centenas de agentes americanos e ingleses que sabiam o segredo da operação Overlord revelasse esse segredo ao inimigo, intencional ou não intencionalmente.

— Isso é prematuro, Alfred.

— Prematuro? Sir Basil, foi o senhor que o disse. Temos três espões alemães à solta.

— Tenho de ir ao fundo do corredor informar o diretor-geral daqui a nada. Se lhe sugerir que comuniquemos as nossas falhas aos americanos, vai cair-me em cima sem dó nem piedade — Tenho a

certeza de que o diretor-geral não será muito duro consigo, Sir Basil — respondeu Vicary, sabendo que Boothby tinha convencido o diretor-geral de que era um elemento indispensável. Além de que dificilmente se poderá considerar uma falha.

Boothby parou de andar de um lado para o outro.

— E o que lhe chamaria?

— Um contratempo temporário. Boothby resfolegou e esmagou o cigarro.

— Não permito que manche a reputação deste departamento, Alfred. Não vou permiti-lo.

— Talvez haja mais uma coisa que deva considerar para além da reputação deste departamento, Sir Basil.

— O quê?

Vicary esforçou-se por sair do sofá fundo e macio.

— Se os espiões tiverem sucesso, podemos muito bem perder a guerra.

— bom, então faça qualquer coisa, Alfred.

— Obrigado, Sir Basil. Não há dúvida de que é um bom conselho.

DEZASSEIS

LONDRES

De Hyde Park apanharam um táxi para EarPs Court. Pagaram ao taxista quando faltavam uns quatrocentos metros para o apartamento dela. Durante o pequeno trajeto a pé, voltaram para trás duas vezes e Catherine fingiu que fazia uma chamada de uma cabine telefónica. Não estavam a ser seguidos. A senhoria, de seu nome Hodges, estava à entrada quando chegaram. Catherine deu o braço a Neumann. A senhora Hodges lançou-lhes um olhar de desaprovação quando subiram as escadas.

Catherine estava relutante em levá-lo até ao apartamento. Tinha protegido ciosamente a sua localização e recusado dar a morada a Berlim. A última coisa de que precisava era de um agente do MI5 a bater-lhe à porta a meio da noite. Mas encontrarem-se em público estava fora de questão: tinham muito para discutir e fazê-lo num café ou numa estação de comboios era muito perigoso.

Observou Neumann à medida que ele dava uma volta pelo apartamento. Consequia perceber pelo passo preciso e pela economia de gestos que, em tempos, tinha sido soldado. O inglês dele era perfeito. Era evidente que Vogel o tinha escolhido cuidadosamente. Pelo menos, não tinha enviado um amador qualquer para a informar da missão. Ele dirigiu-se à janela da sala de estar, abriu as cortinas e olhou para baixo, para a rua.

— Mesmo que eles estejam lá fora, nunca os conseguirá descobrir — disse Catherine enquanto se sentava.

— Eu sei, mas faz-me sentir melhor se olhar — respondeu ele, afastando-se da janela. — Foi um dia longo. Sabia-me bem uma chávena de chá.

— Tem tudo o que precisa na cozinha. Sirva-se.

Neumann pôs água a ferver no fogão e depois voltou para a sala.

— Como é que se chama? — perguntou-lhe ela. — O seu nome verdadeiro.

— Horst Neumann.

— É soldado. Pelo menos, foi. Qual é o seu posto?

— Sou tenente.

Ela sorriu.

— Bem, eu tenho um posto mais elevado.

— Sim, eu sei... major.

— Qual é o seu nome de cobertura?

— James Porter.

— Deixe-me ver a sua identificação.

Ele entregou-lha. Ela examinou-a cuidadosamente. Era uma falsificação excelente. Devolveu-lha.

— É boa — disse ela. — Mas mostre-a apenas se for absolutamente necessário. Qual é a sua cobertura?

— Fui ferido em Dunquerque e saí do exército por invalidez. Agora, sou caixeiro-viajante.

— E onde está alojado?

— Na costa de Norfolk, numa aldeia chamada Hampton Sands. Vogel tem um agente lá chamado Sean Dogherty. É um simpatizante do IRA e tem uma pequena quinta.

— E como entrou no país?

— De paraquedas.

— Muito impressionante — disse ela com sinceridade.

— E Dogherty acolheu-o? Estava à sua espera?

— Sim.

— Vogel contactou-o por rádio?

— Presumo que sim.

— Isso quer dizer que o MI5 anda atrás de si.

— Penso que avistei dois dos homens deles na Liverpool Street.

— Isso faz sentido. De certeza que andam a vigiar as estações retorquiu ela, acendendo um cigarro. — O seu inglês é excelente. Onde o aprendeu?

Enquanto ele lhe contava a história, Catherine observou-o cuidadosamente, pela primeira vez. Era pequeno e bem constituído: talvez tivesse sido um adeta, um jogador de futebol ou um corredor de fundo. O cabelo era escuro, os olhos de um azul penetrante. Era, obviamente, inteligente — não como alguns dos imbecis que ela tinha conhecido na escola de espões da Abwehr, em Berlim. Duvidava que alguma vez tivesse estado atrás das linhas inimigas como agente e, contudo, não mostrava quaisquer sinais de nervosismo. Ela tinha mais algumas perguntas antes de ouvir o que ele tinha para dizer.

— Como é que acabou neste tipo de trabalho?

Neumann contou-lhe a história: tinha sido membro dos Fallschirmjäger, tinha visto ação em tantos sítios que já nem se lembrava. Contou-lhe sobre Paris. Sobre a sua transferência para a unidade de escuta da Funkabwehr no norte da França. E, finalmente, sobre o seu recrutamento por Kurt Vogel.

— O nosso Kurt é muito bom a encontrar trabalho para os incansáveis — disse Catherine quando ele acabou. — Então, o que é

que Vogel tem em mente para mim?

— Uma missão e depois acabou-se. De volta à Alemanha.

A chaleira chiou. Neumann foi à cozinha e ocupou-se do chá. Uma missão e depois acabou-se. De volta à Alemanha. E com um antigo e altamente competente paraquedista para a ajudar a escapar. Estava impressionada. Sempre assumira o pior, que quando a guerra acabasse seria esquecida no Reino Unido e forçada a defender-se sozinha. Os britânicos e os americanos, assim que a inevitável vitória chegasse, atirar-se-iam aos ficheiros capturados da Abwehr. Encontrariam o nome dela, aperceber-se-iam de que nunca estivera presa e viriam atrás dela. Essa era outra razão por que escondera tanta informação de Vogel, não queria deixar um rasto em Berlim para os inimigos a perseguirem. Mas era óbvio que Vogel queria que ela regressasse à Alemanha e tinha tomado medidas para que isso acontecesse.

Neumann voltou à sala de estar com um bule de chá e duas canecas. Pousou tudo em cima da mesa e sentou-se novamente.

Catheríne perguntou-lhe:

— Qual é o seu trabalho, para além de me informar da minha missão?

— Tudo o que precisar, basicamente. Sou o seu correio, o seu agente de apoio e o seu operador de rádio. Vogel quer que continue a não usar o rádio. Está convencido de que não é seguro. Apenas pode usar o rádio se precisar de mim. Contacta Vogel com um sinal combinado previamente e Vogel contacta-me a mim.

Ela assentiu com a cabeça e depois perguntou:

— E quando acabar tudo? Como é que vamos sair do Reino Unido? E, por favor, não me venha com algo do estilo heróico, como roubar um barco e navegar até França. Porque não é possível.

— Claro que não. Vogel arranjou-lhe um bilhete de primeira classe num submarino.

— Qual?

— O U-509.

— Onde?

— No mar do Norte.

— Isso é muito grande. Onde, exatamente?

— Em Spurn Head, na costa de Lincolnshire.

— Moro aqui há cinco anos, tenente Neumann. Eu sei onde fica Spurn Head. E como chegamos ao submarino?

— Vogel tem um barco e um capitão à nossa espera numa doca do rio Humber. Quando for hora de partir, eu contacto-o e ele leva-nos ao submarino.

Ela pensou: Então, Vogel tem um esquema de fuga montado de que nunca me falou.

Catherine bebericou o chá, observando Neumann por cima da

borda da caneca. Era remotamente possível que ele fosse um homem do MI5 a fazer passar-se por um agente alemão. Ela podia entrar em joguinhos idiotas — como testar o alemão dele ou fazer-lhe perguntas sobre um pequeno café conhecido em Berlim -, mas, se ele fosse realmente do MI5, seria suficientemente esperto para evitar uma armadilha tão óbvia. Conhecia a gíria, sabia muita coisa sobre Vogel e a sua história parecia credível. Decidiu deixá-lo continuar. Quando Neumann estava prestes a falar, as sirenes de ataque aéreo soaram.

— Precisamos de levar isto a sério? — perguntou Neumann.

— Viu o edifício que está por trás deste?

Neumann tinha-o visto, uma pilha de tijolos partidos e madeira estilhaçada.

— Onde fica o abrigo mais próximo?

— Ao virar da esquina — respondeu ela, sorrindo-lhe. — Bem-vindo de volta a Londres, tenente Neumann.

Era o início da noite do dia seguinte quando o comboio de Neumann entrou na estação de Hunstanton. Sean Dogherty estava a fumar ansiosamente na plataforma quando ele saiu do comboio.

— Como é que correu? — perguntou Dogherty enquanto se dirigiam para a carrinha.

— Sem problemas.

Dogherty conduzia desconfortavelmente depressa pela estrada sinuosa e esburacada. Era um calhambeque velho, a necessitar urgentemente de uma revisão a julgar pelos barulhos que fazia. Os faróis tinham as proteções do blackout. Um feixe trémulo de uma luz amarela fraca tentava, em vão, iluminar a estrada. Neumann tinha a sensação de estar a percorrer uma casa estranha e escura, com apenas um fósforo como iluminação. Passaram por aldeias desertas e escuras — Holme, Thornham, Titchwell -, sem luzes acesas, lojas e casas de campo completamente fechadas, sem sinal de estarem habitadas. Dogherty estava a falar-lhe do seu dia, mas Neumann foi deixando gradualmente de o ouvir enquanto pensava na noite anterior.

Tinham-se abrigado apressadamente numa estação de metro como o resto das pessoas e esperado três horas na plataforma fria e húmida pelo aviso da sirene de que já era seguro sair. Ela dormiu durante um bocado, deixando cair a cabeça no ombro dele. Perguntou a si próprio se seria a primeira vez, em seis anos, que ela se sentia segura. Observou-a na escuridão. Era uma mulher espantosamente bonita, mas havia nela uma tristeza distante, talvez uma mágoa de infância, infligida por um adulto negligente. Ela mexeu-se enquanto dormia, perturbada por sonhos. Ele tocou nos caracóis que se espalhavam pelo seu ombro. Quando a sirene soou, ela acordou como um soldado em território inimigo — depressa, com os olhos subitamente abertos e a mão a procurar a arma mais próxima. No caso dela, era a mala, onde

Neumann presumiu que guardava uma pistola ou uma faca.

Falaram até ao amanhecer. Na verdade, ele falara e ela ouvira. Ela nunca falava, exceto para o corrigir quando ele cometia um erro ou contradizia alguma coisa que dissera horas antes. Ela tinha, obviamente, uma mente portentosa, capaz de armazenar grandes quantidades de informação. Não era de estranhar que Vogel tivesse tanto respeito pelas suas capacidades.

Uma madrugada cinzenta espalhava-se por Londres quando Neumann se esgueirou do apartamento dela. Movimentara-se como um homem que deixa a amante, olhando de relance sobre o ombro, perscrutando as caras dos transeuntes à procura de algo suspeito. Durante três horas, vagueou por Londres debaixo de uma chuvinha fria, mudando de direção repentinamente, entrando e saindo de autocarros, olhando para os reflexos das janelas. Decidiu que não estava a ser seguido e voltou para trás, em direção à estação de Liverpool Street.

Dentro do comboio, pousou a cabeça nas mãos e tentou dormir. Não caias no feitiço dela, tinha-o avisado Vogel, em tom de brincadeira, no último dia que passaram juntos na quinta. Mantém uma certa distância. Ela vive em sítios escuros onde tu não queres ir.

Neumann imaginou-a no apartamento, a escutá-lo, à luz fraca, quando ele lhe falara de Peter Jordan e daquilo que ela teria de fazer. Era a sua imobilidade desconcertante que mais o espantava, a maneira como as mãos estavam cruzadas no colo, a maneira como a cabeça e os ombros pareciam nunca se moverem. Apenas os olhos o faziam, saltitando à volta do quarto, deslocando-se de um lado para o outro da cara dele, percorrendo-lhe o corpo para cima e para baixo. Como holofotes. Por momentos, permitiu-se acalentar a fantasia de que ela o desejava. Mas naquele instante, enquanto Hampton Sands se desvanecia na escuridão atrás deles e o chalé de Dogherty lhes aparecia à frente, Neumann chegou a uma conclusão perturbante. Catherine não estava a olhar para ele daquela maneira porque o achava atraente, estava a decidir qual a melhor maneira de o matar se alguma vez precisasse de o fazer.

Neumann tinha-lhe dado uma carta quando se fora embora nessa manhã. Ela tinha-a posto de lado, demasiado aterrorizada para a ler. Naquele momento, com as mãos a tremerem, abriu-a e leu-a deitada na cama.

Minha querida Anna, Estou aliviado por saber que te encontras bem e em segurança. Desde que me deixaste toda a luz da minha vida desapareceu. Rezo para que esta guerra acabe depressa para que possamos estar juntos novamente. Boa noite, sonhos cor-de-rosa, pequenina.

O teu pai que te adora Quando acabou de a ler, levou a carta para

a cozinha, pegou-lhe fogo e atirou-a para o lava-louças. Chamejou por instantes e depois apagou-se rapidamente. Catherine abriu a torneira e lançou as cinzas pelo cano abaixo. Suspeitava que fosse uma falsificação — que Vogel a tinha escrito para a manter na linha. O pai, temia ela, já estava morto. Voltou para a cama e ficou acordada na suave luz cinzenta da manhã, a ouvir a chuva a bater na janela. A pensar no pai, a pensar em Vogel.

DEZASSETTE

GLOUCESTERSHIRE, INGLATERRA

— Parabéns, Alfred. Entra. Lamento que tenha tido de acontecer desta maneira, mas acabaste de te tornar um homem bastante rico.

Edward Kenton estendeu a mão como se estivesse à espera que Vicary se empalasse nela. Vicary agarrou a mão e apertou-a debilmente antes de passar rente a Kenton, em direção à sala da casa de estar do chalé da tia.

— Está um frio dos diabos lá fora, Alfred — disse Kenton enquanto Vicary examinava a sala.

Já não ia lá desde a guerra, mas nada tinha mudado.

— Espero que não te importes, mas acendi a lareira. Isto parecia uma câmara frigorífica quando cheguei. Também fiz chá. E há leite verdadeiro. Suponho que não se veja muito disso em Londres nesta altura.

Vicary tirou o casaco enquanto Kenton se dirigia para a cozinha. Não era realmente um chalé — isso era o que Matilda insistia em chamar-lhe. Na verdade, era uma casa grande, feita de pedra calcária de Cotswolds, com jardins espetaculares, rodeados por um muro alto. Ela morrera de uma apoplexia na noite em que Boothby atribuíra o caso a Vicary. Tinha planeado assistir ao funeral, mas fora convocado por Churchill nessa manhã, depois de Bletchley Park ter decodificado as mensagens de rádio alemãs. Sentiu-se horivelmente mal por ter faltado à cerimónia. Matilda tinha-o criado praticamente, depois de a mãe dele morrer quando Vicary tinha doze anos. Tinham continuado grandes amigos. Ela fora a única pessoa a quem ele falara da sua missão no MI5. O quefaes exatamente, Alfred? Apanho espões alemães, tia Matilda.

Oh, que bom para ti, Alfred!

Portas envidraçadas davam para os jardins, mortos com o inverno. Às vezes, apanho espões, tia Matilda, pensou ele. Noutras, eles levam a melhor.

Nessa manhã, Bletchley Park enviara a Vicary mais uma mensagem decifrada vinda de um agente no Reino Unido. Dizia que o encontro tinha sido um sucesso e que o agente tinha aceitado a missão. Vicary estava a perder a esperança em relação às hipóteses de

apanhar os espíões. As coisas tinham piorado nessa manhã. Dois homens foram observados a encontrarem-se em Leicester Square e tinham sido detidos para interrogatório. Descobriram que o mais velho era um funcionário superior do Ministério do Interior e que o mais novo era o seu amante. Boothby tinha ficado louco de fúria.

— Como correu a viagem? — perguntou Kenton da cozinha, por cima do tilintar da louça e do barulho da água a correr.

— Bem — respondeu Vicary.

Boothby tinha permitido, relutantemente, que ele levasse um Rover emprestado da divisão dos Transportes.

— Não me consigo lembrar da última vez que fiz uma viagem relaxante pelo campo — disse Kenton. — Mas suponho que a gasolina e os automóveis são apenas algumas das regalias do teu novo emprego.

Kenton entrou na sala com um tabuleiro de chá. Era alto — tão alto como Boothby -, mas sem a mesma corpulência ou agilidade física. Usava óculos redondos demasiado pequenos para a cara e um bigode fininho que parecia ter sido desenhado com um lápis de sobrancelhas feminino. Pousou o chá na mesa à frente do sofá, deitou leite nas chávenas, como se fosse ouro líquido, e depois adicionou o chá.

— Meu Deus, Alfred, há quanto tempo?

Vinte e cinco anos, pensou Vicary. Edward Kenton era amigo de Helen. Até tinham saído juntos algumas vezes, depois de Helen ter acabado o noivado com Vicary. Por coincidência, tornara-se procurador de Matilda, dez anos antes. Vicary e Kenton tinham falado ao telefone várias vezes nos últimos anos, à medida que Matilda ia ficando demasiado velha para tratar das coisas sozinha, mas era a primeira vez que se viam cara a cara. Vicary desejava que ele conseguisse concluir os negócios da tia morta sem o espectro de Helen a pairar sobre os procedimentos.

— Ouvi dizer que foste designado para o Ministério da Guerra — disse Kenton.

— É verdade — retorquiu Vicary.

Bebeu meia chávena de chá de um só trago. Era delicioso, muito melhor do que aquela água desenhada que serviam na cantina.

— O que fazes, exatamente?

— Oh, trabalho num departamento muito aborrecido, faço isto e aquilo — respondeu Vicary, sentando-se. — Desculpa, Martin, detesto apressar as coisas, mas tenho mesmo de voltar para Londres.

Kenton sentou-se à frente de Vicary e tirou uma série de papéis da mala de couro preta. Molhou a ponta do dedo indicador delgado e, cautelosamente, virou as páginas até chegar à adequada.

— Ah, cá está. Eu mesmo elaborei este testamento há cinco anos

— disse ele. — Ela distribuiu algum dinheiro e outras propriedades pelos teus primos, mas deixou-te a maior parte da herança.

— Não fazia ideia.

— Deixou-te a casa e uma grande soma de dinheiro. Ela era uma pessoa frugal. Gastava cuidadosamente e investia sabiamente — explicou Kenton, virando os papéis para Vicary a fim de que este os pudesse ler. — Aqui está o que vai ser teu.

Vicary estava estupefacto; não fazia a mínima ideia. Assim, o facto de ter faltado ao funeral por causa de uns espões alemães parecia-lhe ainda mais imoral. Alguma coisa lhe transpareceu na cara porque Kenton disse:

— É uma pena que não tenhas conseguido ir ao funeral, Alfred. Foi mesmo uma cerimónia bonita. Metade da aldeia estava lá.

— Queria ter vindo, mas surgiu uma coisa.

— Tenho alguns papéis para tu assinares para tomares posse da casa e do dinheiro. Se me deres um número de conta em Londres, posso transferir o dinheiro e fechar as contas bancárias dela.

Vicary passou os minutos seguintes a assinar, em silêncio, uma pilha de documentos legais e financeiros. Quando chegou ao último, Kenton olhou para cima e disse:

— Feito.

— O telefone ainda está a funcionar?

— Sim, ainda agora o utilizei antes de chegares.

O telefone estava na escrivaninha de Matilda, na sala de estar. Vicary pegou no auscultador e olhou para Kenton.

— Martin, se não te importas, é oficial. Kenton forçou um sorriso.

— Não precisas de dizer mais nada, Alfred. vou arrumar a louça. Alguma coisa naquela troca de palavras aqueceu o lado vingativo do coração de Vicary. A telefonista entrou em linha e ele deu-lhe o número da sede do MI5 em Londres. A ligação demorou alguns momentos a ser estabelecida. Uma telefonista do departamento atendeu e passou a chamada de Vicary para Harry Dalton. Harry atendeu, com a boca cheia de comida.

— O que é a comida hoje? — perguntou Vicary.

— Dizem eles que é um guisado de legumes.

— Alguma novidade?

— Por acaso, acho que sim. O coração de Vicary saltou.

— Tenho andado a remexer nas listas de imigração, só para ver se tínhamos deixado escapar alguma coisa.

As listas de imigração eram a base de toda a luta do MI5 contra os espões alemães. Em setembro de 1939, quando Vicary ainda fazia parte do corpo docente do University College, o MI5 tinha-se servido dos registos de passaportes e de imigração como a principal ferramenta numa rusga gigantesca com vista a reunir todos os espões

e simpatizantes do nazismo. Os estrangeiros eram classificados em três categorias. Na categoria C, os estrangeiros tinham liberdade completa. Na categoria B, os estrangeiros eram submetidos a certas restrições; alguns não tinham autorização para terem automóveis ou barcos e eram impostos limites às suas movimentações dentro do país. Na categoria A, os estrangeiros eram considerados uma ameaça à segurança e, por isso, eram presos. Presumiu-se que todas as pessoas que tivessem entrado no país antes da guerra e não pudessem ser contabilizadas fossem espiões, tendo sido por isso caçadas. As redes de espionagem alemãs foram identificadas e destruídas praticamente da noite para o dia.

— Uma holandesa chamada Christa Kunst entrou no país em novembro de 1938, em Dover — continuou Harry. — Um ano mais tarde, o corpo dela foi encontrado numa vala rasa, num campo perto de uma aldeia chamada Whitchurch.

— E que tem isso de tão anormal, Harry?

— Tenho um mau pressentimento em relação a isso. O corpo estava em adiantado estado de decomposição quando foi desenterrado. A cara e o crânio tinham sido esmagados. Faltavam-lhe os dentes todos. Usaram o passaporte para fazer a identificação. Estava convenientemente enterrado com o corpo. Parece-me tudo demasiado certinho.

— E onde está o passaporte agora?

— No Ministério do Interior. Mandeí um estafeta buscá-lo. Tem uma fotografia. Dizem que ficou bastante danificada enquanto esteve enterrada, mas deve valer a pena dar uma olhadela.

— Ótimo, Harry. Não tenho a certeza se a morte dessa mulher tem alguma coisa que ver com este caso, mas, pelo menos, é uma pista.

— Certo, Alfred. A propósito, como correu o encontro com o advogado?

— Oh, apenas alguns papéis para assinar — mentiu Vicary.

De repente, sentiu-se bastante constrangido com a sua nova situação de independência financeira.

— Vou-me embora agora. Devo voltar ao gabinete mais para o final da tarde.

Vicary desligou quando Kenton entrou na sala de estar.

— bom, acho que está tudo — anunciou, entregando a Vicary um grande envelope castanho. — Os papéis estão todos aí, assim como as chaves. Incluí o nome e a morada do jardineiro. Ele terá todo o prazer em servir de zelador.

Vestiram os casacos, fecharam o chalé à chave e saíram. O carro de Vicary estava no caminho de entrada.

— Posso deixar-te em algum lado, Martin?

Vicary sentiu-se aliviado quando Kenton não aceitou a oferta.

— Falei com a Helen no outro dia — disse Kenton de repente.
Vicary pensou: Oh, meu Deus.
— Disse-me que te vê de tempos a tempos, em Chelsea.

Vicary pensou se Helen teria falado a Kenton da tarde de 1940, em que ele tinha ficado a olhar para o carro dela a passar, como um colegial idiota. Mortificado, Vicary abriu a porta do carro, batendo nos bolsos distraidamente, à procura dos óculos em meia-lua.

— Ela pediu-me para te mandar cumprimentos, por isso estou a dar-tos.

— Obrigado — respondeu Vicary, entrando no carro.

— E também mandou dizer que gostava de te ver um dia destes.
Pôr a conversa em dia.

— Isso seria ótimo — exclamou Vicary, mentindo.

— Bem, que maravilha. Ela vem a Londres na próxima semana.
Iria adorar almoçar contigo.

Vicary sentiu um aperto no estômago.

— À uma hora, no Connaught, de amanhã a uma semana — disse Kenton. — Fiquei de falar com ela mais tarde. Digo-lhe que vais lá estar?

A parte de trás do Rover estava tão fria como uma câmara frigorífica. Vicary sentou-se no grande banco de pele, com as pernas cobertas por uma manta de viagem, e ficou a ver passar os campos de Gloucestershire pela janela. Uma raposa vermelha atravessou a estrada e depois voltou a correr para dentro da cerca. Faisões gordos e sonolentos depenicavam os restos de um milheiral coberto de neve, com os seus casacos de penas enfunados para se protegerem do frio. Galhos de árvores nus riscavam o céu limpo. À sua frente, abria-se um vale. Ao longe, os campos espalhavam-se como uma manta de retalhos amarrotada. O Sol afundava-se num céu salpicado de tons de aguarela, violeta e cor de laranja.

Estava zangado com Helen. A sua parte rancorosa queria acreditar que o facto de estar a trabalhar para os serviços secretos britânicos fazia de alguma forma com que ela o achasse mais interessante. A sua parte racional dizia-lhe que ele e Helen se tinham separado amigavelmente e que um almoço calmo poderia ser muito agradável. Pelo menos, seria uma distração bem-vinda à pressão do caso. Pensou: De que tens tanto medo? De te poderes lembrar que foste realmente feliz durante os dois anos em que ela fez parte da tua vida?

Afastou Helen do pensamento. O telefonema de Harry deixara-o intrigado. Por instinto, tratou o caso como um problema histórico. A sua especialidade era a história europeia do século xix. Já tinha conquistado a aclamação da crítica pelo livro que escrevera sobre o colapso do equilíbrio do poder na Europa depois do Congresso de

Viena, mas Vicary tinha uma paixão secreta pela história e mitologia da Grécia Antiga. Intrigava-o o facto de a maior parte dos estudos sobre essa época se basear em conjecturas: a imensa passagem do tempo e a falta de um registo histórico claro obrigavam a isso. Por exemplo, porque teria Péricles dado início à Guerra do Peloponeso contra Esparta, que acabou por levar à destruição de Atenas? Porque não aceitara as condições do seu maior rival e revogara o decreto de Megara? Teria sido levado pelo medo da superioridade dos exércitos de Esparta? Teria acreditado que a guerra era inevitável? Teria embarcado numa aventura desastrosa no estrangeiro para aliviar a pressão que sofria em casa?

Nesse momento, Vicary fazia perguntas semelhantes sobre o seu rival de Berlim, Kurt Vogel.

Qual era o objetivo de Vogel? Vicary acreditava que o objetivo de Vogel tinha sido criar uma rede de agentes adormecidos de elite, no início da guerra, e deixá-los infiltrados até ao momento culminante do confronto. Para que isso tivesse sucesso, tinha de se ter muito cuidado na maneira como se infiltrava o agente dentro do país. Obviamente, Vogel tinha feito isso; o simples facto de o MI5 não ter conhecimento do agente antes confirmava-o. Vogel teria tido de partir do princípio de que os registos de imigração e de controlo de passaportes seriam utilizados para procurar os seus agentes. Vicary teria partido sem dúvida desse princípio se os papéis estivessem invertidos. Mas o que aconteceria se a pessoa que entrou no país fosse dada como morta? Não haveria buscas. Era brilhante. Mas havia um problema — tinha de existir um corpo. Seria possível terem de facto assassinado alguém para trocar de lugar com Christa Kunst?

Os espões alemães, regra geral, não eram assassinos. Na sua maioria, eram avarentos, aventureiros e fascistas mesquinhos, mal treinados e mal financiados. Mas se Kurt Vogel tinha estabelecido uma rede de agentes de elite, estes seriam mais motivados, mais disciplinados e, quase de certeza, mais implacáveis. Seria possível que um desses agentes implacáveis e altamente treinados fosse uma mulher? Vicary só tinha tratado de um caso que envolvia uma mulher — uma rapariga alemã que conseguira um emprego como empregada na casa de um almirante britânico.

— Pare na próxima aldeia — disse Vicary ao membro do ramo feminino da Marinha Real Britânica que conduzia o carro. — Preciso de telefonar.

A aldeia chamava-se Aston Magna — na verdade, um lugar sem lojas, apenas um aglomerado de chalés intercetado por um par de ruas estreitas. Um velho estava parado à beira da estrada, com o cão.

Vicary baixou o vidro da janela do carro e disse:

— Olá.

— Olá.

O homem trazia umas botas de borracha e um casaco de tweed grosso que parecia ter, pelo menos, cem anos. O cão tinha três patas.

— Há algum telefone na aldeia? — perguntou Vicary.

O homem abanou a cabeça. Vicary era capaz de jurar que o cão também estava a abanar a dele.

— Ninguém se incomodou em arranjar um ainda.

A pronúncia do homem era tão carregada que Vicary tinha dificuldade em entendê-lo.

— E onde fica o telefone mais próximo?

— Será em Moreton.

— E onde é que isso fica?

— Siga por aquela estrada ali, depois do celeiro. Vire à esquerda na casa senhorial e siga as árvores até à próxima aldeia. É aí que fica Moreton.

— Obrigado.

O cão ladrrou quando o carro arrancou velozmente.

Vicary serviu-se do telefone de uma padaria. Comeu uma sanduíche de queijo enquanto esperava que a telefonista estabelecesse a ligação com o gabinete. Queria partilhar um pouco da sua nova riqueza e, por isso, pediu duas dúzias de scones para as datilógrafas e para as raparigas da divisão dos Registos.

Harry surgiu na linha.

— Não creio que tenha sido a Christa Kunst que desenterraram da vala em Whitchurch — disse Vicary.

— Então quem foi?

— Isso já é o seu trabalho, Harry. Contacte a Scotland Yard. Verifique se desapareceu alguma mulher por volta dessa altura. Comece por um raio de um par de horas a partir de Whitchurch, depois amplie a zona, se for necessário. Quando eu voltar ao Ministério da Guerra, informo Boothby.

— E o que lhe vai dizer?

— Que estamos à procura de uma holandesa morta. Ele vai adorar.

DEZOITO

LESTE DE LONDRES

Encontrar Peter Jordan não iria ser um problema. Mas encontrá-lo da maneira certa seria.

As informações de Vogel eram fidedignas. Berlim sabia que Jordan trabalhava em Grosvenor Square, no Comando Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas, mais conhecido como SHAEF. A praça era fortemente patrulhada por polícias militares, impenetrável a intrusos. Berlim tinha a morada de Jordan em Kensington e conseguira juntar uma enorme quantidade de informação sobre o seu passado. Só faltava saber todos os passos, minuto a minuto, da rotina diária dele em Londres. Sem isso, Catherine podia apenas deitar-se a adivinhar qual seria a melhor maneira de o abordar.

Ser ela própria a seguir Jordan estava fora de questão, por várias razões. Primeiro, tinha que ver com a sua segurança. Seria demasiado perigoso para ela perseguir um oficial americano pelo West End de Londres. Podia ser vista por um dos polícias militares ou até mesmo pelo próprio Jordan. Se os oficiais se sentissem especialmente diligentes nesse dia, podiam detê-la para um interrogatório. Uma pequena verificação poderia revelar que a verdadeira Catherine Blake tinha morrido trinta anos antes, com oito meses de idade, e que ela era uma agente alemã.

A segunda razão por que não devia seguir Peter Jordan era puramente prática. Era-lhe praticamente impossível fazer bem o trabalho sozinha. Mesmo que Neumann ajudasse, seria difícil. A primeira vez que Jordan entrasse num carro militar, ela ficaria completamente perdida. Não podia entrar simplesmente num táxi e dizer Siga aquele carro militar americano. Os taxistas sabiam da ameaça que os espões representavam para os oficiais aliados. O mais provável era ser levada diretamente para a esquadra de polícia mais próxima. Precisava de carros comuns para o seguir, homens desconhecidos para falarem com ele, homens que não dessem nas vistas para se manterem de guarda à porta de casa dele.

Precisava de ajuda.

Precisava de Vernon Pope.

Vernon Pope era uma das maiores e mais bem-sucedidas figuras

do mundo do crime de Londres. Pope, juntamente com o irmão Robert, dirigia esquemas de proteção, salões de jogos ilegais, redes de prostituição e uma próspera operação de mercado negro. No início da guerra, Vernon Pope levava Robert às urgências do Hospital St. Thomas com uma ferida grave na cabeça sofrida durante a Blitz. Catherine examinou-o rapidamente, viu que tinha uma concussão e suspeitou que o crânio estivesse fraturado. Fez com que Robert fosse visto por um médico de imediato. Vernon Pope, agradecido, deixou-lhe um bilhete. Dizia: Se houver alguma coisa que possa fazer para lhe agradecer, por favor, não hesite em pedir.

Catherine guardou o bilhete. Estava na sua mala.

Estranhamente, o armazém de Vernon Pope sobrevivera ao bombardeamento. Permanecera intacto, uma ilha arrogante rodeada de jardins de destruição. Catherine não se aventurara pelo East End em quase quatro anos. A devastação era chocante. Era difícil ter a certeza de que não estava a ser seguida. Restavam poucas portas onde se abrigar, não havia cabines telefónicas para simular chamadas, não havia lojas para pequenas compras, apenas montanhas sem fim de escombros.

Observou o armazém do outro lado da rua, com uma chuva miudinha e fria a cair. Estava de calças, camisola e um casaco de pele. As portas do armazém abriram-se e três camiões pesados saíram para a rua. Um par de homens bem vestidos voltou a fechar as portas rapidamente, mas, antes disso, Catherine conseguiu dar uma vista de olhos lá para dentro. Havia grande azáfama.

Um grupo de estivadores passou por ela, vindo do turno do dia. Seguiu-os por um momento e depois encaminhou-se para o armazém de Pope.

Havia um pequeno portão com uma campainha elétrica para entregas. Tocou à campainha, não obteve resposta, tocou outra vez. Catherine sentiu que estava a ser observada. Finalmente, o portão abriu-se.

— O que podemos fazer por si, 'morzinho?

Aquela voz agradável com a pronúncia cockney não condizia com a figura diante dela. Ele tinha, pelo menos, um metro e oitenta e cinco, cabelo preto cortado rente ao crânio e óculos pequenos. Vestia um fato cinzento dos caros, com uma camisa branca e uma gravata prateada. Os músculos dos braços preenchiam as mangas do casaco.

— Queria falar com o senhor Pope, por favor.

Catherine entregou o bilhete ao brutamontes. Ele leu-o rapidamente, como se já tivesse visto muitos iguais.

— vou perguntar ao patrão se ele tem um minuto para a atender. Entre.

Catherine entrou pelo portão e ele fechou-o atrás dela.

— As mãos bem levantadas, minha querida; linda menina. Não é nada de pessoal. O senhor Pope pede-o a toda a gente.

O homem de Pope revistou-a. Foi rápido, mas nada profissional. Arrepiou-se quando ele lhe passou as mãos pelo peito. Resistiu à vontade de lhe esmagar o nariz com o cotovelo. Ele abriu a mala, olhou lá para dentro e devolveu-a. Ela já estava à espera disso e tinha vindo desarmada. Sentia-se nua sem uma arma, vulnerável. Da próxima vez, traria uma faca.

Ele conduziu-a pelo armazém. Homens de fato-macaco carregavam caixotes de mercadorias para meia dúzia de carrinhas. No fundo do armazém, havia caixas desde o chão até ao teto, em cima de paletes de madeira: café, cigarros, açúcar e também barris de gasolina. Havia uma frota de motas brilhantes, estacionadas numa fila arrumada. Era óbvio que Vernon Pope tinha um negócio próspero.

— Por aqui, 'morzinho — disse o homem. — A propósito, o meu nome é Dicky.

Conduziu-a até um elevador de carga, fechou as portas e premiu o botão. Catherine tirou um cigarro da mala e meteu-o entre os lábios.

— Desculpe, querida — disse Dicky e abanou um dedo no ar, de modo negativo. — O patrão detesta cigarros. Diz que um dia vamos descobrir que isso nos mata. Além disso, aqui há gasolina e munições suficientes para nos fazerem ir pelos ares até Glasgow.

— E isso é dizer pouco — disse Vernon Pope que se levantou do confortável sofá de pele e começou a andar pelo escritório. Não era simplesmente um escritório, era mais um pequeno apartamento, com uma sala de estar e uma cozinha apetrechada de aparelhos modernos. Havia um quarto atrás de um par de portas em teca preta. Estas abriram-se, por breves instantes, e Catherine vislumbrou uma loura sonolenta, impacientemente à espera que a reunião acabasse. Pope serviu-se de outro uísque. Era alto e bonito, de pele pálida, cabelos claros cheios de brilhantina e olhos cinzentos glaciais. O fato estava muito bem feito e era discreto; podia ser usado por um executivo de sucesso ou por alguém que já nascera rico.

— Já me viste bem isto, Robert? Aqui a Catherine quer que nós gastemos três dias a perseguir um oficial da marinha americana pelo West End.

Robert Pope permaneceu à margem, a andar de um lado para o outro como um lobo cinzento nervoso.

— Isso não é propriamente o nosso tipo de trabalho, minha querida Catherine — disse Vernon Pope. — Além disso, e se os rapazes das secretas ianque ou britânica descobrem o nosso joguinho? com a polícia de Londres, lido eu bem. com o MI5, é outra história.

Catherine tirou um cigarro.

— Importa-se?

— Se tiver mesmo de ser. Dicky, dá-lhe um cinzeiro. Catherine acendeu o cigarro e pôs-se a fumar em silêncio durante um momento.

— Eu já vi o equipamento que tem lá em baixo, no armazém. Podia montar facilmente o tipo de operação de vigilância de que estou a falar.

— E por que raio é que havia uma enfermeira voluntária do Hospital St. Thomas de querer montar uma operação de vigilância a um oficial dos Aliados, pergunto-te eu, Robert?

Robert Pope sabia que não era para responder à pergunta. Vernon Pope dirigiu-se à janela com o copo na mão. As cortinas do blackout estavam levantadas, o que lhe permitia ver os barcos a trabalharem para cima e para baixo no rio.

— Veja o que os alemães fizeram a este sítio — disse por fim. Costumava ser o centro do mundo, o maior porto à face da terra. E agora, olhe para ele: o raio de um terreno baldio. As coisas nunca mais serão as mesmas por aqui. A Catherine não trabalha para os alemães, pois não?

— Claro que não — respondeu ela calmamente. — As razões que me levam a segui-lo são estritamente pessoais.

— Ótimo. Sou ladrão, mas, ainda assim, patriota. — Fez uma pausa e depois perguntou: — Então para que é que quer que o sigamos?

— — Estou a oferecer-lhe um trabalho, senhor Pope. Francamente, o porquê das minhas razões não lhe diz respeito.

Pope virou-se e encarou-a.

— — Muito bem, Catherine. Você tem coragem. Gosto disso. Além disso, seria uma tonta se me contasse.

As portas do quarto abriram-se e a loura saiu de lá, vestindo um roupão de seda de homem, com cornucópias. Estava frouxamente atado na cintura, revelando um bom par de pernas e pequenos seios arrebitados.

— Vivie, ainda não acabámos — disse Pope.

— Tenho sede — exclamou ela, olhando de soslaio para Catherine enquanto se servia de um gim tónico. — Vais demorar muito mais tempo, Vernon?

— Não muito. Negócios, querida. Volta para o quarto.

Vivie voltou para o quarto, com as ancas a balançarem por baixo do roupão. Olhou de novo para Catherine, por cima do ombro, antes de fechar a porta suavemente.

— Linda rapariga — disse Catherine. — É um homem de sorte. Vernon Pope riu baixinho e abanou a cabeça.

— Às vezes, gostava de poder passar a minha sorte a outro homem. Houve um longo silêncio enquanto Pope andava de um lado para o outro da sala.

— Estou metido numa data de coisas duvidosas, Catherine, mas não estou a gostar disto. Não estou a gostar mesmo nada disto.

Catherine acendeu outro cigarro. Talvez tivesse cometido um erro ao contactar Vernon Pope com aquela proposta.

— Mas vou fazê-lo. A Catherine ajudou o meu irmão e eu fiz-lhe uma promessa. Sou um homem de palavra. — disse, fazendo uma pausa e olhando-a de cima a baixo. — Além do mais, há qualquer coisa em si de que eu gosto. Muito.

— Fico contente por podermos fazer negócio, senhor Pope.

— Mas vai sair-lhe caro, 'morzinho. Tenho muitas despesas gerais. Tenho de pagar salários. Este tipo de coisa vai ocupar grande parte dos meus recursos.

— Por isso é que vim ter consigo — retorquiu Catherine, tirando um envelope de dentro da mala. — O que lhe parecem duzentas libras? Cem agora e cem quando me der as informações. Quero o comandante Jordan a ser seguido durante setenta e duas horas. Vinte e quatro horas por dia. Quero um relato minuto a minuto dos movimentos dele. Quero saber onde é que ele come, com quem se encontra e de que falam. Quero saber se ele costuma encontrar-se com alguma mulher. Consegue tratar disso, senhor Pope?

— Claro.

— Ótimo. Então, contacto-o no sábado.

— E como é que posso entrar em contacto consigo?

— Por acaso, não pode.

Catherine pôs o envelope em cima da mesa e levantou-se. Vernon Pope sorriu agradavelmente.

— Bem me parecia que ia dizer isso. Dicky, acompanha a Catherine até à saída. Arranja-lhe um saco de mercearia. Café, açúcar, talvez um pouco de carne enlatada, se o carregamento já tiver chegado. Coisas boas, Dicky.

— Tenho um mau pressentimento em relação a isto, Vernon disse Robert Pope. — Talvez devêssemos desistir disto.

Vernon Pope odiava ser contestado pelo irmão mais novo. Na sua opinião, era ele que tratava das decisões de negócios e Robert tratava do que exigia músculos.

— Não é nada que não possamos fazer. Mandaste segui-la?

— Dicky e os rapazes trataram disso assim que ela deixou o armazém.

— Ótimo. Quero saber quem é essa mulher e o que pretende.

— Talvez pudéssemos virar o jogo a nosso favor. Poderíamos obter favores da polícia se lhes contássemos, em segredo, o que é que ela anda a tramar.

— Não vamos fazer nada disso. Está entendido?

— Talvez devesse pensar mais em negócios do que em molhar o

píncel.

Vernon virou-se para ele e agarrou-o pelo pescoço.

— Aquilo que eu faço não é da porra da tua conta. Além do mais, é muito melhor do que aquilo que tu e o Dicky fazem.

Robert corou visivelmente.

— Porque estás a olhar para mim dessa maneira, Robert? Pensas que não sei o que se passa?

Vernon soltou-o.

— Agora, faz-te à estrada, que é esse o teu lugar, e certifica-te de que Dicky não a perde de vista.

Catherine apercebeu-se de que estava a ser seguida dois minutos depois de ter saído do armazém. Já estava à espera disso. Homens como Vernon Pope não se mantêm tanto tempo no negócio se não forem cautelosos e desconfiados. Mas a perseguição era feita de um modo desastrado e amador. Afinal, Dicky tinha sido quem a recebera, a revistara e a levara para dentro. Ela conhecia a cara dele. Foi estúpido da parte deles terem-no posto a segui-la. Despistá-lo seria fácil.

Desceu até uma estação de metro, fundindo-se na multidão do fim da tarde. Atravessou o túnel e emergiu do outro lado da rua. Um autocarro estava ali parado. Entrou e sentou-se ao lado de uma senhora idosa. Através da janela embaciada, observou Dicky a correr pelas escadas acima, com o pânico estampado na cara.

Sentiu um pouco de pena dele. O pobre Dicky não tinha hipóteses contra um profissional e Vernon Pope ia ficar furioso. Mas ela não ia correr riscos: uma corrida de táxi, mais dois ou três autocarros e uma volta pelo West End antes de regressar ao apartamento.

De momento, acomodou-se no assento e aproveitou a viagem.

O quarto estava escuro quando Vernon entrou e, silenciosamente, fechou as portas. Vivie pôs-se de joelhos aos pés da cama. Vernon beijou-a furiosamente. Estava a ser mais bruto do que habitualmente. Vivie achava que sabia porquê. Deslizou a mão por dentro da parte da frente das calças dele.

— Oh, meu Deus, Vernon. Isto é para mim ou para aquela cabra? Vernon abriu o roupão de seda e puxou-o para baixo, fazendo-o deslizar pelos ombros dela.

— Um bocadinho as duas coisas, na verdade — disse ele e beijou-a de novo.

— Tu querias possuí-la logo ali, no escritório. Vi isso na tua cara.

— Sempre foste uma rapariguinha muito perspicaz. Ela beijou-o novamente.

— Quando é que ela volta?

— No final da semana.

— E como é que se chama?

— Chama-se Catherine.

— Catherine — disse Vivie. — Que nome tão bonito. Ela é linda.

— Pois é — disse Pope distraidamente.

— Em que tipo de negócio é que está metida?

Pope contou-lhe a conversa que tinham tido; não havia segredos entre eles.

— Soa-me a sarilho. Acho que poderíamos tentar exercer alguma pressão sobre ela.

— És uma rapariga muito esperta.

— Não, só muito marota.

— Vivie, eu consigo perceber quando a tua mente está a trabalhar de modo maquiavélico.

Ela riu-se de maneira perversa.

— Tenho três dias para imaginar todas as coisas maravilhosas que podemos fazer com aquela mulher quando ela voltar. Agora, tira as calças, para eu te ajudar a acalmar essa dor.

Vernon Pope fez o que lhe mandaram.

Um momento depois, alguém bateu ao de leve à porta. Robert Pope entrou, sem esperar pela resposta. Uma brecha de luz iluminou parcialmente o local. Vivie olhou para cima, desavergonhada, e sorriu. Vernon explodiu de raiva.

— Quantas vezes é que tenho de te dizer para não entrares quando a porta estiver fechada?

— É importante. Ela escapou-se.

— Raios! E como é que isso aconteceu?

— Dicky jura que num minuto ela estava lá e, no minuto seguinte, já não estava. Desapareceu pura e simplesmente.

— Pelo amor de Deus!

— Ninguém consegue fugir ao Dicky. Ela é obviamente uma profissional. Temos de ficar o mais longe possível dela.

Vivie sentiu uma facada de pânico.

— Sai daqui e fecha a porta, Robert.

Quando Robert saiu, Vivie lambeu Vernon de modo provocante.

— Não vais fazer o que aquele mariconcozinho te disse, pois não, Vernon?

— Claro que não.

— Ótimo -? disse ela. — Ora, onde é que nós estávamos?

— Oh, meu Deus — gemeu Vernon.

DEZANOVE

LONDRES

Na manhã seguinte, muito cedo, Robert Pope e Richard Dicky Dobbs tiveram a sua estreia involuntária no mundo da espionagem em tempo de guerra, com uma vigilância improvisada e apressada ao comandante Peter Jordan que teria feito os vigias do MI5 ficarem verdes de inveja.

Tudo começou antes da madrugada húmida e gelada, quando o par chegou à casa eduardiana de Jordan, em Kensington, numa carrinha com painéis preta, carregada com caixas de comida enlatada na parte de trás e exibindo na parte lateral o nome de uma mercearia do West End. Esperaram lá até perto das oito horas, com Pope a dormir e Dicky a mascar nervosamente um pão doce mal cozido e a beber café de um copo de papel. Vernon Pope tinha-o ameaçado com lesões corporais graves por causa da perseguição falhada à mulher na noite anterior. Não iria perder Peter Jordan de vista por nada deste mundo. Dicky, considerado o melhor condutor do mundo do crime de Londres, tinha jurado secretamente perseguir Jordan pelos relvados do Green Park se fosse preciso.

Mas tais peripécias automobilísticas não seriam necessárias, pois, às 7h55, um carro militar americano apareceu à porta de casa de Jordan e tocou a buzina. A porta da casa abriu-se e apareceu um homem de estatura e constituição medianas. Usava um uniforme da marinha americana, um boné branco e um sobretudo escuro. Trazia pendurada na mão uma pasta em couro fino. Desapareceu na parte de trás do carro e fechou a porta. Dicky estava tão intensamente concentrado em Jordan que se esqueceu de ligar o motor. Quando tentou fazê-lo, pegou uma vez e foi abaixo. Amaldiçoou-o, ameaçou-o e bajulou-o antes de tentar outra vez. Desta vez, a carrinha pegou ruidosamente e a vigilância silenciosa a Peter Jordan começou.

Grosvenor Square iria apresentar-lhes o primeiro desafio. Estava apinhada de táxis, viaturas de serviço e oficiais aliados a deslocarem-se apressadamente em várias direções. O carro de Jordan atravessou a praça, entrou numa rua secundária adjacente e parou diante de um pequeno edifício sem identificação. Permanecer na rua era impossível. Havia veículos estacionados de ambos os lados e apenas uma via para

o trânsito. Um polícia militar americano de capacete branco rondava para cima e para baixo, balouçando preguiçosamente o bastão. Pope saltou do carro e caminhou pela rua, para trás e para a frente, enquanto Dicky andava em círculos. Dez minutos depois, Jordan saiu do edifício com uma pasta pesada algemada ao pulso.

Dicky apanhou Pope e voltou para Grosvenor Square, chegando a tempo de ver Jordan a entrar pela porta da frente do quartel-general do SHAEF. Encontrou um lugar para estacionar, em Grosvenor Street, com um campo de visão desimpedido, e desligou o motor. Poucos minutos depois, tiveram um vislumbre do general Eisenhower a exhibir um dos seus famosos sorrisos antes de desaparecer pela entrada.

Mesmo que tivesse sido treinado pelo MI5, Pope não poderia ter executado melhor as ações seguintes. Concluiu que não podiam vigiar o edifício apenas com um posto estático; era um complexo enorme, com diferentes entradas e saídas. Servindo-se de um telefone público, ligou para o armazém e pediu a Vernon três homens. Quando chegaram, colocou um atrás do edifício, em Blackburn Street, outro em Upper Brook Street e o terceiro em Upper Grosvenor Street. Duas horas depois, Pope ligou outra vez para o armazém e pediu três caras novas — não era seguro para civis demorarem-se pelas instalações americanas. Se Vicary e Boothby tivessem podido ouvir essa conversa, teriam provavelmente rido da ironia, pois, como qualquer supervisor e qualquer agente de campo bons, Vernon e Robert discutiram azedamente por causa dos recursos. No entanto, o que estava em jogo era diferente. Vernon precisava de um par de homens bons para irem buscar um carregamento de café roubado e para tratarem de um comerciante que se tinha atrasado nos pagamentos de proteção.

Trocaram de veículos ao meio-dia. A carrinha da mercearia foi substituída por uma carrinha idêntica, com o nome de um serviço de lavandaria fictício estampado na parte lateral. Foi preparada tão rapidamente que a palavra lavandaria estava escrita lavandria e os sacos de roupa brancos, empilhados na parte de trás, estavam cheios de jornais velhos amassados. Às duas horas, trouxeram-lhes um termos de chá e um saco com sanduíches. Uma hora mais tarde, tendo acabado de comer e de fumar alguns cigarros, Pope começou a ficar cada vez mais nervoso. Jordan encontrava-se lá dentro há quase sete horas. Estava a ficar tarde. Todos os lados do edifício se encontravam sob vigia. Mas se Jordan saísse já na escuridão do blackout, seria quase impossível vê-lo. Mas, às quatro horas, quando a luz já quase tinha desaparecido, Jordan deixou o edifício pela porta principal, em Grosvenor Square.

Repetiu o mesmo circuito da manhã, mas ao contrário. Atravessou a praça em direção ao edifício mais pequeno, com a mesma pasta pesada algemada ao pulso, e entrou. Apareceu uns momentos depois,

trazendo a pequena pasta que tinha de manhã. A chuva tinha parado e Jordan decidira, aparentemente, que seria uma boa ideia dar um passeio. Dirigiu-se para oeste, depois virou para sul em direção a Park Lane. Segui-lo de carrinha era impossível. Pope saltou da carrinha e foi atrás de Jordan ao longo do passeio, mantendo-se a alguns metros de distância.

Era mais difícil do que Pope imaginava. O grande hotel Grosvenor House, em Park Lane, tinha sido tomado por americanos e transformado em alojamento para oficiais. Dezenas de pessoas atolavam o passeio. Pope aproximou-se de Jordan para ter a certeza de que não o perdia ou confundia com outro homem. Um polícia militar olhou para Pope quando ele atravessou por entre a multidão, atrás de Jordan. Em algumas ruas do West End, os ingleses davam tanto nas vistas como aconteceria em Topeka, rio Kansas. Pope ficou tenso. Depois apercebeu-se de que não estava a fazer nada de mal. Estava simplesmente a andar pela rua no seu próprio país. Descontraiu-se e o polícia militar olhou noutra direção. Jordan passou pelo Grosvenor House. Pope seguia atrás dele com grande cautela.

Pope perdeu-o em Hyde Park Corner.

Jordan desapareceu na multidão de soldados e civis britânicos à espera para atravessar a rua. Quando o sinal mudou, Pope seguiu um oficial da marinha americana, mais ou menos da altura de Jordan, ao longo de Grosvenor Place. Depois, olhou para baixo e apercebeu-se de que o oficial não trazia nenhuma pasta. Parou e olhou para trás, esperando que Jordan ali estivesse. Tinha desaparecido.

Pope ouviu uma carrinha a buzinar na rua e olhou para cima. Era Dicky.

— Ele está em Knightsbridge — disse Dicky. — Entra.

Dicky executou uma inversão de marcha perfeita no meio do zumbido do trânsito noturno. Pope avistou Jordan um momento mais tarde e suspirou de alívio. Dicky encostou e Pope saltou para fora da carrinha. Determinado a não perder o homem outra vez, Pope aproximou-se, ficando a poucos metros dele.

O Vandyke Club era um clube para oficiais americanos em Kensington, proibido a civis britânicos. Jordan entrou. Pope caminhou um pouco mais, passando pela porta de entrada, e depois voltou para trás. Dicky tinha encostado junto ao passeio, do outro lado da rua. Pope, sem fôlego e gelado, entrou na carrinha e fechou a porta. Acendeu um cigarro e acabou o resto do chá do termos. A seguir, disse:

— Da próxima vez que o comandante Jordan decidir atravessar Londres inteira, sais tu do carro e vais com ele, Dicky.

Jordan saiu quarenta e cinco minutos depois.

Pope pensou: Por favor, meu Deus, mais uma marcha forçada,

não.

Jordan aproximou-se do passeio e apanhou um táxi.

Dicky ligou a carrinha e meteu-se cuidadosamente no trânsito. Seguir o táxi era fácil. Dirigiu-se para leste, passando por Trafalgar Square e entrando na Strand; depois de percorrer uma pequena distância, virou à direita.

— Assim está melhor — disse Pope.

Observaram Jordan a pagar ao taxista e a entrar no Savoy Hotel.

A grande maioria dos civis britânicos sobreviveu à guerra consumindo quantidades de alimentos que não ultrapassavam o nível da subsistência, à volta de cem gramas de carne e queijo por semana uns decilitros de leite, um ovo se tivessem sorte, iguarias como pêssegos ou tomates enlatados muito de vez em quando. Ninguém passava fome, mas poucos engordavam. Mas havia outra Londres, uma Londres de restaurantes elegantes e hotéis sumptuosos, que asseguravam um fornecimento estável de carne, peixe, vegetais, vinho e café no mercado negro e depois cobravam preços exorbitantes aos clientes pelo privilégio de um jantar. O Savoy Hotel era um desses estabelecimentos.

O porteiro usava um sobretudo verde, debruado a prata, e uma cartola. Pope passou por ele apressadamente e entrou. Atravessou o vestíbulo do Savoy e entrou no salão. Havia homens de negócios ricos reclinados em poltronas confortáveis, lindas mulheres em vestidos de noite à moda daqueles tempos de guerra, dezenas de oficiais americanos e britânicos de uniforme, aristocratas rurais vestidos de tweed e chegados do campo para passarem uns dias na cidade. Enquanto seguia Jordan pelo meio da multidão, Pope sentia uma reação confusa àquele cenário de opulência. Os ricos do West End levavam uma bela vida, ao passo que os desfavorecidos do East End andavam esfomeados e eram os que mais sofriam com os bombardeamentos. No entanto, ele e o irmão tinham feito fortuna no mercado negro. Descartou a disparidade como uma consequência infeliz da guerra.

Pope seguiu Jordan até ao bar do Savoy Grill. Jordan estava sozinho no meio da multidão, tentando, em vão, chamar a atenção do empregado para pedir uma bebida. Pope estava a poucos passos dele. Conseguiu chamar a atenção do empregado e pediu um uísque. Quando se virou, Jordan já estava acompanhado por um oficial da marinha americana muito alto, de cara vermelha e sorriso bem-humorado. Pope aproximou-se mais para poder ouvir a conversa.

O homem alto disse:

— Hitler devia vir aqui e tentar conseguir uma bebida numa sexta-feira à noite. De certeza que iria reconsiderar a ideia de querer invadir este país.

— Queres tentar a sorte no Grosvenor House? — perguntou Jordan.

— No Willow Run? Estás doido? O chefe de cozinha francês despediu-se no outro dia. Pediram-lhe que preparasse as refeições com as rações e ele recusou-se.

— Parece que é o último homem com juízo em Londres.

— Também acho.

— E o que é preciso fazer para se conseguir uma bebida neste sítio?

— Normalmente isto resulta: dois martínis, por amor de Deus! O empregado do bar olhou para cima, sorriu e pegou numa garrafa de Beefeater.

— Como está, senhor Ramsey.

— Olá, William.

Pope memorizou esse pormenor. O amigo de Jordan chamava-se Ramsey.

— Essa foi boa, Shepherd. Pope pensou: Shepherd Ramsey.

— Ajuda mesmo ser um palmo mais alto do que toda a gente.

— Fizeste reserva? Esta noite, não conseguimos mesmo entrar no Grill sem reserva.

— Claro que fiz, meu velho. A propósito, por onde raio andaste? Tentei ligar-te a semana passada. Deixei o telefone da tua casa tocar e tocar: não houve resposta. Também telefonei para o teu gabinete. Disseram que não podias atender. Liguei outra vez no dia seguinte, a mesma história. Que raio andavas a fazer para não poderes atender o telefone durante dois dias?

— Não tens nada que ver com isso.

— Ah, ainda estás a trabalhar naquele teu projeto?

— Deixa lá isso, Shepherd, ou dou-te uma tarefa aqui mesmo, neste bar.

— Só em sonhos, meu caro. Além disso, se fizeres uma cena aqui, onde raio é que iremos tomar a nossa bebida? Nenhum estabelecimento decente iria aceitar um tipo como tu.

— Bem visto.

— Então, quando me vais contar em que é que andas a trabalhar?

— Quando a guerra acabar.

— Tão importante, ha?

— Sim.

— Bem, pelo menos um de nós anda a fazer alguma coisa importante — atirou Shepherd Ramsey, acabando a bebida. — William, mais dois, por favor.

— Vamos embebedar-nos antes do jantar?

— Só quero que descontraias, mais nada.

— Isto é o máximo que consigo descontraír. O que estás a planear,

Shepherd? Conheço esse tom de voz.

— Nada, Peter. Jesus, tem calma.

— Conta-me. Sabes que detesto surpresas.

— Convidei umas pessoas para se juntarem a nós esta noite.

— Pessoas?

— Raparigas, na verdade. Por acaso, acabaram de chegar.

Pope seguiu o olhar de Jordan até à entrada do bar. Estavam lá duas mulheres, ambas jovens, ambas muito atraentes. As mulheres avistaram Shepherd Ramsey e Jordan e juntaram-se-lhes no bar.

— Peter, apresento-te a Barbara, mas todos lhe chamam Baby.

— Isso é compreensível. Prazer em conhecer-te, Barbara. Barbara olhou para Shepherd.

— Céus, tinhas razão! Ele é um borracho — disse ela com uma pronúncia da classe operária de Londres. — Vamos comer no Grill?

— Sim. De facto, a nossa mesa deve estar pronta.

O maître d'hôtel indicou-lhes a mesa. Não havia maneira de Pope ouvir a conversa deles a partir do bar. Precisava de estar sentado na mesa mais próxima. Olhando pela entrada da sala de jantar, Pope conseguiu ver que a mesa ao lado da deles estava vazia, mas tinha um pequeno aviso de reserva. Não há problema, pensou ele. Rapidamente, atravessou o bar e saiu para a rua. Dicky estava à espera dentro da carrinha. Pope fez-lhe sinal para entrar no hotel. Dicky saiu da carrinha e atravessou a rua.

— O que se passa, Robert?

— Vamos jantar. Preciso que faças a reserva.

Pope mandou Dicky falar com o maître d'hôtel Da primeira vez que Dicky pediu uma mesa, o maître d'hôtel abanou a cabeça, franziu a testa e abanou as mãos a mostrar que não havia mesas. Foi então que Dicky se baixou e lhe sussurrou qualquer coisa ao ouvido que o fez ficar branco e começar a tremer. Momentos depois, estavam a sentá-los na mesa ao lado da de Peter Jordan e Shepherd Ramsey.

— O que lhe disseste, Dicky?

— Disse-lhe que se ele não nos desse esta mesa, eu lhe arrancava a maçã de Adão e a atirava para dentro daquela frigideira flamejante.

— Bem, o cliente tem sempre razão. É o que eu digo. Abriram as ementas.

— Vais começar pelo salmão fumado ou pelo patê defoiegras? perguntou Pope.

— Pelos dois, acho eu. Estou esfomeado. Não te parece que eles sirvam salsichas e puré, pois não, Robert?

— Nem pensar nisso. Experimenta o coq au vin. E agora cala-te para eu ouvir o que estes ianques estão a dizer.

Foi Dicky que os seguiu depois do jantar. Observou-os a enfiarem as duas mulheres dentro de um táxi e a começarem a andar pela

Strand.

— Podias ao menos ter sido educado — disse Shepherd Ramsey.

— Desculpa, Shepherd. Não tínhamos muito que dizer um ao outro.

— E o que há para dizer? Tomas umas bebidas, ris-te um pouco, leva-la para casa e passas uma ótima noite na cama. Sem perguntas.

— Tive dificuldade em ultrapassar o facto de ela estar sempre a usar a faca para verificar o batom.

— Sabes o que ela te podia ter feito com aqueles lábios? E reparaste bem no que ela trazia por baixo do vestido? Meu Deus, Peter, aquela rapariga tem uma das piores reputações aqui em Londres.

— Peço desculpa se te desapontei, Shepherd, mas não estava interessado.

— Bem, e quando é que vais voltar a estar interessado?

— De que estás a falar?

— Há seis meses prometeste que ias começar a sair.

— Eu gostava de conhecer uma mulher adulta inteligente e interessante, mas não preciso que andes por aí à procura — lançou Jordan, acendendo um cigarro e abanando o fósforo furiosamente. — Ouve, Shep, desculpa. Mas é que...

— Não, tu tens razão. Não tenho nada que ver com isso. É só que a minha mãe morreu quando o meu pai tinha quarenta anos. Ele nunca voltou a casar. E o resultado disso foi que morreu sozinho e amargurado. Não quero que te aconteça a mesma coisa.

— Obrigado, Shepherd, não vai acontecer.

— Nunca vais encontrar outra mulher como Margaret.

— Diz-me algo que eu não saiba.

Jordan fez sinal a um táxi para parar e entrou.

— Posso dar-te boleia?

— Na verdade, já tenho um compromisso.

— Shepherd.

— Ela vai encontrar-se comigo no meu quarto daqui a meia hora. Não consegui resistir. Perdoa-me, mas a carne é fraca.

— Mais do que a carne. Diverte-te, Shep.

O táxi arrancou. Dicky afastou-se e procurou a carrinha. Passados uns segundos, Pope encostou ao passeio e Dicky entrou. Seguiram o táxi de regresso a Kensington, viram Peter Jordan entrar em casa e ficaram ali parados durante meia hora, à espera que o turno da noite chegasse.

VINTE

LONDRES

Tinha sido a incapacidade de Alfred Vicary para reparar uma mota que o levava a ficar com o seu joelho estilhaçado. Aconteceu num dia glorioso de outono, no norte da França e sem sombra de dúvida que foi o pior dia da sua vida.

Vicary tinha acabado uma reunião com um espião que penetrara nas linhas inimigas, num setor onde os britânicos planeavam atacar na madrugada do dia seguinte. O espião tinha descoberto um enorme acampamento de soldados alemães. O ataque, se acontecesse como planeado, encontraria grande resistência. O espião deu a Vicary um bilhete escrito à mão sobre a força das tropas alemãs e o número de peças de artilharia que tinha visto. Também lhe deu um mapa que mostrava exatamente onde é que estavam acampados. Vicary guardou-os no seu alforge de couro e voltou para o quartel-general.

Vicary sabia que levava informações de importância vital, estavam vidas em jogo. Acelerou a fundo e seguiu perigosamente depressa pelo trilho estreito. Árvores grandes alinhavam-se de ambos os lados do caminho, com um dossel de ramos por cima da sua cabeça e a luz do Sol nas folhas de outono a criar um túnel cintilante de fogo. O caminho subia e descia, ritmicamente, por baixo dele. Por várias vezes, sentiu a vertigem emocionante provocada pela sua mota Rjídge a pairar no ar durante um segundo ou dois.

O chocalhar do motor começou a dezasseis quilómetros do quartel-general. Vicary abrandou. No quilómetro seguinte, o chocalhar progrediu para um ruído alto. Mais um quilómetro e ouviu um barulho de metal a partir, seguido de um grande estrondo. O motor perdeu a força repentinamente e parou.

Sem o roncar da mota, o silêncio era opressivo. Inclinou-se e olhou para o motor. O metal oleado e quente e os cabos retorcidos não lhe diziam nada. Lembrava-se de ter pontapeado a mota e de ter pensado se a deixava ali na berma ou se a arrastava até ao quartel-general. Vicary agarrou-a pelo guiador e começou a empurrá-la num ritmo acelerado.

A luz da tarde diminuiu até se transformar num crepúsculo de um rosa frágil. Ainda estava a quilómetros do quartel-general. Se tivesse

sorte, talvez encontrasse alguém do seu lado que lhe desse boleia. Se tivesse azar, podia encontrar-se cara a cara com uma patrulha de batedores alemães.

Quando o último raio de luz se extinguiu, começaram os disparos de artilharia. Os primeiros projéteis não causaram perda, aterrando inofensivamente num campo. Os projéteis seguintes voaram por cima da cabeça de Vicary e bateram numa encosta. A terceira saraivada aterrou no trilho mesmo à frente dele.

Vicary nem se apercebeu do projétil que o feriu.

Quando recuperou a consciência às primeiras horas da noite, estava caído, a congelar, numa vala. Olhou para baixo e quase desmaiou quando viu o joelho, uma confusão de ossos estilhaçados e sangue. Obrigou-se a rastejar para fora da vala e voltou para o trilho. Encontrou a mota e desmaiou ao lado dela.

Vicary acordou, na manhã seguinte, num hospital de campanha. Apercebeu-se de que o ataque tinha ido para a frente porque o hospital estava sobrelotado. Ficou deitado na cama o dia inteiro, com a cabeça atordoada numa neblina sonolenta causada pela morfina, a ouvir os gemidos dos feridos. Ao cair da noite, o rapaz da cama ao lado morreu. Vicary fechou os olhos para tentar calar o som do estertor da morte, mas não conseguiu.

Brendan Evans — o amigo de Cambridge que tinha ajudado Vicary a entrar para o Corpo dos Serviços Secretos — veio vê-lo na manhã seguinte. A guerra tinha-o mudado.

O seu ar de menino bonito desaparecera. Parecia um homem endurecido e algo cruel. Brendan puxou de uma cadeira e sentou-se ao lado da cama.

— A culpa é toda minha — disse Vicary. — Eu sabia que os alemães estavam à espera. Mas a minha mota avariou-se e eu não consegui arranjar aquela porcaria. E depois começaram os disparos de artilharia.

— Eu sei. Encontraram os papéis no teu alforje. Ninguém te ; culpa. Foi apenas o raio de um grande azar, só isso. Em qualquer caso, provavelmente não podias ter feito nada para reparar a mota.

Às vezes, Vicary ainda ouvia os gritos dos moribundos durante : o sono, mesmo agora, quase trinta anos depois. Nos últimos dias, os sonhos tinham dado uma reviravolta, sonhava que tinha sido Basil Boothby a sabotar-lhe a mota.

Já leu alguma vez o dossiê de Vogel?

Não.

Mentiroso. Um perfeito mentiroso.

Vicary tentou abster-se das comparações inevitáveis entre o antes e o depois, mas era impossível. Não acreditava no destino, mas algo ou alguém lhe tinha dado uma segunda oportunidade, uma

oportunidade para se redimir do falhanço daquele dia de outono em 1916.

Vicary pensou que a festa no pub do outro lado da rua, em frente do quartel-general do MI5, o ajudasse a tirar o caso da cabeça. Mas não ajudou. Permaneceu à margem, a pensar na França, contemplando a cerveja, a observar, enquanto outros oficiais namoriscavam as bonitas datilógrafas. Nicholas Jago estava a portar-se muito bem ao piano.

Foi sacudido do seu transe quando uma das rainhas da divisão dos Registos começou a cantar "I'll Be Seeing You". Era uma loura atraente, de lábios carmesim, chamada Grace Clarendon. Vicary sabia que ela e Harry tinham tido um caso bastante público no início da guerra. Vicary compreendia bem a atração. Grace era resplandecente, espirituosa e mais inteligente do que o resto das raparigas da divisão dos Registos. Mas também era casada e Vicary não aprovava. Não dizia a Harry o que achava; não era da sua conta. Pensou: Além disso, quem sou eu para me pôr com sermões em questões do coração? Suspeitava que tinha sido Grace que tinha dado a Harry as informações sobre Boothby e o dossiê Vogel.

Harry entrou no pub, embrulhado no sobretudo. Piscou o olho a Grace e, a seguir, dirigiu-se a Vicary e disse-lhe:

— Vamos voltar para o gabinete. Temos de falar.

— Ela chamava-se Beatrice Pymm. Vivía sozinha num chalé nos arredores de Ipswich — começou a dizer Harry enquanto subiam as escadas até ao gabinete de Vicary e depois de ter passado várias horas em Ipswich de manhã, a pesquisar o passado de Beatrice Pymm. Sem amigos, nem família. A mãe morreu em 1936. Deixou-lhe o chalé e uma soma razoável de dinheiro. Não tinha emprego. Não tinha namorados, nem amantes, nem sequer um gato. A única coisa que fazia era pintar.

— Pintar? — perguntou Vicary.

— Sim, pintar. As pessoas com quem falei disseram que ela pintava quase todos os dias. Saía de casa de manhã cedo, ia para o campo em redor e passava o dia todo a pintar. Um detetive da Polícia de Ipswich mostrou-me uns quantos quadros dela, paisagens. Muito bons, por acaso.

Vicary franziu a testa.

— Não sabia que tinha olho para a arte, Harry.

— Pensa que os rapazes de Battersea não sabem apreciar as coisas finas? Pois sempre lhe digo que a minha santa mãezinha me arrastava regularmente para a National Gallery.

— Peço desculpa, Harry. Por favor, continue.

— Beatrice não tinha carro. Ou ia de bicicleta, ou a pé, ou apanhava um autocarro. Costumava pintar durante horas,

especialmente no verão, quando a luz era boa e perdia o último autocarro para casa. Os vizinhos viam-na chegar ao chalé a pé, já tarde, carregando o material de pintura. Dizem que passava a noite em sítios horríveis, só para apanhar o nascer do Sol.

— E o que é que eles acham que lhe aconteceu?

— A versão oficial da história: afogamento accidental. As coisas dela foram encontradas nas margens do Orwell, incluindo uma garrafa de vinho vazia. A polícia acha que ela bebeu demasiado, perdeu o equilíbrio, escorregou para dentro de água e se afogou. Não encontraram o corpo. Investigaram durante algum tempo, mas não conseguiram encontrar nenhuma prova que sustentasse outra teoria. Declararam a morte por afogamento accidental e fecharam o caso.

— Parece-me uma história muito plausível.

— Claro, pode ter acontecido dessa maneira. Mas duvido. Beatrice Pymm estava bastante familiarizada com aquela zona. Porque é que, nesse dia em particular, teria bebido demais e caído ao rio?

— E qual é a teoria número dois?

— A teoria número dois é a seguinte: ela foi apanhada pela nossa espia, ao entardecer, esfaqueada no coração e o corpo foi enfiado numa carrinha. As coisas dela foram deixadas na margem do rio para que parecesse um afogamento accidental. Na realidade, a espia atravessou parte do país com o corpo, mutilou-o e enterrou-o à saída de Whitchurch.

Chegaram ao escritório de Vicary e sentaram-se. Vicary à secretária e Harry à frente dele. Harry recostou-se na cadeira e pôs os pés em cima da secretária.

— Isso são tudo suposições ou tem alguns factos que corroborem esta sua teoria?

— Metade uma coisa e metade a outra, mas tudo isto bate com a sua suspeita de que Beatrice Pymm foi assassinada com o objetivo de esconder a entrada da espia no país.

— Sou todo ouvidos.

— Vou começar pelo cadáver. O corpo foi descoberto em agosto de 1939. Falei com o patologista do Ministério do Interior que o examinou. A julgar pela decomposição, calculou que tivesse estado enterrado durante seis a nove meses. Isso, já agora, é consistente com o assassinato de Beatrice Pymm. Os ossos da cara foram quase todos estilhaçados. Não havia dentes para comparar registos dentários. Não se podiam tirar impressões digitais porque as mãos estavam demasiado decompostas. Ele não conseguiu determinar a causa de morte. Mas encontrou uma pista interessante, um corte na parte inferior das costelas do lado esquerdo. Aquele corte era consistente com a hipótese de esfaqueamento no peito.

— E o Harry diz que a assassina pode ter usado uma carrinha?

Que prova é que tem?

— Perguntei à polícia local se havia relatórios de crimes ou distúrbios em Whitchurch na noite em que Beatrice Pymm foi assassinada. Por coincidência, uma carrinha foi abandonada e deliberadamente queimada nos arredores de uma aldeia chamada Alderton. Verificaram a matrícula da carrinha.

— Roubada em Londres dois dias antes. Vicary levantou-se e começou a passarinhar.

— Então, a nossa espia está no meio de nenhures, com uma carrinha em chamas na berma da estrada. E para onde é que ela vai a seguir? O que é que ela faz?

— Vamos partir do princípio de que ela volta para Londres. Manda parar um dos carros ou camiões que passam e pede boleia. Ou talvez caminhe até à estação mais próxima e apanhe o primeiro comboio para Londres.

— Demasiado arriscado — afirmou Vicary. — Uma mulher sozinha, no meio do campo a altas horas da noite, seria bastante invulgar. E é novembro, por isso, também está frio. Podia ser avistada pela polícia. O homicídio de Beatrice Pymm foi perfeitamente planeado e executado. A assassina não iria deixar ao acaso a sua própria fuga.

— E que tal uma mota na parte de trás da carrinha?

— Boa ideia. Verifique e veja se houve alguma mota roubada nessa altura.

— Ela conduz até Londres e livra-se da mota.

— Correto — concordou Vicary. — E quando a guerra rebenta, não procuramos uma holandesa chamada Christa Kunst porque julgamos erradamente que ela está morta.

— Um plano inteligente como o raio!

— Mais implacável do que inteligente. Veja bem, matar uma civil britânica inocente para esconder uma espia. Ela não é uma espia qualquer e Kurt Vogel não é um agente de controlo qualquer. Estou convencido disso.

Vicary fez uma pausa para acender um cigarro.

— A fotografia levou a alguma pista?

— Nada.

— Acho que isso mata a nossa investigação por completo.

— Receio bem que tenha razão. vou fazer mais uns telefonemas agora à noite.

Vicary abanou a cabeça e disse:

— Tire o resto da noite. Vá lá para baixo, para a festa. — Depois acrescentou: — Passe algum tempo com a Grace.

Harry levantou os olhos.

— Como é que sabe?

— Este lugar está cheio de agentes dos serviços secretos, caso não tenha reparado. As coisas vão-se sabendo, as pessoas falam. Além do mais, vocês os dois não foram exatamente discretos. O Harry costumava deixar o número de telefone de casa de Grace à telefonista, caso eu andasse à sua procura.

Harry corou.

— Vá ter com ela, Harry. Ela sente a sua falta. Qualquer parvo vê isso.

— Também sinto a falta dela. Mas ela é casada. Acabei tudo porque me sentia completamente reles.

— O Harry fá-la feliz e ela também o faz feliz. Quando o marido dela regressar a casa, se o marido dela regressar a casa, as coisas voltam ao normal.

— E como é que eu fico?

— Isso é consigo.

— Fico com o coração despedaçado, é como eu fico. Sou doido pela Grace.

— Então vá ter com a Grace e aproveite a companhia dela.

— Há outra coisa.

Harry contou-lhe o outro aspeto da culpa que sentia por causa do caso com Grace — o facto de estar em Londres a andar atrás de espiões enquanto o marido de Grace e outros homens arriscavam a vida nas forças armadas.

— Eu nem sei o que faria debaixo de fogo, como é que reagiria. Se seria um herói ou um cobarde. Também não sei se ando a contribuir para alguma coisa estando aqui. Consigo apontar cem nomes de outros detetives que são capazes de fazer o mesmo que eu. Às vezes, penso em entregar a Boothby a minha demissão e alistar-me.

— Não seja ridículo, Harry. Quando faz bem o seu trabalho, está a salvar vidas no campo de batalha. A invasão da França vai ser ganha ou perdida antes de o primeiro soldado chegar a pôr um pé numa praia francesa. Milhares de vidas dependem daquilo que o Harry faz. Se acha que não anda a fazer a sua parte, pense nisso nestes termos. Além disso, preciso de si agora. É o único em quem posso confiar por aqui.

Por um momento, permaneceram sentados num silêncio estranho e embaraçoso, como os ingleses são propensos a fazer depois de partilharem pensamentos privados. Harry levantou-se, dirigiu-se para a porta e, a seguir, parou e voltou-se.

— Então e o Alfred? Porque não há ninguém na sua vida? Porque não desce até à festa e arranja uma mulher simpática com quem passar algum tempo?

Vicary bateu nos bolsos do peito à procura dos óculos em meia-lua e pô-los na cara.

— Boa noite, Harry — disse ele, com um pouco de firmeza a mais enquanto folheava uma pilha de papéis que tinha diante de si, na secretária. — Divirta-se na festa. Vejo-o amanhã de manhã.

Quando Harry saiu, Vicary pegou no telefone e marcou o número de Boothby. Ficou surpreso por Boothby atender o próprio telefone. Quando Vicary lhe perguntou se não estava ocupado, Sir Basil quis saber se poderia ficar para segunda-feira de manhã. Vicary respondeu que era importante. Sir Basil concedeu-lhe uma audiência de cinco minutos e disse-lhe para subir imediatamente.

— Preparei este memorando para o general Eisenhower, o general Betts e o primeiro-ministro — disse Vicary quando terminou de informar Boothby das descobertas que Harry tinha feito nesse dia.

Entregou-o a Boothby, que permaneceu de pé com os pés ligeiramente afastados, como que para se equilibrar. Estava com pressa para se ir embora para o campo. A secretária tinha-lhe preparado uma pasta segura com material para ler no fim de semana e uma pequena mala em pele com objetos pessoais. Tinha um sobretudo sobre os ombros, com as mangas a abanarem dos lados.

— Na minha opinião, mantermo-nos calados sobre isto por muito mais tempo seria negligência, Sir Basil.

Boothby ainda estava a ler. Vicary sabia isso porque os lábios dele mexiam-se. Semicerrava tanto os olhos que estes tinham desaparecido sob as sobranceiras exuberantes. Sir Basil gostava de fingir que continuava a ter uma visão perfeita e recusava-se a usar óculos à frente dos seus subordinados.

— Pensava que já tínhamos discutido isto, Alfred — disse Boothby, abanando a folha de papel no ar.

Um problema já discutido nunca deverá reaparecer, essa era uma das muitas máximas pessoais e profissionais de Sir Basil. Ficava irritado quando os subordinados levantavam questões já tratadas. A deliberação cuidadosa e as críticas posteriores eram características das mentes mais fracas. Sir Basil apreciava a capacidade de decisão rápida acima de tudo. Vicary passou o olhar pela secretária de Sir Basil. Estava limpa, reluzente e sem quaisquer papéis ou dossiês, um monumento ao estilo de gestão de Boothby.

— Já discutimos isto uma vez, Sir Basil — disse Vicary pacientemente -, mas a situação mudou. Parece que eles conseguiram introduzir um agente no país e esse agente encontrou-se com outro que já cá estava. Parece que a operação, qualquer que ela seja, está em curso. Guardarmos estas informações em vez de as transmitirmos é correr um grande risco.

— Disparates — atirou Boothby.

— Disparates, porquê?

— Porque este departamento não vai informar oficialmente os

americanos e o primeiro-ministro de que é incapaz de desempenhar as suas funções. De que é incapaz de controlar a ameaça colocada por espiões alemães aos preparativos para a invasão.

— Isso não é uma razão válida para ocultar estas informações.

— É uma razão válida, sim, Alfred. Se eu digo que é, é porque é.

As conversas com Boothby assumiam normalmente as características de um gato a perseguir a própria cauda: contradições superficiais, bluffs e manobras de diversão, disputas para ver quem marcava mais pontos. Vicary juntou as mãos por baixo do queixo, circunspectamente, e fingiu que estudava o padrão do dispendioso tapete de Boothby. A sala estava em silêncio, à exceção do ruído das tábuas a rangerem sob o corpo musculoso de Sir Basil.

— Está disposto a enviar o meu memorando ao diretor-geral? perguntou Vicary num tom de voz o menos ameaçador possível.

— De forma nenhuma.

— Então, eu próprio estou disposto a ir falar diretamente com o diretor-geral.

Boothby inclinou-se e pôs a cara junto à de Vicary. Vicary, sentado no sofá fundo de Boothby, conseguiu sentir o cheiro do gim e dos cigarros no hálito dele.

— E eu estou preparado para o esmagar, Alfred.

— Sir Basil...

— Deixe que lhe recorde como o sistema funciona. O Alfred informa-me a mim e eu informo o diretor-geral. Já me informou e eu decidi que seria inapropriado passar esta mensagem ao diretor-geral nesta altura.

— Há ainda outra opção.

Boothby atirou a cabeça para trás como se tivesse sido esmurrado. Recuperou rapidamente a compostura e cerrou o maxilar numa carranca.

— Eu não respondo perante o primeiro-ministro, nem estou às ordens dele. Mas se o Alfred passar por cima do departamento e falar diretamente com Churchill, eu entrego-o a uma comissão de inquérito. Quando a comissão acabar de tratar de si, vão precisar dos registos dentários para identificarem o seu corpo.

— Isso é completamente injusto.

— É? Desde que tomou conta deste caso, tem sido um desastre atrás do outro. Meu Deus, Alfred, mais uns quantos espiões alemães a andarem à solta pelo país fora e já podem formar um clube de rãguebi.

Vicary recusou-se a morder o isco.

— Se não vai apresentar o relatório ao diretor-geral, quero que o registo oficial deste caso contenha o facto de eu ter feito esta sugestão nesta altura e de o senhor a ter recusado.

Os cantos da boca de Boothby levantaram-se num sorriso lacónico. Proteger a própria pele era uma coisa que ele compreendia e apreciava.

— Já está a pensar no seu lugar na História, é, Alfred?

— O senhor é um completo filho da mãe, Sir Basil. E um incompetente também.

— Está a dirigir-se a um oficial superior, major Vicary!

— Acredite que eu percebi a ironia.

Boothby agarrou na pasta e na mala em pele e, a seguir, olhou para Vicary e disse-lhe:

— Tem muita coisa para aprender.

— Suponho que possa aprender consigo.

— E que raio quer isso dizer? Vicary levantou-se.

— Quer dizer que o senhor devia começar a pensar mais na segurança deste país e menos na sua promoção pessoal através de Whitehall.

Boothby sorriu descontraidamente, como se estivesse a tentar seduzir uma mulher mais nova.

— Mas, meu caro Alfred — disse ele -, eu sempre considerei que as duas coisas estão perfeitamente interligadas.

VINTE E UM

LESTE DE LONDRES

Na noite seguinte, Catherine Blake tinha uma faca de ponta e mola escondida na mala quando se apressou pelo passeio em direção ao armazém dos Pope. Exigira um encontro a sós com Vernon Pope e, quando chegou ao armazém, não viu sinal dos homens dele. Parou junto ao portão e rodou o trinco. Estava destrancado, como Pope tinha dito que estaria. Abriu-o e entrou.

O armazém era um sítio cheio de sombras, a única iluminação vinha de um candeeiro pendurado num canto da divisão. Catherine encaminhou-se em direção à luz e encontrou o monta-cargas. Entrou, fechou a porta e carregou no botão. O elevador rugiu e depois subiu aos estremecções para o escritório de Pope.

O elevador parou num pequeno patamar com um par de portas pretas duplas. Catherine bateu e ouviu a voz de Pope do outro lado a dizer-lhe para entrar. Ele estava de pé, junto a um carrinho de bebidas, com uma garrafa de champanhe numa mão e um par de copos na outra. Estendeu um a Catherine quando ela atravessou a sala.

— Não, obrigada — disse ela. — vou só ficar um minuto.

— Eu insisto — respondeu ele. — As coisas ficaram um pouco tensas da última vez que estivemos juntos. Quero compensá-la.

— Foi por isso que me mandou seguir? — perguntou ela, aceitando o champanhe.

— Eu mando seguir toda a gente, querida. É por isso que ainda ando neste negócio. Os meus rapazes são bons nisso, como irá ver quando ler o relatório.

Estendeu um envelope na direção de Catherine e depois puxou-o para trás quando ela tentou agarrá-lo.

— Foi por isso que fiquei tão surpreendido quando consegui enganar o Dicky. Foi muito ardilosa: enfiar-se no metropolitano e depois saltar para dentro de um autocarro.

— Mudei de ideias — respondeu ela.

Bebeu um pouco do champanhe. Estava gelado e era excelente. Pope estendeu o envelope novamente e, desta vez, permitiu que Catherine o agarrasse. Ela pousou o copo e abriu-o.

Era exatamente o que ela precisava, um relatório minuto a minuto

dos movimentos de Peter Jordan por Londres: onde trabalhava, os horários dele, os sítios onde comia e bebia, até o nome do amigo.

Enquanto ela acabava de ler, Pope tirou o champanhe do balde de gê o e encheu o copo dele outra vez. Catherine tirou o dinheiro da mala e pousou-o na mesa.

— Aqui está o resto — disse ela. — Acho que isto encerra o nosso assunto. Muito obrigada.

Estava a guardar o relatório sobre Peter Jordan na mala quando Pope se aproximou e lha tirou.

— Por acaso, minha querida Catherine, o nosso assunto ainda agora começou.

— Se é mais dinheiro que quer...

— Oh, eu quero mais dinheiro. E se não quer que eu ligue para a policia, vai dar-mo — atirou ele, dando mais um passo na direção de Catherine, apertando o corpo contra o dela e acariciando-lhe os seios. — Mas há mais uma coisa que quero de si.

As portas do quarto abriram-se revelando Vivie vestida apenas com uma camisa de Vernon, desabotoada até à cintura.

— Vivie, apresento-te a Catherine — disse Pope. — A encantadora Catherine concordou em passar cá a noite.

Não a tinham preparado para ocasiões como esta na escola para espiões da Abwehr, em Berlim. Ensinaaram-na a contar tropas, a avaliar um exército, a usar o rádio, a reconhecer as insígnias das unidades e as caras dos oficiais superiores. Mas nunca a ensinaram a lidar com um gangster londrino e a sua namorada pervertida, que tinham planeado passar a noite a fazer turnos com o corpo dela. Tinha a sensação de estar encurralada numa estúpida fantasia adolescente. Pensou: Isto não pode estar mesmo a acontecer. Mas estava a acontecer e Catherine não conseguia pensar em nada que tivesse aprendido no seu treino que a conseguisse tirar dali.

Vernon Pope conduziu-a pelas portas até ao quarto. Empurrou-a para o fundo da cama e sentou-se numa cadeira num dos cantos do quarto. Vivie pôs-se em pé à frente dela e desabotoou os últimos botões da camisa. Tinha seios pequenos e arrebitados e uma pele pálida que brilhava à luz opaca do quarto. Puxou a cabeça de Catherine até aos seios. Catherine alinhou no jogo depravado, levando o mamilo de Vivie à boca, enquanto pensava na melhor maneira de os matar aos dois.

Catherine sabia que, se se submetesse à chantagem, esta nunca mais acabaria. Os seus recursos financeiros não eram ilimitados. Vernon Pope conseguiria extorquir-lhe o dinheiro até ao último tostão muito rapidamente. E sem dinheiro ela seria inútil para eles. Decidiu que havia poucos riscos envolvidos; tinha-se dado ao cuidado de não deixar nenhum rasto visível. Pope e os homens dele não sabiam onde

encontrá-la. Apenas sabiam que ela trabalhava como enfermeira voluntária no Hospital St. Thomas e lá Catherine tinha dado uma morada falsa. E também não teriam coragem de ir à polícia. A polícia iria fazer perguntas; e se respondessem com a verdade, teriam de admitir que tinham seguido um oficial da marinha americana por dinheiro.

Tudo isso implicava matar Vernon Pope o mais rápida e silenciosamente que lhe fosse possível.

Catherine levou o outro seio de Vivie à boca e chupou o mamilo até ele ficar duro. Vivie deixou cair a cabeça para trás e gemeu. Pegou na mão de Catherine e guiou-a pelo meio das pernas. Já estava quente e húmida. Catherine tinha-se desligado de qualquer emoção. Estava apenas a executar mecanicamente os movimentos para dar prazer físico àquela mulher. Não sentia medo nem repulsa, simplesmente tentava manter-se calma e pensar claramente. A pélvis de Vivie começou a mover-se contra os dedos de Catherine e, um momento depois, o corpo dela estremeceu com um orgasmo.

Vivie empurrou Catherine para a cama, montou em cima das ancas dela e começou a desabotoar-lhe os botões da camisola. Tirou-lhe o sutiã e massajou-lhe os seios.

Catherine viu Vernon levantar-se da cadeira e começar a despir-se. Foi a primeira vez que se sentiu nervosa. Não o queria em cima dela nem dentro dela. Ele era muito capaz de ser um amante cruel e sádico. Podia magoá-la. De costas, com as pernas abertas, estaria vulnerável. Estaria também sujeita ao seu peso e força superiores.

Todas as técnicas de luta que tinha aprendido na escola da Abwehr dependiam da velocidade e da liberdade de movimentos. Se ela se visse presa por baixo do corpo pesado de Vernon Pope, ficaria indefesa.

Catherine tinha de fazer o jogo deles. Melhor ainda: tinha de ser ela a controlá-lo.

Levantou os braços e agarrou nos seios de Vivie com as mãos e acariciou-lhe os mamilos. Conseguia ver Vernon a observá-las. Estava a comê-las com os olhos, a deleitar-se com a visão das duas mulheres a acariciarem-se uma à outra. Catherine puxou Vivie para ela e guiou-lhe a boca para os seios. Catherine pensou em como seria fácil agarrar-lhe na cabeça e torcer-lha até que o pescoço se partisse, mas seria um erro. Precisava de matar Pope primeiro. Depois disso, Vivie seria fácil.

Pope dirigiu-se para a cama e empurrou Vivie para o lado.

Antes que Vernon conseguisse deitar-se em cima dela, Catherine sentou-se e beijou-o. Pôs-se de pé enquanto a língua dele se agitava selvaticamente dentro da boca dela. Lutou contra a vontade de vomitar. Por instantes, considerou a possibilidade de permitir que ele

fizesse amor com ela e matá-lo depois, quando estivesse sonolento e satisfeito. Mas ela não queria que aquilo se prolongasse mais do que o estritamente necessário.

Afagou-lhe o pênis. Ele gemeu e beijou-a com mais força.

Naquele momento, ele estava indefeso. Virou-o para que ficasse de costas para a cama.

Foi então que lhe deu uma joelhada violenta e maldosa nas virilhas.

Pope contorceu-se todo, tentando respirar, com as mãos entre as coxas. Vivie gritou.

Catherine girou e acertou com o cotovelo na cana do nariz dele. Conseguiu ouvir o som do osso e da cartilagem a partirem-se. Pope caiu no chão, aos pés da cama, com o sangue a jorrar-lhe das narinas. Vivie estava ajoelhada na cama, a gritar. Já não era uma ameaça para Catherine.

Virou-se e dirigiu-se rapidamente para a porta. Pope, ainda no chão, estendeu a perna.

Bateu violentamente no tornozelo direito de Catherine, fazendo com que ela tropeçasse nas próprias pernas. Catherine caiu no chão, com a forte queda a deixá-la sem fôlego. Viu estrelas, por momentos, e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Teve medo de perder os sentidos.

Com grande esforço, conseguiu pôr-se de gatas e estava quase a levantar-se quando Pope lhe agarrou o tornozelo, apertando-o como um torno, e começou a arrastá-la para ele. Catherine rolou rapidamente para o lado e atirou com o salto do sapato ao nariz partido dele.

Pope gritou, cheio de dores, mas parecia que o aperto em volta do tornozelo dela ainda se tinha tornado mais forte.

Ela pontapeou-o uma segunda vez e depois uma terceira.

Finalmente, ele soltou-a.

Catherine pôs-se de pé e correu para o sofá onde Pope a fizera largar a mala. Abriu-a e a seguir abriu o fecho interior. A faca de ponta e mola estava lá. Pegou nela e carregou na mola. A lâmina foi ativada com um estalido.

Pope já estava em pé, a mergulhar na escuridão, com as mãos a procurarem-na. Catherine voltou-se e atacou selvaticamente com a arma. A ponta da lâmina abriu um golpe no ombro direito dele.

Pope apertou a ferida com a mão esquerda e gritou de dor quando o sangue começou a jorrar-lhe por entre os dedos. Tinha o braço à frente do peito, não havia maneira de lhe espetar a faca no coração. A Abwehr tinha-lhe ensinado outro método que a fazia arrepiar só de pensar nele. Mas tinha de o utilizar agora. Não havia escolha.

Catherine aproximou-se mais, puxou a faca para trás e depois enterrou-a no olho de Vernon Pope.

Vivie estava no canto do quarto, deitada no chão, em posição fetal, a chorar histericamente. Catherine agarrou-a pelo braço, pô-la em pé com um puxão e empurrou-a contra a parede.

— Por favor, não me faças mal.

— Não te vou fazer mal.

— Não me faças mal.

— Não te vou fazer mal.

— Prometo que não digo a ninguém, nem mesmo ao Robert. Juro.

— Nem à polícia?

— Não digo nada à polícia.

— Ótimo. Eu sabia que podia confiar em ti.

Catherine acariciou-lhe o cabelo e tocou-lhe na cara. Vivie pareceu sossegar. O corpo dela perdeu as forças e Catherine teve de a agarrar para impedir que caísse no chão.

— Quem és tu? — perguntou Vivie. — Como é que lhe conseguiste fazer isto?

Catherine não disse nada, apenas lhe acariciou o cabelo enquanto a outra mão procurava a parte mais mole na base da caixa torácica. Os olhos de Vivie esbugalharam-se quando a faca lhe entrou no coração. Um grito de dor ficou preso na garganta e saiu como um gorgolejo baixinho. Morreu rápida e silenciosamente, com os olhos sem expressão a olharem para os de Catherine.

Catherine soltou-a. O movimento do corpo a escorregar pela parede abaixo arrancou a faca do coração. Catherine observou os destroços humanos à sua volta, o sangue. Meu Deus, em que é que me transformaram? A seguir, caiu de joelhos ao lado do cadáver de Vivie e vomitou violentamente.

Executou os rituais de fuga com uma calma surpreendente. Na casa de banho, lavou o sangue deles das mãos, da cara e da lâmina da faca. Não havia nada a fazer quanto ao sangue na camisola, a não ser escondê-lo debaixo do casaco de cabedal. Saiu da casa de banho, passou pelo corpo da mulher e foi até à divisão seguinte. Dirigiu-se para a janela e olhou para a rua. Pope, ao que parecia, tinha cumprido a palavra dada. Não havia ninguém no exterior do armazém. De certeza que encontrariam o corpo dele de manhã e, quando o fizessem, viriam atrás dela. Por agora, pelo menos, estava segura. Agarrou na mala e tirou da mesa as cem libras em notas que tinha dado a Pope. Desceu no elevador, atravessou o armazém e embrenhou-se na noite.

VINTE E DOIS

LESTE DE LONDRES

O superintendente-chefe Andrew Kidlington, ao contrário da maior parte dos homens da sua profissão, evitava cenas de homicídio sempre que podia. Pregador secular na sua igreja local, já há muito perdera o gosto pelo lado mais macabro da profissão. Tinha reunido uma equipa de polícias absolutamente profissional e acreditava que o melhor era dar-lhe rédea livre. Tinha uma habilidade lendária para fazer mais deduções sobre um homicídio a partir de um bom dossiê do que pela visita ao local do crime, e certificava-se sempre de que cada pedaço de papel gerado pelo departamento lhe passava pela secretária. Mas não era todos os dias que alguém espetava uma faca num homem como Vernon Pope. Aquilo era uma coisa que tinha de ver com os próprios olhos.

O polícia fardado que estava de guarda à entrada do armazém afastou-se para o lado quando Kidlington se aproximou.

— O elevador é mesmo ao fundo do armazém, senhor. Suba um andar. Há outro homem nesse patamar. Ele indica-lhe o caminho.

Kidlington atravessou o armazém devagar. Era alto e magro, com uma cabeleira espessa e grisalha e o ar de quem tem sempre más notícias a dar. Por causa disso, os seus homens tinham tendência para andarem de mansinho quando estavam perto dele.

Um jovem sargento chamado Meadows estava à espera dele no patamar. Meadows era demasiado vistoso para o gosto de Kidlington e andava com muitas mulheres. Mas era um excelente detetive e tinha a palavra promoção estampada na testa.

— Aquilo está muito feio ali dentro, senhor — disse Meadows.

Kidlington conseguia sentir o cheiro a sangue no ar quando Meadows o conduziu para dentro do escritório. O corpo de Vernon Pope jazia sobre um tapete oriental perto do sofá. O círculo escuro do sangue expandia-se para além do lençol cinzento que o cobria. Kidlington, apesar dos seus trinta anos na Polícia Metropolitana, ainda sentiu a bília a subir-lhe à boca quando Meadows se ajoelhou junto do corpo e puxou o lençol para trás.

— Meu Deus! — exclamou Kidlington baixinho.

Fez uma careta e virou-se para o lado para se recompor.

— Nunca tinha visto nada assim — disse Meadows.

O cadáver de Vernon Pope estava deitado, nu e virado para cima, numa poça de sangue seco e preto. Para Kidlington, era óbvio que a ferida fatal só tinha sido provocada após uma violenta luta. Havia um grande corte irregular ao longo do ombro. O nariz tinha sido brutalmente partido. O sangue tinha escorrido das narinas para a boca, que se tinha aberto na morte, como se emitisse um último grito. Depois havia o olho. Kidlington teve dificuldade em olhar para aquilo. O sangue e o fluido ocular tinham escorrido pela cara abaixo. O globo ocular estava destruído e a pupila já não era visível. Era preciso uma autópsia para determinar a verdadeira profundidade da ferida, mas parecia ter sido o golpe fatal. Alguém tinha enfiado alguma coisa no olho e no cérebro de Vernon Pope.

Kidlington quebrou o silêncio:

— Hora aproximada da morte?

— Durante a noite de ontem, talvez logo no início.

— Arma?

— É difícil dizer. com certeza que não foi uma faca comum. Olhe para a ferida no ombro. As pontas da ferida são irregulares.

— Conclusão?

— Qualquer coisa afiada. Talvez uma chave de fendas ou um picador de gelo.

Kidlington observou o escritório.

O do Pope ainda está no carrinho das bebidas. A não ser que o nosso assassino ande por aí com o seu próprio picador de gelo, duvido que seja essa a arma do crime — afirmou Kidlington, olhando outra vez para o corpo. — Eu diria que foi uma faca de ponta e mola. É uma arma que fura, não uma que corta. E isso explicaria tanto a ferida irregular no ombro como o ferimento perfurante e certo no olho.

— Certo, senhor.

Kidlington já tinha visto o suficiente. Levantou-se e indicou a Meadows que tapasse o corpo.

— A mulher?

— No quarto. Por aqui, senhor.

Robert Pope estava sentado no lugar do passageiro, pálido e a tremer visivelmente, enquanto Dicky Dobbs conduzia a carrinha a toda a velocidade em direção ao Hospital St. Thomas. Tinha sido Robert a descobrir os corpos do irmão e de Vivie de manhã cedo. Tinha esperado por Vernon no café no East End onde tomavam o pequeno-almoço todas as manhãs e ficou preocupado quando ele não apareceu. Foi buscar Dicky ao apartamento e foram ao armazém. Quando viu os corpos, gritou e pontapeou a mesa de vidro.

Robert e Vernon Pope eram homens realistas. Sabiam que estavam num trabalho perigoso e que um deles ou os dois poderiam morrer

ainda novos. Como todos os irmãos, também discutiam, mas Robert Pope adorava o irmão mais velho mais do que tudo no mundo. Vernon tinha sido como um pai para ele, quando o próprio pai, um desempregado alcoólico e abusivo, se foi embora para nunca mais voltar. Foi a maneira como ele morreu que o horrorizou mais: esfaqueado no olho e deixado no chão, nu. E Vivie, uma inocente, esfaqueada no coração.

Era possível que as mortes fossem obra de um dos seus inimigos. O negócio dos Pope tinha prosperado durante a guerra e eles tinham estendido as suas atividades para novos territórios. Mas aquilo não se parecia com nenhum assassinato feito por gangues que já tivesse visto. Robert suspeitava que tinha alguma coisa que ver com a mulher: Catherine, ou fosse lá qual fosse o raio do nome verdadeiro dela. Tinha feito um telefonema anónimo para a polícia — teriam de ser metidos ao barulho, mais tarde ou mais cedo -, mas não confiava neles para encontrar o assassino do irmão. Isso faria ele sozinho. Dicky estacionou junto ao rio e entrou no hospital por uma porta de serviço. Saiu de lá passados cinco minutos e voltou para a carrinha.

— Ele estava lá? — perguntou Pope.

— Sim. Ele acha que nos consegue arranjar isso.

— Quanto tempo?

— Vinte minutos.

Meia hora mais tarde, um homem magro, com uma cara chupada e uma farda de contínuo, saiu pelas traseiras do hospital e dirigiu-se para a carrinha rapidamente.

Dicky baixou o vidro da janela.

— Já o tenho, senhor Pope — disse ele. — Uma rapariga da receção deu-mo. Disse que era contra as regras, mas eu convenci-a. Mas prometi-lhe uma nota de cinco. Espero que não se importe.

Dicky estendeu a mão e o homem deu-lhe um papel. Dicky passou-o a Pope.

— bom trabalho, Sammy — disse Pope, olhando para o papel — Dá-lhe o dinheiro, Dicky.

O homem aceitou o dinheiro, com uma expressão de desapontamento.

— Que se passa, Sammy? — perguntou Dicky. — Dez xelins, tal como prometi.

— Então e as cinco libras para a rapariga?

— Considera-as as tuas despesas operacionais — disse Pope.

— Mas, senhor Pope...

— Sammy, não queiras meter-te comigo neste momento. Dicky pôs a carrinha em movimento e acelerou, com os pneus a chiarem.

— Qual é a morada? — perguntou Dicky.

— É em Islington. Mexe-te!

A senhora Eunice Wright, moradora no número 23 de Norton Lane, em Islington, era parecida com a casa: alta, estreita, cinquentona, toda ela robustez e maneiras vitorianas. Não sabia — nem nunca saberia, mesmo depois do horrível episódio — que a casa tinha sido usada como morada falsa por uma agente dos serviços secretos militares alemães chamada Catherine Blake.

Há já duas semanas que Eunice Wright estava à espera de um técnico para reparar a caldeira avariada. Antes da guerra, os hóspedes da sua bem dirigida pensão eram, na sua maioria, jovens que estavam sempre dispostos a ajudar quando alguma coisa corria mal com os canos ou com o fogão. Mas, naquele momento, todos os jovens estavam no exército. O seu próprio filho, que nunca lhe saía do pensamento, estava algures no Norte de África. Já não retirava nenhum prazer dos hóspedes — dois homens velhos que falavam imenso sobre a última guerra e duas raparigas do campo bastante tolas que tinham fugido da desolação da sua aldeia nas East Midlands para procurarem trabalho nas fábricas de Londres. Quando Leonard era vivo, era ele que tratava de todas as reparações, mas Leonard já estava morto há dez anos.

Estava à janela da sala de estar a bebericar chá. O silêncio reinava na casa. Os homens estavam lá em cima a jogar às damas. Tinha insistido para que eles jogassem sem baterem com as peças para não acordarem as raparigas, que tinham acabado de chegar do turno da noite. Aborrecida, ligou o rádio e ouviu o noticiário da BBC.

Quando parou à frente da casa, a carrinha pareceu-lhe estranha. Não tinha nada que a identificasse — não tinha o nome de nenhuma companhia pintado na parte lateral — e os dois homens sentados à frente não eram nada parecidos com nenhum técnico de reparações que ela já tivesse visto. O que estava ao volante era alto e robusto, com o cabelo cortado à escovinha e um pescoço tão grande que parecia que a cabeça estava simplesmente atarraxada aos ombros. O outro era pequeno, tinha cabelo escuro e parecia zangado com o mundo. A roupa deles também era estranha. Em vez das fardas tipo macacão dos operários, traziam fatos e, pelo aspeto, fatos muito caros.

Abriam as portas e saíram. Eunice reparou no facto de não carregarem ferramentas. Talvez quisessem observar os danos da caldeira antes de trazerem todas as ferramentas para dentro de casa. Estavam apenas a ser meticolosos, estavam a certificar-se de que apenas traziam as ferramentas necessárias para o trabalho. Estudou-os mais atentamente à medida que se aproximavam da porta da frente. Pareciam razoavelmente saudáveis. Por que razão não estariam no exército? Notou como olhavam por cima do ombro, para a rua, enquanto iam avançando, como se estivessem a tentar passar despercebidos. De repente, Eunice desejou que Leonard ali estivesse.

Bateram à porta de um modo nada educado. Ela pôs-se a pensar que os polícias deviam bater assim quando achavam que havia um criminoso atrás da porta. Bateram outra vez, com tanta força que os vidros da janela da sala abanaram.

Lá em cima, o jogo de damas parou.

Eunice foi até à porta. Pensou para si própria que não havia razão para ter medo, que apenas lhes faltavam as boas maneiras que eram comuns à maioria dos técnicos ingleses. Eram tempos de guerra. Os técnicos de reparação mais experientes estavam a prestar serviço militar, a trabalhar em bombardeiros ou fragatas. Os maus — como aqueles dois que estavam à porta — iam aguentando os empregos que tinham.

Abriu a porta devagar. Queria pedir-lhes que não fizessem barulho para não acordarem as raparigas. Nunca chegou a conseguir falar. O maior — o que não tinha pescoço — empurrou a porta para trás com o antebraço e depois tapou-lhe a boca com a mão. Eunice tentou gritar, mas o grito pareceu morrer-lhe na garganta e ela não conseguiu emitir praticamente nenhum som audível.

O mais pequeno encostou a cara ao ouvido dela e falou-lhe com uma serenidade que ainda a assustou mais.

— Dá-nos o que nós queremos, 'morzinho, e ninguém se magoa — disse ele.

A seguir, afastou-a com um empurrão e começou a subir as escadas.

O sargento Meadows considerava-se uma autoridade menor no que dizia respeito ao gangue dos Pope. Sabia como faziam dinheiro . legal e ilegalmente — e conseguia reconhecer a maior parte dos membros do gangue pelo nome e pela cara. Por isso, quando ouviu a descrição dos dois homens que tinham acabado de virar de pantanas uma pensão em Islington, acabou os seus afazeres na cena do crime e dirigiu-se para lá a fim de ver o que se tinha passado com os próprios olhos. A primeira descrição correspondia a Richard Dicky Dobbs, o principal capanga e pau para toda a obra dos Pope. A outra correspondia ao próprio Robert Pope.

Como era seu hábito, Meadows ia passarinhando pela sala de estar enquanto Eunice Wright, sentada rigidamente direita numa cadeira, voltava a contar toda a história pacientemente, apesar de já o ter feito por duas vezes. A chávena de chá tinha sido substituída por um pequeno copo de xerez. A cara exibia a marca dos dedos do agressor e ela tinha ficado com um galo na cabeça quando ele a tinha empurrado para o chão. Fora isso, não estava ferida com gravidade.

— E eles não lhe disseram o quê ou quem é que procuravam? perguntou Meadows, parando de andar de um lado para o outro o tempo suficiente para fazer a pergunta.

— Não.

— Trataram-se um ao outro pelo nome?

— Não, acho que não.

— E por acaso viu a matrícula da carrinha?

— Não, mas descrevi a carrinha a um dos outros agentes.

— É um modelo muito comum, senhora Wright. Receio que a descrição por si só não tenha grande valor para nós. Vou mandar um dos nossos homens falar com a vizinhança.

— Lamento — disse ela, esfregando a parte de trás da cabeça.

— Está bem?

— Ele fez-me um galo muito feio na cabeça, aquele rufia!

— Talvez devesse ir ao médico. Vou pedir a um dos agentes que lhe dê uma boleia quando tivermos terminado.

— Muito obrigada. É muito gentil da sua parte. Meadows agarrou na gabardina e vestiu-a.

— E disseram mais alguma coisa de que se lembre?

— Bem, disseram uma coisa — respondeu Eunice Wright, hesitando por um momento e corando. — Receio que a linguagem seja um bocadinho grosseira.

— Garanto-lhe que não me vou sentir ofendido.

— O mais pequeno disse: Quando eu encontrar aquela...

Fez uma pausa e baixou a voz, envergonhada por dizer aquelas palavras:

— Quando eu encontrar aquela cabra de merda, vou matá-la com as minhas próprias mãos.

Meadows franziu o sobrolho.

— Tem a certeza disso?

— Oh, sim. Quando é raro ouvirmos esse tipo de linguagem, é difícil esquecermo-nos.

— É bem verdade — exclamou Meadows, entregando-lhe o cartão de contacto. — Se se lembrar de mais alguma coisa, por favor, não hesite em ligar. Tenha um bom dia, senhora Wright.

— bom dia, senhor inspetor.

Meadows pôs o chapéu e dirigiu-se para a porta. Então eles andavam à procura de uma mulher. Se calhar, não eram os Pope, afinal de contas. Se calhar, eram apenas dois sujeitos à procura de uma rapariga. Talvez as descrições semelhantes fossem apenas uma coincidência. Meadows não acreditava em coincidências. Ia voltar ao armazém dos Pope e verificar se alguém tinha avistado uma mulher a andar por ali nos últimos tempos.

VINTE E TRÊS

LONDRES

Catherine Blake partiu do princípio de que os oficiais aliados que conheciam o segredo mais importante da guerra tinham sido alertados para a ameaça representada pelos espões. Que outra razão levaria o comandante Peter Jordan a algemar a pasta ao pulso para atravessar a pé Grosvenor Square? E também partiu do princípio de que os oficiais tinham sido avisados em relação a abordagens femininas. Mais no início da guerra, tinha visto um cartaz à entrada de um clube frequentado por oficiais britânicos. Mostrava uma loira voluptuosa, de grandes seios e com um vestido de noite decotado, à espera que um oficial lhe acendesse o cigarro. No fundo do pôster, liam-se as palavras: Mantém-te calado, ela não é assim tão burra. Catherine achou que era a coisa mais ridícula que já tinha visto. Se havia mulheres assim — cabras que andavam por clubes ou festas a ouvir mexericos e segredos —, ela não tinha conhecimento. Mas suspeitava que essa doutrinação faria Peter Jordan desconfiar de uma mulher linda que começasse de repente a disputar a sua atenção. Ele também era um homem de sucesso, inteligente e atraente. Mostrar-se-ia muito criterioso em relação às mulheres com quem decidia passar tempo. A cena no Savoy, no outro dia, era a prova disso. Tinha-se zangado com o amigo Shepherd Ramsey por este lhe ter arranjado um encontro com uma rapariga estúpida e nova. Catherine teria de fazer a sua abordagem com muito cuidado.

E era essa a razão para se encontrar parada à esquina do Vandyke Club, com um saco da mercearia nos braços.

Eram quase seis horas. Londres estava envolta no blackout. O trânsito do final da tarde fornecia à justa a luz necessária para que ela conseguisse ver a entrada para o clube. Passados alguns minutos, saiu de lá um homem de estatura e constituição medianas. Era Peter Jordan. Parou um momento para abotoar o sobretudo. Se mantivesse a rotina do final da tarde, iria fazer a pé a pequena distância até casa. Se quebrasse a rotina e fizesse sinal a um táxi para parar, Catherine estaria sem sorte nenhuma. Seria obrigada a voltar no dia seguinte e a esperar com o saco da mercearia.

Jordan levantou a gola do sobretudo e começou a avançar na

direção dela. Catherine Blake aguardou um momento e, a seguir, atravessou-se no caminho dele.

Quando chocaram, ouviu-se o som de papel a rasgar-se e de artigos de mercearia a cair no passeio.

— Peço desculpa. Não vi que estava aí. Por favor, deixe-me ajudá-la a levantar-se.

— Não, a culpa é minha. Infelizmente, não sei onde pus a minha lanterna para o blackout e tenho andado de um lado para o outro, perdida. Sinto-me mesmo parva.

— Não, eu é que tenho a culpa. Estava a tentar provar a mim mesmo que conseguia descobrir o caminho para casa no escuro. Oiça, tenho uma lanterna. Deixe-me acendê-la.

— Importa-se de a apontar para o passeio? Acho que as minhas rações estão a rebolar em direção ao Hyde Park.

— Agarre a minha mão.

— Obrigada. Já agora, quando quiser, pode parar de me apontar a luz à cara.

— Desculpe, é só que...

— Só que o quê?

— Esqueça. Acho que aquele pacote de farinha não sobreviveu.

— Não faz mal.

— Deixe-me ajudá-la a apanhar as coisas.

— Eu sou capaz. Obrigada.

— Não, eu insisto. E deixe-me arranjar-lhe outro pacote de farinha. Tenho imensa comida em casa. O meu problema é não saber o que fazer com ela.

— A marinha não lhe dá de comer?

— Como é que...

— Lamento informá-lo, mas o uniforme e o sotaque revelaram-no. Além disso, só um oficial americano é que seria suficientemente tolo para andar intencionalmente pelas ruas de Londres sem se servir de uma lanterna. Vivi aqui a vida inteira e mesmo assim não me consigo orientar durante o blackout.

— Por favor, deixe-me restituir-lhe as coisas que perdeu.

— É uma oferta muito gentil, mas não é necessário. Foi um prazer chocar contra si.

— Sim... sim, pois foi.

— Teria a amabilidade de me indicar para que lado fica a Brompton Road?

— É naquela direção.

— Muito obrigado.

Ela voltou-se e começou a afastar-se.

— Espere um minuto. Tenho outra sugestão. Ela parou de andar e virou-se.

— — E qual é ela?

— Gostaria de saber se lhe apeteceria tomar um copo comigo um dia destes.

Ela hesitou e depois disse:

— Não sei bem se quero beber um copo com um americano detestável que faz questão de andar pelas ruas de Londres sem lanterna. Mas suponho que, no fundo, pareça inofensivo. Por isso, a resposta é sim.

Afastou-se novamente.

— Espere, venha cá. Nem sequer sei o seu nome.

— É Catherine — gritou ela. — Catherine Blake.

— Preciso do seu número de telefone — disse Jordan sem saber o que fazer.

Mas ela já se tinha diluído na escuridão e desaparecido.

Quando Peter Jordan chegou a casa, entrou no escritório, pegou no telefone e marcou um número. Identificou-se e uma simpática voz feminina deu-lhe instruções para que não desligasse. Passado um momento, ouviu a voz, com sotaque inglês, do homem que conhecia apenas como Broome.

VINTE E QUATRO

KENT, INGLATERRA

Alfred Vicary estava a ser levado ao ponto de rutura. Apesar da pressão intensa para capturar os espões, Vicary mantivera o seu velho projeto — a rede Becker. Tinha pensado em pedir para voltar a ela apenas depois de os espões serem presos. Mas depressa repudiou a ideia. Ele era o génio por detrás da rede Becker, ela era a sua obra-prima. Tinham sido necessárias inúmeras horas para a criar e muitas mais para a manter. Continuaria a controlá-la e a tentar capturar os espões ao mesmo tempo. Era uma tarefa brutal. O olho direito tinha começado a tremer-lhe, como acontecia durante os exames finais em Cambridge, e ele reconheceu os primeiros sintomas de um esgotamento nervoso.

Partridge era o nome de código de um camionista depravado cujos percursos acabavam por o levar a zonas militares restritas em Suffolk, Kent e East Sussex. Era partidário das ideias de Sir Oswald Mosley, o fascista britânico, e servia-se do dinheiro que ganhava a espiar para comprar prostitutas. Às vezes, levava as raparigas consigo para que durante as viagens lhe fizessem sexo oral enquanto guiava. Gostava de Karl Becker porque Becker tinha sempre uma rapariga escondida algures e estava sempre disposto a partilhar — até mesmo com um tipo da laia de Partridge.

Mas Partridge existia apenas na imaginação de Vicary, nas ondas hertzianas e na cabeça dos agentes alemães que o controlavam a partir de Hamburgo. As fotos de vigilância aérea tiradas pela Luftwaffe tinham detetado atividade desconhecida no sudeste de Inglaterra e Berlim mandou Becker avaliar a atividade do inimigo e prestar informações no espaço de uma semana. Becker tinha passado a missão a Partridge — ou melhor, Vicary tinha-o feito por ele. Era a oportunidade de que Vicary estava à espera — um convite da Abwehr para transmitir informações falsas sobre o fictício First United States Army Group que se estava a formar no sudeste de Inglaterra.

Partridge — de acordo com o cenário engendrado por Vicary tinha passado de camião pela região rural de Kent ao meio-dia. Na verdade, Vicary tinha feito esse mesmo percurso nessa manhã, na parte de trás de um Rover oficial. Do banco em pele alto, embrulhado numa manta

de viagem, Vicary pôs-se a imaginar os indícios de um aumento de atividade militar que um agente como Partridge conseguiria detetar. Poderia detetar mais camiões militares na estrada. Poderia reparar num grupo de oficiais americanos no pub onde fosse almoçar. Na garagem onde parasse para pôr gasolina poderia ouvir rumores de que as estradas vizinhas estavam a ser alargadas. As informações eram triviais e as pistas pequenas, mas totalmente consistentes com o disfarce de Partridge. Vicary não podia permitir que ele descobrisse qualquer coisa tão extraordinária como o posto de comando do general Patton; os homens da Abwehr responsáveis por Partridge nunca acreditariam que um agente como ele fosse capaz disso. Mas as pequenas pistas de Partridge, quando incorporadas no resto do estratagema de logro, ajudariam a pintar o quadro que os serviços secretos britânicos queriam que os alemães vissem — uma maciça força aliada à espera para atacar do outro lado do Canal, em Calais.

Vicary escreveu a mensagem de Partridge enquanto voltava para Londres. O relatório seria encriptado, usando um código especial da Abwehr, e Karl Becker enviá-lo-ia para Hamburgo a partir da sua cela, já com a noite avançada. Vicary imaginou mais uma noite passada a dormir pouco ou nada. Quando terminou a mensagem, fechou os olhos e encostou a cabeça ao vidro da janela, enrolando o impermeável para o utilizar como almofada. O balançar do Rover e o murmúrio suave do motor embalaram-no num sono leve e intermitente. Sonhou outra vez com a França, só que desta vez foi Boothby — e não Brendan Evans — quem veio ter consigo ao hospital de campanha. Morreram mil homens, Alfred, e a culpa é toda tua! Se tivesses capturado os espiões, estavam agora vivos! Vicary forçou-se a abrir os olhos e viu de relance a região rural que estava a atravessar antes de adormecer novamente.

Desta vez, está deitado na cama, numa bela manhã de primavera, vinte e cinco anos antes — a manhã em que fez amor com Helen pela primeira vez. Está a passar o fim de semana na grande herdade do pai de Helen. Pela janela do quarto, Vicary consegue ver o Sol da manhã a lançar gradualmente uma luz cor-de-rosa sobre as encostas.

É o dia em que pensam dar conta ao pai de Helen dos seus planos de casamento. Ouve baterem suavemente à porta — no sono, o som é exatamente o mesmo — e vira a cabeça mesmo a tempo de ver Helen, linda e acabada de acordar, a entrar no quarto vestindo apenas uma camisa de noite branca. Deita-se na cama ao lado dele e beija-o na boca. Tenho andado a pensar em ti a manhã inteira, Alfred, meu querido. Enfia a mão debaixo do lençol, desaperta-lhe o pijama e toca nele suavemente, com os seus dedos compridos e lindos. Helen, pensei que quisesses esperar até estarmos... Ela silencia-o beijando-lhe os lábios. Não quero discutir mais isto. Mas temos de nos despachar. Se o

papá descobre, mata-nos aos dois. Põe-se em cima dele, com cuidado, para não lhe magoar o joelho. Levanta a camisa de dormir e, com as mãos, guia-o para dentro de si. Há um instante de resistência. Helen faz mais força, solta um rápido arquejo de dor e ele está dentro dela. Ela leva-lhe as mãos aos seios. Ele já tocou neles, mas apenas através da roupa e dos sutiãs firmes. Agora, estavam livres por baixo da camisa e eram macios e maravilhosos. Ele tenta desabotoar-lhe a camisa, mas ela não deixa. Rápido, querido, rápido. No fim, ele queria que ela ficasse — para a abraçar e fazer tudo outra vez -, mas ela endireita a camisa rapidamente, beija-o e volta depressa para o quarto.

Ele acordou nos subúrbios da zona leste de Londres, com um ligeiro sorriso na cara. Não tinha achado a primeira vez com Helen desapontante — tinha sido simplesmente diferente do que esperava. Nas suas fantasias juvenis, o sexo envolvia sempre mulheres com seios enormes, que gritavam e gemiam de êxtase. Mas com Helen, tinha sido lento e delicado, e, em vez de gritar, ela sorriu e beijou-o com ternura. Não foi ardente, mas foi perfeito. E foi perfeito porque a amava desesperadamente.

Também tinha sido assim com Alice Simpson, mas por outras razões. Vicary gostava dela; supunha até que pudesse estar apaixonado por ela, independentemente do que isso significasse. Acima de tudo, gostava da companhia dela. Era inteligente e espirituosa e, como Helen, um pouco irreverente. Dava aulas de literatura numa escola feminina de somenos importância e escrevia peças de teatro medíocres sobre pessoas ricas que pareciam ter sempre conversas catárticas e propícias a alterar vidas ao mesmo tempo que bebericavam xerez de cor clara e chá Earl Grey, em salas de estar elegantemente mobiladas. Também escrevia, sob pseudónimo, romances de amor que Vicary, embora não fosse fã do género, considerava bastante bons. Uma vez, Lillian Walford, a sua secretária no University College, apanhou-o a ler um dos livros de Alice Simpson. No dia seguinte, trouxe-lhe uma pilha de romances de Barbara Cartland. Vicary ficou mortificado. Quando faziam amor, todas as personagens dos romances de Alice Simpson ouviam ondas a rebentarem e sentiam os céus desabarem sobre si. Na vida real, ela era tímida, ternurenta e um pouco sensível e insistia sempre em fazer amor às escuras. Por mais de uma vez, Vicary fechou os olhos e viu a imagem de Helen, com a sua camisa de noite branca, banhada pela luz do Sol matinal.

A relação dele com Alice Simpson tinha esmorecido com a guerra. Continuavam a falar pelo menos uma vez por semana. Ela tinha ficado sem o apartamento logo no início da Blitz e passou uma temporada em casa de Vicary, em Chelsea. Jantavam juntos ocasionalmente, mas

há vários meses que não faziam amor. De repente, apercebeu-se de que era a primeira vez que pensava em Alice Simpson desde que Edward Kenton, ao atravessarem o caminho de entrada para o chalé de Matilda, tinha dito o nome de Helen.

HAM COMMON, SURREY

A grande e bastante feia mansão vitoriana de três andares encontrava-se cercada por uma linha dupla de vedações em todo o seu perímetro e uma paliçada para a proteger dos olhos do mundo exterior. Tinham sido construídas estruturas de aço pré-fabricadas em redor dos quatro hectares de jardim, para abrigar a maioria dos empresados. Em tempos, tinha sido conhecida como Latchmere House um hospício e centro de recuperação para vítimas de neurose de guerra durante a Primeira Guerra Mundial. Mas, em 1939, tinha sido convertida no principal centro de interrogatório e encarceramento do MI5, sendo-lhe atribuída a designação militar de Campo 020.

A cela para onde levaram Vicary cheirava a mofo, desinfetante e, ligeiramente, a couve cozida. Não havia sítio para pendurar o casaco — os guardas do Corpo dos Serviços Secretos faziam todos os possíveis por evitar suicídios — e, por isso, não o despiu. Além disso, o sítio parecia uma masmorra medieval — frio e húmido, o espaço ideal para apanhar uma infeção nos brônquios. A cela tinha uma única característica que a tornava altamente funcional — uma janela minúscula e estreita, através da qual tinha sido pendurada uma antena. Vicary abriu a tampa da mala rádio, fornecida pela Abwehr, que tinha trazido consigo — a mesmíssima que tinha confiscado a Becker em 1940. Ligou o rádio à antena e pô-lo a funcionar. As luzes começaram a brilhar em tons de amarelo enquanto Vicary selecionava a frequência correta.

Bocejou e espreguiçou-se. Eram 23h45. Becker devia enviar a mensagem à meia-noite. Pensou: Raios, porque é que a Abwehr escolhe sempre umas horas tão horríveis para os agentes enviarem mensagens?

Karl Becker era um mentiroso, um ladrão e um tarado sexual um homem sem princípios morais nem lealdade. No entanto, era capaz de ser encantador e inteligente e, com o passar dos anos, Becker e Vicary tinham construído algo parecido com uma amizade profissional. Ele entrou na cela, no meio de dois guardas imponentes, com as mãos algemadas. Os guardas tiraram-lhe as algemas e foram-se embora sem dizer uma palavra. Becker sorriu e estendeu a mão. Vicary apertou-a; estava fria como o calcário de uma cave.

A cela tinha uma pequena mesa de madeira aplainada e duas cadeiras velhas e gastas. Vicary e Becker sentaram-se à frente um do outro, como se se preparassem para se defrontarem num jogo de xadrez.

O rebordo da mesa, preto, tinha sido queimado por cigarros abandonados a meio. Vicary entregou um pequeno pacote a Becker, que, como uma criança, o abriu de imediato. Lá dentro, estavam meia dúzia de maços de tabaco e uma caixa de chocolates suíços. Becker olhou para essas coisas e depois para Vicary.

— Cigarros e chocolate... não veio cá para me seduzir, pois não, Alfred?

Becker conseguiu simular uma gargalhada, mas a vida na prisão tinha-o mudado. Os seus lustrosos fatos franceses tinham sido substituídos por um austero fato-macaco cinzento, bem engomado e que lhe caía surpreendentemente bem nos ombros. Oficialmente, estava a ser vigiado devido à possibilidade de se suicidar — algo que Vicary considerava absurdo — e usava umas alpercatas de lona macia e sem atacadores. O seu corpo pequeno e firme tinha assumido uma súbita disciplina imposta pelos locais pequenos; os braços sempre a agitarem-se e as gargalhadas exuberantes, que vira nas fotografias de vigilância antigas, tinham desaparecido. Estava sentado direito como um fuso, como se alguém tivesse uma pistola encostada às suas costas, e começou a ordenar o chocolate, os cigarros e os fósforos como se estivesse a estabelecer uma fronteira para lá da qual Vicary não se devia aventurar.

Becker abriu um maço e, com pequenas pancadas, fez sair dois cigarros, entregando um a Vicary e ficando com o outro. Acendeu um fósforo e estendeu-o a Vicary antes de acender o seu próprio cigarro. Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, cada um estudando o seu respetivo ponto na parede da cela — velhos compinchas que já contaram todas as histórias que sabem e que agora se contentam em estar simplesmente ao lado um do outro. Becker saboreou o cigarro, rolando o fumo na língua, como se fosse um excelente vinho Bordeaux, e soprando-o depois, num fluxo fino, para o teto baixo de pedra. Naquele espaço minúsculo, o fumo acumulou-se lá em cima como as nuvens de uma tempestade.

— Por favor, dê cumprimentos meus ao Harry — disse Becker por fim.

— Assim farei.

— É um bom homem, um bocadinho para o obstinado, como todos os polícias. Mas não é mau tipo.

— Não sei o que faria sem ele.

— E como está o irmão Boothby?

Vicary soltou um longo suspiro e respondeu:

— Como sempre.

— Todos temos os nossos nazis, Alfred.

— Estamos a pensar em enviá-lo para o outro lado. Rindo-se, Becker serviu-se da ponta do cigarro para acender outro.

— Vejo que trouxe o meu rádio — disse. — Que feito heróico realizei eu desta vez para o Terceiro Reich?

— Assaltou o número 10 de Downing Street e roubou os documentos pessoais do primeiro-ministro.

Becker lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada curta e brutal.

— Espero estar a exigir mais dinheiro àqueles sacanas sovinas! E que não seja falso como o que me meteu em sarilhos da última vez.

— Claro.

Becker olhou para o rádio e depois para Vicary.

— Nos bons velhos tempos, teria pousado um revólver em cima da mesa e deixar-me-ia tratar eu próprio do assunto. Agora, traz-me um rádio fabricado por uma ótima e honesta empresa alemã e deixa que eu me vá matando aos poucos.

— É um mundo terrível este onde vivemos, Karl. Mas ninguém o obrigou a tornar-se espião.

— É melhor do que a Wehrmacht — atirou Becker. — Sou um velho, como o Alfred. Seria recrutado e enviado para o Leste para combater os cabrões dos russos. Não, obrigado. vou ficar à espera que a guerra termine aqui mesmo, no meu agradável sanatóriozinho inglês.

Vicary deitou uma olhadela ao relógio — faltavam dez minutos para Becker começar a sua comunicação. Enfiou a mão no bolso e tirou de lá a mensagem em código que Becker devia enviar. A seguir, mostrou a fotografia tirada do passaporte da mulher holandesa chamada Christa Kunst. Uma recordação distante passou rapidamente pelo rosto de Becker e depois dissipou-se.

— Sabe quem ela é, não sabe, Karl?

— Encontrou a Anna — exclamou ele, sorrindo. — Muito bem, Alfred. Muito bem mesmo. Bravo!

Vicary estava sentado, como um homem que se esforça por ouvir uma música ao longe, com as mãos fechadas em cima da mesa, sem tomar notas. Sabia que era melhor fazer o mínimo de perguntas possível; era melhor deixar que Becker o conduzisse onde queria. Como se estivesse a caçar um veado, Vicary não se mexeu, colocando-se contra o vento. O cigarro, em que ainda não tinha tocado, ardia, transformando-se em cinza, num cinzeiro de metal que tinha junto ao cotovelo. Pela janela estreita, ouvia uma tempestade noturna a fustigar o pátio de exercícios. Como sempre, Becker começou a história pelo meio e falando de si próprio. Durante algum tempo, o seu corpo manteve uma imobilidade regimental, mas, à medida que a história se foi desenvolvendo, começou a agitar os braços e a servir-se de dedos precisos para urdir a sua trama diante dos olhos de Vicary. Como todos os monólogos de Becker, havia bocos sem saída e desvios

para relatos de bravura, dinheiro ganho e conquistas sexuais. Por vezes, deixava-se cair num prolongado e especulativo silêncio; noutras, contava as coisas tão depressa que era acometido por ataques de tosse.

— É a maldita humidade da minha cela — disse ele, explicando-se. — É uma coisa que vocês, ingleses, fazem muito bem.

Prosseguiu:

— As pessoas como eu quase não recebem treino. Oh, claro, uma ou outra palestra de uns idiotas em Berlim, que nunca viram a Inglaterra sem ser num mapa. É assim que se avalia a dimensão de um exército, dizem-nos. É assim que se usa o rádio.

É assim que se morde o comprimido para se suicidarem, na hipótese altamente improvável de o MI5 vos arrombar a porta de casa. E depois enviam-nos para Inglaterra, de barco ou avião, para vencermos a guerra pelo Fúhrer.

Fez uma pausa para acender outro cigarro e abriu a caixa de chocolates.

— Tive sorte. Estava a fazer-me passar por um imigrante legal. Vim de avião, com um passaporte suíço. Sabe o que é que fizeram a outro tipo? Puseram-no a desembarcar em Sussex numa jangada de borracha. O submarino partiu de França sem jangadas especiais da Abwehr, não identificadas. Tiveram de utilizar um dos botes salvavidas do submarino, com uma insígnia da Kriegsmarine. Dá para acreditar numa coisa destas?

Vicary acreditava, sim; a Abwehr revelava-se horrendamente desleixada na forma como preparava e introduzia os agentes em Inglaterra. Lembrou-se do rapaz que tinha tirado da praia na Cornualha, em setembro de 1940. Os homens da Divisão Especial que o revistaram encontraram-lhe no bolso uma caixa de fósforos de um popular clube noturno de Berlim. Depois, houve o caso de Gosta Caroli, um cidadão sueco que foi largado de paraquedas em Northhamptonshire, próximo da aldeia de Denton. Foi descoberto por um trabalhador rural irlandês chamado Paddy Daly, que se encontrava a dormir debaixo de uma sebe. Caroli trazia um fato decente e cinzento de flanela e uma gravata com nó ao estilo continental. Admitiu que tinha sido largado de paraquedas em Inglaterra e entregou a pistola automática e trezentas libras em dinheiro vivo. As autoridades locais passaram-no para o MI5, que o levou prontamente para o Campo 020.

Becker enfiou um chocolate na boca e estendeu a caixa a Vicary.

— Vocês, britânicos, levaram a questão da espionagem mais a sério do que nós, alemães. Tiveram de o fazer porque estavam fracos. Tiveram de recorrer ao logro e à trapaça para ocultar a vossa fraqueza. Mas, agora, têm a Abwehr presa pelos tomates.

— Mas houve outros com quem revelaram mais cuidado — disse Vicary.

— Sim, houve outros.

— Tipos diferentes de agentes.

— Absolutamente — concordou Becker, tirando outro chocolate.

— São deliciosos, Alfred. Tem a certeza de que não quer um?

A precisão com que Becker carregava nos botões era surpreendente — a precisão e a grande rapidez. Vicary atribuiu isso ao facto de ter sido um violinista com formação clássica antes de a sua vida dar a volta infeliz, fosse ela qual fosse, que o tinha feito ir parar onde se encontrava naquele momento. Vicary ouviu, através de auscultadores sobressalentes, Becker identificar-se, esperando depois pelo sinal de confirmação do operador em Hamburgo. Como sempre, Vicary sentiu um pequeno calafrio. Dava-lhe enorme prazer o facto de estar a enganar o inimigo — a mentir-lhe com tanta perícia. Gostava do contacto íntimo — ser capaz de ouvir a voz do inimigo, mesmo tratando-se apenas de um bipe eletrónico entre uma neblina de silvos atmosféricos. Vicary pôs-se a imaginar como se sentiria horrivelmente se fosse ele a ser enganado. Por alguma razão, deu por si a pensar em Helen.

O operador em Hamburgo deu ordem a Becker para que prosseguisse. Becker olhou para a mensagem de Vicary e digitou-a rapidamente. A seguir, esperou pela confirmação de Hamburgo e depois terminou a comunicação. Vicary tirou os auscultadores e desligou o rádio. Becker iria ficar amuado durante algum tempo, como acontecia sempre depois de enviar mais uma mensagem de Vicary da Operação Double Cross. Como um homem que sente um intenso acesso de culpa depois de copular com a amante e quer ficar sozinho com os seus pensamentos atormentados. Vicary sempre suspeitara que Becker se sentisse envergonhado por trair os seus próprios serviços — que as suas palavras bombásticas sobre as trapalhadas e a incompetência da Abwehr serviam apenas para ocultar a sua própria culpa por ser um falhado e um cobarde. Não que tivesse grande escolha; da primeira vez que Becker se recusasse a enviar uma das mensagens de Vicary, seria despachado para a prisão de Wandsworth para ir ter com o carrasco.

Vicary temia tê-lo perdido. Becker fumou e comeu mais alguns chocolates sem oferecer nenhum a Vicary. Vicary arrumou o rádio lentamente.

— Vi-a uma vez em Berlim — afirmou Becker de repente. — Separaram-na de imediato do resto de nós, meros mortais. Não quero que me cite em relação a isto, Alfred. vou só contar-lhe o que ouvi. Os rumores, as conversas. Se acabar por não ser completamente exato, não quero que Stephens venha cá e me comece a atirar contra as

paredes.

Vicary acenou com a cabeça de forma compreensiva. Stephens era o coronel R. W. G. Stephens, o comandante do Campo 020, mais conhecido como Tin-Eye^[5]. Antigo oficial do exército indiano, Stephens usava um monóculo, era maníaco e vestia-se sempre impecavelmente, com o seu casquete e o uniforme dos Fuzileiros de Peshawar. Era de ascendência alemã e falava a língua fluentemente. E também era detestado tanto pelos prisioneiros como pelo MI5. Uma vez, tinha dado uma repreensão severa a Vicary, em público, por ele ter chegado atrasado cinco minutos a um interrogatório. Nem mesmo os quadros mais importantes, como Boothby, se encontravam imunes às suas tiradas e ataques violentos de mau humor.

— Dou-lhe a minha palavra, Karl — disse Vicary, voltando a sentar-se à mesa.

— Disseram que ela se chamava Anna Steiner, que o pai era uma espécie de aristocrata. Da Prússia, um sacana rico, com uma cicatriz na cara provocada por um duelo, andou metido na diplomacia. Conhece esse tipo de gente, não conhece, Alfred?

Becker não esperou por uma resposta.

— Meu Deus, era linda... alta como o raio. Falava inglês com um sotaque britânico perfeito. Segundo os rumores, a mãe era inglesa. No verão de 36, vivera em Espanha a foder um cabrão de um fascista espanhol qualquer chamado Romero. Acontece que o senhor Romero era caçador de talentos para a Abwehr. Telefona para Berlim, recebe uma quantia por a ter descoberto e entrega-a. A Abwehr aperta com ela. Dizem à encantadora Anna que a pátria precisa dela e que, se não colaborar, o papá Von Steiner vai ser enviado para um campo de concentração.

— E quem era o agente responsável por ela?

— Não sei o nome dele. Um sacana mal-encarado. Esperto, como o Alfred, só que impiedoso.

— Chamava-se Vogel?

— Não sei, é possível.

— E nunca mais a viu?

— Não, só dessa vez.

— Então o que lhe aconteceu?

Becker foi acometido por mais um ataque de tosse, que um novo cigarro pareceu curar.

— Estou a dizer-lhe o que ouvi, não o que sei. Compreende a diferença, Alfred?

— Compreendo a diferença, Karl.

— Ouvimos dizer que havia um campo, algures nas montanhas a sul de Munique. Muito isolado, com todas as estradas à volta fechadas. Um inferno para as pessoas da zona. De acordo com os rumores, era

um sítio para onde enviavam alguns agentes especiais, aqueles que pretendiam infiltrar de forma mais profunda.

— E ela era um desses agentes?

— Sim, Alfred. Já falámos disso. Esteja atento, por favor — respondeu Becker, outra vez a atacar os chocolates. — Era como se uma aldeia inglesa tivesse caído do céu e aterrado no meio da Baviera. Havia um pub, um pequeno hotel, chalés, até uma igreja anglicana. Cada agente era enviado para um chalé, onde ficaria no mínimo seis meses. De manhã, liam jornais londrinos no café enquanto bebiam chá e comiam bolos. Faziam as compras em inglês e ouviam os programas de rádios populares da altura na BBC. Eu cá nunca tinha ouvido o It's That Man Again até vir para Londres.

— Continue, Karl.

— Tinham códigos e procedimentos especiais para encontros. Davam-lhes mais treino no manuseamento de armas. Matar em silêncio. À noite, até enviavam putas inglesas aos rapazes para que pudessem foder em inglês.

— E a mulher?

— Dizem que andava a foder o agente responsável por ela... como é que disse que ele se chamava? Vogel? Mais uma vez, era só um rumor, Alfred.

— E alguma vez se encontrou com ela no Reino Unido?

— Não.

— Quero a verdade, Karl! — disparou Vicary, tão alto que um dos guardas enfiou a cabeça para dentro da cela, para se certificar de que não havia qualquer problema.

— Estou a dizer-lhe a verdade. Jesus, você é o Alfred Vicary num minuto e o Heinrich Himmler no outro. Nunca mais a voltei a ver.

Vicary passou a falar em alemão. Não queria que os guardas escutassem a conversa.

— Sabe o nome de cobertura dela?

— Não — respondeu Becker na mesma língua.

— E sabe a morada dela?

— Não.

— Sabe se ela está ativa em Londres?

— Tanto quanto sei, até podia estar ativa na Lua, Alfred.

Vicary soltou um suspiro audível de frustração. Eram tudo informações interessantes, mas, tal como a descoberta do assassinio de Beatrice Pymm, não o colocavam mais perto da sua presa.

— Contou-me tudo o que sabia dela, Karl? Becker sorriu.

— Supostamente, é incrível na cama — respondeu, reparando que Vicary ficara corado. — Peço desculpa, Alfred. Meu Deus, às vezes, esqueço-me do pudico que você é.

Continuando a falar em alemão, Vicary perguntou:

— Porque não nos contou isso antes... a parte dos agentes especiais?

— Isso é que contei, meu caro Alfred.

— A quem é que contou? Nunca me contou a mim.

— Conte a Boothby.

Vicary sentiu o sangue subir-lhe à cara e o coração começar a bater furiosamente. Boothby? Por que raio havia Boothby de interrogar Karl Becker? E por que razão havia de o fazer sem Vicary estar presente? Becker era seu agente. Vicary tinha-o prendido. Vicary tinha-o feito mudar de lado. Vicary controlava-o.

Vicary, com o rosto calmo, perguntou:

— Quando é que contou isso a Boothby?

— Não sei. É difícil ter noção do tempo aqui dentro. Há um ou dois meses. Talvez em setembro. Não, talvez tenha sido em outubro. Sim, acho que foi em outubro.

— E o que lhe disse ao certo?

— Falei-lhe dos agentes, falei-lhe do campo.

— E falou-lhe da mulher?

— Sim, Alfred, contei-lhe tudo. É um cabrão maldoso. Não gosto dele. Se fosse a si, tinha cuidado com ele.

— E estava mais alguém com ele?

— Sim, um tipo alto. Bonito, como uma estrela de cinema. Louro, de olhos azuis. Um autêntico super-homem alemão. Mas magro, magro como um espeto.

— E o espeto tinha nome?

Becker atirou a cabeça para trás e fez questão de mostrar que estava a tentar lembrar-se.

— Jesus, era um nome engraçado. De uma ferramenta ou qualquer coisa assim — disse Becker, beliscando a cana do nariz. — Não, de uma coisa que se pode utilizar em casa. Mop^[6]? Bucket^[7]? Não, Broome! É isso, Broome! Imagine bem: o tipo parece um espeto e dá pelo nome de Broome^[8]. Às vezes, vocês, ingleses, têm um sentido de humor maravilhoso.

Vicary tinha pegado na mala rádio e estava a bater ao de leve com os nós dos dedos na porta grossa.

— Porque não deixa ficar o rádio, Alfred? Às vezes, uma pessoa sente-se sozinha aqui dentro.

— Lamento, Karl.

A porta abriu-se e Vicary atravessou-a.

— Ouça, Alfred, os cigarros e os chocolates estavam ótimos, mas da próxima vez traga uma rapariga, sim?

Vicary dirigiu-se para o gabinete do chefe dos guardas e pediu os livros de registo de outubro e novembro. Demorou alguns segundos, mas encontrou a entrada de que estava à procura.

5-10-43, PRISIONEIRO: BKCKKR, K.

NÚMERO DE VISITAS: 2 NOMES/DEPTO.: NÃO, OBRIGADO.

VINTE E CINCO

BERLIM

— Meu Deus, que frio que está hoje de manhã — disse o Brigadeführer Walter Schellenberg.

— Pelo menos, ainda tem um teto sobre a cabeça — respondeu o contra-almirante Wilhelm Canaris. — Os bombardeiros Halifax e Lancaster divertiram-se imenso ontem à noite. Centenas de mortos, milhares sem casa. Lá se foi a invulnerabilidade do nosso glorioso Reich de mil anos.

Canaris olhou para Schellenberg, à procura de uma reação. Como sempre, a juventude daquele homem impressionou-o. com apenas trinta e três anos, era chefe da Secção VI do Sicherheitsdienst — mais conhecido como SD — os serviços secretos e de segurança das SS. A Secção VI era responsável pela recolha de informações relativas aos inimigos do Reich em território estrangeiro, uma missão muito semelhante à da Abwehr. Por consequência, os dois homens travavam uma terrível competição.

Eram um par que não combinava: o pequeno, lacónico e velho almirante de cabelos brancos, que falava ceceando ligeiramente; e o atraente, enérgico e jovem Brigadeführer, absolutamente implacável. Filho de um fabricante de pianos de Saarland, Schellenberg foi pessoalmente recrutado para o aparelho de segurança nazi por Reinhard Heydrich, o comandante do SD assassinado por combatentes da Resistência checoslovaca em maio de 1942. Uma das luminárias do partido nazi, Schellenberg prosperava na sua atmosfera paranóica e perigosa. Tinha o gabinete, parecido com uma catedral, repleto de escutas, com metralhadoras incorporadas na secretária para poder matar qualquer visitante ameaçador carregando apenas num botão. Islãs raras ocasiões em que se dava ao luxo de descontrair, Schellenberg gostava de passar tempo com a sua refinada coleção de pornografia. Uma vez, mostrou as fotografias a Canaris como se fosse um homem a mostrar instantâneos da família, gabando-se das fotos que ele próprio coreografava para satisfazer os seus bizarros apetites sexuais. Schellenberg usava um anel com uma pedra preciosa azul, com uma cápsula de cianeto por baixo. E também lhe tinha sido colocado um dente falso contendo uma dose letal desse veneno.

Presentemente, Schellenberg tinha apenas dois objetivos: destruir Canaris e a Abwehr e conseguir obter para Adolf Hitler o segredo mais importante da guerra, a hora e o local da invasão anglo-americana da França. Schellenberg não sentia mais que desprezo pela Abwehr e pelo grupo de velhos oficiais à volta de Canaris, a quem chamava zombeteiramente Pais Natal. Canaris sabia perfeitamente que Schellenberg o queria eliminar e, no entanto, entre os dois havia uma trégua precária. Schellenberg tratava o velho Admirai com deferência e respeito; Canaris admirava verdadeiramente o impetuoso e brilhante jovem oficial e gostava da sua companhia.

E era por isso que começavam a maior parte das manhãs da mesma maneira, atravessando a cavalo o Tiergarten, lado a lado. Isso dava a cada um a oportunidade de controlar o que o outro estava a fazer, de trocar invetivas, de sondar fraquezas. E Canaris também gostava destes passeios por uma outra razão. Sabia que, pelo menos durante uma hora do dia, o jovem general não estava a planear ativamente a sua aniquilação.

— Lá está o senhor outra vez, Herr Admirai — disse Schellenberg. — Sempre a olhar para o lado negro das coisas. Suponho que isso faça de si um cínico, não?

— Não sou cínico, Herr Brigadeführer. Sou cético. Há uma diferença importante.

Schellenberg riu-se.

— Essa é a diferença entre nós, os que estamos no Sicherheitsdienst, e os senhores que fazem parte da Abwehr, da velha guarda.

Nós só vemos possibilidades infinitas. Os senhores só vêem perigos. Nós somos corajosos, não temos medo de arriscar. Os senhores preferem enfiar a cabeça na areia... sem ofensa, Herr Admirai.

— Não me ofendeu, meu jovem amigo. Tem direito à sua opinião, por mais mal informada que possa ser.

O cavalo de Canaris atirou a cabeça para trás e resfolegou. A sua respiração gelou numa nuvem de ar que, a seguir, se afastou ao sabor do suave vento da manhã. Canaris olhou em redor, observando a devastação do Tiergarten. A maioria das limeiras e dos castanheiros tinha desaparecido, queimada pelas bombas incendiárias dos aliados. Diante deles, mais à frente no trilho, encontrava-se a cratera de uma bomba, do tamanho de um Kúbelwagen^[9]. Havia milhares de outras espalhadas pelo parque. Canaris, puxando as rédeas, fez o cavalo contorná-la. Dois dos seguranças de Schellenberg seguiam-nos a pé, sem fazer barulho. Outro ia alguns passos à frente deles, com a cabeça a rodar de um lado para o outro lentamente. Canaris sabia que havia mais seguranças que não conseguia ver, nem com os seus olhos bem

treinados.

— Ontem à noite veio parar uma coisa muito interessante à minha secretária.

— Ai sim? E como é que ela se chamava?

Schellenberg, rindo-se, incitou o cavalo com as esporas a começar a trotar ligeiramente.

— Tenho uma fonte em Londres que fez uns trabalhos para o NKVD há bastante tempo, incluindo o recrutamento de um estudante de Oxford que é agora um agente no seio do MI5. Continua a falar com o homem de tempos a tempos e vai ouvindo coisas. E passa essas coisas para mim. O agente do MI5 é um espião russo, mas eu tenho acesso à colheita, por assim dizer.

— Notável — exclamou Canaris num tom seco.

— Churchill e Roosevelt não confiam em Estaline. Não o informam de nada. Recusaram-se a dizer-lhe alguma coisa acerca da hora e do local da invasão. Achem que Estaline seria capaz de nos revelar o segredo para que os Aliados fossem destruídos na França. com os britânicos e os americanos fora da luta, Estaline tentaria acabar connosco sozinho e deitar a mão à Europa toda para si próprio.

Já ouvi essa teoria. Não sei se lhe dou grande importância.

— Em todo o caso, o meu agente diz que o MI5 anda em crise. Diz que o seu homem, Vogel, organizou uma operação que os deixou assustados de morte. A investigação está a ser conduzida por um oficial chamado Vicary. Já ouviu falar dele?

— Alfred Vicary — respondeu Canaris. — Antigo professor do University College de Londres.

— Francamente impressionante — afirmou Schellenberg com sinceridade.

— Ser um agente dos serviços secretos eficaz passa por conhecer o adversário, Herr Brigadeführer — disparou Canaris, detendo-se em seguida por momentos, para dar tempo a Schellenberg para absorver o golpe. — Fico contente por saber que Kurt lhes anda a dar água pela barba.

— A situação está tão tensa que Vicary já se encontrou com Churchill em pessoa, para o pôr a par dos avanços na investigação.

— Isso não é assim tão surpreendente, Herr Brigadeführer. Vicary e Churchill são velhos amigos.

Canaris olhou de soslaio para Schellenberg para ver se a cara deste registava qualquer traço de surpresa. As conversas entre ambos transformavam-se frequentemente em competições com o objetivo de marcar pontos, com cada um dos homens a tentar surpreender o outro com pequenos pedaços de informação.

— Vicary é um historiador de renome. Já li a obra dele. Surpreende-me que o senhor não. Tem uma mente perspicaz. Pensa

como Churchill. Já andava a avisar o mundo sobre o senhor e os seus amigos antes de alguém ter prestado atenção.

— Então, o que é que Vogel anda a fazer? Talvez o SD possa dar alguma ajuda.

Canaris permitiu-se dar uma rara mas curta gargalhada.

— Por favor, Brigadeführer Schellenberg. Se o senhor vai ser tão transparente, estes passeios a cavalo matinais vão perder o encanto muito depressa. Além do mais, se quer saber o que é que Vogel anda a fazer, pergunte ao pedófilo simplesmente. Eu sei que ele pôs os nossos telefones sob escuta e introduziu os seus espões em Tirpitz Ufer.

— É interessante que diga isso. Fiz essa mesma pergunta ao Reichsführer Himmler ontem à noite ao jantar. Parece que o Vogel é muito cuidadoso. Muito dado a segredos.

Consta que os arquivos dele nem sequer fazem parte do registo central da Abwehr.

— Vogel é um verdadeiro paranóico e é extremamente cauteloso. Guarda tudo no gabinete dele. E eu não pensaria em tentar armar-me em duro com ele. Tem um assistente chamado Werner Ulbricht que já viu o pior desta guerra. O homem está sempre a limpar as suas Ljigers. Nem eu me aproximo do gabinete de Vogel.

Schellenberg puxou as rédeas do cavalo até este parar. A manhã estava sossegada e silenciosa. Ao longe, ouviu-se o rosnar dos primeiros carros da manhã ao longo da Wilhelmstrasse.

— Vogel é o tipo de homem de que nós gostamos no SD... inteligente, determinado.

— Só há um problema — lançou Canaris. — Vogel é um ser humano. Tem um coração e uma consciência. Alguma coisa que me diz que não iria encaixar no vosso pessoal.

— Porque não deixa que eu e ele nos encontremos? Talvez possamos pensar numa forma de aliar os nossos recursos para o bem do Reich. Não há razão para o SD e a Abwehr andarem sempre a atirar-se um ao outro desta maneira.

Canaris sorriu.

— Os nossos serviços atiram-se um ao outro, Brigadeführer Schellenberg, porque o senhor está convencido de que eu sou um traidor do Reich e porque tentou mandar-me prender.

O que era verdade. Schellenberg tinha reunido um dossiê com dezenas de alegações de traições cometidas por Canaris. Em 1942, entregou o dossiê a Heinrich Himmler, mas Himmler nada fez. Canaris também tinha dossiês e Schellenberg suspeitava que o dossiê da Abwehr sobre Himmler incluísse material que o Reichsführer preferiria não ver tornado público.

— Isso já foi há muito tempo, Herr Admirai. Pertence ao passado. Canaris espetou o tacão da bota de montar no cavalo e recomeçaram a

avancar. Os estábulos surgiram ao longe.

— Posso cometer a ousadia de sugerir uma interpretação para a sua proposta de auxílio, Brigadeführer Schellenberg?

— Claro.

— O senhor gostaria de fazer parte desta operação por uma de duas razões. A primeira razão é que poderia sabotar a operação, de modo a diminuir ainda mais a reputação da Abwehr. Ou, segunda razão, poderia roubar as informações recolhidas por Vogel e ficar com todos os louros e glória para si mesmo.

Schellenberg abanou a cabeça devagar.

— Esta falta de confiança entre nós é uma pena. Tão aborrecida.

— É, não é?

Entraram nos estábulos ao mesmo tempo e desmontaram. Dois cavaleiros apareceram a correr e levaram os cavalos.

— Um prazer, como sempre — afirmou Canaris. — Tomamos o pequeno-almoço juntos?

— Adoraria, mas receio que o dever me chame.

— Ai sim?

— Uma reunião com Himmler e Hitler, às oito em ponto.

— Que felizardo. Qual é o tema?

Walter Schellenberg sorriu e pousou a mão enluvada no ombro do homem mais velho.

— Isso gostaria o senhor de saber.

— Como estava a Velha Raposa esta manhã? — perguntou Hitler quando Walter Schellenberg entrou pela porta, às oito horas em ponto.

Himmler já lá estava, sentado no sofá muito confortável e a beber um café. Era essa a imagem que Schellenberg gostava de apresentar aos superiores — demasiado ocupado para chegar antes da hora a uma reunião e fazer conversa de circunstância, mas suficientemente disciplinado para ser pontual.

— Tão cauteloso como sempre — respondeu Schellenberg, servindo-se de uma chávena de café a esquentar.

Havia um jarro com leite verdadeiro. Nos tempos que corriam, até os quadros do SD tinham dificuldade em assegurar um fornecimento contínuo.

— Recusou-se a dizer-me o que fosse em relação à operação de Vogel. Diz que não sabe nada dela. Autorizou Vogel a atuar sob condições de extremo secretismo, permitindo-se não ser informado dos pormenores.

— Talvez seja melhor desse modo — afirmou Himmler, de rosto impassível e com a voz a não revelar qualquer emoção. — Quanto menos o bom do almirante souber, menos poderá revelar ao inimigo.

— Eu fiz a minha própria investigação — anunciou Schellenberg.

— Sei que Vogel enviou pelo menos um novo agente para Inglaterra. Teve de se servir da Luftwaffe para o introduzir e o piloto que voou nessa missão foi muito cooperante — explicou Schellenberg, abrindo a pasta e retirando de lá dois exemplares do mesmo dossiê, entregando um a Hitler e o outro a Himmler. — O agente chama-se Horst Neumann. O Reichsführer é capaz de se lembrar daquele caso em Paris há algum tempo. Um homem das SS foi morto num bar parisiense. Neumann foi o homem que esteve envolvido nisso.

Himmler deixou cair o dossiê, que aterrou em cima da mesa de café ao redor da qual se encontravam sentados.

— A utilização de um homem desses por parte da Abwehr é uma autêntica bofetada na cara das SS e um desrespeito à memória do homem que ele assassinou! Mostra o desprezo de Vogel pelo partido e pelo Führer.

Hitler continuava a ler o dossiê e parecia genuinamente interessado.

— Talvez Neumann seja simplesmente o homem certo para a tarefa, Herr Reichsführer. Veja bem o dossiê dele: nascido em Inglaterra, membro condecorado dos Fallschirmjäger, Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho. No papel, um homem extraordinário.

Já há algum tempo que Schellenberg não via o Führer mostrar-se tão lúcido e sensato.

— Concordo — disse Schellenberg. — À exceção dessa única mancha no currículo, Neumann aparenta ser um soldado extraordinário.

Himmler olhou para Schellenberg com o rosto lívido. Não gostava de ser contrariado à frente do Führer, por mais brilhante que Schellenberg pudesse ser.

— Talvez devêssemos atacar Canaris agora — afirmou Himmler.

Afastá-lo, pôr o Brigadeführer Schellenberg a comandar e juntar a Abwehr e o SD num único e poderoso serviço secreto. Dessa forma, o Brigadeführer Schellenberg poderia dirigir a operação de Vogel pessoalmente. Parece que as coisas arranjam sempre maneira de sair mal quando envolvem o almirante Canaris.

Uma vez mais, Hitler discordou do assessor em quem mais confiava.

— Se o amigo russo de Schellenberg tiver razão, este homem, Vogel, parece ter posto os britânicos em fuga. Intervir agora seria um erro. Não, Herr Reichsführer, Canaris vai continuar a ocupar o seu cargo por enquanto. Talvez ele esteja a fazer uma coisa acertada, para variar.

Hitler levantou-se.

— Agora, se os senhores me derem licença, tenho outros assuntos

que exigem a minha atenção.

Dois Mercedes oficiais estavam à espera na berma, com os motores ligados. Houve um momento de embarço enquanto decidiam que carro levar, mas Schellenberg cedeu discretamente e entrou para o banco de trás do Mercedes de Himmler. Sentia-se vulnerável quando não se encontrava rodeado pelos seus seguranças, mesmo quando estava com Himmler. Durante o curto trajeto, o Mercedes blindado de Schellenberg nunca se afastou mais do que um ou dois metros do para-choques traseiro da limusina de Himmler.

— Como sempre, um desempenho impressionante, Herr Brigadeführer — disse Himmler.

Schellenberg conhecia o seu superior suficientemente bem para perceber que o comentário não pretendia ser um elogio. Himmler, o segundo homem mais poderoso da Alemanha, estava irritado por ter sido contrariado diante do Fúhrer.

— Obrigado, Herr Reichsführer.

— O Fúhrer quer obter o segredo da invasão de tal forma que isso lhe está a toldar o raciocínio — disse Himmler num tom neutro.

— O nosso dever é protegê-lo. Compreende o que lhe estou a dizer, Herr Brigadeführer?

— Absolutamente.

— Quero saber qual é a jogada de Vogel. E se o Fiihrer não nos deixa fazer isso a partir de dentro, vamos ter de o fazer a partir de fora. Coloque Vogel e o assistente dele, Ulbricht, sob vigilância vinte e quatro horas por dia. Utilize todos os meios ao seu dispor para penetrar em Tirpitz Ufer. Além disso, arranje maneira de introduzir um homem no centro de comunicações de rádio em Hamburgo. Vogel tem de comunicar com os agentes. Quero alguém a ouvir o que estiver a ser dito.

— Sim, Herr Reichsfiihrer.

— E, Walter, não fique tão macambúzio. Não tardará muito a deitarmos as mãos à Abwehr. Não se preocupe. Vai ser tudo seu.

— Obrigado, Herr Reichsfiihrer.

— A não ser, claro, que me volte a contrariar à frente do Fúhrer. Himmler bateu ao de leve com a mão na divisória de vidro, com tão pouca força que quase não se ouviu. O carro encostou à berma, tal como o de Schellenberg, logo atrás. O jovem general ficou sentado, sem se mexer, até que um dos seguranças apareceu junto à porta para o acompanhar no percurso de três metros até ao seu carro.

VINTE E SEIS

LONDRES

Catherine Blake já estava arrependida da decisão de ter ido pedir ajuda aos Pope. Sim, tinham-lhe relatado a vida de Peter Jordan em Londres pormenorizadamente. Mas o preço a pagar tinha sido bastante avultado. Fora ameaçada de extorsão, arrastada para um bizarro jogo sexual e forçada a assassinar duas pessoas. Agora, a polícia estava envolvida. O homicídio de uma proeminente figura do mercado negro e do submundo como Vernon Pope surgia em destaque em todos os jornais londrinos. No entanto, a polícia tinha dado informações falsas aos jornalistas — dissera que as vítimas tinham sido encontradas com as gargantas cortadas e não esfaqueadas no olho e no coração. Era óbvio que estavam a tentar separar as pistas falsas das verdadeiras. Ou será que o MI5 já estaria envolvido? De acordo com os jornais, a polícia queria interrogar Robert Pope, mas não conseguira encontrá-lo. Catherine poderia dar uma ajuda. Pope estava sentado a uns seis metros dela, no bar do Savoy, a beber um uísque lentamente e com um ar furioso.

Por que razão estava Pope ali? Catherine achava que sabia a resposta. Pope estava ali porque suspeitava que Catherine estivesse envolvida no assassinato do irmão. Para ele, não seria difícil encontrá-la. Pope sabia que Catherine andava à procura de Peter Jordan. Tudo o que precisava de fazer era ir aos locais que Peter Jordan frequentava e as hipóteses de Catherine lá aparecer eram grandes.

Ela voltou-lhe as costas. Não tinha medo de Robert Pope — era mais um incómodo do que uma ameaça. Desde que se mantivesse à vista de toda a gente, ele pensaria duas vezes antes de tentar fazer-lhe alguma coisa. Catherine já estava à espera disto. Como medida de precaução, tinha começado a andar com a pistola para todo o lado. Era necessário, mas uni aborrecimento. Tinha de levar uma mala maior para poder esconder a arma. Era pesada e batia-lhe na anca quando andava. A arma, ironicamente, era também uma ameaça à sua segurança. Não era fácil explicar a um polícia londrino por que razão se andava com uma pistola Mauser, de fabrico alemão, com silenciador.

Mas decidir se deveria ou não matar Robert Pope não era a maior

preocupação de Catherine Blake, pois, nesse instante, Peter Jordan entrou no bar do Savoy acompanhado por Shepherd Ramsey.

Ela interrogou-se sobre qual dos homens seria o primeiro a avançar. As coisas estavam prestes a ficar interessantes.

— Tenho uma coisa boa a dizer desta guerra — afirmou Shepherd Ramsey quando ele e Peter Jordan se sentaram a uma mesa num canto do bar. — Tem feito maravilhas em relação aos meus ativos líquidos. Enquanto ando para aqui a armar-me em herói, o valor das minhas ações disparou. Já fiz mais dinheiro nos últimos seis meses do que em dez anos a trabalhar na companhia de seguros do paizinho.

— E porque não dizes ao teu querido paizinho para ir dar uma volta?

— Ele ficava perdido sem mim.

Shepherd fez sinal ao empregado e pediu um martíni. Jordan pediu um uísque duplo.

— Um dia difícil no escritório, queridinho?

— Duríssimo.

— Diz-se por aí que andas a trabalhar numa nova e diabólica arma secreta.

— Sou engenheiro, Shep. Construo pontes e estradas.

— Qualquer idiota podia fazer isso. Não andas aqui a construir o raio de uma autoestrada.

— Pois não, não ando.

— Então quando é que me vais contar no que é que andas a trabalhar?

— Não posso. Tu sabes que não posso.

— Sou só eu, o velho Shep. Podes contar-me tudo e mais alguma coisa.

— Adorava, Shepherd, mas, se te contasse, tinha de te matar e depois Sally ficava viúva e Kippy deixava de ter pai.

— Kippy anda outra vez com problemas em Buckley. O raio do miúdo mete-se em mais sarilhos do que eu fazia.

— E isso não é dizer pouco.

— O diretor ameaça expulsá-lo. Sally teve de lá ir no outro dia para ouvir um sermão e lhe dizerem que Kippy precisa de uma influência masculina forte na vida dele.

— Não sabia que ele tinha sequer uma.

— Muito engraçado, parvalhão. Sally anda a ter problemas com o carro. Diz que precisa de pneus novos, mas que não os pode comprar por causa do racionamento. Diz que não puderam abrir a casa de Oyster Bay para passar lá o Natal este ano porque não havia óleo combustível para aquecer o raio do sítio.

Shepherd reparou que Peter Jordan estava a olhar fixamente para a bebida.

- Peço desculpa, Peter, estou a aborrecer-te?
- Não mais do que o costume.
- Achei só que umas notícias lá da terra te poderiam animar.
- E quem diz que eu preciso que me animem?
- Peter Jordan, já não te via com essa cara há imenso tempo.

Quem é ela?

- Não faço ideia.
- Não me queres explicar isso?
- Esbarrei nela durante o blackout, literalmente. Arranquei-lhe as compras dos braços. Foi muito embaraçoso. Mas ela tinha qualquer coisa.

- E ficaste com o número de telefone dela?
- Não.
- Então e um nome?
- Sim, fiquei com um nome.
- bom, isso já é alguma coisa. Meu Deus! Diria que estás um bocadinho enferrujado. Diz-me como era ela.

Peter Jordan disse-lhe: alta, cabelo castanho a cair-lhe sobre os ombros, uma boca grande, maçãs do rosto lindas, os olhos mais espetaculares que ele já tinha visto.

- Isso é interessante — exclamou Shepherd.
- Porquê?
- Porque essa mulher está mesmo ali.

Geralmente, os homens de uniforme punham Catherine nervosa. Mas quando Peter Jordan começou a atravessar o bar na sua direção, ela achou que nunca tinha visto um homem que ficasse tão bem como ele no seu uniforme azul-escuro da marinha americana. Era um homem extraordinariamente atraente — não tinha reparado até que ponto na noite anterior. O casaco do uniforme assentava-lhe perfeitamente nos ombros e no peito fortes, como se tivesse sido feito à medida por um alfaiate de Manhattan. Tinha uma cintura elegante e o andar revelava a confiança tranquila que apenas os homens senhores de si próprios e bem-sucedidos possuem. O cabelo era escuro, praticamente preto, em nítido contraste com a pele clara. Os olhos tinham uma desconcertante tonalidade verde — verde-claro, como os de um gato — e a boca era suave e sensual. E abriu-se num sorriso agradável quando ele reparou que ela estava a olhar.

- Penso que esbarrei em si na noite passada, durante o blackout — disse ele, estendendo-lhe a mão. — Chamo-me Peter Jordan.

Ela apertou-lhe a mão e depois, distraidamente, deixou que as unhas lhe passassem sobre a palma quando a largou.

- E eu chamo-me Catherine Blake — respondeu.
- Sim, eu lembro-me. Parece estar à espera de alguém.
- E estou, mas parece que ele me deixou pendurada.

— bom, então eu cá diria que ele é um grande parvo.

— E só um velho amigo, na verdade.

— Posso oferecer-lhe agora o tal copo? — perguntou Jordan.

Catherine olhou para Jordan e sorriu; a seguir, lançou um olhar rápido a Robert Pope, que se encontrava a observá-los atentamente, do outro lado do bar.

— Por acaso, gostava imenso de ir para um sítio um bocadinho mais sossegado para falarmos. Ainda tem aquela comida toda em casa?

— Um ou dois ovos, um pouco de queijo, talvez uma lata de tomate. E muito vinho.

— Parecem-me os ingredientes necessários para uma ótima omeleta.

— Deixe-me só ir buscar o casaco.

Encostado ao balcão do bar, Robert Pope ficou a vê-los esgueirarem-se pelo meio da multidão e entrarem no salão. Terminou a bebida calmamente, esperou uns segundos e depois saiu do bar e seguiu-os discretamente. À saída do hotel, o porteiro acompanhou-os até um táxi. Pope, atravessando a rua rapidamente, observou o táxi a afastar-se.

Dicky Dobbs estava sentado ao volante da carrinha. Ligou o motor quando Pope entrou. A carrinha arrancou, afastando-se do passeio, em direção ao trânsito noturno. Não havia necessidade de ir a correr, disse Pope a Dicky. Sabia para onde eles iam. Recostou-se no banco e fechou os olhos por uns minutos enquanto Dicky seguia para oeste, a caminho da casa geminada de Jordan, em Kensington.

Durante o percurso de táxi até casa de Peter Jordan, Catherine Blake apercebeu-se, bastante repentinamente, de que estava nervosa. Isso não acontecia por um homem que possuía o segredo mais importante da guerra se encontrar sentado ao lado dela. Simplesmente, não era muito boa naquilo — os rituais da corte e dos encontros. Pela primeira vez em muito tempo, pensou no seu aspeto. Sabia que era uma mulher atraente — uma mulher linda. Sabia que a maioria dos homens a desejava. Mas, durante a estadia em Inglaterra, tinha feito todos os possíveis por esconder o seu aspeto, por se misturar. Tinha adotado o visual de uma atormentada viúva de guerra: meias escuras e opacas, que ocultavam as formas das longas pernas, saias que lhe assentavam mal, disfarçando-lhe a curva das ancas, camisolas de lã grossa de homem, que lhe escondiam os seios redondos. Naquela noite, trazia um vestido chamativo que tinha comprado antes da guerra, apropriado para bebidas no Savoy. Ainda assim, pela primeira vez na vida, Catherine estava preocupada por poder não ser suficientemente bonita.

Mas havia outra coisa que estava a incomodar Catherine. Por que

razão tinham sido precisas circunstâncias daquelas para estar finalmente com um homem como Peter Jordan? Ele era inteligente, atraente, bem-sucedido e, bem, aparentemente normal. A maior parte dos homens que Catherine conhecera já estaria a comportar-se de forma muito diferente naquela altura. Lembrou-se da primeira vez com o pai de Maria Romero, Emílio. Não se tinha preocupado com flores ou romance; mal a tinha beijado. Limitou-se a empurrá-la para a cama e a fodê-la. E Catherine não se tinha importado. Na verdade, até gostava bastante disso assim. O sexo não era uma coisa para ser feita por amor e respeito. Ela nem sequer retirava prazer da conquista. Para Catherine, tratava-se de um ato de pura gratificação física. Emílio Romero compreendia; infelizmente, Emilio compreendia muitas coisas acerca dela.

Há muito que tinha desistido da ideia de se apaixonar, casar e ter filhos. A sua independência obsessiva e a desconfiança profundamente enraizada em relação às outras pessoas nunca lhe possibilitariam a dedicação emocional necessária a um casamento; o egoísmo e a satisfação desregrada dos seus próprios desejos nunca lhe permitiriam cuidar de uma criança. Só se sentia segura com um homem se tivesse total controlo, emocional e fisicamente. Estes sentimentos manifestavam-se no próprio ato sexual. Há muito que Catherine tinha descoberto ser incapaz de atingir um orgasmo se não estivesse por cima.

Tinha construído uma imagem do tipo de vida que queria para si própria. Quando a guerra terminasse, iria para um sítio quente a Costa do Sol, o sul da França — se calhar a Itália, onde compraria uma pequena villa com vista para o mar. Viveria sozinha, cortaria o seu próprio cabelo e estender-se-ia na praia até ficar com a pele completamente morena e, se precisasse de um homem, trá-lo-ia para a villa e servir-se-ia do corpo dele até ficar satisfeita, para depois o expulsar e sentar-se à lareira e ficar outra vez sozinha a ouvir o ruído do mar. Talvez deixasse Maria passar lá uns tempos consigo de vez em quando. Maria era a única que a compreendia. E era por isso que Catherine tinha ficado tão magoada com a traição de Maria.

Catherine não se odiava por ser como era, nem se amava a si mesma. Nas poucas ocasiões em que refletira sobre a sua própria psicologia, tinha-se considerado uma personalidade bastante interessante. E também tomara consciência de que era a pessoa ideal para ser uma espia — emocional, física e intelectualmente. Vogel tinha reconhecido isso, tal como Emilio. Detestava-os aos dois, mas não conseguia encontrar defeitos nas conclusões de ambos. Naquele instante, olhou para o seu reflexo no espelho retrovisor e veio-lhe à cabeça uma palavra — espia.

O táxi parou em frente da casa de Jordan. Ele pegou-lhe na mão

para a ajudar a sair do táxi e, a seguir, pagou ao taxista. Destrancou a porta de casa e disse-lhe para entrar. Fechou a porta antes de acender as luzes — regras do blackout. Por um instante, Catherine sentiu-se desorientada e vulnerável. Não gostava de estar num sítio estranho com um desconhecido às escuras. Jordan acendeu rapidamente as luzes e iluminou a sala.

— Meu Deus! — exclamou ela. — Como arranjou um alojamento destes? Pensava que os oficiais americanos estavam todos amontoados em hotéis e pensões.

Catherine sabia a resposta, claro. Mas precisava de fazer a pergunta. Era raro um oficial americano viver sozinho num sítio assim.

— O meu sogro comprou a casa há vários anos. Passava muito tempo em Londres, tanto em negócios como em lazer, e resolveu que queria ter cá uma segunda casa. Tenho de admitir que fico contente por ele a ter comprado. A ideia de passar a guerra enlatado como uma sardinha no Grosvenor House não me seduz nada. Por favor, deixe-me guardar-lhe o casaco.

Ajudou-a a tirar o sobretudo e foi pendurá-lo no armário. Catherine observou a sala de estar. Estava elegantemente mobilada, com o género de sofás e cadeiras de couro muito confortáveis que se encontra num clube privado londrino. As paredes eram revestidas com painéis; os soalhos de madeira estavam tingidos de um castanho carregado e tão encerados que tinham um brilho lustroso. Os tapetes espalhados um pouco por todo o lado eram de excelente qualidade. A sala tinha uma característica singular — as paredes estavam repletas de fotografias de pontes.

— Então é casado — disse Catherine, certificando-se de que havia um ligeiro tom de desapontamento na voz.

— Desculpe? — retorquiu ele, regressando à sala.

— Disse que o seu sogro é dono desta casa.

— Suponho que devia ter dito ex-sogro. A minha mulher morreu num acidente de automóvel antes da guerra.

— Peço desculpa, Peter. Não queria...

— Por favor, não há problema. Já foi há muito tempo. Ela apontou para a parede com a cabeça e disse:

— Gosta de pontes.

— Pode dizer-se isso, sim. Construo-as.

Catherine atravessou a sala e olhou de perto para uma das fotografias. Era da ponte do rio Hudson, que tinha garantido a Jordan o prémio de Engenheiro do Ano, em 1938.

— Foi o Peter que desenhou estas?

— Na verdade, são os arquitetos que as desenham. Eu sou engenheiro. Fazem um esboço em papel e eu digo-lhes se a coisa vai

aguentar-se em pé ou não. Às vezes, faço-os alterar o esboço. Noutras, se for assim tão fantástico como aquele, arranjo maneira de fazer com que funcione.

— Parece um desafio.

— E pode ser — respondeu ele. — Mas, às vezes, também pode ser entediante e chato, e é um tema de conversa aborrecido em cocktails.

— Não sabia que a marinha precisava de pontes.

— E não precisa.

Jordan parou por uns instantes e depois disse:

— Peço desculpa, não posso falar do meu...

— Por favor. Acredite, eu compreendo as regras.

— Posso ser eu a cozinhar, mas não posso garantir que a comida seja comestível.

— Indique-me só onde é a cozinha.

— Por aquela porta. Se não se importa, gostava de mudar de roupa. Ainda não me consegui habituar a andar com o raio deste uniforme.

— com certeza.

Ela observou os movimentos seguintes dele com muita atenção. Jordan tirou as chaves do bolso das calças e destrancou uma porta. Devia ser o escritório. Ligou a luz e esteve lá dentro menos de um minuto. Quando voltou para a sala, já não trazia a pasta. Provavelmente, tinha-a guardado no cofre. Subiu as escadas. O quarto dele ficava no primeiro andar. Era perfeito. Enquanto ele estivesse a dormir lá em cima, ela podia arrombar-lhe o cofre e fotografar o que estava dentro da pasta. Neumann certificar-se-ia de que as fotografias chegavam a Berlim e os analistas da Abwehr examiná-las-iam para descobrirem a natureza do trabalho de Peter Jordan.

Ela atravessou a entrada para a cozinha e foi acometida por um instante de pânico. Por que razão estaria ele a tirar de repente o uniforme? Será que ela tinha feito alguma coisa mal? Cometido algum erro? Será que ele estava a telefonar naquele preciso momento ao MI5? Será que o MI5 estava a ligar para a Divisão Especial? Será que ele desceria as escadas e se iria pôr com falinhas mansas até que eles arrombassem a porta e a prendessem?

Catherine obrigou-se a acalmar. Era ridículo.

Quando abriu a porta do frigorífico, apercebeu-se de uma coisa. Não fazia a menor ideia de como se fazia uma omeleta. Maria fazia omeletas excelentes — iria imitar simplesmente tudo o que ela fazia. Tirou do frigorífico três ovos, uma pequena quantidade de manteiga e um pedaço de queijo cheddar. Abriu a porta da pequena despensa e encontrou uma lata de tomate e uma garrafa de vinho. Abriu-a, descobriu os copos de vinho e serviu-os aos dois. Não esperou por Jordan voltar para provar o vinho; era delicioso. Sabia-lhe a plantas

silvestres, alface e alperce, e fê-la pensar na sua villa imaginária. Aquecer os tomates primeiro — era isso que Maria fazia, só que dantes, em Paris, os tomates eram frescos e não estes enlatados horríveis.

Abriu a lata, escorreu a água, cortou os tomates aos pedaços e atirou-os para uma frigideira quente. De imediato, a cozinha começou a cheirar a tomate e ela bebeu mais um pouco de vinho antes de partir e bater os ovos e ralar o queijo para dentro de uma tigela. Sorriu — a rotina doméstica de preparar um jantar para um homem era-lhe tão estranha. Foi então que pensou: Talvez Kurt Vogel devesse acrescentar um curso de culinária à sua escolazinha de espiões da Abwehr.

Jordan pôs a mesa na sala de jantar enquanto Catherine terminava a omeleta. Tinha vestido umas calças de algodão cor de caqui e Catherine ficou outra vez impressionada com a beleza dele. Queria soltar o cabelo — fazer qualquer coisa que a tornasse mais atraente aos olhos dele -, mas não fugiu da personagem que tinha criado para si mesma. A omeleta estava surpreendentemente boa e comeram-na muito depressa, antes que ficasse fria, acompanhando-a com o vinho, um Bordeaux anterior à guerra que Peter Jordan tinha trazido de Nova Iorque para Londres. No final da refeição, Catherine sentia-se bem e descontraída. Jordan também parecia sentir-se assim. Aparentava não suspeitar de nada — parecia aceitar o facto de se terem encontrado como uma absoluta coincidência.

— Já esteve nos Estados Unidos? — perguntou ele enquanto levantavam a mesa e levavam a louça para a cozinha.

— Por acaso, vivi dois anos em Washington quando era pequena.

— A sério?

— Sim, o meu pai trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Era diplomata. Foi colocado em Washington no início dos anos vinte, depois da Primeira Guerra Mundial. Gostei muito da cidade. Tirando o calor, claro. Meu Deus, Washington é mesmo opressivo no verão! O meu pai arrendou um chalé na Chesapeake Bay para passarmos os verões. Tenho recordações muito agradáveis desses tempos.

Era tudo verdade, só que o pai de Catherine tinha trabalhado para o Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão e não para o Ministério dos Negócios Estrangeiros inglês. Catherine decidira que era preferível pegar no máximo possível de aspetos da sua própria vida.

— E o seu pai ainda é diplomata?

— Não, morreu antes da guerra.

— E a sua mãe?

— A minha mãe morreu quando eu era muito pequena — respondeu Catherine, empilhando os pratos sujos no lava-louças. — Eu lavo se o Peter secar.

— Esqueça. Tenho uma senhora que vem cá duas vezes por semana. Vai cá estar amanhã de manhã. E que tal um copo de brandy?

— Seria ótimo.

Por cima da lareira, estavam fotografias em molduras prateadas e ela olhou para elas enquanto Jordan servia o brandy. Foi ter com ela à frente da lareira e passou-lhe um dos copos.

— A sua mulher era muito bonita.

— Sim, era. A morte dela foi muito dura para mim.

— E o seu filho? Quem é que toma conta dele agora?

— A irmã de Margaret, Jane.

Ela deu um gole no brandy e olhou para ele.

— Não parece muito entusiasmado com isso.

— Meu Deus, é assim tão óbvio?

— Sim, é.

— Na verdade, Jane e eu nunca nos demos muito bem. E, para ser sincero, gostava que Billy não estivesse ao cuidado dela. É egoísta, mesquinha e mimada como tudo, e tenho medo que vá fazer com que Billy também seja assim. Mas a verdade é que não tinha de facto escolha. Um dia depois de me alistar na marinha, fui enviado para Washington e, passadas duas semanas, estava num avião para Londres.

— O Billy é a cara do pai — disse Catherine. — Tenho a certeza de que não tem nada com que se preocupar.

Jordan sorriu e retorquiu:

— Espero que tenha razão. Por favor, sente-se.

— Tem a certeza? Não quero mante-lo...

— Já não passava uma noite assim tão agradável há imenso tempo. Por favor, fique mais um pouco.

Sentaram-se ao lado um do outro, no grande sofá de couro.

Jordan disse:

— Então explique-me lá como é que uma mulher incrivelmente linda como a Catherine não é casada.

Catherine sentiu-se corar.

— Meu Deus, até está a corar. Não me diga que nunca lhe disseram que é linda.

Ela sorriu e respondeu:

— Não, é só que já passou muito tempo.

— Então já somos dois. Já há muito tempo que não dizia a uma mulher que ela era linda. Na verdade, até me consigo lembrar da última vez. Foi quando acordei e vi a cara de Margaret no dia em que ela morreu. Nunca pensei que seria capaz de achar que outra mulher fosse linda depois disso. Até ter feito figura de parvo ao ir de encontro a si na noite passada, durante o blackout. A Catherine deixou-me sem fôlego.

— Obrigado. Posso garantir-lhe que a atração foi mútua.

— E foi por isso que não me deu o seu número de telefone?
— Não queria que pensasse que eu era uma devassa.
— Raios, estava com esperanças de que fosse uma devassa.
— Peter — exclamou ela, espetando-lhe o dedo na perna.
— E vai responder à minha pergunta ou não? Porque não é casada? Catherine fitou a lareira durante um momento.

— Eu fui casada. O meu marido, Michael, foi abatido quando sobrevoava o canal da Mancha na primeira semana da Batalha de Inglaterra. Nunca conseguiram recuperar o corpo. Na altura, estava grávida e perdi o bebé. Os médicos disseram que o motivo fora o choque provocado pela morte de Michael — explicou Catherine, desviando o olhar da lareira para o rosto de Jordan. — Ele era bonito e corajoso e o mundo inteiro para mim. Durante imenso tempo, depois de ele morrer, nunca olhei duas vezes para outro homem. Comecei a sair em encontros há pouco tempo, mas nada de minimamente sério. E depois um americano tonto qualquer, que não tinha a lanterna para o blackout acesa, foi contra mim no meio do passeio, em Kensington, e...

Houve um longo e ligeiramente desconfortável momento de silêncio. A lareira estava a apagar-se. Catherine ouviu o ruído de uma tempestade a levantar-se e a chuva a bater no passeio, do lado de fora da janela. Apercebeu-se de que podia ficar assim durante muito tempo, sentada junto à lareira, com o seu brandy e aquele homem simpático e gentil. Meu Deus, Catherine, o que é que te deu? Por um momento, tentou forçar-se a odiá-lo, mas não foi capaz. Desejou que ele nunca fizesse nada que a ameaçasse, nada que a obrigasse a matá-lo.

Fez questão de mostrar que estava a olhar para o relógio.

— Meu Deus, vejam-me só as horas — disse. — São onze. Já lhe tomei demasiado tempo. Devia mesmo ir-me embora...

— Em que estava a pensar ainda agora? — perguntou Jordan, como se não tivesse ouvido uma única palavra do que ela tinha acabado de dizer.

No que estava ela a pensar? Boa pergunta.

— Compreendo que não pode falar do seu trabalho, mas vou fazer-lhe uma pergunta e quero que me diga a verdade.

— Juro que sim.

— Não vai desaparecer e fazer com que o matem, pois não?

— Não, não vou fazer com que me matem. Prometo.

Ela inclinou-se para a frente e deu-lhe um beijo na boca. Os lábios dele não responderam.

Ela afastou-se, pensando: Será que cometi um erro? Se calhar, ele não estava pronto para isto?

Ele disse:

— Peço desculpa. É só que já passou muito tempo.

— Também já passou muito tempo para mim.

— Se calhar, precisamos de tentar outra vez.

Ela sorriu e beijou-o novamente. Desta vez, a sua boca reagiu à dela. Ele puxou-a para perto de si. Ela gostou da sensação de ter os seios encostados a ele.

Passado um momento, ela afastou-se.

— Se não me for embora agora, acho que nunca vou conseguir fazê-lo.

— Não sei se quero que se vá embora.

Ela deu-lhe um último beijo e perguntou:

— Quando é que o vou voltar a ver?

— Posso levá-la a jantar amanhã à noite... isto é, um jantar a sério? Num sítio onde se possa dançar.

— Adorava.

— E que tal outra vez no Savoy, por volta das oito?

— Parece-me perfeito.

A fria rajada de chuva e a visão de Pope e Dicky sentados numa carrinha ali estacionada fizeram Catherine Blake regressar à realidade. Pelo menos, eles não tinham interferido. Talvez se contentassem, por enquanto, em observar de longe.

O trânsito do final da noite era reduzido. Em Brompton Road, fez rapidamente sinal a um táxi para parar. Entrou e pediu ao taxista que a levasse para a estação de Victoria. Virando-se para trás, viu Pope e Dicky a seguirem-na.

Na estação, pagou ao taxista e entrou, desaparecendo entre uma multidão de passageiros que saía de um comboio tardio acabado de chegar a Londres. Olhou por cima do ombro e viu Dicky Dobbs a entrar no terminal a correr, com a cabeça a rodar de um lado para o outro.

Rapidamente, saiu por outra porta e desapareceu no meio do blackout.

VINTE E SETE

BAVIERA, ALEMANHA: MARÇO DE 1938

O seu chalé na aldeia secreta de Vogel é pouco sólido e está cheio de correntes de ar, o sítio mais frio onde ela já esteve. Mas tem uma lareira e, durante a tarde, enquanto estuda códigos e procedimentos para as comunicações por rádio, um homem da Abwehr aparece lá para deixar acendalhas e troncos secos de abeto para a noite. Naquele momento, a lareira está a apagar-se e o frio a embrenhar-se pelo chalé, por isso ela levanta-se e atira um par de grandes troncos para o meio das brasas. Vogel está deitado no chão, em silêncio, atrás dela. É um amante horrível: aborrecido, egoísta, todo ele cotovelos e joelhos. Até quando lhe tenta dar prazer se mostra desajeitado, bruto e alheado. É espantoso que ela tenha conseguido sequer seduzi-lo. Mas ela tem as suas rabões. Se Vogel se apaixonar ou ficar obcecado por ela, não quererá enviá-la para Inglaterra. Parece estar a resultar. Ainda há pouco, quando esteve dentro dela, professou-lhe o seu amor. Mas agora, deitado no tapete e a olhar fixamente para o teto, parece arrepende-se das suas palavras.

— As vees, não quero que vás — di ele.

— Que vá onde? -- Para Inglaterra.

Ela volta para junto dele, deita-se ao seu lado no tapete e beija-o. O hálito dele é horrível: cigarros, café, dentes podres.

— Pobre Vogel, pus-te o coração de pernas para o ar, não foi?

— Sim, acho que puseste. As vees, penso em levar-te comigo para Berlim. Posso arranjar-te um apartamento lá.

— Isso seria maravilhoso — responde ela, mas apensar que seria preferível ser presa pelo MI5 a passar a guerra como amante de Kurt Vogel num casebre qualquer em Berlim.

— Mas és demasiado valiosa para a Alemanha para passar a guerra em Berlim. Tens de atravessar as linhas inimigas e ir para Inglaterra — di ele, parando para acender um cigarro. — E depois há outra coisa, acho eu. Ponho-me a pensar: porque é que uma mulher linda se iria apaixonar por um homem como eu? E depois tenho a resposta. Acha que ele não a vai enviar para Inglaterra se estiver apaixonado por ela.

— Não sou suficientemente inteligente nem ardilosa para faer

uma coisa dessas.

— E claro que és. Foi por isso que te escolhi. Ela sente a raiva crescer dentro de si.

— Mas gostei do tempo que passámos juntos. Emílio disse que tu eras ótima na cama. A melhor foda da porra da minha vida inteira -foi assim que o Emílio descreveu a coisa. Mas a verdade é que Emílio tem tendência a ser um bocadinho ordinário. Disse que até eras melhor do que as putas mais caras. Disse que queria que ficasses em Espanha para seres amante dele. Tive de lhe pagar o dobro da quantia habitual. Mas, acredita em mim, valeste bem o dinheiro.

Ela levanta-se.

— Põe-te a andar daqui, já! Vou-me embora amanhã de manhã. Já estou farto deste buraco infernal!

— Oh, sim, vais-te embora amanhã de manhã. Mas não é para onde pensas. Só há um problema. Os teus instrutores dizem-me que continuas relutante em matar com a tua faca. Dizem que disparas muito bem, melhor até do que os rapazes. Mas dizem que és lenta com a faca de ponta e mola.

Ela não diz nada, limita-se a olhar ferozmente para ele, deitado no tapete e iluminado pela lareira.

— Tenho uma sugestão para ti. Sempre que tiveres de utilizar a faca, pensa no homem que te fez sofrer quando eras uma menininha.

Ela fica de boca aberta, horrorizada. Só contou isso a uma pessoa em toda a sua vida. Maria. Mas Maria deve ter contado a Emílio e o cabrão do Emílio contou a Vogel.

— Não sei do que estás a falar — di ela, mas não há convicção nas suas palavras.

— É claro que sabes. Foi isso que te tornou o que és, uma cabra impiedosa do caralho.

Ela reage instintivamente. Dá um passo em frente e pontapeia-o com violência por baixo do queixo. A cabeça dele salta para trás e bate com estrondo no chão. Viça muito quieto, talvez inconsciente. Afaça dela está no chão, ao lado da lareira; treinaram-na para a ter sempre por perto. Pega nela, carrega na mola e a lâmina reluzente sai com um estalido. A lu da lareira, é de um vermelho vivo. Ela avança em direção a Vogel. Quer matá-lo, espetar-lhe afaça numa das áreas de morte que lhe ensinaram: o coração, os rins, o ouvido ou os olhos. Mas naquele momento já Vogel se está a levantar, apoiado no cotovelo, com uma pistola na mão apontada à cabeça dela.

— Muito bem — diz ele, com o sangue a jorrar-lhe da boca. — Acho que agora estás preparada. Guarda afaça e senta-te. Precisamos de falar. E, por favor, veste qualquer coisa. Estás com um ar ridículo aí nessa figura.

Ela põe um roupão e aviva as brasas enquanto ele se veste e trata

da boca.

— Es um perfeito cabrão. Só se fosse parva é que trabalhava para ti, Vogel.

— Nem penses sequer em desistir agora. Eu fornecia à Gestapo provas bastante convincentes da traição do teu pai ao Fuhrer. Não ias querer ver as coisas que eles faem a essas pessoas. E se alguma vez fizeres seja o que for para me trair quando estiveres em Inglaterra, entrego-te aos britânicos numa bandeja de prata. Se achas que aquele tipo te fez sofrer quando eras pequena, pensa só em ser violada repetidamente por um bando de guardas de prisão ingleses nojentos. Vais ser a prisioneira preferida deles, acredita. Duvido que se dessem sequer ao trabalho de te enforcar.

De um momento para o outro, ela ficou muito quieta na escuridão. Está a pensar em como lhe rachar o crânio com o atizador de ferro fundido, mas Vogel continua a segurar na pistola. Ela apercebe-se de que foi manipulada por ele. Pensou que o estava a enganar — pensou que tinha o controlo da situação -, mas era Vogel quem o tinha durante todo aquele tempo. Estava a tentar instilar-lhe a capacidade de matar. Ela apercebe-se de que ele fe de facto um belíssimo trabalho.

Vogel está outra ve a falar:

— Já agora, matei-te hoje à noite, enquanto me deixavas foder-te. Anna Katarina von Steiner, de vinte e sete anos, morreu num infeliz acidente de automóvel, à saída de Berlim, há uma hora. Uma pena imensa. Um desperdício de talento tão grande.

Vogel já se encontra vestido, com um pano molhado encostado à boca. Está manchado com o seu sangue.

— Vais para a Holanda amanhã de manhã, exatamente como combinámos. Passas lá seis meses e consolidas a tua identidade firmemente; a seguir, vais para Inglaterra. A. qui tens os teus documentos para a Holanda, o dinheiro e o bilhete de comboio. Tenho pessoas em Amesterdão que te vão contactar e orientar-te a partir daí.

Ele avança e para muito perto dela.

— Anna desperdiçou a vida. Mas Catherine Blake pode fazer coisas grandiosas.

Ela ouve a porta fechar-se depois de ele sair, ouve o barulho das botas a avançarem ruidosamente pela neve, à saída do chalé. Naquele momento, está tudo muito silencioso, à exceção do crepitar da lareira e do sibilar do vento cortante a agitar os abetos, do lado de fora da janela. Ela fica imóvel por um momento; a seguir, sente o corpo começar a sofrer convulsões. Já não é possível continuar em pé. Cai de joelhos diante da lareira e começa a chorar incontrolavelmente.

BERLIM

Kurt Vogel estava a dormir na cama de campanha no seu gabinete

quando ouviu um ruído surdo, de qualquer coisa a raspar, que o fez endireitar-se, sobressaltado.

— Quem está aí?

— Sou só eu, senhor.

— Werner, por amor de Deus! Pregaste-me um susto de morte a arrastar o raio da tua perna de pau assim. Pensei que era o Frankenstein que aí vinha para me assassinar.

— Peço desculpa, senhor. Achei que gostaria de ver isto imediatamente — respondeu Ulbricht, entregando-lhe o duplicado de uma comunicação. — Acabou de chegar de Hamburgo... uma mensagem da Catherine Blake, enviada de Londres.

Vogel leu-a rapidamente, com o coração aos pulos.

— Ela travou contacto com Jordan. Quer que Neumann comece a fazer recolhas regulares o mais depressa possível. Meu Deus, Werner, ela conseguiu mesmo fazê-lo!

— Evidentemente, uma agente extraordinária. E uma mulher extraordinária.

— Sim — exclamou Vogel num tom distante. — Avisa Neumann, em Hampton Sands, assim que puderes. Diz-lhe para começar com as recolhas de acordo com o plano preestabelecido.

— Sim, senhor.

— E contacta o gabinete do almirante Canaris. Quero informá-lo dos desenvolvimentos logo de manhãzinha.

— Sim, senhor.

Ulbricht saiu, deixando Vogel sozinho no escuro. Interrogou-se como teria ela conseguido fazê-lo. Tinha esperanças de que um dia ela terminasse a missão para que pudesse dispensá-la. Deixa de te enganares a ti mesmo, velhote. Queria que ela terminasse a missão para poder vê-la só mais uma vez, para lhe explicar por que razão a tinha tratado de forma tão horrível naquela última noite. Tinha sido para o seu próprio bem. Ela não percebera isso na altura, mas talvez, com o passar do tempo, o conseguisse perceber. Imaginou-a naquele preciso momento. Estará assustada? Correrá perigo? Claro que corria perigo. Estava a tentar roubar segredos dos Aliados no coração de Londres. Um passo em falso e acabaria nos braços do MI5. Mas se havia uma mulher capaz de fazer isso, era ela. O coração e o maxilar partidos de Vogel comprovavam-no.

Heinrich Himmler estava a analisar uma pilha de papelada, no seu gabinete em Prinz Albrechtstrasse, quando a chamada do Brigadeführer Walter Schellenberg foi passada para a sua secretária.

— Boa noite, Herr Brigadeführer. Ou devo dizer bom dia?

— São duas da madrugada. Não pensei que ainda estivesse no gabinete.

— Não há descanso para quem trabalha. Em que posso ajudar?

— Tem que ver com a questão de Vogel. Consegui convencer um agente da sala de comunicações da Abwehr que seria do seu interesse colaborar connosco.

— Muito bem, general.

Schellenberg informou Himmler da mensagem do agente de Vogel em Londres.

Himmler disse:

— Então, o seu amigo Horst Neumann está prestes a entrar em ação.

— Pelos vistos, sim, Herr Reichsführer.

— vou informar o Fúhrer dos desenvolvimentos amanhã de manhã. Tenho a certeza de que vai ficar muito satisfeito. Esse homem, Vogel, parece ser um oficial muito capaz. Se ele roubar o segredo mais importante da guerra, não me admiraria que o Fúhrer o nomeasse sucessor de Canaris.

— Consigo lembrar-me de candidatos mais merecedores para o cargo, Herr Reichsführer — atirou Schellenberg.

— Aconselho-o a arranjar maneira de assumir o controlo da situação. Caso contrário, é capaz de se ver fora da disputa.

— Sim, Herr Reichsführer.

— Vai andar a cavalo com o almirante Canaris no Tiergarten amanhã de manhã?

— Como de costume.

— Para variar, talvez consiga descobrir qualquer coisa de útil. E não se esqueça de dar os meus calorosos cumprimentos à Velha Raposa. Boa noite, Herr Brigadeführer.

Himmler pousou o auscultador no descanso delicadamente e regressou à interminável papelada.

VINTE E OITO

HAMPTON SANDS, NORFOLK

Um amanhecer cinzento rompia entre nuvens densas quando Horst Neumann atravessou a mata de pinheiros e subiu ao topo das dunas. O mar revelou-se à sua frente, cinzento e calmo nessa manhã sem vento, com ondas pequenas a rebentarem na vastidão aparentemente infinita da praia. Neumann usava um fato de treino cinzento, com uma camisola de gola alta por baixo para aquecer, e ténis de couro pretos e macios. Inspirou profundamente o ar frio e revigorante e depois desceu as dunas rapidamente e caminhou pela areia macia. A maré estava a descer e havia uma faixa extensa de areia dura e plana, perfeita para correr. Esticou as pernas, soprou para as mãos e começou a corrida a um ritmo moderado. As andorinhas-do-mar e as gaivotas grasnaram em sinal de protesto e afastaram-se.

Tinha recebido uma mensagem de Hamburgo ao início da manhã, ordenando-lhe que começasse a recolher regularmente material de Catherine Blake, em Londres. As recolhas deveriam ser feitas de acordo com o plano que Kurt Vogel lhe dera na quinta à saída de Berlim. O material deveria ser depositado à entrada de uma porta em Cavendish Square, onde um funcionário da embaixada portuguesa o iria buscar e, em seguida, enviaria para Lisboa dentro da mala diplomática. Parecia simples. Mas Neumann tinha noção de que servir de correio o faria cair diretamente nas garras das forças de segurança britânicas. E estaria na posse de informações que lhe garantiriam uma viagem para o cadafalso se fosse preso. Em combate, sabia sempre onde estava o inimigo. No trabalho de espionagem, o inimigo podia estar em qualquer lado. Podia estar sentado ao lado dele num café ou num autocarro, e Neumann talvez nunca o soubesse.

Neumann demorou vários minutos até sentir calor e as primeiras gotas de suor lhe surgirem na testa. A corrida fez o seu efeito mágico, o mesmo efeito mágico que produzia nele desde criança. Foi invadido pela agradável sensação de estar a flutuar, quase a voar. A respiração era regular e calma, e ele conseguia sentir toda a tensão a desaparecer-lhe do corpo. Escolheu uma meta imaginária na praia, a cerca de oitocentos metros de distância, e acelerou o ritmo.

Os primeiros quatrocentos metros correram bem. Deslizou pela

praia, com as suas longas passadas a devorarem a areia e os ombros e os braços soltos e descontraídos. Os restantes quatrocentos metros foram mais difíceis. A respiração de Neumann tornou-se difícil e irregular. O ar frio rasgava-lhe a garganta. Os braços pareciam carregar pesos de chumbo. A meta imaginária surgiu a duzentos metros de distância. A parte de trás das coxas retesou-se subitamente e a sua passada encurtou. Fez de conta que estava na última volta da final dos 1500 metros dos Jogos Olímpicos — os Jogos que eu falhei por me terem mandado ir matar polacos, russos, gregos e franceses! Imaginou que havia apenas um homem à frente dele e que lhe estava a ganhar terreno com uma lentidão atroz. A meta encontrava-se a cinquenta metros. Era um pequeno monte de limo que tinha sido ali deixado pela maré-alta, mas na imaginação de Neumann era uma verdadeira meta, com uma fita, homens com casacos brancos e cronómetros e a bandeira olímpica a esvoaçar sobre o estádio, ao sabor de uma brisa suave. Bateu ferozmente com os pés contra a areia dura, curvou o corpo sobre o limo, parou aos tropeções e fez um grande esforço para recuperar o fôlego.

Era um jogo idiota — um jogo que ele já fazia consigo próprio desde pequeno -, mas servia um propósito. Tinha provado a si mesmo que estava finalmente em forma outra vez. Tinha levado meses a recuperar do espancamento que sofrera às mãos dos homens das SS, mas tinha conseguido. Sentia-se fisicamente preparado para qualquer coisa com que pudesse ser confrontado. Neumann caminhou durante um momento, antes de começar a correr devagar. Foi então que reparou em Jenny Colville a observá-lo do cimo das dunas.

Neumann sorriu-lhe quando ela se aproximou. Era mais atraente do que ele se lembrava — uma boca grande e expressiva, olhos azuis, uma pele clara ruborizada pelo frio matinal. Usava uma camisola de lã grossa, um gorro de lã, um oleado e calças enfiadas às três pancadas dentro de umas botas de borracha. Atrás dela, do outro lado das dunas, Neumann via o fumo branco de um incêndio acabado de apagar a espalhar-se pelo meio dos pinheiros. Jenny parou junto dele. Parecia cansada e dava a sensação de ter dormido com aquela roupa vestida. Ainda assim, sorriu com considerável encanto enquanto o examinava, de mãos na cintura.

— Muito impressionante, senhor Porter — lançou ela. Neumann achava sempre o seu sotaque de Norfolk, cerrado e monocórdico, difícil de compreender.

— Se não soubesse, diria que estava a treinar para qualquer coisa.

— Os velhos hábitos são difíceis de perder. Além disso, faz bem ao corpo e à alma. Devias tentar um dia destes. Tirava-te esses quilos a mais.

— Ah! — exclamou ela, empurrando-o em jeito de brincadeira.

— Já estou demasiado escanzelada. É o que os rapazes da aldeia dizem todos. Gostam de Eleanor Carrick porque ela tem grandes... bom, o senhor sabe. Ela vai até à praia com eles e pagam-lhe para desabotoar a blusa.

— Eu vi-a ontem na aldeia — disse Neumann. — É uma vaca gorda. Tu és duas vezes mais bonita do que Eleanor Carrick.

— Acha que sim?

— Sem dúvida — respondeu Neumann, esfregando os braços energicamente e batendo com os pés na areia. — Preciso de andar. Caso contrário, vou ficar teso que nem um carapau.

— Quer companhia?

Neumann assentiu com a cabeça. Não era verdade, mas Neumann não viu mal nisso. Jenny Colville tinha uma tremenda paixoneta de rapariguinha por ele; era evidente. Arranjava desculpas para aparecer no chalé dos Dogherty todos os dias e nunca recusava um convite de Mary para tomar chá ou jantar. Neumann tentara prestar a dose apropriada de atenção a Jenny e evitara cuidadosamente colocar-se em qualquer situação em que pudesse ficar a sós com ela. Até àquele momento. Iria tentar tirar proveito da conversa — avaliar se a sua história de cobertura se estava a aguentar bem na aldeia. Caminharam em silêncio, com Jenny a contemplar o mar. Neumann agarrou numa mão-cheia de pedras e fê-las ressaltar pelas ondas. Jenny perguntou:

— Importa-se que falemos da guerra?

— Claro que não.

— Os seus ferimentos... foram graves?

— Suficientemente graves para abreviarem os meus dias de combate e darem-me um bilhete de ida para casa.

— Onde o feriram?

— Na cabeça. Um dia, quando te conhecer melhor, levanto o cabelo e mostro-te as cicatrizes.

Ela olhou para ele e sorriu.

— A sua cabeça parece-me ótima.

— E o que queres dizer com isso, Jenny Colville?

— Significa que o senhor é um homem bonito. E também é inteligente. Consigo perceber isso.

O vento soprou uma madeixa de cabelo sobre a cara de Jenny. Ela voltou a enfiá-la debaixo do gorro com um ligeiro movimento da mão.

— Só não consigo perceber o que está a fazer num sítio como Hampton Sands.

Então a sua história de cobertura levantara suspeitas na aldeia!

— Precisava de um sítio para descansar e recuperar. Os Dogherty ofereceram-se para me receber e passar uma temporada com eles e eu aceitei.

— E porque é que eu não acredito nessa história?

— Mas devias, Jenny. É a verdade.

— O meu pai acha que o senhor é um criminoso ou membro do IRA. Diz que o Sean já foi membro do IRA.

— Jenny, consegues mesmo imaginar Sean Dogherty como membro do Exército Republicano Irlandês? Além disso, o teu pai tem problemas bem graves com que lidar.

O rosto de Jenny ensombrou-se. Ela parou de andar e voltou-se para olhar de frente para ele.

— E o que quer dizer com isso?

Neumann receou que tivesse ido longe demais. Talvez fosse melhor bater em retirada, arranjar uma desculpa e mudar de assunto. Mas houve qualquer coisa que o fez querer terminar o que tinha começado. Pensou: Por que razão não sou capaz de ficar de boca calada e passar em branco este assunto? Sabia a resposta, claro. O seu próprio padrasto fora um sacana violento, sempre pronto a desferir uma bofetada com as costas da mão ou um comentário cruel que lhe levava as lágrimas aos olhos. Tinha a certeza de que Jenny Colville sofrera abusos físicos bem piores do que alguma vez lhe acontecera a ele. Queria dizer-lhe alguma coisa que a fizesse compreender que as coisas não precisavam de ser sempre assim. Queria dizer-lhe que não estava sozinha. Queria ajudá-la.

— Quer dizer que ele bebe demasiado — disse Neumann, estendendo a mão e tocando-lhe na face delicadamente. — E quer dizer que maltrata uma rapariga linda e inteligente que não fez absolutamente nada para merecer isso.

— Acha mesmo isso? — perguntou ela.

— O quê?

— Que sou linda e inteligente. Nunca ninguém me tinha dito isso.

— Claro que acho.

Ela pegou-lhe na mão e caminharam mais um bocado.

— Tem alguma rapariga? — perguntou-lhe ela.

— Não.

— Porque não?

De facto, porque não? A guerra. Era a resposta fácil. Na verdade, nunca tivera tempo para uma rapariga. A sua vida fora uma longa série de obsessões: uma obsessão por perder o seu lado inglês e tornar-se um bom alemão, uma obsessão por se tornar campeão olímpico, uma obsessão por se tornar o membro mais condecorado dos Fallschirmjäger. A sua última amante fora uma camponesa francesa da aldeia perto do seu posto de escuta. Tinha-se revelado meiga numa altura em que Neumann precisava desesperadamente de ternura e, todas as noites, durante um mês, deixava-o entrar pelas traseiras do seu chalé e levava-o em segredo para a sua cama. Quando fechava os olhos, Neumann ainda conseguia ver-lhe o corpo, a encostar-se ao seu,

à luz tremeluzente das velas no quarto dela. Ela tinha feito o voto de lhe beijar a cabeça todas as noites até ficar boa. No fim, Neumann foi invadido pelo sentimento de culpa de um ocupante e acabou com tudo. Naquele momento, temeu pelo que poderia acontecer à rapariga quando a guerra terminasse.

— Por um momento, ficou com uma cara triste — disse Jenny.

— Estava a pensar numa coisa.

— Eu diria que estava a pensar em uma pessoa. E, pela sua cara, essa pessoa era uma mulher.

— És uma rapariga muito perspicaz.

— E ela era bonita?

— Era francesa e muito bonita.

— E partiu-lhe o coração?

— Pode dizer-se que sim.

— Mas o senhor é que a deixou.

— Sim, suponho que sim.

— Porquê?

— Porque a amava demasiado.

— Não entendo.

— Um dia vais entender.

— E o que quer dizer com isso?

— Quer dizer que és muito nova para andares por aí com um tipo como eu. Vou terminar a minha corrida. Sugiro que vás para casa e vistas qualquer coisa limpa. Parece que estiveste a dormir na praia a noite toda.

Olharam um para o outro de uma forma que dizia que ambos sabiam que era verdade. Ela deu meia-volta para se ir embora e depois parou.

— Nunca faria nada que me magoasse, pois não, James?

— Claro que não.

— Jura?

— Juro.

Ela deu um passo em frente e beijou-o na boca muito rapidamente, antes de se virar e desatar a correr pela areia. Neumann abanou a cabeça e, a seguir, deu meia-volta e recomeçou a correr pela praia.

VINTE E NOVE

LONDRES

Alfred Vicary sentia que se estava a afundar em areia movediça. Quanto mais se debatia, mais fundo se enterrava. De cada vez que descobria uma nova pista ou indício, parecia ficar mais longe. Começava a duvidar das hipóteses de vir a apanhar os espões.

A origem do seu desespero era um par de mensagens alemãs decodificadas que tinha chegado de Bletchley Park nessa manhã. A primeira mensagem era de um agente alemão no Reino Unido a pedir a Berlim para que comessem a ser feitas recolhas regulares. A segunda era de Hamburgo para um agente alemão no Reino Unido dizendo-lhe para fazer precisamente isso. Era um desastre. A operação alemã — fosse qual fosse — parecia estar a ser bem-sucedida. Se o agente requisitara um correio, era lógico que o agente conseguira alguma coisa. Vicary foi acometido pelo medo de que, se conseguisse de facto apanhar os espões, poderia ser demasiado tarde.

A luz vermelha incidia sobre a porta de Boothby. Vicary carregou na campainha e aguardou. Passou um minuto e a luz continuava vermelha. Era mesmo típico de Boothby exigir uma reunião urgente e depois deixar a vítima à espera.

Porque não nos contou isso antes?

Isso é que contei, meu caro Alfred... Conte a Boothby.

Vicary voltou a carregar na campainha. Seria realmente possível que Boothby soubesse da existência da rede Vogel e não lhe tivesse contado? Não fazia sentido absolutamente nenhum. Vicary só se conseguia lembrar de uma única explicação possível. Boothby tinha-se oposto veementemente à atribuição do caso a Vicary e deixara isso claro desde o início. Mas será que a oposição de Boothby incluiria sabotar ativamente os esforços de Vicary? Era bem possível. Se Vicary não conseguisse apresentar qualquer progresso na resolução do caso, Boothby poderia ter argumentos para o despedir e dar o caso a outra pessoa, uma pessoa em quem confiasse — um agente de carreira, talvez, não um dos novos recrutas que Boothby tanto detestava.

A luz passou por fim para verde. Atravessando as imponentes portas duplas, Vicary jurou que não sairia dali sem esclarecer a situação.

Boothby estava sentado à secretária.

— Conte-me tudo, Alfred.

Vicary informou Boothby do conteúdo das duas mensagens e da sua teoria em relação ao que significavam. Boothby escutou-o, agitando-se e contorcendo-se na cadeira.

— Por amor de Deus! — disparou. — As notícias relacionadas com este caso pioram a cada dia que passa.

Vicary pensou: Mais uma contribuição brilhante, Sir Basil.

— Fizemos alguns progressos na tentativa de reunir informações sobre a agente. Karl Becker identificou-a como sendo Anna von Steiner. Nasceu no Guy's Hospital, em Londres, no Dia de Natal, em 1910. O pai era Peter von Steiner, diplomata e aristocrata abastado da Prússia Ocidental. A mãe era uma inglesa chamada Daphne Harrison. A família continuou em Londres até a guerra rebentar e, a seguir, mudou-se para a Alemanha. Devido à posição do Steiner, Daphne Harrison não foi detida por razões de segurança durante a guerra, como aconteceu com muitos cidadãos britânicos. Morreu de tuberculose, em 1918, na herdade dos Steiner, na Prússia Ocidental. Após a guerra, Steiner e a filha andaram a saltar de nomeação em nomeação, incluindo outra curta passagem por Londres no início dos anos vinte. Steiner também trabalhou em Roma e em Washington.

— Está cá a parecer-me que era espião — interrompeu Boothby.

— Mas continue, Alfred.

— Em 1937, Anna Steiner desapareceu. Depois disso, só podemos especular. É treinada pela Abwehr, enviada para a Holanda para estabelecer a sua falsa identidade holandesa de Christa Kunst e depois entra em Inglaterra. Já agora, Anna Steiner, supostamente, morreu num acidente de automóvel à saída de Berlim em março de 1938. Evidentemente, Vogel inventou isso.

Boothby levantou-se e começou a andar de um lado para o outro do gabinete.

— É tudo muito interessante, Alfred, mas só há uma falha fatal. Baseia-se em informações que lhe foram dadas por Karl Becker. Becker era capaz de dizer o quer que fosse para cair nas nossas boas graças.

— Becker não tem razão nenhuma para nos mentir acerca disto, Sir Basil. E a história dele é consistente com as poucas coisas de que temos a certeza.

— Tudo o que estou a dizer, Alfred, é que duvido muito da veracidade de tudo aquilo que esse homem diga.

— Então porque passou tanto tempo com ele este outubro? -- retorquiu Vicary.

Sir Basil estava parado em frente à janela, a olhar lá para baixo, para a última luz a sumir-se da praça. Virou a cabeça bruscamente, recuperando a seguir a compostura e voltando-se lentamente para

encarar Vicary.

— A razão que me fez falar com Becker não é da sua conta.

— Becker é meu agente — respondeu Vicary, com a raiva a infiltrar-se na voz. — Eu é que o prendi, eu é que o fiz mudar de lado, eu é que o controlo. Ele deu-lhe informações que se poderiam ter revelado úteis para este caso e, no entanto, o senhor preferiu não me revelar essas informações. Gostava de saber porquê.

Boothby já se encontrava bastante calmo.

— Becker contou-me a mesma história que a si: agentes especiais, um campo secreto na Baviera, códigos especiais e procedimentos especiais para encontros. E, para lhe ser sincero, Alfred, não acreditei nele na altura. Não tínhamos mais nenhuns indícios que fundamentassem a história dele. Agora já temos.

Era uma explicação perfeitamente lógica — superficialmente, pelo menos.

— E porque não me falou disso?

— Já foi há muito tempo.

— E quem é Broome?

— Lamento, Alfred.

— Eu quero saber quem é Broome.

— E eu estou a tentar dizer-lhe o mais delicadamente possível que não tem direito a saber quem é Broome — respondeu Boothby, abanando a cabeça. — Meu Deus! Isto não é nenhuma associação universitária onde nos sentamos e partilhamos conhecimentos profundos. Esta agência trabalha em contraespionagem. E funciona à luz de um conceito muito simples: necessidade de saber. Alfred não tem necessidade de saber quem é Broome porque isso não afeta nenhum caso que lhe tenha sido atribuído. Por isso mesmo, não é da sua conta.

— E o conceito da necessidade de saber corresponde a uma licença para enganar outros agentes?

— Eu não utilizaria a palavra enganar — respondeu Boothby, como se a palavra fosse uma obscenidade. — Significa simplesmente que, por razões de segurança, um agente tem só o direito de saber aquilo que é necessário para levar a cabo a sua missão.

— Então e a palavra mentir? Utilizaria essa palavra?

A discussão parecia estar a causar sofrimento físico a Boothby.

— Suponho que haja alturas em que talvez seja necessário não se ser completamente sincero com um agente para salvaguardar a operação que está a ser realizada por outro. com certeza que isso não é uma surpresa para si, pois não?

— Claro que não, Sir Basil — retorquiu Vicary, hesitando depois um pouco enquanto decidia se devia prosseguir com o interrogatório ou ficar por ali. — Estava só a pensar por que razão me mentiu ao

dizer que não tinha lido o dossiê de Kurt Vogel.

O sangue pareceu fugir da cara de Boothby e Vicary conseguia vê-lo a fechar a mão e a abri-la dentro do bolso das calças. Era uma estratégia arriscada e a cabeça de Grace Clarendon estava em jogo. Quando Vicary se fosse embora, Boothby ligaria a Nicholas Jago, da divisão dos Registos, e exigiria respostas. Por certo que Jago se aperceberia de que a fuga de informação partira de Grace Clarendon. Não se tratava de uma questão de somenos; podia ser despedida de imediato. Mas Vicary estava convencido de que não iriam tocar em Grace, já que isso apenas provaria que as informações que tinha prestado estavam corretas. Rogou a Deus para que tivesse razão.

— Anda à procura de um bode expiatório, Alfred? Alguém ou alguma coisa para atribuir as culpas pela sua incapacidade em resolver este caso? Devia ter mais noção do perigo que isso representa do que qualquer um de nós. A história está repleta de exemplos de homens fracos que consideraram oportuno arranjar um bode expiatório conveniente.

Vicary pensou: E o senhor não está a responder à minha pergunta. Ergueu-se e disse:

— Boa noite, Sir Basil.

Boothby manteve-se em silêncio enquanto Vicary se dirigia para a porta.

— Há mais uma coisa — disse Boothby por fim. — Não me parece que seja necessário dizer-lhe isto, mas vou fazê-lo em todo o caso. O nosso tempo não é ilimitado. Se não houver progressos em breve, somos capazes de vir a ter de fazer... bom, mudanças. compreende, não é, Alfred?

TRINTA

LONDRES

Ao entrarem no Savoy Grill, a banda começou a tocar "And a Nightingale Sang on Berkeley Square". O desempenho era fraco com falhas e um pouco apressado -, mas, ainda assim, a canção era bonita. Jordan pegou na mão dela sem dizer palavra e dirigiram-se para a pista de dança. Era um dançarino excelente, com estilo e confiança, e apertava-a bem junto de si. Tinha vindo diretamente do seu gabinete e usava o uniforme. Trouxera a pasta consigo. Obviamente, não havia nada de importante lá dentro, pois deixara-a na mesa. Fosse como fosse, parecia nunca tirar os olhos de cima dela por muito tempo.

Passado um momento, Catherine reparou numa coisa: toda a gente na sala parecia estar a olhar para eles. Era extremamente enervante. Durante seis anos, tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para que não reparassem nela. E estava naquele momento a dançar com um deslumbrante oficial da marinha americana, no hotel mais chique de Londres. Sentia-se exposta e vulnerável, mas, ao mesmo tempo, retirava uma estranha satisfação por estar a fazer uma coisa completamente normal para variar.

O seu próprio aspeto tinha com certeza qualquer coisa que ver com a atenção de que eram alvo. Vira-o nos olhos de Jordan, uns minutos anos, quando entrara no bar. Nessa noite, estava estonteante. Usava um vestido preto de material sintético, muito aberto nas costas e com um decote que lhe realçava as formas dos seios. Tinha o cabelo caído, preso por um elegante gancho adornado com jóias, e um colar de pérolas com duas voltas. Maquilhara-se com cuidado. Em tempo de guerra, os cosméticos eram de qualidade extremamente fraca, mas ela não precisava de muito — um pouco de batom para lhe acentuar os contornos da generosa boca, um bocadinho de blush para fazer sobressair ainda mais as proeminentes maçãs do rosto, um toque de eyeliner à volta dos olhos. Não retirava especial satisfação do seu aspeto. Sempre pensara na sua beleza em termos objetivos, da forma - como uma mulher poderia avaliar a sua porcelana preferida ou um tapete antigo valioso. Ainda assim, já tinha passado muito tempo desde que entrara pela última vez numa sala e observara as cabeças virarem-se na sua direção. Era o tipo de mulher em que ambos os

sexos reparavam. Os homens mal conseguiam não ficar boquiabertos, as mulheres franziam o sobrolho com inveja. Jordan perguntou:

— Já reparaste que toda a gente nesta sala está a olhar para nós?

— Já reparei nisso, sim. Importas-te?

— Claro que não — respondeu ele, recuando uns centímetros para poder olhar para a cara dela. — Já não me sentia assim há imenso tempo, Catherine. E pensar que tive de fazer a viagem toda até Londres para te encontrar.

— Ainda bem que o fizeste.

— Posso confessar-te uma coisa?

— Claro que podes.

— Não dormi quase nada depois de te teres ido embora ontem à noite.

Ela sorriu e puxou-o para perto de si, de forma a ficar com a boca colada ao ouvido dele.

— Também te vou confessar uma coisa. Não dormi nada.

— E em que estavas a pensar?

— Diz-me tu primeiro.

— Estava a pensar que queria imenso que não te tivesses ido embora.

— Os meus pensamentos foram bastante parecidos.

— Estava a pensar em beijar-te.

— Eu acho que te estava a beijar.

— Não quero que esta noite te vás embora.

— Acho que terias de me expulsar fisicamente se quisesses que eu me fosse embora.

— Acho que não precisas de te preocupar com isso.

— Acho que gostava que me beijasses outra vez agora mesmo, Peter.

— Então e estas pessoas todas que estão a olhar para nós? O que achas que vão fazer se eu te beijar?

— Não tenho a certeza. Mas estamos em 1944 e isto é Londres. Tudo pode acontecer.

— com os cumprimentos do cavalheiro ao balcão — disse o empregado, abrindo uma garrafa de champanhe no momento em que eles voltaram para a mesa.

— E o cavalheiro tem nome? — perguntou Jordan.

— Nenhum que me tenha revelado, senhor.

— E como era o aspeto dele?

— Parecia-se bastante com um jogador de rãguebi bronzado, senhor.

— Oficial da marinha americana?

— Sim, senhor.

— Shepherd Ramsey.

— O cavalheiro gostaria de tomar uma bebida com os senhores.

— Agradeça ao cavalheiro pelo champanhe, mas diga-lhe para esquecer o resto.

— Claro, senhor.

— Quem é Shepherd Ramsey? — perguntou Catherine depois de o empregado se afastar.

— Shepherd Ramsey é o meu amigo mais antigo e querido no mundo inteiro. Gosto dele como de um irmão.

— Então porque não o deixas vir beber um copo connosco?

— Porque, pela primeira vez na minha vida adulta, gostava de fazer qualquer coisa sem ele. Além disso, não te quero partilhar.

— Ótimo, já que eu também não te quero partilhar — disse Catherine, erguendo o copo de champanhe. — À ausência de Shepherd.

Jordan riu-se.

— À ausência de Shepherd. Fizeram um brinde.

Catherine acrescentou:

— E ao blackout, sem o qual eu nunca me teria cruzado contigo.

— Ao blackout- repetiu Jordan, hesitando depois um pouco. Eu sei que isto soa provavelmente a um lugar-comum horrível, mas não consigo parar de olhar para ti.

Catherine sorriu e inclinou-se sobre a mesa.

— E eu não quero que pares de olhar para mim, Peter. Porque achas que pus este vestido?

— Estou um bocadinho nervoso.

— Eu também, Peter.

— Estás tão linda, aí deitada ao luar.

— Tu também estás lindo.

— Não. A minha mulher...

— Desculpa. É só que nunca vi um homem que fosse assim tão bonito. Tenta não pensar na tua mulher apenas por uns minutos.

— É muito difícil, mas estás a tornar as coisas um bocadinho mais fáceis.

— Pareces uma estátua, aí ajoelhado.

— Uma estátua muito velha a cair aos bocados.

— Uma estátua linda.

— Não consigo parar de tocar em ti... de tocar neles. São tão bonitos. Tenho andado a sonhar em tocar assim neles desde o primeiro instante em que te vi.

— Podes tocar neles com mais força. Não magoa.

— Assim?

— Oh, meu Deus! Sim, Peter, assim mesmo. Mas também quero tocar em ti.

— Sabe tão bem quando fazes isso.

— Sabe?
— Ah, sim, sabe!
— É tão duro. É tão bom. E há mais outra coisa que eu te quero fazer.

— O quê?
— Não consigo dizê-lo em voz alta. Chega-te só mais perto.
— Catherine...
— Vá lá, querido. Prometo que não te vais arrepender.
— Oh, meu Deus, isso sabe mesmo tão bem!
— Então não queres que pare?
— Ficas tão bonita a fazer isso.
— Quero fazer com que te sintas bem.
— E eu quero fazer com que tu te sintas bem.
— Posso mostrar-te como.
— Acho que sei como.
— Ah, Peter, a tua língua sabe tão bem! Oh, por favor, toca-me nos seios enquanto fazes isso!
— Quero estar dentro de ti.
— Depressa, Peter.
— Oh, és tão suave, tão maravilhosa! Oh, meu Deus, Catherine, vou...

— Espera! Ainda não, querido. Faz-me um favor e deita-te de costas. Deixa-me fazer o resto.

Ele fez o que ela pediu. Ela pegou-lhe na mão e guiou-o para dentro do seu corpo. Podia ter ficado simplesmente ali parada e deixado que ele terminasse, mas queria que fosse assim. Sempre soube que Vogel lhe iria fazer isto. Por que razão queria ele uma agente se não fosse para seduzir oficiais aliados e roubar-lhes os segredos? Sempre achou que o homem seria gordo, peludo, velho e feio, não como Peter. Se iria ser a puta de Vogel, mais valia tirar prazer disso. Oh, meu Deus, Catherine, não devias estar a faer isto. Não devias estar a perder o controlo desta maneira. Mas não conseguia evitá-lo. Estava a ter prazer. E estava a perder o controlo. Deixou cair a cabeça para trás, levou as mãos aos seios, acariciando os mamilos com os dedos, e, passado um momento, sentiu a descarga quente dele dentro de si e foi inundada por ela numa sucessão de ondas maravilhosas.

Já era tarde, no mínimo, quatro da madrugada, embora Catherine não pudesse ter a certeza porque estava demasiado escuro para conseguir ver o relógio em cima da mesa de cabeceira. Não importava. Tudo o que importava era que Peter Jordan estava a dormir profundamente ao lado dela. A sua respiração era profunda e regular. Tinham comido uma farta refeição, bebido muito e feito amor duas vezes. A não ser que ele tivesse um sono muito leve, provavelmente continuaria a dormir mesmo que houvesse um ataque aéreo da

Luftwaffe naquele preciso momento. Levantou-se da cama discretamente, vestiu o roupão de seda que ele lhe tinha dado e atravessou o quarto em silêncio. A porta estava entreaberta. Catherine puxou-a mais uns centímetros, escapuliu-se pela abertura e fechou-a depois de passar.

O silêncio ecoou nos seus ouvidos. Conseguiu sentir o coração a ribombar-lhe no peito. Forçou-se a acalmar. Tinha-se esforçado muitíssimo — arriscado muitíssimo — só para chegar àquele ponto. Bastaria um erro idiota para destruir tudo o que tinha feito. Desceu rapidamente pela escadaria estreita. As escadas rangeram. Ficou paralisada, à espera de ouvir se Jordan acordava. Lá fora, um carro passou na rua e fez levantar a água do chão. Um cão ladrava algures. Ao longe, ouviu-se a buzina de uma carrinha. Apercebeu-se de que não passavam dos sons habituais da noite, que as pessoas nunca ouviam por estarem a dormir. Rapidamente, desceu o resto das escadas e avançou pelo corredor. Encontrou as chaves dele em cima de uma mesa pequena, ao lado da carteira dela. Pegou em ambas as coisas e lançou-se ao trabalho.

Catherine tinha objetivos limitados naquela noite. Queria assegurar acesso regular ao escritório de Jordan e aos seus documentos pessoais. Para isso, precisava de ter uma cópia das chaves da porta da frente, da porta do escritório e da pasta dele. O chaveiro de Jordan tinha várias chaves. A chave da porta da frente era óbvia; era maior do que as outras. Enfiou a mão na carteira e tirou de lá um bocado de barro preto e macio. Afastou a chave-mestra das restantes e pressionou-a no barro, deixando lá gravada uma impressão nítida. A chave da pasta também era evidente; era a mais pequena de todas. Repetiu o mesmo processo, gravando outra impressão nítida. A porta do escritório iria ser mais difícil; havia várias chaves que pareciam poder ser a que a abria. Só havia uma maneira de descobrir qual era. Pegou na carteira e na pasta de Jordan, levou tudo até ao escritório trancado, do outro lado da sala, e começou a experimentar as várias chaves. A quarta chave que experimentou entrou na fechadura e ajustou-se a ela. Tirou-a e pressionou-a no barro.

Catherine podia finalmente parar, no que seria já uma noite bastante bem-sucedida. Poderia fazer cópias das chaves e voltar quando Jordan não estivesse em casa e fotografar tudo o que se encontrasse no escritório dele. E iria fazer isso; mas queria mais naquela noite. Queria provar a Vogel que tinha conseguido, que era uma agente talentosa. Segundo os seus cálculos, saíra da cama há menos de dois minutos. Podia dar-se ao luxo de gastar mais outros dois.

Destrancou a porta do escritório, entrou e acendeu a luz. Era uma divisão elegante, mobilada como a sala de estar, de uma forma

masculina. Havia uma grande secretária, uma cadeira de couro e um estirador, com um banco alto de madeira à sua frente. Catherine enfiou a mão na carteira e tirou de lá duas coisas, a máquina fotográfica e a pistola Mauser com silenciador. Pousou a Mauser em cima da secretária. Encostou a máquina ao olho e tirou duas fotografias do escritório. A seguir, abriu a pasta de Jordan. Estava praticamente vazia — apenas uma carteira, um estojo para os óculos e uma pequena agenda revestida a couro. Pensou: Pelo menos, é um começo. Talvez lá estivessem nomes de homens importantes com quem Jordan se tinha encontrado. Se a Abwehr soubesse com quem ele se estava a encontrar, talvez conseguissem descobrir qual a natureza do seu trabalho.

Quantas vezes tinha feito isto no campo de treinos? Meu Deus, até lhe tinha perdido a conta: cem, no mínimo, sempre com Vogel ao lado dela com o raio do cronometro.

Demasiado tempo! Demasiado barulho! Demasiada luz! Não chega! Eles vêm aí! Foste apanhada! O que faes agora? Pousou a agenda na secretária e acendeu o candeeiro desta. Possuía uma haste flexível e um abajur sobre a lâmpada para fixar a luz para baixo, perfeita para fotografar documentos.

Três minutos. Agora, trabalha depressa, Catherine. Abriu a agenda e ajustou o candeeiro de modo que a luz incidisse diretamente sobre a página. Se o fizesse num ângulo errado, ou se a luz estivesse demasiado perto, os negativos ficariam arruinados. Fê-lo exatamente como Vogel lhe tinha ensinado e começou a tirar as fotografias.

Nomes, datas, pequenas notas escritas nas garatujas de Peter. Fotografou mais algumas páginas e depois descobriu uma coisa muito interessante. Uma das páginas continha esboços rudimentares de uma figura em forma de caixa. Havia números na página, que pareciam representar dimensões. Catherine fotografou essa página para ter a certeza de que captava a imagem.

Quatro minutos. Mais uma coisa naquela noite: o cofre. Estava aferrolhado ao chão, junto à secretária. Vogel tinha-lhe dado uma combinação que supostamente o abria. Catherine ajoelhou-se e girou a fechadura. Seis dígitos. Quando rodou para o último número, sentiu a fechadura dar um estalido. Agarrou no trinco e fez força. O trinco saltou para a posição de abertura. A combinação tinha resultado. Abriu a porta e espreitou lá para dentro: dois dossiês cheios de papéis, vários blocos de notas de folhas destacáveis. Levaria horas a fotografar tudo. Iria esperar. Apontou a máquina para o interior do cofre e tirou uma fotografia.

Cinco minutos. Altura de voltar a pôr tudo onde estava. Fechou a porta do cofre, recolocou o trinco na posição trancada e girou a fechadura. Guardou o barro na carteira com cuidado, para não

danificar as impressões. Seguiram-se a máquina e a Mauser. Enfiou novamente a agenda de Jordan na pasta dele e trancou-a. Depois, desligou as luzes e saiu do escritório. Fechou a porta e trancou-a.

Seis minutos. Demasiado tempo. Levou tudo outra vez para a sala e deixou as chaves, a pasta dele e a carteira dela em cima da mesa. Feito! Precisava de uma desculpa. Estava com sede. E era verdade tinha a boca seca dos nervos. Entrou na cozinha, tirou um copo do armário e encheu-o com água da torneira. Bebeu-a de imediato, encheu novamente o copo e levou-o para o quarto, subindo as escadas.

Catherine sentiu-se inundada por uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, de incrível poder e triunfo. Por fim, após meses de treino e anos à espera, tinha feito alguma coisa. De repente, percebeu que gostava da espionagem — a satisfação de planejar e executar uma operação meticulosamente, o prazer infantil de saber um segredo, ter conhecimento de algo que alguém não quer que se saiba. Era perfeita para isso, sob todos os aspectos.

Abriu a porta e entrou outra vez no quarto.

Peter Jordan estava sentado na cama, banhado pelo luar.

— Onde é que andaste? Estava preocupado contigo.

— Estava a morrer de sede — respondeu ela, sem acreditar que aquela voz calma e controlada era realmente a sua.

— Espero que também me tenhas trazido água — retorquiu ele. Oh, graças a Deus! Podia respirar novamente.

— Claro que trouxe.

Passou-lhe o copo de água e ele bebeu-a. Catherine perguntou:

— Que horas são?

— Cinco da manhã. Tenho de me levantar daqui a uma hora para estar numa reunião às oito.

Ela beijou-o.

— Então ainda temos uma hora.

— Catherine, é impossível eu conseguir...

— Oh, aposto que consegues.

Deixou o roupão de seda cair-lhe dos ombros e encostou-lhe a cara aos seios.

Nessa manhã, umas horas mais tarde, Catherine Blake avançava a passos largos pelo Chelsea Embankment enquanto uns chuviscos cortantemente frios caíam ao longo do rio. Durante a sua preparação, Vogel tinha-lhe fornecido uma sequência de vinte pontos de encontro, cada qual num local diferente no centro de Londres, cada qual numa hora ligeiramente diferente. Tinha-a obrigado a memorizá-los e ela partia do princípio de que tivesse feito a mesma coisa com Horst Neumann antes de o enviar para Inglaterra. De acordo com as regras estabelecidas, cabia a Catherine decidir se o encontro teria ou não lugar. Se visse alguma coisa de que não gostasse — uma cara suspeita,

homens dentro de um carro estacionado -, podia cancelá-lo e tentariam de novo no local seguinte na lista, à hora especificada.

Catherine não viu nada fora do normal. Deitou uma olhadela ao relógio: dois minutos adiantada. Continuou a andar e, inevitavelmente, pensou no que se tinha passado na noite anterior. Preocupava-a a possibilidade de ter levado as coisas com Jordan demasiado longe, demasiado depressa. Esperava que ele não tivesse ficado chocado com as coisas que ela tinha feito ao corpo dele nem com as coisas que lhe tinha pedido para fazer ao seu. Se calhar, uma inglesa da classe média não se teria comportado assim. Agora é demasiado tarde para dúvidas, Catherine.

Aquela manhã fora como um sonho. Sentiu-se como se tivesse sido transformada por magia noutra pessoa e largada noutro mundo. Vestiu-se e fez café enquanto Jordan fazia a barba e tomava banho; a placidez do cenário doméstico pareceu-lhe bizarra. Sentiu uma pontada de medo quando ele destrancou a porta do escritório e entrou. Será que deixei alguma coisa fora do sítio? Será que ele percebe que eu estive lá à noite? Tinham partilhado um táxi. Durante a curta viagem até Grosvenor Square, foi invadida por outro pensamento: E se ele não quiser voltar a ver-me? Nunca lhe tinha ocorrido isso antes desse momento. Teria sido tudo em vão se ele não gostasse verdadeiramente dela. As suas preocupações revelaram-se infundadas. Quando o táxi chegou a Grosvenor Square, ele convidou-a para jantar nessa noite num restaurante italiano em Charlotte Street.

Catherine virou-se e voltou para trás, ao longo do Embankment. Neumann já lá se encontrava, caminhando na direção dela, com as mãos bem enfiadas nos bolsos do casacão, com a gola levantada para se proteger da chuva e o chapéu mole de abas caídas enterrado até aos olhos. Tinha um aspeto apropriado para um agente de campo: pequeno, anónimo e, no entanto, vagamente ameaçador. Se lhe vestissem um fato, podia ir a um cocktail em Belgravia. Vestido como estava naquele momento, podia andar pelas docas mais duras de Londres e ninguém se atreveria a olhar para ele duas vezes. Catherine interrogou-se se ele teria estudado representação, como ela tinha feito.

— Estás com ar de quem precisa de beber um café — disse ele.

— Há um sítio simpático e quente não muito longe daqui.

Neumann estendeu-lhe o braço. Ela agarrou-o e caminharam sem pressas ao longo do Embankment. Estava muito frio. Ela deu-lhe o rolo e ele deixou-o cair no bolso descontraidamente, como se fossem trocos. Vogel treinara-o bem.

Catherine perguntou:

— Presumo que saibas onde tens de entregar isto, certo?

— Cavendish Square. Um funcionário da embaixada portuguesa chamado Hernandez vai buscá-lo às três da tarde e colocá-lo na mala

diplomática. Irá para Lisboa hoje à noite e estará em Berlim de manhã.

— Muito bem.

— E o que é, já agora?

— A agenda dele, umas fotografias do escritório. Não é muito, mas é um começo.

— Impressionante — atirou Neumann. — E como é que conseguiste isso?

— Deixei-o levar-me a jantar; depois, deixei-o levar-me para a cama. Levantei-me a meio da noite e entrei no escritório sem ele dar conta. A combinação funcionou, já agora. E também o que estava dentro do cofre.

Neumann abanou a cabeça.

— Isso é arriscado como um raio. Se ele aparecer lá em baixo, metes-te num bonito sarilho.

— Eu sei. E é por isso que preciso disto — respondeu ela, enfiando a mão na carteira e entregando-lhe o barro com as impressões das chaves. — Arranja-me alguém que faça cópias disto e entrega-as no meu apartamento ainda hoje. Amanhã, quando Jordan for trabalhar, volto a entrar em casa dele e tiro fotografias a tudo o que estiver no escritório.

Neumann enfiou o barro no bolso.

— Certo. Mais alguma coisa?

— Sim, daqui para a frente, não há mais conversas destas.

Cruzamo-nos um com o outro, eu dou-te o rolo e tu vais-te embora e entrega-lo ao português. Se tiveres uma mensagem para mim, aponta-a e dá-ma. Entendido?

— Entendido. Pararam.

— bom, tem um dia muito ocupado à sua frente, senhor Porter. Deu-lhe um beijo na cara e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Arrisquei a vida por essas coisas. Não lixes tudo agora.

A seguir, deu meia-volta e afastou-se ao longo do Embankment.

O primeiro problema com que Horst Neumann se confrontou nessa manhã foi descobrir alguém que lhe fizesse cópias das chaves de Peter Jordan. Nenhuma loja respeitável no West End faria cópias de chaves com base numa impressão. Na verdade, provavelmente chamariam todas a Polícia Metropolitana e fariam com que ele fosse preso. Precisava de ir a um bairro onde pudesse encontrar um lojista disposto a tratar do assunto pelo preço certo. Caminhou ao longo do Tamisa, atravessou a ponte de Battersea e dirigiu-se para o sul de Londres.

Neumann não demorou muito a encontrar aquilo que procurava. As montras da loja tinham sido arrasadas por uma bomba. Por isso, estavam entaipadas com contraplacado. Neumann entrou. Não havia

clientes, apenas um homem mais velho ao balcão, com uma camisa azul grossa e um avental sujo.

Neumann perguntou:

— Faz chaves, amigo?

O homem da loja inclinou a cabeça na direção do afiador.

Neumann tirou o barro do bolso.

— Sabe fazer chaves a partir de uma coisa destas?

— Sim, mas vai sair-lhe caro.

— E que tal dez xelins?

O homem sorriu; já só tinha metade dos dentes.

— Acho que é música para os meus ouvidos — respondeu ele, pegando no barro. — Estão prontas amanhã ao meio-dia.

— Preciso delas já.

O homem estava outra vez com o seu sorriso horrendo estampado na cara.

— bom, nesse caso, vai custar-lhe outros dez xelins.

Neumann colocou o dinheiro em cima do balcão.

— Fico aqui à espera enquanto as faz, se não se importar.

— Como queira.

À tarde, a chuva parou. Neumann andou bastante. Quando não estava a andar, estava a saltar de um autocarro para outro e a entrar e a sair do metro a correr. Tinha apenas recordações muito vagas de Londres de quando era criança e até gostou de passar o dia na cidade. Era um alívio em relação à modorra de Hampton Sands. Não havia lá nada para fazer, exceto correr na praia, ler e ajudar Sean com as ovelhas nos prados. Quando saiu da loja de ferragens, enfiou as cópias das chaves no bolso e atravessou de novo a ponte de Battersea. Pegou no barro de Catherine, amassou-o de forma a apagar as impressões e atirou-o para o Tamisa. Penetrou na superfície com um sonoro bloop e desapareceu no fundo das águas agitadas.

Deambulou por Chelsea e Kensington e acabou por ir dar a Earl's Court. Colocou a chaves num envelope e enfiou o envelope na caixa de correio de Catherine. A seguir, almoçou num café apinhado, numa mesa junto à janela. Sentada a duas mesas de distância dele, uma mulher fez-lhe olhinhos durante o almoço, mas Neumann trouxera o jornal para servir de proteção e só ocasionalmente desviou os olhos para lhe sorrir. Era tentador; ela até era atraente e talvez fosse uma maneira agradável de passar o resto da tarde e sair das ruas por um bocado. Mas não era seguro. Pagou a conta, piscou-lhe o olho e foi-se embora.

Quinze minutos mais tarde, parou junto a uma cabine telefónica, levantou o auscultador e marcou um número local. Quem atendeu foi um homem que falava inglês com um sotaque carregado. Delicadamente, Neumann perguntou pelo senhor Smythe; o homem

que estava do outro lado da linha protestou com um pouco de veemência a mais e respondeu que naquele número não havia ninguém chamado Smythe. Depois, desligou o telefone de forma violenta. Neumann sorriu e voltou a pousar o auscultador. A troca de palavras correspondia a um código rudimentar. O homem era o correio português, Carlos Hernandez. Quando Neumann telefonasse a perguntar por alguém cujo nome começasse por S, o correio devia dirigir-se a Cavendish Square para recolher o material.

Ainda tinha uma hora para matar. Entrou em Kensington, contornando o Hyde Park, e chegou a Marble Arch. As nuvens adensaram-se e começou a chover — de início, apenas umas gotas frias e gordas, depois uma carga de água constante. Abrigou-se dentro de uma livraria, numa pequena rua junto a Portman Square. Deu uma vista de olhos por uns instantes, declinando a ajuda da rapariga de cabelos escuros que se encontrava no cimo de uma escada a encher de livros as estantes mais altas. Escolheu um livro de T. S. Eliot e um novo romance de Graham Greene, intitulado O Ministério do Medo. Enquanto Neumann pagava, a rapariga professou o seu amor por Eliot e convidou-o para tomar café quando fizesse a sua pausa às quatro da tarde. Ele declinou a oferta, mas disse que passava frequentemente por aquela zona e que voltaria um dia destes. A rapariga sorriu, enfiou os livros num saco de papel castanho e respondeu que gostaria que ele o fizesse. Neumann saiu da livraria, acompanhado pelo tinido da campainhazinha presa ao topo da porta.

Chegou a Cavendish Square. A chuva abrandou, passando a chuviscos gelados. Estava demasiado frio para esperar num banco da praça, por isso deu várias voltas, sem tirar os olhos da porta no canto sudoeste.

Passados vinte minutos daquilo, o gordo chegou.

Usava um fato cinzento, um sobretudo cinzento, um chapéu de coco e comportava-se como se estivesse prestes a roubar um banco. Introduziu a chave na porta como se estivesse a penetrar em território inimigo e entrou. Quando a porta se fechou, Neumann atravessou a praça, tirou o rolo do bolso do jaquetão e enfiou-o pela ranhura para o correio. Do outro lado da porta, ouviu o gordo a grunhir quando se baixou para o apanhar. Neumann afastou-se e continuou o seu passeio pela praça, mais uma vez sem tirar os olhos da casa. O diplomata português saiu de lá cinco minutos depois, apanhou um táxi passado um momento e desapareceu.

Neumann olhou para o relógio. Faltava mais de uma hora para o seu comboio. Pensou em regressar à livraria por causa da rapariga.

A ideia de um café e de uma conversa inteligente seduzia-o. Mas até as conversas inocentes eram um potencial campo de minas. Falar a língua e compreender a cultura eram duas coisas diferentes. Poderia

fazer um comentário estúpido e ela poderia desconfiar. Não justificava o risco.

Abandonou Cavendish Square, com os livros debaixo do braço, e apanhou o metro em direção a leste, para Liverpool Street, onde embarcou no comboio do final da tarde para Hunstanton.

TERCEIRA PARTE

TRINTA E UM

BERLIM

— Chama-se Operação Mulberry — começou por dizer o almirante Canaris — e, neste momento, não fazemos a mais pequena ideia do que se trata.

Por breves instantes, um sorriso surgiu nos lábios do Brigadeführer Walter Schellenberg, evaporando-se depois tão depressa como uma chuvada de verão. Canaris não contara a novidade a Schellenberg durante o passeio a cavalo que tinham dado pelo Tiergarten ao início da manhã. Vislumbrando naquele momento a reação de Schellenberg, não sentiu remorsos por não a ter revelado logo ao jovem general. Os encontros de ambos a cavalo obedeciam a uma tácita regra de base: esperava-se que cada um deles os utilizasse para seu próprio benefício. Canaris decidia se devia partilhar ou não informações baseando-se numa fórmula simples — ajudava a sua causa? Mentir abertamente era malvisto. Mentir levava a represálias e as represálias estragavam a atmosfera afável dos passeios.

— Há poucos dias, a Luftwaffe tirou estas fotografias de vigilância — explicou Canaris, pousando duas fotos ampliadas na mesa de café baixa e elegante em redor da qual se encontravam sentados. Isto é Selsey Bill, no sul de Inglaterra. Temos quase a certeza de que estes locais de construção estão relacionados com o projeto — anunciou Canaris, servindo-se de uma caneta prateada como ponteiro. Obviamente, qualquer coisa muito grande está a ser construída à pressa aqui. Há uma imensa quantidade de cimento e vigas de aço armazenados. Nesta fotografia, vê-se um andaime.

— Impressionante, almirante Canaris — disse Hitler. — E que mais é que sabem?

— Sabemos que vários dos melhores engenheiros britânicos e americanos estão a trabalhar no projeto. E também sabemos que o general Eisenhower está pessoalmente envolvido. Infelizmente, faltam-nos uma peça muito importante do quebra-cabeças... o objetivo das estruturas de betão gigantes. — Canaris parou por um momento e, a seguir, rematou: — Se descobirmos essa peça que nos falta, é bem possível que sejamos capazes de resolver o quebra-cabeças da invasão aliada.

Hitler estava visivelmente impressionado com o relatório de Canaris.

— Só tenho mais uma pergunta, Herr Admirai — disse Hitler.

— A origem das suas informações... qual é?

Canaris hesitou. O rosto de Himmler crispou-se e, a seguir, o Reichsführer atirou:

— com certeza que não acha, almirante Canaris, que alguma coisa que seja aqui dita hoje de manhã vá sair desta sala, pois não?

— Claro que não, Herr Reichsführer. Um dos nossos agentes em Londres está a receber as informações diretamente de um dos membros de posição mais elevada da equipa Mulberry. O homem que está na origem da fuga de informação não sabe que se encontra exposto. De acordo com as fontes do Brigadeführer Schellenberg, os serviços secretos britânicos têm conhecimento da nossa operação, mas ainda não a conseguiram parar.

— Isso é verdade — confirmou Schellenberg. — Uma fonte muito fidedigna informou-me que o MI5 está a funcionar em modo de crise.

— Muito bem, muito bem. Como é agradável ver o SD e a Abwehr a trabalharem em conjunto, para variar, em vez de andarem a atirar-se um ao outro. Talvez seja um sinal de coisas boas para o futuro.

Hider voltou-se para Canaris.

— Talvez o Brigadeführer Schellenberg o possa ajudar a desvendar o mistério dessas caixas de betão.

Schellenberg sorriu e disse:

— Precisamente aquilo em que eu estava a pensar.

TRINTA E DOIS

LONDRES

Catherine Blake atirou pão seco aos pombos em Trafalgar Square. Um sítio estúpido para um encontro, pensou. Mas Vogel gostava da imagem dos seus agentes a reunirem-se tão perto do centro do poder britânico. Tinha entrado pelo sul, depois de atravessar o St. James's Park e percorrer a Pall Mall. Neumann devia vir do norte, de St. Martin's Place e do Soho. Catherine, como sempre, estava um minuto ou dois adiantada. Queria ver se era seguida antes de decidir se prosseguiria ou não com o encontro. A praça brilhava com a chuva matinal. Um vento frio tinha-se levantado do rio e uivava através de um monte de sacos de areia. Um letreiro que indicava o abrigo mais próximo oscilava com a ventania, como se estivesse confuso em relação à direção.

Catherine olhou para norte, no sentido de St. Martin's Place, no momento em que Neumann entrou na praça. Observou-o a aproximar-se. Atrás dele, uma densa multidão de peões acotovelava-se ao longo do passeio. Algumas pessoas continuavam a seguir por St. Martin's Place, outras cortavam e, tal como Neumann, atravessavam a praça. Não havia maneira de saber ao certo se ele estava ou não a ser seguido. Espalhou o resto do pão pelo chão e levantou-se. Os pássaros assustaram-se, desataram a voar e viraram-se para o rio como um esquadrão de caças Spitfire.

Catherine começou a caminhar na direção de Neumann. Estava especialmente ansiosa por entregar aquele rolo. Na noite anterior, Jordan tinha trazido para casa uma agenda diferente — uma que ela nunca tinha visto — e guardara-a no cofre. Nessa manhã, depois de ele sair para o gabinete em Grosvenor Square, ela regressou à casa. Quando a empregada doméstica de Jordan se foi embora, Catherine entrou discretamente, servindo-se das suas chaves, e fotografou a agenda inteira.

Neumann já estava a poucos metros de distância. Catherine tinha colocado o rolo num pequeno envelope. Tirou o envelope do bolso e preparou-se para o passar para a mão de Neumann e continuar a andar. Mas Neumann parou à frente dela, pegou no envelope e entregou-lhe um papel.

— Uma mensagem do nosso amigo — disse, desaparecendo em seguida na multidão.

Leu a mensagem de Vogel enquanto bebia um café fraco num estabelecimento em Leicester Square. Leu-a novamente para ter a certeza de que a compreendia. Quando terminou, dobrou o bilhete e enfiou-o na carteira. Iria queimá-lo quando chegasse ao seu apartamento. Deixou umas moedas em cima da mesa e foi-se embora.

Vogel começava a mensagem com um elogio ao trabalho que Catherine tinha realizado até então. Mas dizia que eram necessárias informações mais específicas. E também queria um relatório escrito de todos os passos que ela tinha dado até esse ponto: como fizera a abordagem, como conseguira acesso aos documentos pessoais de Jordan, tudo o que ele lhe tinha dito. Catherine achou que sabia o que isso queria dizer. Estava a fornecer informações de qualidade superior e Vogel queria assegurar-se de que a fonte não se encontrava comprometida.

Seguiu para norte, subindo Charing Cross Road. De vez em quando, parava a fim de olhar para as montras das lojas e verificar se era seguida. Virou para Oxford Street e pôs-se na fila para apanhar um autocarro. O autocarro apareceu de imediato e ela entrou e sentou-se no andar de cima, perto da parte de trás.

Já suspeitava que o material que Jordan trazia para casa não traçasse o cenário completo do seu trabalho. Fazia sentido, com base no relatório de vigilância que os Pope lhe tinham dado, Jordan alternava entre dois gabinetes durante o dia, um no quartel-general do SHAEF, em Grosvenor Square, e outro, mais pequeno, ali perto. Sempre que transportava material de um gabinete para o outro, levava-o algemado ao pulso.

Catherine precisava de ver esse material.

Mas como?

Pensou na hipótese de se cruzarem uma segunda vez, um encontro accidental em Grosvenor Square. Ela podia convencê-lo a ir para casa dele e passarem a tarde na cama. Mas era muito arriscado. Jordan poderia ficar desconfiado com mais um encontro fortuito. Não havia garantia de que fosse para casa com ela. E, mesmo que fosse, seria quase impossível ela escapular-se da cama a meio da tarde e fotografar o que ele tinha dentro da pasta. Catherine recordou-se de uma coisa que Vogel lhe tinha dito durante o seu treino: Quando os que estão sentados à secretária se tornam descuidados, os agentes de campo morrem. Decidiu que iria ser paciente e esperar. Se continuasse a gozar da confiança de Peter Jordan, o segredo do seu trabalho apareceria na pasta dele mais cedo ou mais tarde. Daria a Vogel o relatório escrito que ele queria, mas não iria mudar de tática por enquanto.

Catherine olhou pela janela. Deu-se conta de que não sabia onde estava — ainda em Oxford Street, mas em que parte de Oxford Street? Tinha estado tão concentrada a pensar em Vogel e em Jordan que, por momentos, perdera a noção de onde se encontrava. O autocarro atravessou Oxford Circus e ela descansou. Foi então que reparou na mulher que a observava. Estava sentada à frente de Catherine e olhava fixamente para ela. Catherine desviou a cabeça e fingiu estar a olhar pela janela, mas a mulher continuava a fitá-la. O que se passa com o raio da mulher? Porque está a olhar para mim desta maneira? Olhou de relance para a cara da mulher. Havia qualquer coisa nela que lhe era vagamente familiar.

O autocarro estava a aproximar-se da paragem seguinte. Catherine começou a pegar nas suas coisas. Não iria arriscar. Iria sair imediatamente. O autocarro abrandou e parou junto à berma. Catherine preparou-se para se levantar. Foi então que a mulher, esticando a mão, lhe tocou no braço e perguntou:

— Anna, querida. És mesmo tu?

O sonho recorrente começou depois de ela matar Beatrice Pymm. Começa sempre da mesma maneira. Ela está a brincar no chão do quarto de vestir da mãe. A. mãe, sentada diante do seu toucador, aplica pó de arroz num rosto perfeito. O papá entra no quarto. Traz um smoking branco, com medalhas penduradas ao peito. Debruça-se, beija a mãe no pescoço e di-lhe que precisam de se despachar se não vão chegar atrasados. Kurt Vogel é o seguinte a aparecer. Traz um fato escuro, como um cangalheiro, e tem a cara de um lobo. Tem as coisas dela nas mãos: uma linda faca de ponta e mola prateada com diamantes e rubis em forma de suástica no cabo, uma pistola Mauser com silenciador atarraxado ao cano, uma mala com um rádio lá dentro.

— Despacha-te — sussurra-lhe. — Não podemos chegar atrasados. O Fiihrer está extremamente ansioso por te conhecer.

Ela atravessa Berlim numa carruagem puxada por cavalos. Vogel, o lobo, segue logo atrás deles, com passos largos e rápidos. A festa é como uma nuvem iluminada por velas. Mulheres lindas dançam com homens lindos. Hitler está a dissertar no centro da sala. Vogel encoraja-a a ir falar com o Fiihrer. Ela atravessa a multidão resplandecente e repara que está toda a gente a olhar para ela. Acha que é por ser linda, mas, passado um momento, já toda a gente parou de falar, a banda já parou de tocar e estão todos a fitá-la.

— Você não é uma rapariguinha! Você é uma espia ao serviço da Abwehr!

— Não, não sou!

— É claro que é! É por isso que tem uma faca de ponta e mola e esse rádio!

— Não! Não é verdade! E é então que Hitler diz:

— Foi você que matou aquela pobre mulher em Suffolk... Beatrice Pym.

— Não é verdade! Não é verdade!

— Prendam-na! Enforcem-na!

Está toda a gente a rir-se dela. De repente, fica nua e eles riem-se ainda mais. Ela volta-se para Vogel afim de lhe pedir ajuda, mas ele já fugiu, abandonando-a.

E é então que ela grita e se endireita subitamente na cama, a suar em bica, e diz a si própria que foi apenas um sonho. Apenas o raio de um sonho parvo.

Catherine Blake apanhou um táxi para Marble Arch. O episódio no autocarro deixara-a bastante abalada. Repreendeu-se a si mesma por não ter lidado melhor com aquilo. Tinha saído do autocarro a correr, sobressaltada, depois de a mulher a ter chamado pelo seu nome verdadeiro. Devia ter ficado sentada e explicado calmamente à mulher que estava enganada. Foi um erro de cálculo terrível. Várias pessoas no autocarro tinham-lhe visto a cara. Era o seu pior pesadelo.

Aproveitou a viagem de táxi para se acalmar e ponderar bem o que se tinha passado. Sabia que era sempre uma possibilidade remota — a possibilidade de se cruzar com alguém que a reconhecesse. Tinha vivido em Londres durante dois anos, após a morte da mãe, quando o pai foi destacado para a embaixada alemã. Tinha estado numa escola inglesa para raparigas, mas não tinha feito amigas chegadas. Tinha voltado ao país uma única vez depois disso — com Maria Romero, numas curtas férias em 1935. Tinham ficado em casa de amigos de Maria e conhecido muitos outros jovens ricos em festas, restaurantes e cinemas. Tinha tido uma breve relação amorosa com um rapaz inglês de cujo nome não se conseguia lembrar. Vogel decidira que era um risco aceitável. As probabilidades de se cruzar realmente com alguém que conhecesse eram remotas. Se isso acontecesse, a sua reação deveria ser sempre a mesma: Peço desculpa, mas deve ter-me confundido com outra pessoa. Durante seis anos, não tinha acontecido. Tinha-se tornado descuidada. Quando acabou por acontecer, entrou em pânico.

Lembrou-se por fim de quem era a mulher. Chamava-se Rose Morely e tinha sido cozinheira na casa do pai em Londres. Catherine mal se recordava dela — apenas que cozinhasse bastante mal e que servia a carne demasiado passada. Catherine tinha tido muito pouco contacto com a mulher. Era espantoso como ela a tinha reconhecido.

Havia duas hipóteses: ignorar aquilo e fazer de conta que nunca tinha acontecido ou investigar e tentar determinar a dimensão dos danos.

Catherine escolheu a segunda opção.

Pagou ao taxista em Marble Arch e saiu do táxi. O crepúsculo estava a dissipar-se rapidamente no blackout. Várias carreiras de autocarro convergiam em Marble Arch, incluindo o autocarro de que ela tinha acabado de fugir. com sorte, Rose Morely sairia ali para apanhar outro autocarro. O autocarro onde iria virar para Park Lane, em direção a Hyde Park Corner. Se Rose continuasse no autocarro, Catherine iria tentar entrar sem que ela notasse.

O autocarro aproximou-se. Rose Morely ainda estava sentada no mesmo lugar. Quando o autocarro começou a abrandar, levantou-se. Catherine tinha acertado. O autocarro parou. Rose saiu pela porta de trás.

Catherine avançou e perguntou:

— A senhora é Rose Morely, não é? A boca da mulher abriu-se de espanto.

— Sim... e tu ar a Anna. Eu sabia que eras tu. Só podia ser. Não mudaste nada desde que eras rapariguinha. Mas como é que chegaste aqui tão...

— Quando percebi que era a Rose, segui-a num táxi — disse Catherine, interrompendo-a.

O som do seu nome verdadeiro, dito no meio de uma multidão de gente, fê-la estremecer. Pegou no braço de Rose Morely e encaminhou-se para a escuridão do Hyde Park.

— Vamos dar uma volta — disse Catherine. -Já passou tanto tempo, Rose.

Nessa noite, Catherine escreveu à máquina o relatório para Vogel. Fotografou-o, queimou-o no lavatório da casa de banho e, a seguir, queimou a fita da máquina, tal como Vogel lhe ensinara. Levantou os olhos e deparou com o seu reflexo no espelho. Desviou o olhar. O lavatório estava preto devido à tinta e às cinzas. Os dedos dela também estavam pretos, tal como as mãos.

Catherine Blake — espia.

Pegou no sabão e começou a esfregá-lo nas mãos.

Não foi uma decisão difícil. Foi pior do que ela podia ter imaginado. Emigrei para Inglaterra antes da guerra, tinha explicado enquanto caminhavam pelo trilho, na escuridão que ia aumentando. Não conseguia suportar a ideia de continuar a viver sob o domínio de Hitler. Eram verdadeiramente horrorosas as coisas que ele andava a fazer, especialmente aos judeus.

Catherine Blake — mentirosa.

Devem ter-te feito passar um mau bocado.

O que quer dier com isso?

As autoridades, a polícia. Um sussurro: os serviços secretos militares.

Não, não, não foi nada difícil.

Agora, trabalho para um homem chamado comandante Higgins. Cuido dos filhos dele. A mulher foi morta durante a Blitz coitadinha. O comandante Higgins trabalha para o Almirantado. Diz que se partiu do princípio de que todas as pessoas que entraram no país antes da guerra eram espiões alemães.

Ai sim?

Tenho a certeza de que o comandante Higgins vai ter interesse em saber que não foste incomodada.

Não há necessidade de estar a falar disto ao comandante Higgins, pois não, Rose?

Mas não havia como escapar. O povo britânico estava bem ciente da ameaça representada pelos espiões. Estava por todo o lado: nos jornais, na rádio, nos filmes. Rose não era parva. Iria falar do encontro ao comandante Higgins e o comandante Higgins iria telefonar para o MI5, e o MI5 infestaria o centro de Londres com agentes à procura dela. Toda a meticulosa preparação envolvida na criação do seu disfarce seria arruinada por um encontro accidental com uma empregada doméstica que tinha lido demasiados romances de espionagem.

O Hyde Park durante o blackout. Até poderia ser a Floresta de Sherwood, se não fosse o zumbido longínquo do trânsito em Bayswater Road. Elas tinham ligado as lanternas para o blackout, dois feixes estreitos de uma frágil luz amarela. Rose levava as compras na outra mão. Meu Deus, experimenta alimentar crianças com pouco mais de cem gramas de carne por semana. Tenho medo que elas acabem por ficar atrofiadas. Um arvoredor surgiu diante delas, uma mancha escura e disforme em contraste com a última luz no céu a ocidente. Tenho de me ir embora, Anna. Foi tão bom ver-te. Andam um bocadinho mais. Faz isso aqui, no meio das árvores. Ninguém vai ver. A polícia vai culpar um bandido ou refugiado qualquer. Toda a gente sabe que, com a guerra, a criminalidade de rua atingiu níveis alarmantes no West End. Leva-lhe a comida e o dinheiro. Faz com que pareça que foi um assalto que correu mal. Foi ótimo voltar a vê-la passados estes anos todos, Rose. Separaram-se no meio das árvores, com Rose a seguir para norte e Catherine para sul. Foi então que Catherine deu meia-volta e foi atrás dela. Enfiou a mão na carteira e tirou de lá a Mauser. Precisava que fosse uma morte muito rápida. Rose, esqueci-me de uma coisa. Rose parou e virou-se. Catherine ergueu a Mauser e, antes de Rose poder soltar qualquer som, deu-lhe um tiro no olho.

A maldita tinta não queria sair. Encheu as mãos de espuma mais uma vez e esfregou-as com uma escova até ficarem em carne viva. Perguntou-se por que razão não tinha vomitado desta vez. Vogel disse que seria mais fácil passado um tempo. A escova eliminou a tinta. Ela

olhou de novo para o espelho, mas desta vez não desviou os olhos do reflexo. Catherine Blake — assassina. Catherine Blake — homicida.

TRINTA E TRÊS

LONDRES

Alfred Vicary achou que uma noite passada em casa lhe poderia fazer bem. Apetecia-lhe andar e, por isso, saiu do gabinete uma hora antes do pôr do Sol, tempo suficiente para chegar a Chelsea antes de ficar retido por causa do blackout. Estava uma bela tarde, fria mas sem chuva e com muito pouco vento. Nuvens cinzentas e inchadas, com a barriga cor-de-rosa por causa do Sol que se punha, flutuavam sobre o West End. Londres estava com vida. Observou as multidões em Parliament Square, deslumbrou-se com as armas antiaéreas em Birdcage Walk, deambulou pelos silenciosos desfiladeiros das casas georgianas de Belgravia. A sensação do ar invernoso nos pulmões era maravilhosa e obrigou-se a não fumar. Contraíra uma tosse seca igual à que tinha durante os exames finais em Cambridge e jurara que iria deixar de fumar aquelas malditas coisas quando a guerra terminasse.

Atravessou Belgrave Square e caminhou em direção a Sloane Square. O feitiço quebrou-se; estava outra vez a pensar no caso. Na verdade, nunca o abandonava. Uma vez, conseguia afastá-lo ligeiramente mais do que outras. Janeiro tinha-se transformado em fevereiro. A primavera não tardaria a vir e depois a invasão. E o peso de ser bem-sucedida ou não poderia recair única e exclusivamente nos ombros de Vicary.

Pensou na última mensagem que os decodificadores em Bletchley Park lhe tinham enviado. A mensagem fora enviada, na noite anterior, a um agente a atuar no interior do Reino Unido. A mensagem não incluía nome de código, mas Vicary partiu do princípio de que era um dos espiões que andava a perseguir. Dizia que as informações recebidas até então tinham sido boas, mas que eram precisas mais. E também pedia um relatório que explicasse como o agente tinha contactado a fonte. Vicary tentou ver um ponto positivo. Se em Berlim precisavam de mais informações, era porque não possuíam um quadro completo. E se não possuíam um quadro completo, ainda havia tempo para Vicary estancar a fuga de informações. O caso apresentava-se de tal modo desolador que ele precisava de ganhar alento graças a esse tipo de raciocínio.

Atravessou Sloane Square e embrenhou-se por Chelsea. Lembrou-

se de fins de tarde assim, há muito tempo — antes da guerra, antes do maldito blackout -, em que ia a pé para casa desde o University College com uma pasta a rebentar de livros e documentos. As suas preocupações eram bem mais simples nessa altura. Será que pus os alunos a dormir com a palestra que dei hoje? Será que vou terminar o meu próximo livro antes do fim do prazo?

Houve outra coisa que lhe ocorreu enquanto caminhava. Era o raio de um ótimo agente dos serviços secretos, independentemente do que Boothby pudesse dizer. E também se adequava a esse cargo por natureza. Não era vaidoso. Não necessitava de elogios ou louvores públicos. Contentava-se perfeitamente em labutar em segredo e guardar as suas vitórias para si mesmo. Gostava do facto de ninguém saber o que ele fazia realmente. Era dado a segredos e reservado por natureza, e ser agente dos serviços secretos apenas reforçava isso.

Pensou em Boothby: Por que razão foi buscar o dossiê de Vogel e mentiu sobre isso? Por que razão se recusou a transmitir o aviso de Vicary a Eisenhower e a Churchill? Por que razão interrogou Karl Becker, mas não divulgou as provas da existência de uma outra rede alemã? Vicary não conseguia encontrar uma explicação lógica para as ações dele. Eram como notas que Vicary não conseguia conciliar numa melodia agradável.

Chegou a casa, em Draycott Place. Abriu a porta e avançou a custo até à sala de estar às escuras, passando pelo meio do correio por abrir, acumulado há já vários dias. Pôs a hipótese de convidar Alice para jantar, mas resolveu que não tinha forças para conversas de cortesia. Encheu a banheira com água quente e deixou-se ficar de molho enquanto ouvia música sentimental na telefonia. Bebeu um copo de uísque e leu os jornais. Desde que ingressara no mundo dos serviços secretos, já não acreditava em nada do que eles diziam. Foi então que o telefone começou a tocar. Tinha de ser do gabinete, já mais ninguém se dava ao trabalho de lhe telefonar. Saiu da banheira com dificuldade e embrulhou-se no roupão. O telefone estava no escritório. Levantou o auscultador e disse:

— Sim, Harry?

— A sua conversa com Karl Becker deu-me uma ideia — lançou Harry sem preâmbulos.

Vicary estava a molhar com a água da banheira os papéis que se encontravam espalhados em cima da secretária. A empregada doméstica sabia que era proibido pensar sequer em entrar no escritório. Em consequência este era uma ilha de confusão erudita na sua de outro modo imaculada e estéril casa.

— Anna Steiner viveu dois anos em Londres com o pai diplomata, no início da década de vinte. Os diplomatas estrangeiros e ricos têm empregados: cozinheiros, mordomos, criadas.

— Tudo isso é verdade, Harry. Espero que leve a algum lado.

— Há três dias que ando a contactar todas as agências da cidade, para tentar descobrir os nomes das pessoas que trabalharam naquela casa.

— Boa ideia.

— Já tenho alguns. A maioria morreu; os outros estão velhos como a caruma. Mas havia um nome que prometia: Rose Morely. Quando era nova, trabalhou como cozinheira em casa dos Steiner. Hoje descobri que trabalha para o comandante Higgins, do Almirantado, na casa dele em Marylebone.

— bom trabalho, Harry. Marque uma reunião logo pela manhãzinha.

— Era o que eu queria fazer, mas alguém acabou de lhe dar um tiro no olho e deixou o corpo no meio do Hyde Park.

— Estou pronto daqui a cinco minutos.

— Tem um carro à espera à porta de casa.

Passados cinco minutos, Vicary saiu de casa e trancou a porta. Foi nesse momento que se apercebeu de que se tinha esquecido por completo do almoço que tinha marcado com Helen.

A motorista era uma jovem atraente, que fazia parte da Marinha Real Britânica e não disse uma palavra durante a curta viagem. Levou-o o mais próximo possível da cena do crime — a cerca de duzentos metros, no fundo de uma pequena elevação. Tinha recommençado a chover e ele pediu-lhe o chapéu de chuva emprestado. Saiu do carro e fechou a porta suavemente, como se tivesse chegado a um cemitério para um enterro. À sua frente, viu vários feixes compridos de luz branca a saltitarem para trás e para a frente, como mini-holofotes a tentarem localizar um bombardeiro Heinkel no meio do céu noturno. Um dos feixes de luz incidiu sobre si, obrigando-o a proteger os olhos do brilho intenso. A caminhada era mais longa do que calculava; a ligeira elevação mais parecia uma pequena colina. A erva era comprida e estava muito húmida. Tinha as calças encharcadas do joelho para baixo, como se tivesse acabado de atravessar a vau um riacho. Quando se aproximou, os feixes das lanternas baixaram-se como se fossem espadas. Um superintendente-chefe Qualquer Coisa agarrou-o delicadamente pelo cotovelo e acompanhou-o o resto do caminho. Teve o bom senso de não dizer o nome de Vicary.

Um oleado tinha sido estendido à pressa sobre o corpo. A chuva fizera uma poça no centro e estava a escorrer pela borda como uma catarata minúscula. Harry estava agachado junto ao crânio desfeito. Harry no seu elemento, pensou Vicary. Parecia tão descontraído e calmo a pairar sobre o cadáver que até podia estar a descansar à sombra num dia quente de verão. Vicary inspecionou a cena. O corpo tinha caído para trás e aterrado com os braços e as pernas bem

abertos, como uma criança a fazer anjos na neve. A terra em redor da cabeça estava preta do sangue. Uma mão continuava agarrada a um saco de compras de pano e, dentro do saco, Vicary viu latas de legumes e um tipo qualquer de carne embrulhado em papel do talho.

O papel estava a pingar sangue. O que anteriormente se encontrava dentro de uma carteira estava espalhado junto aos pés. Vicary não viu dinheiro no meio das coisas.

Harry reparou em Vicary ali parado, em silêncio, e foi ter com ele. Ficaram lado a lado durante um longo momento, sem nenhum deles falar, como enlutados à beira de uma sepultura, com Vicary a bater com cuidado nos bolsos à procura dos óculos em meia-lua.

— Pode ser uma coincidência — afirmou Harry -, mas a verdade é que não acredito nelas. Especialmente quando está em causa uma mulher que morreu com um bala enfiada no olho.

Harry parou de falar por uns instantes e por fim revelou emoção.

— Jesus, nunca tinha visto ninguém fazer uma coisa destas. Os bandidos de rua não dão tiros na cara das pessoas. Só os profissionais é que fazem isso.

— Quem encontrou o corpo?

— Um homem que ia a passar. Já o interrogaram. A história dele parece bater certo.

— E há quanto tempo é que está morta?

— Só há umas horas. O que significa que foi morta ao final da tarde ou ao início da noite.

— E ninguém ouviu o tiro?

— Não.

— Se calhar, a arma tinha um silenciador?

— É possível.

O superintendente aproximou-se.

— Ora, ora, Harry Dalton, o homem que resolveu o caso de Spencer Thomas.

O superintendente olhou de relance para Vicary; a seguir, o seu olhar regressou a Harry.

— Ouvi dizer que agora andavas a trabalhar para as tropas não oficiais.

Harry conseguiu esboçar um pálido sorriso.

— Olá, chefe. Vicary disse:

— vou declarar este assunto uma questão de segurança nacional a partir de agora. Amanhã de manhã, vai ter a papelada necessária em cima da sua secretária. Quero que Harry coordene a investigação. Tudo tem de passar por ele. Harry vai escrever uma declaração em seu nome. Quero que isto seja descrito como um roubo que deu para o torto. Descreva a ferida com precisão. Não se ponham a inventar em relação aos pormenores da cena do crime. Quero que a declaração

diga que a polícia anda à procura de dois refugiados de origem incerta, vistos no parque por volta da hora do homicídio. E quero que os seus homens procedam com discrição. Obrigado, superintendente. Harry, encontramos-nos logo de manhãzinha.

Harry e o superintendente ficaram a ver Vicary descer a colina a coxear e a desaparecer pela escuridão pesada dentro. O superintendente virou-se para Harry e perguntou:

— Jesus Cristo, qual é o raio do problema dele?

Harry ficou no Hyde Park até o corpo ser levado. Já passava da meia-noite. Pediu boleia a um dos polícias. Podia ter pedido um carro do departamento, mas não queria que o departamento soubesse para onde ia. Saiu de carro perto do apartamento de Grace Clarendon e fez o resto do caminho a pé. Ela tinha voltado a dar-lhe a sua antiga chave e ele entrou sem bater à porta. Grace dormia sempre como se fosse uma criança — de barriga para baixo, com os braços e as pernas esticados e um pé pálido a sair debaixo dos cobertores. Harry despiu-se sem fazer barulho, na escuridão, e tentou enfiar-se na cama sem a acordar. As molas da cama rangeram sob o seu peso. Ela despertou, rebolou e beijou-o.

— Pensei que me tinhas deixado outra vez, Harry.

— Não, foi só uma noite muito longa e muito suja. Ela apoiou-se no cotovelo.

— O que aconteceu?

Harry contou-lhe. Não havia segredos entre eles.

— É possível que ela tenha sido morta pelo agente de que andamos à procura.

— Parece que viste um fantasma.

— Foi mau. Ela levou um tiro na cara. É difícil esquecer uma coisa dessas, Grace.

— Posso fazer-te esquecer?

Ele só queria dormir. Sentia-se exausto e estar perto de um cadáver fazia-o sentir-se sempre sujo. Mas ela começou a beijá-lo, primeiro lenta e suavemente. A seguir, estava a implorar-lhe que a ajudasse a tirar a camisa de noite de flanela às flores, e foi aí que a loucura começou. Fazia sempre amor com ele como se estivesse possuída, esgadanhando e arranhando-lhe o corpo, puxando-o como se tentasse arrancar veneno de uma ferida. E quando ele penetrou nela, chorou e suplicou-lhe que nunca voltasse a deixá-la. E depois, enquanto ela dormia ao seu lado, Harry foi invadido pelo pensamento mais horrível da sua vida. Deu por si a desejar que o marido dela nunca regressasse da guerra.

TRINTA E QUATRO

LONDRES

Reuniram-se em volta de uma grande maquete do porto Mulberry na tarde seguinte, numa sala secreta do número 47 de Grosvenor Square: agentes americanos e britânicos afetos ao projeto, o chefe de gabinete de Churchill, o general Sir Hastings Ismay, e dois generais do gabinete de Eisenhower, que estavam sentados tão quietos que até podiam ser estátuas.

A reunião até começou cordialmente, mas, depois de alguns minutos, os ânimos exaltaram-se. Houve acusações e contra-acusações, incriminações de lentidão e distorção e até alguns insultos pessoais rapidamente lamentados. As estimativas de construção britânicas eram demasiado otimistas! Vocês, americanos, estão a ser demasiado impacientes, demasiado... bem, demasiado americanos, raios! Era a pressão, todos concordaram, e recomeçaram do princípio.

O resultado da invasão dependia de terem os portos artificiais prontos e operacionais pouco depois da chegada das primeiras tropas. Mas quando faltavam pouco mais de três meses até ao Dia D, o projeto Mulberry encontrava-se irremediavelmente atrasado. São o raio das Phoenixes, disse arrastadamente um dos agentes ingleses, que por acaso se encontrava destacado para uma das componentes mais bem-sucedidas do Mulberry.

Mas era verdade: os gigantescos caixões de betão, a espinha dorsal de todo o projeto, estavam perigosamente atrasados. Os problemas eram tantos que até poderia ser engraçado se a parada não fosse tão alta. Havia uma grave escassez de betão e de ferro para varas de reforço. Havia muito poucos locais de construção e não havia espaço nos portos da costa sul do Reino Unido para acostar unidades já terminadas. Havia escassez de trabalhadores qualificados e os trabalhadores que se encontravam ao serviço estavam fracos e malnutridos devido à grave escassez de comida.

Era um desastre. Sem os caixões de betão a funcionarem como paredão, todo o projeto Mulberry era impraticável. Precisavam de alguém que fosse aos locais de construção logo pela manhãzinha, para realizar uma avaliação realista das possibilidades de as Phoenixes serem finalizadas a tempo, alguém que tivesse supervisionado grandes

projetos e soubesse fazer modificações no terreno, ao nível das plantas, assim que a construção se iniciasse.

Escolheram o ex-engenheiro da Northeast Bridge Company, o comandante Peter Jordan.

TRINTA E CINCO

LONDRES

A morte a tiro no Hyde Park surgiu nas primeiras edições dos jornais vespertinos londrinos. Todos eles citavam o falso comunicado da polícia. Os investigadores estavam a tratar o homicídio como um roubo que deu para o torto; a polícia andava à procura de dois homens que se julgava serem da Europa de Leste — muito provavelmente, polacos -, vistos perto do local do homicídio pouco antes de este ter ocorrido. Harry até tinha inventado duas descrições, bastante vagas, dos suspeitos. Todos os jornais se lamentaram do aumento chocante dos crimes de rua violentos no West End que tinha acompanhado a chegada da guerra. Os artigos incluíam relatos de homens e mulheres que tinham sido espancados e roubados nos meses anteriores por bandos de refugiados à deriva, soldados bêbados e desertores.

Vicary sentiu uma ponta de culpa ao folhear os jornais sentado à secretária, ao início da tarde. Acreditava no carácter sagrado da palavra escrita e sentia-se mal por estar a enganar a imprensa e as pessoas. Mas a culpa foi facilmente suavizada. Era impossível dizer a verdade — que Rose Morely podia muito bem ter sido assassinada por uma espia alemã.

A meio da tarde, Harry Dalton e uma equipa de agentes da Polícia Metropolitana já tinham reconstituído as últimas horas de vida de Rose Morely. Harry estava no gabinete de Vicary, com as pernas compridas apoiadas em cima da secretária, fazendo com que Vicary ficasse a olhar para as solas gastas dos seus sapatos.

— Entrevistámos a criada que trabalha em casa do comandante Higgins — afirmou Harry. — Ela disse que a Rose tinha saído para ir fazer as compras. Saía quase todas as tardes, antes de as crianças chegarem da escola. O recibo que encontrámos no saco era de uma loja em Oxford Street, perto de Tottenham Court Road. Entrevistámos o homem da loja. Lembrava-se dela. Aliás, lembrava-se de quase tudo o que ela tinha comprado. Disse que ela tinha encontrado uma mulher que conhecia, também empregada doméstica. Tomaram as duas chá num café do outro lado da rua. Falámos com a empregada que lá trabalha. Ela confirmou isso.

Vicary estava a ouvir com atenção, olhando fixamente para as mãos.

— A empregada diz que Rose atravessou Oxford Street e se pôs na fila para apanhar um autocarro em direção a oeste. Coloquei homens no máximo de autocarros possível. Há cerca de meia hora, descobrimos o revisor que estava no autocarro de Rose. Lembrava-se muito bem dela. Disse que ela tinha falado por breves instantes com uma mulher muito alta e muito bonita, que saiu do autocarro com bastante pressa. Disse que quando o autocarro chegou a Marble Arch, essa mesma mulher muito alta e muito bonita estava lá à espera. Disse que ele próprio nos teria contactado se os jornais não tivessem dito que a polícia já tinha os seus suspeitos e que nenhum deles era uma mulher muito alta e muito bonita.

Uma datilógrafa assomou a cabeça à porta do gabinete e anunciou:

— Peço desculpa por interromper, mas estão a ligar para si, Harry. É um tal sargento Meadows. Diz que é urgente.

Harry atendeu o telefonema na sua secretária.

— Você é o mesmo Harry Dalton que resolveu o caso de Spencer Thomas?

— O próprio — respondeu Harry. — Em que é que o posso ajudar?

— Tem que ver com o assassinato no Hyde Park. Acho que tenho uma coisa para si.

— Desembuche, sargento. Estamos um bocadinho apertados de tempo por aqui.

— Ouvi dizer que o suspeito é uma mulher — disse Meadows.

— Alta, bonita, entre os trinta e os trinta e cinco anos.

— É possível. O que sabe?

— Ando a trabalhar no homicídio de Pope.

— Já li sobre isso — retorquiu Harry. — Mal posso acreditar que alguém teve tomates para cortar a garganta a Vernon Pope e à miúda dele.

— Na verdade, Pope foi esfaqueado no olho.

— Não me diga!

— Pois — exclamou Meadows. — E a namorada foi no coração. Uma só facada... quase cirúrgica.

Harry lembrou-se do que o patologista do Ministério do Interior tinha dito sobre o corpo de Beatrice Pymm. A última costela do lado esquerdo apresentava um rasgão. Uma possível facada no peito.

Harry disse:

— Mas os jornais...

— Não se pode confiar em tudo aquilo que se lê nos jornais, pois não, Harry? Nós alterámos as descrições dos ferimentos para filtrar os

maluquinhos. Ficaria surpreso com a quantidade de gente que quer ficar com os louros por ter matado o Vernon Pope.

— Nem por isso. Ele era um perfeito sacana. Continue, sargento.

— Uma mulher que corresponde à descrição da vossa rapariga foi vista a entrar no armazém dos Pope na noite em que o Pope foi morto. Tenho duas testemunhas.

— Meu Deus!

— E a coisa ainda melhora. Logo a seguir aos assassinatos, Robert Pope e um dos capangas dele entraram por uma pensão dentro, em Islington, à procura de uma mulher. Parece que se enganaram na morada. Desapareceram dali num ápice. Mas não sem terem dado primeiro uma tarefa à proprietária.

— E porque é que só agora é que me estão a contar isto? — disparou Harry. — Pope já foi morto há quase duas semanas!

— Porque o meu superintendente acha que eu ando à caça de gambozinhos. Está convencido de que Pope foi morto por um rival. Não quer que percamos tempo com teorias alternativas, como ele diz.

— Quem é o seu superintendente?

— Kidlington.

— Oh, Jesus! O Saint Andrew?

— O próprio. E há mais outra coisa. Interroguei Robert Pope uma vez a semana passada. Quero interrogá-lo novamente, mas ele anda escondido. Ainda não o conseguimos localizar.

— E Kidlington está aí agora?

— Estou a vê-lo sentado no gabinete a tratar do raio da papelada.

— Continue a olhar. Acho que vai gostar disto.

Harry quase ia morrendo ao correr da sua secretária para o gabinete de Vicary. Contou-lhe tudo muito rapidamente, enumerando os pormenores tão depressa que, por duas vezes, Vicary teve de lhe pedir para parar e voltar ao início. Depois de terminar, Harry marcou o número por Vicary e passou-lhe o auscultador.

— Está, superintendente-chefe Kidlington? Daqui fala Alfred Vicary, do Ministério da Guerra. Estou bem, obrigado. Mas receio precisar da sua ajuda num assunto bastante importante. Tem que ver com o homicídio de Pope. Vou declará-lo uma questão de segurança nacional a partir de agora. Um membro da minha equipa vai já seguir para o seu gabinete. Chama-se Harry Dalton. É capaz de se lembrar dele. Lembra-se? Ótimo. Gostaria de uma cópia de todo o dossiê relativo ao caso. Porquê? Lamento, mas não posso revelar mais nada, superintendente. Obrigado pela sua cooperação. Boa tarde.

Vicary desligou o telefone. Bateu com a palma da mão com força na secretária e olhou para Harry, sorrindo pela primeira vez em várias semanas.

Catherine Blake preparou a carteira para aquela noite: a faca de

ponta e mola, a pistola Mauser, a máquina fotográfica. Ia encontrar-se com Jordan para irem jantar. Partiu do princípio de que seguiriam depois para a casa dele para fazerem amor; era o que acontecia sempre. Fez chá e leu os jornais vespertinos. O assassinato de Rose Morely no Hyde Park era a principal notícia do dia. A polícia acreditava que o que estava em causa era um roubo em que as coisas tinham ficado fora de controlo e acabado num assassinato. Até tinham dois suspeitos. Tal como ela pensara. Era perfeito. Despiu-se e tomou um longo banho de imersão. Estava a enxugar o cabelo molhado com uma toalha quando o telefone tocou. Só havia uma pessoa em todo o Reino Unido que sabia o número dela — Peter Jordan. Catherine fingiu-se surpreendida por ouvir a voz dele do outro lado da linha.

— Infelizmente, vou ter de cancelar o nosso jantar. Desculpa, Catherine. É só que apareceu uma coisa muito importante.

— Eu percebo.

— Ainda estou no gabinete. Preciso de ficar cá até altas horas da noite.

— Peter, não tens obrigação de me dar nenhuma explicação.

— Eu sei, mas quero. Tenho de sair de Londres amanhã de manhã, muito cedo, e tenho uma data de trabalho para fazer antes disso.

— Não vou fingir que não fico desiludida. Tinha imensa vontade de estar contigo hoje à noite. Já não te vejo há dois dias.

— Parece um mês. Eu também te queria ver.

— E achas que está completamente fora de questão?

— Não vou chegar a casa pelo menos antes das onze da noite.

— Tudo bem.

— E vem um carro buscar-me a casa às cinco da manhã.

— — Tudo bem também.

— — Mas, Catherine...

— O que eu sugiro é o seguinte. vou ter contigo à porta da tua casa, às onze. Preparo qualquer coisa para comermos. Podes descontrair e preparar-te para a tua viagem.

— Eu preciso de dormir alguma coisa.

— E eu deixo-te dormir, prometo.

— Ultimamente, não temos andado a dormir muito.

— Eu vou fazer os possíveis por me refrear.

— Vemo-nos às onze.

— Perfeito.

A luz vermelha brilhava sobre as portas duplas de Boothby há muito tempo. Vicary estendeu a mão para carregar na campainha uma segunda vez — uma violação flagrante de um dos decretos de Boothby -, mas deteve-se. Do outro lado das pesadas portas, ouviu duas vozes a discutirem acaloradamente, uma nitidamente feminina e a outra de Boothby. Não me pode fazer isto! Era a voz da mulher, de repente

ainda mais alta e ligeiramente histérica. Em resposta, a voz de Boothby ficou mais calma, como a de um pai a dar tranquilamente um sermão ao filho que errou. Sentindo-se um idiota, Vicary encostou o ouvido a meio das duas portas. Sacana! Sacana dum raio! Era a mulher outra vez. A seguir, o som de uma porta a bater com toda a força. Subitamente, a luz passou para verde. Vicary ignorou-a. O gabinete de Sir Basil possuía uma entrada privada, utilizada apenas pelo próprio lorde e senhor e pelo diretor-geral. Mas não era assim tão privada; se Vicary aguardasse o tempo suficiente, a mulher viraria a esquina e ele poderia ver quem ela era. Ouviu o barulho dos sapatos de salto alto a baterem furiosamente no chão do corredor. Ela virou a esquina.

Era Grace Clarendon. Parou e semicerrou os olhos na direção de Vicary, em sinal de indignação. Uma lágrima correu-lhe pela face. Limpou-a com o punho e depois desapareceu pelo corredor.

O gabinete estava às escuras, à exceção do candeeiro aceso na secretária de Boothby. Tresandava ao cigarro que ardia, sem que ninguém lhe tivesse tocado, junto ao cotovelo de Boothby. Este estava a analisar um dossiê, de suspensórios e em mangas de camisa. Sem levantar os olhos, ordenou a Vicary que se sentasse apontando com a sua caneta de ouro para uma das cadeiras à frente da secretária.

— Estou a ouvir — disse.

Vicary colocou-o a par das novidades rapidamente. Contou a Boothby os resultados do dia de investigação ao assassinato de Rose Morely. Falou-lhe da possível ligação entre a agente alemã e o assassinato de Vernon Pope. Explicou-lhe que era imperativo encontrar Robert Pope e interrogá-lo. Pediu-lhe que todos os homens disponíveis o auxiliassem a procurar Pope. Boothby manteve um silêncio estóico durante o relatório de Vicary. Tinha suspenso o hábito de se mexer sem parar e parecia estar a ouvir com mais atenção do que o costume.

— bom — disse Boothby por fim -, isto são as primeiras boas notícias que temos no que diz respeito a este caso. Espero mesmo, para seu bem, que tenha razão em relação à ligação entre estes assassinatos.

Começou a perorar sobre a importância da paciência e do trabalho de campo. Vicary estava a pensar em Grace Clarendon. Sentiu-se tentado a perguntar a Boothby por que razão tinha ela acabado de estar ali no gabinete, mas não conseguia suportar a ideia de outro sermão sobre a necessidade de saber. Vicary sentia-se terrivelmente mal em relação a isso. Tinha cometido um erro de cálculo. Tinha posto a cabeça de Grace em jogo para poder ganhar uma vantagem inútil numa discussão que se encontrava perdida e Boothby tinha-a decepcionado. Perguntou-se se ela teria sido despedida ou teria escapado

apenas com uma advertência severa. Era um membro valioso da equipa, inteligente e dedicada. Esperava que Boothby a tivesse poupado.

Boothby disse:

— vou telefonar ao chefe dos vigias imediatamente e mandá-lo disponibilizar o máximo de homens que ele possa dispensar.

— Obrigado, Sir Basil — respondeu Vicary, levantando-se para se ir embora.

— Sei que tivemos as nossas discordâncias acerca deste caso, Alfred, e espero mesmo que tenha razão nisto — afirmou Boothby, hesitando antes de prosseguir. — Falei com o diretor-geral há poucos minutos.

— Ai sim? — retorquiu Vicary.

— Deu-lhe as vinte e quatro horas da praxe. Se nada disto trouxer avanços significativos, receio que seja retirado do caso.

Depois de Vicary se ter ido embora, Boothby esticou-se sobre a secretária e pegou no auscultador do seu telefone seguro. Marcou o número e aguardou que atendessem.

Como de costume, o homem do outro lado da linha não se identificou, limitando-se a dizer:

— Sim?

Boothby também não se identificou.

— Parece que o nosso amigo se está a acercar da presa dele afirmou Boothby. — O segundo ato está prestes a começar.

O homem do outro lado da linha murmurou algumas palavras e, a seguir, interrompeu a ligação.

O táxi parou à porta de casa de Peter Jordan às onze horas e cinco minutos. Catherine viu-o parado no passeio, à frente da porta, com a lanterna para o blackout na mão. Saiu do táxi e pagou ao taxista. Ouviu-se um motor a ligar algures mais à frente na rua. O táxi arrancou. Ela avançou na direção de Jordan e ouviu o rugido de um motor, o som de pneus a derraparem na rua molhada. Virou a cabeça na direção do som e viu a carrinha avançar para ela. Estava apenas a um ou dois metros de distância, demasiado perto para Catherine se poder desviar. Fechou os olhos e ficou à espera de morrer.

Na realidade, Dicky Dobbs nunca tinha matado ninguém. Claro, tinha partido a sua conta de ossos, dado cabo da sua quota-parte de caras. Até tinha estropiado um tipo que se recusara a pagar para proteção. Mas de facto nunca tinha tirado a vida a uma pessoa. Eu até devo gostar de matar a cabra. Ela tinha assassinado Vernon e. Vivie. Tinha-se escapado dele tantas vezes que já perdera a conta. E só Deus sabia o que andava a fazer com o oficial americano. O táxi virou para a rua às escuras. Dicky rodou a chave suavemente, ligando o motor da carrinha. Carregou no acelerador ligeiramente, abastecendo o motor

de combustível. A seguir, pousou a mão em cima do manipulô das mudanças e esperou. O táxi arrancou. A mulher começou a atravessar a rua. Dicky engatou a primeira e carregou a fundo no acelerador.

Uma escuridão suave e quente envolveu-a. Não tinha noção de nada, apenas de um zumbido distante nos ouvidos. Tentou abrir os olhos, mas não foi capaz. Tentou respirar, mas não foi capaz. Pensou no pai e na mãe. Pensou em Maria e sonhou que estava outra vez em Espanha, deitada em cima de uma rocha quente, junto ao riacho. Nunca tinha havido uma guerra; Kurt Vogel nunca tinha entrado na vida dela. Foi então que, lentamente, foi tomando consciência de uma dor aguda na nuca e de um enorme peso a fazer-lhe pressão no corpo. Os pulmões imploraram por oxigénio. O corpo começou a sofrer espasmos, como se quisesse vomitar, mas mesmo assim ela não conseguiu vomitar. Viu luzes brilhantes, como cometas, a deslocarem-se a toda a velocidade por um vazio negro e vasto. Estava qualquer coisa a abaná-la. Estava alguém a chamá-la. E, bastante repentinamente, percebeu que afinal não estava morta. As convulsões terminaram e conseguiu por fim respirar. A seguir, abriu os olhos e viu a cara de Peter Jordan. Catherine, consegues ouvir-me, querida? Estás bem? Meu Deus, acho que ele te tentou matar! Catherine, consegues ouvir-me?

Nem um nem outro tinham grande vontade de comer. Mas ambos queriam beber qualquer coisa. Jordan tinha uma pasta algemada ao pulso — era a primeira vez que trazia uma assim para casa. Dirigiu-se ao escritório e destrancou-o. Catherine ouviu-o ao girar a fechadura do cofre, abrir a porta pesada e depois fechá-la de novo. Saiu do escritório e foi para a sala de estar. Serviu dois copos muito grandes de brandy e levou-os para o quarto, no andar de cima.

Despiram-se devagar enquanto bebiam o brandy. Catherine estava com dificuldades em segurar o copo. As mãos tremiam-lhe, o coração ribombava-lhe no peito, sentia-se como se estivesse prestes a vomitar. Forçou-se a beber um pouco do brandy. O calor da bebida tomou conta dela e sentiu que estava a começar a descontrair.

Tinha cometido um erro de cálculo terrível. Nunca devia ter ido ter com os Pope. Devia ter pensado noutra maneira qualquer. Mas também tinha cometido um outro erro. Também devia ter matado Robert Pope e Dicky Dobbs quando teve essa oportunidade.

Jordan sentou-se na cama, ao lado dela.

— Não sei como és capaz de estar tão calma em relação a isto disse ele. — Afinal de contas, ias sendo morta ainda há pouco. Tens direito a mostrar-te um pouco abalada.

Outro erro. Devia fingir-se mais assustada. Devia pedir-lhe para a abraçar e lhe dizer que estava tudo bem. Devia agradecer-lhe por lhe ter salvado a vida. Já não estava a pensar com clareza. Estava tudo a

fugir-lhe do controlo, conseguia senti-lo. Rose Morely... os Pope... Pensou na pasta que Jordan tinha acabado de guardar no cofre. Pensou no que se encontrava lá dentro. Pensou no facto de ele a ter trazido para casa algemada ao pulso. O segredo mais importante da guerra — o segredo da invasão — podia muito bem estar ao seu alcance. E se estivesse mesmo ali? E se ela pudesse realmente roubá-lo? Queria terminar aquela missão. Já não se sentia segura. Já não se sentia capaz de viver a vida dupla que tinha vivido durante seis anos. Já não se sentia capaz de continuar com aquela relação com Peter Jordan. Já não se sentia capaz de lhe dar o seu corpo todas as noites e, a seguir, entrar sorrateiramente no escritório dele. Uma missão e depois saís. Vogel tinha-lhe prometido isso. Ia obrigá-lo a cumprir a palavra.

Catherine acabou de se despir e deitou-se na cama. Jordan continuava sentado na borda, a beber o brandy e a olhar fixamente para a escuridão.

— Chama-se a isso reserva inglesa — lançou ela. — Não nos é permitido mostrar as nossas emoções, mesmo quando somos quase atropelados durante o blackout.

— Então e quando é que vos é permitido mostrar as vossas emoções? — respondeu ele, ainda a olhar para o nada.

— Também podias ter sido morto esta noite, Peter — retorquiu ela. — Porque fizeste aquilo?

— Porque me apercebi de uma coisa quando vi aquele maldito idiota a avançar para cima de ti. Apercebi-me de que estou desesperada, louca e completamente apaixonado por ti. Estou-o desde o momento em que entraste na minha vida. Nunca pensei que alguém me fosse fazer feliz outra vez. Mas tu fizeste, Catherine. E aterroriza-me que tudo vá desaparecer novamente.

— Peter — disse ela baixinho.

Ele tinha as costas voltadas para ela. Ela levantou a mão e agarrou-lhe o ombro para o puxar para baixo, mas o corpo dele estava rígido.

— Sempre me perguntei onde é que eu estava no momento exato em que ela morreu, o que é que eu estava a fazer. Sei que parece mórbido, mas andei obcecado com isso durante imenso tempo. Foi por não ter estado lá para a ajudar. Foi por a minha mulher ter morrido sozinha, numa tempestade numa autoestrada em Long Island. Sempre me perguntei se não havia alguma coisa que eu pudesse ter feito. E quando estava ali parado hoje à noite, vi tudo aquilo a acontecer mais uma vez. Mas, desta vez, eu podia fazer alguma coisa... alguma coisa para impedir isso. E, por isso, fiz.

— Muito obrigado por me teres salvado a vida, Peter Jordan.

— Acredita, os motivos foram puramente egoístas. Esperei muito

tempo para te encontrar, Catherine Blake, e nunca mais quero voltar a estar sem ti.

— Estás a falar a sério?

— Estou a falar do fundo do coração.

Ela voltou a esticar-se para o puxar e desta vez ele não ofereceu resistência. Beijou-o várias vezes e disse:

— Meu Deus, Peter, amo-te tanto.

Ficou surpreendida pela facilidade com que a mentira lhe saiu dos lábios. De repente, ele queria imenso tê-la. Catherine deitou-se de costas e abriu as pernas para ele, e quando ele a penetrou, ela sentiu o corpo subir de encontro ao dele. Arqueou as costas na direção dele e sentiu-o bem dentro de si. Aconteceu tão subitamente que a fez arquejar. Depois de tudo terminar, deu por si a rir sem conseguir parar.

Ele encostou a cabeça ao peito dela.

— Raios, o que é assim tão engraçado?

— É só que tu me fazes muito feliz, Peter... muito feliz mesmo.

Alfred Vicary fez uma vigília agitada em St. James's Street. Às nove horas, subiu as escadas até à cantina para comer qualquer coisa. Como habitualmente, a ementa era atroz, sopa de batata e um peixe branco qualquer cozido a vapor, que pelo sabor parecia ter vindo do rio. Mas descobriu que estava morto de fome e chegou mesmo a repetir. Outro agente, um antigo advogado que parecia cronicamente de ressaca, perguntou a Vicary se queria jogar uma partida de xadrez. Vicary jogou mal e sem entusiasmo, mas ainda conseguiu ganhar a partida com uma série de jogadas bastante brilhantes no final. Tinha esperanças de que fosse uma alegoria do desfecho do caso.

Grace Clarendon passou por ele na escadaria. Agarrava com força uma pilha de ficheiros nos braços, como uma rapariguinha da escola a levar os livros. Lançou um olhar malévolo a Vicary e desceu ruidosamente para a masmorra da divisão dos Registos.

De regresso ao gabinete, tentou trabalhar — a rede Becker exigia grande atenção -, mas era escusado.

Porque não nos contou isso antes?

Contei a Boothby.

Harry telefonou a dar notícias pela primeira vez — nada.

Precisava de dormir uma hora. O barulho dos teleimpressores, outrora tão apaziguantes, mais parecia martelos pneumáticos. A cama de campanha, outrora aquilo que o livrava das insónias, transformou-se num símbolo de tudo o que havia de mal na vida dele. Durante trinta minutos, deslocou-a de um lado para o outro do gabinete, primeiro encostando-a a uma parede, depois a outra e, por fim, no centro. A senhora Blanchard, a supervisora das datilógrafas do turno da noite, assomou a cabeça dentro do gabinete de Vicary,

sobressaltada com a algazarra. Serviu um copo de uísque enorme a Vicary, mandou-o bebê-lo e voltou a colocar a cama no sítio habitual.

Harry ligou novamente — nada.

Ele pegou no telefone e marcou o número de Helen. Um homem irritado atendeu. Está? Está? Porra, quem fala? Vicary pousou o auscultador silenciosamente.

Harry deu notícias pela terceira vez — ainda nada.

Abatido, Vicary escreveu uma carta de demissão. Já leu o dossiê de Vogel?

Não.

Rasgou a carta em pedacinhos e enfiou-os no saco que usava para destruir documentos confidenciais. Deitou-se na cama, com a luz do candeeiro da secretária a incidir-lhe no rosto, e pôs-se a olhar fixamente para o teto.

Interrogou-se sobre a razão que a teria levado a envolver-se com os Pope. Seriam cúmplices dela, também envolvidos em espionagem além dos negócios do mercado negro e da proteção? Improvável, pensou. Talvez ela os tivesse contactado por causa de serviços que lhe poderiam prestar: gasolina obtida no mercado negro, armas, homens para organizar uma operação de vigilância. Vicary só poderia ter a certeza quando prendesse e interrogasse Robert Pope. Mesmo assim, planeava analisar as operações dos Pope ao microscópio. Se visse alguma coisa de que não gostasse, acusá-los-ia a todos de espionagem ao serviço da Alemanha e prendê-los-ia durante muito tempo. Mas e em relação a Rose Morely? Seria possível que tudo não passasse de uma coincidência horrível? Que Rose tivesse reconhecido Anna Steiner e pago por isso com a vida? Muito possível, pensou Vicary. Mas iria pressupor o pior dos cenários — que, na verdade, Rose Morely também era uma agente. Iria efetuar uma investigação minuciosa ao passado dela antes de dar o seu assassinato por encerrado.

Olhou para o relógio: uma da manhã. Pegou no telefone e voltou a marcar o número. Desta vez, era a voz de Helen que estava do outro lado da linha. Era a primeira vez que a ouvia em vinte e cinco anos.

Está? Está? Quem fala, por favor? Vicary queria falar, mas não era capaz. Oh, raios partam! E a ligação foi interrompida.

Catherine destrancou a porta do escritório e fechou-a sem fazer barulho depois de entrar. Acendeu o candeeiro da secretária. Tirou a máquina fotográfica e a pistola Mauser da carteira. Pousou a pistola com cuidado em cima da secretária, com a coronha virada para si, de forma que a pudesse levantar rapidamente, pronta a disparar, caso fosse necessário. Ajoelhou-se defronte do cofre e girou a fechadura de um lado para o outro. Fez rodar o trinco e a porta abriu-se. Lá dentro, estava a pasta — fechada. Usando a sua chave, abriu-a e espreitou

para o interior.

Um livro preto encadernado, com as palavras ULTRASSECRETO só PARA BIGOT na capa.

Ela sentiu o coração começar a bater mais depressa.

Catherine levou o livro para a secretária, pousou-o e tirou uma fotografia à capa.

Abriu-o e leu a primeira página:

PROJETO PHOENIX

1) ESPECIFICAÇÕES DAS PLANTAS

2) PLANO DE CONSTRUÇÃO

3) EXECUÇÃO

Catherine pensou: Meu Deus, consegui realmente!

Fotografou essa página e virou para a seguinte.

Páginas atrás de páginas com plantas — fotografou-as a todas.

Outra página, intitulada requisitos de reboque — fotografou-a.

Ficou sem rolo. Tirou o que já tinha gasto e colocou um novo na máquina. Fotografou mais duas páginas.

Foi então que ouviu o barulho no andar de cima. Jordan a sair da cama.

Virou para a página seguinte e fotografou-a.

Catherine ouviu-o a andar pelo quarto.

Virou para a página seguinte e fotografou-a.

Ouviu a água a correr na casa de banho.

Fotografou mais duas páginas. Nunca mais voltaria a ter acesso àquele documento, sabia-o. Se lá estivesse realmente o segredo da invasão, ela tinha de continuar a trabalhar. Enquanto ia tirando fotografias, pensou no que faria se ele a apanhasse ali. Matá-lo com a Mauser. Ninguém ouviria nada graças ao silenciador. Poderia acabar de fotografar os documentos, ir-se embora, seguir para Hampton Sands, encontrar Neumann, avisar o submarino. Continua a trabalhar... E o que aconteceria quando as forças de contraespionagem do SHAEF encontrassem o corpo de um oficial que sabia o segredo da invasão? Lançariam de imediato uma investigação. Descobririam que ele tinha sido visto com uma mulher. Iriam procurar a mulher e, ao não conseguirem localizá-la, iriam concluir que ela era uma agente. Iriam concluir também que os documentos dentro do cofre dele tinham sido fotografados; que o segredo da invasão se encontrava comprometido. Ela pensou: Não entres aqui, Peter Jordan. Para teu bem e para o meu.

Ouviu o barulho do autoclismo a funcionar.

Só mais umas páginas. Fotografou-as depressa. Feito! Fechou o dossiê, guardou-o novamente na pasta e voltou a colocá-la no cofre. Fechou a porta sem fazer barulho e rodou a chave. Pegou na Mauser, engatilhou-a e apagou a luz. Abriu a porta e escapuliu-se para o

corredor. Jordan ainda estava lá em cima.

Pensa depressa, Catherine!

Atravessou o corredor e abriu a porta da sala de estar. Guardou a Mauser na carteira e pousou-a no chão. Acendeu a luz e dirigiu-se para o carrinho das bebidas. Acalma-te. Respira fundo. Pegou num copo e estava a enchê-lo de brandy quando Peter Jordan entrou na sala.

Harry Dalton estava à espera à porta do armazém dos Pope numa carrinha de vigilância do departamento. Tinha dois homens consigo. O sargento Meadows, da Polícia Metropolitana, e um vigia chamado Clive Roach. Harry estava sentado à frente, no banco do passageiro, com Roach ao volante. Meadows estava a aproveitar para dormir uns minutos no banco de trás.

Amanhecia. Tinha sido uma noite longa e horrivelmente aborrecida. Harry sentia-se exausto, mas sempre que tentava dormir via uma de duas visões distintas: Rose Morely caída no Hyde Park, morta, e a cara de Grace Clarendon enquanto faziam amor. Queria enfiar-se na cama dela e dormir sem parar. Queria abraçá-la e nunca mais a largar. Estava outra vez enfeitiçado por ela.

As visões de Grace foram interrompidas pelo ruído de uma carrinha a encostar em frente do armazém. Um homem alto e forte saiu da carrinha, do lado do condutor. Mesmo à fraca luz matinal, Harry conseguiu perceber quem era.

— Conhece-o? — perguntou Clive Roach. Harry respondeu:

— Sim. Chama-se Dicky Dobbs.

— Tem ar de ser lixado.

— É o capanga principal do Pope, o tipo que lhe faz os trabalhinhos.

— Se eu andasse fugido, acho que o ia querer por perto para me proteger.

— Tem razão — concordou Harry. — Acorde a Bela Adormecida aí atrás.

Dobbs destrancou a porta mais pequena do portão e entrou no armazém. Passado um momento, a porta principal começou a subir. Dobbs voltou a sair e a entrar na carrinha.

Roach ligou o motor no momento em que Meadows se sentava.

Dobbs enfiou a carrinha no armazém.

Roach carregou no acelerador a fundo e a carrinha avançou em grande velocidade, entrando no armazém antes de Dobbs poder fechar a porta outra vez.

Harry saltou da carrinha.

Dobbs gritou:

— Mas o que pensam que estão a fazer, foda-se? Meadows ripostou:

— Vira-te de costas, põe as mãos no ar e cala-te, caralho! Harry deu um passo em frente e abriu a porta de trás da carrinha com força. Robert Pope estava sentado no chão. Olhou para cima, sorriu e disse:

— Ora, ora, o meu velho amigo Harry Dalton.

Catherine Blake apanhou um táxi para o seu apartamento. Era cedo, pouco depois do amanhecer, e o céu apresentava um monótono tom cinzento-madrepérola. Ela tinha seis horas antes de se encontrar com Horst Neumann em Hampstead Heath. Lavou a cara e o pescoço e mudou de roupa, vestindo uma camisa de dormir e um roupão. Precisava desesperadamente de dormir umas horas, mas tinha de fazer uma coisa primeiro.

Naquela noite, tinha sido por um triz. Se Jordan tivesse descido as escadas uns segundos antes, teria sido obrigada a matá-lo. Disse-lhe que não tinha conseguido dormir — que estava perturbada por quase ter sido morta e que achou que um copo de brandy a ajudaria a acalmar os nervos. Ele pareceu aceitar a desculpa dela para ter saído da cama a meio da noite, mas ela duvidava que a fosse engolir duas vezes.

Foi para a sala de estar e sentou-se à mesa de escrever. Abriu a gaveta e tirou uma única folha de papel e uma caneta. Escreveu três palavras na folha: Tira-me já daqui! Pousou a folha em cima da secretária e ajustou o candeeiro para que a luz ficasse num ângulo mais adequado. Tirou a máquina da carteira e encostou-a ao olho. Pôs a mão esquerda ao lado da folha. Vogel iria reconhecê-la; tinha uma cicatriz no polegar, no sítio onde se tinha cortado durante uma das malditas aulas em que ele lhe ensinava a matar em silêncio. Fotografou a mão e o bilhete duas vezes e, a seguir, queimou o bilhete no lavatório da casa de banho.

TRINTA E SEIS

LONDRES

Harry Dalton pensou: Mais um minuto desta treta e vou algemar o Pope a uma cadeira e desfazer-lhe a cara toda. Estavam num pequeno gabinete envidraçado, no rés do chão do armazém. Pope encontrava-se sentado numa desconfortável cadeira de madeira, com Harry a andar de um lado para o outro como um gato selvagem enjaulado. Vicary tinha-se instalado discretamente nas sombras e parecia estar a ouvir uma música diferente. Harry e Vicary não tinham revelado a sua verdadeira ligação; para Pope, eram apenas dois agentes da Polícia Metropolitana. Há já uma hora que Pope negava em absoluto conhecer a mulher cuja fotografia Harry não parava de agitar à frente dele. O rosto de Pope manteve-se entediado, tranquilo e insolente, a expressão de um homem que tinha quebrado a lei durante a vida inteira sem nunca ter visto o interior de uma cela de prisão. Harry pensou: Não estou a conseguir afetá-lo. Ele está a vencer-me.

Harry disse:

— Muito bem, vamos lá tentar isto mais uma vez. Pope olhou para o relógio.

— Outra vez não, Harry. Tenho assuntos à minha espera. Harry sentiu que estava a perder o controlo.

— Nunca viste esta mulher?

— Já te disse cem vezes. Não!

— Tenho uma testemunha que diz que esta mulher entrou no vosso armazém no dia em que o teu irmão foi assassinado.

— Então a tua testemunha está enganada. Deixa-me falar com ele. Tenho a certeza que lhe conseguia fazer ver esse erro.

— Tenho a certeza que sim! Onde é que estavas quando o teu irmão foi morto?

— Num dos meus clubes. Tenho umas cem testemunhas prontas a dizer-te isso.

— E porque tens andado a evitar a polícia?

— Não tenho andado a evitar a polícia. Vocês conseguiram encontrar-me — retorquiu Pope, olhando depois para Vicary, que estava a olhar para as mãos. — Aquele nunca fala?

— Cala-te e olha para mim, Pope. Tens andado a evitar a polícia

porque sabes quem é que matou o Vernon e queres fazê-los pagar à tua própria maneira.

— Estás a dizer disparates, Harry.

— Há uma senhora muito simpática em Islington que diz que lhe entraste pela pensão dentro, duas horas depois de assassinares o Vernon, à procura de uma mulher.

— Então a tua senhora muito simpática em Islington está obviamente enganada.

— Não me venhas com tretas, Pope!

— Calma, Harry, não te enerves.

— Há vários dias que andas à procura dela e ainda não foste capaz de a encontrar. Já pensaste alguma vez como é que ela foi capaz de escapar a ti e aos teus capangas?

— — Não, nunca pensei nisso porque não sei de que raio estás a falar!

— Já pensaste alguma vez porque é que nunca foste capaz de descobrir onde é que ela mora?

— Nunca tentei porque não conheço a mulher!

Harry reparou no brilho do suor no rosto de Pope. Pensou: Estou finalmente a conseguir afetá-lo.

Vicary também deve ter reparado, já que escolheu esse momento para falar pela primeira vez.

— Não está a ser sincero connosco, senhor Pope — disse educadamente, ainda a olhar com atenção para as mãos. — A seguir, levantou os olhos e atirou: — Mas a verdade é que nós também não temos sido exatamente sinceros consigo, pois não, Harry?

Harry pensou: Um timing perfeito, Alfred. Muito bem feito. Respondeu:

— Não, Alfred, não temos sido totalmente sinceros com o nosso senhor Pope.

Pope parecia completamente confuso.

— De que raio é que vocês os dois estão a falar?

— Nós estamos ligados ao Ministério da Guerra. Lidamos com questões de segurança.

O rosto de Pope ensombrou-se.

— E o que é que o assassinato do meu irmão tem que ver com a guerra?

A voz dele tinha perdido convicção.

— vou ser sincero consigo. Sabemos que esta mulher é uma espiã alemã. E sabemos que ela vos contactou para pedir ajuda. E se não começar a falar, vamos ser forçados a tomar medidas bastante drásticas.

Pope voltou-se para Harry, como se Harry tivesse sido nomeado seu advogado.

— Não lhe posso dizer o que ele quer saber porque não sei nada.
Nunca vi essa mulher na minha vida.

Vicary pareceu desapontado.

— bom, então o senhor está preso, senhor Pope.

— E qual é o raio da acusação?

— Espionagem.

— Espionagem! Não pode fazer isso! Não tem provas nenhuma!

— Tenho as provas e o poder de que preciso para o prender e deitar fora a porra da chave — respondeu Vicary, com a voz a adquirir um tom ameaçador. — Por isso, se não quiser passar o resto da vida no raio de uma cadeia nojenta, sugiro que comece a falar!

Pope pestanejou rapidamente, olhando primeiro para Vicary e depois para Harry. Estava derrotado.

— Eu implorei ao Vernon para não aceitar o trabalho, mas ele não quis ouvir — revelou Pope. — Ele só queria ir para a cama com ela. Eu sempre soube que havia qualquer coisa de errado nela.

Vicary perguntou:

— E o que queria ela de vocês?

— Queria que seguissemos um oficial americano. Queria um relatório completo da atividade dele em Londres. Pagou-nos duzentas libras por isso. Tem-no visto muito ultimamente.

— Onde?

— Em restaurantes. Em casa dele.

— Como sabe?

— Temos andado a segui-los.

— E como é que ela disse que se chamava?

— Catherine. Sem apelido.

— E qual era o nome do oficial?

— Comandante Peter Jordan, da marinha americana.

Vicary prendeu de imediato Robert Pope e Dicky Dobbs. Não viu motivos para manter a palavra dada a um mentiroso e ladrão profissional. Além disso, não os podia ter à solta na rua. Vicary tratou do necessário para os deixar a marinar numa prisão do MI5 à saída de Londres.

Harry Dalton telefonou para os americanos, em Grosvenor Square, e perguntou se havia um oficial da marinha chamado Peter Jordan destacado para o quartel-general do SHAEF. Passados quinze minutos, ligou outra pessoa e atirou:

— Sim, quem quer saber?

Quando Harry perguntou qual era a missão de Jordan, o americano respondeu:

— Isso está acima das suas competências, amigo... das suas e das minhas.

Harry contou a Vicary essa conversa. Vicary sentiu o sangue

esvair-se-lhe da cara.

Durante noventa minutos, ninguém conseguiu encontrar Basil Boothby. Ainda era cedo e ele não tinha chegado ao gabinete. Vicary ligou-lhe para casa, em Cadogan Square, e um mordomo impertinente informou-o de que Sir Basil já tinha saído. A sua secretária alegou uma cautelosa ignorância em relação ao paradeiro de Sir Basil; esperava que aparecesse a todo o momento. Segundo os rumores, Boothby achava que os inimigos o perseguiram e mostrava-se notoriamente vago em termos de atividades pessoais. Por fim, pouco depois das nove horas, entrou no gabinete com um ar de desmesurada autossatisfação. Vicary — que não tomava banho, dormia ou mudava de roupa há praticamente dois dias — entrou com ele e comunicou-lhe a novidade.

Boothby dirigiu-se para a secretária e levantou o auscultador do telefone seguro. Marcou um número e esperou.

— Está, general Betts? Daqui fala Boothby, do número 5. Preciso que me investiguem um oficial da marinha americana chamado Peter Jordan.

Houve uma pausa. Boothby tamborilou com os dedos na secretária. Vicary bateu ao de leve com a biqueira gasta do sapato no padrão do tapete persa de Boothby.

Boothby disse:

— Sim, ainda aqui estou. Ai sim? Oh, raios, então é melhor encontrarem o general Eisenhower. Preciso de falar com ele imediatamente. vou contactar eu mesmo o gabinete do primeiro-ministro. Receio bem que tenhamos um problema bastante grave.

Boothby pousou o auscultador lentamente e olhou para Vicary, com o rosto cinzento.

Um nevoeiro gelado pairava como fumo de pólvora sobre Hampstead Heath. Sentada num banco no meio de várias faias, Catherine Blake acendeu um cigarro. Conseguia ver até várias centenas de metros, em todas as direções. Tinha a certeza de que estava sozinha. Neumann surgiu do nevoeiro, com as mãos enfiadas bem dentro dos bolsos do casaco, a andar como um homem a caminho de algum sítio. Quando se encontrava a um ou dois metros, Catherine disse:

— Quero falar contigo. Não há problema, estamos sozinhos. Ele sentou-se no banco, ao lado dela, e Catherine deu-lhe um cigarro, que ele acendeu com o dela.

Ela entregou-lhe um envelope com os dois rolos de fotografias.

— Tenho quase a certeza absoluta de que é disto que eles andam à procura — disse Catherine. — Ele trouxe-o para casa ontem à noite... um livro com os pormenores do projeto em que está a trabalhar. Tirei fotografias a tudo.

Neumann enfiou o envelope no bolso.

— Parabéns, Catherine. vou garantir que isto chega em segurança às mãos do nosso amigo da embaixada portuguesa.

— Há mais uma coisa nesse rolo — disse ela. — Pedi a Vogel para nos tirar daqui. Houve coisas que correram mal. Acho que o meu disfarce não vai aguentar muito mais tempo.

— E queres contar-me o que aconteceu?

— Quanto menos souberes, melhor, acredita em mim.

— Tu és a profissional. Eu sou só o moço de recados.

— Não te esqueças é de estar pronto para sair daqui a qualquer momento.

Ela levantou-se e foi-se embora.

— Entre e sente-se, Alfred — disse Boothby. — Receio bem que tenhamos um desastre de proporções gigantescas em mãos.

Boothby apontou para uma das cadeiras diante da secretária. Tinha acabado de entrar e ainda estava com o sobretudo de caxemira aos ombros, como se fosse uma capa. Despiu o sobretudo e entregou-o à secretária, que o fitava com a intensidade de um retriever à espera da próxima ordem.

— Café, por favor. E nada de interrupções. Obrigado.

Vicary sentou-se na cadeira com cuidado. Sentia-se irritado. Sir Basil tinha estado fora três horas. Da última vez que Vicary o tinha visto, Boothby saía apressadamente pela porta fora a murmurar qualquer coisa sobre mulberries^[10]. Esse nome de código não significava nada para Vicary. No que lhe dizia respeito, era uma árvore que dava um fruto doce. Vicary tinha passado todo esse tempo a andar de um lado para o outro do seu gabinete, interrogando-se sobre a gravidade dos danos. Mas havia outra coisa que o estava a incomodar. O caso tinha sido dele desde o início e, no entanto, era Boothby que andava a informar Eisenhower e Churchill.

A secretária entrou no gabinete de Boothby, trazendo uma bandeja com uma cafeteira de prata e chávenas de porcelana requintadas. Pousou-a cuidadosamente em cima da secretária e voltou a sair. Boothby serviu o café.

— Leite, Alfred? É verdadeiro.

— Sim, obrigado.

— O que eu estou prestes a dizer-lhe é altamente confidencial revelou Boothby. — Muito poucas pessoas sabem sequer da sua existência: uma mão-cheia dos principais organizadores da invasão e os participantes do próprio projeto. Até eu conhecia apenas o estritamente necessário. Isto é, até hoje.

Boothby enfiou a mão na pasta, tirou de lá um mapa e abriu-o sobre o tampo da secretária. Pôs os óculos, que nunca tinha usado na presença de Vicary, e serviu-se da caneta de ouro como ponteiro.

— Aqui ficam as praias da Normandia — começou por dizer, batendo ao de leve com a caneta no mapa. — E aqui fica a baía do Sena. Os organizadores da invasão concluíram que a única maneira de fazer chegar à costa um número suficiente de homens e material, com a rapidez necessária para sustentar a operação, seria através de um grande porto em pleno funcionamento. Sem isso, a invasão seria um fiasco completo.

Escutando com atenção, Vicary assentiu com a cabeça.

— Mas só há um problema com um porto... não estamos a pensar capturar nenhum — explicou Boothby. — O resultado é este.

Boothby enfiou outra vez a mão na pasta e tirou de lá outro mapa da mesma região da costa francesa, só que este tinha uma série de marcas assinalando uma estrutura ao longo da linha costeira.

— Chama-se Operação Mulberry. Estamos a construir dois portos artificiais completos aqui no Reino Unido e vamos rebocá-los pelo canal da Mancha no Dia D.

— Meu Deus — murmurou Vicary.

— Está a um passo de ser admitido numa confraria muito restrita, Alfred, preste bem atenção — anunciou Boothby, utilizando de novo a caneta como ponteiro. — Isto são bóias gigantescas de aço, que vão ser ancoradas a poucos quilómetros da linha costeira. Foram concebidas para amortecer as ondas à medida que estas avançam para a costa. Aqui, vão ser afundados uns quantos navios mercantes velhos, numa linha que servirá para criar um paredão. Essa parte da operação tem o nome de código de Gooseberry [Groselha]. Aqui temos pistas flutuantes, com testas de molhe na ponta. Os navios de carga vão atracar nas testas de molhe. O material será carregado diretamente para camiões e transportado para a costa.

— Extraordinário — exclamou Vicary.

— A espinha dorsal de todo o projeto são estas coisas, aqui, aqui e aqui — indicou Boothby, tocando com a caneta em três pontos do mapa. — O nome de código delas é Phoenix. Mas não se erguem. Afundam-se. São gigantesco caixões de betão e aço que vão ser rebocados pelo Canal e submersos em fila para criar um paredão interior. São a componente mais importante da Operação Mulberry.

Boothby hesitou um momento e, a seguir, afirmou:

— O comandante Peter Jordan foi destacado para essa operação.

— Meu Deus — murmurou Vicary.

— Mas ainda é pior, lamento dizê-lo. O Projeto Phoenix está em dificuldades. Estão a projetar construir cento e quarenta e cinco dessas estruturas. São enormes — mais de dezoito metros de altura. Algumas até têm as suas próprias instalações para as tripulações e baterias antiaéreas. Exigem quantidades imensas de betão, ferro e mão de obra altamente qualificada. Desde o início, o projeto tem sido prejudicado

pela escassez de matérias-primas e atrasos na construção.

Boothby dobrou os mapas e fechou-os na gaveta da secretária, trancando-a.

— Ontem à noite, o comandante Peter Jordan recebeu ordens para vistoriar os locais de construção no sul e realizar uma avaliação realista das possibilidades de as unidades Phoenix serem finalizadas a tempo. Saiu do número 47 de Grosvenor Square com uma pasta algemada ao pulso. Dentro dessa pasta, estão os planos para as Phoenixes.

— Meu Deus! — exclamou Vicary. — Por que raio é que ele fez isso?

— A casa onde ele está a viver aqui em Londres é da família. Tem um cofre seguro. Os serviços secretos do SHAEF inspecionaram-no e deram a sua aprovação.

Vicary pensou: Nada disto teria acontecido se Boothby tivesse transmitido o raio do meu alerta de segurança! Disse:

— Então, se a posição do comandante Jordan estiver comprometida, é possível que grande parte dos planos da Operação Mulberry tenha caído em mãos alemãs.

— Receio bem que sim — respondeu Boothby. — E há mais más notícias. A Operação Mulberry, por natureza, pode revelar o segredo da invasão. Os alemães sabem que precisamos de portos para conseguir concretizar uma invasão do continente. Estão à espera que façamos um ataque frontal a um porto para depois o reabirmos o mais depressa possível. Se descobrirem que estamos a construir um porto artificial — alguma forma de tornear os portos altamente fortificados de Calais -, podem muito bem concluir que vamos desembarcar na Normandia.

— Meu Deus! E quem diabo é o comandante Peter Jordan? Boothby voltou a enfiar a mão na pasta. Tirou de lá um dossiê pequeno e atirou-o por cima da secretária.

— Já foi o engenheiro-chefe da Northeast Bridge Company. É uma das maiores empresas americanas de construção de pontes. É considerado uma espécie de menino-prodígio. Foi destacado para a Operação Mulberry por causa da sua experiência em termos de supervisão de grandes projetos de construção.

— E onde está ele agora?

— Continua no sul, a inspecionar as obras. Esperam-no em Grosvenor Square às sete horas. Estava agendado que se reunisse com Eisenhower e Ismay às oito para os informar das suas conclusões. Quero que Alfred e Harry o vão buscar a Grosvenor Square, muito discretamente, e o levem para a casa em Richmond. Interrogamo-lo lá. Quero que seja Alfred a conduzir o interrogatório.

— Muito obrigado, Sir Basil — disse Vicary, levantando-se.

— No mínimo, vai precisar da ajuda de Jordan para avançar com a sua rede.

— É verdade — concordou Vicary. — Mas somos capazes de precisar de mais ajuda, dependendo da extensão dos danos.

— Tem alguma ideia, Alfred?

— O início de uma — respondeu Vicary, levantando-se. — Gostava de ver o interior da casa de Jordan antes de o interrogar. Alguma objeção?

— Não — retorquiu Boothby. — Mas com delicadeza, Alfred, muita delicadeza.

— Não se preocupe. vou ser discreto.

— Alguns dos vigias são especialistas nesse tipo de coisas... arrombamentos, sabe?

— Por acaso, já tenho uma pessoa em vista para esse trabalho.

Harry Dalton movimentou a fina ferramenta metálica dentro da fechadura da porta da frente da casa de Peter Jordan. Vicary estava parado, virado para a rua, a tapar Harry. Passado um momento, Vicary ouviu o ténue clique da fechadura a ceder. Como um perfeito ladrão profissional, Harry abriu a porta como se fosse o dono da casa e conduziu-os para o interior.

— Raios, é mesmo bom nisso — disse Vicary.

— Vi uma pessoa fazer isso num filme uma vez.

— Por alguma razão, não acredito nessa história.

— Sempre soube que era um tipo inteligente. Harry fechou a porta e disse:

— Limpe os pés.

Vicary abriu a porta da sala de estar e entrou nela. Percorreu com os olhos os sofás de couro, os tapetes, as fotografias de pontes nas paredes. Foi até à lareira e examinou as fotografias em molduras prateadas que se encontravam na prateleira por cima dela.

— Devia ser a mulher — disse Harry. — Era linda.

— Sim — confirmou Vicary, que tinha lido rapidamente a cópia do dossiê de serviço de Jordan e o relatório da investigação efetuada, ambos disponibilizados por Boothby. — Chamava-se Margaret Lauterbach-Jordan. Morreu pouco depois do começo da guerra, num acidente de carro em Long Island, no estado de Nova Iorque.

Atravessaram o corredor e espreitaram a sala de jantar e a cozinha. Harry experimentou abrir a porta seguinte e descobriu que estava trancada. Vicary disse:

— Abra-a.

Harry ajoelhou-se e enfiou a ferramenta na fechadura, movimentando-a. Passado um momento, rodou o trinco e entraram. Estava mobilado como um gabinete de trabalho, sem dúvida para um homem: uma secretária de madeira escura, uma cadeira de couro de

ótima qualidade e, no que era uma característica singular que dizia muito acerca do seu dono, um estirador com banco, que um engenheiro ou arquiteto poderia utilizar. Vicary acendeu o candeeiro da secretária e comentou:

— Que sítio perfeito para fotografar documentos.

O cofre ficava ao lado da secretária. Era antigo e parecia pesar pelo menos uns duzentos e muitos quilos. Vicary olhou atentamente para os pés do cofre e reparou que estavam aferrolhados ao chão. Disse:

— Vamos dar uma vista de olhos lá em cima.

Havia três quartos, dois com vista para a rua e um terceiro, maior, nos fundos da casa. Os dois quartos na parte da frente eram claramente de hóspedes. Os roupeiros estavam vazios e não havia qualquer tipo de toque pessoal. Vicary conduziu-os ao quarto de Jordan. A cama de casal não tinha sido feita, as persianas estavam levantadas e as janelas davam para um pequeno e desleixado jardim murado. Vicary abriu o roupeiro eduardiano e espreitou lá para dentro: dois uniformes da marinha americana, vários pares de calças de lã à civil, uma pilha de camisolas grossas e várias camisas cuidadosamente dobradas, com o nome de uma loja de roupa de homem em Manhattan. Fechou o roupeiro e olhou à volta do quarto. Se ela aqui tinha estado, não deixara vestígios, apenas um ténue sopro de perfume que pairava no ar e recordava a Vicary a fragrância que Helen costuma pôr.

Quem fala, por favor? O h, raios partam!

Vicary olhou para Harry e disse:

— Vá lá abaixo, abra a porta do escritório devagar, entre e feche— a novamente.

Harry voltou passados dois minutos.

— Ouviu alguma coisa?

— Nem um único som.

— Então, é possível que ela ande a entrar sorrateiramente no escritório à noite e a fotografar tudo o que ele traz para casa.

— Temos de partir desse pressuposto, sim. Verifique a casa de banho. Veja se ela deixou cá algum objeto pessoal.

Vicary ouviu Harry remexer no armário dos remédios. Ele voltou para o quarto e anunciou:

— Não há nada ali dentro que seja de uma mulher.

— Muito bem. Por agora, já vi o suficiente. , Regressaram ao andar de baixo, certificaram-se de que a porta do escritório se encontrava trancada e saíram pela porta da frente. Tinham estacionado ao virar da esquina. Quando chegaram ao passeio, Vicary olhou para a fila de casas do outro lado da rua. Voltou a baixar os olhos muito rapidamente. Poderia ter jurado que tinha visto uma cara,

numa janela às escuras, a olhar para si. A cara de um homem — olhos escuros, cabelo preto, lábios finos. Olhou para cima novamente, mas desta vez a cara já lá não estava.

Horst Neumann fazia um jogo consigo próprio para ajudar a diminuir o tédio da espera: memorizava caras. Tinha ficado bom nisso. Conseguia olhar de relance para várias caras — no comboio ou numa praça apinhada -, memorizá-las e, a seguir, passá-las em revista, como quem vê as fotografias de um álbum. Estava a passar tanto tempo a fazer de comboio o percurso entre Hunstanton e Liverpool Street que já começava a ver caras conhecidas a toda a hora. O vendedor rechonchudo que acariciava sempre a perna da namorada antes de se despedir dela com um beijo, em Cambridge, e voltar para casa para ir ter com a mulher. A solteirona que parecia estar sempre à beira de começar a chorar. A viúva de guerra que olhava sempre fixamente pela janela e, imaginava Neumann, via a cara do marido na paisagem campestre cinzenta e esverdeada que ia passando. Em Cavendish Square, conhecia toda a gente que por ali costumava andar: os moradores das casas que rodeavam a praça, as pessoas que gostavam de lá ir para se sentarem nos bancos no meio das plantas dormentes. Era uma atividade monótona, mas mantinha-lhe a mente aguçada e ajudava a passar o tempo.

O gordo apareceu às três horas — o mesmo sobretudo cinzento, o mesmo chapéu de coco e o mesmo ar nervoso de um homem decente a aventurar-se numa vida criminosa. O diplomata destrancou a porta da casa e entrou. Neumann atravessou a praça e enfiou o envelope com o rolo pela ranhura. Ouviu o grunhido familiar quando o diplomata roliço se baixou para o apanhar.

Neumann voltou para o seu sítio na praça e esperou. O diplomata saiu uns minutos mais tarde, apanhou um táxi e desapareceu. Neumann esperou uns minutos para ter a certeza de que o táxi não estava a ser seguido.

Faltavam duas horas para o comboio de Neumann. Levantou-se e começou a caminhar na direção de Portman Square. Passou pela livraria e viu a rapariga através da montra. A livraria estava vazia. Ela estava sentada ao balcão, a ler o mesmo livro de Eliot que lhe tinha vendido na semana anterior. Pareceu pressentir que alguém a estava a observar, já que levantou os olhos do livro subitamente, como se estivesse assustada. Depois reconheceu-o, sorriu e fez-lhe sinal para entrar. Neumann abriu a porta e entrou na livraria.

— Está na hora da minha pausa — disse ela. — Há um café do outro lado da rua. Não me quer fazer companhia? Chamo-me Sarah, já agora.

Neumann pensou: Oh, que raio, porque não? Respondeu:

— Gostaria muito, Sarah.

A chuva batia suavemente no tejadilho do Humber. O frio infiltrava-se dentro do carro e, por isso, viam a sua respiração quando falavam. Grosvenor Square estava invulgarmente sossegada, indistinguível no meio do blackout. Tanto quanto Vicary conseguia perceber, até podiam estar estacionados à porta do Reichstag. Um carro oficial entrou na praça discretamente, com os faróis velados pelas proteções do blackout. A rua brilhou com a chuva sob a poça de luz do veículo. Dois homens saíram dele; nenhum era Jordan. Passado um momento, um correio penetrou na escuridão de mota. Vicary pensou automaticamente na França.

Fechou os olhos para expulsar as imagens da cabeça e deu por si a ver a cara do homem na janela em Kensington. Provavelmente, não passava de um vizinho metedico, disse a si próprio. Mas havia algo que o apoquentava — o facto de o homem se encontrar a um ou dois metros do vidro, o facto de o quarto estar às escuras. Visualizou a cara: cabelo escuro, olhos escuros, boca estreita, pele clara, as feições descaracterizadas de maneira a ocultar a sua nacionalidade. Talvez alemã, talvez italiana; talvez grega ou russa. Ou inglesa.

Harry acendeu um cigarro, depois Vicary acendeu outro cigarro e, passado um momento, o banco de trás do Humber estava tão carregado de fumo que era como se estivessem sentados num banho turco. Vicary baixou o vidro da janela uns centímetros para deixar sair a nuvem. O frio entrou em catadupa e feriu-lhe o rosto.

Vicary disse:

— Nunca pensei que Harry fosse uma estrela tão grande. Todos os polícias de Londres conhecem o seu nome.

— O caso de Spencer Thomas — atirou Harry.

— Como é que o apanhou?

— O estúpido do sacana apontou tudo.

— O que quer dizer com isso?

— Queria lembrar-se dos pormenores dos assassínios, mas não confiava na memória. Por isso, tinha um diário bizarro. Descobriu-o quando lhe revistei o quarto. Ficaria surpreendido com as coisas que algumas pessoas escrevem.

Não, não ficaria, pensou Vicary, lembrando-se da carta de Helen. Provei o meu amor por ti de uma maneira que não posso fazer em relação a mais nenhum homem. Mas não estou disposta a sacrificar a relação com o meu pai em virtude de um casamento.

— Como está a Grace Clarendon? — perguntou Vicary.

Nunca tinha perguntado por ela e a pergunta não soou nada natural, como se tivesse acabado de perguntar a Harry qualquer coisa relacionada com rugby ou críquete.

Harry respondeu:

— Está ótima. Porque pergunta?

— Vi-a à porta do gabinete de Boothby na noite passada.

— Boothby pede sempre a Grace para ser ela a ir entregar-lhe os dossiês ao gabinete. Grace acha que é por ele gostar de olhar para as pernas dela. Metade do departamento acha que ela anda metida com ele.

O próprio Vicary já tinha ouvido em tempos esses rumores: Boothby tinha dormido com tudo o que se mexesse no departamento e Grace Clarendon tinha sido uma das suas conquistas preferidas.

Não mepodefaer isto! Sacana! Sacana dum raio!

Vicary tinha partido do princípio de que Boothby tinha castigado Grace por causa do dossiê de Vogel. Mas era possível que tivesse apenas ouvido uma discussão entre namorados. Decidiu que não iria dizer mais nada a Harry sobre o assunto.

O carro entrou na praça passado um momento.

A primeira imagem que Vicary teve de Jordan acompanhá-lo-ia durante muito tempo, de forma levemente irritante, como o odor de uma comida nauseabunda entranhado na roupa. Ouviu o barulho suave do carro oficial a aproximar-se e rodou a cabeça a tempo de ver Jordan passar-lhe à frente do vidro da janela. Viu-o menos de um instante, mas a cabeça dele tinha fixado a imagem de Jordan com a mesma certeza com que a película capta a luz. Viu os olhos a perscrutarem a praça, como se procurassem inimigos escondidos. Viu a linha de maxilar, tensa e resoluta, como se estivesse endurecida para uma disputa. Reparou no boné, bem enterrado sobre a testa, e no sobretudo, abotoado até ao colarinho.

O carro oficial onde Jordan seguia parou à frente do número 47. Ligaram o motor e avançaram muito rapidamente. Harry saiu do carro e foi atrás de Jordan pelo passeio.

Vicary observou o resto como uma pantomima: Harry a pedir a Jordan para o acompanhar e entrar no segundo Humber, que parecia ter-se materializado do nada, Jordan a olhar para Harry como se ele viesse do espaço.

Harry a identificar-se com a típica cortesia excessiva de um polícia londrino. Jordan a dizer-lhe muito claramente para se foder. Harry a agarrar o braço de Jordan, com um pouco de firmeza a mais, e a inclinar-se para lhe murmurar qualquer coisa ao ouvido.

A cara de Jordan a esvair-se de toda a cor.

TRINTA E SETE

RICHMOND-UPON-THAMES, INGLATERRA

A mansão vitoriana de tijolo vermelho não era visível da estrada. Ficava no ponto mais elevado do terreno, no final de uma faixa de cascalho irregular. Sozinho no banco de trás do Humber cada vez mais gelado, Vicary apagou a luz ao aproximar-se da casa. Ao longo do caminho, tinha lido tudo o que estava dentro da pasta de Jordan. Os olhos brilhavam-lhe e a cabeça latejava-lhe. Se aquele documento estava em mãos alemãs, era possível que a Abwehr o conseguisse utilizar para decifrar o segredo da invasão. Podiam utilizá-lo para espreitarem por entre a fumaça e o nevoeiro das operações e Fortitude. Podiam utilizá-lo para vencerem a guerra! Vicary imaginou o que aconteceria em Berlim depois disso. Hitler iria pôr-se a dançar em cima dos tampos das mesas, a bater com os tacões das botas militares um no outro. E tudo porque não consegui arranjar maneira de apanhar aquela maldita espia!

Vicary limpou o vidro embaciado da janela. A mansão estava às escuras, à exceção de uma única luz amarela a brilhar por cima da entrada. O MI5 tinha comprado a mansão, antes da guerra, aos parentes falidos do proprietário original. O plano tinha sido utilizá-la para reuniões e interrogatórios clandestinos e como alojamento para hóspedes confidenciais. Poucas vezes utilizada, tinha-se degradado. Os únicos vestígios de vida eram os doze carros oficiais estacionados ao acaso no caminho de entrada coberto de ervas daninhas.

Um guarda da Marinha Real surgiu da escuridão e abriu a porta do carro a Vicary. Levou-o para um corredor frio e decrépito e fê-lo passar por uma série de divisões — uma sala de estar com a mobília tapada; uma biblioteca com estantes vazias; e, por fim, por duas portas duplas que davam para uma sala grande, com vista para um terreno às escuras. Cheirava a fumo, a brandy e, levemente, a cão molhado. Uma mesa de bilhar tinha sido afastada para um canto e no seu lugar encontrava-se uma pesada mesa de carvalho para banquetes. A enorme lareira ardia com grande intensidade. Dois americanos de olhos escuros, dos serviços secretos do SHAEF, estavam sentados em silêncio, como acólitos, nas cadeiras mais perto das labaredas. Nas sombras, Basil Boothby andava de um lado para o outro lentamente.

Vicary achou o lugar que lhe cabia à mesa. Pousou a pasta de Jordan no chão, ao lado da cadeira, e começou a tirar devagar o que tinha dentro da sua. Levantou os olhos, cruzando o seu olhar com o de Boothby e assentindo com a cabeça. A seguir, olhou de novo para baixo e continuou a preparar as suas coisas. Ouviu portas a abrirem-se e os passos de duas pessoas a atravessarem o chão de madeira. Reconheceu que uma delas seria Harry e sabia que a outra só poderia ser Peter Jordan.

Passado um momento, Vicary ouviu o peso de Jordan a instalar-se na cadeira à sua frente, do outro lado da mesa. Ainda assim, não olhou para ele. Tirou o bloco de notas e um lápis amarelo da pasta e colocou-os na mesa com cuidado, como se estivesse a pôr a mesa para um membro da realeza. A seguir, tirou o dossiê de Jordan e pousou-o em cima da mesa. Sentou-se, abriu a primeira página do bloco e lambeu a ponta do lápis.

Finalmente, Vicary levantou a cabeça e fitou Peter Jordan olhos nos olhos pela primeira vez.

— Como é que a conheceu?

— Esbarrei nela durante o blackout.

— O que quer dizer com isso?

— Estava a andar pelo passeio sem uma lanterna para o blackout e chocámos um com o outro. Ela trazia um saco de compras. Espalharam-se por todo o lado.

— E onde aconteceu isso?

— Em Kensington, à porta do Vandyke Club.

— Quando?

— Há cerca de duas semanas.

— Quando, ao certo?

— Jesus, não me lembro! É capaz de ter sido numa segunda-feira.

— E a que horas?

— Por volta das seis da tarde.

— E como é que ela disse que se chamava?

— Catherine Blake.

— E já se tinha encontrado com ela antes dessa noite?

— Não.

— E já a tinha visto antes dessa noite?

— Não.

— Não a reconheceu?

— Não.

— E quanto tempo é que estive com ela nessa primeira noite?

— Menos de um minuto.

— E combinou voltar a vê-la?

— Não exatamente. Perguntei-lhe se queria tomar um copo comigo noutra ocasião. Ela disse que gostaria e depois foi-se embora.

— E deu-lhe a morada dela?
— Não.
— Um número de telefone?
— Não.
— Então como é que a iria conseguir contactar?
— Boa pergunta. Parti do princípio de que ela não me queria voltar a ver.
— E quando é que a voltou a ver de facto?
— Na noite seguinte.
— Onde?
— No bar do Savoy Hotel.
— E em que circunstâncias?
— Estava a tomar um copo com um amigo.
— E o nome do amigo?
— Shepherd Ramsey.
— E viu-a no bar?
— Sim.
— E ela foi ter à sua mesa?
— Não, fui eu ter com ela.
— E o que aconteceu a seguir?
— Ela disse que se devia ter encontrado ali com um tipo mas que ele não tinha aparecido. Perguntei se lhe podia pagar uma bebida. Ela disse que preferia ir-se embora. Por isso, fui-me embora com ela.
— E para onde foram?
— Para a minha casa.
— E o que fizeram?
— Ela fez-nos o jantar e comemos. Falámos durante um bocado e ela foi para casa.
— E fez amor com ela nessa noite?
— Ouça, eu não vou...
— Ai isso é que vai, comandante Jordan, raios! Agora, responda à pergunta! Fez amor com ela nessa noite?
— Não!
— Está a dizer-me a verdade?
— O quê?
— Perguntei-lhe se me estava a dizer a verdade.
— Claro que estou.
— Não está a pensar mentir-me durante esta noite, pois não, comandante Jordan?
— Não, não estou.
— Ótimo, já que não aconselharia isso. Assim como assim, já está metido em sarilhos suficientes. bom, vamos lá continuar.
Vicary mudou de rumo abruptamente, conduzindo Jordan para águas mais calmas. Ao longo de uma hora, fez Jordan percorrer a

história da sua vida: a infância passada no West Side de Manhattan, o curso tirado no Rensselaer Institute, o trabalho desenvolvido na Northeast Bridge Company, o casamento com a rica e linda Margaret Lauterbach e a morte da mulher num acidente de viação em Long Island, em agosto de 1939. Vicary fez as perguntas sem recurso a apontamentos e como se não soubesse as respostas, embora tivesse memorizado o dossiê de Jordan durante o caminho. Certificou-se de que controlava o ritmo e a cadência da conversa. Sempre que Jordan parecia sentir-se demasiado à vontade, Vicary fazia-o descarrilar. Durante todo esse tempo, Vicary não parou de escrever no bloco de notas. O interrogatório estava a ser gravado com microfones ocultos, mas Vicary escrevinhava como se o pequeno bloco fosse constituir o registo permanente do que se passaria naquela noite. Sempre que Jordan falava, ouviu-se o som enlouquecedor do lápis de Vicary a raspar na página. De poucos em poucos minutos, o lápis que Vicary estava a utilizar ficava gasto. Ele pedia desculpa, forçava Jordan a parar de falar e, a seguir, fazia questão de mostrar que estava à procura de um novo na pasta. De cada uma das vezes, tirava apenas um novo lápis — nunca outro a mais, apenas um. E de cada vez que o procurava, parecia demorar mais tempo. A observar encoberto pelas sombras, Harry ficou maravilhado com o desempenho de Vicary. Ele queria que Jordan o subestimasse, pensasse que era uma espécie de idiota. Harry pensou: Força, meu grande imbecil, que ele arranque-te os tomates. Vicary virou para outra página do bloco e tirou mais um lápis.

— O nome dela não é na verdade Catherine Blake. E ela não é na verdade inglesa. O nome verdadeiro dela é Anna Katarina von Steiner. Mas nunca mais me referirei a ela por esse nome. Gostaria que esquecesse que alguma vez o ouviu. As minhas razões tornar-se-ão evidentes para si mais tarde. Ela nasceu em Londres antes da Primeira Guerra Mundial, filha de mãe inglesa e de pai alemão. Regressou a Inglaterra em novembro de 1938, utilizando este passaporte falso. Reconhece a fotografia?

— É ela. Agora está diferente, mas é ela.

Presumimos que ela tenha chamado a atenção dos serviços secretos alemães devido às suas origens e capacidades linguísticas. Pensamos que foi recrutada em 1936 e enviada para um campo na Baviera, onde recebeu treino em mensagens codificadas e comunicação via rádio e lhe ensinaram a avaliar um exército e a matar. De forma a ocultar a sua entrada neste país, assassinou brutalmente uma mulher em Suffolk. E achamos que assassinou mais três pessoas.

— Isso é muito difícil de acreditar.

— Pois bem, acredite. Ela é diferente do resto. A maioria dos

espões de Canaris não passa de idiotas inúteis, mal treinados e desadequados para a espionagem. Temos os nomes todos que pertencem a essas redes desde o início da guerra. Mas achamos que Catherine Blake é uma das estrelas deles, um tipo diferente de agente. Chamamos-lhes agentes adormecidos. Ela nunca se serviu do rádio e parece que nunca participou em mais nenhuma operação. Desapareceu simplesmente na sociedade britânica e esperou até ser ativada.

— E porque é que ela me escolheu a mim?

— Permita-me que reformule a questão, comandante Jordan. Foi ela que o escolheu ou o senhor que a escolheu a ela?

— De que está a falar?

— É simples, na verdade. Quero saber porque é que anda a vender os nossos segredos aos alemães.

— Não ando!

— Quero saber porque é que nos anda a trair.

— Não ando a trair ninguém!

— Quero saber porque é que anda a servir de agente dos serviços secretos alemães.

— Isso é ridículo!

— Será? O que quer que nós pensemos? Anda envolvido com essa mulher, o principal agente alemão no Reino Unido. Leva para casa uma pasta cheia de material secreto. Porque é que fez isso? Porque é que não podia simplesmente contar-lhe o segredo da Operação Mulberry? Foi ela que lhe pediu para levar os documentos para casa para os poder fotografar?

— Não! Quer dizer...

— Foi o senhor que se ofereceu para os levar para casa?

— Não!

— bom, então porque é que andava de um lado para o outro com isto dentro da pasta?

— Porque ia sair de Londres logo de manhãzinha para inspecionar os locais de construção no sul. Vinte pessoas podem confirmar isso. A equipa de segurança que se ocupa dos funcionários inspecionou a minha casa e o cofre que tenho no escritório. Em determinadas circunstâncias, era-me permitido levar documentos secretos para casa se fossem guardados no cofre.

— bom, isso foi obviamente um enorme erro. Porque acho que tem andado a levar esses documentos para casa e a entregá-los a Catherine Blake.

— Isso não é verdade.

— Só não tenho a certeza se é um espião alemão ou se foi seduzido para fazer espionagem.

— Vá-se foder! Já estou farto disto.

— Quero saber se nos traiu em troca de sexo.

— Não!

— Quero saber se nos traiu em troca de dinheiro.

— Eu não preciso de dinheiro.

— Está em conluio com a mulher que conhece como Catherine

Blake?

— Não.

— Forneceu, consciente ou voluntariamente, segredos dos Aliados à mulher que conhece como Catherine Blake?

— Não!

— Está a trabalhar diretamente para os serviços secretos militares alemães?

— Isso é uma pergunta ridícula.

— Responda!

— Não! Raios partam, não!

— Está envolvido numa relação sexual com a mulher que conhece como Catherine Blake?

— Isso só a mim diz respeito.

— Já não, comandante. Volto a perguntar-lhe: está envolvido numa relação sexual com Catherine Blake?

— — Sim.

. E está apaixonado por Catherine Blake? Comandante, ouviu a pergunta? Comandante? Comandante Jordan, está apaixonado por Catherine Blake?

Até há umas horas, estava apaixonada pela mulher que pensava ser Catherine Blake. Não sabia que ela era uma agente alemã e não forneci voluntariamente segredos dos Aliados. Tem de acreditar em mim.

— Não tenho a certeza que acredite, comandante Jordan. Mas vamos avançar.

— Alistou-se na marinha em outubro passado.

— Correto.

— E porque não mais cedo?

— A minha mulher morreu. Não quis deixar o meu filho sozinho.

— E porque mudou de ideias?

— Porque me pediram para me alistar na marinha.

— Explique-me como é que isso foi feito.

— Dois homens entraram no meu gabinete em Manhattan. Era evidente que já tinham investigado os meus antecedentes, pessoais e profissionais. Disseram que os meus serviços eram necessários para um projeto relacionado com a invasão. Não me disseram o que era esse projeto. Pediram-me para ir para Washington e nunca mais os voltei a ver.

— E como é que se chamavam?

— Um chamava-se Leamann. Não me lembro do nome do outro homem.

— E eram os dois americanos?

— Leamann era americano. O outro era britânico.

— Mas não se lembra do nome dele?

— Não.

— E como é que ele era?

— Era alto e magro.

— bom, com isso já excluímos metade do país. E o que aconteceu quando foi para Washington?

— Depois de recebido o aval da segurança, informaram-me acerca da Operação Mulberry e mostraram-me as plantas propriamente ditas.

— E porque precisavam de si?

— Queria uma pessoa que já tivesse experiência com grandes projetos de construção. A minha empresa tinha construído algumas das maiores pontes da Costa Leste.

— E quais foram as suas primeiras impressões?

— Achei que a Mulberry era exequível em termos técnicos, mas o plano de construção pareceu-me ridículo... de longe, demasiado otimista. Percebi logo que haveria atrasos.

— E o que concluiu depois da inspeção que fez hoje?

— Que o projeto está perigosamente atrasado. E que as probabilidades de se conseguirem de facto terminar as Phoenixes a tempo são cerca de uma em três.

— E revelou essas conclusões a Catherine Blake?

— Por favor, não vamos voltar ao mesmo.

— Não está a responder à minha pergunta.

— Não, não revelei essas conclusões a Catherine Blake.

— E viu-a antes de o apanharmos em Grosvenor Square?

— Não, fui diretamente para o SHAEF quando voltei dos locais de construção.

Vicary enfiou a mão dentro da pasta e colocou duas fotografias em cima da mesa, uma de Robert Pope e a outra de Dicky Dobbs.

— Já tinha visto estes homens antes?

— Parecem-me vagamente familiares, mas não lhe consigo dizer onde é que os vi.

Vicary abriu o dossiê de Jordan e virou uma página.

— Fale-me da casa onde está a morar.

— O meu sogro comprou-a antes da guerra. Passava bastante tempo em Londres, em negócios e lazer, e queria ter um sítio confortável onde ficar quando estava aqui na cidade.

— E mais alguém utilizava a casa?

— Margaret e eu servíamo-nos dela quando vínhamos passar férias à Europa.

— E o banco do seu sogro tinha investimentos na Alemanha?

— Sim, muitos. Mas ele liquidou a maior parte antes da guerra.

— E foi ele próprio que supervisionou essa liquidação?

— A maior parte do trabalho foi feita por um homem chamado Walker Hardegen. É o número dois do banco. E também fala alemão fluentemente e conhece o país de uma ponta à outra.

— E ele viajou para a Alemanha antes da guerra?

— Sim, várias vezes.

— E alguma vez o acompanhou?

— Não. Não tenho nada que ver com os negócios do meu sogro.

— E Walker Hardegen serviu-se da casa de Londres?

— É possível. Não tenho a certeza.

— Até que ponto conhece Walker Hardegen?

— Conheço-o muito bem.

— Então, suponho que sejam bons amigos.

— Não, nem por isso.

— Conhece-o bem, mas não são amigos?

— Exatamente.

— E são inimigos?

— Inimigos é uma palavra forte. Simplesmente, não nos damos bem.

— E porquê?

— Ele namorou com a minha mulher antes de eu a conhecer. Acho que nunca deixou de estar apaixonado por ela. Bebeu bastante na minha festa de despedida. Acusou-me de a ter matado para conseguir fechar um negócio.

— Acho que uma pessoa que me fizesse um comentário desses seria minha inimiga.

— Na altura, pensei em dar-lhe uma boa sova.

— E o senhor culpa-se pela morte da sua mulher?

— Sim, sempre me culpei. Se não lhe tivesse pedido para ir até à cidade para aquele maldito jantar de negócios, ela ainda estaria viva.

— E o que sabe Walker Hardegen do seu trabalho?

— Nada.

— Mas sabe que o senhor é um engenheiro de gabarito?

— Sim.

— E sabe que o enviaram para Londres para trabalhar num projeto secreto?

— Provavelmente, foi capaz de deduzir isso, sim.

— E o senhor mencionou alguma vez a Operação Mulberry nas cartas que enviou para casa?

— Nunca. Foram todas aprovadas pelos censores.

— E falou alguma vez da Operação Mulberry a alguém da sua família?

— Não.

— E a algum dos seus amigos?

— Não.

— Esse sujeito, Shepherd Ramsey. Falou-lhe a ele?

— Não.

— E ele costuma perguntar?

— A toda a hora, mas na brincadeira, claro.

— E pensava voltar a ver Catherine Blake?

— Não penso voltar a vê-la. Nunca mais a quero ver.

— bom, isso é capaz de não ser possível, comandante Jordan.

— De que está a falar?

— A seu tempo. Já é tarde. Acho que estamos todos a precisar de dormir um pouco. Continuamos de manhã.

Vicary levantou-se e dirigiu-se para o sítio onde Boothby estava sentado. Baixou-se e disse:

— Acho que devíamos falar.

— Sim — respondeu Boothby. — Vamos para a sala ao lado, sim?

Boothby levantou-se da cadeira onde estava enroscado e conduziu Vicary, puxando-lhe pelo cotovelo.

— Fez um trabalho maravilhoso com ele — declarou Boothby.

— Meu Deus, Alfred, quando é que se tornou um sacana assim tão grande?

Boothby abriu uma porta e estendeu a mão para que Vicary entrasse primeiro. Vicary tocou de raspão em Boothby ao passar e entrou na sala.

Não podia acreditar no que estava a ver.

Winston Churchill disse:

— Olá, Alfred. É tão bom vê-lo outra vez. Quem me dera que pudesse ser em circunstâncias diferentes. Gostaria de lhe apresentar um amigo meu. O professor Alfred Vicary, o general Eisenhower.

Dwight Eisenhower levantou-se do seu lugar e estendeu a mão.

A sala já fora um escritório. Tinha prateleiras para livros embutidas na parede, uma secretária e duas poltronas de orelhas onde Churchill e Eisenhower se encontravam sentados naquele momento. Havia lenha a arder na lareira com intensidade, mas o frio não desaparecera da sala. Churchill tinha um cobertor de lã sobre os joelhos.

Estava a morder a ponta húmida de um charuto já fumado e a beber brandy. Eisenhower acendeu um cigarro e deu um gole no café simples. Na mesa entre ambos, estava um pequeno altifalante, que tinham utilizado para acompanhar o interrogatório a Jordan. Vicary percebeu isso porque os microfones ainda estavam ligados e ele ouvia cadeiras a serem arrastadas e vozes a murmurarem na sala ao lado. Boothby avançou, como que deslizando, e baixou o som. A porta

abriu-se e entrou um quinto homem na sala. Vicary reconheceu a compleição alta, própria de um urso: o brigadeiro-general Thomas Betts, chefe-adjunto dos serviços secretos do SHAEF e o homem encarregado de salvaguardar o segredo da invasão.

— Ele está a dizer a verdade, Alfred? — perguntou Churchill.

— Não tenho a certeza — respondeu Vicary, servindo-se de uma chávena de café no aparador. — Quero acreditar nele, mas há qualquer coisa que me incomoda. E diabos me levem se sei o que é.

Boothby interveio:

— Não há nada no passado dele que sugira que é um espião alemão ou que nos traiu voluntariamente. Afinal de contas, fomos nós que o contactámos. Ele foi recrutado para participar na Operação Mulberry, não se voluntariou. Se fosse um agente durante este tempo todo, já teria andado a bater insistentemente à porta desde o início da guerra para tentar conquistar uma posição importante.

— Concorde — afirmou Eisenhower.

— O passado dele é excelente — prosseguiu Boothby. — Já viram o dossiê. A investigação feita pelo FBI não revelou nada. Tem todo o dinheiro de que possa precisar. Não é comunista. Não enraba rapazinhos. Não temos motivo para pensar que seja favorável à causa alemã. Resumindo, não temos motivo para suspeitar que este homem seja um espião ou que tenha sido coagido a espiar.

— Isso é tudo verdade — disse Vicary, pensando: Raios, mas desde quando é que Boothby se tornou presidente do clube de fas de Peter Jordan? — Mas e em relação a este homem, Walker Hardegen? Também foi investigado antes de Jordan entrar para a equipa da Mulberry?

— Exhaustivamente — respondeu o general Betts. — O FBI mostrou-se preocupado com os contactos alemães dele muito antes de o Ministério da Guerra ter abordado Jordan sobre a possibilidade de fazer parte da Mulberry. Fizeram uma análise microscópica ao passado de Hardegen. Não encontraram uma única coisa. Hardegen está absolutamente limpo.

— bom, eu ficava mais descansado se dessem uma nova vista de olhos — retorquiu Vicary. — Raios, mas como é que ela sabia que devia ir atrás dele? E como é que ela anda a obter o material? Já estive dentro da casa dele. É possível que ela ande a aceder aos documentos sem que ele saiba, mas isso seria muito perigoso. E quanto ao amigo, Shepherd Ramsey? Gostava de o ter sob vigilância e que o FBI o investigasse mais a fundo.

Churchill afirmou:

— Tenho a certeza de que o general Eisenhower não vai colocar qualquer entrave a isso, pois não, general?

— Não — confirmou Eisenhower. — Quero que os senhores

tomem todas as medidas que considerem necessárias.

Churchill aclarou a garganta.

— Esta discussão é muito interessante, mas não resolve o nosso problema mais premente — disse ele. — Segundo parece, este sujeito, intencionalmente ou não, deixou cair uma parte importante das plantas relativas à Operação Mulberry diretamente nas mãos de um espião alemão. Pois bem, o que vamos fazer em relação a isso? Basil?

Boothby virou-se para o general Betts.

O que é que os alemães são capazes de discernir sobre a Operação Mulberry a partir daquele documento?

É difícil dizer — respondeu Betts. — O documento que Jordan tinha na pasta não lhes dá um quadro completo, apenas o raio de uma parte bem importante. A Mulberry tem muito mais componentes, como estou certo que sabem perfeitamente. com isto só ficam a saber das Phoenixes. Se esse documento estiver verdadeiramente a caminho de Berlim, os analistas e engenheiros deles vão pôr-se todos a examiná-lo minuciosamente. Se conseguirem determinar o objetivo das Phoenixes, não lhes vai ser difícil desvendar o segredo do projeto do porto artificial.

Betts hesitou antes de prosseguir, de cara fechada:

— E, meus senhores, se eles se convencerem de que estamos a construir um porto artificial, é bem possível que a partir daí consigam concluir que vamos desembarcar na Normandia e não em Calais.

Vicary disse:

— Acho que devíamos presumir ser esse o caso e tomar as medidas adequadas.

— Eu sugiro que utilizemos Jordan para atrair Catherine Blake e fazê-la sair da toca — propôs Boothby. — Prendemo-la, apertamos com ela e fazemo-la mudar de lado. Utilizamo-la para transmitir informações falsas aos alemães... para os confundir, tentar convencê-los de que a Mulberry é tudo menos um porto artificial com destino à Normandia.

Vicary aclarou a garganta delicadamente e retorquiu:

— Concordo plenamente com a segunda parte dessa proposta, Sir Basil. Mas suspeito que a primeira não seria assim tão fácil como parece.

— Onde quer chegar, Alfred?

— Tudo o que sabemos acerca desta mulher indicia que seja altamente treinada e absolutamente implacável. Duvido que a conseguíssemos convencer a colaborar connosco.

Ela não é como os outros.

— A experiência diz-me que toda a gente colabora quando está perante a perspectiva de ser enforcada, Alfred. Mas o que sugere?

— Sugiro que Peter Jordan continue a vê-la. Mas, a partir de

agora, controlamos nós o que está dentro daquela pasta e o que vai para casa, para dentro daquele cofre. Deixamo-la atuar e observamo-la. Descobrimos como é que anda a enviar o material para Berlim. Descobrimos os outros agentes que fazem parte da rede. E depois prendemo-la. Se conseguirmos os nomes todos dessa rede sem problema, vamos poder enviar informações falsas diretamente para os mais altos níveis da Abwehr, mesmo até à invasão. Churchill perguntou:

— Basil, o que acha do plano de Alfred?

— É brilhante — respondeu Boothby. — Mas e se os receios de Alfred relativamente ao comandante Jordan estiverem corretos? E se ele for realmente um agente alemão? Jordan ficaria numa posição que lhe permitiria infligir danos irreparáveis.

— Isso também seria verdade no cenário que propôs, Sir Basil. Receio bem que seja um risco que iremos ter de correr. Mas Jordan nunca estará, nem por um segundo, sozinho com ela ou com qualquer outra pessoa. A partir de agora, vai passar a ser vigiado vinte e quatro horas por dia. Onde quer que vá, nós vamos. Se virmos ou ouvirmos alguma coisa de que não gostemos, avançamos, prendemos Catherine Blake e fazemos as coisas à sua maneira, Sir Basil.

Boothby assentiu com a cabeça.

— E acha que Jordan é capaz de dar conta do recado? Afinal de contas, acabou de nos dizer que estava apaixonado por essa mulher. Ela traiu-o. Não me parece que vá estar em condições de continuar a manter uma relação amorosa com ela.

— bom, vai ter de estar, simplesmente — respondeu Vicary. Foi ele que nos meteu nesta confusão dos diabos e é o único que nos pode tirar dela. Não podemos propriamente fazer uma substituição e enfiar lá um profissional. Eles escolheram-no. Ninguém mais vai servir. Só vão acreditar no que virem na pasta de Jordan.

Churchill olhou para Eisenhower.

— General?

Eisenhower apagou o cigarro com força, ficou a pensar durante um momento e depois disse:

— Não havendo de facto mais nenhuma maneira de o fazer, apoio o plano do professor. O general Betts e eu vamos assegurar-nos de que os senhores receberão o apoio necessário do SHAEF para que tudo resulte.

— Então, está decidido — decretou Churchill. — E que Deus nos ajude se não resultar.

— Chamo-me Vicary, já agora, Alfred Vicary. Este senhor é Harry Dalton, trabalha comigo. E este cavalheiro é Sir Basil Boothby. Ele é que manda.

Era de manhã bem cedo, uma hora depois da alvorada, no dia

seguinte. Avançavam por um trilho estreito, pelo meio das árvores com Harry uns passos à frente, como um batedor, Vicary e Jordan lado a lado e Boothby logo atrás, pairando sobre eles. A chuva tinha parado durante a noite, mas o céu continuava coberto de nuvens. A luz de inverno niquelada descolorava por completo as árvores e as colinas. Uma neblina fina ocultava o terreno nos pontos mais baixos e o ar cheirava a fumo das lareiras que ardiam no interior da casa. Por breves instantes, Jordan fixou o olhar em cada um dos homens à medida que iam sendo apresentados, mas não lhes estendeu a mão. Continuaram as duas bem enfiadas nos bolsos do casaco de montar impermeável que tinha sido deixado no seu quarto, além de umas calças de lã e de uma pesada camisola de lã grossa.

Seguiram em silêncio pelo trilho durante algum tempo, como velhos colegas de escola a digerir um pequeno-almoço pesado com uma caminhada. O frio era como um prego no joelho de Vicary. Avançava devagar, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça para baixo, como se estivesse à procura de um objeto perdido. As árvores terminaram e o Tamisa surgiu diante deles. Na margem, viam-se dois bancos de madeira. Harry sentou-se num, Vicary e Jordan no outro. Boothby manteve-se de pé.

Vicary explicou a Jordan o que queriam que ele fizesse. Jordan ouviu sem olhar para ninguém. Ficou sentado sem se mexer, com as mãos quietas dentro dos bolsos, as pernas estendidas à sua frente e o olhar fixo num qualquer ponto obscuro na superfície do rio. Quando Vicary terminou, Jordan disse:

— Arranjem outra maneira de fazer isso. Não sou capaz de dar conta do recado. Seria idiota da vossa parte utilizarem-me.

— Acredite, comandante Jordan, se houvesse outra maneira qualquer de reverter os danos que foram causados, eu optaria por ela.

Mas não há. O senhor tem de fazer isto. Deve-o a nós. Deve-o a todos os homens que vão arriscar a vida a tentar tomar de assalto as praias da Normandia — explicou ele, parando depois de falar por um momento e seguindo o olhar de Jordan em direção à água. — E deve-o a si mesmo, comandante Jordan. Cometeu um erro terrível. Agora, tem de ajudar a reparar os danos.

— Isso era para ser uma conversa para dar ânimo?

— Não, não acredito em conversas para dar ânimo. É a verdade.

— E quanto tempo é que vai durar?

— O tempo que for necessário.

— Não está a responder à minha pergunta.

— E verdade. Podem ser seis dias ou podem ser seis meses.

Simplesmente, não sabemos. Não se trata de uma ciência exata. Mas vou terminar tudo assim que puder. Quanto a isso, tem a minha palavra.

— Pensava que a verdade não contava para muito no seu ramo, senhor Vicary.

— E não costuma. Mas, neste caso, sim.

— E a minha participação na Operação Mulberry?

— Vai fazer de conta que continua a ser um membro ativo da equipa, mas a verdade é que isso terminou tudo para si — decretou Vicary, levantando-se. — Devíamos voltar para casa, comandante Jordan. Temos uns documentos que precisamos que assine antes de nos irmos embora.

— Que tipo de documentos?

— Oh, só uma coisa que o obriga a nunca revelar nada disto para o resto da vida.

Jordan desviou os olhos do rio e fixou-os por fim em Vicary.

— Acredite, não precisa de se preocupar com isso.

TRINTA E OITO

RASTENBERG, ALEMANHA

Kurt Vogel estava a mexer no colarinho sem parar. Já não se recordava da última vez que tinha vestido o seu uniforme da Kriegsmarine. Servia-lhe antes da guerra, mas Vogel, como quase toda a gente, tinha perdido peso. A túnica mais parecia um pijama da prisão.

Estava nervoso como tudo. Nunca tinha conhecido o Fiihrer; na verdade, nunca tinha estado na mesma sala que ele. Pessoalmente, achava que Hitler era um lunático e um monstro que tinha conduzido a Alemanha à beira da catástrofe. Mas apercebeu-se de que estava ansioso por o conhecer e de que, por alguma razão inexplicável, queria causar boa impressão. Desejou ter melhor dicção. Foi fumando cigarro atrás de cigarro para acalmar os nervos. Tinha fumado durante o voo inteiro, desde Berlim, e naquele momento estava a fumar outra vez, no carro. Por fim, Canaris implorou-lhe que apagassem o raio da coisa, para bem dos seus dachshunds. Estavam deitados aos pés de Vogel, como salsichas gordas, fitando-o feroz e malevolamente. Vogel abriu uma nesga do vidro da janela e atirou o cigarro para o meio da neve que rodopiava lá fora.

O Mercedes oficial parou junto do posto de controlo exterior do Wolfsschanze de Hitler. Quatro guardas das SS lançaram-se sobre o carro, abrindo o capô e a bagageira e servindo-se de espelhos para revistarem a parte de baixo. Os homens das SS fizeram-lhes sinal para avançarem e eles avançaram uns oitocentos metros em direção ao complexo. Já era o final da tarde, mas o solo da floresta resplandecia com uma luz branca brilhante. Guardas com pastores-alemães patrulhavam os trilhos.

O carro parou mais uma vez, já no complexo, e, mais uma vez, foram assaltados pelos homens das SS. Desta vez, a vistoria foi pessoal. Ordenaram-lhes que saíssem do carro e revistaram-nos. Vogel ficou escandalizado ao ver Wilhelm Canaris, o chefe dos serviços secretos alemães, de braços no ar, com um homem das SS a apalpá-lo como se ele fosse um bêbado numa cervejaria.

Um guarda exigiu ver a pasta de Vogel, que a entregou com relutância. Tinha lá dentro as fotografias do documento dos Aliados e

a análise efetuada à pressa pelo departamento técnico da Abwehr, em Berlim. O homem das SS revistou o interior da pasta com a mão enluvada e, a seguir, devolveu-a a Vogel, convencido de que não continha armas ou explosivos.

Vogel juntou-se a Canaris e avançaram ambos, em silêncio, para as escadas que desciam em direção ao búnquer. Vogel tinha deixado duas fotografias em Berlim, guardadas nos seus arquivos — as fotografias do bilhete. A mão era a dela; Vogel reconheceu a cicatriz dentada que ela tinha no polegar. Sentia-se dividido. Deveria aceder aos desejos dela e tirá-la do Reino Unido ou deixá-la infiltrada? Suspeitou que iriam tomar a decisão por si.

Havia outro homem das SS à espera no início das escadas, só para o caso de quem visitasse o Fúhrer conseguisse arranjar alguma maneira de se armar durante a caminhada pelo complexo. Canaris e Vogel pararam e submeteram-se a mais uma revista.

Canaris olhou para Vogel e lançou:

— Bem-vindo ao Campo Paranóia.

Vogel e Canaris foram os primeiros a chegar.

— É melhor fumar agora, antes que o criador de galinhas cá chegue — atirou Canaris.

Vogel estremeceu com o comentário; com certeza que a sala se encontrava pejada de escutas. Folheando os seus dossiês, resistiu ao desejo premente de tabaco.

Vogel ficou a ver os homens mais poderosos do Terceiro Reich a entrarem na sala em fila indiana, um atrás do outro: o Reichsfúhrer das SS Heinrich Himmler, o Brigadefúhrer Walter Schellenberg, o marechal de campo Gerd von Rundstedt, o marechal de campo Erwin Rommel e Hermann Gøring.

Levantaram-se todos quando Hitler entrou na sala, com vinte minutos de atraso. Trazia calças cinzento-azuladas e uma túnica preta. Continuou de pé depois de toda a gente se sentar. Vogel observou-o, fascinado. Tinha o cabelo a ficar grisalho, a pele amarelada e os olhos orlados de vermelho. As olheiras por baixo destes eram tão pronunciadas que pareciam nódoas negras. No entanto, possuía uma energia intimidante. Ao longo de duas horas, dominou os outros homens presentes na sala ao conduzir a conferência sobre os preparativos para a invasão — sondando, desafiando, descartando informações ou comentários considerados irrelevantes. Para Vogel, tornou-se evidente que Adolf Hitler sabia tanto, se não mais, sobre a disposição das suas forças na Frente Ocidental do que os seus principais oficiais. A atenção dada aos pormenores era assombrosa. Exigiu saber por que razão havia menos três antiaéreas no Pas-de-Calais do que na semana anterior. Quis saber o tipo exato de betão utilizado nas fortificações da Muralha do Atlântico e a sua espessura

precisa.

Por fim, no final da conferência, voltou-se para Canaris e disse:

— Então, segundo me consta, a Abwehr descobriu mais informações que poderão ajudar a desvendar as intenções do inimigo.

— Na verdade, meu Fúhrer, a operação foi concebida e executada pelo capitão Vogel. Permita-me que o deixe informá-lo do que descobriu.

— Muito bem — respondeu Hitler. — Capitão Vogel? Vogel continuou sentado.

— Meu Fúhrer, há dois dias, em Londres, um dos nossos agentes obteve um documento. Como sabe, descobrimos que o inimigo se encontra a preparar algo chamado Operação Mulberry. com base nestes novos documentos, estamos agora mais perto de saber ao certo o que é a Mulberry.

— Mais perto? — retorquiu Hitler, inclinando a cabeça para trás.

— Quer dizer que ainda estão com conjecturas, capitão?

— Se me der licença para continuar, meu Fúhrer.

— Por favor, mas esta noite a minha paciência é limitada.

— Sabemos muito mais acerca das estruturas gigantescas de betão e aço que estão a ser construídas em vários pontos de Inglaterra. Agora, sabemos que o nome de código delas é Phoenix. E também sabemos que, quando começar a invasão, vão ser rebocadas pelo canal da Mancha e afundadas ao largo da costa de França.

— Afundadas? Mas com que objetivo, capitão Vogel?

— Os nossos analistas técnicos estão há vinte e quatro horas a examinar minuciosamente os documentos roubados em Londres.

Cada uma das unidades submergíveis inclui instalações para tripulações e uma grande arma antiaérea. É possível que o inimigo esteja a planear criar um enorme complexo antiaéreo costeiro para fornecer cobertura adicional às tropas durante a invasão.

— É possível — exclamou Hitler. — Mas porquê darem-se a tanto trabalho para construir uma instalação antiaérea? Todos os vossos cálculos indicam que os britânicos enfrentam uma escassez desesperante de matérias-primas — aço, betão, alumínio. Há vários meses que me dizem isso. Churchill levou o Reino Unido à bancarrota com esta guerra idiota. Porquê desperdiçar material valioso num projeto desses? — Hider virou-se e olhou furiosamente para Göring.

— Além disso, receio bem que tenhamos de pressupor que o inimigo irá gozar de supremacia aérea durante a invasão. — Hitler voltou-se de novo para Vogel. — Têm alguma segunda teoria, capitão Vogel?

— Temos, meu Fiihrer. É uma opinião minoritária, muito preliminar e ainda aberta a muitas interpretações.

— Ouçamo-la — disparou Hider.

— Um dos nossos analistas acha que as unidades submergíveis podem ser na realidade componentes de uma espécie de porto artificial: um engenho que poderia ser construído no Reino Unido, rebocado ao longo do canal da Mancha e instalado na costa francesa durante as primeiras horas da invasão.

Hider, intrigado, estava outra vez a andar de um lado para o outro.

— Um porto artificial? E uma coisa dessas é possível?

Himmler aclarou a garganta delicadamente e interveio: Talvez os vossos analistas estejam a interpretar mal as informações fornecidas pelo agente, capitão Vogel. Um porto artificial parece-me um pouco rebuscado.

— Não, Herr Reichsfuhrer — afirmou Hitler. — Acho que o capitão Vogel é capaz de ter razão — anunciou, percorrendo a sala furiosamente. — Um porto artificial! Vejam bem a arrogância, a audácia de um projeto desses! Estou a ver o dedo de Churchill, aquele louco, por todo o lado.

— Meu Fúhrer — disse Vogel hesitante -, um porto artificial é apenas uma explicação possível para estas unidades de betão. Não aconselharia a que se desse demasiada ênfase a estas conclusões iniciais.

— Não, capitão Vogel, esta sua teoria intriga-me. Vamos levá-la até ao nível seguinte, só para a podermos discutir mais um pouco. Se o inimigo estivesse de facto a tentar construir algo tão complexo como um porto artificial, onde é que o instalaria? Von Rundstedt, o senhor primeiro.

O velho marechal de campo levantou-se, dirigiu-se para o mapa e bateu nele ao de leve com o bastão.

— Se estudarmos o ataque falhado do inimigo a Dieppe, em 1942, podemos aprender lições valiosas. O objetivo principal do inimigo era capturar e abrir um porto importante o mais depressa possível. O inimigo fracassou, claro. O problema é este: o inimigo sabe que não lhe permitiremos o acesso a portos durante o máximo de tempo possível e que mais depressa seremos capazes de os inutilizar do que de abrir mão deles. Suponho que seja possível que o inimigo esteja a construir instalações no Reino Unido que lhe permitam reabrir os portos mais rapidamente. Isso faz sentido para mim. Se for esse o caso, e sublinho que o capitão Vogel e os seus colegas não possuem qualquer prova conclusiva de que seja, continuo a achar que será em Calais. Uma invasão em Calais continua a ser o que faz mais sentido militar e estrategicamente. Isso não pode ser ignorado.

Hitler ouviu com atenção e, a seguir, virou-se para Vogel.

— O que acha da análise do marechal de campo, capitão Vogel? Vogel ergueu os olhos. O olhar gélido de Von Rundstedt tinha-se

fixado nele. Sabia que tinha de proceder com muita cautela.

— A argumentação do marechal de campo Von Rundstedt é extremamente sólida — afirmou Vogel, fazendo uma pausa ao mesmo tempo que Rundstedt assentia com a cabeça em sinal de aprovação.

— Mas, por mero exercício de retórica, permita-me que proponha uma segunda interpretação.

— Faça-o — autorizou Hitler.

— Tal como o marechal de campo realçou, o inimigo precisa desesperadamente de instalações portuárias para poder acumular material com a rapidez necessária para sustentar uma força de invasão. Calculamos que isso exigiria no mínimo dez mil toneladas diárias de material durante a primeira fase da operação. Qualquer porto no Pas-de-Calais poderia sustentar esse aumento maciço — Calais, Bolonha, Dunquerque, por exemplo. Mas, conforme o marechal de campo Von Rundstedt realçou, o inimigo sabe que mais depressa seremos capazes de demolir esses portos do que abrir mão deles. E o inimigo também sabe que esses portos vão estar fortemente defendidos. Um ataque frontal a qualquer um deles teria consequências bastante penosas.

Vogel percebeu que Hitler estava a começar a mexer-se muito, a ficar impaciente. Apressou o seu raciocínio.

— Ao longo da costa da Normandia, há vários pequenos portos de pesca, nenhum suficientemente grande para fazer face à necessária acumulação de material e equipamento pesado. Talvez nem mesmo Cherburgo seja suficientemente grande. É preciso não esquecer que foi concebido como um terminal de passageiros para transatlânticos, não para descarregar carga. — E onde quer chegar, capitão Vogel? — perguntou Hitler com uma voz ligeiramente irritada.

— Meu Fúhrer, e se o inimigo pudesse reunir o seu material e equipamento em praias abertas e não necessitasse de um porto? Se isso fosse de facto possível, o inimigo poderia evitar as nossas defesas mais fortes, desembarcar nas praias menos protegidas da Normandia e tentar sustentar uma força de invasão através do recurso a um porto artificial.

Os olhos de Hitler iluminaram-se. Estava claramente intrigado pela análise de Vogel.

O marechal de campo Erwin Rommel abanava a cabeça.

Um cenário desses seria uma receita para o desastre, capitão Vogel. Mesmo na primavera, o tempo na costa do canal da Mancha pode ser extremamente perigoso — chuva, ventos fortes, mares revoltos. O meu staff já estudou os padrões. Se a história servir de guia, o inimigo não pode contar com períodos de bom tempo por mais de três ou quatro dias seguidos. Se tentar reunir as suas forças numa praia aberta, sem um porto nem água protegida, o inimigo ficará à

inteira mercê da natureza. E não há dispositivo portátil, por mais engenhoso que seja, que sobreviva a um temporal de primavera no canal da Mancha.

Hitler interveio:

— Uma discussão fascinante, cavalheiros, mas já chega.

Evidentemente, capitão Vogel, o seu agente precisa de descobrir mais informações sobre o projeto. Presumo que o agente continue infiltrado?

Vogel procedeu com cautela.

— Há um problema, meu Fúhrer — explicou Vogel. — O agente acha que as forças de segurança britânicas poderão estar a aproximar-se cada vez mais e que poderá não ser seguro permanecer em Inglaterra por muito mais tempo.

Walter Schellenberg falou pela primeira vez:

— Capitão Vogel, a nossa fonte em Londres afirma exatamente o contrário, que os britânicos sabem que há uma fuga de informação, mas que ainda não a conseguiram vedar. De momento, o seu agente está a imaginar o perigo.

Vogel pensou: Parvalhão arrogante! Mas quem é essa fonte fantástica que o SD tem em Londres? Respondeu:

— O agente em questão é altamente treinado e excecionalmente inteligente. Acho...

Himmler interrompeu Vogel:

— com certeza que não parte do princípio de que a fonte do Brigadeführer Schellenberg é menos credível do que a sua, pois não, capitão Vogel?

— com todo o respeito, não tenho maneira de avaliar a credibilidade da fonte do Brigadeführer, Herr Reichsführer.

— Uma resposta muito diplomática, Herr Kapitän — retorquiu Himmler. — Mas é óbvio que o seu agente deve continuar infiltrado até sabermos a verdade sobre estes objetos de betão, não concorda?

Vogel não tinha como escapar. Discordar de Himmler seria o mesmo que assinar a sua própria sentença de morte. Poderiam forjar provas de traição para o acusar e enforcar com corda de piano como tinham feito a outros. Pensou em Gertrude e nas crianças. Os bárbaros também iriam atrás deles. Confiava nos instintos de Anna, mas tirá-la de lá naquele momento seria suicídio. Ele não tinha escolha. Ela iria continuar infiltrada.

— Sim. Concordo, Herr Reichsführer.

Himmler convidou Vogel para um passeio pelo recinto. Tinha caído a noite. Depois da esfera de luz, a floresta estava muito escura. Um letreiro alertava para não se sair do trilho por causa das minas. O vento sacudia as copas das coníferas. Vogel conseguia ouvir um cão a ladrar; era difícil perceber a que distância se encontrava porque a

neve que tinha acabado de cair reduzia tudo a sons abafados. Estava um frio cortante. Durante a tensa reunião, tinha transpirado profusamente por baixo da túnica. Naquele momento, com o frio, parecia que tinha a roupa congelada e colada ao corpo. Desejava ansiosamente um cigarro, mas decidiu não arriscar ofender Himmler ainda mais por um só dia. Quando Himmler falou por fim, a sua voz era praticamente inaudível.

Vogel interrogou-se se seria possível colocar escutas numa floresta.

— Um feito extraordinário, capitão Vogel. O senhor merece ser louvado.

— Sinto-me honrado, Herr Reichsführer.

— O seu agente em Londres é uma mulher. — Vogel não disse nada. — Sempre tive a impressão de que o almirante Canaris não confiava em agentes do sexo feminino. Que achava que são demasiado suscetíveis às emoções para efetuar trabalho clandestino e lhes faltava a necessária objetividade.

Posso garantir-lhe, Herr Reichsführer, que a agente envolvida não possui nenhum desses defeitos.

— Devo admitir que eu próprio considero um pouco desagradável a prática de introduzir agentes do sexo feminino atrás das linhas inimigas. O SOE^[11] teima em enviar mulheres para a França. Quando são presas, receio bem que as mulheres sofram o mesmo destino do que os homens. Infligir tamanho sofrimento a uma mulher é lamentável, para não dizer mais.

Parou de falar por uns instantes, com os músculos do rosto a contraírem-se, e inspirou profundamente o ar frio da noite.

— O seu feito é ainda mais extraordinário porque foi conseguido apesar do almirante Canaris.

— Não tenho a certeza do que quer dizer, Herr Reichsführer.

— O que quero dizer é que o almirante tem os dias contados na Abwehr. Há já algum tempo que andamos descontentes com o desempenho dele. No mínimo, é um incompetente.

E, se as minhas suspeitas estiverem corretas, também traiu o Führer.

— Herr Reichsführer, eu nunca...

Himmler interrompeu-o, fazendo um gesto com a mão.

— Eu sei que sente uma certa lealdade para com o almirante Canaris. Afinal de contas, ele é pessoalmente responsável pela sua rápida ascensão nas fileiras da Abwehr.

Mas nada que possa dizer agora poderá alterar minimamente a minha opinião em relação a Canaris. E para bom entendedor meia palavra basta. Tenha cuidado ao socorrer um homem a afogar-se. É capaz de também ser arrastado.

Vogel ficou pasmado. Não disse nada. Os latidos do cão foram-se desvanecendo lentamente e depois desapareceram. O vento levantou-se e soprou neve pelo trilho, apagando a fronteira com a floresta. Vogel perguntou-se se teriam colocado as minas muito perto. Virou a cabeça e vislumbrou dois homens das SS a seguirem-nos discretamente.

— Estamos em fevereiro — retomou Himmler. — Posso prever com alguma certeza que o almirante Canaris vai ser demitido dentro de pouco tempo, talvez mesmo até ao final do mês. Pretendo colocar todas as agências de segurança e de serviços secretos alemães sob a minha alçada, incluindo a Abwehr.

Vogel pensou: A Abwehr sob o controlo do Himmler? Seria risível se ele não estivesse a falar a sério.

— Obviamente, o senhor é um homem de considerável talento — prosseguiu Himmler. — Quero que continue na Abwehr. com uma promoção considerável, claro.

— Obrigado, Herr Reichsführer.

Foi como se tivesse sido outra pessoa a dizer as palavras por ele. Himmler parou.

— Está frio. Devíamos voltar para trás.

Passaram pelos seguranças, que esperaram até Himmler e Vogel deixarem de poder ser ouvidos para depois continuarem a segui-los silenciosamente.

Himmler disse:

— Ainda bem que conseguimos chegar a um entendimento quanto à questão de manter a agente infiltrada. Acho que é a medida mais prudente a tomar neste momento. E, além disso, Herr Vogel, nunca é sensato deixar que os nossos sentimentos nos turvem a razão.

Vogel parou de andar e fitou os olhos sombrios de Himmler.

— O que quer dizer com isso?

— Por favor, não me faça de parvo — retorquiu Himmler. Ainda na semana passada, o Brigadeführer Schellenberg passou algum tempo em Madrid a tratar de outro assunto.

E conheceu um amigo seu, um homem chamado Emílio Romero. O Senhor Romero contou ao Brigadeführer Schellenberg tudo sobre o seu bem mais estimado, capitão.

Vogel pensou: Raios partam Emilio por ter falado com Schellenberg! E raios partam Himmler por meter o nariz onde não é chamado! Os homens das SS pareceram detetar a tensão, já que avançaram silenciosamente.

— Pelo que me consta, ela é muito bonita — prosseguiu Himmler.

— Deve ter sido difícil abdicar de uma mulher dessas. Deve ser tentador fazê-la regressar a casa e trancá-la a sete chaves. Mas ela tem de continuar infiltrada em Inglaterra. Estamos entendidos, capitão

Vogel?

— Sim, Herr Reichsführer.

— Schellenberg tem os seus defeitos: é arrogante, demasiado exuberante, e aquela obsessão com a pornografia... — desabafou Himmler, encolhendo os ombros. — Mas é um agente dos serviços secretos inteligente e expedito. Sei que vai gostar de trabalhar mais de perto com ele.

Himmler deu meia-volta abruptamente e afastou-se. Vogel ficou sozinho, a tremer sob o frio intenso.

— Está com má cara — atirou Canaris quando Vogel voltou para o carro. — Costumo ficar assim depois de conversar com o criador de frangos. Mas tenho de reconhecer que consigo esconder isso melhor do que o Kurt.

Ouviu-se qualquer coisa a raspar do lado de fora do carro. Canaris abriu a porta e os cães entraram rapidamente no carro, instalando-se aos pés de Vogel. Canaris bateu ao de leve com os nós dos dedos no separador de vidro. O motor começou a trabalhar e o carro avançou por cima da neve, em direção ao portão. Vogel sentiu-se inundado de alívio à medida que o brilho intenso das luzes do complexo ia ficando cada vez mais para trás e eles regressavam uma vez mais à escuridão da floresta.

— — O cabozinho ficou muito orgulhoso de si esta noite, Kurt exclamou Canaris, com desprezo patente na voz. — E Himmler? Kurt apunhalou-me durante o vosso passeiozinho ao luar?

— Herr Admirai...

Canaris inclinou-se para a frente e colocou a mão no braço de Vogel. Os seus olhos azuis muito claros tinham uma expressão que Vogel nunca tinha visto.

— Tenha cuidado, Kurt — avisou ele. — Está a entrar num jogo perigoso. Num jogo muito perigoso.

E, depois de dizer isso, Canaris recostou-se no banco, fechou os olhos e adormeceu de imediato.

TRINTA E NOVE

LONDRES

A operação recebeu apressadamente o nome de código Kettledrum [Timbale] — Vicary não sabia quem tinha escolhido o nome nem porquê. A operação era demasiado complexa e delicada para ser dirigida das suas exíguas instalações em St. James's Street, por isso obteve uma imponente casa geminada, de estilo georgiano, em West Halkin Street, para funcionar como posto de comando. A sala de estar foi convertida num centro de operações, com telefones extras, um aparelho de rádio e um mapa em grande escala da zona metropolitana de Londres pregado à parede. A biblioteca do andar de cima foi transformada num gabinete para Vicary e Harry. Havia uma entrada dos fundos para os vigias e uma despensa carregada de comida. As datilógrafas ofereceram-se para cozinhar e Vicary, ao chegar à casa ao início da noite, foi surpreendido pelo aroma a torrada e a bacon e pelo ensofado de borrego a ferver no fogão.

Um vigia levou-o até à biblioteca. O carvão ardia na lareira; o ar estava seco e quente. Despiu com dificuldade o impermeável encharcado, pô-lo num cabide e pendurou-o atrás da porta. Uma das raparigas tinha-lhe deixado um bule de chá e ele serviu-se de uma chávena. Vicary sentia-se exausto. Tinha dormido mal depois de interrogar Jordan e as esperanças de conseguir dormir um pouco no carro tinham sido frustradas por Boothby, que sugeriu que voltassem juntos para o gabinete para poderem aproveitar para falar.

O controlo global da Operação Kettledrum pertencia a Boothby. Vicary comandaria Jordan e seria responsável por manter Catherine Blake sob vigilância. Ao mesmo tempo, tentaria descobrir os restantes agentes da rede e quais os processos que utilizavam para comunicar com Berlim. Boothby serviria de elo de ligação com o Comité dos Vinte, o grupo interdepartamental que supervisionava todo o aparelho da Operação Double Cross, assim chamado porque o símbolo da Operação Double Cross e o algarismo vinte em numeração romana eram iguais: XX. Boothby e o Comité dos Vinte elaborariam os documentos falsos que seguiriam para a pasta de Jordan e integrariam a Operação Kettledrum no resto das operações Double Cross e Bodyguard. Vicary não perguntou em que consistiam as informações

falsas e Boothby também não lhe explicou. Vicary sabia o que isso queria dizer. Tinha sido ele a descobrir a existência da nova rede alemã e a identificar Jordan como a fonte da fuga de informação. Mas, naquele momento, estava a ser empurrado para um papel secundário. Basil Boothby comandava a situação por completo.

— Belos aposentos — exclamou Harry ao entrar no gabinete. Serviu-se de uma chávena de chá e aqueceu-se à lareira.

— Onde está Jordan?

— Lá em cima, a dormir.

— Imbecil de um raio — disse Harry com a voz mais baixa.

— Mas agora é o nosso imbecil de um raio, Harry, não se esqueça disso. O que conseguiu?

— Impressões digitais.

— O quê?

— Impressões digitais, impressões digitais latentes de outra pessoa que não Peter Jordan por todo o escritório. Na secretária, na parte de fora do cofre. Ele diz que a empregada doméstica nunca teve autorização para entrar. Devemos partir do princípio de que essas impressões digitais latentes foram lá deixadas por Catherine Blake.

Vicary abanou a cabeça lentamente.

— A casa de Jordan já está pronta — continuou Harry. — Colocámos tantos microfones naquele sítio que até se consegue ouvir um rato a dar um traque. Despejámos a família que vive do outro lado da rua e estabelecemos um posto fixo. A vista é perfeita. Quem se aproximar da casa vai ser fotografado.

— E Catherine Blake?

— Localizámos o número de telefone dela, pertence a um apartamento em Earl's Court. Ocupámos um apartamento no prédio em frente.

— bom trabalho, Harry.

Harry olhou para Vicary durante um longo momento e, a seguir, disse:

— Não leve isto a mal, Alfred, mas está com péssimo aspeto.

— Já não me lembro da última vez que dormi. Como é que o Harry se consegue aguentar?

— Umas quantas benzedrinas e dez quartos de chá.

— vou comer qualquer coisa e depois tentar dormir um pouco. E o Harry?

— Por acaso, já tinha planos para hoje à noite.

— Grace Clarendon?

— Ela convidou-me para jantar. Achei que era melhor aproveitar a oportunidade. Não me parece que vamos ter muito tempo livre nas próximas semanas.

Vicary levantou-se e serviu-se de mais uma chávena de chá.

— Harry, não me quero aproveitar da sua relação com Grace, mas gostava de saber se ela me poderia fazer um favor. Gostava que ela me investigasse alguns nomes na base de dados dos Registos para ver se aparece alguma coisa.

— vou falar com ela. Quais são os nomes?

Vicary atravessou o gabinete com o chá e parou à frente da lareira, junto a Harry.

— Peter Jordan, Walker Hardegen e qualquer pessoa ou coisa chamada Broome.

Grace nunca gostava de comer antes de fazer amor. A seguir, Harry estava deitado na cama dela, a fumar um cigarro e a ouvir a orquestra de Glenn Miller no gramofone e a algazarra feita por Grace a preparar a comida na cozinha minúscula. Passados dez minutos, voltou para o quarto. Vestia um roupão, periclitantemente atado à cintura elegante, e trazia um tabuleiro com o jantar: sopa e pão. Harry endireitou-se, encostou-se à cabeceira, e Grace sentou-se aos pés da cama. O tabuleiro estava entre os dois. Ela passou-lhe uma taça de sopa. Já era quase meia-noite e estavam ambos esfomeados. Harry adorava observá-la. A maneira como ela parecia retirar tanto prazer daquela refeição simples. A maneira como o roupão se tinha aberto, deixando ver o seu corpo perfeito e em forma. Ela reparou que ele estava a olhar para si e perguntou-lhe:

— Em que é que estás a pensar, Harry Dalton?

— Estava a pensar que não quero mesmo que isto termine nunca. Estava a pensar que queria imenso que todas as noites da minha vida pudessem ser exatamente assim.

O rosto dela fechou-se por completo; era absolutamente incapaz de esconder o que sentia. Quando estava feliz, a cara parecia iluminar-se. Quando estava zangada., os olhos verdes chamejavam. Quando ficava triste, como naquele momento, o corpo imobilizava-se totalmente.

— Não podes dizer coisas dessas, Harry. E contra as regras.

— Eu sei que é contra as regras, mas é a verdade.

— As vezes, é melhor guardarmos a verdade para nós próprios. Se não a deitarmos cá para fora, não dói tanto.

— Grace, acho que estou apaixonado...

Ela bateu com a colher com força no tabuleiro.

— Jesus, Harry! Não digas coisas dessas! Raios, às vezes, dificuldades tanto as coisas. Primeiro, dizes-me que não podes estar comigo porque te sentes culpado, e agora dizes-me que estás apaixonado por mim.

— Desculpa, Grace, é que é verdade. Pensava que podíamos dizer sempre a verdade um ao outro.

— Muito bem, aqui tens a verdade. Estou casada com um homem maravilhoso, de quem gosto muitíssimo e que não quero magoar. Mas

apaixonei-me perdidamente por um polícia transformado em caça-espiões chamado Harry Dalton. E quando esta maldita guerra terminar, tenho de abdicar dele. E dói como o caraças sempre que me deixo pensar nisso — desabafou ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Agora, cala-te, Harry, e come a sopa. Por favor. Vamos falar de outra coisa. Estou enfiada nos tenebrosos Registos o dia inteiro, com o Jago e o deplorável cachimbo dele. Quero saber o que se está a passar no resto do mundo.

— Muito bem. Quero pedir-te um favor.

— Que tipo de favor?

— Um favor profissional. Ela sorriu-lhe maliciosamente.

— Raios, estava com esperanças de que fosse um favor sexual.

— Preciso que me investigues discretamente uns nomes na base de dados dos Registos. Para ver se aparece alguma coisa.

— Claro, quais são? Harry disse-lhe.

— OK, vou ver o que consigo descobrir.

Ela acabou a sopa, recostou-se e ficou a ver Harry comer o resto da sopa dele. Quando terminou, ela empilhou a louça no tabuleiro e pousou-o no chão, ao lado da cama. Apagou as luzes e acendeu uma vela na mesinha de cabeceira. Despiu o roupão e fez amor com ele como nunca tinha feito: lenta e pacientemente, como se o corpo dele fosse de cristal. Os seus olhos nunca se desviaram da cara dele. No final, deixou-se cair em cima do peito de Harry, com o corpo exaurido e húmido e a respiração quente no pescoço dele.

— Querias a verdade, Harry. A verdade é esta.

— Tenho de ser sincero contigo, Grace. Não doeu nada.

Começou poucos minutos depois das dez da manhã, no dia seguinte, quando Peter Jordan, que se encontrava na biblioteca do andar de cima da casa de Vicary em West Halkin Street, marcou o número de telefone do apartamento de Catherine Blake. Durante muito tempo, a gravação dessa conversa de um minuto teve a honra de ser a escuta mais ouvida da história dos Serviços de Segurança do Império Britânico. O próprio Vicary ouviria o raio da coisa uma centena de vezes, à procura de imperfeições como um mestre joalheiro examina um diamante à procura de defeitos. Boothby fez o mesmo. Uma cópia da gravação foi enviada a toda a velocidade, por um correio de mota, para St. James's Street e, ao longo de uma hora, a luz vermelha iluminou a porta de Sir Basil enquanto ele ouvia a gravação uma e outra vez.

Da primeira vez, Vicary ouviu apenas Jordan. Estava a poucos passos de distância, de costas voltadas educadamente para ele e os olhos postos na lareira.

— Ouve, desculpa não ter tido hipótese de ligar mais cedo. É só que tenho andado ocupadíssimo. Estive fora da cidade mais um dia do

que o esperado e não tinha possibilidade de telefonar.

Silêncio, enquanto ela lhe diz que não é preciso pedir desculpa.

— Tive imensas saudades tuas. Pensei em ti o tempo todo que estive fora.

Silêncio, enquanto ela lhe diz que também sentiu imenso a falta dele e que mal pode esperar para o ver outra vez.

— Eu também te quero ver. Aliás, é por isso que estou a ligar.

Reservei uma mesa para nós no Mirabelle. Espero que possas almoçar.

Silêncio, enquanto ela lhe diz que lhe parece maravilhoso.

— Ótimo. Encontramo-nos lá à uma.

Silêncio, enquanto ela lhe diz que o ama muito.

— Eu também te amo, querida.

Jordan ficou calado quando tudo terminou. Observando-o, Vicary recordou-se de Karl Becker e do estado de espírito sombrio que se apoderava dele sempre que Vicary o obrigava a enviar uma mensagem da Operação Double Cross. Passaram o resto da manhã a jogar xadrez. Jordan fez um jogo matemático e preciso; Vicary enveredou pelo logro e por subterfúgios. Enquanto jogavam, conseguiam ouvir os vigias na galhofa e o barulho das datilógrafas lá em baixo, no centro de operações. Jordan estava a derrotar Vicary sem apelo nem agravo e, por isso, Vicary desistiu.

Ao meio-dia, Jordan foi para o seu quarto e vestiu o uniforme. Às 12H15, saiu pela porta dos fundos da casa e subiu para a parte de trás de uma carrinha do departamento. Vicary e Harry instalaram-se nos seus lugares no centro de operações ao mesmo tempo que Jordan subia Park Lane em grande velocidade, como um prisioneiro de alta segurança. Foi levado para uma porta traseira, bem escondida, do quartel-general do SHAEF, em Blackburn Street, e entrou. Durante os seis minutos seguintes, ninguém da equipa de Vicary o viu.

Às 12h35, Jordan saiu pela porta da frente do SHAEF. Atravessou a praça com uma pasta algemada ao pulso e desapareceu por outra entrada. Desta vez, o período de ausência durou dez minutos. Quando reapareceu, já não tinha a pasta. Dirigiu-se de Grosvenor Square para South Audley Street e de South Audley Street para Curzon Street. Ao longo do percurso, foi seguido discretamente por três dos melhores vigias do departamento, Clive Roach, Tony Blair e Leonard Reeves. Nenhum deles viu qualquer sinal de que Jordan se encontrasse sob vigilância do inimigo.

Às 12h55, Jordan chegou ao Mirabelle. Esperou à porta, tal como Vicary lhe tinha dito para fazer. À uma hora em ponto, um táxi travou, estacionando em frente ao restaurante, e uma mulher alta e atraente saiu. Ginger Bradshaw, o melhor fotógrafo de vigilância do departamento, estava agachado na parte de trás de uma carrinha do departamento estacionada do outro lado da rua; quando Catherine

Blake pegou na mão de Peter Jordan e o beijou na cara, Bradshaw tirou rapidamente seis fotografias. O rolo foi levado a correr para West Halkin Street e as fotos já se encontravam à frente de Vicary, no centro de operações, quando o almoço terminou.

A posteriori, Blair iria dizer que a culpa era sua; Reeves disse que não, ele é que era o culpado. Roach, detendo o posto mais elevado, assumiu toda a responsabilidade. Mas concordaram os três que ela era bem melhor do que qualquer outro agente alemão que já tivessem seguido: a melhor, sem tirar nem pôr. E se cometessem algum erro, se se aproximassem demasiado, ficariam de certeza queimados.

Depois de saírem do Mirabelle, Catherine e Peter dirigiram-se para Grosvenor Square. Pararam na esquina sudoeste da praça e conversaram durante dois minutos. Ginger Bradshaw tirou mais uma série de fotografias, incluindo uma do beijo de despedida muito curto que deram. Quando Jordan se afastou, Catherine fez sinal a um táxi para parar e entrou nele. Blair, Roach e Reeves pularam para dentro da carrinha de vigilância e seguiram o táxi em direção a leste, atravessando Regent Street. Depois, o táxi dirigiu-se para norte, em direção a Oxford Street, onde Catherine saiu após pagar ao taxista.

Mais tarde, Roach iria classificar o passeio que ela deu por Oxford Street como a melhor demonstração que já tinha visto da arte de se escapar na rua. Parou, no mínimo, à frente de meia dúzia de montras. Voltou para trás duas vezes, uma delas tão depressa que Blair teve de se lançar para dentro de um café para se desviar dela. Em Tottenham Court Road, desceu as escadas para o metropolitano e comprou um bilhete para a estação de Waterloo. Roach e Reeves conseguiram entrar no metro ao mesmo tempo que ela — com Roach a uns seis metros de distância, na mesma carruagem, e Reeves na seguinte. Quando as portas se abriram em Leicester Square, deixou-se ficar quieta, como se fosse prosseguir a viagem; foi então que se levantou de repente e avançou para a plataforma. Roach teve de se comprimir todo para conseguir passar pelas portas que se fechavam e continuar a acompanhá-la. Reeves ficou preso dentro do metro; estava fora de jogo.

Nas escadas, desapareceu no meio da multidão e Roach perdeu-a momentaneamente. Quando Catherine chegou à rua, atravessou rapidamente Charing Cross Road e voltou a descer as escadas para a estação de Leicester Square.

Roach podia jurar que a tinha visto entrar num autocarro e passou o resto da tarde a repreender-se por ter cometido um erro tão estúpido. Atravessou a rua a correr e saltou para dentro do autocarro no momento em que este começava a afastar-se do passeio. Passados dez segundos, percebeu que se tinha enganado na mulher. Saiu na paragem seguinte e telefonou para West Halkin Street para avisar

Vicary de que ela lhes tinha escapado.

— Clive Roach nunca perdeu um agente alemão — disse Boothby nessa noite, no seu gabinete, olhando ferozmente para o relatório de vigilância.

Fixou os olhos em Vicary.

— O homem até era capaz de seguir um mosquito por Hampstead Heath.

— E o melhor. Só que o raio da mulher é mesmo boa.

— Veja-me bem isto: um táxi, uma caminhada longa para verificar se estava a ser seguida e depois enfia-se no metro, onde compra um bilhete para uma estação e sai noutra.

— E extremamente cuidadosa. Foi por isso que nunca tínhamos dado por ela.

— Mas há outra explicação, Alfred. É possível que ela tenha detetado que a estavam a seguir.

— Eu sei. Já pensei nessa possibilidade.

— E, se for esse o caso, a operação vai toda por água abaixo ainda antes de começar — desabafou Boothby, batendo ao de leve na fina pasta metálica de diplomata que continha a primeira leva de material para a Operação Kettledrum. — Se ela souber que está a ser vigiada e lhe dermos isto, então mais vale mandar publicar o segredo da invasão no Daily Mail, com uma manchete gigante. Vão saber que estão a ser enganados. E, se souberem que estão a ser enganados, vão saber que o contrário é verdade.

— Roach está convencido de que ela não o detetou.

— E onde está ela agora?

— No apartamento dela?

— E a que horas é que ela ficou de se encontrar com Jordan?

— Às dez, em casa de Jordan. Ele disse-lhe que hoje ia ficar a trabalhar até tarde.

— E com que impressão é que Jordan ficou?

— Disse que não detetou nenhuma alteração no comportamento dela, nenhum sinal de nervosismo ou tensão.

Vicary fez uma pausa.

— Ele é bom, o nosso comandante Jordan, mesmo bom. Se não fosse um engenheiro tão extraordinário, daria um espião maravilhoso.

Boothby bateu ao de leve com o indicador grosso na pasta metálica de diplomata.

— Mas se ela detetou que a estavam a seguir, porque está sentada no apartamento? Porque não está a tentar fugir?

Vicary respondeu:

— Se calhar, quer ver o que é que está dentro dessa pasta.

— Ainda não é demasiado tarde, Alfred. Não temos de ir para a frente com isto. Podemos prendê-la imediatamente e pensar noutra

maneira de repararmos os danos.

— Acho que isso seria um erro. Não sabemos quem são os outros agentes da rede e não sabemos como é que andam a comunicar com Berlim.

Boothby bateu levemente com os nós dos dedos na pasta.

— Ainda não me perguntou o que está dentro desta pasta, Alfred.

— Não queria outro sermão sobre a necessidade de saber. Boothby soltou um risinho e disse:

— Muito bem. Está a aprender. Não é necessário saber isto, mas, já que a ideia genial foi sua, vou dizer-lhe. O Comité dos Vinte quer convencê-los de que a Mulberry é na realidade um complexo antiaéreo com destino a Calais. As unidades Phoenix já têm instalações para as tripulações e armas antiaéreas, por isso até encaixa bastante bem. Limitaram-se a alterar um bocadinho as plantas.

— Perfeito — lançou Vicary.

— Têm mais uns estratégias em mente, para ajudar a vender esse logro através de outros canais. Será informado deles à medida que for necessário.

— Compreendo, Sir Basil.

Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, cada um a olhar atentamente para o seu ponto específico nas paredes almofadadas.

— A decisão é sua — disse Boothby por fim. — O Alfred é que controla esta parte da operação. Seja o que for que recomendar, pode contar com o meu apoio.

Vicary pensou: Porque me sinto como se me estivessem a tirar as medidas para o caixão? Não ficou reconfortado com o apoio oferecido por Boothby. Ao primeiro sinal de problemas, Boothby estaria a mergulhar para a trincheira mais próxima. O mais fácil seria prender Catherine Blake e fazer as coisas à maneira de Boothby — tentar fazê-la mudar de lado e obrigá-la a colaborar com eles. Vicary continuava convencido de que não resultaria, de que a única maneira de canalizar o material da Operação Double Cross através de Catherine seria fazê-lo sem que ela soubesse.

— Lembro-me de uma época em que os homens não tinham de tomar decisões destas — disse Boothby nostalgicamente. — Se tomarmos a errada, podemos muito bem perder a guerra.

— Obrigado por me recordar isso — retorquiu Vicary. — Por acaso, não tem uma bola de cristal atrás dessa secretária, pois não, Sir Basil?

— Lamento dizê-lo, mas não.

— E que tal uma moeda?

— Alfred!

— Uma fraca tentativa de me mostrar descontraído, Sir Basil.

Boothby estava outra vez a bater levemente na pasta.

— Qual é a sua decisão, Alfred?

— Digo que a deixemos à solta. Boothby desabafou:

— Peço a Deus que tenha razão, Alfred. Dê-me o seu braço direito.

Vicary estendeu o braço. Boothby algemou-lhe a pasta ao pulso.

Meia hora mais tarde, Grace Clarendon encontrava-se parada na Northumberland Avenue, a bater com os pés com toda a força no passeio para se aquecer enquanto observava o trânsito do início da noite a passar por ela. Por fim, avistou o grande Humber preto de Boothby quando o motorista piscou os faróis encobertos. O carro encostou ao passeio. Boothby abriu a porta de trás de rompante e Grace entrou.

Grace tremia.

— Está um frio dos diabos lá fora! Devia ter-se encontrado comigo há quinze minutos. Não percebo porque não podemos simplesmente fazer isto no seu gabinete.

— Demasiados olhos à espreita, Grace. Demasiadas coisas em jogo.

Ela enfiou um cigarro na boca e acendeu-o. Boothby fechou o separador de vidro.

— Diga-me lá, o que tem para mim?

— Vicary quer que eu lhe investigue uns nomes na base de dados dos Registos.

— E porque não me vem pedir uma requisição?

— Calculo que ache que não lha vai dar.

— E quais são os nomes?

— Peter Jordan e Walker Hardegen.

— Sacana inteligente — murmurou Boothby. — Mais alguma coisa?

— Sim. Queria que eu fizesse uma investigação à palavra Broome.

— Muito ampla?

— Nomes do nosso próprio pessoal. Nomes de código de agentes, alemães e britânicos. Nomes de código de operações, atuais e fechadas.

— Por amor de Deus! — exclamou Boothby, virando-se e observando o trânsito. — Foi Vicary que veio ter consigo diretamente ou fez o pedido através de Dalton?

— Foi Harry.

— Quando?

— Ontem à noite.

Boothby virou-se novamente e sorriu-lhe.

— Foi outra vez uma menina travessa, Grace? Ela não lhe deu resposta, apenas perguntou:

— O que quer que eu lhe diga?

— Diga-lhe que investigou os nomes de Jordan e de Hardegen em todas as bases de dados de que se lembrou e que não descobriu nada. E a mesma coisa para a palavra Broome. Entendido, Grace?

Ela assentiu com a cabeça. Boothby disse:

— Não fique com esse ar tão macambúzio. Está a dar uma contribuição inestimável para a defesa da sua nação.

Ela voltou-se para ele, com os olhos verdes semicerrados de raiva.

— Estou a enganar uma pessoa de quem gosto muito. E isso não me agrada.

— Vai terminar tudo dentro de pouco tempo. E quando isso acontecer, levo-a a jantar fora, tal e qual como nos velhos tempos.

Ela fez força no puxador da porta, com um pouco de vigor a mais, e pôs um pé fora do carro.

— Deixo-o levar-me a jantar a um restaurante caro, Basil. Mas é tudo. Os velhos tempos acabaram de vez.

Saiu, fechou a porta com violência e ficou a ver o carro de Boothby a sumir-se na escuridão.

Vicary ficou à espera na biblioteca, no andar de cima. As raparigas trouxeram-lhe as atualizações, uma a uma.

21h15: O posto fixo em Earl's Court avista Catherine Blake a sair do apartamento. Fotografias a caminho.

21 h17: Catherine Blake desloca-se para norte, em direção a Cromwell Road. Um vigia segue-a a pé. Carrinha de vigilância a seguiu-la.

21h20: Catherine Blake apanha um táxi e dirige-se para leste. A carrinha de vigilância recolhe o vigia que ia a pé e segue o táxi.

21h35: Catherine Blake chega a Marble Arch e sai do táxi. Novo vigia sai da carrinha e segue-a a pé.

21h40: Catherine Blake apanha outro táxi, em Oxford Street. A carrinha de vigilância quase a perde. Impossível apanhar o vigia que ia a pé.

21h50: Catherine Blake sai do táxi em Piccadilly Circus. A dirigir-se para leste, por Piccadilly. Novo vigia segue-a a pé. Carrinha de vigilância a seguiu-la.

21h53: Catherine Blake apanha autocarro. Carrinha de vigilância a seguiu-la.

21h57: Catherine Blake sai do autocarro. Entra no Green Park e avança por um trilho. Um vigia a seguiu-la.

Cinco minutos mais tarde, Harry entrou na biblioteca.

— Perdemo-la no Green Park — anunciou ele. — Ela voltou para trás. O vigia teve de continuar.

— Não faz mal, Harry, nós sabemos para onde é que ela vai. Mas, durante os vinte minutos seguintes, ninguém a viu. Vicary desceu as escadas e pôs-se a percorrer o centro de operações nervosamente.

Pelos microfones, Vicary conseguia ouvir Jordan às voltas dentro de casa, à espera dela. Será que tinha visto os vigias? Será que tinha detetado a carrinha de vigilância? Será que tinha sido atacada no Green Park? Será que tinha ido encontrar-se com outro agente? Será que estava a tentar escapar-se? Lá fora, Vicary ouviu o barulho Já carrinha de vigilância a regressar e, a seguir, os passos suaves dos vigias abatidos a entrarem discretamente na mansão. Ela tinha-os derrotado de novo. Depois, Boothby telefonou. Estava a monitorizar a operação no gabinete e queria saber que raio se estava a passar. Quando Vicary lhe explicou, Boothby resmungou qualquer coisa ininteligível e desligou.

Por fim, o posto fixo instalado em frente da casa de Jordan comunicou.

22h25: Catherine Blake a aproximar-se da porta de Jordan. Catherine Blake a tocar à campainha.

Vicary não precisava de saber essa última informação, pois tinham sido colocados tantos microfones e escutas na casa de Jordan que, através dos altifalantes no centro de operações, a campainha da porta soou como um alerta de ataque aéreo.

Vicary fechou os olhos e escutou. As vozes subiam e desciam à medida que eles passavam de divisão em divisão, fora do alcance de um microfone e dentro do alcance de outro. Ouvi-los a trocar trivialidades fez Vicary lembrar-se dos diálogos de um dos romances de Alice Simpson: Posso encher-te o copo? Não, assim está ótimo. E não queres comer qualquer coisa? Deves estar faminta. Não, comi um pouco antes de vir para cá. Mas há uma coisa que eu quero imenso imediatamente.

Ouviu-os beijarem-se. Perscrutou a voz dele à procura de notas falsas. Tinha uma equipa de agentes à espera na casa do outro lado da rua, só para o caso de correr tudo mal e ele resolver prendê-la. Ouviu-a a dizer a Jordan que o amava muitíssimo e, por alguma razão, deu por si a pensar em Helen. Tinham deixado de falar. Copos a tinirem. Água a correr. Passos a subirem as escadas. Silêncio à medida que avançavam por uma zona sem cobertura dos microfones. O som da cama de Jordan a ranger sob o peso dos seus corpos. O som de roupa a ser despida. Sussurros. Vicary já tinha ouvido o suficiente. Virou-se para Harry e disse:

— vou subir. Vá buscar-me quando ela for à caça dos documentos.

Clive Roach ouviu-o primeiro, depois Ginger Bradshaw. Harty tinha adormecido no sofá, com as pernas compridas penduradas por cima do descanso para o braço. Roach esticou-se e bateu-lhe na sola do sapato. Sobressaltado, Harry endireitou-se e escutou com atenção. Subiu as escadas pulando os degraus e quase deitou a porta da biblioteca abaixo. Vicary tinha trazido a cama de campanha do seu

gabinete. Estava a dormir, como era hábito, com a luz a bater-lhe na cara. Harry baixou-se e abanou-lhe o ombro. Vicary acordou subitamente e olhou para o relógio: 2h45. Seguiu Harry pelas escadas abaixo, sem dizer uma palavra, e entraram no centro de operações. Vicary tinha mexido em máquinas fotográficas alemãs capturadas e reconheceu o som de imediato. Catherine Blake estava trancada no escritório de Jordan a fotografar rapidamente a primeira leva de material da Operação Kettledrum. Passado um minuto, o barulho parou. Vicary ouviu o som de papéis a serem endireitados e da porta do cofre a ser fechada. A seguir, um clique quando ela desligou as luzes e voltou para o andar de cima.

QUARENTA

LONDRES

— Ora, ora, o homem do momento! — exclamou Boothby, abrindo a porta de trás do Humber de rompante. — Entre, Alfred, antes que morra gelado aí fora. Acabei de informar o Comité dos Vinte. Escusado será dizer, estão encantados. Pediram-me para lhe transmitir os parabéns. Por isso, parabéns, Alfred.

— Obrigado, acho eu — respondeu Vicary, pensando: Quando é que ele teve tempo para informar o Comité dos Vinte?

Ainda mal eram sete da manhã: a chover, um frio dos diabos e Londres velada à meia-luz mortíça da madrugada de inverno. O carro afastou-se do passeio, avançando pela rua sossegada e reluzente. Vicary afundou-se no banco, encostou a cabeça para trás e fechou os olhos por um momento apenas. Estava mais do que exausto. A fadiga moía-lhe os membros. Apertava-lhe o peito como o vencedor de uma luta no pátio da escola, comprimia-lhe a cabeça como um torno. Não conseguira voltar a adormecer, não depois de ouvir Catherine Blake a fotografar o material da Operação Kettledrum. O que o teria mantido acordado, a excitação de ter enganado o inimigo tão engenhosamente ou a repulsa perante a maneira como isso fora feito?

Vicary abriu os olhos. Estavam a dirigir-se para leste, atravessando a desolação gelada e georgiana de Belgravia, depois Hyde Park Corner e, a seguir, Park Lane, a caminho de Bayswater Road. As ruas estavam desertas — um ou outro táxi, aqui e ali, um camião ou dois, peões solitários a apressarem-se pelo passeio.

Fechando os olhos novamente, Vicary perguntou:

— Qual é o assunto, afinal?

— Lembra-se de eu lhe ter dito que o Comité dos Vinte estava a considerar a hipótese de utilizar mais alguns dos nossos trunfos da Operação Double Cross para ajudar a reforçar a credibilidade da Operação Kettledrum em Berlim?

— Lembro-me — respondeu Vicary.

E também se lembrava de ter ficado estupefacto com a rapidez com que se tinha chegado a essa decisão. O Comité dos Vinte era conhecido pelas suas guerras burocráticas. Todas as mensagens da Operação Double Cross, sem excepção, tinham de ser aprovadas pelo

Comité dos Vinte antes de poderem ser enviadas aos alemães por agentes que tinham mudado de lado. Por vezes, Vicary esperava durante dias até que o Comité aprovasse mensagens da Operação Double Cross para a sua rede Becker. Como tinham sido eles capazes de atuar tão depressa naquela ocasião?

Estava demasiado cansado para se pôr a vasculhar o cérebro à procura de respostas. Fechou os olhos outra vez.

— Para onde vamos?

— Para a zona leste de Londres. Hoxton, para ser preciso. Vicary abriu os olhos uma nesga e depois deixou que se fechassem de novo.

— Se vamos para a zona leste, porque estamos a seguir para oeste e a ir por Bayswater Road?

— Para termos a certeza de que não estamos a ser seguidos por membros de nenhum outro serviço, amigo ou inimigo.

— E quem havia de nos seguir, Sir Basil, os americanos?

— Por acaso, Alfred, estou mais preocupado com os russos. Vicary levantou a cabeça e virou-a na direção de Boothby, deixando-a depois pousar novamente no banco de couro.

— Eu até pediria uma explicação a esse comentário, mas estou demasiado cansado.

— Daqui a poucos minutos, vai ficar a perceber tudo.

— E vai haver café lá? Boothby soltou uma gargalhada.

— Sim, posso garantir-lhe isso.

— Ótimo. Não se importa que eu aproveite esta oportunidade para dormir uns minutinhos, pois não?

Mas Vicary já tinha adormecido e não ouviu a resposta de Boothby.

O carro parou com um solavanco. Flutuando num sono leve, Vicary sentiu a cabeça cair para a frente e depois para trás. Ouviu o ruído metálico de um puxador de porta a ceder e sentiu uma rajada de ar frio a arranhar-lhe a cara. Acordou de repente. Olhou para a esquerda e pareceu surpreendido por ver Boothby ali sentado. Lançou uma olhadela ao relógio.

Deus do céu, quase oito horas — estavam a andar pelas ruas de Londres há uma hora. Doía-lhe o pescoço por causa da posição incómoda em que tinha adormecido, afundado no banco, com o queixo encostado ao tórax. Tinha a cabeça a latejar e desejava desesperadamente cafeína e nicotina. Agarrou-se ao descanso para o braço e fez força para se endireitar. Espreitou pela janela: a zona leste de Londres, Hoxton, uma horrível fila de casas vitorianas parecida com uma fábrica caída em desgraça. A fila de casas do outro lado da rua tinha sido bombardeada — uma casa aqui, um monte de destroços ali, depois outra casa e a seguir mais destroços — com o aspeto de uma boca com dentes podres.

Ouviu Boothby dizer:

— Acorde, Alfred, chegámos. Mas, afinal, com que raio é que estava a sonhar?

De repente, sentiu-se constrangido. com que tinha sonhado ele de facto? Teria falado durante o sono? Já não sonhava com a França desde — desde quando? -, desde que tinham encurralado Catherine Blake. Interrogou-se se teria sonhado com Helen. Ao sair do carro, foi inundado por uma onda de cansaço e teve de se equilibrar colocando a mão no guarda-lamas traseiro. Boothby pareceu não reparar, já que se encontrava parado no passeio, a fitar Vicary com impaciência e a chocalhar uns trocos que tinha no bolso. A chuva começou a cair com mais força. De alguma forma, a paisagem desoladora fez com que parecesse estar ainda mais frio. Juntando-se a Boothby no passeio, Vicary respirou fundo, absorvendo o ar frio e húmido, e de imediato sentiu-se melhor.

Entraram pela porta da frente e Boothby conduziu-o pelo vestíbulo. A casa devia ter sido transformada em apartamentos, já que havia caixas de correio metálicas numa das paredes. Ao fundo do corredor, mesmo em frente da porta, havia uma escadaria. Vicary deixou que a porta se fechasse e foram envolvidos pela escuridão. Estendeu a mão e pôs-se às apalpadelas, à procura de um interruptor — tinha visto ali um, algures. Encontrou-o e carregou nele. Nada.

— Aqui levam o blackout um bocadinho mais a sério do que nós fazemos na zona oeste — disse Boothby.

Vicary tirou uma lanterna para o blackout do bolso do impermeável. Passou-a a Boothby, que o conduziu pelas escadas de madeira acima.

Vicary não conseguia ver quase nada, apenas a silhueta larga de Boothby e uma poça de luz pouco intensa a sair da fraca lanterna. Como um cego, os seus outros sentidos ganharam vida de repente. Foi agraciado com uma parada de cheiros desagradáveis — urina, cerveja morta, desinfetante, ovos secos a fritarem em gordura velha. Depois, os sons — um pai a bater num filho, um casal a discutir, outro casal a fazer amor ruidosamente. Algures, ouviu notas a saírem de um órgão e um coro de vozes masculinas. Perguntou-se se haveria uma igreja ali perto e foi então que se apercebeu de que era somente a BBC. Foi apenas nessa altura que compreendeu que era domingo. A Operação Kettledrum e Catherine Blake tinham-lhe roubado os dias da semana.

Chegaram ao patamar do último andar. Boothby apontou a lanterna para o corredor. A luz refletiu nos olhos amarelos de um gato escanzelado. O animal bufou-lhes, furioso, e depois desatou a fugir. Boothby seguiu o som da cerimónia religiosa. A cantoria tinha terminado e a congregação estava a rezar o pai-nosso. Boothby tinha uma chave. Enfiou-a na fechadura e apagou a lanterna antes de entrar.

Era uma salinha miserável: uma cama por fazer, que não era maior do que a de Vicary no quartel-general do MI5, uma cozinha de navio minúscula, com café a aquecer num bico do fogão, e uma pequena mesa de café, diante da qual estavam dois homens sentados como estátuas a ouvir rádio. Tinham ambos horrendos cigarros Gauloises na boca e o ar estava azul devido ao fumo. As luzes estavam apagadas, com a única iluminação a vir das janelas estreitas que davam para a parte de trás de uma fila de casas na rua seguinte. Vicary aproximou-se da janela e espreitou para uma ruela repleta de lixo. Dois rapazinhos estavam a atirar latas para o ar e a acertarem-lhes com paus. Levantou-se vento, fazendo com que jornais velhos esvoaçassem pelo ar como gaivotas a deslocarem-se em círculos. Boothby estava a deitar o café queimado para dentro de duas canecas em esmalte de aspeto duvidoso. Entregou uma a Vicary e ficou com a outra. O café era tenebroso — amargo e demasiado forte -, mas estava quente e tinha cafeína.

Boothby serviu-se da caneca lascada para fazer as apresentações, inclinando-a primeiro na direção do mais velho e maior dos dois homens.

— Alfred Vicary, apresento-lhe o Pelicano. O nome verdadeiro dele não é esse, atenção, é só o nome de código. Lamento informá-lo, mas não tem direito a saber o nome verdadeiro. Nem eu tenho a certeza se sei o nome verdadeiro dele — atirou, inclinando a caneca para o segundo homem sentado à mesa. — E este sujeito é o Hawke. Isso não é um nome de código, é mesmo o nome verdadeiro dele. Hawke trabalha para nós, não é, Hawke?

Mas Hawke não deu sinal de ter ouvido Boothby falar. Ele não era um Hawke — era mais um Stick ou um Rod ou um Cane^[12], de tão cadavérico e penosamente magro. O fato barato do tempo de guerra pendia-lhe dos ombros magros como se tivesse sido pendurado num cabide de corpo inteiro. Tinha a palidez de alguém que trabalhava à noite e debaixo do chão. O cabelo louro estava a ficar ralo e rapidamente grisalho, embora ele não fosse mais velho do que os rapazes a quem Vicary tinha dado aulas no último período, na universidade. Pegava no Gauloises como um francês, segurando-o entre a ponta do longo polegar e o indicador. Vicary teve a sensação desconfortável de já o ter visto algures — na cantina, talvez, ou a sair dos Registos com uma pilha de dossiês debaixo do braço. Ou teria sido a sair do gabinete de Boothby pela passagem secreta, como tinha visto Grace Clarendon sair naquela outra noite? Hawke não olhou para Vicary. A única altura em que se mexeu foi quando Boothby deu dois passos na sua direção. E mesmo aí limitou-se a desviar a cabeça um centímetro, inclinando-a, e retesou o rosto, como se receasse que Boothby lhe pudesse bater.

A seguir, Vicary olhou para o Pelicano. Podia ser um escritor ou podia ser um trabalhador das docas, podia ser alemão ou podia ser francês. Polaco, talvez — estavam por todo o lado. Ao contrário de Hawke, o Pelicano retribuiu o olhar de Vicary, fitando-o com firmeza e ligeiramente perplexo. Vicary não conseguia ver verdadeiramente os olhos do Pelicano porque ele usava os óculos mais grossos que Vicary já tinha visto, com lentes ligeiramente coloridas, como se fosse sensível a luzes fortes. Por baixo do casaco de cabedal preto, trazia duas camisolas grossas, uma cinzenta e de gola alta e a outra bege e de malha, esfiapada e com ar de ter sido feita por um familiar bem-intencionado e com olhos tão bons como os dele. Fumou o Gauloises até ao fim e depois esmagou-o com a unha partida do polegar grosso.

Boothby tirou o casaco e baixou o som do rádio. A seguir, olhou para Vicary e disse:

— bom, então muito bem. Por onde é que hei de começar?

Hawke não trabalhava para nós, Hawke trabalhava para Boothby.

Boothby conhecia o pai de Hawke. Tinha trabalhado com ele na Índia. Nos serviços de segurança. Conheceu o jovem Hawke no Reino Unido, em 1935, num almoço organizado na herdade da família em Kent. O jovem Hawke estava a beber e a falar demasiado, repreendendo o pai e Boothby pelo tipo de trabalho que faziam, recitando Marx e Lenine como se fossem Shakespeare e agitando os braços na direção dos esplêndidos jardins, como fossem prova da corrupção das classes dominantes inglesas. Depois do almoço, o pai de Hawke sorriu debilmente para Boothby e pediu desculpas pelo comportamento abominável do filho: As crianças hoje em dia... sabe como é... só aprendem parvoíces na escola... uma educação cara que não serve para nada.

Boothby também sorriu. Há imenso tempo que andava à procura de um Hawke.

Boothby recebeu uma nova missão: manter os comunistas debaixo de olho. Em especial nas universidades, em Oxford e Cambridge. O Partido Comunista Britânico, com amor e encorajamento dos seus mestres russos, andava pelas universidades à pesca de novos fiéis para o rebanho. O NKVD andava à procura de espões. Hawke foi para Oxford trabalhar para Boothby. Boothby seduziu Hawke. Boothby deu rumo a um coração à deriva. Boothby era bom nisso. Hawke andava com os comunistas: bebia com eles, discutia com eles, jogava ténis com eles, fornicava com eles. Quando o Partido o contactou, Hawke disse-lhes para se foderem.

Foi então que o Pelicano o contactou.

Hawke telefonou para Boothby. Hawke era um menino bem-comportado.

O Pelicano era alemão, judeu e comunista. Boothby viu de

imediatas as possibilidades. Tinha sido um comunista envolvido em lutas de rua na Berlim dos anos 20, mas, com a chegada de Hitler ao poder, achou melhor procurar paragens mais seguras. Emigrou para Inglaterra em 1933. O NKVD sabia da existência do Pelicano e dos tempos que passara em Berlim. Quando descobriram que se tinha instalado em Londres, recrutaram-no para ser seu agente. Supostamente, funcionaria como caçador de talentos, nada de trabalhos pesados. E o primeiro talento que tentou caçar foi o agente de Boothby, Hawke. No encontro seguinte entre Hawke e o Pelicano, Boothby surgiu do nada e aterrorizou-o de morte. O Pelicano aceitou passar a trabalhar para Boothby.

— Ainda me está a acompanhar, Alfred?

A ouvir junto à janela, Vicary pensou: Oh, sim. Na verdade, até estou quatro passos à sua frente.

Em agosto de 1939, Boothby levou Hawke para o MI5. Cumprindo as ordens de Boothby, o Pelicano informou os agentes que o controlavam a partir de Moscovo que o seu recruta principal tinha começado a trabalhar para os serviços secretos britânicos. Moscovo ficou em êxtase. O estatuto do Pelicano subiu em flecha. Boothby serviu-se do Pelicano para transmitir material verdadeiro, mas inofensivo, aos russos, todo ele supostamente oriundo da fonte no interior do MI5, Hawke, e tudo informações que os russos podiam confirmar por outras fontes. O estatuto do Pelicano disparou ainda mais.

Em novembro de 1939, Boothby enviou o Pelicano para a Holanda. Um jovem e arrogante agente dos serviços secretos das SS chamado Walter Schellenberg costumava viajar regularmente para território holandês, sob um nome falso, para se encontrar com dois agentes do MI6.

Schellenberg estava a fazer-se passar por membro da *Schwarze Kapelle* e a pedir auxílio aos britânicos. Na realidade, queria que os britânicos lhe fornecessem os nomes de verdadeiros traidores alemães para os poder prender. O Pelicano encontrou-se com Schellenberg, num café de uma cidadezinha holandesa logo a seguir à fronteira, e ofereceu-se para trabalhar para ele como espião no Reino Unido. Admitiu que tinha feito um ou outro trabalho para o NKVD, incluindo recrutar um rapaz de Oxford chamado Hawke, que tinha acabado de ingressar no MI5 e com quem o Pelicano continuava a contactar regularmente. Em sinal de boa-fé, deu um presente a Schellenberg, uma coleção de arte erótica asiática. Schellenberg entregou ao Pelicano mil libras, uma máquina fotográfica e um rádio transmissor e mandou-o voltar para o Reino Unido.

Em 1940, o MI5 sofreu uma reorganização. Vernon Kell, o antigo diretor-geral que fundara o departamento em 1909, foi abruptamente

despedido por Churchill. Sir David Petrie assumiu o controlo.

Boothby conhecia-o da Índia. Boothby foi enviado para o andar de cima. Passou o Pelicano para um responsável operacional — um amador como o Alfred, mas um advogado, não um professor-, mas manteve-o bem sob controlo. O Pelicano era demasiado importante para ser deixado nas mãos de alguém que mal sabia o caminho para a cantina. Além disso, as negociações entre o Pelicano e Schellenberg estavam a ficar muitíssimo interessantes.

Schellenberg ficou impressionado com os primeiros relatórios do Pelicano. O material era fidedigno, mas tudo coisas inofensivas: produção de munições, movimentos de tropas, avaliação de danos provocados por bombas. Schellenberg absorveu tudo vorazmente, embora soubesse que isso vinha de um judeu comunista que tinha trabalhado como caçador de talentos para o NKVD. Ele e o resto das SS desprezavam Canaris e os oficiais de carreira dos serviços secretos da Abwehr. Desconfiavam das informações que Canaris estava a fornecer a Hitler. Schellenberg viu a sua oportunidade. Podia criar uma rede distinta no Reino Unido, que reportasse diretamente a ele e a Heinrich Himmler, passando por cima da Abwehr por completo.

Boothby também viu uma oportunidade. Podia servir-se da rede do Pelicano para dois objetivos: verificar as informações falsas que estavam a ser enviadas a Canaris através do sistema da Operação Double Cross e, ao mesmo tempo, semear a desconfiança entre as duas organizações rivais dos serviços secretos. Era um equilíbrio difícil de manter. O MI5 queria que Canaris continuasse a ocupar o cargo — afinal de contas, a sua agência encontrava-se totalmente comprometida e manipulada -, mas um pouco de intriga palaciana também era bom. Os serviços secretos britânicos podiam atizar suavemente as chamas da dissensão e da traição. Boothby começou a passar informações a Schellenberg, através do Pelicano, que levantavam dúvidas sobre a lealdade de Canaris — não de modo a Schellenberg espetar um punhal nas costas da Velha Raposa, atenção, mas apenas o suficiente para pôr o raio da arma nas mãos dele.

Em 1942, Boothby achou que o jogo estava a ficar descontrolado. Schellenberg compilou uma extensa lista dos pecados de Canaris e apresentou-a a Himmler. O Comité da Operação Double Cross resolveu dar uma mãozinha a Canaris para o ajudar a desfazer o nó que lhe apertava o pescoço — informações de qualidade superior que poderia mostrar ao Fúhrer para comprovar a eficácia da Abwehr. Resultou. Himmler enfiou o dossiê de Schellenberg na gaveta e a Velha Raposa manteve-se no cargo.

Boothby estava a servir-se de mais uma caneca do café repugnante. Vicary não tinha sido capaz de terminar a primeira caneca. Estava encostada à janela, bebida até metade, ao lado de uma

traça morta que se estava a transformar lentamente em pó. O vento tinha afugentado os dois rapazinhos da ruela. Soprava em rajadas, lançando chuva contra o vidro da janela. A sala estava às escuras. O silêncio tinha tomado conta da casa após as atividades da manhã. O único som que se ouvia era o ranger do soalho por baixo dos pés impacientes de Boothby, a andar de um lado para o outro. Vicary desviou os olhos da janela e observou-o. Parecia deslocado naquele apartamento imundo — como um padre num prostíbulo -, mas tinha o ar de quem se estava a divertir imenso. Às vezes, até os espíões gostam de contar segredos.

Boothby enfiou a mão no bolso do peito do fato, tirou uma única folha de papel e entregou-a a Vicary. Era o memorando que este tinha escrito a Boothby umas semanas antes, pedindo-lhe que emitisse um alerta de segurança. Vicary olhou para o canto superior esquerdo: tinha sido carimbado com a palavra ação. Ao lado do carimbo, estavam duas iniciais praticamente ilegíveis: BB. Boothby estendeu a mão para que Vicary lhe devolvesse a folha. A seguir, passou-a ao Pelicano.

O Pelicano mexeu-se pela primeira vez. Pousou o memorando de Vicary em cima da mesa e acendeu a luz. Parado ao lado dele, Vicary conseguiu ver o Pelicano a semicerrar os olhos desconfortavelmente por trás das lentes escuras. Depois, tirou do bolso uma máquina fotográfica de fabrico alemão, a mesma que Schellenberg lhe tinha dado em 1940. Tirou, com todo o cuidado, dez fotografias ao documento, como um profissional, ajustando a luz e o ângulo da máquina de cada vez, para garantir que possuía pelo menos um negativo nítido. A seguir, levantou a máquina e apontou-a a Hawke. A máquina clicou duas vezes e ele voltou a guardá-la no bolso.

O Pelicano vai hoje à noite para Lisboa — revelou Boothby.

Schellenberg e os amigos pediram para se reunirem com ele.

Achamos que vão apertar com ele a fundo. Mas antes de começarem a interrogá-lo, o Pelicano vai dar-lhes este rolo de fotografias. Da próxima vez que Schellenberg e Canaris forem passear a cavalo pelo Tiergarten, Schellenberg vai falar-lhe disso. Canaris e Vogel vão ver nisso a prova de que o material da Operação Kettledrum é excelente. A agente deles não ficou exposta. Os serviços secretos britânicos estão em pânico. Por isso mesmo, as informações que ela anda a enviar sobre a Operação Mulberry só podem ser corretas. Está a perceber, Alfred?

Vicary e Boothby foram-se embora primeiro, com Boothby à frente e Vicary outra vez atrás. Descer as escadas às escuras foi mais difícil do que subi-las. Por duas vezes, Vicary teve de esticar a mão no meio da escuridão e segurar-se ao ombro macio do casaco de caxemira de Boothby. O gato voltou a aparecer e bufou-lhes a um canto. Os cheiros

desagradáveis eram os mesmos, só que a ordem tinha sido invertida. Chegaram ao início das escadas. Vicary sentiu as solas dos sapatos a rasparem no linóleo sujo do vestíbulo. Boothby empurrou a porta, abrindo-a. Ao avançar para a rua, Vicary sentiu a chuva na cara.

Nunca na vida tinha ficado tão feliz por sair de um sítio. Enquanto voltavam para o carro, observou Boothby, que estava a observá-lo. Vicary sentia-se como se tivesse acabado de espreitar através do espelho. Boothby tinha-lhe proporcionado uma visita guiada a um mundo secreto de logro que nunca tinha imaginado que existisse. Vicary entrou para o carro. Boothby sentou-se ao lado dele e fechou a porta. Levaram-nos para Kingsland Road e depois para sul, em direção ao rio. Vicary olhou uma vez de relance para Boothby e, a seguir, desviou o olhar. Boothby parecia satisfeito consigo próprio.

Vicary disse:

— Não precisava de me mostrar tudo aquilo. Porque o fez?

— Porque quis.

— E o que aconteceu à necessidade de saber? Não era necessário eu saber tudo aquilo. Podia ter feito chegar o meu memorando a Schellenberg sem nunca me contar nada acerca disso.

— É verdade.

— Então porque o fez, para me impressionar?

— De certa forma, sim — respondeu Boothby. — O Alfred deixou imensa gente impressionada com a sua ideia de deixar que a Catherine Blake continuasse infiltrada, incluindo eu. Dei-me conta de que o tinha subestimado, Alfred... a sua inteligência e a sua implacabilidade. É preciso ser-se um sacana impiedoso para fazer Peter Jordan voltar para aquele quarto com uma pasta cheia de material da Operação Double Cross. Quis mostrar-lhe o nível seguinte do jogo.

— É assim que vê isto, Sir Basil, como um jogo?

— Não é só um jogo, Alfred, é o jogo.

Boothby sorriu. Podia ser a sua maior arma. Contemplando-lhe a cara, Vicary imaginou que fosse o mesmo sorriso que ele utilizava para a mulher, Penelope, quando lhe assegurava que tinha desistido do seu amorzinho mais recente.

A ilusão da Operação Kettledrum exigia que Vicary passasse grande parte do dia no seu exíguo gabinete em St. James's Street afinal de contas, estavam a tentar convencer a Abwehr, e o resto do departamento, de que Vicary continuava a perseguir um agente alemão com acesso a material ultrassecreto. Fechou a porta e sentou-se à secretária.

Precisava desesperadamente de dormir. Deitou a cabeça na secretária, como um aluno sonolento, e fechou os olhos. Quando o fez, regressou de imediato ao apartamento imundo em Hoxton. Viu o Pelicano e viu Hawke. Viu os rapazinhos na ruela suja, com pernas

pálidas e malnutridas a saírem-lhes dos calções. Viu a traça a transformar-se em pó. Ouviu a música de órgão a ecoar pela imponente catedral. Pensou em Matilda; foi acometido de rompante por um sentimento de culpa por ter faltado ao funeral dela, como se lhe tivessem despejado água quente pelo pescoço.

Raios. Porque não consigo desligar só por uns minutos e adormecer?

Foi nessa altura que viu Boothby a andar a passos largos pelo apartamento, contando a história de Hawke e do Pelicano e o intrincado logro que tinha impingido a Walter Schellenberg. Apercebeu-se de que nunca tinha visto Boothby tão feliz: Boothby no terreno, rodeado pelos seus agentes, Boothby a beber um café tenebroso por uma caneca em esmalte lascada. Apercebeu-se de que se tinha enganado em relação a Boothby ou, mais precisamente, de que tinha sido enganado por Boothby. O departamento inteiro tinha sido. Boothby era uma mentira. O burocrata cómico, a pavonear-se pelo gabinete majestoso, as máximas tontas, a luz vermelha e a luz verde, a obsessão ridícula com as manchas de humidade na prezada mobília — era tudo mentira. Basil Boothby não era isso. Basil Boothby não era um manga de alpaca. Basil Boothby controlava agentes. Era um mentiroso. Um manipulador. Um enganador. Ao adormecer, Vicary descobriu que abominava Boothby um bocadinho menos. Mas uma coisa apoquentava-o. Por que razão tinha Boothby levantado o véu? E porquê naquela altura?

Vicary sentiu-se cair num sono sem sonhos. Ao longe, o Big Ben marcou as dez horas. Os sinos deixaram de se ouvir, apenas para serem substituídos pelo barulho abafado dos teleimpressores, do lado de lá da porta fechada. Queria dormir durante muito tempo. Queria esquecer tudo por uns minutos apenas. Mas, passado pouco tempo, começaram as sacudidelas, primeiro, suaves, depois, violentas. A seguir, o som da voz de uma rapariga — primeiro, dócil e agradável, depois, ligeiramente assustada.

— Professor Vicary... Professor Vicary. Acorde, por favor. Professor Vicary. Consegue ouvir-me?

Com a cabeça ainda apoiada nas mãos entrelaçadas, Vicary abriu os olhos. Por um instante, pensou ser Helen. Mas era apenas Prudence, um anjo louro do grupo das datilógrafas.

— Peço imensa desculpa por o acordar, professor Vicary. Mas Harry Dalton está ao telefone e diz que é urgente. Deixe-me trazer-lhe uma chávena de chá quente.

QUARENTA E UM

LONDRES

Catherine Blake saiu do seu apartamento pouco antes das onze horas, com uma chuva miudinha e fria a cair. Os céus cada vez mais escuros prometiam que o tempo ainda iria piorar. Faltavam três horas para ela se encontrar com Neumann. Em dias feios como aquele, sentia-se tentada a saltar o ritual dos meticulosos passeios por Londres e seguir diretamente para o local do encontro. Era um trabalho monótono e esgotante, estar constantemente a parar e a verificar se estava a ser seguida, a saltar para dentro e fora de metros e a entrar e sair de táxis. Mas era necessário, especialmente naquela altura.

Parou à porta do prédio, dando um nó ao lenço por baixo do queixo e olhando para a rua. Uma manhã de domingo tranquila, pouco trânsito, as lojas ainda fechadas. Só o café do outro lado da rua estava aberto. Um homem careca estava sentado à mesa da janela a ler o jornal. Levantou os olhos por um instante, virou a página e voltou a baixá-los.

A frente do café, meia dúzia de pessoas esperavam por um autocarro. Catherine olhou para as caras delas e achou que já tinha visto uma, talvez na paragem de autocarro, talvez noutro sítio. Olhou para os apartamentos do outro lado da rua. Se te estiverem a vigiar, vão fazê-lo de uma posição fixa, um apartamento do outro lado da rua ou um quarto por cima de uma loja. Sondou as janelas à procura de alguma alteração, de alguma cara que estivesse a olhar para ela. Não viu nada. Acabou de atar o lenço, abriu o guarda-chuva e começou a andar pela rua molhada.

Apanhou o primeiro autocarro em Cromwell Road. Estava praticamente vazio: duas senhoras de idade; um velho a murmurar para si próprio; um homem franzino que tinha feito mal a barba usava um impermeável encharcado e lia o jornal. Catherine saiu em Hyde Park Corner. O homem do jornal também. Catherine dirigiu-se para o parque. O homem do jornal seguiu na direção contrária, para Piccadilly. O que tinha Vogel dito sobre os vigias do MI5? Homens para quem não olharias duas vezes quando passasses por eles na rua. Se Catherine estivesse a selecionar homens para serem vigias do MI5, teria escolhido o homem do jornal.

Seguiu para norte por um trilho que fazia fronteira com Park Lane. Na ponta norte do parque, em Bayswater Road, deu meia-volta e voltou para Hyde Park Corner. A seguir, deu nova meia-volta e fez outra vez o caminho para norte. Estava segura de que não havia ninguém a segui-la a pé. Andou um pouco por Bayswater Road. Parou junto a um marco de correio e enfiou pela ranhura um envelope vazio e em branco, aproveitando a oportunidade para verificar uma vez mais se a seguiam. Nada. As nuvens adensaram-se e a chuva começou a cair com mais força. Arranjou um táxi e deu uma morada em Stockwell ao taxista.

Catherine recostou-se no banco, observando os padrões da chuva a escorrer pelo vidro da janela. Quando atravessaram a ponte de Battersea, houve uma rajada de vento, fazendo com que o táxi estremecesse. Ainda havia muito pouco trânsito. Catherine voltou-se e espreitou pela pequena abertura de um dos vidros traseiros. Atrás deles, talvez a uns duzentos metros de distância, ia uma carrinha preta. Ela conseguia ver duas pessoas na parte da frente.

Catherine virou-se outra vez para a frente e reparou que o taxista a estava a observar pelo retrovisor. Os olhos deles cruzaram-se por breves instantes; a seguir, ele pôs-se a olhar novamente para a estrada. Por instinto, Catherine enfiou a mão na carteira e tocou no cabo da faca de ponta e mola. O táxi cortou para uma rua com filas de casas vitorianas idênticas e desoladas. Não havia sinal de valima: nada de trânsito, nada de peões no passeio. Catherine voltou a virar-se. A carrinha preta já lá não estava.

Acalmou-se. Estava especialmente ansiosa que o encontro daquele dia se realizasse. Queria saber a resposta de Vogel ao pedido para a tirarem de Inglaterra. Parte dela desejava nunca o ter enviado. Tinha a certeza de que o MI5 se estava a aproximar cada vez mais; tinha cometido erros terríveis. Mas, ao mesmo tempo, andava a recolher informações extraordinárias do cofre de Peter Jordan. Na noite anterior, tinha fotografado um documento com a insígnia do SHAEF, uma espada e um escudo, e um carimbo que dizia MUITO SECRETO. Era bem possível que estivesse a roubar o segredo da invasão. Da posição em que se encontrava, não podia ter a certeza — o projeto de Peter Jordan era apenas uma peça de um quebra-cabeças gigantesco e complexo. Mas, em Berlim, onde estavam a tentar montar esse quebra-cabeças, as informações que estava a tirar do cofre de Peter Jordan poderiam ser de um valor incalculável, ouro puro. Deu por si a querer continuar, mas porquê? Era ilógico, claro. Nunca quisera ser espia; tinha sido chantageada por Vogel. Nunca tinha sentido grande lealdade para com a Alemanha. Na verdade, Catherine não sentia lealdade para com nada nem por ninguém — calculava que fosse isso que fazia dela uma boa agente. Mas havia outra coisa. Vogel sempre

lhe chamara um jogo. bom, ela estava viciada no jogo. Gostava do desafio do jogo. E queria ganhar o jogo. Não queria roubar o segredo da invasão para que a Alemanha pudesse vencer a guerra e os nazis governarem a Europa durante mil anos. Queria roubar o segredo da invasão para provar que era a melhor, melhor do que todos os idiotas incompetentes enviados para Inglaterra pela Abwehr. Queria mostrar a Vogel que se podia sair melhor do que ele no seu próprio jogo.

O táxi parou. O taxista virou-se para trás e perguntou:

— Tem a certeza de que é aqui?

Ela olhou pela janela. Tinham parado junto a uma fila de armazéns bombardeados e abandonados. As ruas estavam desertas. Se alguém a estivesse a seguir, não podia passar despercebido ali. Pagou ao taxista e saiu. O táxi afastou-se. Passados uns segundos, uma carrinha preta aproximou-se, com dois homens à frente. Passou por ela e seguiu pela estrada fora. A estação de metro de Stockwell ficava perto dali. Abriu o guarda-chuva para se proteger, avançou depressa até à estação e comprou um bilhete para Leicester Square. O metro estava prestes a partir quando ela chegou à plataforma. Entrou na carruagem antes que as portas se fechassem e arranjou um lugar.

Parado à frente de uma porta perto de Leicester Square, Horst Neumann estava a comer fish & chips embrulhados em papel de jornal. Engoliu o último bocado de peixe e sentiu-se imediatamente agoniado. Avistou-a a entrar na praça, no meio de um pequeno emaranhado de pessoas. Amarrotou o papel de jornal oleoso, deitou-o num caixote do lixo e seguiu-a. Passado um minuto, colocou-se ao lado dela. Catherine continuou a olhar em frente, como se não soubesse que Neumann estava a caminhar ao seu lado. Estendeu a mão e enfiou o rolo na dele. Sem dizer nada, Neumann entregou-lhe um papelinho. Separaram-se. Neumann sentou-se num banco da praça e ficou a vê-la ir-se embora.

Alfred Vicary perguntou:

— E o que aconteceu a seguir?

— Ela entrou na estação de metro de Stockwell — respondeu Harry. — Enviámos um homem para lá, mas ela já tinha apanhado o metro e partido.

— Maldição — murmurou Vicary.

— Metemos um homem nesse metro, em Waterloo, e recomeçámos a segui-la.

— E quanto tempo é que ela esteve sozinha?

— À volta de cinco minutos.

— Tempo mais do que suficiente para se encontrar com outro agente.

— Receio bem que sim, Alfred.

— E depois?

— A rotina do costume. Fez os vigias percorrerem o West End inteiro durante uma hora e meia. Lá acabou por entrar num café e deu-nos meia hora de descanso. A seguir, foi para Leicester Square. Atravessou a praça e voltou para Earl's Court.

— Não houve contacto com ninguém?

— Nenhum que tivéssemos observado.

— Então e em Leicester Square?

— Os vigias não viram nada.

— E o marco de correio em Bayswater Road?

— Confiscámos o que estava lá dentro. Encontrámos um envelope vazio e em branco no cimo da pilha de correspondência. Foi só um estratagema para verificar se estava a ser seguida.

— Raios partam, ela é mesmo boa.

— É uma profissional.

Vicary juntou os dedos, pensativamente.

— Não me parece que ela ande por aí às voltas só porque gosta de apanhar ar, Harry. Das duas uma: ou fez uma entrega clandestina em algum sítio predeterminado ou se encontrou com um agente.

— Deve ter sido no metro — disse Harry.

— Raios, pode ter sido em qualquer sítio! — retorquiu Vicary, batendo com o braço na cadeira. — Maldição!

— Temos de continuar a segui-la e pronto. Mais tarde ou mais cedo, ela vai cometer um erro.

— Eu não contaria com isso, Harry. E quanto mais tempo a mantivermos sob vigilância apertada, maiores serão as hipóteses de ela detetar que a estão a seguir. E se ela detetar que a estão a seguir...

— ... estamos arrumados — continuou Harry, completando-lhe o pensamento.

— Exato, Harry. Estamos arrumados.

Vicary soltou os dedos para abafar com a mão um longo bocejo; — Falou com a Grace?

— Sim. Ela investigou os nomes de todas as formas e feitios. Não descobriu nada.

— E em relação à palavra Broome?

— A mesma coisa. Não é o nome de código de nenhuma operação ou agente — respondeu Harry, olhando para Vicary durante um longo momento. — Quer explicar-me agora porque pediu à Grace para investigar esses nomes?

Vicary olhou para cima e fitou Harry olhos nos olhos.

— Se o fizesse, o Harry mandava-me internar. Não é nada, são só os meus olhos a pregarem-me partidas.

Vicary olhou para o relógio e bocejou outra vez.

— Tenho de informar Boothby e ir buscar a próxima leva de material para a Operação Kettledrum.

— Então vamos avançar?

— A não ser que Boothby diga o contrário, vamos avançar.

— E no que está a pensar para hoje à noite?

Vicary fez um esforço para se levantar e vestiu o impermeável.

— Achei que ir jantar e dançar um pouco ao Four Hundred Club seria uma mudança agradável de registo. vou precisar de alguém lá dentro para ficar de olho neles. Porque não convida a Grace para ir consigo? Passam uma noite agradável à custa do departamento.

QUARENTA E DOIS

BERCHTESGADEN

— Sentir-me-ia melhor se aqueles sacanas fossem à nossa frente e não atrás de nós — desabafou Wilhelm Canaris taciturnamente, com o Mercedes oficial a avançar a grande velocidade pela autoestrada de betão, a caminho da aldeiazinha de Berchtesgaden, do século XVI.

Vogel voltou-se e espreitou pelo vidro de trás. Atrás deles, num segundo carro oficial, iam o Reichsführer Heinrich Himmler e o Brigadeführer Walter Schellenberg.

Vogel virou a cabeça e olhou pelo vidro da sua própria janela. A neve caía suavemente sobre a pitoresca aldeia. com o mau humor com que estava, achou que isso fazia o sítio parecer um postal barato. Visite a linda Berchtesgaden! A terra do Fuhrer! Estava irritado por ter sido arrastado para tão longe de Tirpitz Ufer numa altura tão crucial. Pensou: Porque é que ele não pode ficar em Berlim como todos nós? Está sempre enfiado no Wolfschanze, em Rastenburg, ou no cimo do seu Adlerhorst, na Baviera.

Vogel tinha resolvido tirar algum proveito da viagem; estava a contar jantar e passar a noite com Gertrude e as meninas. Estavam em casa da mãe de Trude, numa aldeia a duas horas de carro de Berchtesgaden. Meu Deus, já tinha passado tanto tempo! Um dia no Natal; e, antes disso, dois dias em outubro. Ela tinha-lhe prometido um jantar com porco assado, batatas e couves e, com aquele seu tom de voz brincalhão, prometera também fazer coisas maravilhosas ao corpo dele, em frente à lareira, quando as crianças e os pais dela já estivessem deitados. Trude gostava sempre de fazer amor dessa maneira, num sítio inseguro, onde pudessem ser apanhados. Havia qualquer coisa nisso que tornava tudo mais excitante para ela, como tinha acontecido vinte anos antes, quando ele estava a estudar em Leipzig. Para Vogel, o entusiasmo já se tinha perdido há muito. A responsabilidade era dela — uma responsabilidade intencional -, como castigo por ele a ter enviado para Inglaterra.

Olha para mim e lembra-te disto da próxima vez que estiveres com a tua mulher.

Vogel pensou: Meu Deus, porque estou a pensar nisso agora? Tinha conseguido esconder os seus sentimentos de Gertrude, tal como

tinha conseguido esconder tudo o resto dela. Não era um mentiroso nato, mas tinha-se transformado num bom mentiroso. Gertrude ainda julgava que ele era um conselheiro interno de Canaris. Não fazia ideia de que era o agente que controlava a rede de espões mais secreta da Abwehr no Reino Unido. Como de costume, tinha-lhe mentido em relação ao que iria fazer naquele dia. Trude pensava que ele estava na Baviera a tratar de um assunto de rotina para Canaris — e não a subir a montanha Kehlstein para informar o Fúhrer dos planos do inimigo para invadir a França. Vogel tinha medo de que ela o deixasse se soubesse a verdade. Tinha-lhe mentido demasiadas vezes, tinha-a enganado durante demasiado tempo. Nunca mais voltaria a confiar nele. Pensava frequentemente que seria mais fácil falar-lhe de Anna do que confessar que tinha sido um mestre espião ao serviço de Hitler.

Canaris estava a dar biscoitos aos cães. Vogel olhou para ele de relance e, a seguir, desviou o olhar. Seria realmente possível? Seria o homem que o tinha arrancado do direito e transformado num espião de topo ao serviço da Abwehr um traidor? Sem dúvida que Canaris não tentava esconder minimamente o seu desprezo pelos nazis — a recusa em filiar-se no partido, o fluxo constante de comentários sarcásticos sobre Hitler. Mas será que o desprezo se tinha transformado em traição? Se Canaris fosse um traidor, as consequências para as redes da Abwehr no Reino Unido seriam desastrosas; Canaris estava numa posição que lhe permitiria revelar tudo. Vogel pensou: Se Canaris é um traidor, porque é que a maior parte das redes da Abwehr em Inglaterra continua a funcionar? Não fazia sentido. Se Canaris tivesse traído as redes, os britânicos tê-las-iam desativado de um dia para o outro. O mero facto de a grande maioria dos agentes alemães enviados para Inglaterra ainda continuar infiltrada podia ser considerado uma prova de que Canaris não era um traidor.

Teoricamente, a rede controlada por Vogel era imune à traição. Segundo o acordo entre ambos, Canaris tinha apenas conhecimento de pormenores muito vagos sobre a Corrente-V. Os agentes de Vogel não se cruzavam com os outros agentes. Tinham os seus próprios códigos para comunicação por rádio, procedimentos para encontros e linhas de financiamento específicas. E Vogel mantinha-se longe de Hamburgo, o centro de controlo das redes inglesas. Lembrou-se de alguns dos idiotas que Canaris e os outros agentes de controlo tinham enviado para Inglaterra, especialmente no verão de 1940, altura em que a invasão do Reino Unido parecia iminente e Canaris mandou a prudência às urtigas. Esses agentes estavam mal treinados e mal financiados. Vogel sabia que alguns tinham recebido apenas duzentas libras — uma miséria — porque a Abwehr e o estado-maior acreditavam que o Reino Unido cairia tão facilmente como a Polónia e

a França. Quase todos os novos agentes eram uns imbecis, como o idiota do Karl Becker, um tarado, um glutão, que só andava metido na espionagem pelo dinheiro e pela aventura. Vogel interrogava-se como conseguia um homem desses não ser capturado. Vogel não gostava de aventureiros. Não confiava em ninguém que quisesse realmente penetrar nas linhas do inimigo para trabalhar como espião; só um parvo queria fazer realmente isso. E os parvos dão maus agentes. Vogel queria apenas pessoas com os atributos e a inteligência necessários para serem bons espiões. O resto — a motivação, as artes do ofício, a prontidão para recorrer à violência quando necessário — providenciava ele.

Lá fora, a temperatura estava a baixar abruptamente à medida que iam subindo a sinuosa Kehlsteinstrasse. O motor do carro trabalhava cada vez com mais dificuldade, com os pneus a derraparem na superfície gelada da estrada. Passados uns momentos, o motorista parou diante de duas enormes portas em bronze, no sopé da montanha Kehlstein. Uma equipa de homens das SS executou uma rápida revista e, a seguir, um botão foi acionado e as portas abriram-se. O carro abandonou o turbilhão de neve da Kehlsteinstrasse e entrou num longo túnel. As paredes de mármore brilhavam com a luz que saía dos candeeiros de bronze.

O famoso elevador de Hitler aguardava-os. Mais parecia um pequeno quarto de hotel, com uma carpete sumptuosa, cadeiras de couro muito confortáveis e uma série de telefones. Vogel e Canaris entraram primeiro. Canaris sentou-se e acendeu de imediato um cigarro, estando o elevador já cheio de fumo quando Himmler e Schellenberg lá entraram. Os quatro homens sentaram-se em silêncio, cada um olhando em frente, enquanto o elevador os transportava rapidamente em direção ao Obersalzberg^[13], mil e oitocentos metros acima de Berchtesgaden. Irritado com o fumo, Himmler levou a mão enluvada à boca e tossiu suavemente.

Os ouvidos de Vogel estalaram com a mudança rápida de altitude. Olhou para os três homens que subiam consigo no elevador, os três mais poderosos oficiais dos serviços secretos do Terceiro Reich um criador de frangos, um tarado e um almirantezinho niquento que podia muito bem ser um traidor. Era nas mãos desses homens que estava o futuro da Alemanha.

Vogel pensou: Que Deus nos ajude a todos.

O gigante nórdico que chefiava a equipa de guarda-costas das SS de Hitler conduziu-os ao salão. Normalmente indiferente a cenários naturais, Vogel ficou boquiaberto com a beleza da vista panorâmica. Lá em baixo, conseguia ver os campanários e as colinas de Salzburgo, o local de nascimento de Mozart. Perto de Salzburgo, estava a Untersberg, a montanha onde o imperador Frederico Barba Ruiva

aguardou o seu lendário chamamento para dar início às suas conquistas e restaurar a glória da Alemanha. A sala de estar propriamente dita tinha quinze metros por dezoito metros, e quando conseguiu chegar à área onde as pessoas se sentavam, ao lado da lareira, Vogel sentia-se tonto devido à altitude. Instalou-se no canto de um sofá rústico, perscrutando as paredes com os olhos. Estavam repletas de enormes pinturas a óleo e tapeçarias. Vogel olhou com admiração para a coleção do Fúhrer — um nu que se julgava ter sido pintado por Ticiano, uma paisagem da autoria de Spitzweg, ruínas romanas por Pannini. Estavam lá um busto de Wagner e um amplo relógio com uma águia de bronze no topo. Um empregado serviu discretamente café aos convidados e chá a Hitler. Passado um momento, as portas abriram-se de rompante e Hitler avançou ruidosamente pela sala dentro. Como de costume, Canaris foi o último a levantar-se. O Fúhrer fez-lhes sinal para se voltarem a sentar e depois continuou em pé para poder andar de um lado para o outro da sala.

— Capitão Vogel — disse Hitler, sem qualquer preâmbulo -, pelo que sei, o seu agente em Londres conseguiu mais um golpe de mestre.

— Acreditamos que sim, meu Fúhrer.

— Por favor, vamos lá a desvelar esse segredo.

Sob o olhar atento de um homem das SS, Vogel abriu a pasta.

— O nosso agente roubou outro documento importante. Este documento fornece-nos pistas adicionais sobre a natureza da Operação Mulberry.

Vogel hesitou e, a seguir, disse:

— Agora, podemos prever com muito maior certeza qual é o papel exato que a Mulberry vai desempenhar na invasão.

Hitler assentiu com a cabeça.

— Por favor, continue, capitão Vogel.

— com base nos novos documentos, acreditamos que a Operação Mulberry é um complexo antiaéreo. Será desembarcado na costa francesa, numa tentativa de fornecer proteção contra a Luftwaffe durante as primeiras e decisivas horas da invasão do inimigo — explicou Vogel, enfiando novamente a mão na pasta. — Os nossos analistas utilizaram as plantas presentes no documento do inimigo para fazer um esboço do complexo.

Vogel colocou-o em cima da mesa. Schellenberg e Himmler observaram-no com interesse.

Hitler tinha-se afastado e estava a contemplar as suas montanhas através das janelas. Achava que pensava melhor quando estava em Berghof, onde se encontrava acima de tudo.

E, na sua opinião, onde é que o inimigo vai desembarcar esse complexo antiaéreo, capitão Vogel?

As plantas roubadas pelo nosso agente não especificam onde é que a Mulberry vai ser desembarcada — respondeu Vogel. — Mas, com base nas restantes informações recolhidas pela Abwehr, seria lógico concluir que a Mulberry tem como destino Calais.

— E a sua antiga teoria sobre um porto artificial na Normandia?

— Era... — retorquiu Vogel, hesitando, à procura da palavra certa — prematura, meu Fúhrer. Precipitei-me nas minhas conclusões. Dei um veredicto sem que as provas estivessem todas disponíveis. Sou advogado de formação, meu Fúhrer, por isso, peço desculpa pela metáfora.

— Não, capitão Vogel, acho que tinha razão da primeira vez. Acho que a Mulberry é um porto artificial. E acho que tem como destino a Normandia — afirmou Hitler, virando-se para quem o estava a ouvir. — Isto é mesmo típico do Churchill, esse louco! Uma engenhoca grandiosa e disparatada que revela as intenções dele porque nos diz onde é que ele e os amigos americanos vão atacar! O homem acha-se um grande pensador! Um grande estratega! Mas é um imbecil no que diz respeito a assuntos militares! Basta perguntar aos fantasmas dos rapazes que ele enviou para a carnificina do estreito de Dardanelos. Não, capitão Vogel, acertou da primeira vez. É um porto artificial e tem como destino a Normandia. Sei isso — declarou Hitler, batendo com força no peito. — Sei isso aqui.

Walter Schellenberg aclarou a garganta.

— Meu Fúhrer, a verdade é que temos outras provas que reforçam as informações do capitão Vogel.

— Vamos lá a ouvi-las, Herr Brigadefúhrer.

— Há dois dias, em Lisboa, fui informado por um dos nossos agentes em Inglaterra.

Vogel pensou: Oh, Jesus, cá vamos nós outra vez. Schellenberg tirou um documento da pasta.

— Isto é um memorando escrito por um responsável operacional do MI5, de seu nome Alfred Vicary. Foi aprovado por alguém com as iniciais BB e remetido a Churchill e a Eisenhower. Nele, Vicary alerta para uma nova ameaça à segurança e afirma que devem ser tomadas precauções adicionais até novas ordens. E Vicary também alerta para a necessidade de todos os agentes aliados se mostrarem especialmente cuidadosos com as abordagens feitas por mulheres. O seu agente em Londres... é uma mulher, não é, capitão Vogel? Vogel retorquiu:

— Posso ver isso?

Schellenberg entregou-lhe o documento. Hitler disse:

— Alfred Vicary. Porque é que esse nome me parece familiar?

Canaris respondeu:

— Vicary é amigo pessoal de Churchill. Fazia parte do grupo de pessoas a que Churchill dava ouvidos durante a década de 30.

Churchill levou-o para o MI5 quando se tornou primeiro-ministro, em maio de 1940.

— Sim, já me lembro. Não foi ele que escreveu uma série de artigos infames sobre o nacional-socialismo durante os anos 30?

Canaris pensou: E todos eles se revelaram verdadeiros. Respondeu:

— Sim, foi ele.

— E quem é BB?

— Basil Boothby. O chefe de uma divisão do MI5.

Hitler estava outra vez a percorrer a sala, mas lentamente. O sossego dos silenciosos Alpes surtia sempre um efeito tranquilizador nele.

— Vogel, Schellenberg e Canaris estão todos convencidos. Pois bem, eu não.

— Uma interessante reviravolta nos acontecimentos, não acha, Herr Reichsführer?

A tempestade tinha passado. Hitler estava a observar o Sol a desaparecer a ocidente, com os picos das montanhas a tomarem tons púrpura e cor-de-rosa à luz do crepúsculo alpino. Toda a gente se tinha ido embora menos Himmler.

— Primeiro, o capitão Vogel diz-me que a Operação Mulberry é um porto artificial; depois, que é um complexo antiaéreo.

— Bastante interessante, meu Führer. Tenho as minhas teorias. Hitler afastou-se da janela.

— Conte-mas.

— Número um: ele está a dizer a verdade. Recebeu novas informações, confia nelas e acredita verdadeiramente no que acabou de lhe contar.

— Possível. Continue.

— Número dois: as informações que acabou de lhe apresentar são totalmente falsas e Kurt Vogel, tal como o seu superior Wilhelm Canaris, é um traidor determinado a destruir o Führer e a Alemanha.

Hitler cruzou os braços e inclinou-se para trás.

— E porque é que eles haviam de nos enganar a propósito da invasão?

— Se o inimigo for bem-sucedido em França e o povo alemão vir que a guerra está perdida, Canaris e o resto da escumalha da Schwarze Kapelle vão virar-se contra nós e tentar destruir-nos. E se os conspiradores conseguirem tomar o poder, vão negociar um acordo de paz e a Alemanha vai acabar como estava depois da Primeira Guerra Mundial — castrada, fraca, a pedinte da Europa, a viver das migalhas caídas das mesas dos britânicos, dos franceses e dos americanos. — Himmler fez uma pausa e, a seguir, acrescentou: — E dos bolcheviques, meu Führer.

Os olhos de Hitler pareceram chamejar, a simples ideia de alemães

a viverem sob o domínio russo era demasiado dolorosa de imaginar.

— Nunca podemos deixar que isso aconteça à Alemanha! — exclamou ele, olhando depois para Himmler atentamente. — Pela sua expressão, vejo que tem outra teoria, Herr Reichsführer.

— Sim, meu Führer.

— Vamos lá a ouvi-la.

— Vogel acha que as informações que lhe está a apresentar são verdadeiras. Mas anda a beber de uma fonte envenenada.

Hitler pareceu intrigado.

— Continue, Herr Reichsführer.

— Meu Führer, sempre fui sincero consigo em relação ao que achava do almirante Canaris. E acho que ele é um traidor. Sei que ele já teve contactos com agentes britânicos e americanos. Se os meus receios a respeito do almirante estiverem corretos, não será lógico pressupor que ele terá comprometido as redes alemãs no Reino Unido? E não será também lógico pressupor que as informações dos espões de Canaris em Inglaterra também se encontram comprometidas? E se o capitão Vogel até tiver descoberto a verdade e o almirante Canaris o tiver silenciado para se proteger a si próprio?

Hitler estava outra vez a andar impacientemente de um lado para o outro.

— Brilhante, como de costume, Herr Reichsführer. O senhor é o único em quem posso confiar.

— Não se esqueça, meu Führer, uma mentira é a verdade, só que invertida. Se pusermos uma mentira à frente de um espelho, este vai refletir a verdade.

— O senhor tem um plano. Já percebi isso.

— Sim, meu Führer. E Kurt Vogel é a chave. Vogel pode trazermos o segredo da invasão e provas da traição de Canaris de uma vez por todas.

— Vogel parece-me um homem inteligente.

— Foi considerado uma das mentes jurídicas mais brilhantes da Alemanha antes da guerra. Mas, não se esqueça, foi recrutado pessoalmente por Canaris. Por isso mesmo, tenho as minhas dúvidas acerca da lealdade dele. Vamos ter de lidar com ele com muita cautela.

— Essa é a sua especialidade. Não é, Herr Reichsführer? Himmler exibiu o seu sorriso cadavérico.

— Sim, meu Führer.

A casa estava às escuras quando Vogel lá chegou. Um forte nevão tinha esticado a viagem de duas para quatro horas. Saiu do banco de trás do carro e foi buscar a sua pequena maleta ao porta-bagagens. Mandou o motorista ir-se embora; tinha-lhe reservado um quarto no pequeno hotel da aldeia. Trude estava à porta de casa, aberta, de

braços bem apertados contra o corpo para se aquecer. Tinha um ar absurdamente saudável, com a pele clara cor-de-rosa do frio e o cabelo castanho com madeixas do sol da montanha. Trazia uma camisola de esquí grossa, calças de lã e botas de montanha. Apesar da roupa volumosa, Vogel conseguia ver que ela estava em forma devido à vida ao ar livre. Quando Vogel a abraçou, Trude disse:

— Meu Deus, Kurt Vogel, estás pele e osso. As coisas andam assim tão más em Berlim?

Já estava toda a gente deitada. As meninas dividiam um quarto no andar de cima. Enquanto Trude lhe preparava o jantar, Vogel subiu as escadas para as ir ver. O quarto estava frio. Nicole tinha-se deitado com Lizbet. No escuro, era difícil perceber onde uma acabava e a outra começava. Ficou ali parado, a ouvi-las respirar e a sentir-lhes o cheiro — a respiração, o sabão, os corpos quentes a libertarem a fragrância da roupa da cama. Trude sempre achara isso estranho, mas ele adorava a maneira como elas cheiravam mais do que tudo o resto.

Quando desceu, tinha à sua espera um prato de comida e um copo de vinho. Trude já tinha comido há várias horas, por isso limitou-se a sentar-se ao seu lado e a falar enquanto ele devorava o porco assado com batatas. Estava surpreendentemente faminto. Terminou o que tinha no prato e ela serviu-lhe uma segunda dose, que ele se forçou a comer mais devagar. Trude falou dos pais e das meninas e da vinda da Wehrmacht à aldeia para levar os homens que restavam e os rapazes da escola. Agradeceu a Deus ter-lhes dado duas filhas e nenhum filho. Não lhe fez perguntas sobre a viagem e ele não revelou quaisquer pormenores.

Acabou de comer. Trude levantou a mesa. Tinha feito uma cafeteira de sucedâneo de café e estava ao fogão, a servi-lo numa chávena com pires, quando se ouviu alguém bater à porta muito levemente. Atravessou a sala e abriu a porta, ficando a olhar incrédula para a figura, toda vestida de preto, à sua frente.

— Oh, meu Deus — murmurou, com a chávena e o pires a caírem-lhe das mãos e a estilhaçarem-se aos pés dela.

— Ainda não consigo acreditar que Heinrich Himmler veio mesmo cá a casa — exclamou Trude, sem nenhuma entoação especial, como se estivesse a falar consigo própria.

Estava diante da lareira, que ardia com pouca intensidade, no quarto deles, direita como uma vara e de braços cruzados. Mesmo com a luz fraca, Vogel conseguia ver que ela tinha o rosto húmido e que o corpo lhe tremia.

— Quando vi aquela cara, a primeira coisa que pensei foi que estava a sonhar. Depois, pensei que estávamos todos presos. E foi então que me ocorreu... Heinrich Himmler estava na minha casa porque precisava de falar com o meu marido.

Voltou as costas à lareira e olhou para ele.

— E porquê, Kurt? Diz-me que não trabalhas para ele. Diz-me que não és um dos capangas de Himmler. Diz-me, mesmo que seja mentira.

— Eu não trabalho para Heinrich Himmler.

— E quem era aquele outro homem?

— Chama-se Walter Schellenberg.

— E o que faz ele? Vogel contou-lhe.

— E o que fazes tu? E não me digas que és apenas o advogado de Canaris.

— Antes da guerra, andava à procura de pessoas muito especiais. Treinava-as e enviava-as para Inglaterra para serem espões.

Trude assimilou aquela informação como se suspeitasse dela há muito tempo.

— E porque não me contaste isso antes?

— Não estava autorizado a contar a ninguém, nem sequer a ti. Enganei-te para te proteger. Foi o único motivo.

— E onde estiveste hoje?

Era escusado continuar a mentir-lhe.

— Estive em Berchtesgaden para uma reunião com o Fúhrer.

— Deus do céu — murmurou ela, abanando a cabeça. — E que outras mentiras é que me contaste, Kurt Vogel?

— Não te menti em relação a mais nada, só sobre o meu trabalho.

A expressão de Trude indicava que ela não acreditava nele.

— Heinrich Himmler, nesta casa. O que te aconteceu, Kurt? Ias ser um grande advogado. Ias ser o próximo Herman Heller, talvez até ocupar um lugar no Supremo Tribunal. Adoravas Direito.

— Não há Direito na Alemanha, Trude. Só há Hitler.

— E o que queria Himmler? Porque veio cá a estas horas da noite?

— Quer que eu o ajude a matar um amigo.

— Espero que tenhas dito que não o vais ajudar. Vogel olhou para ela.

— Se não o ajudar, ele mata-me. E depois mata-te a ti e mata as meninas. Mata-nos a todos, Trude.

QUARTA PARTE

QUARENTA E TRÊS

LONDRES

— A mesma coisa que antes, Alfred. Fez os vigias andarem atrás dela para nada durante três horas e depois voltou para o apartamento.

— Nada disso, Harry. Foi encontrar-se com outro agente ou então foi fazer uma entrega clandestina em algum sítio predeterminado.

— Se isso aconteceu, então não demos por nada. Mais uma vez.

— Maldição! — exclamou Vicary, servindo-se da beata para acender outro cigarro.

Estava indignado consigo próprio. Fumar cigarros já era mau. Servir-se de um para acender outro era intolerável. Mas era apenas da tensão da operação. Tinha entrado na terceira semana. Ele tinha permitido que Catherine Blake fotografasse quatro levadas de documentos da Operação Kettledrum. Por quatro vezes, os vigias tinham andado a dar voltas demoradas por Londres, atrás dela. E, por quatro vezes, não tinham sido capazes de detetar como ela estava a passar o material. Vicary estava a ficar nervoso. Quanto mais tempo a operação continuasse daquela forma, maiores seriam as hipóteses de erro. Os vigias sentiam-se exaustos e Peter Jordan estava prestes a revoltar-se.

Vicary disse:

— Se calhar, estamos simplesmente a abordar isto da maneira errada.

— O que quer dizer com isso?

— Andamos a segui-la, na esperança de conseguirmos detetar a entrega. Então e se mudássemos de tática e começássemos à procura do agente que anda a fazer a recolha.

— Mas como? Não sabemos quem ele é nem qual é o aspeto dele.

— Por acaso, até somos capazes de saber. Sempre que Catherine sai, nós acompanhamo-la. E Ginger Bradshaw também. Ele já tirou dezenas e dezenas de fotografias. O nosso homem tem de estar numa ou noutra.

— É possível, sem dúvida que vale a pena tentar.

Dez minutos mais tarde, Harry regressou com um monte de fotografias com trinta centímetros de largura.

— Para sermos exatos, são cento e cinquenta fotografias, Alfred.

Vicary sentou-se à secretária e pôs os óculos de meia-lua. Pegou nas fotografias uma a uma e examinou as imagens à procura de caras, roupa, ares suspeitos — qualquer coisa. Amaldiçoado com uma memória quase fotográfica, Vicary ia guardando cada imagem na cabeça e passando para a seguinte. Harry estava a beber chá e a percorrer o gabinete em silêncio, envolto pelas sombras.

Passadas duas horas, Vicary achou que tinha encontrado uma correspondência.

— Veja, Harry, aqui está ele, em Leicester Square. E aqui está ele outra vez, à porta da estação de comboios de Euston. Pode ser uma coincidência, podem ser duas pessoas diferentes, mas duvido.

— Raios me partam! — exclamou Harry, analisando o homem nas fotografias: pequeno, com cabelo escuro, ombros largos e roupa convencional.

Não havia nada no seu aspeto que chamasse a atenção para ele — perfeito para o trabalho de rua.

Vicary juntou as fotografias que sobravam e dividiu-as em dois montes iguais.

— Comece a procurá-lo, Harry. Só a ele. E a mais ninguém. Meia hora mais tarde, Harry detetou-o numa fotografia tirada em Trafalgar Square e que se revelou a melhor até então.

— Ele precisa de um nome de código — disse Vicary.

— Parece um Rudolf.

— Muito bem — retorquiu Vicary. — Que seja Rudolf.

QUARENTA E QUATRO

HAMPTON SANDS, NORFOLK

Nesse momento, Horst Neumann ia de bicicleta do chalé dos Dogherty para a aldeia. Usava uma camisola grossa de gola alta, um casacão e calças enfiadas dentro de umas botas de borracha. Estava um dia bonito e soalheiro. Nuvens brancas, impulsionadas pelos fortes ventos do norte, deslocavam-se por um céu azul-escuro. As suas sombras avançavam rapidamente pelos prados e encostas, desaparecendo depois sobre a praia. Seria o último dia decente que veriam durante algum tempo. Estava previsto mau tempo para toda a costa leste do país, com início a meio do dia seguinte e vários mais de duração. Neumann quis sair do chalé por algumas horas enquanto tinha essa possibilidade. Precisava de pensar. O vento soprava em rajadas, tornando praticamente impossível manter a bicicleta direita no trilho cheio de buracos e de um só sentido. Neumann baixou a cabeça e pedalou com mais força. Voltou-se e olhou por cima do ombro. Dogherty tinha desistido. Saíra de cima da bicicleta e empurrava-a pelo trilho.

Neumann fingiu não reparar e prosseguiu em direção à aldeia. Inclinou-se para a frente, sobre o guiador, com os cotovelos para fora, e pedalou furiosamente por uma pequena colina acima. Chegou ao topo e, a seguir, deixou-se descer pela encosta. O trilho estava duro devido à geada da noite anterior e a bicicleta chocalhava pelos sulcos profundos com tanta violência que Neumann temeu que o pneu da frente se pudesse soltar. O vento abrandou e a aldeia surgiu. Neumann atravessou a ponte que passava por cima da enseada e parou do lado de lá. Deitou a bicicleta na vegetação densa à beira do trilho e sentou-se ao lado dela. Levantou a cara na direção do sol. Estava quente, apesar do ar fresco. Um esquadrão de gaivotas voava em círculos silenciosamente lá no alto. Fechou os olhos e escutou o barulho do mar. Foi invadido por uma ideia absurda — iria ter saudades daquela aldeiazinha quando fosse altura de se ir embora.

Abriu os olhos e avistou Dogherty no cimo da colina. Dogherty tirou o gorro, limpou a testa e acenou-lhe. Neumann gritou:

— Demora o tempo que quiseses, Sean!

Depois, apontou para o Sol com a mão, para explicar por que

razão não tinha pressa de sair dali. Dogherty voltou a subir para a bicicleta e deixou-se descer pela encosta.

Neumann observou Dogherty e, a seguir, virou-se e contemplou o mar. A mensagem que tinha recebido de Vogel ao início da manhã estava a perturbá-lo. Tinha evitado pensar nela, mas não podia continuar a fazê-lo. O operador de rádio em Hamburgo tinha transmitido uma frase em código que significava que Neumann deveria colocar Catherine Blake em contravigilância em Londres. No léxico do ofício, contravigilância significava que ele tinha de a seguir para confirmar que ela não estava por sua vez a ser seguida pelo inimigo. O pedido podia querer dizer uma série de coisas. Podia querer dizer que Vogel apenas queria ter a certeza de que as informações que Catherine estava a receber eram fidedignas. Ou podia querer dizer que ele suspeitava que ela estivesse a ser manipulada pela outra parte. Se fosse esse o caso, Neumann poderia estar a meter-se numa situação muito perigosa. Se Catherine estivesse a ser vigiada e ele comesse a segui-la também, estaria a andar lado a lado com agentes do MI5 treinados para detetarem contravigilância. Estaria a ir direito a uma armadilha. Pensou: Raios te partam, Vogel, que jogo estás a fazer?

E se ela estivesse mesmo a ser seguida pela outra parte? Neumann tinha duas opções. Se possível, deveria contactar Vogel via rádio e solicitar autorização para tirar Catherine Blake de Inglaterra. Se não houvesse tempo, tinha a permissão de Vogel para atuar por sua conta.

Dogherty deixou-se deslizar pela ponte e parou junto a Neumann. Uma nuvem grande passou à frente do Sol. Neumann tremeu de frio. Levantou-se e acompanhou Dogherty em direção à aldeia, cada um a empurrar a sua bicicleta.

O vento soprava em rajadas, a uivar por entre as lápides inclinadas do cemitério. Neumann levantou a gola do casaco.

— Ouve, Sean, é possível que tenha de me ir embora dentro de pouco tempo, e bastante à pressa.

Dogherty olhou para Neumann com um rosto inexpressivo e depois olhou outra vez em frente. Neumann disse:

— Fala-me do barco.

— No início da guerra, Berlim mandou-me criar um percurso de fuga pela costa do Lincolnshire, uma maneira de um agente chegar a um submarino estacionado a dezasseis quilómetros da costa. O nome dele é Jack Kincaid. Tem um pequeno barco de pesca numa terra chamada Cleethorpes, na foz do rio Humber. Já vi o barco. Está um bocadinho em mau estado — caso contrário, teria sido confiscado pela Marinha Britânica -, mas vai dar conta do recado.

— E Kincaid? O que sabe ele?

— Acha que eu estou envolvido no mercado negro. Kincaid está

metido numa série de coisas duvidosas, mas suspeito que trabalhar para a Abwehr já seria ir demasiado longe para ele. Paguei-lhe cem libras e disse-lhe para estar preparado para fazer o trabalho de repente — a qualquer momento, dia ou noite.

— Contacta-o hoje — ordenou-lhe Neumann. — Diz-lhe que somos capazes de aparecer dentro de pouco tempo.

Dogherty assentiu com a cabeça. Neumann disse:

— Eu não devia propor-te isto, mas vou fazê-lo à mesma. Quero que tu e a Mary pensem na hipótese de irem comigo quando eu me for embora.

Dogherty riu-se para si mesmo.

— E o que é que eu ia fazer em Berlim, raios?

— Ias estar vivo, logo para começar. Já deixámos demasiadas pegadas. Os britânicos não são estúpidos. Vão encontrar-te. E quando o fizerem, vais direitinho para a força.

— Já pensei nisso. Muitos homens bons já deram a vida pela causa. Homens melhores do que eu. E eu não tenho medo de dar a minha.

— Isso é um belo discurso, Sean. Mas não sejas parvo. Eu diria que apostaste no cavalo errado. Não estarias a morrer pela causa, estarias a morrer porque fizeste espionagem a favor do inimigo a Alemanha nazi. Hider e os amigos dele estão-se nas tintas para a Irlanda. E ajudá-los agora não vai libertar a Irlanda do Norte da opressão inglesa, nem agora, nem nunca. Estás a compreender?

Dogherty não disse nada.

— E há mais uma coisa que precisas de perguntar a ti mesmo. Até podes estar disposto a sacrificar a tua própria vida, mas e a de Mary?

Dogherty olhou para ele bruscamente.

— Do que é que estás a falar?

— Mary sabe que tu andavas a espiar para a Abwehr e sabe que eu era um agente. Se os britânicos descobrirem isso, no mínimo, não vão ficar muito contentes. E ela vai para a prisão durante muito tempo... se tiver sorte. Se não tiver sorte, também a enforcam.

Dogherty fez um gesto de despreocupação.

— Eles não vão tocar na Mary. Ela não teve participação nenhuma nisto.

— Chamam a isso ser-se cúmplice, Sean. Mary foi cúmplice da tua espionagem.

Dogherty caminhou em silêncio durante um bocado, matutando nas palavras de Neumann. Por fim, lançou:

— Que raio é que eu ia fazer na Alemanha? Não quero ir para a Alemanha.

— Vogel pode arranjar-te passagem para outro país. Portugal ou Espanha. Até pode ser que ele consiga que voltes para a Irlanda.

— Mary nunca irá. Nunca deixará Hampton Sands. Se eu fosse contigo, teria de ir sozinho... deixá-la para trás, à mercê dos malditos britânicos.

Chegaram ao pub Hampton Arms. Neumann encostou a bicicleta à parede e Dogherty fez o mesmo.

Deixa-me pensar nisso hoje à noite — pediu Dogherty. — vou falar com a Mary e dou-te uma resposta de manhã.

Entraram no Arms, que estava vazio, à exceção do dono, que se encontrava ao balcão a polir copos. A lareira ardia com grande intensidade. Neumann e Dogherty despiram os casacos, penduraram-nos numa fila de cabides ao lado da porta e sentaram-se na mesa mais próxima da lareira. Naquele dia, só havia uma coisa no menu, empada de porco. Pediram duas empadas e dois copos de cerveja. A lareira estava incrivelmente quente. Neumann tirou a camisola. O dono do pub trouxe as empadas passados uns minutos e eles pediram mais cerveja. De manhã, Neumann tinha ajudado Sean a reparar algumas cercas e sentia-se esfomeado. A única altura em que Neumann tirou os olhos do prato foi quando a porta se abriu e um homem grande entrou. Neumann já o tinha visto pela aldeia e sabia quem ele era. Martin Colville, o pai de Jenny.

Colville pediu uísque e deixou-se ficar ao balcão. Neumann, enquanto acabava o que faltava da empada de porco, lançava-lhe olhares com intervalos regulares. Era um homem grande e forte, com cabelo preto, que lhe caía para os olhos, e barba preta salpicada de grisalho. O seu casaco estava imundo e cheirava a óleo de motor. Tinha as mãos enormes gretadas e permanentemente sujas. Colville bebeu o primeiro copo de uísque de um só trago e pediu um segundo. Neumann terminou a empada e acendeu um cigarro.

Colville bebeu o segundo copo de uísque e deitou um olhar feroz na direção de Neumann e Dogherty.

— Quero que se afaste da minha filha — disse Colville. — Ouvi dizer que os dois têm sido vistos um com o outro na aldeia e isso não me agrada.

Com os dentes cerrados, Dogherty exclamou:

— Não entres em confusões, amigo.

— Jenny e eu passamos tempo um com o outro porque somos amigos — respondeu Neumann. — Nada mais.

— Está à espera que eu acredite nisso? Você quer ir para a cama com ela. Pois bem, a Jenny não é dessas raparigas, — Sinceramente, estou-me nas tintas para aquilo que você pensa.

— Eu ainda tolero que ela se dê com esse irlandês de meia-tijela e a mulher dele. Mas não o vou tolerar a si. Você não presta para ela. E se alguma vez voltar a ouvir que estiveram um com o outro... ameaçou Colville, de indicador espetado para Neumann — ... vou

atrás de si.

Dogherty disse:

— Acena só com a cabeça e sorri e despacha o assunto.

— Ela passa tempo com o Sean e a Mary porque eles se preocupam com ela. Dão-lhe um lar agradável e seguro. Que é mais do que posso dizer de si.

— O lar de Jenny não é da sua conta. Não meta mas é o nariz nisso! E se souber o que é bom para a tosse, vai manter-se bem longe dela, foda-se!

Neumann apagou o cigarro com força. Dogherty tinha razão. Ele devia simplesmente ficar ali sentado de boca calada. A última coisa de que precisava naquela altura era de provocar uma luta com uma pessoa da aldeia. Olhou para Colville. Conhecia o género. O sacana tinha aterrorizado toda a gente durante a vida inteira, incluindo a própria filha. Neumann viu com satisfação a oportunidade de o pôr no seu devido lugar. Pensou: Se lhe mostrar como é que as coisas são, talvez ele nunca mais volte a magoar a Jenny.

Atirou:

— O que é que vai fazer, bater em mim? Essa é a sua resposta para tudo, não é? Sempre que acontece alguma coisa de que não gosta, limita-se a bater em alguém. É por isso que Jenny passa tanto tempo com os Dogherty. É por isso que não consegue suportar estar ao pé de si.

O rosto de Colville retesou-se. Ele disparou:

— Quem é que você é, foda-se? Não acredito na sua história. Atravessou o pub rapidamente, com poucas passadas, pegou na mesa e atirou-a para longe.

— Você é meu, e eu vou gostar disto. Neumann levantou-se e ripostou:

— Que sorte a minha.

Um pequeno grupo de pessoas, pressentindo sarilhos, juntou-se à porta do pub, em redor dos dois homens. Colville desferiu um gancho de direita atabalhoado, a que Neumann se esquivou com facilidade. Colville desferiu mais dois murros. Neumann desviou-se deles movendo a cabeça uns centímetros apenas, mantendo as mãos à frente da cara, protegendo-a, e os olhos fixos nos de Colville. Neumann continuou à defesa. Se tentasse aproximar-se o suficiente para lhe acertar com um murro, Colville poderia ser capaz de o agarrar com os seus braços poderosos e ele poderia nunca mais conseguir escapar. Teria de esperar até que Colville cometesse um erro. Nessa altura, passaria ao ataque e acabaria com aquilo o mais depressa possível.

Colville desferiu mais uma sucessão de socos atabalhoados. Já estava sem fôlego e em esforço. Neumann conseguia ver a frustração a crescer-lhe no rosto. Colville esticou os braços e atirou-se a ele como

um touro. Neumann afastou-se rapidamente, dando um passo para o lado, e pregou uma rasteira a Colville quando este passou por ele a toda a velocidade. Aterrou de cara no chão, com um baque forte. Neumann avançou depressa, quando Colville já se encontrava de costas, e espetou-lhe dois pontapés seguidos na cara. Colville ergueu o forte antebraço, amortecendo o terceiro pontapé, e levantou-se, cambaleante.

Neumann tinha conseguido partir-lhe o nariz. O sangue jorrava-lhe das narinas para a boca.

Neumann disse:

— Já levou a sua conta, Martin. Vamos parar com isto e voltar lá para dentro.

Colville não disse nada. Deu um passo em frente, socou com a mão esquerda e lançou uma poderosa e brutal direita. O golpe acertou com força na maçã do rosto de Neumann, cortando-lhe a carne. Neumann sentiu-se como se tivesse sido atingido por uma marreta. A cabeça começou a zumbir, vieram-lhe lágrimas aos olhos e ficou com a visão desfocada. Sacudiu a cabeça para recuperar do abalo e lembrou-se de Paris — de estar deitado na ruela imunda por trás do café, com o sangue a correr para as poças da água da chuva e os homens das SS por cima dele, pontapeando-o com as botas militares, espancando-o com os punhos, as coronhas das pistolas, garrafas de vinho, fosse o que fosse.

Colville lançou mais um murro irrefletido. Neumann agachou-se e, a seguir, rodou e aplicou-lhe um pontapé de lado, acertando com toda a força na rótula direita de Colville. O homem mais alto soltou um grito de dor profunda. Rapidamente, Neumann pontapeou-o mais três vezes. Colville estava incapacitado; Neumann suspeitou que ele tivesse deslocado a rótula. E Colville também estava aterrorizado. Era óbvio que nunca tinha encontrado ninguém que lutasse como Neumann.

Neumann não parou de se deslocar para a direita, obrigando Colville a apoiar o peso do corpo na perna aleijada. Colville não conseguia praticamente manter-se em pé. Neumann achou que o adversário estava acabado.

Quando Neumann se encontrava de costas para o pub, Colville passou todo o peso do corpo para a perna boa e precipitou-se contra ele. Neumann, surpreendido, não foi capaz de se desviar suficientemente depressa. Colville abalroou-o e atirou-o de encontro à parede. Foi o mesmo que ser atropelado por um camião a toda a velocidade. Esforçou-se por recuperar o fôlego. Colville ergueu a cabeça com violência, acertando em Neumann debaixo do queixo. Neumann mordeu a língua e o sangue esguichou-lhe para dentro da boca.

Antes que Colville pudesse voltar a atacá-lo, Neumann deu-lhe

uma joelhada na virilha. Colville dobrou-se com a dor, soltando um gemido profundo. Neumann levantou novamente o joelho, acertando desta vez na cara de Colville, estilhaçando ossos. Neumann deu um passo em frente, ergueu o braço e espetou o cotovelo na cabeça de Colville.

Os joelhos de Colville cederam e ele foi ao chão, quase inconsciente.

Neumann disse:

— Não se levante, Martin. Se sabe o que é bom para si, deixe-se ficar exatamente onde está.

Foi então que Neumann ouviu alguém gritar. Levantou os olhos e viu Jenny correr na sua direção.

Nessa noite, Neumann estava deitado na cama, acordado. Tinha dormido um pouco, mas a dor acordara-o. Naquele momento, estava completamente imóvel a ouvir o vento a fustigar o chalé. Ao longe, Conseguia ouvir o barulho das ondas a rebentarem na praia. Não sabia que horas eram. Tinha o relógio na mesinha de cabeceira ao lado da cama. Ergueu-se, apoiado no cotovelo, esticou-se para o agarrar, gemendo de dor, e olhou para o mostrador luminoso. Quase meia-

O

— noite.

Deixou-se cair outra vez na almofada e ficou a olhar para o teto. Ter lutado com Martin Colville fora um erro idiota. Pusera a sua cobertura em perigo, bem como a segurança da operação. E magoara Jenny. À porta do pub, ela tinha gritado e batido com os punhos no peito dele. Estava furiosa com Neumann por este ter ferido o pai. Ele quisera apenas dar uma lição ao sacana, mas saíra-lhe o tiro pela culatra. Naquele momento, deitado na cama, a ouvir o ritmo confuso do vento ininterrupto, interrogou-se se toda a operação estaria condenada. Lembrou-se do aviso de Catherine em Hampstead Heath: Houve coisas que correram mal. Acho que a minha cobertura não vai aguentar muito mais tempo. Pensou na ordem de Vogel para efetuar contravigilância. Interrogou-se se todos eles — Vogel, Catherine, ele próprio — não teriam já cometido erros fatais.

Neumann avaliou os ferimentos. Parecia ter dores em todo o lado. Tinha as costelas pisadas e doridas — doía-lhe de cada vez que respirava -, mas parecia não ter partido nenhum osso. Tinha a língua inchada e, quando a passou pelo céu da boca, sentiu o corte na superfície. Levantou a mão e tocou na face. Mary tinha feito todos os possíveis por fechar a ferida sem recurso a pontos — ir a um médico estava fora de questão. Verificou o penso para se certificar de que estava bem seguro. Bastava o mínimo toque para que o rosto latejasse de dor.

Neumann fechou os olhos e tentou dormir. Estava a começar a

adormecer quando ouviu o barulho de passos no patamar, do outro lado da porta do quarto. Instintivamente, esticou-se para agarrar na Mauser. Ouviu outro passo e, a seguir, o chão a ranger sob o peso de um corpo. Ergueu a Mauser e apontou-a à porta. Ouviu o barulho de alguém a abrir o trinco. Pensou: Se o MI5 viesse atrás de mim, de certeza que ninguém estaria a tentar entrar à socapa no meu quarto, à noite. Mas se não era o MI5 nem a polícia, então quem raio seria? A porta abriu-se e uma pequena figura ficou parada à entrada do quarto. com a luz fraca que entrava pela persiana aberta, Neumann conseguiu perceber que se tratava de Jenny Colville. Pousou a Mauser discretamente no chão, ao lado da cama, e sussurrou:

— O que pensas que estás a fazer?

— Vim ver se o senhor estava bem.

— Sean e Mary sabem que estás aqui?

— Não, eu entrei sozinha — respondeu ela, sentando-se na beira da pequena cama. — Como é. que se sente?

— Já passei por pior. O teu pai dá uns socos e pêras. Mas, pensando bem, sabes isso melhor do que ninguém.

Ela estendeu a mão no escuro e tocou-lhe na cara.

— Devia ter ido ao médico. Tem aí um belo corte na cara.

— Mary fez um trabalho excelente. Jenny sorriu.

— Ela já teve muito treino com Sean. Disse-me que, quando Sean era novo, um sábado à noite não era um sábado à noite se não terminasse com uma bela pancadaria à porta do pub.

— E como está o teu pai? Acho que lhe bati demasiado.

— Vai ficar bom. Oh, a cara dele está uma linda desgraça. Mas também nunca foi muito bonito logo para começar.

— Peço desculpa, Jenny. Tudo aquilo foi ridículo. Devia ter tido mais juízo. Devia tê-lo ignorado e pronto.

— O dono do pub disse que o meu pai é que começou. Mereceu o que lhe aconteceu. Já há muito tempo que andava a pedi-las.

— Então já não estás zangada comigo?

— Não. Nunca ninguém me tinha defendido. O que o senhor fez foi uma coisa muito corajosa. O meu pai é forte como um touro. Podia tê-lo matado — disse ela, afastando a mão da cara de Neumann e passando-a pelo peito dele. — Onde é que aprendeu a lutar dessa maneira?

— No exército.

— Foi assustador. Meu Deus, tem o corpo todo cheio de cicatrizes.

— Tenho vivido uma vida muito rica e preenchida.

Ela aproximou-se dele.

Quem é o senhor, James Porter? E o que está a fazer em Hampton Sands?

— Vim para cá para te proteger.

— É o meu cavaleiro andante?

— Qualquer coisa do género.

Jenny levantou-se subitamente e despiu a camisola. -Jenny, o que pensas que estás...

— Chiu, vai acordar a Mary.

— Não podes ficar aqui.

— Já passa da meia-noite. Não era capaz de me mandar embora com uma noite destas, pois não?

Jenny já tinha tirado as botas de borracha e as calças antes que ele pudesse responder à pergunta. Enfiou-se na cama e enroscou-se ao lado de Neumann, debaixo do braço dele.

Neumann exclamou:

— Se Mary te encontra aqui, mata-me a mim.

— Não tem medo de Mary, pois não?

— com o teu pai posso eu bem. Mas com Mary a história já é completamente diferente.

Ela deu-lhe um beijo na cara e disse:

— Boa noite.

Passados uns minutos, a respiração dela entrou num ritmo próprio do sono. Neumann encostou a cabeça à dela, pôs-se a escutar o vento e, momentos depois, adormeceu também.

QUARENTA E CINCO

BERLIM

Os Laticasters apareceram às duas da manhã. Vogel, que estava a dormir intermitentemente na cama de campanha do seu gabinete, levantou-se e foi à janela. Berlim tremia sob o impacto das bombas. Abriu o cortinado opaco e espreitou lá para fora. O carro ainda lá estava — um grande carro preto, estacionado do outro lado da rua. Tinha ali estado a noite toda e a tarde inteira antes disso. Vogel sabia que estavam pelo menos três homens lá dentro, pois conseguia ver as pontas dos cigarros a brilharem no escuro. Sabia que o motor estava a trabalhar, pois conseguia ver o fumo a sair do tubo de escape para o ar gélido da noite. Do alto do seu profissionalismo, ficou espantado com a má qualidade daquela vigilância. Homens a fumarem, sabendo perfeitamente que as pontas dos cigarros seriam visíveis na escuridão. A deixarem o motor ligado para se poderem aquecer, mesmo tendo em conta que até o pior amador seria capaz de detetar o fumo. Mas a verdade é que a Gestapo não precisava de se preocupar muito com a técnica e as artes do ofício. Confiava no terror e na força bruta. Golpes de martelo.

Vogel pensou na conversa que tivera com Himmler na casa na Baviera. Tinha de admitir que a teoria de Himmler fazia um certo sentido. O facto de a maioria das redes dos serviços secretos germânicos no Reino Unido continuar operacional não provava a lealdade de Canaris para com o Fúhrer. Provava o contrário — a sua traição. Se o chefe da Abwehr for um traidor, para quê darmos-lhe ao trabalho de prender e enforcar publicamente os espiões dele no Reino Unido? Porque não servirmo-nos desses espiões e, juntamente com Canaris, tentar enganar o Fúhrer com informações falsas e erróneas?

Vogel considerou que era um cenário plausível. Mas um logro dessa magnitude era quase inimaginável. Todos os agentes alemães teriam de estar presos ou ter sido convencidos a mudar de lado. Centenas de agentes britânicos responsáveis por casos teriam de estar envolvidos no projeto, a produzirem quantidades imensas de relatórios falsos, que seriam depois transmitidos via rádio para Hamburgo. Poderia haver um logro desses? Seria um empreendimento gigantesco e arriscado, mas Vogel concluiu que era possível.

O conceito era brilhante, mas Vogel reconheceu que possuía uma falha evidente. Era necessária a total manipulação das redes germânicas no Reino Unido. Os agentes tinham de estar todos sob controlo — a trabalhar para o inimigo ou presos num sítio onde não pudessem causar problemas. Se houvesse um só agente fora da teia de controlo do MI5, esse único agente poderia enviar um relatório contraditório e era possível que a Abwehr ficasse desconfiada. Poderia servir-se dos relatórios desse único agente verdadeiro para concluir que todas as outras informações que estava a receber eram falsas. E se todas as outras informações apontassem para Calais enquanto local da invasão, a Abwehr poderia concluir que, na realidade, o contrário era verdade. O inimigo iria desembarcar na Normandia.

O que lhe tinha dito Himmler? Uma mentira é a verdade, só que invertida. Se pusermos uma mentira à frente de um espelho, este vai refletir a verdade.

Teria a sua resposta em breve. Se Neumann descobrisse que Catherine Blake se encontrava sob vigilância, Vogel poderia descartar as informações que ela andava a enviar e toma-las como uma cortina de fumo engendrada pelos serviços secretos britânicos — parte de um logro.

Afastou-se da janela e deitou-se na cama de campanha. Um calafrio percorreu-o. Era bem possível que viesse a descobrir provas de que os serviços secretos britânicos estavam empenhados num logro de grandes proporções. E, por sua vez, isso iria indiciar fortemente que o almirante Wilhelm Canaris, chefe dos serviços secretos militares alemães, era um traidor. Sem dúvida que Himmler o consideraria uma prova irrefutável. E havia apenas uma punição para um crime desses: uma corda de piano à volta do pescoço, uma morte lenta e tortuosa por estrangulamento, tudo filmado para que Hitler pudesse ver uma e outra vez.

E o que aconteceria se descobrisse de facto provas de um logro? A Wehrmacht estaria à espera com os seus Panzers no local da invasão. O inimigo seria chacinado.

A Alemanha venceria a guerra e os nazis dominariam a Alemanha e a Europa durante décadas.

Não há Direito na Alemanha, Trude. Só há Hitler.

Vogel fechou os olhos e tentou adormecer, mas era escusado. Os dois aspetos incompatíveis da sua personalidade estavam em conflito aberto — Vogel, o espião mestre e o manipulador, e Vogel, o crente no império do Direito. A possibilidade de desvendar um gigantesco logro britânico, de se mostrar mais astuto do que os seus adversários britânicos, de lhes destruir o joguinho deixava-o de água na boca. Ao mesmo tempo, sentia-se aterrorizado pelo que essa vitória traria. Provar a existência de um logro britânico, destruir o seu velho amigo

Canaris, vencer a guerra para a Alemanha, assegurar a manutenção eterna dos nazis no poder.

Deixou-se ficar deitado na cama de campanha, acordado e a ouvir o ruído dos bombardeiros.

Di-me que não trabalhas para ele, Kurt.

Vogel pensou: Agora trabalho, Trude. Agora trabalho.

QUARENTA E SEIS

LONDRES

— Olá, Alfred.

— Olá, Helen.

Ela sorriu, beijou-o na cara e disse:

— Oh, é tão bom ver-te outra vez.

— Também fico contente por te ver.

Enfiou o braço no de Vicary e a mão dentro do bolso do casaco dele, como costumava fazer. Viraram e caminharam em silêncio por um trilho em St. James's Park. Vicary não achou o silêncio incômodo. Na realidade, achou-o bastante agradável. Uma centena de anos atrás, tinha sido uma das razões por que sabia que a amava verdadeiramente — a maneira como se sentia quando o silêncio se abatia sobre eles. Gostava da companhia dela quando conversavam e riam, mas não havia nenhuma diferença quando ela não dizia nada. Adorava sentar-se com ela em silêncio na varanda da casa dela ou passear pelos bosques ou deitarem-se à beira do lago. Ter o corpo dela ao lado do seu — ou a mão na sua — já lhe bastava.

Naquela tarde, o ar estava pesado e quente, um sopro de verão em fevereiro, e o céu negro e instável. O vento fazia as árvores moverem-se e surgirem ondas na superfície do lago. Um bando de patos baloiçava com a corrente, como se estivesse atracado.

Olhou para ela com atenção pela primeira vez. Tinha envelhecido bem. Em muitos aspetos, estava ainda mais bonita do que antes. Era alta e direita, e o pouco que tinha engordado ao longo dos anos estava lindamente escondido pelo fato de corte perfeito. Tinha o cabelo, que costumava usar comprido pelo meio das costas, como se fosse uma capa loira, puxado para trás e muito bem preso com ganchos. Na cabeça, trazia um pequeno chapéu redondo e cinzento.

Vicary deixou que o seu olhar se fixasse no rosto dela. O nariz, em tempos ligeiramente comprido para o rosto, parecia agora, perfeitamente apropriado. As faces tinham ficado um pouco mais cavadas com a idade, tornando-lhe os ossos da cara mais proeminentes. Virou-se e reparou que Vicary a estava a fitar. Sorriu-lhe, mas o sorriso não se estendeu aos olhos. Havia ali uma tristeza distante, como se alguém chegado a ela tivesse morrido recentemente.

Vicary foi o primeiro a quebrar o silêncio. Desviou os olhos dela e disse:

— Peço desculpa pelo almoço, Helen. Surgiu uma coisa no trabalho e não me consegui escapar nem telefonar-te.

— Não te preocupes, Alfred, só fiquei sozinha numa mesa do Connaught e apanhei uma grande bebedeira.

Vicary olhou para ela bruscamente.

— Estou só a meter-me contigo. Mas não vou fazer de conta que não fiquei desiludida. Levei imenso tempo a arranjar coragem para ir falar contigo. Fui tão horrível...

A voz começou a sumir-se e ela não terminou o que ia dizer.

Vicary pensou: Pois foste, Helen. Disse:

— Isso já foi há muito tempo. Como raio é que me conseguiste descobrir?

Ela tinha-lhe telefonado para o gabinete vinte minutos antes. Quando ele levantou o auscultador, esperava ouvir tudo menos a voz dela: Boothby, a pedir-lhe para subir para o presentear com mais uma demonstração da sua genialidade; Harry, a avisá-lo de que Catherine Blake tinha dado um tiro na cara a mais alguém; Peter Jordan, a mandá-lo à merda, não iria continuar a vê-la. O som da voz de Helen quase o tinha feito engasgar-se.

Olá, querido, sou eu, tinha dito, e, como uma boa agente, não tinha utilizado o nome dela. Ainda me queres ver? Estou numa cabine telefónica em frente do teu gabinete.

Oh, por favor, Alfred.

— O meu pai é amigo do teu diretor-geral — explicou ela. E David dá-se muito bem com Basil Boothby. Já sabia há algum tempo que tinhas sido convocado.

— O teu pai, David e Basil Boothby... as pessoas de quem mais gosto.

— Não te preocupes, Alfred, eles não se reúnem todos para falar de ti.

— bom, graças a Deus! Ela apertou-lhe a mão.

— E como raio acabaste tu a fazer isto?

Vicary contou-lhe a história. Como tinha ficado amigo de Churchill antes da guerra. Como tinha sido arrastado para o círculo de conselheiros de Churchill em Chartwell. Como Churchill lhe tinha lançado o anzol naquela tarde de maio, em 1940.

— E ele fez mesmo isso enquanto estava na banheira? — perguntou Helen, estupefacta.

Vicary assentiu com a cabeça, sorrindo perante a recordação.

— E como é o primeiro-ministro nu?

— É muito rosado. Foi imponente. Dei por mim a cantarolar Rute Britatmia o resto do dia.

Helen riu-se.

— O teu trabalho deve ser extremamente emocionante.

— Pode ser. Mas também pode ser terrivelmente aborrecido e entediante.

— E alguma vez te sentes tentado a contar a alguém todos os segredos que sabes?

— Helen!

— Sentes? — insistiu ela.

— Não, claro que não.

— Eu sinto — revelou ela, desviando o olhar. Passado um momento, olhou outra vez para ele.

— Estás com ótimo aspeto, Alfred. Estás muito bonito. Esta maldita guerra parece fazer-te bem.

— Obrigado.

— Mas tenho de admitir que sinto falta da bombazina e do tweed. Agora estás todo cinzento, como todos os outros.

— Lamento dizê-lo, mas é o uniforme oficial de Whitehall. Acostumei-me a ele. E também gostei da mudança. Mas vou ficar satisfeito quando acabar tudo e eu puder voltar para o University College, o meu lugar é lá.

Mal podia acreditar que aquelas palavras lhe tinham saído de facto da boca. Em tempos, pensara que o MI5 era a sua salvação. Mas já tinha a certeza de que isso não era verdade. Gostara do tempo que passara no MI5: a tensão, as longas horas, a comida imprópria para consumo da cantina, as batalhas travadas com Boothby, o extraordinário grupo de dedicados amadores, tal como ele próprio, que labutava em segredo. Outrora, tinha contemplado a hipótese de pedir para lá continuar depois da guerra. Mas não seria a mesma coisa — não sem a ameaça de destruição nacional a pender sobre as suas cabeças como a espada de Dâmocles.

Mas havia outra coisa. Embora até estivesse bem preparado, em termos intelectuais, para a atividade propriamente dita da espionagem, abominava a natureza desta em si mesma. Ele era historiador. Por natureza e formação, dedicava-se a procurar a verdade. A espionagem tinha que ver com a mentira e o logro. com a traição. com os fins a justificarem os meios. com apunhalar um inimigo pelas costas — e talvez apunhalar um amigo pelas costas, se necessário. Não estava minimamente seguro de gostar da pessoa que se tinha tornado.

Vicary perguntou:

— E como é que anda David, já agora? Helen soltou um suspiro profundo.

— O David é o David- respondeu, como se não fosse necessária mais nenhuma explicação. — Desterrou-me para o campo e fica aqui

em Londres. Consegui arranjar uma comissão de serviço e faz qualquer coisa para o Almirantado. Venho ter com ele de tantas em tantas semanas. Ele gosta quando eu estou longe. Dá-lhe liberdade para perseguir os seus outros interesses.

Sentindo-se constrangido com a franqueza de Helen, Vicary desviou o olhar. Além de ser incrivelmente rico e bonito, David Lindsay era um conhecido mulherengo. Vicary pensou: Não admira que ele e Boothby sejam tão bons amigos.

Helen disse:

— Não precisas de fingir que não sabes, Alfred. Tenho bem a noção de que toda a gente sabe de David e do passatempo preferido dele.

Já me habituei a isso. David gosta de mulheres e elas gostam dele. É uma coisa que encaixa bastante bem. - E porque não o deixas?

— Oh, Alfred — exclamou ela, gesticulando com a mão enluvada e descartando a sugestão.

— E há mais alguém na tua vida?

— Queres dizer, outros homens? Vicary assentiu com a cabeça.

— Tentei uma vez, mas ele era o homem errado. Era o David com outra roupa. Além disso, fiz um voto numa igreja de província há vinte e cinco anos e parece que sou incapaz de o quebrar.

— Gostava que tivesses sentido o mesmo em relação ao voto que me fizeste — desabafou Vicary, arrependendo-se de imediato do tom de amargura que se lhe insinuou na voz.

Mas Helen limitou-se a olhar para ele, piscando os olhos rapidamente, e a responder:

— Às vezes, também gostava. Pronto, já o disse. Meu Deus, mas que coisa tão pouco inglesa que fui fazer. Por favor, desculpa-me. Deve ser por causa de todos estes malditos americanos que andam pela cidade.

Vicary sentiu-se corar. Helen perguntou:

— Continuas a sair com Alice Simpson?

— Como raio sabes da Alice Simpson?

— Sei de todas as tuas mulheres, Alfred. Ela é muito bonita. Até gosto dos malfadados livros que ela escreve.

— Ela foi-se. Disse a mim mesmo que tinha sido a guerra, o meu trabalho. Mas a verdade é que ela não eras tu, Helen. Por isso, deixei-a ir. Tal como todas as outras.

— Oh, maldito sejas, Alfred Vicary! Maldito sejas por dizeres isso.

— É a verdade. Além disso, é o que tu querias ouvir. Foi por isso que me procuraste, logo para começar.

— A verdade é que eu queria ouvir que tu estavas feliz — retorquiu ela, com os olhos húmidos. — Não queria que me disseses que eu te tinha dado cabo da vida.

— Não te lisonjeies, Helen. Não me deste cabo da vida. Não me sinto infeliz. Só nunca encontrei lugar no coração para mais ninguém. Não confio muito nas pessoas. Suponho que tenha de te agradecer por isso.

— Tréguas — atirou ela. — Por favor, vamos fazer umas tréguas. Não queria que isto se transformasse numa continuação da nossa última conversa. Só queria passar algum tempo contigo. Meu Deus, preciso mesmo de uma bebida! Querido, és capaz de me levar a algum sítio agradável e enfrascas-me com uma garrafa de vinho?

Foram a pé até ao Duke's. Estava sossegado àquela hora do dia. Indicaram-lhes uma mesa a um canto. Vicary estava sempre à espera que um dos amigos de Helen e David entrasse e os reconhecesse, mas estavam sozinhos. Vicary pediu licença para ir telefonar e avisar Harry de onde estava. Quando voltou, estava uma garrafa de champanhe absurdamente cara em cima da mesa, dentro de um balde com gelo.

— Não te preocupes, querido — disse ela. — A festa é do David.

Sentaram-se e beberam metade do champanhe muito depressa. Falaram dos livros de Vicary e falaram dos filhos de Helen. Até falaram mais um pouco de David. Ele nunca tirou os olhos da cara de Helen enquanto ela falava. Havia qualquer coisa na tristeza distante dos olhos dela, a vulnerabilidade provocada pelo casamento falhado, que a tornava ainda mais atraente para ele. Ela estendeu a mão e pousou-a na de Vicary. Ele sentiu o coração a bater-lhe no peito pela primeira vez em vinte e cinco anos.

— Costumas pensar nisso, Alfred?

— Pensar em quê?

— Naquela manhã.

— Helen, de que estás...

— Meu Deus, Alfred, às vezes, consegues ser mesmo tapado. A manhã em que fui ter contigo à cama e devassei o teu corpo pela primeira vez.

Vicary engoliu o que lhe restava do champanhe e encheu os copos novamente. Disse:

— Não, nem por isso.

— Meu Deus, Alfred Vicary, és mesmo um péssimo mentiroso. Como é que te consegues safar na tua nova atividade?

— Sim, pronto. Penso nisso.

Pensou: Quando foi a última vez? Naquela manhã em Kent, quando estava a escrever uma mensagem da Operação Double Cross para o seu agente falso com o nome de código de Partridge.

— Dou por mim a pensar nisso nas alturas mais inacreditáveis.

— Eu menti a David, sabes? Disse-lhe sempre que ele tinha sido o primeiro. Mas ainda bem que foste tu — revelou ela, passando o dedo sobre a base do copo e olhando pela janela. — Foi tão rápido... apenas

um momento ou dois. Mas, quando me lembro disso agora, dura horas.

— Sim, sei o que queres dizer. Ela olhou para ele outra vez.

— Ainda tens a casa em Chelsea?

— Dizem-me que ainda lá está. Já não vou lá desde 1940 — respondeu Vicary jocosamente.

Ela afastou-se da janela e fitou Vicary olhos nos olhos. Inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe:

— Gostava que me levasse para lá agora e fizesses amor comigo na tua cama.

— Eu também gostava disso, Helen. Mas tu apenas me irias partir o coração outra vez. E, na minha idade, não me parece que te conseguisse esquecer uma segunda vez.

O rosto de Helen perdeu toda a expressão e a voz, quando se ouviu por fim, surgiu-lhe monocórdica e apagada:

— Meu Deus, Alfred, quando é que te tornaste um sacana tão impiedoso?

As palavras soaram-lhe familiares. Foi então que se lembrou que Boothby, quando lhe pegou pelo braço após o interrogatório a Peter Jordan, lhe tinha dito a mesma coisa.

Uma sombra caiu entre ambos. Perpassou pelo rosto dela, enristecendo-o, e depois desapareceu. Estava sentada muito calada e muito quieta. Os olhos humedeceram-se. Piscou-os para reprimir as lágrimas e recuperou a compostura. Vicary sentiu-se um idiota. Tudo aquilo tinha ido demasiado longe — ficado fora de controlo. Tinha sido um idiota ao ir ter com ela. Não poderia sair nada de bom dali. Naquele momento, o silêncio parecia metal a ser afiado.

Distraidamente, pôs-se a bater nos bolsos do peito, à procura dos óculos em meia-lua, e tentou pensar numa desculpa para se escapar. Helen pressentiu o desconforto dele. Ainda virada para a janela, disse:

— Já te fiz demorar muito tempo. Sei que tens de voltar para o gabinete.

— Sim, tenho mesmo. Desculpa. Helen continuava a falar para a janela:

— Não te deixes seduzir por eles. Quando a guerra terminar, livra-te desses horrorosos fatos cinzentos e volta para casa, para os teus livros. Gostava mais de ti nessa altura.

Vicary não disse nada, limitando-se a olhar para ela. Debruçou-se para lhe dar um beijo na cara, mas ela ergueu-a e, segurando-lhe o pescoço com os dedos, beijou-o ao de leve na boca. Sorriu e disse:

— Espero que mudes de opinião... e depressa.

— Até pode ser que sim.

— Ótimo.

— Adeus, Helen.

— Adeus, Alfred. Ela pegou-lhe na mão.

— Tenho mais uma coisa para te dizer. Faça o que fizeres, não confies em Basil Boothby. Nunca, mas mesmo nunca, te vires de costas para ele.

E foi então que ele se lembrou do que ela tinha dito sobre o seu único amante: Era o Davtd com outra roupa. Não, Helen, pensou ele. Era o Boothby.

Caminhou. Se pudesse, teria corrido. Caminhou sem direção, sem destino. Caminhou até a cicatriz no joelho lhe começar a arder como se tivesse sido marcada com um ferro em brasa. Caminhou até o catarro de fumador se parecer com tuberculose. As árvores despidas de folhas do Green Park contorciam-se com o vento. O barulho do ar lembrava a água espumosa de um rápido. O vento levantou-lhe o impermeável desabotoado e quase o arrancou do corpo. Agarrou-o com força pela gola e voou-lhe dos ombros como uma capa. O blacfcout caiu sobre Londres, como um véu. Na escuridão, foi de encontro a um americano agressivo. Ei, cuidadinho, Mac! Vicary murmurou um pedido de desculpas — Lamento imenso, mil perdões — e depois arrependeu-se. Ainda é o nosso país, raios.

Sentiu-se como se estivesse a ser conduzido, como se os movimentos já não fossem seus. De repente, lembrou-se do hospital em Sussex, onde tinha recuperado dos ferimentos. Do rapaz que tinha apanhado um tiro na coluna e já não conseguia mexer os braços nem as pernas. Da maneira como tinha descrito a Vicary a dormência flutuante que sentia quando os médicos lhe moviam os membros inertes. Meu Deus, Helen! Como é que foste capaz? O Boothby! Meu Deus, Helen! Irromperam-lhe pela cabeça imagens repugnantes dos dois a fazerem amor. Fechou os olhos e tentou reprimi-las. Raios me partam! Raios me partam! Toda agente menos Basil Boothby! Ficou espantado com a forma absurda como uma parte da sua vida se tinha entrelaçado e tocado noutra. Helen e Boothby — absurdo. Demasiado absurdo para considerar a hipótese. Mas era verdade, ele sabia-o.

Onde estava naquele preciso momento? Sentiu o cheiro do rio e seguiu nessa direção. Victoria Embankment. Rebocadores arrastavam barcas pelo rio, com as luzes de navegação apagadas e uma sirene de nevoeiro a tocar ao longe. Ouviu um homem gemer de prazer e achou que era apenas imaginação sua. Olhou para a esquerda e, no escuro, conseguiu vislumbrar uma prostituta com as mãos enfiadas na braguilha de um soldado. Oh, Deus do céu! Peço desculpa.

Estava a andar novamente. Sentiu um impulso irresistível de ir até ao gabinete de Boothby e de lhe espetar um murro na cara. Lembrou-se do tamanho de Boothby e dos rumores acerca da sua destreza nas artes marciais e resolveu que seria o mesmo que uma tentativa de suicídio. Sentiu uma vontade imensa de voltar para o Duke's, ir buscar

Helen e levá-la para casa, sem querer saber das consequências. Foi então que as imagens do caso lhe começaram a irromper pela cabeça, como acontecia sempre. O dossiê de Vogel vazio. Karl Becker na sua cela cheia de humidade — Conteí a Boothby. A cara desfeita a tiro de Rose Morely. A saída em lágrimas de Grace Clarendon do covil de Boothby. O Pelicano. Hawke, o espião de Boothby de Oxford. Teve a sensação desconfortável de o estarem a dirigir. Pensou: Será que também sou um Hawke?

E onde estava naquele momento? Northumberland Avenue. Andou mais devagar, ouvindo o rugido agradável do trânsito do final da tarde. Levantou os olhos e viu uma rapariga atraente a olhar impacientemente para os carros que passavam. Era Grace Clarendon não havia hipótese de confundir o seu cabelo loiro e os lábios vermelhos cor de sangue. Um grande Humber azul encostou ao passeio. A viatura de Boothby. A porta abriu-se e Grace entrou para o carro, que se meteu no trânsito. Vicary virou a cabeça e desviou o olhar quando o carro passou por ele velozmente.

Vicary foi de carro para West Halkin Street. A noite tinha caído e, com ela, tinha vindo uma forte chuvada, como um temporal de primavera. Vicary limpou o vidro da janela embaciada e espreitou pela abertura. Uma multidão de londrinos deslocava-se pelos passeios como refugiados a fugirem de um exército em marcha — encolhidos debaixo de gabardinas e chapéus de chuva, alguns virados pelo vento, com as lanternas para o blackout a perscrutarem tenuemente a escuridão molhada. Vicary refletiu sobre a estranha ironia do destino que o tinha colocado no banco de trás de um carro governamental e não lá fora, com o resto das pessoas. De repente, pensou em Helen e interrogou-se onde estaria ela — num sítio seguro e seco, esperava. Pensou em Grace Clarendon, a entrar para o banco de trás do carro de Boothby, e perguntou-se o que raio estaria ela a fazer ali. Seria a resposta muito simples? Andaria a dormir com Boothby e Harry ao mesmo tempo? Ou seria alguma coisa mais sinistra? Lembrou-se das palavras iradas gritadas a Boothby no segredo do gabinete deste: Não me pode fazer isto! Sacana! Sacana dum raio! Vicary pensou: Diga-me o que é que ele a obrigou a fazer, Grace, porque, por mais que eu tente, não consigo percebê-lo sozinho.

O carro parou à porta da mansão. Vicary saiu e, utilizando a pasta como escudo para se proteger da chuva, entrou a correr na casa. Parecia um teatro do West End a braços com os preparativos para uma hesitante noite de estreia. Tinha aprendido a gostar do ambiente Daquele lugar — os vigias a tagarelarem ruidosamente enquanto vestiam o equipamento próprio para o mau tempo antes de mais uma noite passada nas ruas, o técnico a verificar se a captação de som pelos microfones instalados em casa de Jordan estava a ser

transmitida em condições, o cheiro a comida a vir da cozinha.

Qualquer coisa no aspeto de Vicary devia irradiar tensão, já que ninguém se dirigiu a ele quando avançou cuidadosamente pela confusão do centro de operações e subiu as escadas para a biblioteca. Despiu o impermeável e pendurou-o no cabide atrás da porta. Pousou a pasta em cima da secretária. A seguir, atravessou o corredor e deu com Peter Jordan diante de um espelho a vestir o uniforme da marinha.

Pensou: Se os vigias são os meus ajudantes de cena, então Jordan é a minha vedeta e o uniforme o guarda-roupa dele.

Vicary observou-o atentamente. Não parecia sentir-se confortável a usar o uniforme — tal como Vicary não se sentia quando desenterrava o smoking uma vez em cada dez anos e tentava lembrar-se de como encaixava tudo aquilo. Vicary aclarou a garganta delicadamente para anunciar a sua presença. Jordan virou a cabeça, fitou Vicary por um instante e depois voltou a dirigir a atenção para o seu reflexo no espelho.

Jordan perguntou:

— Quando é que isto vai acabar?

Tinha-se tornado parte do ritual noturno deles. Todas as noites, antes de Vicary o enviar para mais um encontro com Catherine Blake, com uma nova leva de material da Operação Kettledrum dentro da pasta, Jordan fazia-lhe a mesma pergunta. Vicary esquivava-se sempre a ela. Mas naquele momento disse:

— Por acaso, até é capaz de acabar muito depressa.

Jordan levantou os olhos bruscamente, depois olhou para uma cadeira vazia e disse:

— Sente-se. Está com um aspeto horrível. Quando foi a última vez que dormiu?

— Creio que foi numa noite em maio de 1940 — respondeu Vicary, deixando-se cair na cadeira.

— Calculo que não me possa dizer porque é que tudo isto está prestes a acabar, pois não?

Vicary abanou a cabeça lentamente.

— Lamento, mas não.

— Também me parecia que não.

— E faz-lhe diferença?

— Suponho que nem por isso.

Jordan acabou de se vestir. Acendeu um cigarro e sentou-se à frente de Vicary.

— E estou autorizado a fazer-lhe alguma pergunta?

— Isso depende inteiramente da pergunta. Jordan sorriu de forma simpática.

— Para mim, é evidente que o senhor não é um agente dos

serviços secretos profissional. O que fazia antes da guerra?

— Era professor de história europeia no University College London.

Vicary teve uma sensação de estranheza ao dizer aquilo, como se estivesse a ler o currículo de outra pessoa. Parecia-lhe ter sido há uma vida — há duas vidas.

— E como acabou a trabalhar para o MI5?

Vicary hesitou, mas decidiu que não estaria a violar nenhum decreto de segurança se respondesse e contou-lhe a história.

— E gosta do seu trabalho?

— Às vezes. E depois há vezes em que o detesto e mal posso esperar para regressar ao mundo académico e trancar a porta.

— Por exemplo, em que alturas?

— Por exemplo, agora — respondeu Vicary sem nenhuma entoação especial.

Jordan não teve qualquer reação. Foi como se percebesse que nenhum agente dos serviços secretos, por mais calejado que fosse, pudesse de facto desfrutar de uma operação daquele tipo.

— Casado?

— Não.

— E já foi?

— Nunca.

— Porque não?

Três horas antes, tinha respondido à mesma pergunta defronte Já mulher que sabia a resposta. E, naquele preciso instante, o agente dele estava a perguntar-lhe o raio da mesma coisa. Sorriu tenuemente e disse:

Suponho que nunca encontrei a mulher certa.

Jordan estava a examiná-lo. Vicary sentia-o e não gostava especialmente disso. Estava habituado a que o relacionamento fosse ao contrário — com Jordan e com os espões alemães que tinha controlado. Era Vicary que espiolhava, era Vicary que arrombava os cofres onde se escondiam as emoções e esgravatava feridas antigas até começarem a sangrar, era Vicary que perscrutava à procura dos pontos fracos e depois espetava o punhal. Calculou que essa fosse uma das razões que fazia de si um bom agente para a Operação Double Cross. O cargo permitia-lhe contemplar as vidas de desconhecidos e aproveitar-se dos defeitos deles sem ter de enfrentar os seus. Pensou em Karl Becker sentado na cela, com o pardacento pijama da prisão. Vicary apercebeu-se de que gostava de ser ele a deter o controlo absoluto, de ser ele a manipular e a enganar, de ser ele a puxar os cordelinhos. Pensou: Será que eu sou assim por a Helen me ter despachado há vinte e cinco anos? Tirou um maço de Plajer's do casaco e acendeu um distraidamente.

Jordan apoiou o cotovelo no braço da cadeira e encostou o queixo ao punho. Franziu o sobrolho e fitou Vicary como se este fosse uma ponte instável em risco de desabar.

— Acho que o mais certo é ter encontrado a mulher certa algures pelo caminho e ela não ter retribuído o seu amor.

— Ouça lá...

— Ah, então afinal tenho razão. Vicary soprou o fumo para o teto.

— O senhor é um homem inteligente. Sempre soube isso.

— Como é que ela se chamava?

— Chamava-se Helen. -- E o que aconteceu?

— Lamento, Peter.

— E ainda a vê?

Abanando a cabeça, Vicary respondeu:

— Não.

— Arrependimentos?

Vicary lembrou-se das palavras de Helen: Não queria que me disseses que eu te tinha dado cabo da vida. E será que ela lhe tinha dado cabo da vida? Gostava de dizer a si próprio que ela não o tinha feito. Como a maioria dos solteiros, gostava de dizer a si próprio que tinha muita sorte em não ter o fardo de uma mulher e de uma família. Tinha a sua privacidade e o seu trabalho e gostava de não ter de prestar satisfações a mais ninguém. Tinha o dinheiro de que precisava para fazer o que queria. A casa estava decorada ao seu gosto e não tinha de se preocupar com a hipótese de alguém lhe andar a remexer nas coisas ou nos papéis. Mas, na verdade, sentia-se sozinho — por vezes, terrivelmente sozinho. Na verdade, desejava ter alguém com quem partilhar os triunfos e as decepções. Desejava que alguém quisesse partilhar os seus com ele. Quando analisava as coisas com algum distanciamento e olhava para a sua vida objetivamente, faltava qualquer coisa: risos, ternura, por vezes um pouco de barulho e desordem. Era meia vida, apercebeu-se. Meia vida, meio lar e, em última análise, meio homem.

Se tenho arrependimentos?

— Sim, arrependo-me de uma coisa — afirmou Vicary, surpreendido por se estar a ouvir a dizer realmente aquelas palavras. — Arrependo-me de o facto de não me ter casado me ter privado de filhos. Sempre achei que devia ser maravilhoso ser pai. Acho que teria dado um bom pai, apesar de todas as minhas idiossincrasias e dos meus defeitos.

Um sorriso passou rapidamente pelo rosto de Jordan, na quase escuridão, e a seguir dissipou-se.

— O meu filho é o mundo inteiro para mim. É o meu elo de ligação com o passado e a minha porta para o futuro. Ele é tudo o que me resta, a única coisa que é verdadeira. A Margaret foi-se e a

Catherine era uma mentira.

Parou por uns instantes, olhando fixamente para a cinza do cigarro a extinguir-se.

— Mal posso esperar que isto termine para poder voltar para ele. Não paro de pensar no que lhe vou dizer quando ele me perguntar: Patinho, o que fizeste na guerra?

Que raio é que eu lhe devo dizer?

A verdade. Diga-lhe que era um engenheiro talentoso e que construiu uma engenhoca que nos ajudou a vencer a guerra.

— Mas isso não é verdade.

Houve qualquer coisa no tom de voz de Jordan que fez com que Vicary levantasse os olhos bruscamente. Pensou: Que parte é que não é verdade?

Vicary perguntou:

— Importa-se que lhe faça agora umas perguntas?

— Pensava que estava autorizado a perguntar-me o que lhe apetecesse, com ou sem a minha permissão.

— Ambiente diferente, razões diferentes para perguntar.

— Esteja à vontade.

— Amava-a?

— Já a viu?

Vicary deu-se conta de que nunca a tinha visto em pessoa, apenas em fotografias de vigilância.

— Sim, amava-a. Era linda, era inteligente, era encantadora e é óbvio que era uma atriz com um talento incrível. E, acredite se quiser, mas achei que ela daria uma boa mãe para o meu filho.

— E ainda a ama? Jordan desviou o olhar.

— Amo a pessoa que julgava que ela era. Não amo a mulher que me diz que ela é. Uma parte de mim quase acredita que tudo isto não passa de uma brincadeira qualquer. Por isso, suponho que eu e o senhor tenhamos uma coisa em comum.

— E qual é? — retorquiu Vicary.

— Apaixonámo-nos os dois pela mulher errada. Vicary riu-se. Olhou para o relógio e disse:

— Está a ficar tarde.

— Sim — concordou Jordan.

Vicary levantou-se e conduziu Jordan pelo corredor até à biblioteca. Abriu a pasta e tirou de lá um molho de documentos. Entregou-os a Jordan, que os guardou na sua pasta. Ficaram a olhar um para o outro, num silêncio incómodo, até que Vicary disse:

— Lamento. Se houvesse outra forma qualquer de fazer isto, eu usá-la-ia. Mas não há. Pelo menos, ainda não.

Jordan não disse nada.

— Mas há uma coisa que sempre me incomodou no seu

interrogatório: porque é que não se conseguiu recordar dos nomes dos homens que o abordaram no sentido de participar na Operação Mulberry.

— Encontrei-me com dezenas de pessoas nessa semana. Não me consigo lembrar de metade.

— Disse que um deles era inglês.

— Sim.

— E o nome dele não seria por acaso Broome?

— Não, o nome dele não era Broome — respondeu Jordan sem hesitar. — Acho que me iria lembrar disso. Provavelmente, o melhor é pôr-me a caminho.

Jordan avançou para a porta.

— Só tenho mais uma pergunta. Jordan voltou-se e perguntou:

— E qual é?

— O senhor é o Peter Jordan, não é?

— Que raio de pergunta é essa?

— Na verdade, até é bastante simples. O senhor é o Peter Jordan?

— Claro que sou o Peter Jordan. Sabe, o senhor devia mesmo dormir um pouco, professor.

QUARENTA E SETE

LONDRES

Clive Roach estava sentado a uma mesa junto à janela, no café em frente do apartamento de Catherine Blake, do outro lado da rua. A empregada trouxe-lhe o chá e o pão de leite. Ele largou de imediato algumas moedas na mesa. Era um hábito que tinha adquirido com o trabalho. Por norma, Roach era obrigado a sair dos cafés inesperada e rapidamente. A última coisa de que precisava era atrair atenções. Bebericou o chá e folheou um jornal matutino sem grande convicção. Não estava realmente interessado. Estava mais interessado na entrada do prédio do outro lado da rua. A chuva começou a cair com mais intensidade. Não estava desejoso de voltar a sair e molhar-se. Era o único aspeto do seu trabalho de que não gostava — a exposição constante ao mau tempo. Já tinha apanhado mais constipações e bronquites do que se conseguia lembrar.

Antes da guerra, tinha sido professor numa escola degradada para rapazes. Decidiu alistar-se no exército em 1939. Estava longe de ser o soldado ideal — magro, pele macilenta, cabelo ralo, uma voz com pouca potência. Não era propriamente disso que os oficiais eram feitos. No centro de recrutamento, reparou que estava a ser observado por dois homens bem vestidos a um canto. E também reparou que tinham pedido uma cópia do seu processo e que a estavam a examinar minuciosamente e com grande interesse. Passados uns minutos, arrancaram-no da fila, disseram-lhe que eram dos serviços secretos militares e ofereceram-lhe trabalho.

Roach gostava de observar. Era um observador de pessoas nato e possuía grande aptidão para nomes e caras. Oh, sabia que não haveria medalhas em reconhecimento de heroísmo no campo de batalha, nem histórias que pudesse contar no pub quando a guerra terminasse. Mas era um trabalho importante e Roach fazia-o bem. Começou a comer o pão de leite, pensando em Catherine Blake. Tinha seguido muitos espões alemães desde 1939, mas ela era a melhor. Uma verdadeira profissional. Já o envergonhara uma vez, mas jurara que nunca mais iria deixar que isso acontecesse.

Terminou o pão de leite e bebeu o que restava do chá. Levantou os olhos da mesa e viu-a sair do prédio. Maravilhou-se com as artes do

ofício de Catherine. Ficava sempre parada durante um momento a fazer qualquer coisa prosaica, ao mesmo tempo que perscrutava a rua à procura de sinais de vigilância. Naquele dia, estava às voltas com o guarda-chuva, como se este estivesse estragado. Roach pensou: A menina é muito boa, Miss Blake. Mas eu sou melhor.

Observou-a a abrir por fim o guarda-chuva e a começar a andar. Roach levantou-se, vestiu o casaco e saiu do café para ir atrás dela.

Horst Neumann acordou no momento em que o comboio atravessava ruidosamente os subúrbios do nordeste de Londres. Deu uma olhadela ao relógio: 10h30. Deviam ter chegado a Liverpool Street às 10h23. Milagrosamente, iriam atrasar-se apenas uns minutos. Bocejou, espreguiçou-se e endireitou-se no lugar. Espreitou pela janela, vendo os sombrios edifícios vitorianos que iam passando. Crianças sujas acenaram ao comboio. Neumann, sentindo-se ridiculamente inglês, acenou-lhes também. Havia mais três passageiros no seu compartimento, um par de soldados e uma jovem que usava um fato-macaco de trabalhador fabril e tinha franzido o sobrolho de preocupação quando vira a cara cheia de ligaduras de Neumann. Naquele momento, ele olhou de relance para cada um deles. Ficava sempre preocupado com a possibilidade de falar enquanto dormia, embora nas noites anteriores tivesse sonhado em inglês. Recostou a cabeça e fechou os olhos novamente. Meu Deus, como estava cansado. De pé às cinco da manhã, fora do chalé às seis, para Sean lhe noder dar boleia até Hunstanton, o comboio das 7h12 de Hunstanton para Liverpool Street.

Dormira mal na noite anterior, por causa das dores provocadas pelos ferimentos e da presença de Jenny Colville na sua cama. Esta levantara-se ao mesmo tempo que ele, antes do amanhecer, escapulira-se do chalé dos Dogherty e fora de bicicleta para casa, no meio da escuridão e da chuva. Neumann esperava que ela tivesse chegado em segurança. E esperava que Martin não se encontrasse à espera dela. Tinha sido uma coisa estúpida deixá-la passar a noite consigo. Pensou no que ela sentiria quando ele se fosse embora. Quando nunca lhe escrevesse e ela nunca mais voltasse a ter notícias dele. Preocupava-o a reação dela se alguma vez descobrisse a verdade — que ele não era James Porter, um soldado britânico ferido, à procura de paz e sossego numa aldeia de Norfolk. Que era Horst Neumann, um paraquedista militar condecorado que tinha vindo para Inglaterra espionar e que a tinha enganado da pior forma. Mas não a tinha enganado em relação a uma coisa. Gostava dela. Não da maneira como ela gostaria que o fizesse, mas a verdade é que gostava dela a ponto de se preocupar com o que lhe pudesse acontecer.

O comboio abrandou ao aproximar-se de Liverpool Street. Neumann levantou-se, vestiu o casaco e saiu do compartimento. O

corredor estava repleto de gente. Foi avançando a custo por entre os outros passageiros, em direção à porta. Houve alguém à frente dele que a abriu de rompante e Neumann saiu do comboio ainda em andamento. Deu o bilhete ao revisor e seguiu por uma passagem húmida até à estação do metro. Lá chegado, comprou um bilhete para Temple e apanhou o comboio seguinte. Uns minutos mais tarde, estava a subir as escadas e a dirigir-se para norte, a caminho da Strand.

Catherine Blake apanhou um táxi para Charing Cross. O ponto de encontro ficava a uma pequena distância, à frente de uma loja na Strand. Pagou ao taxista e abriu o guarda-chuva para não ficar molhada. Começou a andar. Parou junto a uma cabine telefónica, levantou o auscultador e fingiu que estava a fazer uma chamada. Olhou para trás. A chuva forte tinha reduzido a visibilidade, mas não viu sinais do inimigo. Voltou a pousar o auscultador, saiu da cabine e continuou para leste, seguindo pela Strand.

Clive Roach saiu discretamente da parte de trás de uma carrinha de vigilância e seguiu-a pela Strand. Durante a curta viagem de carrinha, tinha-se livrado do impermeável e do chapéu de abas e vestido um oleado verde-escuro e um gorro de lã. A transformação era extraordinária — de um empregado de escritório para um operário. Roach ficou a ver Catherine Blake parar para fazer o suposto telefonema. Roach parou ao pé de um quiosque. Ao dar uma vista de olhos às manchetes, visualizou o rosto do agente a quem o professor Vicary tinha dado o nome de código de Rudolf. A missão de Roach era simples: seguir Catherine Blake até ela passar o material a Rudolf e depois segui-lo a ele. Levantou os olhos a tempo de a ver pousar o auscultador no gancho e sair da cabine telefónica. Roach embrenhou-se no meio das pessoas e seguiu-a.

Neumann avistou Catherine Blake a caminhar na sua direção. Parou junto a uma loja, com os olhos a perscrutarem as caras e a roupa das pessoas que se encontravam atrás dela no passeio. Quando ela se aproximou, Neumann afastou-se da montra e começou a avançar na sua direção. O contacto foi breve, um segundo ou dois. Mas, quando terminou, Neumann tinha o rolo na mão e estava a enfiá-lo no bolso do casaco. Ela continuou a andar depressa, desaparecendo por entre a multidão. Neumann seguiu na direção oposta mais uns metros, registando as caras. Depois, parou abruptamente em frente a outra montra, deu meia-volta e seguiu-a discretamente.

Clive Roach avistou Rudolf e viu a troca. Pensou: Vocês são uns sacanas manhosos, não são? Observou Rudolf a parar e depois a dar meia-volta e a caminhar na mesma direção que Catherine Blake. Roach tinha assistido a muitos encontros entre espões alemães desde 1939, mas nunca tinha visto um agente dar meia-volta para seguir

outro. Normalmente, cada um seguia o seu caminho. Roach levantou a gola do oleado para tapar as orelhas e deslizou cuidadosamente atrás deles.

Catherine Blake avançou para leste, seguindo pela Strand, e depois dirigiu-se para o Victoria Embankment. Foi lá que detetou que Neumann se encontrava atrás de si. A sua primeira reação foi de fúria. O procedimento normal para encontros consistia em separarem-se — e depressa — mal a entrega fosse feita. Neumann conhecia o procedimento e tinha-o executado sempre sem falhas. Ela pensou: Porque é que ele me está a seguir agora?

Vogel deve ter-lhe dado ordens para o fazer.

Mas porquê? Só conseguia pensar em duas explicações possíveis: ele tinha perdido a confiança nela e queria ver para onde ela ia ou queria perceber se estava a ser seguida pelo inimigo. Contemplou o Tamisa e depois virou-se e lançou uma olhadela ao Embankment. Neumann não tentou esconder a sua presença. Catherine virou-se novamente e continuou a andar.

Lembrou-se das intermináveis palestras de treino no campo secreto de Vogel na Baviera. Ele tinha-lhe chamado contravigilância, um agente a seguir outro para ter a certeza de que o agente não estava a ser seguido pelo inimigo. Perguntou-se por que razão teria Vogel decidido fazer isso naquela altura. Talvez Vogel quisesse confirmar que as informações que ela andava a receber eram fidedignas certificando-se de que ela não estava a ser seguida pelo inimigo. Bastou considerar sequer essa segunda explicação para que o estômago lhe ardesse de ansiedade. Neumann estava a segui-la porque Vogel suspeitava que ela estava sob vigilância do MI5.

Voltou a parar e a contemplar o rio, forçando-se a manter a calma. A pensar com clareza. Virou-se e olhou para o Embankment. Neumann continuava ali. Evitava intencionalmente o seu olhar, isso era óbvio. Punha-se a contemplar o rio ou a voltar-se para trás, tudo menos olhar para Catherine.

Ela virou-se outra vez e recomeçou a andar. Sentia o coração a ribombar no peito. Foi até à estação de metro de Blackfriars, entrou e comprou um bilhete para Victoria. Neumann foi atrás dela e fez o mesmo, só que o bilhete que comprou foi para a estação seguinte, South Kensington.

Ela avançou rapidamente para a plataforma. Neumann comprou um jornal e seguiu-a. Ela parou à espera do metro. Neumann parou a uns seis metros dela a ler o jornal. Quando o metro apareceu, Catherine aguardou que as portas se abrissem e depois entrou na carruagem. Neumann entrou nessa mesma carruagem, mas por uma porta diferente.

Ela sentou-se. Neumann deixou-se ficar de pé, na outra ponta da

carruagem. Catherine não gostou da expressão que ele tinha na cara. Baixou os olhos, abriu a mala e espreitou lá para dentro — uma carteira cheia de dinheiro, uma faca de ponta e mola e uma Mauser carregada, com silenciador e munição extra. Fechou a mala e esperou para ver o que Neumann faria a seguir.

Durante duas horas, Neumann seguiu-a ao longo do West End, de Kensington a Chelsea, de Chelsea a Brompton, de Brompton a Belgravia, de Belgravia a Mayfair. Quando chegaram a Berkeley Square, estava convencido. Eles eram bons — muito bons mesmo -, mas o tempo e a paciência tinham acabado por lhes esgotar os recursos, forçando-os a cometerem um erro. Foi o homem do impermeável que seguia uns quinze metros atrás de si. Cinco minutos antes, Neumann tinha conseguido ver-lhe muito bem a cara. Era a mesma cara que tinha visto quase três horas antes, na Strand, quando tinha ficado com o rolo passado por Catherine, só que nessa altura o homem trazia um oleado verde e um gorro de lã.

Neumann sentiu-se desesperadamente sozinho. Tinha sobrevivido ao pior da guerra — Polónia, Rússia, Creta -, mas nenhuma das capacidades que o tinham ajudado a superar essas batalhas entraria ali em jogo. Pensou no homem atrás de si — esguio, de pele macilenta, provavelmente muito fraco. Neumann poderia matá-lo num instante se quisesse. Mas as velhas regras não se aplicavam àquele jogo. Não podia pedir reforços por rádio, não podia contar com o apoio dos companheiros. Continuou a andar, surpreendido por se encontrar tão calmo- Pensou: Andam a seguir-nos há horas, porque é que ainda não nos prenderam aos dois? Achou que sabia a resposta. Era evidente que queriam saber mais. Onde iria ser entregue o rolo? Onde estava instalado Neumann? Havia mais agentes na rede? Desde que não lhes desse as respostas para essas perguntas, estariam a salvo. Era um trunfo muito fraco, mas, se fosse bem jogado, talvez lhes desse uma possibilidade de se escaparem.

Neumann acelerou o passo. Catherine, alguns metros à sua frente, virou para Bond Street. Parou para chamar um táxi. Neumann avançou mais depressa e depois começou a correr ligeiramente. Gritou:

— Catherine! Meu Deus, há quanto tempo! Como é que tens passado?

Ela levantou os olhos, alarmada. Neumann pegou-lhe no braço.

— Precisamos de falar — disse Neumann. — Vamos procurar um sítio para beber um chá e pôr a conversa em dia.

A atitude repentina de Neumann foi recebida no centro de operações em West Halkin Street com o impacto de uma bomba de quinhentos quilos. Basil Boothby andava de um lado para o outro a falar ao telefone com o diretor-geral sob grande tensão nervosa. O

diretor-geral estava em contacto com o Comité dos Vinte e com o staff do primeiro-ministro nas Salas de Guerra Subterrâneas. Vicary tinha-se envolvido num manto de silêncio e olhava fixamente para a parede, com as mãos fechadas por baixo do queixo. Boothby desligou o telefone com violência e anunciou:

— O Comité dos Vinte diz para os deixarmos à solta.

— Não gosto disso — afirmou Vicary, continuando a fitar a parede. — É evidente que detetaram a vigilância. Neste momento, estão para ali sentados a tentar perceber o que fazer.

— Não tem a certeza disso. Vicary levantou os olhos.

— Nunca tínhamos conseguido reparar num encontro entre ela e outro agente. E agora de repente está sentada num café em Mayfair a beber chá e a comer uma torrada com Rudolf?

— Só a temos sob vigilância há pouco tempo. Tanto quanto sabemos, ela e Rudolf até podem andar a encontrar-se regularmente.

— Há qualquer coisa que não bate certo. Acho que eles detetaram que os estão a vigiar. E não só, acho que Rudolf já andava a tentar confirmar isso. Foi por isso que a seguiu depois do encontro na Strand.

— A decisão do Comité dos Vinte está tomada. Eles dizem para os deixarmos à solta, por isso deixamo-los à solta.

— Se eles detetaram a vigilância, não faz sentido deixá-los à solta. Rudolf não vai fazer a entrega e vai manter-se longe de todos os outros agentes da rede. Estar a segui-los agora não nos beneficia em nada. Acabou, Sir Basil.

— Então o que sugere?

— Que avancemos já. Prendê-los mal saiam do café. Boothby olhou para Vicary como se ele tivesse dito uma heresia.

— Estamos a ficar com medo agora, é, Alfred?

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que a ideia foi sua, logo para início de conversa. Foi o Alfred que a concebeu, foi o Alfred que a vendeu ao primeiro-ministro. O diretor-geral concordou com ela e o Comité dos Vinte aprovou-a. Há várias semanas que um grupo de agentes anda a labutar dia e noite para providenciar o material para aquela pasta. E agora o Alfred quer acabar com tudo, assim sem mais nem menos — disse Sir Basil, estalando os dedos grossos tão alto que pareceu um tiro porque tem um palpite.

— É mais do que um palpite, Sir Basil. Leia o raio dos relatórios de vigilância. Está lá tudo.

Boothby tinha recomeçado a andar de um lado para o outro, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça ligeiramente levantada, como se estivesse a fazer um esforço para ouvir qualquer coisa irritante ao longe.

— Eles vão dizer: "Ele era bom nas mensagens por rádio, mas não

tinha o sangue-frio necessário para lidar com agentes de carne e osso." É isso que vão dizer de si quando tudo isto terminar: "Na verdade, não foi surpresa. Afinal de contas, ele era um amador. Era só um geniozinho da universidade que deu o seu contributo durante a guerra e depois se esfumou quando tudo terminou. Era bom, muito bom, mas não teve tomates para jogar com a parada alta." E isso que quer que digam de si? Porque, se for, o melhor é pegar no telefone e dizer ao diretor-geral que acha que devemos acabar já com isto tudo.

Vicary fitou Boothby. Boothby, controlador de agentes. Boothby, da serenidade aristocrática debaixo de fogo. Questionou-se por que razão estaria Boothby a tentar envergonhá-lo para o convencer a ir em frente quando até um cego podia ver que tinham sido desmascarados.

— Acabou — sentenciou Vicary desanimada e monocordicamente. — Eles detetaram a vigilância. Estão ali sentados a planear o que fazer a seguir. Catherine Blake sabe que foi enganada e vai informar Kurt Vogel disso. Vogel vai concluir que a Mulberry é exatamente o contrário daquilo que lhe dissemos. E depois estamos mortos.

— Eles estão por todo o lado — disse Neumann. — O homem do impermeável, a rapariga à espera do autocarro, o homem a entrar na farmácia do outro lado da praça. Já usaram várias caras, várias combinações, várias roupas. Mas andam a seguir-nos desde que saímos da Strand.

Uma empregada trouxe chá. Catherine esperou que ela se fosse embora antes de falar:

— Foi Vogel que te mandou seguir-me?

— Foi.

— E imagino que não tenha explicado porquê, pois não? Neumann abanou a cabeça.

Catherine pegou na chávena de chá, com a mão a tremer. Serviu-se da outra mão para estabilizar a chávena e forçou-se a beber.

— O que te aconteceu à cara?

— Tive um problemazito na aldeia. Nada de grave. Catherine olhou para ele, desconfiada, e perguntou:

— Porque é que eles não nos prenderam?

— Pelas mais variadas razões. Provavelmente, sabem da tua existência há imenso tempo. E, provavelmente, também andam a seguir-te há imenso tempo. Se isso for verdade, então todas as informações que tens andado a receber do comandante Jordan são falsas, uma cortina de fumo concebida pelos britânicos. E nós temos-lhes feito o favor de passar isso a Berlim.

Ela pousou a chávena. Lançou uma olhadela à rua e depois fitou Neumann, obrigando-se a não olhar para os vigias.

— Se Jordan estiver a trabalhar para os serviços secretos britânicos, podemos partir do princípio de que tudo o que ele tem na

pasta é falso: informações que eles queriam que eu visse, informações com o intuito de induzir a Abwehr em erro em relação aos planos dos Aliados para a invasão. Vogel precisa de ser informado disso — disse ela, conseguindo sorrir. — É possível que aqueles sacanas nos tenham acabado de entregar o segredo da invasão.

— Suspeito que tenhas razão. Mas há um problema. Precisamos de dizer isso a Vogel pessoalmente. Temos de partir do princípio de que a via da embaixada portuguesa se encontra neste momento comprometida. E também temos de partir do princípio de que não podemos utilizar os nossos rádios. Vogel acha que os velhos códigos da Abwehr foram decifrados. É por isso que se serve do rádio tão poucas vezes. Se transmitirmos a Vogel o que sabemos via rádio, os britânicos também vão ficar a saber.

Catherine acendeu um cigarro, com as mãos ainda a tremerem. Acima de tudo, sentia-se furiosa consigo própria. Durante anos, tinha feito tudo e mais alguma coisa para se assegurar de que não estava a ser vigiada pelo outro lado. E depois, quando aconteceu por fim, não tinha dado por isso. Perguntou:

— Como raio é que vamos conseguir sair de Londres?

— Temos umas quantas coisas que podemos utilizar a nosso favor. Número um, isto — disse Neumann, batendo ao de leve no bolso onde se encontrava o rolo. — Posso estar enganado, mas acho que nunca fui seguido. Vogel treinou-me bem e sou muito cuidadoso. Não me parece que saibam como é que entrego o filme ao português: onde é que isso é feito, se há alguma palavra-chave ou outro sinal qualquer que sirva de código. Além disso, também tenho a certeza de que não fui seguido até Hampton Sands. A aldeia é tão pequena que eu saberia se estivesse a ser vigiado. Não sabem onde é que estou alojado nem se ando a trabalhar com mais algum agente. O procedimento normal consiste em localizar todos os elementos de uma rede e depois acabar com ela de uma só vez. É assim que a Gestapo lida com a Resistência em França e é assim que o MI5 o faria em Londres.

Tudo isso me parece lógico. O que sugeres?

— Vais estar com Jordan hoje à noite? .-Sim.

— A que horas?

— vou encontrar-me com ele às sete para jantar.

— Perfeito — exclamou Neumann. — O que eu quero que tu faças é o seguinte.

Neumann passou os cinco minutos seguintes a explicar pormenorizadamente o seu plano de fuga. Catherine ouviu com atenção, nunca tirando os olhos de cima dele, resistindo à imensa tentação de olhar para os vigias à espera do lado de fora do café. Após terminar, Neumann disse:

— Faças o que fizeres, não podes fazer nada fora do normal. Nada

que os possa levar a suspeitar que sabes que estás a ser vigiada. Mantém-te em movimento até ser altura. Vai às compras, vai ao cinema, não fiques em casa. Enquanto eu não entregar este rolo, não corres perigo. Quando chegar a altura, vai para o teu apartamento e vai buscar o rádio. Vou lá ter às cinco horas, às cinco em ponto, e entro pela porta de trás. Entendeste?

Catherine assentiu com a cabeça. Neumann disse:

— Só há um problema. Fazes ideia de onde é que eu posso deitar a mão a um carro e a gasolina?

Catherine não conseguiu evitar rir-se.

— Por acaso, até sei de um sítio. Mas não te aconselho a mencionares o meu nome.

Neumann saiu do café primeiro. Vagueou por Mayfair durante meia hora, seguido pelo menos por dois homens — o oleado e o impermeável.

A chuva começou a cair com mais força e o vento tornou-se mais forte. Estava com frio, encharcado até aos ossos e cansado. Precisava de ir repousar para algum sítio, algum sítio onde se pudesse aquecer durante um bocado, descansar os pés e manter os amigos Impermeável e Oleado debaixo de olho. Dirigiu-se para Portman Square. Sentia-se mal por estar a envolvê-la, mas, quando tudo terminasse, iriam interrogá-la e concluir que ela não sabia de nada.

Parou à porta da livraria e espreitou pela montra. Sarah estava em cima do escadote, com o cabelo escuro bem puxado para trás. Bateu ao de leve na montra para não a assustar. Ela virou-se e o seu rosto iluminou-se num sorriso instantâneo. Pousou os livros e fez-lhe sinal entusiasticamente para entrar. Olhou para ele e exclamou:

— Meu Deus, está com um péssimo aspeto. O que lhe aconteceu à cara?

Neumann hesitou; apercebeu-se de que não tinha uma explicação para o penso na maçã do rosto. Murmurou qualquer coisa sobre uma queda durante o blackout e ela pareceu aceitar a história. Ajudou-o a tirar o casaco e pendurou-o em cima do aquecedor para que secasse. Ele ficou com ela duas horas, fazendo-lhe companhia, ajudando-a a dispor os livros novos nas prateleiras e tomando chá com ela no café do lado quando chegou a altura da sua pausa. Reparou que os antigos vigias se estavam a ir embora e a serem substituídos por novos. Reparou numa carrinha preta estacionada à esquina e partiu do princípio de que os homens na parte da frente pertenciam ao inimigo.

Às 16h30, quando a última luz do dia tinha desaparecido e o blackout se instalara, tirou o casaco de cima do aquecedor e vestiu-o. Ela fez uma cara triste, na brincadeira, e depois pegou-lhe na mão e levou-o para o armazém. Lá, encostou-se à parede, puxou-o contra si e beijou-o.

— Não sei absolutamente nada sobre si, James Porter, mas gosto muito de si. Está triste com qualquer coisa. Gosto disso.

Neumann foi-se embora da livraria, sabendo que nunca mais a voltaria a ver. De Portman Square, dirigiu-se para norte, para a estação de metro de Baker Street, seguido pelo menos por duas pessoas a pé, além da carrinha preta. Entrou na estação, comprou um bilhete para Charing Cross e apanhou o metro seguinte que lá passava. Em Charing Cross, mudou de metro e seguiu para a estação de Euston, com dois homens a perseguirem-no, atravessou o túnel que ligava a estação de metro ao terminal ferroviário. Neumann esperou quinze minutos numa bilheteira e comprou um bilhete para Liverpool.

OS passageiros já estavam a subir a bordo do comboio quando chegou à plataforma. A carruagem ia apinhada. Procurou um compartimento com um lugar vago. Encontrou por fim um, abriu a porta, enfiou e sentou-se.

Olhou para o relógio: faltavam três minutos para o comboio partir. Do lado de fora do compartimento, o corredor estava a encher-se rapidamente de passageiros. Não era invulgar alguns viajantes azarados passarem a viagem inteira em pé ou sentados no corredor. Neumann levantou-se e comprimiu-se todo para sair do compartimento, murmurando qualquer coisa sobre estar mal do estômago. Dirigiu-se para a casa de banho no final da carruagem. Bateu à porta. Não houve resposta. Quando bateu pela segunda vez, espreitou por cima do ombro; o homem que tinha entrado com ele no comboio não o conseguia ver devido aos outros passageiros no corredor.

Perfeito. O comboio começou a andar. Neumann esperou à porta da casa de banho enquanto o comboio ia ganhando velocidade lentamente. Para a maioria das pessoas, já ia demasiado depressa para se saltar em segurança. Neumann esperou mais uns segundos e, a seguir, avançou para a porta, abriu-a de rompante e saltou para a plataforma.

Aterrou suavemente, dando primeiro uns pulinhos e depois começando a andar rapidamente. Levantou os olhos a tempo de avistar um revisor de ar irritado a fechar a porta. Avançou rapidamente para a saída e embrenhou-se no blackout.

Euston Road estava apinhada com o corrupio do final da tarde. Chamou um táxi e entrou. Deu uma morada no East End ao taxista e instalou-se, preparando-se para a viagem.

QUARENTA E OITO

HAMPTON SANDS, NORFOLK

Mary Dogherty esperou sozinha no chalé. Tinha achado sempre que era um sitiozinho adorável — quente, cheio de luz, arejado -, mas naquele momento parecia-lhe claustrofóbico e exíguo como uma catacumba. Lá fora, a grande tempestade que tinha sido prevista abatera-se finalmente sobre a costa de Norfolk. A chuva fustigava as janelas, fazendo as vidraças chocalharem. O vento soprava em rajadas incessantes, gemendo pelo beiral. Ouviu uma telha a raspar e a ceder no telhado.

Sean não estava lá, tinha ido a Hunstanton buscar Neumann à estação de comboios. Mary afastou-se da janela e recomeçou a andar de um lado para o outro. Fragmentos da conversa que tinham tido de manhã ecoavam-lhe na cabeça sem parar, como um disco riscado num gramofone: submarino para a França... ficar em Berlim uns tempos... passagem para outro país... voltar para -a Irlanda... ires lá ter comigo quando a guerra acabar...

Parecia um pesadelo — como se estivesse a ouvir a conversa de outra pessoa, a vê-la num filme ou a lê-la num livro. A ideia era ridícula: Sean Dogherty, agricultor desfavorecido na costa de Norfolk e simpatizante do IRA, ia apanhar um submarino para a Alemanha. Calculou que fosse o culminar lógico da espionagem feita por Sean. Tinha sido parva em esperar que tudo fosse regressar ao normal após a guerra terminar. Tinha-se iludido a si própria. Sean ia fugir e deixá-la para trás, a braços com as consequências. Que iriam fazer as autoridades?

Diz-lhes só que não sabias de nada, Mary. E o que aconteceria se não acreditassem nela? O que fariam então? Como poderia ela ficar na aldeia se toda a gente soubesse que Sean tinha sido um espião? Seria expulsa da costa de Norfolk. Seria escorraçada de todas as aldeias inglesas onde tentasse instalar-se. Teria de abandonar Hampton Sands.

Teria de abandonar Jenny Colville. Teria de voltar para a Irlanda, para a aldeia desoladora de onde tinha fugido trinta anos antes. Ainda lá tinha família, família que a podia acolher. A ideia era absolutamente aterradora, mas não teria outra escolha — não quando

toda a gente ficasse a saber que Sean tinha espiado para os alemães.

Começou a chorar. Pensou: Raios te partam, Sean Dogherty! Como é que pudeste ser assim tão tonto?

Mary voltou para a janela. No trilho, na direção da aldeia, viu um ponto de luz a oscilar sob a carga de água. Passado um momento, viu o brilho de um oleado molhado e uma silhueta frágil numa bicicleta, com o corpo dobrado para a frente, contra o vento, os cotovelos para fora e os joelhos em grande atividade. Era Jenny Colville. Saiu de cima da bicicleta junto ao portão e empurrou-a pelo trilho. Mary abriu-lhe a porta. O vento soprava em rajadas, atirando a chuva para dentro do chalé. Mary puxou Jenny para dentro e ajudou-a a tirar o casaco e o chapéu molhados.

— Meu Deus, Jenny, o que é que andas a fazer na rua com um tempo destes?

— Oh, Mary, é maravilhoso. Tão ventoso. Tão lindo.

— Está visto que perdeste o juízo, rapariga. Senta-te ao pé da lareira. Vou fazer-te um chá quente.

Jenny aqueceu-se à frente da lenha que ardia na lareira.

— Onde está o James? — perguntou.

— Não está cá — gritou Mary da cozinha. — Foi com Sean a algum lado.

— Oh — exclamou Jenny, com Mary a perceber a desilusão na voz dela. — E vai demorar muito tempo?

Mary parou o que estava a fazer e voltou para a sala de estar. Olhou para Jenny e perguntou:

— Porque estás assim tão interessada no James de repente?

— Só o queria ver. Dizer olá. Passar algum tempo com ele. Só isso.

— Só isso? Mas que raio é que tu tens, Jenny?

— É só que gosto dele, Mary. Gosto muito dele. E ele gosta de mim.

— Tu gostas dele e ele gosta de ti? E onde foste buscar uma ideia dessas?

— Eu sei, Mary, acredita. Não me perguntes como é que sei, mas sei.

Mary agarrou-a pelos ombros.

— Presta atenção, Jenny — disse ela, sacudindo Jenny uma vez.

— Estás a prestar atenção?

— Sim, Mary! Estás a magoar-me!

— Afasta-te dele. Esquece-o. Ele não é para ti. Jenny começou a chorar.

— Não o posso esquecer, Mary. Amo-o. E ele ama-me. Eu sei que sim.

— Jenny, ele não te ama. Não me peças para te explicar tudo agora porque não posso, meu amor. Ele é um homem bondoso, mas

não é o que parece ser. Esquece isso. Esquece-o! Tens de confiar em mim, minha pequenina. Ele não é para ti.

Jenny conseguiu soltar-se de Mary com violência, recuou e limpou as lágrimas da cara.

— Ele é para mim, Mary. Eu amo-o. Estás aqui presa com o Sean há tanto tempo que já te esqueceste do que é o amor.

A seguir, pegou no casaco e saiu a correr pela porta fora, fechando-a com força. Mary precipitou-se para a janela e ficou a ver Jenny a pedalar pelo meio da tempestade.

A chuva batia no rosto de Jenny enquanto ela seguia na bicicleta pelo trilho ondulante em direção à aldeia. Tinha dito a si mesma que não iria voltar a chorar, mas não conseguia cumprir a palavra. As lágrimas misturaram-se com a chuva e escorreram-lhe pela cara. A aldeia tinha as persianas todas bem fechadas, a loja e o pub estavam fechados e os cortinados opacos dos chalés encontravam-se corridos. Tinha a lanterna no cesto, com o seu fraco feixe amarelo apontado para a escuridão total. A luz quase não dava para ver nada. Atravessou a aldeia e começou a avançar em direção ao seu chalé.

Estava furiosa com Mary. Como se atrevia a intrometer-se entre ela e James? E o que teria querido dizer com aquele comentário Ele não é o que parece ser? E também estava zangada consigo própria. Sentia uns remorsos terríveis por ter lançado um insulto a Mary quando saíra a correr pela porta fora. Nunca tinham discutido. De manhã, quando as coisas já tivessem acalmado, Jenny iria voltar lá para pedir desculpa.

Conseguiu distinguir ao longe o contorno do seu chalé, recortado no céu. Saiu de cima da bicicleta junto ao portão, empurrou-a pelo trilho e encostou-a ao chalé.

O pai apareceu lá fora e parou à frente da porta, limpando as mãos a um trapo. Ainda tinha a cara inchada da luta. Jenny tentou passar por ele, mas o pai estendeu o braço e agarrou-lhe o braço com toda a força.

— Estiveste com ele outra vez?

— Não, papá! — gritou ela, cheia de dores. — Por favor, estás a magoar-me o braço!

Ele levantou a outra mão para lhe bater, com a horrível cara inchada a contorcer-se de raiva.

— Diz-me a verdade, Jenny! Estiveste com ele outra vez?

— Não, juro! — gritou ela, erguendo os braços à frente da cara para se proteger do golpe que esperava que surgisse a qualquer momento. — Por favor, papá, não me batas! Estou a dizer-te a verdade!

Martin Colville largou-a.

— Vai lá para dentro e faz-me qualquer coisa para eu comer.

Ela quis gritar-lhe: Faz tu o raio do teu jantar, para variar! Mas sabia onde isso levaria. Olhou para a cara dele e, por um instante, deu por si a desejar que James o tivesse matado. Esta é a última vez, pensou. Esta é mesmo a última vez. Entrou em casa, despiu o casaco encharcado, pendurou-o na parede da cozinha e começou a tratar-lhe do jantar.

QUARENTA E NOVE

LONDRES

Clive Roach soube que estava em apuros mal Rudolf entrou na carruagem apinhada de gente. Roach não teria problemas desde que o agente se deixasse ficar sentado no compartimento. Mas se o agente saísse do compartimento para ir à casa de banho, à carruagem-restaurante ou a outra qualquer, Roach ficaria em apuros. Os corredores estavam entupidos com viajantes, uns em pé e outros sentados, a tentarem em vão dormir. Era uma provação uma pessoa deslocar-se pelo comboio; tinha de se comprimir e empurrar os outros passageiros e estar constantemente a dizer com licença e Peço desculpa. Tentar seguir alguém sem se ser detetado seria difícil — provavelmente, impossível, se o agente fosse bom. E tudo o que Roach tinha visto até então lhe indicava que Rudolf era bom.

Roach ficou desconfiado quando Rudolf, agarrado ao estômago, saiu do compartimento com o comboio ainda parado na plataforma em Euston e rompeu pelo corredor apinhado. Rudolf era pequeno, não tinha mais do que um metro e sessenta e cinco, e a cabeça dele desapareceu rapidamente no mar de passageiros. Roach avançou uns quantos passos a custo, recebendo em troca os protestos e os gemidos dos outros passageiros. Sentia-se relutante em aproximar-se demasiado; Rudolf tinha voltado para trás várias vezes nesse dia e Roach receava que ele lhe tivesse visto a cara. O corredor estava mal iluminado por causa do regulamento do blackout e já se encontrava envolto num manto de fumo de cigarro que mais parecia nevoeiro cerrado. Roach manteve-se nas sombras e ficou a ver Rudolf bater à porta da casa de banho duas vezes. Outro passageiro empurrou-o para passar, obstruindo-lhe a visão por alguns segundos apenas. Quando voltou a olhar, já Rudolf tinha desaparecido.

Roach não saiu de onde se encontrava durante três minutos, observando a porta da casa de banho. Outro homem aproximou-se, bateu à porta e, a seguir, entrou na casa de banho e fechou-a.

Começaram a tocar campainhas de alarme na cabeça de Roach.

Avançou aos empurrões pelo meio do emaranhado de passageiros no corredor, parou à frente da porta da casa de banho e começou a bater nela com toda a força.

— Espere pela sua vez, como toda a gente — disse a voz do outro lado.

— Abra a porta, emergência policial.

O homem abriu a porta uns segundos mais tarde, ainda a apertar a braguilha. Roach espreitou lá para dentro para ter a certeza de que Rudolf não estava lá. Maldição! Abriu de rompante a porta que dava para a carruagem seguinte e entrou nela. Tal como a anterior, estava às escuras, cheia de fumo e desesperadamente apinhada de passageiros. Naquele momento, seria impossível descobrir Rudolf sem revirar o comboio carruagem atrás de carruagem, compartimento atrás de compartimento.

Pensou: Como é que ele desapareceu tão depressa?

Regressou apressadamente para a primeira carruagem e deu com o revisor, um velho com óculos de aros de aço e um pé aleijado. Roach sacou da fotografia de vigilância de Rudolf e meteu-a à frente da cara do revisor.

— Viu este homem?

— Um sujeito pequeno?

— Sim — confirmou Roach, cada vez mais desanimando e pensando: Maldição! Maldição!

— Saltou do comboio quando estávamos a sair de Euston. Foi uma sorte não ter partido o raio da perna.

— Jesus! Porque não disse nada?

Apercebeu-se do ridículo que devia ter soado aquele comentário. Obrigou-se a falar com mais calma:

— Qual é a primeira paragem deste comboio?

— Watford.

— Quando?

— Daqui a uma meia hora.

— Demasiado tempo. Tenho de sair já deste comboio.

Roach esticou-se, agarrou o travão de emergência e puxou. O comboio abrandou de imediato quando o travão foi acionado e começou a parar.

O velho revisor olhou para Roach, pestanejando por trás dos óculos, e perguntou:

— O senhor não é um polícia normal, pois não?

Roach não disse nada e o comboio parou por completo. Abriu a porta de rompante, desceu para a linha e desapareceu pela escuridão dentro.

Neumann pagou ao taxista quando se encontrava a pouca distância do armazém dos Pope e, a seguir, fez o resto do caminho a pé. Passou a Mauser da cintura das calças para o bolso da frente do casaco e depois levantou a gola para se proteger da chuva forte. O primeiro ato tinha corrido sem problemas. O logro a bordo do

comboio funcionara exatamente como esperava. Neumann tinha a certeza de não ter sido seguido após sair da estação de Euston. Isso queria dizer uma coisa: o Impermeável, o homem que o tinha seguido até ao comboio, continuava quase de certeza a bordo dele e a sair de Londres, a caminho de Liverpool. O vigia não era um idiota. Mais tarde ou mais cedo, acabaria por se aperceber de que Neumann não tinha voltado para o compartimento e efetuaria uma busca. Era possível que fizesse algumas perguntas. A fuga de Neumann não passara despercebida; o revisor tinha-o visto saltar do comboio. Quando o vigia percebesse que Neumann já não se encontrava no comboio, sairia na paragem seguinte e telefonaria aos superiores em Londres. Neumann deu-se conta de que tinha uma janela de oportunidade muito limitada. Tinha de atuar depressa.

O armazém estava às escuras e parecia deserto. Neumann tocou à campainha e aguardou. Não houve resposta. Voltou a tocar à campainha e dessa vez ouviu o ruído de passos do outro lado. Passado um momento, a porta foi aberta por um gigante de cabelo preto e casaco de cabedal.

— O que quer?

— Gostaria de falar com o senhor Pope, por favor — respondeu Neumann educadamente. — Preciso de alguns artigos e disseram-me que este era, sem dúvida, o sítio indicado.

— O senhor Pope já cá não está e nós fechámos, por isso desapareça.

O gigante começou a fechar a porta. Neumann enfiou o pé para o impedir.

— Peço desculpa. É realmente muito urgente. Talvez o senhor me possa ajudar.

O gigante olhou para Neumann com uma expressão de perplexidade. Parecia estar a tentar conciliar o sotaque de colégio privado com o casacão e o penso na cara.

— Estou a ver que não me ouviu da primeira vez — respondeu ele. — Fechámos. Para sempre — atirou, agarrando em Neumann pelo ombro. — Agora, ponha-se a andar.

Neumann deu um murro na maçã de Adão do gigante e, a seguir, sacou da Mauser e deu-lhe um tiro no pé. O homem caiu redondo no chão, uivando de dor ou esforçando-se por respirar. Neumann entrou e fechou o portão. O armazém era tal e qual como Catherine o tinha descrito: carrinhas, carros, motas, pilhas de comida do mercado negro e vários bidões de gasolina.

Neumann debruçou-se e disse:

— Se te mexeres, dou-te outro tiro e não vai ser no pé. Estás a entender?

O gigante grunhiu.

Neumann escolheu uma carrinha preta, abriu a porta e ligou o motor. Agarrou em dois bidões de gasolina e enfiou-os na parte de trás da carrinha. Pensando bem, era uma viagem muito longa. Pegou noutros dois e enfiou-os também lá. Entrou para a carrinha, levou-a até à entrada do armazém e, a seguir, saiu e abriu o portão principal.

Antes de se ir embora, ajoelhou-se ao lado do homem que tinha ferido e disse-lhe:

— Se fosse a ti, ia já para um hospital.

O homem olhou para Neumann, mais confuso do que nunca.

— Mas que raio, quem és tu, pá?

Neumann sorriu, sabendo que a verdade soaria tão absurda que o homem nunca acreditaria nela.

— Sou um espião alemão que anda a fugir do MI5.

— Pois, e eu sou o raio do Adolf Hitler.

Neumann entrou para a carrinha e arrancou a grande velocidade.

Harry Dalton tirou as proteções dos faróis e atravessou Londres perigosamente depressa, em direção a oeste. A divisão dos Transportes tinha-lhe disponibilizado um bom motorista, capaz de andar a alta velocidade, mas Harry quis ser ele a guiar. Ia serpenteando pelo meio dos carros, a buzinar sem parar. Vicary ia sentado ao seu lado, à frente, agarrando com força e nervosamente o painel de instrumentos. Os limpa-para-brisas esforçavam-se em vão por afastar a chuva. Ao virar para Cromwell Road, Harry acelerou tanto que a traseira do carro derrapou no alcatrão escorregadio. Continuou a serpenteiar entre o trânsito e depois virou para sul, para Earl's Court. Entrou numa pequena rua secundária e, a seguir, avançou a toda a velocidade por uma ruela estreita, guinando uma vez para evitar um caixote do lixo e depois outra para se esquivar de um gato. Travou a fundo por trás de um prédio de apartamentos e fez o carro parar abruptamente.

Harry e Vicary saíram do carro e entraram no prédio pela porta de serviço, nas traseiras, e subiram as escadas a correr, em direção ao posto de vigilância no quinto andar. Ignorando a dor que lhe rasgava o joelho como uma faca, Vicary acompanhou o ritmo de Harry.

Pensou: Se ao menos Boothby me tivesse deixado prendê-los há umas horas, não estaríamos neste sarilho.

Era um verdadeiro desastre.

O agente com o nome de código Rudolf tinha acabado de saltar de um comboio na estação de Euston e desaparecido na cidade. Vicary tinha de partir do princípio de que ele estava naquele momento a tentar fugir do país. Não tinha outra escolha a não ser prender Catherine Blake; precisava dela detida e assustada de morte. Nesse caso, talvez lhes dissesse para onde fora Rudolf e como planeava escapar, se havia ou não outros agentes envolvidos e onde guardava ele o rádio.

Vicary não estava otimista. Tudo o que pressentia em relação àquela mulher lhe dizia que ela não iria colaborar, mesmo enfrentando uma execução. Tudo o que precisava de fazer era aguentar o tempo necessário para Rudolf poder escapar. Se fizesse isso, a Abwehr ficaria na posse de provas que indiciavam que os serviços secretos britânicos estavam empenhados num gigantesco logro. As consequências seriam demasiado tenebrosas para considerar a hipótese. Todo o trabalho que dedicara à Operação Fortitude seria desperdiçado. Os alemães deduziriam que os Aliados desembarcariam na Normandia. A invasão teria de ser adiada e planeada de novo; caso contrário, terminaria numa catástrofe sangrenta. A ocupação da Europa Ocidental por Hitler, com mão de ferro, prosseguiria. Morreria mais um número incontável de pessoas. E tudo porque a operação de Vicary se tinha desmoronado. Naquele momento, tinham uma hipótese apenas: prendê-la, obrigá-la a falar e deter Rudolf antes que ele pudesse fugir do país ou utilizar o rádio.

Harry abriu a porta do apartamento que servia de posto de vigilância e entraram ambos. As cortinas estavam abertas, deixando ver a rua e a sala às escuras. Vicary esforçou-se por distinguir os vultos que se encontravam na sala, lembrando pelas suas poses estátuas num jardim às escuras: dois vigias com olhos congestionados, imóveis à janela; meia dúzia de homens tensos da Divisão Especial, encostados a uma parede. O agente da Divisão Especial de posição superior chamava-se Cártter. Era grande e de rosto rude, com um pescoço grosso e pele bexigosa. Tinha um cigarro, apagado por motivos de segurança, a pender-lhe do canto da boca grande. Quando Harry apresentou Vicary, apertou-lhe a mão e, a seguir, levou-o para a janela para lhe explicar a disposição das forças ao seu comando. O cigarro apagado ia soltando cinza enquanto ele falava.

— Vamos entrar pela porta da frente — disse Cártter, com um ligeiro sotaque do norte de Inglaterra. — Quando o fizermos, vamos fechar a rua numa e noutra ponta e dois homens vão vigiar as traseiras do prédio. Assim que entrarmos lá dentro, ela não vai poder fugir para lado nenhum.

— É extremamente importante que a capturem viva — sublinhou Vicary. — Não nos serve absolutamente de nada morta.

— Harry diz que ela tem jeito para as armas.

— É verdade. Temos razões para acreditar que ela tem uma pistola e está disposta a utilizá-la.

— Vamos capturá-la tão depressa que ela nem vai perceber o que lhe aconteceu. Estamos prontos assim que nos mandar avançar.

Vicary afastou-se da janela e atravessou a sala, dirigindo-se para o telefone. Marcou o número do departamento e esperou que a telefonista passasse a chamada para o gabinete de Boothby.

— Os homens da Divisão Especial estão prontos para avançar assim que lhes dermos essa ordem — anunciou Vicary quando a voz de Boothby se ouviu do outro lado da linha. — Já temos autorização?

— Não. O Comité dos Vinte ainda está a deliberar. E não podemos avançar até eles aprovarem isso. Agora, a bola está do lado deles.

— Meu Deus! Se calhar, alguém devia explicar ao Comité dos Vinte que tempo é coisa que não temos em grande abundância nesta altura. Para termos sequer uma hipótese mínima de apanhar Rudolf, precisamos de saber para onde é que ele vai.

— Eu compreendo o seu dilema — retorquiu Boothby. Vicary pensou: O seu dilema. O meu dilema, Sir Basil? Atirou:

— E quando é que eles vão decidir?

— A qualquer momento. Ligo-lhe logo a seguir.

Vicary desligou e começou a percorrer a sala escura. Virou-se para um dos vigias e perguntou:

— Há quanto tempo é que ela já ali está?

— Há coisa de um quarto de hora.

— Um quarto de hora? Porque é que ela ficou tanto tempo na rua? Não estou a gostar disto.

O telefone tocou. Vicary lançou-se para o atender e levou o auscultador ao ouvido. Basil Boothby disse:

— Temos a aprovação do Comité dos Vinte. Prenda-a, Alfred. E boa sorte.

Vicary bateu com o auscultador com força.

— Luz verde, cavalheiros — afirmou, voltando-se para Harry. Viva. Precisamos dela viva.

Harry assentiu com a cabeça, de cara fechada, e depois conduziu os homens da Divisão Especial para fora do apartamento, em fila indiana. Vicary ouviu o ruído dos seus passos ao descerem as escadas a desaparecer gradualmente. A seguir, passado um momento, viu-lhes as cabeças quando saíram do prédio e começaram a atravessar a rua em direção ao apartamento de Catherine Blake.

Horst Neumann estacionou a carrinha numa pequena e sossegada rua secundária, ao virar da esquina do apartamento de Catherine. Saiu e fechou a porta sem fazer barulho. Seguiu rapidamente pelo passeio, com as mãos bem enfiadas nos bolsos, uma delas agarrada à coronha da Mauser.

A rua estava completamente às escuras. Chegou ao monte de destroços que tinha sido em tempos a fila de casas por trás do apartamento. Foi avançando às apalpadelas pelo meio de madeira partida, tijolos desfeitos e canos retorcidos. Os destroços terminavam numa parede com quase dois metros de altura. Do lado de lá da parede, encontrava-se o jardim que ficava nas traseiras da casa — Neumann já o tinha visto da janela do quarto dela. Experimentou o

portão; estava trancado. Teria de o abrir pelo outro lado.

Colocou as mãos no cimo da parede, fez força com as pernas e puxou com os braços. Já em cima da parede, passou uma perna para o outro lado e rodou o corpo. Ficou assim pendurado durante alguns segundos, a olhar para baixo. O chão era invisível na escuridão. Podia cair em cima de qualquer coisa — num cão que estivesse a dormir ou numa fila de caixotes do lixo, que fariam uma barulheira terrível se aterrasse em cima deles. Pôs a hipótese de acender a lanterna por um segundo, mas isso poderia atrair atenções. Saltou da parede e caiu pela escuridão abaixo. Não havia cães nem caixotes do lixo, só um arbusto espinhoso qualquer que se espetou na sua cara e no casaco.

Neumann libertou-se dos espinhos do arbusto e depois destrancou o portão. Atravessou o jardim até à porta das traseiras. Experimentou o trinco — estava trancada. A porta tinha uma janela. Enfiou a mão no bolso do casaco, tirou a Mauser e serviu-se dela para partir a vidraça no canto inferior esquerdo. O barulho foi surpreendentemente alto. Enfiou a mão pela vidraça partida, destrancou a porta e, a seguir, subiu as escadas.

Chegou à porta de Catherine e bateu ao de leve.

Do lado de lá da porta, ouviu a voz dela a perguntar:

— Quem é?

— Sou eu.

Ela abriu a porta. Neumann entrou e fechou-a. Catherine usava calças, uma camisola grossa e um casaco de cabedal. A mala rádio estava encostada à porta. Neumann olhou para a cara dela. Estava pálida.

— Pode ser imaginação minha — disse ela -, mas acho que se passa qualquer coisa lá em baixo. Vi uns homens a rondar a rua e dentro de carros estacionados.

O apartamento estava às escuras, com uma única luz acesa na sala de estar. Neumann atravessou a sala rapidamente, em poucas passadas, e desligou-a. Foi até à janela e levantou a ponta do cortinado opaco, espreitando para a rua. O trânsito noturno circulava lá em baixo, lançando a luz necessária para que ele visse quatro homens a saírem em grande velocidade do prédio em frente, do outro lado da rua, e a avançarem em direção a eles.

Neumann virou-se e arrancou a Mauser do bolso.

— Eles vêm aí. Pega no rádio e segue-me lá para baixo. Já!

Harry Dalton abriu de rompante a porta da frente do prédio e entrou, com os homens da Divisão Especial logo atrás. Acendeu a luz do vestíbulo a tempo de ver Catherine Blake fugir pela porta das traseiras, com a mala do rádio a balançar-lhe no braço.

Horst Neumann tinha aberto a porta das traseiras a pontapé e estava a correr pelo jardim quando ouviu o grito vindo da casa.

Avançou a toda a velocidade pela cortina de escuridão, com a Mauser à sua frente e a mão esticada. O portão abriu-se de rompante e uma figura surgiu lá, em silhueta de pistola erguida. Gritou a Neumann para parar. Neumann continuou a correr, disparando duas vezes. O primeiro tiro atingiu o homem no ombro, fazendo-o rodar. O segundo desfez-lhe a espinha, matando-o de imediato.

Um segundo homem ocupou o lugar dele e tentou disparar. Neumann apertou o gatilho. A Mauser deu um salto na sua mão, sem fazer praticamente barulho, apenas o clique surdo do mecanismo de disparo. A cabeça do homem explodiu.

Neumann atravessou o portão a correr, passando por cima dos corpos e espreitando no meio do blackout. Não havia mais ninguém atrás da casa. Voltou-se e viu Catherine, a poucos metros dele, a correr com o rádio. Estavam três homens a persegui-la. Neumann ergueu a pistola e disparou para a escuridão. Ouviu dois homens a gritarem. Catherine continuou a correr.

Ele virou-se e começou a atravessar os destroços em direção à carrinha.

Harry sentiu as balas passarem-lhe rente à cabeça. Ouviu os gritos dos dois homens que iam atrás de si. Ela estava mesmo à sua frente. Mergulhou na escuridão, com os braços esticados para a frente. Apercebeu-se de que se encontrava numa situação de clara desvantagem; estava desarmado e sozinho. Podia parar e procurar uma das armas dos homens da Divisão Especial, para depois os perseguir e tentar alvejá-los aos dois. Mas o mais certo seria Rudolf matá-lo algures pelo caminho. Podia parar, dar meia-volta, voltar para dentro do prédio e avisar o posto de vigilância. Mas, por essa altura, já Catherine Blake e Rudolf teriam desaparecido há muito, eles seriam obrigados a recomençar a maldita busca desde o início, os espões utilizariam o rádio para comunicar a Berlim o que tinham descoberto e a porra da guerra estaria perdida, raios partam!

O rádio!

Pensou: Posso já não ser capaz de os parar, mas posso cortar-lhes o acesso a Berlim durante algum tempo.

Harry saltou no meio da escuridão, soltando um grito profundo, e agarrou a mala com as duas mãos. Tentou arrancá-la a Catherine, mas ela virou-se e puxou pela mala com uma força surpreendente. Ele levantou os olhos e viu pela primeira vez a cara dela: vermelha, contorcida de medo e feia de raiva. Tentou arrancar-lhe a mala das mãos novamente, mas não a conseguiu soltar; Catherine tinha os dedos bem cerrados à volta da pega, como um torno. Ela gritou pelo nome verdadeiro de Rudolf.

Soou a Wurst.

Foi então que Harry ouviu um clique. Já o tinha ouvido nas ruas

da zona leste de Londres, antes da guerra, o som da lâmina de uma faca de ponta e mola a ser aberta com um estalido. Viu o braço dela erguer-se e depois a baixar-se num arco violento em direção à sua garganta. Se ele levantasse o braço, poderia desviar o golpe.

Mas isso significaria que ela seria capaz de arrancar o rádio das mãos dele. Continuou a agarrá-lo e tentou esquivar-se da faca rodando a cabeça. A ponta da lâmina acertou-lhe de lado na cara. Sentiu a carne rasgar-se. A dor surgiu passado um instante — penetrante, como se lhe tivessem atirado metal derretido à cara. Harry gritou, mas não largou a mala. Ela ergueu o braço novamente, enterrando-lhe desta feita a ponta da faca no antebraço. Harry berrou outra vez de dor, com os dentes cerrados, mas as mãos continuaram agarradas à mala. Era como se já estivessem a agir por sua própria vontade. Nada, nenhuma dor no mundo, seria capaz de as obrigar a soltarem-se.

Ela largou a mala e disse:

— É um homem corajoso, se está disposto a morrer por um rádio.

A seguir, virou-se e desapareceu no meio da escuridão.

Harry ficou deitado no chão molhado. Quando ela já estava longe dali, levou a mão à cara e ficou com vontade de vomitar quando sentiu o osso quente do próprio maxilar. Estava a perder os sentidos; a dor começava a esbater-se. Ouviu os homens da Divisão Especial que tinham sido feridos a gemerem ali perto. Sentiu a chuva bater-lhe na cara. Fechou os olhos. Sentiu alguém a encostar-lhe qualquer coisa à cara. Quando abriu os olhos, viu Alfred Vicary debruçar-se sobre ele.

— Disse-lhe para ter cuidado, Harry.

— Ela levou o rádio?

— Não. O Harry impediu-a de levar o rádio.

— E eles escaparam-se?

— Sim. Mas estamos a persegui-los.

Foi então que a dor se apoderou de Harry muito repentinamente. Começou a tremer e pareceu-lhe que ia vomitar. A seguir, o rosto de Vicary transformou-se em água e Harry perdeu os sentidos.

CINQUENTA

LONDRES

Uma hora após o desastre em EarPs Court, Alfred Vicary já tinha orquestrado a maior caça ao homem da história do Reino Unido. Todas as esquadras de polícia do país — de Penzance a Dover, de Portsmouth a Inverness — receberam uma descrição dos espões fugitivos. Para as cidades, povoações e aldeias perto de Londres, Vicary enviou fotografias por estafetas de mota. Foi dito à maioria dos polícias envolvidos na busca que os fugitivos eram suspeitos em quatro homicídios ocorridos já em 1938. Um punhado de agentes com posições de grande importância foi discretamente informado de que se tratava de um assunto de segurança da máxima importância — tão importante que o primeiro-ministro se encontrava a acompanhar a evolução da caçada pessoalmente.

A Polícia Metropolitana de Londres respondeu com velocidade extraordinária e, quinze minutos depois do primeiro telefonema de Vicary, já tinham sido estabelecidas barricadas em todas as principais artérias que saíam da cidade. Vicary tentou abranger todos os percursos de fuga possíveis. O MI5 e a polícia ferroviária rondavam as estações mais importantes. Os operadores dos ferries irlandeses também receberam uma descrição dos suspeitos.

A seguir, Vicary contactou a BBC e pediu para falar com o chefe de redação que se encontrava em serviço. No noticiário das nove horas, a notícia de abertura da BBC foi um tiroteio em Earl's Court, que tinha deixado dois polícias mortos e três feridos. A notícia incluía uma descrição de Catherine Blake e de Rudolf e concluía com um número de telefone para onde as pessoas podiam ligar para prestarem informações. Passados cinco minutos, os telefones começaram a tocar. As datilógrafas transcreveram todas as chamadas bem-intencionadas e transmitiram-nas a Vicary. Este atirou a maior parte logo para o cesto do lixo. Investigou algumas. Nenhuma deu qualquer resultado.

A seguir, voltou a atenção para os percursos de fuga que apenas um espião utilizaria. Contactou a RAF e pediu-lhes para estarem atentos a aviões leves. Contactou o Almirantado e pediu-lhes para terem atenção a eventuais submarinos que se aproximassem da costa. Contactou a Polícia Marítima e pediu-lhes para ficarem atentos a

pequenas embarcações que seguissem para o mar. Telefonou para os monitores das estações de recolha de comunicações e pediu-lhes para ouvirem atentamente as transmissões radiofónicas e informarem se fossem suspeitas.

Vicary levantou-se da secretária e saiu do gabinete pela primeira vez em duas horas. O centro de operações em West Halkin Street tinha sido abandonado e a sua equipa já regressara lentamente a St. James's Street. Estavam sentados na área comum à saída do gabinete, como sobreviventes aturdidos de um desastre natural, molhados, exaustos, derrotados. Clive Roach estava sentado sozinho, cabisbaixo e de mãos entrelaçadas. De quando em quando, um dos vigias pousava a mão no ombro dele, murmurava-lhe ao ouvido palavras encorajadoras e seguia o seu caminho em silêncio. Peter Jordan andava de um lado para o outro. Tony Blair estava a fitá-lo com um olhar assassino. O único som que se ouvia era o dos teleimpressores e o da tagarelice das raparigas ao telefone.

O silêncio foi interrompido por uns minutos, às nove horas, quando Harry Dalton entrou na sala com a cara e o braço enfaixados. Toda a gente se levantou para se amontoar à volta dele — Muito bem, Harry, meu velho... mereces uma medalha... mantiveste-nos à tona, Harry... estava tudo acabado se não fosses tu...

Vicary puxou-o para dentro do gabinete.

— Não devia estar deitado a descansar?

— Sim, mas prefiro estar aqui.

— E como estão as dores?

— Podiam estar piores. Deram-me umas coisas para ajudar.

— Ainda tem dúvidas de qual seria a sua reação debaixo de fogo, no campo de batalha?

Harry conseguiu esboçar um meio sorriso, baixou os olhos e abanou a cabeça.

— Já houve algum avanço? — perguntou, mudando rapidamente de assunto.

Vicary abanou a cabeça.

— O que fez?

Vicary pô-lo a par das medidas tomadas.

— Foi uma jogada arrojada da parte de Rudolf ter ido buscá-la daquela maneira, sacando-a mesmo debaixo do nosso nariz. Ele tem coragem, lá isso não há que negar. E como é que Boothby está a reagir?

— Tão bem quanto seria de esperar. Está lá em cima com o diretor-geral. Provavelmente, a planear a minha execução. Temos uma linha aberta para as Salas de Guerra Subterrâneas e o primeiro-ministro. O Velho está a receber atualizações a cada minuto. Quem me dera ter qualquer coisa para lhe dizer.

— Não deixou escapar nenhuma opção possível. Agora, só lhe resta sentar-se e esperar que haja algum avanço. Eles têm de se mexer para algum lado. E, quando o fizerem, vamos logo saber.

— Quem me dera partilhar do seu otimismo.

Harry fez um esgar de dor e pareceu subitamente muito cansado.

— vou deitar-me um bocado. Começou a sair do gabinete devagar.

Vicary perguntou:

— Grace Clarendon está de serviço hoje à noite?

— Sim, acho que sim.

O telefone tocou. Basil Boothby disse:

— Venha cá acima imediatamente, Alfred.

A luz verde estava acesa sobre a porta do gabinete de Boothby.

Vicary entrou e deu com Sir Basil a andar de um lado para o outro e a fumar sem parar. Tinha tirado o casaco; o colete estava desabotoado e o nó da gravata folgado. com um ar irritado, fez sinal a Vicary para se sentar numa cadeira e disse:

— Sente-se, Alfred. Bem, hoje à noite as luzes estão acesas por toda a Londres: Grosvenor Square, o quartel-general pessoal de gisenhower em Hayes Lodge, as Salas de Guerra Subterrâneas. E querem todos saber uma coisa. Será que Hitler sabe que é na Normandia? Será que a invasão está acabada mesmo antes de começar?

— Evidentemente, ainda não temos forma de saber isso.

— Meu Deus! — exclamou Boothby, esmagando o cigarro e acendendo outro logo de seguida. — Dois agentes da Divisão Especial mortos, outros três feridos. O que nos valeu foi o Harry.

— Ele está lá em baixo. Tenho a certeza de que gostaria de ouvir isso da sua boca.

— Não temos tempo para conversas para animar as hostes, Alfred. Precisamos de os parar e de fazer isso depressa. Não preciso de lhe explicar o que está em jogo.

— Pois não, Sir Basil, não precisa.

— O primeiro-ministro quer atualizações de meia em meia hora. Há alguma coisa que eu lhe possa dizer?

— Infelizmente, não. Não deixámos escapar nenhum percurso de fuga possível. Quem me dera poder dizer com toda a segurança que os vamos apanhar, mas acho que seria pouco prudente subestimá-los. Já provaram isso vezes sem conta.

Boothby recomeçou a andar de um lado para o outro.

— Dois homens mortos, três feridos e dois espiões, na posse de informações capazes de desvendar o logro que orquestrámos, em fuga, nscusado será dizer, isto é o pior desastre da história do departamento.

— A Divisão Especial avançou com os homens que considerou

necessários para a prender. Obviamente, foi um erro de cálculo.

Boothby parou de se mexer e lançou um olhar assassino a Vicary.

— Não tente culpar a Divisão Especial pelo que aconteceu, Alfred. Você era o agente mais graduado no local. Esse aspeto da Operação Kettledrum era da sua responsabilidade.

— Tenho consciência disso, Sir Basil.

— Ótimo, já que, quando tudo isto terminar, vai reunir-se um comité interno e duvido que o seu desempenho seja visto com bons olhos.

Vicary levantou-se.

— É tudo, Sir Basil?

— Sim.

Vicary deu meia-volta e dirigiu-se para a porta.

O uivo longínquo das sirenes de ataque aéreo começou a ouvir-se quando Vicary estava a descer as escadas para a divisão dos Registos. As salas estavam parcialmente às escuras, apenas com uma ou outra luz acesa. Como sempre, o cheiro daquele sítio não passou despercebido a Vicary: papel em decomposição, pó, humidade e um ténue vestígio do tenebroso cachimbo de Nicholas Jago. Olhou para o gabinete envidraçado de Jago. A luz estava apagada e a porta bem fechada. Ouviu o som vivo de sapatos de mulher a baterem no chão e reconheceu a passada tempestuosa e enérgica de Grace Clarendon, digna de uma parada militar. Viu o seu cabelo loiro a passar rapidamente pelas pilhas de documentos, como uma aparição, e depois a desaparecer. Seguiu-a até uma das salas laterais e chamou-a ainda a uma certa distância, para não a assustar. Ela virou-se, fitou-o com olhos verdes hostis e depois voltou-se outra vez de costas para ele e recomeçou a arquivar os documentos.

— Isto é oficial, professor Vicary? — perguntou ela. — É que, se não for, vou ter de lhe pedir para se ir embora. Já me causou problemas suficientes. Se me virem a falar outra vez consigo, será uma sorte se conseguir emprego como o raio de uma fiscal do blackout. Por favor, vá-se embora, professor.

— Preciso de consultar um dossiê, Grace.

— Sabe qual é o procedimento, professor. Preencha uma requisição. Se a requisição for autorizada, pode consultar o ficheiro.

— Não me vão dar autorização para consultar o dossiê que preciso de consultar.

— Então não o pode consultar — retorquiu ela, com a voz a adquirir o tom de fria eficiência de uma diretora de escola. — As regras são essas.

As primeiras bombas começaram a cair do lado de lá do rio, segundo levava a crer o barulho. Foi então que as baterias antiaéreas

dos parques abriram fogo. Vicary ouviu o zumbido dos bombardeiros Heinkel por cima da cabeça. Grace parou o que estava a fazer e olhou para cima. Uma rajada de bombas caiu ali perto — demasiado perto, já que todo o edifício começou a abanar e os dossiês a caírem das prateleiras. Grace olhou para aquela confusão e exclamou:

— Raios me partam!

— Eu sei que Boothby a anda a obrigar a fazer coisas que a Grace não quer. Ouvi-vos a discutirem no gabinete dele e vi-a a entrar para o carro dele na Northumberland Avenue ontem à noite. E não me diga que andam apenas envolvidos romanticamente porque eu sei que está apaixonada por Harry.

Vicary reparou no brilho das lágrimas nos olhos verdes de Grace e o dossiê que ela segurava começou a tremer.

— A culpa é sua, maldição! — disparou ela. — Se não lhe tivesse falado do dossiê Vogel, não estava metida neste sarilho.

— O que é que ele a está a obrigar a fazer? Ela hesitou.

— Por favor, vá-se embora, professor. Por favor.

— Não me vou embora enquanto não me disser o que é que Boothby queria que a Grace fizesse.

— Raios, professor Vicary, ele queria que eu o espiasse a si! E a Harry! — gritou ela, forçando-se depois a baixar a voz. — Tudo o que Harry me contasse, fosse na cama ou noutro sítio, devia ser-lhe transmitido.

— E o que lhe contou?

— Tudo o que Harry me mencionou sobre o caso e os avanços na investigação. E também lhe falei da pesquisa que o senhor pediu para fazer na base de dados dos Registos — explicou ela, tirando um punhado de dossiês do carrinho e recomeçando a arquivá-los. Ouvi dizer que Harry esteve envolvido naquela confusão em Earl's Court.

— Esteve, sim senhor. Aliás, ele é o homem do momento.

— E ficou ferido?

Vicary assentiu com a cabeça.

— Está lá em cima. Os médicos não conseguiram que ele ficasse na cama.

— Provavelmente, fez qualquer coisa estúpida, não foi? A tentar provar o que vale. Meu Deus, às vezes, ele é mesmo capaz de ser um idiota teimoso e estúpido.

— Grace, preciso de consultar um dossiê. Boothby vai despedir-me quando este assunto estiver terminado e eu só preciso de saber porquê.

Ela fitou-o com uma expressão grave.

— Está a falar a sério, não está, professor?

— Infelizmente, sim.

Sem dizer nada, ela olhou para ele durante um momento, ao

mesmo tempo que o prédio estremecia com as ondas de choque da bomba.

— Qual é o dossiê? — perguntou.

— O de uma operação chamada Kettledrum. Grace franziu o sobrolho, confusa.

— — Mas isso não é o nome de código da operação em que o senhor está envolvido agora?

— É.

— Espere lá um minuto. O senhor quer que eu arrisque o pescoço para lhe mostrar o dossiê do seu próprio caso?

— Qualquer coisa do gênero — respondeu Vicary. — Só que quero que o cruze com o rome do agente responsável por outro caso, — Quem?

Vicary olhou diretamente para os olhos verdes dela e articulou com os lábios as iniciais BB.

Ela regressou passados cinco minutos, trazendo uma capa de dossiê vazia.

— Operação Kettledrum — anunciou. — Extinta.

— E onde está o que se encontrava aí dentro?

— Ou foi destruído ou está com o agente responsável.

— E quando é que o dossiê foi aberto? — perguntou Vicary. Grace olhou para a etiqueta do dossiê e depois para Vicary.

— Que estranho — disse ela. — Segundo isto, a Operação Kettledrum teve início em outubro de 1943.

CINQUENTA E UM

CAMBRIDGESHIRE, INGLATERRA

Quando a Scotland Yard respondeu ao pedido de barricadas feito por Alfred Vicary, já Horst Neumann tinha saído de Londres, avançando a toda a velocidade em direção a norte, pela A10. Era evidente que a carrinha se encontrava em bom estado. Era capaz de atingir pelo menos os cem quilómetros por hora e o motor funcionava sem problemas. Os pneus ainda possuíam uma quantidade aceitável de piso e agarravam-se surpreendentemente bem à estrada molhada. E havia uma outra característica bastante prática — uma carrinha preta não chamava a atenção no meio dos outros veículos comerciais na estrada. Uma vez que o racionamento de gasolina tornava praticamente impossível andar de carro não comercial, qualquer pessoa que estivesse a conduzir um automóvel àquelas horas da noite poderia ser mandada parar pela polícia e interrogada.

A estrada seguia a direito pelo terreno maioritariamente plano. Neumann inclinou-se sobre o volante enquanto guiava, espreitando para a pequena poça de luz produzida pelos faróis encobertos. Por um instante, pensou em retirar as proteções dos faróis, mas decidiu que era demasiado arriscado. Passou a grande velocidade por aldeias com nomes estranhos — Puckeridge, Buntingford — às escuras, sem uma luz acesa nem ninguém na rua. Era como se o tempo tivesse retrocedido dois mil anos. Neumann dificilmente ficaria surpreso se visse uma legião romana acampada nas margens do rio Cam.

Mais aldeias — Melbourn, Foxton, Newton, Hauxton. Durante o treino na quinta de Vogel à saída de Berlim, Neumann tinha passado horas a estudar mapas antigos do Reino Unido, do serviço cartográfico e topográfico oficial. Suspeitava que conhecia as estradas e os trilhos de East Anglia tão bem como a maioria dos ingleses, talvez até melhor.

Melbourn, Foxton, Newton, Hauxton.

Estava a aproximar-se de Cambridge.

Cambridge significava problemas. com certeza que o MI5 tinha alertado as forças policiais das principais cidades e povoações. Neumann calculou que a polícia das aldeias e dos lugarejos não representaria grande ameaça. Os agentes faziam as suas rondas a pé

ou de bicicleta e raramente tinham carros, ao passo que o estado das comunicações era tão fraco que talvez ainda não tivessem recebido sequer a informação. Estava a atravessar tão depressa as aldeias às escuras devido ao blackout que um polícia nem os chegaria a ver. Cidades como Cambridge eram diferentes. Provavelmente, o MI5 tinha alertado a polícia de Cambridge. E esta possuía homens suficientes para estabelecer uma barricada numa via importante como a AIO. Esses homens tinham carros e podiam dar início a uma perseguição. Neumann conhecia as estradas e era um condutor competente, mas não teria hipótese contra um polícia experiente daquela região.

Antes de chegar a Cambridge, Neumann virou para uma pequena estrada secundária. Contornou a base das Gog Magog Hills e seguiu para norte pela orla leste da cidade. Mesmo na escuridão do blackout, conseguiu distinguir os pináculos da King's Church e da St. John's Church. Passou por uma aldeia chamada Horningsea, atravessou o Cam e entrou em Waterbeach, uma aldeia cortada a meio pela AIO. Avançou lentamente pelas ruas às escuras até descobrir a maior; não havia tabuletas que indicassem a AIO, mas partiu do princípio de que teria de ser ali. Virou à direita, dirigindo-se para norte, e, passado um momento, estava a percorrer a paisagem plana e solitária das Fens.

Os quilómetros foram passando muito depressa. A chuva abrandou, mas o vento, naquela região pantanosa e sem nada no seu caminho até ao mar do Norte, maltratou a carrinha como se esta fosse um brinquedo de criança. A estrada seguia junto à margem do rio Great Ouse e depois por Southery Fens. Atravessaram as aldeias de Southery e Hilgay. A povoação importante seguinte era Downham Jvllarket, mais pequena do que Cambridge, mas Neumann partiu do princípio de que teria a sua própria força policial e que representava portanto uma ameaça. Repetiu a opção que tinha tomado em Cambridge, virando para uma estrada secundária mais pequena, circundando a orla da povoação e regressando à AIO a norte.

Passados dezasseis quilómetros, chegou a King's Lynn, o porto situado no sudeste de Wash e a povoação mais importante na costa de Norfolk. Neumann voltou a sair da AIO e seguiu por uma pequena estrada secundária a leste da cidade.

A estrada era de má qualidade — em muitos pontos, não pavimentada e com apenas uma faixa — e o terreno tornou-se montanhoso e arborizado. Parou e despejou dois bidões de gasolina no depósito. O tempo ia piorando à medida que se aproximavam da costa. Por vezes, Neumann parecia estar a deslocar-se a pé. Receou ter cometido um erro ao sair da estrada em melhores condições, talvez estivesse a ser demasiado cauteloso. Após mais de uma hora de condução atribulada, chegou ao litoral.

Passou por Hampton Sands, atravessou a enseada e acelerou pelo

trilho. Sentiu-se aliviado — finalmente, uma estrada conhecida. O chalé dos Dogherty surgiu ao longe. Neumann virou para o caminho de entrada. Viu a porta abrir-se e o brilho de um candeeiro a querosene aproximar-se deles. Era Sean Dogherty, com o seu oleado e chapéu impermeável, e uma caçadeira ao ombro.

Sean Dogherty não tinha ficado preocupado quando não viu Neumann sair do comboio da tarde, em Hunstanton. Neumann tinha-o avisado de que poderia ficar em Londres mais tempo do que o costume. Dogherty resolveu esperar pelo comboio da noite. Saiu da estação e entrou num pub ali perto. Pediu uma tarte de batata e cenoura e acompanhou-a com dois copos de cerveja. A seguir, saiu do pub e passeou-se pela zona ribeirinha. Antes da guerra, Hunstanton era uma popular estância balnear porque a sua localização na ponta leste da Wash dava azo a pores do Sol extraordinários sobre a água. Nessa noite, os velhos hotéis eduardianos estavam maioritariamente vazios e tinham um ar sombrio sob a chuva a cair ininterruptamente. O pôr do Sol não era mais que uma última luz cinzenta a escapar-se das nuvens de tempestade. Dogherty deixou a zona ribeirinha e regressou à estação para acompanhar a chegada do comboio da noite. Ficou parado na plataforma, a fumar e a observar o punhado de passageiros que desembarcava. Quando viu que Neumann não se encontrava entre eles, Dogherty ficou alarmado.

Entrou no carro e voltou para Hampton Sands, pensando nas palavras de Neumann no início dessa semana. Neumann tinha-lhe dito que era possível que a operação estivesse prestes a terminar, possível que ele se fosse embora de Inglaterra e voltasse para Berlim. Dogherty pensou: Mas porque não veio no maldito comboio?

Chegou ao chalé e entrou. Mary, sentada junto à lareira, lançou-lhe um olhar feroz e depois subiu as escadas para o andar de cima. Dogherty ligou a telefonia. O noticiário chamou-lhe a atenção. Estava em curso uma busca à escala nacional para capturar dois supostos assassinos que tinham participado num tiroteio com a polícia ao início da noite, no bairro londrino conhecido como Earl's Court.

Dogherty aumentou o som quando o locutor começou a descrever os dois suspeitos. O primeiro, surpreendentemente, era uma mulher. O segundo era um homem cuja descrição correspondia sem tirar nem pôr a Horst Neumann.

Dogherty desligou o rádio. Seria possível que estes dois suspeitos envolvidos no tiroteio em Earl's Court fossem Neumann e o outro agente? Estariam naquele instante a fugir do MI5 e de metade da polícia do Reino Unido? Estariam a caminho de Hampton Sands ou deixá-lo-iam para trás? Foi então que pensou: Será que os britânicos sabem que eu também sou um espião?

Foi para o andar de cima, meteu uma muda de roupa num

pequeno saco de lona e desceu outra vez as escadas. Foi até ao celeiro, descobriu a caçadeira e carregou dois cartuchos no cano.

Quando regressou ao chalé, Dogherty sentou-se à janela, à espera. Já quase tinha perdido a esperança quando avistou a luz saída dos faróis encobertos a avançar pela estrada, em direção ao chalé. No momento em que a carrinha virou para o pátio da quinta, conseguiu ver que era Neumann que vinha ao volante. Estava uma mulher sentada no lugar do passageiro.

Dogherty levantou-se e pôs o oleado e o chapéu. Acendeu o candeeiro a querosene, pegou na caçadeira e saiu de casa, enfrentando a chuva.

Martin Colville examinou o rosto ao espelho: nariz partido, olhos negros, lábios inchados, uma contusão no lado direito da cara.

Entrou na cozinha e verteu as últimas e preciosas gotas de uma garrafa de uísque. Todos os seus instintos lhe diziam que havia qualquer coisa de errado no homem chamado James Porter. Não acreditava que ele fosse um soldado britânico ferido. Não acreditava que ele fosse um velho conhecido de Sean Dogherty. Não acreditava que ele tivesse vindo para Hampton Sands pelo ar do oceano.

Tocou no rosto desfeito e pensou: Nunca ninguém me fez isto em toda a minha vida e não vou deixar que aquele sacana fique impune.

Colville bebeu o uísque de um só gole e, a seguir, colocou a garrafa vazia e o copo no lava-louças. Ouviu o ruído de um motor lá fora. Foi até à porta e espreitou. Uma carrinha passou depressa. Colville conseguiu ver James Porter ao volante e uma mulher no lugar do passageiro.

Fechou a porta e pensou: Mas que raio anda ele a fazer a estas horas da noite? E onde é que arranjou a carrinha?

Decidiu que iria descobrir. Entrou na sala de estar e tirou uma caçadeira calibre 12 da prateleira por cima da lareira. Os cartuchos estavam na gaveta da cozinha. Abriu-a e pôs-se a vasculhar na confusão de coisas que havia lá dentro, até encontrar a caixa. Saiu de casa e subiu para a bicicleta.

Passado um momento, Colville estava a pedalar no meio da chuva, com a caçadeira em cima do guiador, a caminho do chalé dos Dogherty.

Lá em cima, no seu quarto, Jenny Colville ouviu a porta da frente a abrir-se e a fechar-se uma vez. A seguir, ouviu o ruído de um veículo a passar, pouco comum àquelas horas da noite. Quando ouviu a porta a abrir-se e a fechar-se uma segunda vez, ficou assustada. Levantou-se da cama e atravessou o quarto. Abriu a cortina e espreitou a tempo de ver o pai a afastar-se de bicicleta através da escuridão.

Bateu com força na janela, mas foi em vão. Passados uns segundos, ele já tinha desaparecido.

Jenny estava apenas de camisa de dormir. Tirou-a, vestiu umas calças e uma camisola e desceu as escadas. As botas de borracha estavam ao lado da porta. Ao calçá-las, reparou que a caçadeira que estava habitualmente pendurada sobre a lareira tinha desaparecido. Espreitou para a cozinha e viu que a gaveta onde os cartuchos estavam guardados se encontrava aberta. Vestiu o casaco e saiu rapidamente.

Jenny andou às apalpadelas no escuro até dar com a bicicleta encostada ao chalé. Empurrou-a pelo trilho, subiu para cima dela e pôs-se a pedalar atrás do pai, em direção ao chalé dos Cottage, e a pensar: Por favor, Deus, faz com que eu o consiga parar antes que alguém acabe morto hoje à noite.

Sean Dogherty abriu a porta do celeiro e levou-os para dentro, iluminados pelo candeeiro a querosene. Tirou o chapéu impermeável e desabotoou o oleado, olhando de seguida para Neumann e para a mulher.

Neumann, disse:

— Sean Dogherty, Catherine Blake. Sean fazia parte de um grupo chamado Exército Republicano Irlandês, mas foi-nos emprestado durante a guerra. Catherine também trabalha para Kurt Vogel. Desde 1938 que vive em Inglaterra, infiltrada profundamente.

Para Catherine, foi uma sensação estranha ouvir o seu passado e o seu trabalho serem referidos com tanta despreocupação. Depois de tantos anos a esconder a sua identidade, depois de todas as precauções, depois de toda a ansiedade, era difícil imaginar que estava tudo prestes a terminar.

Dogherty olhou para ela e, a seguir, para Neumann.

— A BBC passou a noite inteira a dar noticiários sobre um tiroteio em Earl's Court. Calculo que tenham estado envolvidos nisso, não?

Neumann assentiu com a cabeça.

— Mas não eram polícias londrinos vulgares. Eram do MI5 e da IDivisão Especial, diria eu. O que é que a rádio anda a dizer?

— Que vocês mataram dois e feriram outros três. Está em curso uma busca nacional, para vos encontrar, e pediram ajuda a todas as pessoas. O mais provável é metade do país andar neste momento por aí a vasculhar tudo à vossa procura. Fico surpreendido por terem conseguido chegar tão longe.

— Mantivemo-nos afastados das terras mais importantes. Parece que resultou. Até agora, não vimos nenhum polícia na estrada.

— bom, isso não vai durar, podem ter a certeza.

Neumann olhou para o relógio — passavam poucos minutos da meia-noite. Pegou no candeeiro a querosene de Sean e levou-o para a mesa de trabalho. Tirou o rádio do armário e ligou-o.

— O submarino anda em patrulha no mar do Norte. Depois de receber o nosso sinal, vai deslocar-se precisamente dezasseis quilómetros para leste de Spurn Head e vai lá ficar até às seis horas. Se não aparecermos, afasta-se da costa e fica à espera de notícias nossas.

Catherine perguntou:

— E como vamos conseguir estar dezasseis quilómetros para leste de Spurn Head? Dogherty interveio:

— Há um tipo chamado Jack Kincaid. Tem um pequeno barco de pesca num cais do rio Humber.

Dogherty foi buscar um mapa antigo do serviço oficial de topografia e cartografia, anterior à guerra.

— O barco está aqui — indicou, batendo com o dedo no mapa.

— Numa terra chamada Cleethorpes. Fica a uns cento e sessenta quilómetros daqui. Vai ser difícil guiar com este mau tempo, ainda por cima com o blackout, O Kincaid tem um apartamento por cima de uma garagem na zona ribeirinha. Falei com ele ontem. Sabe que é possível aparecermos.

Neumann assentiu com a cabeça e disse:

— Se sairmos agora, temos à volta de seis horas para fazer a viagem. Acho que conseguimos fazê-lo esta noite. A próxima oportunidade que temos para irmos ter com o submarino é daqui a três dias.

Não me encanta muito a ideia de ficar escondido durante três dias com todos os polícias do Reino Unido a vasculharem por todo o lado à nossa procura. Digo que devíamos ir esta noite.

Catherine assentiu com a cabeça. Neumann colocou os auscultadores e sintonizou o rádio na frequência correta. Digitou um sinal de identificação e esperou por uma resposta. Uns segundos mais tarde, o operador de rádio a bordo do submarino pediu a Neumann para prosseguir. Neumann suspirou fundo, digitou a mensagem com cuidado e, a seguir, terminou a comunicação e desligou o rádio.

— E agora resta-nos resolver uma coisa — disse ele, virando-se para Dogherty. — Vens connosco?

Dogherty assentiu com a cabeça.

— Já falei disso com Mary. Ela concorda comigo. vou para a Alemanha convosco; e depois Vogel e os amigos podem ajudar-me a voltar para a Irlanda. Mary vai ter comigo quando eu lá estiver. Temos amigos e família que podem olhar por nós até assentarmos. Não vamos ter problemas.

— E como é que Mary está a reagir?

O rosto de Dogherty endureceu numa expressão taciturna. Neumann sabia que era bem provável que ele e Mary nunca mais se voltassem a ver. Pegou no candeeiro a querosene, pousou a mão no

ombro de Dogherty e disse:

— Vamos.

Em cima da bicicleta e a ofegar, Martin Colville viu uma luz acesa no celeiro dos Dogherty. Deitou a bicicleta junto à estrada e, a seguir, atravessou o prado silenciosamente e agachou-se à porta do celeiro. com a chuva a cair com força, esforçou-se por perceber a conversa que estava a ter lugar lá dentro.

Era inacreditável.

Sean Dogherty — a trabalhar para os nazis. O homem chamado James Porter — um agente alemão. Um ninho de espões alemães, em ação ali mesmo em Hampton Sands!

Colville esforçou-se por ouvir mais um pouco da conversa. Estavam a planear subir a costa de carro até Lincolnshire e apanhar um barco para irem ter com um submarino. O coração começou a ribombar-lhe no peito e a respiração a acelerar. Forçou-se a acalmar, a pensar com clareza.

Tinha duas opções: ir-se embora, voltar para a aldeia e alertar as autoridades ou entrar no celeiro e prendê-los ele mesmo. Tanto uma como outra tinham os seus inconvenientes. Se se fosse embora para ir pedir ajuda, o mais certo era Dogherty e os espões já terem desaparecido quando ele lá regressasse. Havia poucos polícias na costa de Norfolk, dificilmente seriam suficientes para levar a cabo uma busca. Mas, se entrasse sozinho, estaria em desvantagem. Conseguia ver que Sean tinha a caçadeira consigo e partiu do princípio de que os outros dois também estariam armados. Ainda assim, teria a vantagem da surpresa.

E havia outra razão que o levava a gostar da segunda opção adoraria ajustar contas com o alemão que dava pelo nome de James Porter. Colville sabia que tinha de agir e agir rapidamente. Rasgou a caixa dos cartuchos, tirou dois e enfiou-os na velha caçadeira calibre 12. Nunca tinha apontado aquela coisa a nada que fosse mais ameaçador do que uma perdiz ou um faisão. Interrogou-se se teria coragem para disparar sobre um ser humano.

Levantou-se e avançou para a porta.

Jenny pedalou até as pernas lhe começarem a arder — atravessando a aldeia, passando pela igreja e pelo cemitério, até ao outro lado da enseada. O ar estava carregado com o som da tempestade e o ruído do mar. A chuva fustigava-lhe a cara e o vento quase a fez cair.

Jenny avistou a bicicleta do pai na vegetação junto ao trilho e parou ao lado dela. Porquê deixá-la ali? Porque não ir com ela até ao chalé?

Achou que sabia a resposta. Ele estava a tentar apanhá-los de surpresa, aparecendo sem que o vissem.

Foi então que ela ouviu um disparo de caçadeira vindo do celeiro de Sean. Jenny soltou um grito e saltou da bicicleta, deixando-a cair ao lado da do pai. Correu pelo prado, a pensar: Por favor, Deus, não deixes que ele tenha morrido. Não deixes que ele tenha morrido.

CINQUENTA E DOIS

SCARBOROUGH, INGLATERRA

Aproximadamente cento e sessenta quilómetros a norte de Hampton Sands, Charlotte Endicott entrou de bicicleta no pequeno recinto de cascalho à entrada da estação de recolha de comunicações de Scarborough. A viagem desde os seus aposentos numa pensão exígua na cidade tinha sido violentíssima, com vento e chuva durante todo o caminho. Encharcada até aos ossos e com um frio de morrer, desceu da bicicleta e encostou-a a várias outras no estrado.

O vento soprava em rajadas, gemendo por entre as três enormes antenas retangulares, no alto dos penhascos com vista para o mar do Norte. Charlotte Endicott lançou-lhes uma olhadela, a oscilarem visivelmente, enquanto atravessava o recinto apressadamente. Abriu a porta do abrigo e entrou antes de o vento a fechar com estrondo.

Faltavam alguns minutos para o seu turno começar. Despiu a gabardina encharcada, desapertou o nó do chapéu e pendurou tudo num cabide em mau estado que se encontrava ao canto. O abrigo era frio e estava cheio de correntes de ar, tendo sido construído numa lógica de utilidade e não de conforto. Mas, apesar disso, tinha uma pequena cantina. Charlotte entrou nela, serviu-se de uma chávena de chá quente, sentou-se numa das mesas pequenas e acendeu um cigarro. Um hábito horrível, sabia-o, mas, se era capaz de manter um emprego como um homem, também era capaz de fumar como um. Além disso, gostava do ar que aquilo lhe dava — sexy, sofisticado, um bocadinho mais velho do que os seus vinte e três anos. E também tinha ficado viciada no raio daquelas coisas. O trabalho era stressante, as horas uma brutalidade e a vida em Scarborough terrivelmente entediante. Mas ela adorava cada minuto do que fazia.

Só tinha havido uma vez em que tinha detestado o que estava a fazer, durante a Batalha de Inglaterra. Durante os longos e terríveis combates aéreos, os membros do ramo feminino da Marinha Real Britânica estacionados em Scarborough ouviam o que os pilotos britânicos e alemães diziam nos cockpits. Uma vez, Charlotte tinha ouvido um rapaz inglês a gritar e a chorar pela mãe enquanto o seu Spitfire, atingido, caía desamparado em direção ao mar. Quando perdeu o contacto com ele, Charlotte foi a correr lá para fora para

vomitou. Estava feliz por esses dias terem terminado.

Charlotte olhou para o relógio. Quase meia-noite. Altura de entrar ao serviço. Levantou-se e alisou o uniforme húmido. Deu uma última passa no cigarro — era proibido fumar dentro do buraco e depois apagou-o com força num pequeno cinzeiro de metal a transbordar de beatas. Saiu da cantina e dirigiu-se para o centro de operações. Mostrou o cartão de identificação ao guarda. Este examinou-o com atenção, embora já o tivesse visto uma centena de vezes, e a seguir devolveu-o, sorrindo um pouco mais do que seria necessário. Charlotte sabia que era uma rapariga atraente, mas não havia ali lugar para essas coisas. Abriu as portas, entrou no buraco e sentou-se no sítio do costume.

Sentiu um rápido calafrio — como sempre.

Olhou fixamente para os botões luminosos do seu recetor superheteródino de comunicações RCA AR-88 por um momento e depois colocou os auscultadores. Os cristais especiais do RCA, eliminadores de interferências, permitiam-lhe monitorizar os agentes alemães que transmitiam em código Morse por toda a Europa do Norte. Sintonzou o recetor na banda de frequência que tinha ficado incumbida de controlar nessa noite e instalou-se.

Os agentes alemães que enviavam mensagens em código Morse eram os mais rápidos do mundo a digitar. Charlotte era capaz de identificar de imediato muitos deles pelos seus estilos próprios de digitar e ela e as restantes colegas tinham-lhes atribuído alcunhas: Wagner, Beethoven, Zeppelin.

Charlotte não teve de esperar muito para entrar em ação naquela noite.

Uns minutos depois da meia-noite, ouviu uma sucessão de sinais Morse, num estilo que não reconheceu. A cadência era fraca, o ritmo lento e incerto. Um amador, pensou, alguém que não utilizava muito o rádio. Não era com certeza um dos profissionais do BdU, o quartel-general da Kriegsmarine. Reagindo rapidamente, gravou a transmissão no oscilógrafo — um aparelho que criaria no fundo uma impressão digital do sinal chamada Tina — e escreveu furiosamente a mensagem em Morse numa folha de papel. Depois de o amador terminar, Charlotte ouviu outra sucessão de sinais na mesma frequência. Já não era um amador; Charlotte e as colegas já o tinham ouvido. Tinham-lhe dado a alcunha de Fritz. Era um operador de rádio a bordo de um submarino. Charlotte também transcreveu rapidamente essa mensagem.

À transmissão de Fritz seguiu-se uma nova e atabalhoada sucessão de sinais em código Morse por parte do amador e depois terminaram as comunicações. Charlotte tirou os auscultadores, arrancou a impressão saída do oscilógrafo e atravessou a sala a passos largos.

Normalmente, limitava-se a entregar as transcrições das mensagens em Morse a um estafeta que, por sua vez, as levava de mota, a toda a velocidade, até Bletchley Park para serem decodificadas. Mas havia qualquer coisa diferente naquelas comunicações — tinha-o sentido nos estilos dos operadores de rádio: Fritz, a bordo de um submarino, e um amador algures. Suspeitava saber do que se tratava, mas teria de ser bem convincente. Apresentou-se diante do supervisor noturno, um homem de pele clara e ar exausto chamado Lowe. Largou as transcrições e o oscilógrafo em cima da secretária dele. Lowe olhou para ela, com uma expressão de perplexidade.

— Posso estar completamente enganada, senhor — disse Charlotte, invocando a voz mais perentória possível -, mas acho que acabei de ouvir um espião alemão a comunicar com um submarino ao largo da costa.

O Kapitänleutnant Max Hoffman nunca se habituaria ao fedor de um submarino submerso há demasiado tempo: suor, urina, óleo diesel, batatas, sémen. O ataque às suas narinas era tão intenso que suportaria de bom grado estar de vigia na torre de comando, debaixo de uma tempestade, em vez de ficar lá dentro.

Encontrava-se na ponte de comando do U-509 e conseguia sentir a vibração dos motores elétricos por baixo dos pés à medida que se deslocavam num círculo monótono a trinta e dois quilómetros da costa britânica. Uma suave neblina pairava no interior do submarino, criando uma auréola em torno de cada lâmpada. Todas as superfícies estavam frias e molhadas. Hoffman gostava de imaginar que era o orvalho de uma manhã de primavera, mas bastou-lhe olhar naquele momento para o mundo claustrofóbico e apertado que habitava para essa fantasia lhe ser rapidamente arrancada.

Era uma missão entediante ficar estacionado ao largo da costa britânica durante semanas a fio, à espera de um dos espiões de Canaris. Da tripulação de Hoffman, apenas o seu imediato sabia o verdadeiro objetivo da missão. O resto dos homens suspeitava provavelmente do mesmo, já que não se encontravam em missão de patrulha. Ainda assim, as coisas poderiam ser piores. Tendo em conta a extraordinária proporção de perdas no seio da U-bootewaffe — praticamente 90 por cento — Hoffman e a sua tripulação podiam considerar-se bastante afortunados por terem sobrevivido tanto tempo.

O imediato surgiu na ponte de comando, de rosto fechado e com um papel na mão. Hoffman olhou para o homem, ficando deprimido com a noção de que o mais provável era estar com o mesmo aspeto horrível: olhos fundos, rosto encovado, a palidez de um tripulante de submarino, a barba por fazer por não haver água doce suficiente para desperdiçar nisso.

O imediato informou:

— O nosso homem no Reino Unido deu finalmente notícias. Quer que lhe demos boleia para casa hoje à noite.

Hoffman sorriu e pensou: Finalmente. Apanhamo-lo e vamos para França, onde há comida boa e roupa de cama lavada. Perguntou:

— Como está o tempo?

— — Nada bom, Herr Kaleu — respondeu o imediato, utilizando o diminutivo habitual de Kapitänleutnant. — Chuvadas fortes, ventos a cinquenta quilómetros por hora do noroeste, ondulação entre três metros e três metros e meio.

— Jesus! E o mais certo é ele vir de barco a remos, se tivermos sorte. Organize uma festa de receção e prepare-se para emergirmos. Mande o operador de rádio informar o BdU dos nossos planos. Fixe a trajetória para o ponto de encontro. Eu vou lá para cima com os vigias. Não me interessa se o tempo está mau ou não — afirmou Hoffman, fazendo uma careta. -Já não aguento mais a porra do cheiro aqui dentro.

— Sim, Herr Kaleu.

O imediato gritou uma série de ordens, transmitidas pela tripulação. Dois minutos mais tarde, o U-509 irrompeu pela superfície tempestuosa do mar do Norte.

O sistema era conhecido como Localização de Direção de Alta Frequência, mas quase toda a gente envolvida no projeto lhe chamava Huff Duff. Funcionava segundo um princípio de triangulação. A impressão digital criada pelo oscilógrafo em Scarborough podia ser utilizada para identificar o tipo de transmissor e a sua fonte de energia. Se as estações de recolha de comunicações de Flowerdon e da Islândia também tivessem os seus oscilógrafos em ação, as três gravações podiam ser utilizadas para estabelecer linhas de orientação conhecidas como cortes -, a partir das quais se podia depois localizar a posição do transmissor. Por vezes, o Huff Duff conseguia indicar um rádio num raio de dezasseis quilómetros da sua exata localização geográfica. Mas, normalmente, o sistema era muito menos preciso, ficando entre os cinquenta e os oitenta quilómetros.

O comandante Lowe não achou que Charlotte Endicott estivesse completamente enganada. Na verdade, achou que ela tinha descoberto uma coisa de crucial importância. Ao início da noite, um major Vicary do MI5 tinha enviado um alerta para as estações de recolha de comunicações, para que estivessem atentas a precisamente esse tipo de coisas.

Lowe passou os minutos seguintes a falar com os seus homólogos em Flowerdon e na Islândia, tentando localizar o transmissor. Infelizmente, a comunicação tinha sido curta e a determinação da posição não muito precisa. Na verdade, Lowe foi apenas capaz de a circunscrever a uma extensão bastante ampla do leste de Inglaterra —

todo o condado de Norfolk e grande parte de Suffolk, Cambridgeshire e Lincolnshire. Provavelmente, não serviria de muito, mas pelo menos já era qualquer coisa.

Lowe vasculhou os papéis que tinha na secretária até descobrir o número de Vicary de Londres e, a seguir, esticou-se na direção do seu telefone seguro.

As condições atmosféricas no norte da Europa tornavam praticamente impossível a comunicação de onda curta entre as Ilhas Britânicas e Berlim. Em consequência disso, o centro de comunicações via rádio da Abwehr estava localizado na cave de uma grande mansão em Wohldorf, um subúrbio de Hamburgo, duzentos e quarenta quilômetros a noroeste da capital germânica.

Cinco minutos depois de o rádio operador do U-509 ter transmitido a sua mensagem ao BdU, no norte da França, o oficial de serviço no BdU enviou uma curta mensagem para Hamburgo. O oficial de serviço em Hamburgo era um veterano da Abwehr chamado capitão Schmidt. Gravou a mensagem, fez um telefonema prioritário, através da linha segura, para o quartel-general da Abwehr em Berlim e informou o tenente Werner Ulbricht dos desenvolvimentos. A seguir, Schmidt saiu da mansão e desceu a rua, em direção a um hotel ali perto, onde fez uma segunda chamada para Berlim. Não quis fazer esse telefonema através das linhas peçadas de escutas do posto da Abwehr, pois o número que indicou à telefonista foi o do gabinete do Brigadeführer Walter Schellenberg, na Prinz Albrechtstrasse. Infelizmente para Schmidt, Schellenberg tinha descoberto que ele estava envolvido numa relação amorosa bastante chocante com um rapaz de dezasseis anos, em Hamburgo. Schmidt aceitou prontamente passar a trabalhar para Schellenberg para evitar que o caso viesse a público.

Quando a ligação foi efetuada, falou com um dos muitos assistentes de Schellenberg — o general tinha ido jantar fora essa noite — e informou-o das novidades.

Kurt Vogel tinha decidido passar uma rara noite no seu pequeno apartamento a poucos quarteirões de Tirpitz Ufer. Ulbricht telefonou-lhe para lá e informou-o de que Horst Neumann tinha contactado o submarino e que estava prestes a abandonar a Inglaterra. Cinco minutos mais tarde, Vogel estava a sair pela porta da frente do prédio e a caminhar à chuva, em direção a Tirpitz Ufer.

Nesse preciso instante, Walter Schellenberg ligou para o gabinete e foi informado dos desenvolvimentos no Reino Unido. A seguir, telefonou para o Reichsführer Heinrich Himmler e pô-lo ao corrente da situação. Himmler ordenou a Schellenberg que se dirigisse para a Prinz Albrechtstrasse; iria ser uma noite longa e queria companhia. Por coincidência, Schellenberg e Vogel chegaram aos respetivos

gabinetes exatamente ao mesmo tempo e instalaram-se para a espera que os aguardava.

O local da invasão da França pelos Aliados.

A vida do almirante Canaris.

E tudo dependia do que dissessem um par de espiões em fuga ao MI5.

CINQUENTA E TRÊS

HAMPTON SANDS, NORFOLK

Martin Colville serviu-se do cano da caçadeira para empurrar a porta do celeiro. Neumann, ainda sentado ao lado do rádio, ouviu o barulho. Esticou-se para agarrar a Mauserno momento em que Colville entrou. Colville viu Neumann a tentar chegar à pistola. Virou-se, apontou a caçadeira e disparou. Neumann desviou-se com um salto, caindo no chão e rebolando pelo celeiro. O estrondo do disparo da caçadeira no espaço reduzido do celeiro foi ensurdecedor. O rádio desintegrou-se.

Colville fez pontaria a Neumann pela segunda vez. Neumann levantou-se, apoiado nos cotovelos, segurando a Mauser nas mãos esticadas. Sean Dogherty avançou, gritando a Colville para parar. Colville apontou a arma a Dogherty e carregou no gatilho. O tiro atingiu Dogherty no peito, fazendo-o dar um salto para trás com toda a força, como se fosse um boneco de trapos. Caiu de costas, com o sangue a jorrar-lhe do buraco no peito, e morreu passados segundos.

Neumann disparou, acertando no ombro de Colville e fazendo-o rodar. Por essa altura, Catherine já tinha sacado da sua Mauser e, com ambas as mãos, apontou-a à cabeça de Colville. Disparou rapidamente duas vezes, com o silenciador a abafar os tiros e a reduzi-los a um baque surdo. À cabeça de Colville explodiu e ele já estava morto antes de o corpo bater no chão do celeiro de Dogherty.

Mary Dogherty estava a meio de um sono agitado, na sua cama no andar de cima do chalé, quando ouviu o primeiro disparo da caçadeira. Endireitou-se de rompante e tocou com os pés no chão no instante em que o segundo disparo rasgou a noite. Atirou o cobertor para trás e desceu as escadas a correr.

O chalé estava às escuras, a sala de estar e a cozinha desertas. Foi lá para fora. A chuva fustigou-lhe a cara. Foi então que se apercebeu de que estava apenas com a sua camisa de dormir de flanela. Naquele momento, imperava o silêncio e apenas se ouvia o barulho da tempestade. Para lá do jardim, reparou numa carrinha preta desconhecida estacionada no caminho de entrada. Voltou-se para o celeiro e viu uma luz acesa lá dentro. Gritou Sean! e começou a correr para o celeiro.

Mary tinha os pés descalços e o chão estava frio e empapado. Gritou o nome de Sean mais uma série de vezes enquanto corria. Um tênue raio de luz saía da porta aberta do celeiro, iluminando uma caixa de cartuchos de caçadeira que se encontrava no chão.

Ao entrar, arquejou. Ficou com um grito preso na garganta, que se recusava a sair cá para fora. A primeira coisa que viu foi o corpo de Martin Colville estendido no chão do celeiro, a poucos metros dela. Parte da cabeça tinha desaparecido e havia sangue e tecido por todo o lado. Sentiu o estômago começar a entrar em convulsões.

Foi então que voltou a atenção para o segundo corpo. Estava deitado de costas, com os braços bem abertos. Por alguma razão, com a morte, os tornozelos tinham-se cruzado, como se a pessoa estivesse a dormir uma sesta. O sangue tapava-lhe a cara. Por um breve segundo, Mary permitiu-se acalentar a esperança de não ser na realidade Sean quem estava ali morto. Mas depois olhou para as velhas botas de borracha e para o oleado e soube que era ele.

O grito que lhe estava preso na garganta saiu cá para fora.

Mary berrou:

— Oh, Sean! Oh, meu Deus, Sean! O que foste fazer?

Levantou os olhos e viu Horst Neumann parado ao pé do corpo de Sean, com uma pistola na mão. A poucos metros dele, estava uma mulher, de pistola apontada à cabeça de Mary.

Mary olhou para Neumann e gritou:

— Foste tu que fizeste isto? Foste?

— Foi o Colville — respondeu Neumann. — Apareceu aqui dentro aos tiros. Sean meteu-se à frente dele. Lamento imenso, Mary.

— Não, Horst, pode ter sido Martin a carregar no gatilho, mas foste tu que lhe fizeste isto. Não tenhas dúvidas. Tu e os teus amigos de Berlim, foram vocês que lhe fizeram isto.

Neumann não disse nada. Catherine continuava com a Mauser apontada à cabeça de Mary. Neumann avançou, agarrou na pistola dela e baixou-a suavemente.

Jenny Colville não saiu do prado mergulhado na escuridão e aproximou-se do celeiro lateralmente, sem que a pudessem ver. Agachou-se junto à parede exterior, com a chuva a bater-lhe com força no oleado, e escutou a conversa que estava a ter lugar lá dentro.

Ouviu a voz do homem que conhecia como James Porter, embora Mary lhe tivesse chamado outra coisa, uma coisa parecida com Horse. Foi o Colville. Sean meteu-se à frente dele. Lamento imenso, Mary.

A seguir, ouviu a voz de Mary. Tinha uma intensidade altíssima e tremia de raiva e dor. Foste tu que lhe fizeste isto... Tu e os teus amigos de Berlim.

Ficou à espera de ouvir a voz do pai; ficou à espera de ouvir a voz de Sean. Nada. Percebeu que estavam ambos mortos.

Tu e os teus amigos de Berlim.

Jenny pensou: O que estás a dizer, Mary?

E foi então que tudo se encaixou na cabeça dela, como peças de um quebra-cabeças que ficam de repente na ordem certa: Sean na praia, naquela noite, o súbito aparecimento do homem chamado James Porter, o aviso que Mary lhe fizera ao início da tarde: Ele não é o que parece ser. Ele não é para ti.

Na altura, Jenny não tinha compreendido o que Mary lhe estava a tentar dizer, mas agora achava que sim. O homem que conhecia como James Porter era um espião alemão. E isso significava que Sean também era um espião ao serviço dos alemães. O pai dela devia ter descoberto a verdade e resolvido enfrentá-los. E agora estava morto no chão do celeiro de Sean Dogherty.

Jenny queria gritar. Sentiu lágrimas quentes a correrem-lhe dos olhos pela cara. Levou as mãos à boca para abafar o choro. Tinha-se apaixonado por ele, mas ele mentira-lhe e usara-a e era um espião alemão e provavelmente tinha acabado de lhe matar o pai.

Jenny ouviu movimentos dentro do celeiro, movimentos e instruções dadas em voz baixa, que ela não conseguiu perceber. Ouviu a voz do espião alemão e ouviu uma voz de mulher que não era a de Mary. Foi então que viu o espião sair do celeiro e percorrer o caminho de entrada, de lanterna na mão. Estava a dirigir-se para onde estavam as bicicletas. Se as encontrasse, iria perceber que ela também lá estava.

E iria procurá-la.

Jenny obrigou-se a respirar devagar, pausadamente, e a pensar com clareza.

Estava a ser fustigada por várias emoções. Estava assustada, sentia-se agoniada com a ideia de que o pai e Sean estavam mortos. Mas, acima de tudo, estava furiosa. Tinham-lhe mentido e tinham-na traído. E, naquele momento, o que a impulsionava era um desejo avassalador: queria vê-los presos e queria vê-los castigados.

Jenny sabia que não poderia fazer nada se o alemão a descobrisse.

Mas o que fazer? Podia tentar correr até à aldeia. O hotel e o pub tinham telefones. Podia contactar a polícia e a polícia podia vir prendê-los.

Mas a aldeia era o primeiro lugar onde os espiões a iriam procurar. Do chalé dos Dogherty, só havia um caminho para a aldeia: atravessando a ponte junto à St. John's Church. Jenny sabia que poderia ser apanhada muito facilmente.

Pensou numa segunda opção. Eles tinham de se ir embora dali a pouco tempo. Afinal de contas, tinham acabado de matar duas pessoas. Jenny podia ficar escondida durante um bocado, só até eles se irem embora; depois, podia sair do esconderijo e contactar a

polícia.

Pensou: Mas e se eles levarem Mary?

Mary estaria melhor com Jenny em liberdade e a tentar encontrar ajuda.

Jenny observou o espião a aproximar-se da estrada. Viu o feixe de luz da lanterna deslocar-se pelo terreno em redor. Viu-o fixar-se em qualquer coisa por um momento e, a seguir, virar-se na direção dela.

Jenny arquejou. Ele tinha encontrado a bicicleta dela. Levantou-se e começou a correr.

Horst Neumann avistou as duas bicicletas deitadas ao lado uma da outra na vegetação, junto à estrada. Virou a lanterna para o prado, mas o fraco feixe iluminou apenas uns quantos metros à sua frente. Levantou as bicicletas, segurou-as pelo manípulo e empurrou-as pelo caminho de entrada. Deixou-as nas traseiras do chalé de Dogherty, onde ninguém as poderia ver.

Ela estava por ali — algures. Tentou imaginar o que tinha acontecido. O pai sai de casa enfurecido e de caçadeira na mão; Jenny vai atrás dele e chega ao chalé dos Dogherty a tempo de ver o rescaldo.

Neumann calculou que ela estivesse escondida, à espera que eles se fossem embora, e achou que sabia onde.

Durante um momento, pensou na hipótese de a deixar em liberdade. Mas Jenny era uma rapariga inteligente. Iria arranjar uma maneira de contactar a polícia. A polícia estabeleceria barricadas por Hampton Sands inteira. Chegar a Lincolnshire a tempo do encontro com o submarino já seria suficientemente difícil. Deixar que Jenny ficasse à solta e contactasse a polícia apenas tornaria tudo mais duro.

Neumann entrou no celeiro. Catherine tinha tapado os corpos com serapilheira velha. Mary estava sentada numa cadeira, a tremer violentamente. Neumann evitou o olhar dela.

— Temos um problema — anunciou Neumann, apontando para o corpo tapado de Martin Colville. -- Encontrei a bicicleta da filha dele. Temos de partir do princípio de que ela anda algures por aqui e que sabe o que aconteceu. E também temos de partir do princípio de que vai tentar arranjar ajuda.

— Então vai à procura dela — atirou Catherine.

Neumann assentiu com a cabeça.

— Leva Mary para dentro de casa. Amarra-a e amordaça-a. Acho que sei para onde é que Jenny é capaz de ir.

Neumann foi lá para fora e correu até à carrinha, no meio da chuva. Ligou o motor, saiu do caminho de entrada em marcha atrás e seguiu em direção à praia.

Catherine amarrou Mary a uma cadeira de madeira na cozinha. Rasgou uma toalha de chá ao meio e fez uma bola com uma das

metades. Enfiou-a na boca de Mary e depois amarrou a outra metade à volta da cara dela, com um nó apertado. Se dependesse de Catherine, matá-la-ia naquele preciso instante; não gostava de deixar uma pista para a polícia seguir. Mas era óbvio que Neumann sentia algum carinho pela mulher. Além disso, era provável que se passassem várias horas até que alguém a encontrasse, talvez até mais tempo. O chalé estava isolado, a cerca de um quilómetro e meio da aldeia; era possível que demorasse um dia ou dois até que alguém notasse que Sean, Colville e a rapariga tinham desaparecido. Ainda assim, todos os seus instintos de sobrevivência lhe diziam que era melhor matá-la e despachar aquilo. Neumann nunca saberia. Mentir-lhe-ia, dizendo-lhe que Mary estava bem, e ele nunca descobriria.

Catherine verificou os nós pela última vez. A seguir, tirou a Mauser do bolso do casaco. Segurou-a bem, enfiando o indicador no gatilho, e encostou o cano à testa de Mary. Mary não se mexeu um milímetro e lançou um olhar de desafio a Catherine.

— Não se esqueça, a Jenny vai connosco -- disse Catherine. Se disser alguma coisa à polícia, nós vamos saber. E depois vamos matar a Jenny. Compreende o que lhe estou a dizer, Mary?

Mary assentiu com a cabeça uma vez. Catherine pegou na Mauser pelo cano, ergueu-a bem alto e bateu com ela na cabeça de Mary. Perdendo os sentidos, Mary afundou-se para a frente, com o sangue a escorrer-lhe do cabelo para os olhos. Catherine pôs-se diante da lareira prestes a apagar-se, à espera de Neumann e da rapariga, à espera de voltar para casa.

CINQUENTA E QUATRO

LONDRES Nesse momento, um táxi parou, no meio de uma chuva fortíssima, à porta de um edifício atarracado e coberto de hera sob o Arco do Almirantado. A porta abriu-se e um homem pequeno e bastante feio saiu do táxi, apoiando-se acentuadamente numa bengala. Não se tinha incomodado com um guarda-chuva. Eram apenas poucos metros até à entrada, onde um guarda da Marinha Real estava de senti nela. O guarda fez uma vigorosa continência, que o homem feio não se deu ao trabalho de retribuir, pois isso teria implicado passar a bengala da mão direita para a esquerda, uma tarefa incómoda. Além do mais, cinco anos após ter sido destacado para a Marinha Real, Arthur Braithwaite continuava a não se sentir à vontade com os costumes e tradições da vida militar.

Oficialmente, Braithwaite só entrava de serviço dali a uma hora. Mas, tal como era seu hábito todos os dias, tinha chegado à Cidadela uma hora mais cedo para ter mais tempo para se preparar. com uma perna aleijada desde a infância, Braithwaite sabia que para ter êxito tinha de estar mais bem preparado do que as pessoas à sua volta. Era um compromisso que lhe trazia dividendos.

A Sala de Localização de Submarinos — à qual se chegava por um emaranhado de escadas exíguas e tortuosas — não era de fácil acesso para um homem com uma perna gravemente deformada. Atravessou a Sala dos Gráficos e entrou na Sala de Localização depois de passar por uma porta com um guarda.

A energia e a agitação daquele sítio apoderaram-se dele, tal como acontecia todas as noites. As paredes sem janelas eram da cor da nata azeda e estavam repletas de mapas, cartas de navegação e fotografias de submarinos e das suas tripulações. Várias dezenas de oficiais e de datilógrafas trabalhavam às secretárias, à roda da sala. No meio, estava a principal mesa de localização para o Atlântico Norte, com pioneses coloridos a assinalarem a posição de cada navio de guerra, navio de carga e submarino, do mar Báltico a Cape Cod.

Uma grande fotografia do almirante Karl Dönitz, o comandante da Kriegsmarine, lançava um olhar ameaçador da parede onde se encontrava pendurada. Braithwaite, tal como fazia todas as manhãs,

pisçou-lhe o olho e disse: bom dia, Herr Admirai. A seguir, abriu a porta do seu cubículo de vidro, tirou o casaco e sentou-se à secretária.

Estendeu a mão na direção da pilha de mensagens por decodificar que o aguardava todas as manhãs e pensou: Estás bem longe de 1939, meu velho.

Em 1939, tinha licenciaturas em Direito e Psicologia tiradas em Cambridge e Yale e estava à procura de alguma coisa para fazer com elas. Quando a guerra rebentou, tentou dar utilidade ao seu alemão fluente voluntariando-se para interrogar prisioneiros de guerra alemães. Os seus superiores ficaram tão impressionados que recomendaram uma transferência para a Cidadela, na qual foi destacado, como voluntário civil, para a Sala de Localização de Submarinos, no auge da Batalha do Atlântico. O intelecto e a determinação de Braithwaite fizeram-no distinguir-se rapidamente. Dedicou-se por inteiro ao trabalho, voluntariou-se para prestar serviços adicionais e leu todos os livros que conseguiu encontrar sobre a história e as táticas navais alemãs. Possuidor de uma memória quase perfeita, decorou as biografias de todos os Kapitänleutnant da U-bootewaffe. No espaço de poucos meses, desenvolveu uma capacidade extraordinária para prever os movimentos dos submarinos alemães. Nada disso passou despercebido.

Atribuíram-lhe o posto de comandante temporário e colocaram-no à frente da localização de submarinos, um feito espantoso para alguém que não tinha passado pelo Dartmouth Naval College.

O seu assessor bateu ao de leve na porta de vidro, aguardou que Braithwaite assentisse com a cabeça e entrou.

— bom dia, senhor — disse, pousando uma bandeja com um bule de chá e biscoitos.

— bom dia, Patrick.

— O tempo manteve as coisas razoavelmente sossegadas ontem à noite, senhor. Não foram avistados submarinos alemães a virem à superfície em lado nenhum. A tempestade afastou-se do oeste. Agora, é o leste que está a suportar o impacto, de Yorkshire a Suffolk.

Braithwaite assentiu com a cabeça e o assessor foi-se embora. As primeiras mensagens eram coisas convencionais, interceções de comunicações de rotina entre submarinos e o BdU. A quinta chamou-lhe a atenção. Era um alerta emitido por um major Alfred Vicary do Ministério da Guerra. Indicava que as autoridades se encontravam a perseguir duas pessoas, um homem e uma mulher, que poderiam estar a tentar fugir do país. Braithwaite sorriu perante os eufemismos cautelosos de Vicary. Era evidente que Vicary era do MI5. O homem e a mulher eram obviamente agentes alemães e fosse o que fosse em que estavam envolvidos devia ser bem importante, caso contrário o alerta não lhe teria passado pela secretária. Pôs o alerta de Vicary de lado e

continuou a ler.

Após mais algumas mensagens rotineiras, Braithwaite deu com outra coisa que lhe chamou a atenção. Um membro do ramo feminino da Marinha Real Britânica, da estação de recolha de comunicações de Scarborough, tinha intercetado o que julgava ser uma comunicação entre um submarino alemão e um rádio em terra. O sistema Huff Duff tinha indicado que o transmissor se encontrava algures na costa leste — algures entre Lincolnshire e Suffolk. Braithwaite tirou a mensagem da pilha e colocou-a ao lado do alerta de Vicary.

Levantou-se e coxeou para fora do gabinete e, já na sala principal, parou junto à mesa de localização para o Atlântico Norte. Dois membros da sua equipa estavam a reposicionar alguns pinos coloridos, na sequência de movimentações noturnas. Braithwaite pareceu não reparar neles. De rosto fechado, fixou o olhar nas águas ao largo da costa leste britânica.

Passado um momento, disse em voz baixa:

— Patrick, traga-me o dossiê do U-509.

CINQUENTA E CINCO

HAMPTON SANDS, NORFOLK

Jenny atingiu o pinhal no fundo das dunas e caiu exausta. Tinha corrido instintivamente, como um animal assustado. Tinha-se mantido longe da estrada, não saindo dos prados e dos pântanos, alagados pela chuva. Tinha caído tantas vezes que até perdera a conta. Estava cheia de lama, cheirava a terra em decomposição e a mar. A cara, fustigada pela chuva e pelo vento, doía-lhe como se tivesse sido esbofeteada. E tinha frio — mais frio do que alguma vez sentira na vida. Era como se o oleado pesasse uns cinquenta quilos. As botas de borracha estavam cheias de água e tinha os pés a congelar. Foi então que se lembrou de que tinha saído sem meias do chalé. Pôs-se de gatas, a ofegar com falta de ar. Tinha a garganta seca e sabia-lhe a ferrugem.

Deixou-se ficar assim durante um momento, até que a respiração acalmasse, e depois forçou-se a levantar-se e a penetrar no meio das árvores. Estava escuro como breu, tão escuro que teve de avançar com as mãos esticadas para a frente, como um cego às apalpadelas num local desconhecido. Estava zangada consigo mesma por não ter trazido a lanterna.

O som do vento, o estrondo das ondas a rebentarem na praia e os guinchos das aves marinhas enchem o ar. As árvores já pareciam estar dispostas de uma forma familiar. Jenny orientava-se pela memória, como alguém a arrastar os pés pela própria casa, no escuro.

As árvores desapareceram: o seu esconderijo secreto surgiu diante dela.

Escorregou pelo declive e sentou-se encostada à grande rocha. Os pinheiros contorciam-se ao vento, por cima da sua cabeça, mas Jenny estava abrigada do pior da tempestade. Queria imenso fazer uma fogueira, mas o fumo seria visível de muito longe. Desenterrou a mala debaixo da caruma de pinheiro, tirou de lá o velho cobertor de lã e enrolou-se toda nele.

Começou a sentir o calor. Foi então que começou a chorar. Perguntou-se quanto tempo teria de esperar ali até poder ir procurar ajuda. Dez minutos? Vinte minutos?

Meia hora? Perguntou-se se Mary ainda estaria no chalé quando ela lá voltasse. Perguntou-se se estaria ferida. Uma imagem horrenda

do cadáver do pai passou-lhe diante dos olhos. Sacudiu a cabeça para tentar que ela desaparecesse. Tremeu e depois enrolou-se ainda mais no cobertor.

Trinta minutos. Iria esperar trinta minutos. Por essa altura, já se teriam ido embora e seria seguro regressar.

Neumann estacionou no fim do trilho, pegou na lanterna que estava no banco do passageiro e saiu da carrinha. Acendeu a lanterna e avançou rapidamente por entre as árvores. Escalou as dunas e desceu aos tropeções pelo outro lado. Desligou a lanterna e deslocou-se pela praia, em direção à beira-mar. Quando atingiu a areia molhada e dura, onde as ondas rebentavam na praia, começou a correr levemente, com a cabeça baixa para avançar contra o vento.

Recordou-se da manhã em que estava a correr na praia e vira Jenny a sair das dunas. Recordou-se do aspeto dela, como se tivesse dormido na praia naquela noite. Tinha a certeza de que ela tinha alguma espécie de esconderijo ali perto, para onde ia quando as coisas em casa ficavam más. Estava assustada, em fuga e sozinha. Iria fugir para o sítio que conhecia melhor, como fazem as crianças. Neumann foi até ao ponto da praia que utilizava como meta imaginária, depois parou e caminhou em direção às dunas.

Já do outro lado, voltou a acender a lanterna, deu com um trilho pisado e seguiu-o. Ia dar a uma pequena depressão no terreno, abrigada do vento pelas árvores e por um par de grandes pedregulhos. Apontou a lanterna para a depressão e o feixe luminoso apanhou o rosto de Jenny Colville.

— Qual é o seu nome verdadeiro? — perguntou Jenny enquanto seguiam na carrinha para o chalé dos Dogherty.

— O meu nome verdadeiro é tenente Horst Neumann.

— E porque fala inglês tão bem?

— O meu pai era inglês e eu nasci em Londres. A minha mãe e eu mudámo-nos para a Alemanha quando ele morreu.

— E é um espião alemão?

— Qualquer coisa do género.

— E o que aconteceu a Sean e ao meu pai?

— Estávamos a utilizar o rádio no celeiro de Sean quando o teu pai nos apareceu de rompante. Sean tentou para-lo e o teu pai matou-o. Catherine e eu matámos o teu pai. Lamento imenso, Jenny. Aconteceu tudo muito depressa.

— Cale-se! Não quero que me diga que lamenta imenso! Neumann manteve-se em silêncio.

Jenny perguntou:

— E agora o que vai acontecer?

— Vamos fazer uma viagem pela costa até ao rio Humber.

Chegados lá, vamos para o mar num barco pequeno para irmos ter

com um submarino alemão.

— Espero que vos apanhem. E espero que vos matem.

— Eu diria que isso é uma possibilidade muito forte.

— O senhor é um sacana! Porque andou à luta com o meu pai por causa de mim?

— Porque gosto muito de ti, Jenny Colville. Menti-te em relação a tudo o resto, mas a verdade é essa. Agora, faz exatamente o que eu te disser e não te vai acontecer nada de mal. Compreendes?

Jenny assentiu com a cabeça. Neumann virou para o chalé dos Dogherty. A porta abriu-se e Catherine saiu. Dirigiu-se para a carrinha e olhou lá para dentro, vendo Jenny. A seguir, olhou para Neumann e disse em alemão:

— Amarra-a e enfia-a na parte de trás. Vamos levá-la connosco. Nunca se sabe quando é que um refém pode vir a calhar.

Neumann abanou a cabeça e respondeu na mesma língua:

— O melhor é deixá-la aqui e pronto. Não nos serve de nada e ainda é capaz de lhe acontecer alguma coisa.

— Está a esquecer-se de que sou seu superior, tenente?

— Não, major — retorquiu Neumann, com a voz tingida de sarcasmo.

— Ótimo. Agora, amarra-a e vamos pôr-nos a milhas deste lugar horrível.

Neumann voltou ao celeiro para procurar um bocado de corda. Encontrou-o, pegou no candeeiro e começou a ir-se embora. Olhou uma última vez para o corpo de Sean Dogherty, estendido no chão e tapado pela velha serapilheira. Neumann não conseguia deixar de se sentir culpado pela sucessão de acontecimentos que tinha levado à morte de Sean. Se não tivesse lutado com Martin, este não teria aparecido no celeiro com uma caçadeira. Sean estaria a ir com eles para a Alemanha e não estendido no chão do seu celeiro, sem metade do peito. Apagou o candeeiro, deixando os corpos na escuridão, e saiu, fechando a porta do celeiro.

Jenny não resistiu nem lhe dirigiu uma única palavra. Neumann amarrou-lhe as mãos à frente, para que ela se pudesse sentar mais confortavelmente. Verificou o nó, para se certificar de que não estava demasiado apertado. A seguir, atou-lhe os pés. Quando terminou, levou-a para a parte de trás da carrinha, abriu as portas e meteu-a lá dentro.

Despejou mais um bidão de gasolina no depósito e atirou o recipiente vazio para o prado.

Não havia sinal de vida no trilho entre o chalé e a aldeia. Era óbvio que os tiros tinham passado despercebidos em Hampton Sands. Atravessaram a ponte, passaram a grande velocidade pelo pináculo da St. John's Church e continuaram pela rua às escuras. A aldeia estava

tão silenciosa que mais parecia ter sido evacuada.

Catherine ia ao lado de Neumann, calada e a recarregar a Mauser.

Neumann carregou a fundo no acelerador e Hampton Sands desapareceu atrás deles.

CINQUENTA E SEIS

LONDRES

Arthur Braithwaite fixou o olhar na mesa de localização enquanto esperava pelo dossiê do U-509. Não que Braithwaite precisasse dele para grande coisa — achava que sabia tudo o que havia para saber sobre o comandante do submarino e podia provavelmente recitar todas as patrulhas que o submarino já tinha realizado. Só queria confirmar umas quantas coisas antes de telefonar para o MI5.

As movimentações do U-509 andavam a intrigá-lo há várias semanas. O submarino parecia estar a patrulhar o mar do Norte sem nenhum objetivo, navegando sem destino em particular e passando longos períodos sem contactar o BdU. E quando dava de facto notícias, comunicava uma posição ao largo da costa britânica, perto de Spurn Head. E também tinha sido avistado em fotografias aéreas num recinto para submarinos, no sul da Noruega. Não tinha sido visto a vir à superfície e não atacara nenhum navio de guerra nem nenhum navio mercante dos Aliados.

Braithwaite pensou: Andas só para aí a tentar passar despercebido, sem fazer absolutamente nada. Bem, não acredito nisso, Kapitänleutnant Hoffman.

Ergueu os olhos para o rosto severo de Dónitz e murmurou:

— Porque deixarias um submarino e uma tripulação em perfeitas condições serem desperdiçados dessa maneira?

Passado um momento, o assessor regressou com o dossiê.

— Aqui está, senhor.

Braithwaite não pegou no dossiê; em vez disso, começou a recitar o que lá vinha escrito.

— O capitão chama-se Max Hoffman, se bem me lembro.

— Correto, senhor.

— Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro em 1942, Folhas de Carvalho um ano depois.

— Colocadas pelo próprio Fúhrer.

— E agora a parte importante. Julgo que fez parte do staff de Canaris, na Abwehr, durante um curto período antes da guerra.

O assessor folheou o dossiê.

— Sim, aqui está, senhor. Hoffman foi destacado para o quartel-

general da Abwehr, em Berlim, entre 38 e 39. Quando a guerra rebentou, foi outra vez transferido para a Kriegsmarine e recebeu o comando do U-509.

Braithwaite estava a olhar novamente para a mesa com o mapa.

— Patrick, se tivesse um importante espião alemão a precisar de uma boleia para fora de Inglaterra, não preferiria que fosse um velho amigo a conduzir?

— com certeza, senhor.

— Telefone para o MI5 e peça para falar com Vicary. Acho que precisamos de ter uma conversa.

CINQUENTA E SETE

LONDRES

Alfred Vicary estava parado diante um mapa das Ilhas Britânicas com dois metros e meio de altura, a fumar sem parar, a beber um chá horrível e a pensar: Agora sei como é que Adolf Hitler se deve sentir. com base no telefonema do comandante Lowe, da estação de recolha de comunicações de Scarborough, naquele momento era seguro partir do princípio de que os espões estavam a tentar escapulir-se de Inglaterra a bordo de um submarino. Mas Vicary tinha um problema muito simples e, no entanto, muito grave. Fazia apenas uma vaga ideia de quando e uma ideia ainda mais vaga de como.

Partiu do princípio de que os espões teriam de se encontrar com o submarino antes do amanhecer; seria demasiado perigoso para um submarino alemão manter-se à superfície perto da costa depois dos primeiros raios de luz do dia. Era possível que o submarino pretendesse desembarcar alguns membros da tripulação por meio de um bote de borracha — era assim que a Abwehr introduzia muitos dos seus espões no Reino Unido -, mas Vicary duvidava que o tentassem fazer com mares revoltos. Por outro lado, roubar um barco não era tão fácil como parecia. A Marinha Real tinha apreendido quase tudo o que conseguia flutuar. E a pesca no mar do Norte tinha diminuído porque as águas costeiras se encontravam repletas de minas. Dois espões em fuga teriam grandes dificuldades em encontrar um barco capaz de andar no mar em tão pouco tempo, com uma tempestade e durante o blackout.

Pensou: Se calhar, os espões já têm um barco.

A pergunta mais exasperante era onde. De que ponto da costa iriam partir para o mar? Vicary olhou fixamente para o mapa. A estação de recolha de comunicações não conseguia apontar a localização exata do transmissor. Só para que pudesse considerar essa hipótese, Vicary escolheu precisamente o centro da vasta área que lhe tinham indicado. Percorreu o mapa com o dedo até chegar à costa de Norfolk.

Sim, fazia todo o sentido. Vicary conhecia bem os horários dos caminhos de ferro. Um espião poder-se-ia esconder numa das aldeias da costa e ser também capaz de chegar a Londres em três horas graças

ao comboio direto que saía de Hunstanton.

Vicary partiu do princípio de que teriam um bom veículo e bastante gasolina. Tinham efetuado uma viagem considerável desde Londres e, devido à forte presença policial nas linhas férreas, tinha praticamente a certeza de que não o tinham feito de comboio.

Pensou: Então, até que ponto da costa de Norfolk conseguiriam eles ir até se enfiarem num barco e partirem para o mar?

Provavelmente, o submarino não se aproximaria mais do que oito quilómetros da costa. Os espões demorariam uma hora a percorrer esses oito quilómetros, se não mais.

E se o submarino submergisse aos primeiros raios de luz do dia, os espões teriam de partir para o mar no máximo às seis horas, para jogarem pelo seguro. A mensagem radiofónica tinha sido enviada às 22h. Isso deixava-lhes oito horas de potencial tempo de condução. Até onde poderiam ir? Tendo em conta o tempo que fazia, o blackout e as fracas condições das estradas, entre cento e cinquenta e duzentos e cinquenta quilómetros.

Vicary olhou para o mapa, desanimado. com isso, ainda restava uma enorme faixa da costa britânica, que se estendia do estuário do Tamisa, a sul, ao rio Humber, a norte. Seria praticamente impossível abarcar tudo. O litoral estava semeado de pequenos portos, aldeias piscatórias e cais. Vicary tinha pedido às forças policiais locais para percorrerem a costa com o máximo de homens possível. O Comando Costeiro da RAF tinha concordado em dar início a missões de busca logo que amanhecesse, embora Vicary temesse que fosse demasiado tarde. As corvetas da Marinha Real andavam à procura de barcos pequenos, ainda que fosse praticamente impossível localiza-los numa noite chuvosa e escura, em pleno mar. Sem outra pista -- um segundo sinal de rádio intercetado ou um avistamento -, não havia grande esperança de os apanhar. O telefone tocou.

— Vicary.

— Daqui fala o comandante Arthur Braithwaite, da Sala de Localização de Submarinos. Vi o seu alerta quando entrei ao serviço e acho que lhe posso dar uma ajuda bastante importante.

— A Sala de Localização de Submarinos diz que o U-509 anda há umas quantas semanas a aproximar-se e a afastar-se da costa de Lincolnshire — revelou Vicary.

Boothby tinha descido para acompanhar Vicary na vigília defronte do mapa.

— Se concentrarmos todos os nossos homens e recursos em Lincolnshire, temos boas hipóteses de os parar.

— Continua a ser muita costa para abarcar. Vicary estava a olhar de novo para o mapa.

— Qual é a maior terra daquela região?

— Grimsby, diria eu.

— — Mas que apropriado, Grimsby. E quanto tempo é que acha que eu levaria a chegar lá?

— A divisão dos Transportes podia arranjar-lhe boleia, mas levaria horas.

Vicary fez uma careta. A divisão dos Transportes possuía alguns carros velozes precisamente para casos destes. Tinham condutores experimentados de reserva, especializados em perseguições a alta velocidade; um ou dois até tinham competido em corridas profissionais antes da guerra. Mas Vicary achava que os condutores, apesar de brilhantes, eram demasiado imprudentes. Lembrou-se da noite em que tinha sacado o espião da praia na Cornualha, recordando-se de estar a atravessar em grande velocidade a noite da Cornualha, durante o blackout, num Rover todo modificado, e a rezar para viver o suficiente para poder fazer aquela detenção.

Vicary perguntou:

— Então e se fosse um avião?

— Tenho a certeza de que lhe podia arranjar uma boleia com a RAF. Há uma pequena base de caças nos arredores de Grimsby. Podiam lá pô-lo em mais ou menos uma hora e podia servir-se da base como posto de comando. Mas já olhou pela janela nas últimas horas? Está uma noite horrível para se andar de avião.

— Eu tenho noção disso, mas tenho a certeza de que poderia coordenar melhor a busca se estivesse lá, no terreno — retorquiu Vicary, afastando-se do mapa e olhando para Boothby. — E ocorreu-me outra coisa. Se os conseguirmos deter antes de enviarem uma mensagem para Berlim, talvez possa enviá-la eu por eles.

— Engendrando uma explicação qualquer para a decisão deles de fugirem de Londres que reforce a confiança na Operação Kettledrum?

— Exato.

— Bem pensado, Alfred.

— Gostava de levar dois homens comigo: Roach e Dalton, se ele estiver em condições.

Boothby hesitou.

— Acho que também devia levar outra pessoa.

— Quem?

— Peter Jordan. -Jordan!

— Veja a coisa do outro lado do espelho. Se Jordan foi enganado e traído, não iria querer estar lá no fim, para presenciar a morte de Catherine Blake? Eu sei que iria querer de certeza. Iria querer carregar eu próprio no gatilho. Se estivesse no lugar dele. E os alemães também têm de achar isso. Temos de fazer tudo o que for possível para fazer com que acreditem na ilusão da Operação Kettledrum.

Vicary pensou no dossiê vazio que se encontrava nos Registos. O

telefone voltou a tocar.

— Vicary.

Era uma das telefonistas do departamento.

— Professor Vicary, tenho uma chamada interurbana de um superintendente-chefe Perkin, da polícia de King's Lynn, em Norfolk. Diz que é bastante urgente.

— Passe-mo.

Hampton Sands era demasiado pequena, demasiado isolada e demasiado sossegada para justificar ter o seu próprio polícia. Partilhava um com mais quatro aldeias da costa de Norfolk, Holme, Thornton, Titchwell e Brancaster. O polícia era um homem chamado Thomasson, um veterano que trabalhava na costa de Norfolk desde a grande guerra anterior. Thomasson vivia numa casa da polícia, em Brancaster, e devido às necessidades do trabalho tinha o seu próprio telefone.

Uma hora antes, o telefone tinha tocado, acordando Thomasson, a mulher e o seu setter inglês, Rags. A voz do outro lado da linha pertencia ao superintendente-chefe Perkin, de King's Lynn. O superintendente informou Thomasson do telefonema importante que tinha recebido do Ministério da Guerra, em Londres, a pedir auxílio às forças policiais locais na busca de dois fugitivos suspeitos de homicídio.

Dez minutos depois de receber o telefonema de Perkin, Thomasson já estava a sair do chalé, com uma capa de oleado azul, um chapéu impermeável atado por baixo do queixo e um termos de chá doce que Judith lhe tinha preparado rapidamente. Foi buscar a bicicleta ao barracão nas traseiras da casa e, a seguir, partiu para o centro da aldeia. Rags, que acompanhava sempre Thomasson nas suas rondas, seguia descontraidamente ao lado dele.

Thomasson tinha cinquenta e tal anos. Nunca fumava, raramente tocava em álcool e trinta anos a percorrer de bicicleta a costa ondulante de Norfolk tinham-no deixado em forma e cheio de força. As pernas grossas e bem musculadas pedalavam facilmente, impulsionando a pesada bicicleta de ferro na direção de Brancaster. Tal como suspeitava, reinava um silêncio de morte na aldeia. Podia ir bater a algumas portas, acordar umas quantas pessoas, mas conhecia toda a gente na aldeia e não havia lá ninguém que estivesse a abrigar assassinos em fuga. Passou uma vez pelas ruas silenciosas e depois virou para a estrada costeira e seguiu para a aldeia seguinte, Hampton Sands.

O chalé dos Colville ficava a uns quinhentos metros da aldeia. Toda a gente conhecia a história de Martin Colville. Tinha sido abandonado pela mulher, bebia imenso e mal conseguia viver da sua pequena propriedade. Thomasson sabia que Colville era demasiado

duro com a filha, Jenny. E também sabia que Jenny passava muito tempo nas dunas; Thomasson encontrara as coisas dela depois de um dos habitantes da aldeia se queixar de que havia ciganos a viverem na praia. Deixou que a bicicleta parasse e apontou a lanterna para o chalé dos Colville. Estava às escuras e não havia fumo a sair da chaminé.

Thomasson empurrou a bicicleta pelo caminho de acesso e bateu à porta. Ninguém respondeu. Receando que Colville estivesse bêbado ou desmaiado, voltou a bater, com mais força. Mais uma vez, ninguém respondeu. Abriu a porta e espreitou lá para dentro. O interior da casa estava às escuras. Gritou pelo nome de Colville uma última vez. Como ninguém respondesse, foi-se embora do chalé e continuou em direção a Hampton Sands.

Tal como Brancaster, Hampton Sands estava silenciosa e numa escuridão completa. Thomasson atravessou a aldeia, passando pelo Arms, pela loja da aldeia e pela St. John's Church. Atravessou a ponte sobre a enseada. Sean e Mary Dogherty viviam a cerca de um quilómetro e meio da aldeia. Thomasson sabia que Jenny Colville vivia praticamente com os Dogherty. Era muito provável que estivesse a passar a noite lá. Mas onde estaria Martin?

Foi um quilómetro e meio difícil, com o trilho a subir e a descer à medida que avançava. À sua frente, no escuro, conseguia ouvir o clicar das patas de Rags no trilho e o ritmo constante da respiração do cão. O chalé dos Dogherty surgiu diante dele. Pedalou pelo caminho de entrada, parou e apontou a lanterna de um lado para o outro.

Houve qualquer coisa no prado que lhe chamou a atenção. Deslocou o feixe luminoso sobre a vegetação e — ali — ali estava aquilo outra vez. Avançou com dificuldade pelo meio do prado encharcado e baixou-se para apanhar o objeto. Era um bidão vazio. Cheirou-o gasolina. Virou-o ao contrário. Um fio de gasolina correu para fora.

Dirigiu-se para o chalé dos Dogherty, com Rags à sua frente. Viu a carrinha velha e em mau estado de Sean Dogherty estacionada no pátio. Depois, avistou duas bicicletas caídas no meio da vegetação, ao lado do celeiro. Thomasson avançou até ao chalé e bateu à porta. Tal como no chalé dos Colville, ninguém respondeu.

Thomasson não se deu ao trabalho de bater uma segunda vez. Já se encontrava completamente alarmado com o que tinha visto. Abriu a porta e gritou Olá. Ouviu um ruído estranho, como gemidos abafados. Apontou a lanterna para a sala e viu Mary Dogherty amarrada a uma cadeira e com a boca amordaçada.

Thomasson correu para ela, com Rags a ladrar furiosamente, e desatou rapidamente o pano que tinha à volta da cara.

— Mary! Mas que raio é que se passou aqui? ! Mary, nervosíssima, ofegou com falta de ar.

— Sean... Martin... mortos... celeiro... espíões... submarino...
Jenny!

— Daqui fala Vicary.

— Superintendente-chefe Perkin, da polícia de King's Lynn.

— E o que tem para me dizer? — Dois cadáveres, uma mulher histérica e uma rapariga desaparecida.

— Meu Deus! Comece do início.

— Depois de ter recebido a sua chamada, mandei todos os meus agentes fazerem rondas. O agente Thomasson é responsável por um punhado de pequenas aldeias no norte da costa de Norfolk. Foi ele que deparou com os sarilhos.

— Continue.

— Aconteceu tudo num sítio chamado Hampton Sands. A não ser que tenha um mapa grande, não é provável que o encontre. Mas se tiver, descubra Hunstanton, na Wash, e percorra o leste da costa de Norfolk com o dedo e vai ver Hampton Sands.

— Já a encontrei.

Era praticamente o ponto onde Vicary tinha imaginado que o transmissor pudesse estar.

— Thomasson deu com dois corpos num celeiro, numa quinta logo à saída de Hampton Sands. As vítimas são dois habitantes locais, Martin Colville e Sean Dogherty. Dogherty é irlandês. Thomasson encontrou a mulher de Dogherty, Mary, amarrada e amordaçada no chalé. Tinha levado uma pancada na cabeça e estava num estado de histeria quando Thomasson a descobriu. Contou-lhe uma história e pêras.

— Não há nada que me vá surpreender, superintendente. Por favor, continue.

— A senhora Dogherty diz que o marido anda a espiar para os alemães desde o começo da guerra, nunca foi um homem armado do IRA a cem por cento, mas tinha ligações ao grupo. Ela diz que, há umas semanas, os alemães largaram outro agente na praia, chamado Horst Neumann, e que Dogherty o acolheu. O agente tem estado a morar com eles desde então e a viajar para Londres regularmente.

— E o que aconteceu hoje à noite?

— Ela não sabe ao certo. Ouviu tiros, foi a correr para o celeiro e deu com os corpos. O alemão disse-lhe que Colville lhes tinha entrado por ali de rompante e que fora então que o tiroteio começara.

— E estava lá alguma mulher com Neumann?

— Estava.

— Fale-me da rapariga que desapareceu.

— É a filha de Colville, Jenny. Não está em casa e encontraram a bicicleta dela junto ao chalé dos Dogherty. Thomasson acha que ela seguiu o pai, assistiu ao tiroteio ou ao rescaldo e fugiu. Mary tem

medo que o alemão tenha descoberto a rapariga e a tenha levado com ele.

— E ela sabe para onde é que eles iam?

— Não, mas diz que vão numa carrinha... talvez preta.

— E onde está ela agora?

— Continua no chalé.

— E onde está o agente Thomasson?

— Continua em linha, numpub em Hampton Sands.

— E havia algum indício de um rádio no chalé ou no celeiro?

— Espere um momento, deixe-me perguntar-lhe.

Vicary ouviu Perkin, com a voz abafada, a fazer a pergunta.

— Ele diz que viu uma engenhoca no celeiro que poderia ser um rádio.

— E era parecida com quê?

— com uma mala com uma coisa parecida com uma telefonía. Foi destruída por um tiro de caçadeira.

— E quem mais é que sabe disto?

— Eu, Thomasson e provavelmente o dono dopub. Suspeito que ele deve estar ao lado de Thomasson neste preciso momento.

— Não quero que fale a quem quer que seja do que se passou esta noite no chalé dos Dogherty. Não pode haver referências a agentes alemães em nenhum relatório sobre esta questão. Isto é um assunto de segurança da máxima importância. Estamos entendidos, superintendente?

— Estamos.

— vou enviar uma equipa de homens para Norfolk para o auxiliar. Por agora, deixe Mary Dogherty e esses corpos exatamente onde estão.

— Sim, senhor.

Vicary estava outra vez a olhar para o mapa.

— bom, superintendente, eu tenho informações que me levam a suspeitar que, com toda a probabilidade, esses fugitivos estão a dirigir-se precisamente para onde se encontra. Julgamos que o destino final deles é a costa de Lincolnshire.

— Já chamei todos os meus homens. Estamos a barricar todas as estradas principais.

— Mantenha o Ministério informado de todos os desenvolvimentos. E boa sorte.

Vicary desligou o telefone e voltou-se para Boothby.

— Eles mataram duas pessoas, têm provavelmente um refém e estão a tentar chegar à costa de Lincolnshire — revelou Vicary, sorrindo ferozmente. — E parece que acabaram de ficar sem o segundo rádio.

CINQUENTA E OITO

LINCOLNSHIRE, INGLATERRA

Duas horas depois de terem saído de Hampton Sands, Horst Neumann e Catherine Blake começaram a ter sérias dúvidas sobre as hipóteses de chegarem a tempo ao ponto de encontro com o submarino. Para escapar à costa de Norfolk, Neumann refez o seu percurso, subindo o grupo de colinas no coração de Norfolk e seguindo depois a estreita faixa de estrada pela região pantanosa e pelas povoações às escuras. Contornou King's Lynn para sudeste, serpenteou por uma série de aldeolas e depois atravessou o rio Great Ouse, numa aldeia chamada Wiggenhall St. Germans.

A viagem pela orla sul da Wash foi um pesadelo. O vento soprava com toda a força, vindo do mar do Norte, e chicoteava os pântanos e diques. A chuva aumentou de intensidade. Às vezes, vinha em rajadas furiosas — em turbilhão, soprada pelo vento, ocultando as bermas da estrada. Neumann curvava-se todo para a frente, quilómetro após quilómetro, agarrando com força o volante com ambas as mãos, enquanto a carrinha avançava a grande velocidade pelo terreno plano. Por vezes, tinha a sensação de estar a flutuar num abismo.

Catherine estava sentada ao lado dele, a ler o mapa antigo de Dogherty, do serviço oficial de topografia e cartografia, à luz da lanterna. Falavam em alemão para Jenny não perceber. Neumann achava o alemão de Catherine curioso: átono, sem entoação especial nem sotaque regional. O tipo de alemão que é uma segunda ou terceira língua. O tipo de alemão que não é falado há muito tempo.

Neumann traçou o caminho com as instruções de navegação de Catherine.

O barco estaria á espera deles numa terra chamada Cleethorpes, que ficava perto do porto de Grimsby, na foz do Humber. Assim que deixassem a Wash para trás, não teriam povoações grandes pelo caminho. De acordo com os mapas, havia uma estrada boa — a A16 — que seguia vários quilómetros para o interior, ao longo do sopé das colinas de Lincolnshire Wolds, e depois em direção ao Humber. Para efeitos de planeamento, Neumann partiu do pressuposto de que as coisas correriam da pior maneira. Partiu do pressuposto de que Mary acabaria por ser encontrada, de que o MI5 acabaria por ser

alertado e de que seriam estabelecidas barricadas em todas as estradas principais perto do litoral. Apanharia a Al 6 até meio do caminho para Cleethorpes e, a seguir, mudaria para uma estrada secundária que seguia mais perto da costa.

Avistou Boston perto da margem ocidental da Wash. Era a última cidade grande que os separava do Humber. Neumann deixou a estrada principal, avançou lentamente por tranquilas estradas secundárias e depois reentrou na Al 6 a norte da cidade. Carregou no acelerador e puxou fortemente pela carrinha por entre a tempestade.

Catherine desligou a lanterna para o blackout e olhou para a chuva a rodopiar à fraca luz dos faróis.

— Como é que andam as coisas agora... em Berlim? Neumann manteve os olhos na estrada.

— É o paraíso. Estamos todos felizes, trabalhamos muito nas fábricas, agitamos os punhos contra os bombardeiros americanos e britânicos e toda a gente ama o Fúhrer.

— — Pareces um filme de propaganda do Goebbels.

— A verdade não é assim tão divertida. Berlim está muito mal. Os americanos vêm de dia com os seus B-17 e os britânicos vêm à noite com os seus lancasters e Halifaxes. Há dias em que parece que a cidade está sob bombardeamento constante. Grande parte do centro de Berlim é um monte de destroços.

— Tendo eu passado também pela Blitz, receio bem que a Alemanha mereça tudo o que os americanos e britânicos lhe conseguirem infligir. Os alemães foram os primeiros a levar a guerra à população civil. Não posso verter muitas lágrimas por Berlim estar agora a ser reduzida a pó.

— Pareces uma verdadeira britânica.

— E sou meia britânica. A minha mãe era inglesa. E há seis anos que vivo com os britânicos. É difícil não nos esquecermos de que lado supostamente estamos quando nos encontramos numa situação dessas. Mas fala-me mais de Berlim.

— Quem tem dinheiro ou ligações consegue comer bem. Quem não tem não consegue. Os russos inverteram por completo a situação no Leste. Desconfio que meia Berlim esteja desejosa de que a invasão aconteça para que os americanos cheguem a Berlim antes dos russos.

— Isso é tão tipicamente alemão. Elegem um psicopata, dão-lhe poder absoluto e depois choram porque ele os conduziu à beira da destruição.

Neumann riu-se.

— Se foste abençoada com essa capacidade de prever o futuro, por que raio é que te voluntariaste para ser espiã?

— E quem é que falou em voluntariado?

Passaram rapidamente por duas aldeias — primeiro, Stickney,

depois, Stickford. O aroma de fumo vindo de lareiras a arderem nas pequenas casas invadiu a carrinha.

Neumann ouviu um cão a ladrar e, a seguir, outro. Enfiou a mão no bolso, tirou de lá os cigarros e passou-os a Catherine. Ela acendeu dois, ficou com um e deu-lhe o outro.

— Importas-te de explicar essa última observação?

Ela pensou: Importo-me? Era uma sensação tão estranha, após todos aqueles anos, estar a falar sequer alemão. Tinha passado seis anos a esconder o mais pequeno resquício de verdade sobre si. Tinha-se tornado outra pessoa, tinha apagado todos os aspetos da sua personalidade e do seu passado. Quando pensava na pessoa que era antes de Hitler e antes da guerra, era como se estivesse a pensar noutra pessoa.

Anna Katarina von Steiner morreu num infeli acidente de automóvel, à saída de Berlim.

— Bem, eu não fui propriamente ao gabinete da Abwehr lá da zona para me alistar — afirmou ela. — Mas também suponho que não haja ninguém nesta atividade a conseguir trabalho dessa maneira pois não? Eles é que vêm sempre ter connosco. No meu caso, eles foram Kurt Vogel.

Contou-lhe a história, a história que nunca tinha contado a ninguém. A história do verão em Espanha, o verão em que rebentou a guerra civil. O verão na estância de Maria. O caso com o pai de Maria.

— Só para veres a minha sorte, acontece que ele era um fascista e um caçador de talentos para a Abwehr. Vendeu-me a Vogel e Vogel veio à minha procura.

— E porque é que não disseste simplesmente não?

— Porque é que nenhum de nós disse simplesmente não? No meu caso, ele ameaçou quem eu mais quero neste mundo... o meu pai. É isso que um bom responsável operacional faz. Entra-nos na cabeça. Conseguir saber como é que pensamos, o que é que sentimos. O que é que amamos e o que é que tememos. E depois usa isso para nos pôr a fazer o que ele quer que façamos.

Ela fumou em silêncio por um momento, observando enquanto passavam por outra aldeia.

— Ele sabia que eu tinha vivido em Londres quando era criança, que falava a língua perfeitamente, que já sabia usar uma arma e que...

Silêncio durante um momento. Neumann não insistiu com ela. Limitou-se a esperar, fascinado.

— Ele sabia que eu tinha a personalidade adequada para a missão que tinha em mente. Estive quase seis anos no Reino Unido, sozinha, praticamente sem contacto com ninguém do meu lado: nem amigos, nem família, nenhum contacto com outros agentes, nada. Foi mais uma sentença de prisão do que uma missão. Nem te consigo dizer

quantas vezes sonhei em voltar a Berlim e matar Vogel com uma das maravilhosas técnicas que ele e os amigos me ensinaram.

— E como entraste no país?

Ela contou-lhe... contou-lhe o que Vogel a tinha feito fazer.

— Jesus — murmurou Neumann.

— Uma coisa típica da Gestapo, certo? Passei os seis meses seguintes a preparar a minha nova identidade. Depois instalei-me e esperei. Vogel e eu tínhamos uma forma de comunicar por rádio que não incluía nomes de código. Portanto, os britânicos nunca me procuraram. Vogel sabia que eu estava segura e infiltrada, pronta para ser ativada. Depois, o idiota deu-me uma missão e fez-me cair mesmo nos braços do MI5 — disse ela, rindo-se baixinho. — Meu Deus, não posso acreditar que estou realmente a voltar para lá depois deste tempo todo. Nunca pensei que ia ver a Alemanha outra vez.

— Não pareces lá muito entusiasmada com a perspetiva de voltar para casa.

— Casa? É difícil pensar na Alemanha como a minha casa. É difícil pensar em mim como alemã. Vogel apagou essa parte de mini no maravilhoso retirozinho dele nas montanhas da Baviera.

— E o que vais fazer?

— Encontrar-me com Vogel, ter a certeza de que o meu pai ainda está vivo e, a seguir, receber o meu pagamento e partir. Vogel pode arranjar-me outra das identidades falsas dele. Sou capaz de passar por cinco nacionalidades diferentes. Foi isso que me fez ir parar a este jogo logo para começar. É tudo um grande jogo, não é? Um grande jogo.

— E para onde estás a pensar ir?

— vou voltar para Espanha — respondeu ela. — vou voltar para o sítio onde começou tudo.

— Fala-me disso — pediu Neumann. — Preciso de pensar noutra coisa além desta estrada no meio de nenhures.

— Fica nas colinas no sopé dos Pirenéus. De manhã, vamos caçar e, à tarde, subimos às montanhas. Há uma maravilhosa ribeira com lagos fundos e frios e ficamos lá toda a tarde, a beber vinho branco gelado e a sentir o cheiro dos eucaliptos. Costumava pensar nisso o tempo todo quando a solidão me invadia. Às vezes, pensava que ia ficar maluca.

— Parece maravilhoso. Se precisares de um moço de estrebaria, diz-me.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Tens sido maravilhoso. Se não fosses tu... — exclamou ela, hesitando antes de continuar. — Meu Deus, nem consigo sequer imaginar.

— Não precisas de agradecer. Fico contente por ter podido ajudar.

Não quero estragar a festa, mas ainda não estamos livres de perigo.

— Acredita, tenho consciência disso.

Ela acabou o cigarro, abriu uma nesga do vidro da janela e atirou a ponta para o meio da noite. A beata atingiu a estrada e explodiu em faúlhas. Catherine recostou-se e fechou os olhos. Há já demasiado tempo que eram apenas a adrenalina e o medo que a faziam avançar. A exaustão tomou-a de assalto. O balançar suave da carrinha embalou-a, fazendo-a cair num sono leve, meio acordada.

Neumann perguntou:

— Vogel nunca me disse o teu nome verdadeiro. Qual é?

— O meu nome verdadeiro era Anna Katarina von Steiner — respondeu ela com o sono a infiltrar-se-lhe na voz. — Mas prefiro que me continues a chamar Catherine. É que Kurt Vogel matou Anna antes de a enviar para Inglaterra. Receio bem que Anna já não exista. Anna está morta.

Quando Neumann falou outra vez, a sua voz estava muito longe, no fim de um grande túnel.

— E como é que uma mulher linda e inteligente como a Anna Katarina von Steiner acabou aqui, desta maneira?

— É uma pergunta muito boa — retorquiu ela, com a fadiga a tomar conta de si, adormecendo de seguida.

O sonho é neste momento a única recordação que ela tem disso; há muito que foi expulsa benevolmente dos seus pensamentos conscientes. Vê-o apenas em breves erupções — vislumbres roubados. As vezes, vê-o com os próprios olhos, como se o estivesse a reviver, e, outras vezes, o sonho obriga-a a vê-lo de novo, como um espectador numa bancada.

Esta noite está a revivê-lo.

Está deitada à beira do lago; o papá deixa-a ir sozinha. Sabe que ela não se vai aproximar da água — está demasiado fria para nadar- e sabe que ela gosta de estar sozinha quando pensa na mãe.

É outono. Ela trouxe um cobertor. A erva alta à beira do lago está húmida da chuva da manhã. O vento move-se nas árvores. Um bando de gralhas revolteia e dispersa-se ruidosamente por cima da cabeça dela. As árvores derramam flamejantes folhas cor de laranja e vermelhas. Ela observa as folhas a descerem suavemente, como pequenos balões de ar quente, e a pousarem na superfície encrespada do lago.

E então que, enquanto segue com os olhos a descida das folhas, vê o homem, parado junto às árvores do outro lado do lago.

Ele fica quieto durante muito tempo, a olhar para ela; a seguir, avança na sua direção. Tra botas altas e um casaco que lhe dá pelas coxas. Tem uma caçadeira de carregar pela culatra aninhada no braço direito. O cabelo e a barba são muito compridos, os olhos vermelhos e

húmidos. A medida que se aproxima, ela vê que tem algo pendurado no cinto. Percebe que são dois coelhos ensanguentados. Mortos e flácidos, parecem absurdamente compridos e finos.

O papá tem uma palavra para homens como ele: larápios. Chegam às terras das outras pessoas e matam os animais — veados, coelhos efaisões. Ela acha que é uma palavra engraçada, larápios. Parece referir-se a alguém que prepara ovos de manha. Pensa nisso enquanto o homem se aproxima, e isso fá-la sorrir.

O larápio pergunta se pode sentar-se ao lado dela e ela diz que sim.

Ele põe-se de cócoras e pousa a espingarda na relva.

— Estás aqui sozinha?-pergunta.

— Sim. O meu pai diz que não faz mal.

— E onde está o teu pai agora?

— Está em casa.

— E não vem cá?

— Não.

— Quero mostrar-te uma coisa — diz ele. — Uma coisa que te vai fazer sentir ótima.

Os olhos dele já estão muito húmidos. Está a rir-se; tem os dentes pretos e podres. Ela fica com medo pela primeira vez. Tenta levantar-se mas ele agarra-a pelos ombros e empurra-a para baixo, deitando-a no cobertor. Ela tenta gritar mas ele abafa o som com a mão grande e peluda. De repente, está em cima dela; ela fica paralisada debaixo do peso dele. Ele está a levantar-lhe o vestido e a arrancar-lhe a roupa interior.

A dor não se parece com nada que ela já tenha sentido. Parece que está a ser rasgada. Ele prende-lhe os braços atrás da cabeça com a mão e tapa-lhe a boca com a outra para ninguém a ouvir gritar. Ela sente os corpos ainda quentes dos coelhos mortos a pressionarem-lhe a perna. A seguir, o rosto do larápio contorce-se como se ele estivesse com dores e tudo aquilo para tão repentinamente como começou.

Ele está outra vez a falar com ela:

— Viste os coelhos? Viste o que eu fiz aos coelhos?

Ela tenta assentir com a cabeça, mas a mão que lhe tapa a boca está afazer tanta força que ela não consegue mexer a cabeça.

— Se alguma vez disseres a alguém o que aconteceu aqui hoje, faço-te o mesmo. E depois faço o mesmo ao teu pai. Dou um tiro aos dois e, a seguir, penduro as vossas cabeças no meu cinto. Estás a ouvir, rapariga?

Ela começa a chorar.

— És uma rapariga muito má — diz ele. — Oh, sim, dá para ver isso. Acho que até gostaste disto.

A seguir, faz-lhe aquilo outra vez.

Começam os tremores. Nunca tinha sonhado com aquilo desta maneira. Alguém está a chamar o nome dela — Catherine... Catherine... acorda. Porque é que ele me está a chamar Catherine? O meu nome é Arma...

Horst Neumann sacudiu-a uma vez mais, com violência, e gritou:
— Catherine, raios partam! Acorda! Temos sarilhos!

CINQUENTA E NOVE

LINCOLNSHIRE, INGLATERRA

Eram três da manhã quando o ILysander atravessou as nuvens espessas e aterrou com um forte solavanco numa pequena base da RAF a três quilómetros da cidade de Grimsby.

Alfred Vicary nunca tinha andado de avião e era uma experiência que desejava não repetir tão depressa. O mau tempo sacudiu o avião durante todo o voo, desde que saíram de Londres, e Vicary nunca se tinha sentido tão satisfeito na vida por ver um lugar quando deslizaram na pista em direção ao pequeno barracão de operações.

O piloto desligou o motor enquanto um tripulante abria a porta da cabine. Vicary, Harry Dalton, Clive Roach e Peter Jordan desceram rapidamente. Estavam dois homens à espera deles, um jovem oficial da RAF, de ombros quadrados, e um homem alto e bexigoso, com uma gabardina em mau estado.

O homem da RAF estendeu a mão e tratou das apresentações.

— Chefe de esquadrilha Edmund Hughes. E o superintendente - chefe da polícia do condado de Lincolnshire, Roger Lockwood. Entrem no barracão das operações. É rudimentar, mas seco, e montámos um posto de comando improvisado para os senhores.

Entraram. O oficial da RAF disse:

— Calculo que não seja tão agradável como os vossos aposentos em Londres.

— Até ficaria surpreendido — respondeu Vicary.

Era uma sala pequena, com uma janela com vista para o aeródromo. Havia um mapa de grande escala de lincolnshire pendurado numa parede e uma secretária com dois telefones maltratados do outro lado da sala.

— Serve perfeitamente.

— Temos um rádio e um teleimpressor — anunciou Hughes. -- Até podemos arranjar chá e sanduíches de queijo. Estão com ar de quem podia comer qualquer coisa.

— Obrigado — respondeu Vicary. — Foi um dia longo. Hughes saiu e o superintendente-chefe Lockwood avançou.

— Temos homens em todas as estradas principais até à Wash disse Lockwood, com o dedo grosso a bater no mapa. — Nas aldeias mais

pequenas, só há polícias de bicicleta e portanto receio bem que não sejam capazes de fazer muito se os virem. Mas, à medida que se deslocarem para mais perto da costa, vão ter problemas. Barricadas aqui, aqui, aqui e aqui. Os meus melhores homens, carros-patrolha, carrinhas e armas.

— Muito bem. E em relação à costa propriamente dita?

— Temos homens em todas as docas e cais ao longo da costa de Lincolnshire e do Humber. Se tentarem roubar algum barco, vou ser informado.

— E em relação às praias abertas?

— Isso já é outra história. Não tenho meios ilimitados. O exército levou-me muitos dos meus melhores rapazes, tal como a toda a gente. Mas conheço estas águas. Também sou marinheiro amador. E não ia querer sair para o mar esta noite em nenhum barco que saísse de uma praia.

— Este tempo pode ser o nosso melhor amigo.

— É verdade. Outra coisa, major Vicary. Continuamos a ter de fingir que os senhores só andam atrás de um par de criminosos vulgares?

— Por acaso, superintendente-chefe, temos mesmo.

A saída da A16 para uma pequena estrada secundária estava à frente deles, mesmo à saída da cidade de Louth. Neumann tinha planeado deixar a A16 nessa altura, apanhar a estrada secundária para a costa, mudar para outra estrada secundária e dirigir-se para norte para Cleethorpes. Havia apenas um problema. Metade da polícia de Louth estava na saída. Neumann conseguia ver pelo menos quatro homens. Quando se aproximou, eles apontaram as lanternas na sua direção e fizeram-lhe sinal para parar.

Catherine já tinha acordado, sobressaltada.

— O que se passa?

— Fim da linha, receio bem — respondeu Neumann, parando a carrinha. — É evidente que têm estado à nossa espera. Não é com conversas que nos vamos safar.

Catherine pegou na Mauser.

— E quem é que falou em conversas?

Um dos polícias avançou, empunhando uma caçadeira, e bateu ao de leve no vidro da janela de Neumann. Neumann desceu o vidro e disse:

— Boa tarde. Qual é o problema?

— O senhor importa-se de sair da carrinha?

— Por acaso, até me importo. É tarde, estou cansado, está um tempo horrível e quero chegar ao meu destino.

— E pode dizer-me onde isso é?

— Kingston — respondeu Neumann, apesar de conseguir ver que

o polícia já estava a duvidar da história. Outro polícia apareceu à janela de Catherine. E outros dois posicionaram-se atrás da carrinha.

O polícia abriu a porta de Neumann de rompante, apontou-lhe a caçadeira à cara e disse:

— Muito bem. Levante as mãos para eu as poder ver e saia da carrinha. Devagarinho.

Jenny Colville estava sentada na parte de trás da carrinha, com as mãos e os pés atados e a boca amordaçada. Doíam-lhe os pulsos. E também o pescoço e as costas. Estava sentada no chão da carrinha há quanto tempo? Duas horas? Três horas? Talvez quatro? Quando a carrinha abrandou, permitiu-se um breve lampejo de esperança.

Pensou: Talvez isto acabe rapidamente e eu possa voltar para Hampton Sands e Mary e Sean e o papá estejam lá e as coisas sejam como eram antes de ele vir e tudo acabe por ser um pesadelo e... deteve-se. Era melhor ser realista. Era melhor pensar naquilo que era realmente possível.

Observou-os no banco da frente. Tinham falado baixinho em alemão durante muito tempo, depois a mulher adormeceu e, naquele momento, Neumann estava a sacudi-la e a tentar acordá-la. Mais adiante, pelo para-brisas, viu luz — feixes de luz balançando para a frente e para trás, como lanternas. Pensou: Os polícias usariam lanternas se estivessem a barricar a estrada. Seria possível? Será que sabiam que eles eram espões alemães e que ela tinha sido raptada? Estariam à procura dela?

A carrinha parou. Conseguiu ver dois polícias à frente da carrinha e, lá fora, perto da parte de trás, ouviu passos e as vozes de pelo menos mais dois. Ouviu o polícia a bater no vidro. Viu Neumann descer a janela. Viu que ele tinha uma arma na mão. Jenny olhou para a mulher. Também tinha uma arma na mão.

Foi então que se lembrou do que tinha acontecido no celeiro. Duas pessoas atravessaram-se no caminho deles — o pai dela e Sean Dogherty — e tinham-nas matado. Era possível que também tivessem matado Mary. Não se iriam render só porque alguns polícias da província os mandavam fazê-lo. Também iriam matar os polícias, tal como tinham matado o pai e Sean.

Jenny ouviu a porta a abrir-se, ouviu o polícia a gritar-lhes para saírem. Sabia o que estava prestes a acontecer. Em vez de saírem, iriam começar a disparar. E depois os polícias morreriam todos e Jenny ficaria outra vez sozinha com eles.

Tinha de os avisar.

Mas como?

Não podia falar porque Neumann a tinha amordaçado fortemente. Só podia fazer uma coisa.

Levantou as pernas e pontapeou a parte lateral da carrinha com

toda a força possível.

Se a ação de Jenny Colville não teve o efeito pretendido, pelo menos garantiu a um dos polícias — aquele que estava mais perto da porta de Catherine Blake — uma morte mais suave. Quando ele virou a cabeça na direção do som, Catherine levantou a Mauser e deu-lhe um tiro. O soberbo silenciador da Mauser abafou a explosão da bala, fazendo com que a arma emitisse apenas um estampido grave. A bala estilhaçou o vidro, atingiu o polícia na articulação do maxilar e, a seguir, ricocheteou para a base do crânio. Ele tombou morto na superfície lamacenta da estrada.

O segundo a morrer foi o polícia do lado da porta de Neumann, apesar de não ter sido Neumann a disparar o tiro que o matou. Neumann livrou-se da caçadeira com um golpe da mão direita; Catherine virou-se e disparou pela porta aberta. A bala atingiu o polícia no meio da testa e saiu pela parte de trás do crânio. Ele caiu de costas na estrada.

Neumann caiu da carrinha e aterrou na estrada. Um dos polícias na parte de trás da carrinha disparou por cima da cabeça dele, estilhaçando a janela meio aberta. Neumann apertou o gatilho rapidamente, duas vezes. O primeiro tiro atingiu o polícia no ombro, fazendo-o rodopiar. O segundo atravessou-lhe o coração.

Catherine saiu da carrinha, com a arma nas mãos esticadas para a frente, a apontar para a escuridão. Do outro lado da carrinha, Neumann estava a fazer a mesma coisa, só que continuava deitado de barriga para baixo. Ficaram ambos à espera, sem fazer barulho, à escuta.

O quarto polícia pensou que era melhor fugir e pedir ajuda. Voltou-se e começou a correr pela escuridão. Depois de dar algumas passadas, ficou ao alcance de Neumann. Neumann fez pontaria cuidadosamente e disparou duas vezes. A corrida terminou, a caçadeira bateu com estrépito no alcatrão e o último dos quatro homens caiu morto na estrada molhada da chuva.

Neumann recolheu os corpos e empilhou-os atrás da carrinha. Catherine abriu as portas traseiras. Jenny, com os olhos escancarados de terror, ergueu as mãos para proteger a cabeça. Catherine levantou a arma bem alto e bateu com ela na cara de Jenny. Um corte profundo abriu-se por cima do olho. Catherine disse:

— A não ser que queiras acabar como eles, não voltes a tentar mais nada desse género.

Neumann pegou em Jenny ao colo e deitou-a na superfície da estrada. Em seguida, com Catherine, colocou os corpos dos polícias mortos no fundo da carrinha. A ideia tinha-lhe surgido instantaneamente. Os polícias tinham vindo de carrinha para aquele sítio; esta encontrava-se estacionada a poucos metros dali, na berma

da estrada. Neumann iria esconder os corpos e a carrinha roubada no meio das árvores, onde não pudessem ser vistos, e servir-se da carrinha da polícia para seguir até à costa. Era possível que passassem várias horas até outro polícia aparecer ali e descobrir que os polícias tinham desaparecido. Nessa altura, já ele e Catherine estariam a caminho da Alemanha, a bordo do submarino.

Neumann pegou em Jenny e colocou-a na parte de trás da carrinha da polícia. Catherine subiu para o lugar do condutor e ligou o motor. Neumann dirigiu-se para a outra carrinha e entrou nela. O motor estava a trabalhar. Fez marcha atrás, deu a volta e, a seguir, acelerou pela estrada fora, com Catherine a segui-lo. Tentou não pensar nos quatro cadáveres que se encontravam a poucos centímetros dele.

Dois minutos depois, Neumann virou para um pequeno caminho fora da estrada. Conduziu cerca de duzentos metros, parou e desligou o motor. A seguir, saiu e voltou a correr para a estrada. Catherine tinha invertido a direção da carrinha e estava sentada no lugar do passageiro quando Neumann regressou. Entrou, bateu com a porta e partiu a toda a velocidade.

Passaram o local onde a barricada tinha sido montada e viraram para a pequena estrada secundária. De acordo com o mapa, faltavam cerca de dezasseis quilómetros até à estrada da costa e, a seguir, mais trinta e dois quilómetros até Cleethorpes. Neumann acelerou a fundo e puxou fortemente pela carrinha. Pela primeira vez desde que tinha visto os homens do MI5 em Londres, permitiu-se imaginar que apesar de tudo talvez até conseguissem.

Alfred Vicary andava de um lado para o outro da sala na base da RAF nos arredores de Grimsby. Harry Dalton e Peter Jordan estavam sentados à secretária, a fumar. O superintendente Lockwood encontrava-se sentado ao lado deles, construindo figuras geométricas com os fósforos.

Vicary disse:

— Não estou a gostar disto. Alguém já os devia ter visto. Harry respondeu:

— Todas as estradas principais estão bloqueadas. A dada altura, vão ter de dar de caras com uma barricada.

— Se calhar, talvez não estejam a vir nesta direção. Se calhar, fiz um erro de cálculo terrível. Se calhar, foram de Hampton Sands para sul. Se calhar, a comunicação com o submarino foi um estratagema e estão a caminho da Irlanda num ferry.

— Eles estão a vir nesta direção.

— Se calhar, resolveram esconder-se, desistiram. Se calhar, estão enfiados noutra aldeia longínqua, à espera que as coisas acalmem antes de avançarem.

— Eles avisaram o submarino. Têm de ir.

— Não têm de fazer nada. É possível que tenham avistado as barricadas e o aumento do número de polícias e decidido esperar. Podem avisar o submarino na próxima oportunidade e tentar novamente quando as coisas estiverem mais calmas.

— Está a esquecer-se de uma coisa. Eles não têm rádio.

— Nós achamos que não têm. O Harry tirou-lhes um e o Thomasson encontrou um rádio destruído em Hampton Sands. Mas não temos a certeza de que não têm um terceiro.

— Não temos a certeza de nada, Alfred. Fazemos palpites fundamentados.

Vicary andou outra vez de um lado para o outro, a olhar para o telefone e a pensar: Toca, diabos, toca!

Querendo desesperadamente fazer qualquer coisa, levantou o auscultador e pediu à telefonista para ligar para a Sala de Localização de Submarinos, em Londres. Quando apareceu por fim na linha, Arthur Braithwaite parecia estar dentro de um tubo de lançamento de torpedos.

Vicary perguntou:

— Soube alguma coisa, comandante?

— Falei com a Marinha Real e a guarda costeira local. A Marinha Real está neste preciso momento a deslocar para a área um par de corvetas — números 745 e 128. Vão estar ao largo de Spurn Head dentro de uma hora e começar as operações de busca logo de seguida. A guarda costeira está a tomar conta das coisas mais perto da costa. E a RAF vai pôr aviões no ar à primeira luz do dia.

— E quando é isso?

— Por volta das sete da manhã. Talvez um pouco depois, por causa da densa cobertura de nuvens.

— Isso pode ser já muito tarde.

— Não lhes vai servir de nada irem antes disso. Precisam de luz para ver. Estariam perfeitamente cegos se fossem agora. Mas há boas notícias. Esperamos uma aberta no tempo pouco antes do amanhecer. O céu vai manter-se encoberto, mas espera-se que a chuva abrande e o vento diminua. Isso vai facilitar a condução das operações de busca.

— Afinal de contas, não tenho a certeza de que sejam assim tão boas notícias. Estávamos a contar com a tempestade para fechar a costa. E o tempo melhor também torna a vida mais fácil aos agentes e ao submarino.

— Bem visto.

— Dei instruções à Marinha Real e à RAF para fazerem a busca o mais discretamente possível. Eu sei que isto soa algo inverosímil, mas tente fazer com que pareça tudo rotina. E diga a todos para terem cuidado com o que dizem pelo rádio. Os alemães também nos ouvem.

Lamento não poder ser mais claro, comandante Braithwaite.

— Eu compreendo. vou transmitir essas indicações.

— Obrigado.

— E tente não se enervar, major Vicary. Se esses seus espiões tentarem chegar àquele submarino hoje à noite, vamos detê-los.

Os polícias Gardner e Sullivan pedalavam ao lado um do outro pelas ruas escuras de Louth, Gardner, um homem grande, alto e de meia-idade, e Sullivan um rapaz magro e em boa forma, com pouco mais de vinte anos. O superintendente-chefe Lockwood tinha-lhes ordenado que se dirigissem a uma barricada a sul da aldeia e substituíssem dois dos polícias que lá estavam. Gardner queixou-se enquanto pedalava:

— Porque é que os criminosos de Londres arranjam sempre maneira de acabar aqui, no meio de uma tempestade, és capaz de me explicar?

Sullivan estava entusiasmadíssimo. Esta era a sua primeira grande caça ao homem. E também era a primeira vez que usava uma arma em serviço. Trazia uma espingarda de ferrolho, com trinta anos e saída da sala de armas da esquadra, pendurada ao ombro.

Cinco minutos mais tarde, chegaram à saída onde deveria estar a barricada. O lugar estava deserto. Gardner levantou-se, sem sair da bicicleta. Sullivan deitou a sua no chão, acendeu a lanterna e iluminou a área. Primeiro, viu as marcas dos pneus e, depois, os vidros espalhados.

Sullivan gritou:

— Chega aqui! Depressa!

Gardner desceu da bicicleta e empurrou-a até onde estava Sullivan.

— Jesus Cristo!

— Olha para as marcas. Dois veículos, o deles e o nosso. Quando voltaram para trás, os pneus enlamearam a superfície da estrada. Deixaram-nos umas belas marcas para seguirmos.

— É verdade. Vai ver onde vão dar. Eu volto para a esquadra para alertar Lockwood. E, por amor de Deus, tem cuidado.

Sullivan pedalou pela estrada, segurando a lanterna com uma mão e vendo as marcas a desvanecerem-se gradualmente. Cem metros à frente do local da barricada, o rasto tinha desaparecido. Sullivan avançou mais uns quatrocentos metros à procura de algum sinal da carrinha da polícia.

Andou um pouco mais e foi então que avistou outro conjunto de marcas de pneus. Estas eram diferentes. As marcas tornavam-se mais claras e definidas à medida que pedalava. O veículo que as tinha feito tinha obviamente vindo da direção contrária.

Seguiu as marcas até ao ponto de origem e encontrou o pequeno

trilho que ia dar às árvores. Apontou a lanterna para o trilho e viu o par de marcas recentes de pneus. Virou o feixe de luz na horizontal, para o túnel de árvores, mas a luz não era suficientemente potente para penetrar na escuridão. Olhou para o chão — demasiado sulcado e enlameado para manobrar a bicicleta. Desmontou, encostou a bicicleta a uma árvore e começou a andar.

Dois minutos depois, avistou a parte de trás da carrinha. Chamou, mas ninguém respondeu. Olhou com mais atenção. Não era o veículo da polícia; tinha matrícula de Londres e era um modelo diferente. Sullivan avançou lentamente. Aproximou-se da parte da frente da carrinha pelo lado do passageiro e apontou a lanterna lá para dentro. O banco da frente estava vazio. Apontou o feixe de luz para a parte de trás, na direção da área de armazenamento.

Foi então que viu os corpos.

Sullivan deixou a carrinha no meio das árvores e voltou para Louth, pedalando o mais depressa possível. Chegou à esquadra da polícia e contactou rapidamente o superintendente-chefe

Lockwood na base da RAF.

— Estão os quatro mortos — disse ele, sem fôlego devido à corrida. — Estão estendidos na parte de trás de uma carrinha, mas não é a deles. Parece que os fugitivos levaram a carrinha da polícia. A julgar pelas marcas na estrada, acho que voltaram para trás, no sentido de Louth.

Lockwood perguntou:

— E onde estão os corpos agora?

— Deixei-os no bosque, senhor.

— Volta para lá e fica à espera até que chegue ajuda.

— Sim, senhor. Lockwood desligou o telefone.

— Quatro homens mortos. Meu Deus!

— Lamento, superintendente-chefe. Lá se vão as minhas teorias de eles se terem escondido. Andam obviamente por aqui e são capazes de fazer tudo para escapar, incluindo assassinar quatro dos seus homens a sangue-frio.

— E temos outro problema... vão num veículo da polícia. Avisar os agentes que dirigem as barricadas vai levar tempo. E, entretanto, os

seus espiões estão a aproximar-se perigosamente da costa — afirmou Lockwood, dirigindo-se para o mapa. — Louth fica aqui, mesmo a sul de nós. Agora, eles podem apanhar uma série de estradas secundárias para o mar.

— Reposicione os seus homens. Coloque-os todos entre Louth e a costa.

— com certeza, mas vai demorar tempo. E os seus espiões já nos levam avanço.

— Outra coisa — atirou Vicary. — Tragam esses mortos para aqui o mais discretamente possível. Quando isto tudo acabar, pode ser necessário engendrar outra explicação para a morte deles.

— E o que digo às famílias deles? — vociferou Lockwood, saindo da sala.

Vicary pegou no telefone. A telefonista fez a ligação para o quartel-general do MI5 em Londres. Uma telefonista do departamento atendeu. Vicary pediu para falar com Boothby e esperou que ele surgisse na linha.

— Sir Basil, receio bem que tenhamos grandes problemas por aqui.

Um vento rigoroso fazia a chuva fustigar a zona do porto de Cleethorpes quando Neumann abrandou e virou para uma fila de armazéns e garagens. Parou a carrinha e desligou o motor. Não faltava muito para o amanhecer. Mesmo à luz fraca, conseguia ver um pequeno cais, com vários barcos de pesca atracados e mais barcos a balouçarem, presos com as suas amarras na água negra. Tinham feito um tempo excelente até à costa. Por duas vezes, tinham encontrado barricadas e, por duas vezes, tinham-nos deixado passar sem perguntas graças à carrinha em que seguiam.

Supostamente, o apartamento de Jack Kincaid ficava por cima de uma garagem. Tinha uma escada exterior de madeira, com uma porta no cimo. Neumann saiu da carrinha e subiu as escadas, puxando instintivamente da Mauser ao aproximar-se da porta. Bateu suavemente, mas ninguém respondeu. Experimentou o trinco; a porta estava destrancada. Abriu-a e entrou.

Foi imediatamente assaltado pelo fedor do lugar: lixo em decomposição, cigarros velhos, corpos sujos, um cheiro opressivo a álcool. Experimentou o interruptor, mas não aconteceu nada. Tirou a lanterna do bolso e acendeu-a. O feixe apanhou a figura de um homem grande a dormir num colchão sem lençóis. Neumann avançou cautelosamente pelo quarto imundo e deu um pequeno toque no homem com a biqueira da bota.

— É o Jack Kincaid?

— Sou. E quem é você?

— Chamo-me James Porter. Ficou de me dar boleia no seu barco.

— Oh, sim, sim.

Kincaid tentou sentar-se no colchão, mas não conseguiu. Neumann apontou-lhe a luz à cara. Tinha pelo menos sessenta anos e a sua cara angulosa mostrava os sinais de um alcoolismo desregrado.

— Bebeu um pouco ontem à noite, Jack? — perguntou Neumann.

— Um pouco.

— Qual é o seu barco, Jack?

— O Camilla.

— E onde está ele exatamente?

— Lá em baixo, no cais. É impossível não dar por ele. Kincaid estava a perder os sentidos outra vez.

— Não se importa que eu o leve emprestado por um bocadinho, pois não, Jack?

Kincaid não respondeu, limitou-se a começar a rressonar profundamente.

— Muito obrigado, Jack.

Neumann saiu do apartamento e voltou a entrar na carrinha.

— O nosso capitão não está em condições de nos levar. Está bêbado que nem um cacho.

— E o barco?

— É o Camilla. Ele diz que está mesmo ali em baixo, no cais.

— E está lá mais qualquer coisa.

— O quê?

— Já vais ver daqui a um instante. Neumann viu surgir um polícia.

— Eles devem estar a vigiar a costa toda — disse Neumann.

— É uma pena. Outra baixa desnecessária.

— Vamos lá a despachar isso. Matei mais gente esta noite do que em todo o tempo que estive nos Fallschirmjäger.

— Porque achas que Vogel te mandou para aqui? Neumann não respondeu.

— Então e a Jenny?

— Ela vem connosco.

— Quero deixá-la aqui. Ela já não nos serve de nada.

— Não me parece. Se a encontrarem, pode dizer-lhes muita coisa. Além disso, se eles sabem que temos um refém a bordo, vão pensar duas vezes sobre as medidas a tomar para nos deter.

— Se estás a sugerir que vão hesitar em disparar sobre nós por termos uma civil britânica a bordo, estás enganada. Estão demasiadas coisas em jogo para isso. Matam-nos a todos, se for necessário.

— Então que seja. Mas ela vem connosco. Quando chegarmos ao submarino, deixamo-la ficar no barco. Os britânicos vão salvá-la e não lhe vai acontecer mal nenhum.

Neumann percebeu que continuar a discutir com ela seria uma

perda de tempo. Catherine voltou-se para trás e, em inglês, disse a Jenny:

— Acabaram-se os heroísmos. Se te mexeres, dou-te um tiro na cara.

Neumann abanou a cabeça. Ligou o motor, pôs a carrinha em primeira e seguiu para o cais.

O polícia que se encontrava no cais ouviu o som de um motor parou e olhou para cima. Avistou a carrinha da polícia a dirigir-se para ele. Estranho, pensou, pois só estava previsto ser substituído às oito horas. Viu a carrinha parar e duas pessoas saírem. Esforçou-se por perceber quem eram no meio da escuridão, mas passados alguns segundos deu-se conta de que não eram polícias. Eram um homem e uma mulher, muito provavelmente os fugitivos!

Foi então que teve uma sensação de desânimo. Estava armado apenas com um revólver anterior à guerra e que encravava frequentemente. A mulher vinha na sua direção. O braço dela ergueu-se e houve um clarão, mas praticamente nenhum som, apenas um baque abafado. Sentiu a bala rasgar-lhe o peito e teve consciência da perda de equilíbrio.

A última coisa que viu foi a água suja do Humber a avançar subitamente na sua direção.

Ian McMann era um pescador que acreditava que o sangue celta que lhe corria nas veias lhe dava poderes que os meros mortais não possuíam. Ao longo dos sessenta anos passados junto ao mar do Norte, afirmou ter ouvido pedidos de socorro antes de serem enviados. Afirmava ver os fantasmas de homens desaparecidos no mar a pairar por cima dos desembarcadouros e dos portos. Afirmava saber que alguns navios estavam amaldiçoados e que nunca se aproximaria deles. Toda a gente em Cleethorpes aceitava tudo isso como verdadeiro, mas, em privado, sugeria-se que Ian McMann tinha passado demasiadas noites no mar.

McMann tinha-se levantado, como habitualmente, às cinco horas, apesar de as péssimas previsões meteorológicas indicarem condições que manteriam todos os barcos fora de água o dia inteiro. Estava a comer papas de aveia ao pequeno-almoço, sentado à mesa da cozinha, quando ouviu um barulho lá fora, no cais.

O bater da chuva tornava difícil distinguir qualquer outro som, mas McMann podia jurar ter ouvido alguém ou qualquer coisa a cair na água. Sabia que havia um polícia lá fora — na noite anterior, tinha-lhe levado chá e uma fatia de bolo antes de se ir deitar — e sabia por que razão lá estava. O polícia estava á procura de dois suspeitos de homicídio de Londres. McMann suspeitava que não fossem suspeitos de homicídio vulgares. Vivia em Cleethorpes há vinte anos e nunca tinha ouvido falar da polícia local a vigiar a zona do porto.

A janela da cozinha do chalé de McMann tinha uma vista excelente para o cais e, mais adiante, para a foz do Humber. McMann levantou-se, abriu as cortinas e olhou lá para fora. Não havia sinal do polícia. McMann enfiou um oleado e um chapéu impermeável, foi buscar a lanterna à mesa ao lado da porta e saiu.

Acendeu a lanterna e começou a andar. Depois de alguns passos, ouviu o barulho do motor a diesel de um barco a pegar. Andou mais depressa, até conseguir ver que barco era: o Camiíla, o barco de Jack Kincaid.

McMann pensou: Mas ele está maluco, a sair com uma tempestade destas?

Começou a correr e gritou:

— Jack, Jack! Para! Onde pensas que vais?

Foi então que percebeu que o homem que estava a desamarrar o Camiíla do cais e a saltar para o convés de popa não era Jack Kincaid. Alguém estava a roubar o barco.

Olhou em redor, à procura do polícia, mas ele tinha desaparecido. O homem entrou na casa do leme, acelerou e o Camiíla afastou-se do cais.

McMann correu atrás do barco e gritou:

— Volte já aqui!

Nessa altura, uma segunda pessoa saiu da casa do leme. McMann viu o clarão de um disparo, mas não ouviu nada. Sentiu a bala a passar ao lado da cabeça, perigosamente perto. Atirou-se para o chão, escondendo-se atrás de um par de bidões vazios. O cais foi atingido por mais duas balas e depois o tiroteio terminou.

Pôs-se de pé e viu a popa do Camiíla a afastar-se pelo mar.

Foi só então que McMann viu uma coisa a flutuar na água oleosa ao largo do cais.

— Acho que é melhor ser o senhor a ouvir isto, major Vicary.

Vicary pegou no auscultador que Lockwood lhe estendeu. Ian McMann estava a telefonar de Cleethorpes. Lockwood disse:

— Comece do princípio, Ian.

— Duas pessoas acabaram de roubar o barco de pesca de Jack Kincaid e dirigem-se para alto-mar.

Vicary vociferou:

— Meu Deus! De onde está a ligar?

— De Cleethorpes.

Vicary lançou uma olhadela ao mapa.

— Cleethorpes? Não tínhamos um homem aí?

— Tinham — retorquiu McMann. — Está neste preciso momento a boiar na água com uma bala no coração.

Vicary praguejou em voz baixa e, a seguir, perguntou:

— Quantas pessoas é que lá estavam?
— Que eu visse, pelo menos duas.
— Um homem e uma mulher?
— Demasiado longe e demasiado escuro. Além disso, quando começaram a disparar contra mim, atirei-me para o chão.
— E não viu uma rapariguinha com eles?
— Não.
Vicary tapou o auscultador com a palma da mão.
— Talvez ela ainda esteja naquela carrinha. Ponha um homem lá o mais depressa possível.
Lockwood assentiu com a cabeça. Vicary tirou a mão do auscultador e disse:
— Fale-me do barco que eles roubaram.
— O Camilla é uma embarcação de pesca. O barco está em más condições. Eu não queria estar a bordo do Camilla a ir para o mar alto com uma tempestade destas.
— Só mais uma pergunta. O Camilla tem rádio?
— Não, que eu saiba, não.
Vicary pensou: Graças a Deus! Disse:
— Obrigado pela sua ajuda.
Vicary desligou o telefone. Lockwood estava parado diante do mapa.
— Bem, a boa notícia é que agora sabemos exatamente onde eles estão. Têm de atravessar a foz do Humber antes de atingirem o mar alto. Isso fica apenas a um quilómetro e meio do cais. Não há maneira de conseguirmos impedi-los de fazer isso. Mas se aquelas corvetas da Marinha Real se posicionarem ao largo de Spurn Head, eles nunca vão conseguir passar. Aquele barco de pesca em que vão não está à altura delas.
— Sentia-me melhor se tivéssemos o nosso próprio barco na água.
— Na realidade, isso até se pode arranjar.
— A sério?
— A polícia do condado de Lincolnshire tem um pequeno barco no rio, o Rebecca. Neste momento, está em Grimsby. Não foi concebido para o mar alto, mas pode fazê-lo num aperto. E também é bastante mais rápido do que aquele velho barco de pesca. Se nos pusermos a caminho imediatamente, devemos poder apanhá-los em pouco tempo.
— E o Rebecca tem rádio?
— Sim. Vamos poder falar convosco para aqui.
— Então e armas?
— Posso ir buscar umas espingardas velhas à prisão da esquadra da polícia de Grimsby. Vão dar conta do recado.
— Agora, só precisamos de uma tripulação. Leve os meus homens.

Eu fico aqui para poder continuar em contacto com Londres. A última coisa de que precisa é que eu vá a bordo de um barco com um tempo destes.

Lockwood conseguiu esboçar um sorriso, deu uma palmadinha nas costas de Vicary e saiu. Clive Roach, Harry Dalton e Peter Jordan seguiram-no. Vicary pegou no telefone para dar as notícias a Boothby, em Londres.

Neumann não se afastou dos marcadores do canal, com o Camilla a avançar pelas águas agitadas da foz do Humber. O barco tinha cerca de doze metros, era largo e precisava urgentemente de uma pintura. Havia uma pequena cabine à ré, onde Neumann tinha deixado Jenny. Catherine estava ao lado dele, na casa do leme. O céu estava a começar a clarear ligeiramente a leste. A chuva rufava na vidraça. A bombordo, via as ondas a rebentarem em Spurn Head. O farol estava apagado. Havia uma bússola no painel de instrumentos, ao lado do leme. Neumann colocou o barco numa rota para leste, acelerou a fundo e dirigiu-se para o mar alto.

SESSENTA

MAR DO NORTE, AO LARGO DE SPURN HEAD

O U-509 flutuava logo abaixo da superfície. Eram 5h30. O Kapitänleutnant Max Hoffman estava na sala de comando a espreitar pelo periscópio e a beber café. Os olhos doíam-lhe por ter passado a noite inteira a olhar fixamente para o negrume do mar. A cabeça latejava-lhe. Precisava desesperadamente de dormir umas horas.

O seu imediato surgiu na ponte de comando.

— Só nos restam mais trinta minutos, Herr Kaleu.

— Tenho noção do tempo de que dispomos, senhor imediato.

— Não voltámos a receber comunicações dos agentes da Abwehr, Herr Kaleu. Penso que temos de considerar a possibilidade de terem sido capturados ou mortos.

— Já considereei essa possibilidade, senhor imediato.

— Daqui a nada vai amanhecer, Herr Kaleu.

— Sim. É um fenómeno que ocorre todos os dias por volta desta hora. Até no Reino Unido, senhor imediato.

— O que eu quero dizer é que não é seguro ficarmos tão perto da costa inglesa por muito mais tempo. A profundidade nesta zona não é suficiente para nos podermos escapar às wabos britânicas — explicou o imediato, utilizando a gíria comum entre os tripulantes de submarino alemães para se referirem às cargas de profundidade.

— Tenho perfeita consciência dos perigos que a situação envolve, senhor imediato. Mas vamos continuar no ponto de encontro até não nos restar mais tempo. E depois disso, se eu achar que ainda é seguro, vamos continuar um bocadinho mais.

— Mas, Herr Kaleu...

— Eles enviaram-nos um sinal de rádio fidedigno a avisar-nos de que vinham a caminho. Temos de partir do princípio de que vêm num barco roubado, provavelmente com pouquíssimas condições de navegabilidade, e também temos de partir do princípio de que estão exaustos ou até feridos. Vamos ficar aqui até eles chegarem ou eu estar completamente convencido de que já não vêm. Entendido?

— Sim, Herr Kaleu.

O imediato foi-se embora. Hoffman pensou: Mas que chato do caraças.

O Kebecca tinha cerca de dez metros de comprimento, com um calado raso, um motor interior e uma casa do leme no meio, onde mal cabiam dois homens lado a lado. Lockwood tinha telefonado de antemão e o motor do Rebecca já estava a trabalhar quando eles lá chegaram.

Os quatro homens subiram a bordo: Lockwood, Harry, Jordan e Roach. Um dos rapazes que trabalhava na doca soltou a última amarra e Lockwood conduziu o barco em direção ao canal.

Acelerou a fundo. O ruído do motor aumentou; a proa esguia ergueu-se para fora da água e depois avançou a toda a velocidade pela ondulação provocada pelo vento. A noite clareava no céu a leste. A silhueta do farol era visível a bombordo. O mar à frente deles estava deserto.

Harry baixou-se, levantou o auscultador do rádio e entrou em contacto com Vicary para o pôr ao corrente da situação.

Oito quilómetros para leste do Kebecca, a corveta número 745 navegava num ziguezague entediante por mares revoltos. O capitão e o imediato encontravam-se na ponte de comando, de binóculos encostados aos olhos, a tentarem ver alguma coisa através de uma cortina de chuva. Era escusado. Além da escuridão e da chuva, instalara-se um nevoeiro que reduzia ainda mais a visibilidade. Face a condições dessas, podiam passar a cem metros de um submarino alemão sem o verem sequer. O capitão dirigiu-se para a mesa das cartas de navegação, onde o navegador estava a preparar a mudança de trajetória seguinte. Quando o capitão deu a ordem, a corveta virou 90 graus para estibordo e embrenhou-se ainda mais no mar. A seguir, ordenou ao operador de rádio que informasse a Sala de Localização de Submarinos do seu novo rumo.

Em Londres, Arthur Braithwaite estava junto da mesa com o mapa, apoiando-se pronunciadamente na bengala. Tinha-se certificado de que todas as atualizações da Marinha Real e da RAF passariam pela sua secretária assim que fossem recebidas. Sabia que as probabilidades de encontrar um submarino naquelas condições meteorológicas e de luminosidade eram remotas, mesmo que o submarino se encontrasse à superfície. Se o submarino estivesse à espreita logo abaixo da superfície, seria quase impossível.

O seu assessor entregou-lhe uma cópia de uma comunicação via rádio. A corveta número 745 tinha acabado de mudar de trajetória e seguia naquele momento em direção a leste. Uma segunda corveta, a número 128, estava a pouco mais de três quilómetros de distância e a avançar para sul. Braithwaite debruçou-se sobre a mesa, fechou os olhos e tentou imaginar a busca na cabeça. Pensou: Maldito seja, Max Hoffman! Onde raio estás?

O Camilla, embora Horst Neumann não se tivesse apercebido

disso, estava precisamente onze quilómetros a leste de Spurn Head. As condições meteorológicas pareciam estar a piorar a cada minuto. A chuva caía, criando uma cortina opaca, e martelava a vidraça da casa do leme, dificultando a visão. O vento e a corrente, ambos a fustigarem o barco a partir do norte, não paravam de os desviar ligeiramente do rumo. com a ajuda da bússola do painel de instrumentos, Neumann esforçava-se por mante-los na sua rota em direção a leste.

O maior problema era o mar. A meia hora anterior tinha sido uma repetição implacável do mesmo ciclo agonizante. O barco escalava uma onda, ficava a balançar-se no cimo dela por um instante e depois caía a pique na depressão entre as ondas. Lá em baixo, o barco parecia sempre estar prestes a ser engolido por um desfiladeiro verde-acinzentado de água. O convés era constantemente varrido pelas ondas. Neumann já não conseguia sentir os pés. Baixou os olhos pela primeira vez e reparou que estava rodeado por vários centímetros de água gelada.

Ainda assim, milagrosamente, achava que até iriam conseguir. O barco parecia estar a absorver toda a violência que o mar lhe conseguia infligir. Eram 5h30 — ainda lhes restavam trinta minutos até o submarino dar meia-volta. Tinha sido capaz de manter o barco numa trajetória constante e estava convicto de que se estavam a aproximar do ponto certo. E não havia sinal do inimigo.

Só havia um problema: não tinham rádio. Tinham ficado sem o de Catherine, em Londres, e tinham ficado sem o segundo graças ao tiro de caçadeira de Martin Colville, em Hampton Sands. Neumann tinha esperança de que o barco tivesse um rádio, mas não tinha. O que os impossibilitava de comunicar com o submarino.

Neumann tinha apenas uma opção: ligar as luzes de navegação do barco.

Era um risco, mas necessário. A única maneira de o submarino perceber que eles se encontravam no ponto de encontro era se os conseguisse ver. E a única maneira de o Camilla poder ser visto naquelas condições meteorológicas era se tivesse as luzes ligadas. Mas se o submarino os conseguisse ver, o mesmo seria válido para qualquer navio de guerra ou da guarda costeira britânica que se encontrasse nas proximidades.

Neumann calculou que estivessem a poucos quilómetros do ponto de encontro. Continuou a acelerar a fundo durante mais cinco minutos e, a seguir, baixou-se e carregou num interruptor, e o Camilla encheu-se de luz.

Jenny Colville debruçou-se sobre o balde e vomitou lá para dentro pela terceira vez. Perguntou-se como poderia haver ainda qualquer coisa para lhe sair do estômago. Tentou lembrar-se da última vez que

tinha comido. Não jantara na noite anterior por estar zangada com o pai e também não tinha almoçado nada. Talvez qualquer coisa ao pequeno-almoço, mas isso não tinha sido mais do que uma bolacha e chá.

O estômago entrou novamente em convulsões, mas desta vez não saiu de lá nada. Tinha vivido a vida inteira junto ao mar, mas só andara de barco uma vez — passando o dia a passear pela Wash, com o pai de uma amiga da escola — e nunca sentira nada assim.

Estava completamente paralisada de tão enjoada. Queria morrer, precisava desesperadamente de ar fresco. Não podia fazer nada perante o balançar constante do barco. Tinha os braços e as pernas cheios de nódoas negras por causa das sucessivas pancadas. E depois havia o barulho — o ribombar e o estrépito ensurdecedores e constantes do motor do barco.

Dava a sensação de estar mesmo por baixo dela.

Tudo o que mais queria era sair do barco e regressar a terra. Disse a si própria sem parar que, se sobrevivesse àquela noite, não voltaria a entrar num barco, nunca mais. E foi então que pensou: O que é que vai acontecer quando eles chegarem ao sítio para onde vão? O que vão fazer comigo? com certeza que não vão neste barco até à Alemanha, ou será que vão? O mais provável era irem ter com outro barco. E depois o que é que acontece? Será que a iriam levar de novo com eles ou deixá-la sozinha no barco? Se a deixassem sozinha, era possível que nunca a encontrassem. Poderia morrer sozinha, algures no mar do Norte, numa tempestade igual àquela.

O barco deslizou por mais uma enorme onda abaixo. Na cabine, Jenny foi atirada para a frente, batendo com a cabeça.

O porão tinha duas vigias de cada lado. com as mãos amarradas, desembaciou a vigia de estibordo e espreitou lá para fora. O mar era aterrador, montanhas verdes e ondulantes de água.

Mas havia ali mais qualquer coisa. O mar agitou-se e uma coisa escura e brilhante irrompeu da superfície. A seguir, o mar entrou num turbilhão e uma gigantesca coisa cinzenta, como um monstro marinho num conto infantil, subiu à superfície com a água a escorrer-lhe da pele.

O Kapitánleutnant Max Hoffman, farto de aguentar o submarino a quinze quilómetros de distância da costa, tinha resolvido arriscar e aproximar-se mais dois ou três quilómetros. Estava à espera a treze quilómetros da costa, a espreitar para a escuridão, quando avistou de repente as luzes de navegação de um pequeno barco de pesca. com um grito, Hoffman ordenou que o submarino subisse à superfície e, passados dois minutos, já estava na ponte de comando, a sentir a forte chuvada e a respirar o ar frio e limpo, com os binóculos colados aos olhos.

De início, Neumann pensou que pudesse ser uma alucinação. O vislumbre tinha sido breve — apenas um instante, antes de o barco mergulhar em mais uma depressão entre as ondas e tudo se obliterar uma vez mais.

A proa enterrou-se no mar profundamente, como uma pá na terra, e, durante alguns segundos, toda a cobertura ficou submersa na água. Mas, de alguma forma, o barco conseguiu sair dessa depressão e escalar o pico seguinte. No topo da onda seguinte, uma forte chuvada, varrida pelo vento, impedia a visão por completo.

O barco caiu e depois voltou a erguer-se. Foi então que, com o Camilla no cimo de uma montanha de água, Horst Neumann avistou a silhueta inconfundível de um submarino alemão.

Peter Jordan, no convés de popa do Rebecca, foi o primeiro a ver o submarino. Lockwood viu-o passados uns segundos e, a seguir, avistou as luzes de navegação do Camilla a cerca de quatrocentos metros do estibordo do submarino e a aproximar-se rapidamente. Lockwood fez o Rebecca guinar para bombordo, colocando-o em rota de colisão com o Camilla, e pegou no auscultador para contactar Alfred Vicary.

Vicary levantou o auscultador da linha aberta para a Sala de Localização de Submarinos.

— Comandante Braithwaite, está a ouvir-me?

— Sim, estou. E também ouvi a conversa toda que acabou de ter.

— E então?

— Acho que temos um problema grave. A corveta 745 está um quilómetro e meio para sul da posição do submarino. Já contactei o capitão via rádio e ele está a dirigir-se para lá neste momento. Mas se o Camilla estiver realmente apenas a quatrocentos metros do submarino, vai lá chegar primeiro.

— Maldição!

— Mas ainda tem outro trunfo, senhor Vicary, o Kebecca. Sugiro que o utilize. Os seus homens têm de fazer qualquer coisa para atrasar aquele barco e dar à corveta possibilidade de intervir.

Vicary pousou o auscultador e levantou o do rádio.

— Superintendente Lockwood, daqui Grimsby, escuto.

— Lockwood, escuto.

— Superintendente, ouça com atenção. Vem aí ajuda, mas, enquanto ela não chega, quero que abalroe esse barco de pesca.

Todos eles ouviram — Lockwood, Harry, Roach e Jordan -, pois estavam os quatro apinhados na cabine, abrigando-se do mau tempo.

Lockwood, gritando por cima do barulho do vento e do ribombar dos motores do Rebecca, perguntou:

— Mas ele estará louco?

— Não — respondeu Harry -, apenas desesperado. Consegue lá

chegar a tempo?

— Claro, mas vamos ficar de caras para os canhões da coberta daquele submarino.

Olharam todos uns para os outros, sem dizerem nada. Por fim, Lockwood afirmou:

— Estão coletes salva-vidas nesse cacifo aí atrás. E tragam as espingardas. Tenho um pressentimento que podemos precisar delas.

Lockwood olhou novamente para o mar e deu com o Camilla. Fez uma ligeira correção na trajetória e acelerou a fundo.

Na ponte de comando do U-509, Max Hoffman avistou o Rebecca a aproximar-se rapidamente.

— Temos companhia, senhor imediato. Um barco civil, com três ou quatro homens a bordo.

— Estou a vê-los, Herr Kaleu.

— Tendo em conta a velocidade e a trajetória, diria que se trata do inimigo.

— Parecem estar desarmados, Herr Kaleu.

— Sim. Disparem um tiro de aviso com a artilharia da coberta da proa. Disparem para a frente da proa. Não quero que se derrame sangue desnecessariamente. Se eles não desistirem, disparem diretamente para o barco. Mas para a linha de água, senhor imediato, não para a cabine.

— Sim, Herr Kaleu — ripostou o imediato.

Hoffman ouviu ordens a serem gritadas e, passados trinta segundos, o primeiro tiro do canhão Bootskanone na dianteira da coberta do U-509 estava a fazer um arco por cima da proa do Rebecca.

Apesar de os submarinos alemães raramente se envolverem em combates de artilharia à superfície, o projétil de 10,5 centímetros do canhão da coberta era capaz de infligir danos letais, mesmo em barcos grandes. O primeiro tiro passou bem longe da proa do Rebecca. O segundo, disparado dez segundos depois, ficou bem mais perto.

Lockwood virou-se para Harry e gritou:

— Cá para mim, é o último aviso a que temos direito. O próximo tiro vai rebentar connosco. A decisão é sua, mas não vamos poder ajudar ninguém se estivermos mortos.

Harry gritou:

— Dê meia-volta!

Lockwood guinou o Rebecca para bombordo e deu meia-volta. Harry olhou para trás, na direção do submarino. O Camilla estava a duzentos metros e a aproximar-se cada vez mais, e não havia absolutamente nada que eles pudessem fazer. Pensou: Maldição! Onde está essa corveta?

A seguir, levantou o auscultador e informou Vicary de que não podiam fazer nada para os deter.

Jenny ouviu o estrondo do canhão do submarino a disparar e viu o projétil avançar em grande velocidade pela linha de água, em direção a um segundo barco. Pensou:

Graças a Deus! Afinal de contas, não estou sozinha. Mas o submarino voltou a disparar e, uns segundos mais tarde, ela viu o pequeno barco dar meia-volta e perdeu o ânimo.

A seguir, fez-se forte e pensou: Eles são agentes alemães. Mataram o meu pai e mais seis pessoas esta noite e estão prestes a escapar impunes. Tenho de fazer alguma coisa para os impedir.

Mas que podia ela fazer? Estava sozinha e tinha as mãos e os pés amarrados. Pensou em tentar libertar-se, subir sorratamente para o convés e bater-lhes com qualquer coisa. Mas, se a vissem, não hesitariam em matá-la. Talvez pudesse pegar fogo a qualquer coisa, mas depois ficaria encurralada com o fumo e as chamas e seria a única a morrer...

Pensa, Jenny! Pensa!

Era difícil pensar com o ribombar constante do motor do barco. Estava a deixá-la louca.

E foi então que pensou: Sim, é isso!

Se pudesse de algum modo inutilizar o motor — nem que fosse só por um momento — talvez isso pudesse ajudar. Se estava um barco a persegui-los, era possível que estivessem mais — se calhar, barcos maiores, que poderiam ripostar contra o submarino alemão.

Pelo som, o motor parecia estar mesmo por baixo dela, já que o barulho era tanto. Levantou-se a muito custo e afastou o emaranhado de cordas e lonas em cima do qual tinha estado sentada. E ali estava — uma porta embutida no chão do porão. Conseguiu abri-la e foi dominada de imediato pelo barulho atroz e pelo calor do motor do Camilla.

Olhou para ele. Jenny não percebia nada de motores. Uma vez, Sean tinha tentado explicar-lhe as reparações que estava a fazer na carripana velha que era a sua carrinha. Havia sempre um problema qualquer com o raio da coisa, mas qual era mesmo? Qualquer coisa a ver com os tubos e a bomba de combustível. De certeza que aquele motor era diferente do motor da carrinha de Sean. Era um motor a diesel, logo para começar; a carrinha de Sean funcionava a gasolina. Mas ela sabia uma coisa: independentemente do tipo de motor, precisava de combustível para trabalhar. Se o abastecimento de combustível fosse cortado, o motor deixaria de funcionar.

Mas como? Olhou com atenção para o motor. Vários tubos metálicos pretos saíam da parte de cima e convergiam num único ponto, na parte lateral do motor. Será que eram os tubos de combustível? E seria o ponto onde se ligavam à bomba de combustível?

Olhou em redor. Precisava de ferramentas. Os marinheiros andavam sempre com ferramentas. Afinal de contas, o que acontece se o motor for abaixo no meio do mar? Descobriu uma caixa de ferramentas metálica na outra ponta da cabine e rastejou até lá. Espreitou pela vigia. O submarino enchia-lhe o seu campo de visão. Já estavam muito perto. Viu o outro barco. Tinha-se afastado. Abriu a caixa e viu que estava repleta de ferramentas imundas e cheias de óleo.

Tirou duas, um alicate laminado e um grande martelo.

Agarrou o alicate com as mãos, virou a ponta para os pulsos e começou a cortar a corda. Demorou cerca de um minuto a soltar as mãos. A seguir, serviu-se do alicate para cortar a corda à volta dos tornozelos.

Rastejou outra vez para junto do motor.

Pousou o alicate no chão e escondeu-o por baixo de uma corda toda emaranhada. Depois baixou-se, pegou no martelo e destruiu o primeiro tubo de combustível. Rompeu-se, ficando a deitar diesel. Rapidamente, bateu com o martelo mais uma série de vezes, até o último tubo de combustível ter sido rebentado.

O motor deixou de funcionar.

Sem o barulho, Jenny pôde finalmente ouvir o bramido do mar e do vento. Fechou a porta que dava para o motor mutilado e sentou-se. Tinha o martelo ao lado da mão direita.

Sabia que Neumann ou a mulher desceriam dentro de poucos segundos para investigar. E, quando o fizessem, perceberiam que Jenny tinha sabotado o motor.

A porta abriu-se de rompante e Neumann desceu a escada de escotilha a toda a velocidade. Tinha o rosto contorcido, como naquela manhã em que Jenny o vira a correr na praia. Olhou para ela e reparou que já não tinha as mãos e os pés amarrados. Baixou os olhos e reparou que o material que ali se encontrava tinha sido afastado para um canto.

Gritou:

— Jenny, o que fizeste?

O barco, sem motor a funcionar, deslizava, desamparado, por uma onda.

Neumann debruçou-se e abriu a escotilha.

Jenny agarrou no martelo e pôs-se de joelhos. Ergueu o martelo bem alto e acertou-lhe na nuca com o máximo de força possível. Neumann caiu no chão, com o sangue a correr do crânio rachado.

Jenny virou a cara e vomitou.

O Kapitánleutnant Max Hoffman viu o Camilla a começar a balançar, desamparado, no mar agitado e apercebeu-se de imediato de

que o barco tinha ficado sem motor. Sabia que tinha de agir depressa. Sem propulsão, o barco afundaria. Talvez até se virasse ao contrário. E se os agentes fossem atirados para dentro do gelado mar do Norte, morreriam numa questão de minutos.

— Senhor imediato! Leve-nos até ao barco e tenha um grupo preparado para subir a bordo.

— Sim, Herr Kaleu!

Hoffman sentiu a vibração das hélices do motor a diesel a girarem sob os seus pés à medida que o submarino avançava lentamente.

Jenny recebeu tê-lo matado. Ele ficou completamente imóvel durante um momento; a seguir, começou a mexer-se e, de alguma forma, conseguiu levantar-se. Quase não se aguentava em pé. Ela poderia facilmente ter-lhe acertado com o martelo novamente, mas não conseguiu arranjar coragem nem vontade para o fazer. Estava indefeso, agarrado à parede da cabine. O sangue jorrava-lhe da ferida para a cara, pelo pescoço abaixo. Ergueu a mão e limpou o sangue dos olhos.

— Não saias daqui. Se subires para o convés, ela mata-te. Faz o que te digo, Jenny.

Neumann subiu a escada de escotilha com grande dificuldade. Catherine olhou para ele, com a inquietação estampada no rosto.

— Caí e bati com a cabeça quando o barco se inclinou. O motor deixou de funcionar.

Tinha a lanterna ao lado do leme. Pegou nela e avançou pelo convés. Apontou a lanterna para a torre de comando do submarino e lançou um pedido de socorro. O submarino estava a aproximar-se deles com uma lentidão agonizante. Virou-se para trás e fez sinal a Catherine para se juntar a ele na coberta da proa. A chuva limpou-lhe o sangue da cara. Olhou para cima, sentindo-a a fustigá-lo, e agitou os braços na direção do submarino.

Catherine foi ter com ele. Mal conseguia acreditar. Na tarde anterior, estavam sentados num café em Mayfair, rodeados por agentes do MI5, e agora, milagrosamente, estavam prestes a subir a bordo de um submarino e partir dali para fora. Seis longos e dolorosamente solitários anos — por fim, terminados. Nunca tinha acreditado que esse dia chegasse. Nunca se tinha atrevido realmente a imaginá-lo. A emoção daquele momento apoderou-se dela. Solto um grito de alegria infantil e, tal como Neumann, voltou a cara para a chuva, agitando os braços na direção do submarino.

A parte da frente de metal do submarino encostou na proa do Camilla. Um grupo avançou apressadamente pelo convés do submarino na direção deles. Catherine abraçou Neumann e apertou-o com muita força.

— Conseguimos — disse ela. — Chegámos a tempo. Vamos para

casa.

Na casa do leme do Rebecca, Harry Dalton descreveu a situação a Vicary, em Grimsby. Vicary, por sua vez, descreveu-a a Arthur Braithwaite, na sala de localização de submarinos.

— Raios partam, comandante! Onde é que está essa corveta?

— Está mesmo colada a eles. Só que não consegue ver nada por causa do mau tempo.

— Então diga ao capitão para fazer alguma coisa! Os meus homens não podem fazer nada para os deter.

— E que ordens é que eu devo dar ao capitão?

— Para disparar sobre o barco e matar esses espíões.

— Major Vicary, não nos podemos esquecer de que está uma rapariga inocente a bordo.

— Que Deus me perdoe por dizer isto, mas receio bem que não possamos estar preocupados com ela numa altura destas, comandante Braithwaite. Dê ordens ao capitão dessa corveta para atingir o Camilla com todo o arsenal que tiver.

— Entendido.

Vicary pousou o auscultador e pensou: Meu Deus, tornei-me mesmo um sacana completo.

O vento abriu um buraco momentâneo na cortina de chuva e nevoeiro. Na ponte de comando, o capitão da corveta 745 avistou o U-509 e o Camilla a cento e cinquenta metros da sua proa. Pelos binóculos, viu duas pessoas na cobertura do Camilla e uma equipa de salvamento no convés do submarino alemão. De imediato, deu ordem para disparar. Segundos depois, o canhão no convés da corveta abriu fogo.

Neumann ouviu os disparos. Os primeiros tiros passaram por cima. A segunda rajada atingiu o submarino com estrondo. A equipa de salvamento atirou-se para o chão do convés para evitar os tiros, ao mesmo tempo que os disparos se deslocavam do submarino para o Camilla. Não havia nenhum sítio na cobertura do barco de pesca que servisse de proteção. Os disparos atingiram Catherine. O seu corpo foi esfaçalhado num instante, com a cabeça a explodir num clarão de sangue e miolos.

Neumann desatou a correr, tentando chegar ao submarino. O primeiro tiro que o atingiu arrancou-lhe a perna pelo joelho. Gritou e arrastou-se. Um segundo tiro atingiu-o, cortando-lhe a espinha.

Não sentiu nada. O último tiro atingiu-o na cabeça e a seguir fez-se escuridão.

A observar da torre de comando, Max Hoffman ordenou ao imediato que passasse os motores a diesel para a potência máxima e submergisse o submarino o mais rápido possível. Passados poucos segundos, o U-509 estava a afastar-se a toda a velocidade. Dois

minutos mais tarde, mergulhou nas profundezas do mar do Norte e desapareceu.

Sozinho no mar e com o convés inundado de sangue, o Camilla começou a afundar-se.

O estado de espírito a bordo do Rebeaa era de euforia. Os quatro homens abraçaram-se ao observarem o submarino a dar meia-volta e a fugir a todo o vapor. Harry Dalton contactou Vicary e deu-lhe a novidade. Vicary fez dois telefonemas, o primeiro para a sala de localização de submarinos, para agradecer a Arthur Braithwaite, e o segundo para Sir Basil Boothby, para o informar de que tinha finalmente terminado tudo.

Jenny Colville sentiu o Camilla estremecer. Atirou-se para o chão, de barriga para baixo, e protegeu a cabeça com as mãos. Os disparos terminaram tão repentinamente como tinham começado. Foi então que ouviu o barulho do submarino a afastar-se e, por fim, apenas o ruído do mar. Estava demasiado aterrorizada para se mexer. O barco balançava loucamente. Imaginou que isso tivesse alguma coisa a ver com o motor avariado. Sem um motor que o fizesse avançar, o barco estava indefeso perante o ataque do mar. Ela tinha de se levantar, ir lá para fora e avisar os outros barcos de que estava ali, viva.

Obrigou-se a levantar-se, foi imediatamente derrubada pelos solavancos do barco e depois levantou-se outra vez. Subir a escada de escotilha revelou-se quase impossível. Conseguiu chegar por fim ao convés. O vento era tremendo. A chuva fustigava-a de lado. O barco parecia estar a deslocar-se em várias direções ao mesmo tempo: para cima e para baixo, para trás e para a frente, e a balançar de um lado para o outro. Era impossível uma pessoa aguentar-se de pé. Ela olhou para a proa e viu os corpos. Não tinham levado simplesmente um tiro e morrido. Tinham sido triturados, despedaçados, pelos disparos. O convés estava cor-de-rosa com todo o sangue que escorria. Jenny teve um vômito e desviou o olhar. Viu o submarino a mergulhar ao longe e a desaparecer sob a superfície do mar. Do outro lado do barco, viu um navio de guerra, cinzento, não muito grande, a vir na sua direção. Um segundo barco — o que ela já tinha visto pela vigia — estava a aproximar-se depressa.

Agitou os braços, gritou e começou a chorar. Queria dizer-lhes que tinha sido ela a consegui-lo. Ela é que tinha inutilizado o motor para que o barco parasse e os espiões não conseguissem chegar ao submarino. Estava cheia de um enorme e feroz orgulho.

O Camilla subiu uma onda gigantesca. Quando a onda lhe passou por baixo, o barco inclinou-se todo para bombordo. A seguir, caiu a pique na depressão entre as ondas e, ao mesmo tempo, endireitou-se e inclinou-se todo para estibordo. Jenny não conseguiu segurar-se no cimo da escada de escotilha. Foi atirada pelo convés e caiu ao mar.

O frio não se comparava a nada que já tivesse sentido: um frio horrível, entorpecedor e paralisante. Debateu-se para atingir a superfície e tentou abrir a boca para respirar, mas em vez disso engoliu água do mar. Afundou-se, sufocando, engasgando-se, com a água a encher-lhe o estômago e os pulmões. Esperneou até à superfície e conseguiu respirar um pouco antes de o mar voltar a puxá-la para baixo. Foi então que começou a cair, afundando-se lenta e agradavelmente, sem esforço algum. Já não tinha frio. Não sentia nem via nada. Apenas uma escuridão impenetrável.

O Rebecca foi o primeiro a chegar, com Lockwood e Roach na casa do leme e Harry e Peter Jordan na coberta da proa. Harry atou uma corda à bóia de salvamento, atando a outra ponta a um cunho na proa e atirando a bóia para o mar. Tinham visto Jenny subir uma segunda vez à superfície para respirar e desaparecer sob a superfície. Naquele momento, não havia nada, nem um único sinal dela. Lockwood fez avançar o Rebecca a fundo e a direito; a seguir, a poucos metros do Camilla, fez marcha atrás e parou o barco subitamente.

Jordan inclinou-se sobre a proa, à procura de qualquer sinal da rapariga. A seguir, endireitou-se e, sem aviso, mergulhou. Harry gritou a Lockwood:

— Jordan está dentro de água! Não se aproxime mais!

Jordan veio à superfície e tirou o colete salva-vidas. Harry berrou:

— O que está a fazer?

— Não consigo ir até ao fundo com esta maldita coisa enfiada!

Jordan encheu os pulmões de ar e desapareceu durante o que a Harry pareceu ser um minuto. O mar fustigava o Camilla a bombordo, abanando-o de um lado para o outro e impulsionando-o na direção do Rebecca. Harry olhou por cima do ombro e agitou os braços para Lockwood, na casa do leme.

— Recue um ou dois metros! O Camilla está mesmo em cima de nós!

Por fim, Jordan subiu à superfície novamente, trazendo Jenny consigo. Ela estava inconsciente, com a cabeça caída para o lado. Jordan desatou a corda da bóia e atou-a à volta de Jenny, por baixo dos braços. Levantou o polegar para Harry e este puxou-a até ao Rebecca. Clive Roach ajudou Harry a içá-la para o convés.

Jordan estava a espernear furiosamente, tentando manter-se à tona, com as ondas a passarem-lhe por cima da cara, e parecia exausto do frio. Harry desatou rapidamente a corda que prendia Jenny e atirou-a na direção dele — no preciso instante em que o Camilla se virou por fim, arrastando Peter Jordan para as profundezas do mar.

QUINTA PARTE

SESSENTA E UM

BERLIM, ABRIL DE 1944

Kurt Vogel estava à espera na antecâmara luxuosamente mobilada de Walter Schellenberg, observando o esquadrão de jovens assistentes a entrarem e a saírem freneticamente do gabinete. Loiros e de olhos azuis, parecia que tinham acabado de sair de um cartaz de propaganda nazi. Já tinham passado três horas desde que Schellenberg convocara Vogel para uma reunião urgente a propósito daquele infeliz assunto no Reino Unido, como se referia habitualmente à operação falhada de Vogel. Vogel não se importava de estar à espera; na verdade, não tinha nada melhor para fazer. Desde que Canaris fora demitido e a Abwehr absorvida pelas SS, os serviços secretos militares alemães pareciam um barco sem leme, precisamente quando Hitler mais necessitava deles. As velhas casas geminadas que se espalhavam por Tirpitz Ufer tinham adquirido o aspeto abatido de uma estância de férias decadente. O moral era tão baixo que muitos oficiais se estavam a oferecer para ir para a Frente Russa.

Vogel tinha outros planos.

Um dos assessores de Schellenberg saiu do gabinete, apontou um dedo acusador a Vogel e, sem dizer uma palavra, fez-lhe sinal para entrar. O gabinete era do tamanho de uma catedral gótica, com sumptuosos quadros a óleo e tapeçarias pendurados nas paredes, bem diferente do comedido Covil da Raposa de Canaris, em Tirpitz Ufer. A luz do Sol entrava obliquamente pelas janelas altas. Vogel olhou lá para fora. Os fogos provocados pelo ataque aéreo matinal iam-se extinguindo ao longo da Unter den Linden e uma fina camada de fuligem cobria o Tiergarten como neve preta.

Schellenberg sorriu calorosamente, apertou com força a mão esquelética de Vogel e fez-lhe sinal para se sentar. Vogel sabia que Schellenberg tinha metralhadoras na secretária e, por isso, não se mexeu um milímetro e manteve as mãos bem à vista. As portas fecharam-se e ficaram os dois sozinhos no gabinete cavernoso. Vogel sentiu que Schellenberg o estava a consumir com os olhos.

Embora Schellenberg e Himmler andassem há vários anos a maquinar contra Canaris, fora uma sucessão de infelizes acontecimentos que aniquilara por fim a Velha Raposa: a incapacidade

de prever a decisão da Argentina de cortar todas as ligações com a Alemanha; a perda de um posto vital de recolha de informações para a Abwehr na zona espanhola de Marrocos; a deserção de vários agentes importantes da Abwehr na Turquia, em Casablanca, Lisboa e Estocolmo. Mas a gota de água foi a desastrosa conclusão da operação de Vogel em Londres. Dois agentes da Abwehr — Horst Neumann e Catherine Blake — foram mortos mesmo à vista do submarino. Não puderam transmitir uma última mensagem, a explicar por que razão tinham decidido fugir de Inglaterra, deixando Vogel sem forma de aferir a autenticidade das informações sobre a Operação Mulberry que Catherine Blake tinha roubado. Hitler explodiu quando soube do acontecido. Despediu de imediato Canaris e colocou a Abwehr e os seus dezasseis mil agentes nas mãos de Schellenberg.

Sem saber bem como, Vogel sobreviveu. Schellenberg e Himmler suspeitavam que a operação tinha sido comprometida por Canaris. Vogel, como Catherine Blake e Horst Neumann, era uma vítima inocente da traição da Velha Raposa.

A teoria de Vogel era outra. Suspeitava que todas as informações roubadas por Catherine tinham sido plantadas pelos serviços secretos britânicos. Suspeitava que ela e Neumann tinham tentado fugir do Reino Unido quando Neumann descobriu que Catherine estava a ser seguida pelo inimigo. Suspeitava que a Operação Mulberry não era um complexo antiaéreo com destino ao Pás de Calais, mas sim um porto artificial a caminho das praias da Normandia. E também suspeitava que todos os outros agentes enviados para o Reino Unido se encontravam corrompidos — que tinham sido capturados e obrigados a colaborar com os serviços secretos britânicos, provavelmente desde o início da guerra.

No entanto, Vogel não tinha provas que servissem para fundamentar nada daquilo — sendo um bom advogado, não tencionava fazer acusações que não pudesse provar. Além disso, mesmo que tivesse provas, não tinha a certeza de que as teria dado a gente como Schellenberg e Himmler.

Um dos telefones na secretária de Schellenberg tocou. Era uma chamada que ele tinha de atender. Cautelosamente, resmungou e falou em código durante cinco minutos enquanto Vogel esperava. O nevão de fuligem tinha diminuído. As ruínas de Berlim brilhavam sob o sol de abril. Os vidros estilhaçados cintilavam como cristais de gelo.

Continuar na Abwehr e cooperar com o novo regime tinha as suas vantagens. Vogel tinha feito Gertrude, Nicole e Lizbet passarem discretamente da Baviera para a Suíça. Como um bom agente que comanda outros, financiara a operação através de uma complexa artimanha, transferindo fundos de contas secretas da Abwehr na Suíça para a conta de Gertrude, ocultando depois essa transferência com o

dinheiro que ele próprio possuía na Alemanha. Transferira para fora do país dinheiro que chegaria para viverem confortavelmente durante alguns anos quando a guerra terminasse. E possuía outra mais-valia, as informações que tinha na cabeça. Tinha a certeza de que os britânicos e os americanos pagariam muito bem, tanto com dinheiro como com proteção.

Schellenberg desligou o telefone e fez uma careta, como se lhe doesse o estômago.

— Muito bem — disse ele. — Vamos ao motivo que me levou a chamá-lo cá, capitão Vogel. Chegaram notícias muito interessantes de Londres.

— Ai sim? — retorquiu Vogel, erguendo a sobrançelha.

— Sim. A nossa fonte no MI5 tem uma informação muito importante.

Com um floreado, Schellenberg exibiu uma cópia de uma comunicação via rádio e entregou-a a Vogel. Ao lê-la, Vogel pensou: Notável, a subtileza da manipulação. Quando acabou de ler, estendeu o braço sobre a secretária e devolveu a cópia a Schellenberg.

Schellenberg afirmou:

— O MI5 punir disciplinarmente um homem que é amigo pessoal e confidente de Winston Churchill é algo de extraordinário. E a fonte está acima de qualquer suspeita. Fui eu próprio que o recrutei. Não é um dos lacaios do Canaris. Penso que isso prova que as informações roubadas pela sua agente eram genuínas, capitão Vogel.

— Sim, penso que tem razão, Herr Brigadeführer.

— O Fúhrer precisa de ser informado disto imediatamente. Vai reunir-se hoje à noite com o embaixador japonês, em Berchtesgaden, para o pôr ao corrente dos preparativos para a invasão. Tenho a certeza de que vai querer transmitir-lhe isto também.

Vogel assentiu com a cabeça.

— vou apanhar um avião que sai de Templehof daqui a uma hora. Gostava que me acompanhasse e informasse o Fiihrer pessoalmente. Afinal de contas, e antes de mais, a operação era sua. Além disso, o homem simpatiza consigo. O senhor tem um futuro francamente brilhante à sua frente, capitão Vogel.

— Obrigado pela proposta, Herr Brigadeführer, mas acho que o senhor é que devia dar a novidade ao Fúhrer.

— Tem a certeza, capitão Vogel?

— Sim, Herr Brigadeführer, tenho a certeza absoluta.

SESSENTA E DOIS

OYSTER BAY, LONG ISLAND

Foi o primeiro dia bom de primavera — sol quente e um vento suave que soprava do Sound. O dia anterior fora frio e húmido. Dorothy Lauterbach estava preocupada com a hipótese de o frio estragar a cerimónia fúnebre e a receção. Certificou-se de que todas as lareiras da casa tinham lenha e deu instruções ao responsável pela comida para terem bastante café quente pronto para quando os convidados chegassem. Mas, a meio da manhã, já o sol expulsara as últimas nuvens e a ilha resplandecia. Dorothy transferiu rapidamente a receção da casa para o relvado com vista para o Sound.

Shepherd Ramsey tinha trazido as coisas de Jordan de Londres: a roupa, os livros, as cartas, os documentos pessoais que os homens dos serviços de segurança não tinham confiscado. No avião de carga que o trouxe de Londres, Ramsey folheou as cartas para se certificar de que não faziam referência à mulher com quem Peter tinha um relacionamento em Londres antes de morrer.

Foi uma cerimónia fúnebre muito concorrida. Não havia corpo para enterrar, mas foi colocada uma pequena lápide ao lado da de Margaret. Todo o staff do banco de Bratton compareceu, tal como grande parte dos funcionários da Northeast Bridge Company. As famílias da North Shore também estiveram presentes — os Dutton, os Robinson e os Tetlinger. Billy manteve-se ao lado de Jane e Jane apoiou-se em Walker Hardegen. Bratton recebeu a bandeira americana das mãos de um representante da marinha.

O vento arrancou flores das árvores e lançou-as para cima da multidão como se fossem papelinhos de Carnaval.

Havia um homem ligeiramente afastado do resto das pessoas, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cabeça inclinada para baixo, em sinal de respeito. Era alto e magro e o fato cinzento de lã, com casaco assertoado, era um bocadinho pesado para o quente tempo primaveril.

Walker Hardegen foi a única pessoa que o reconheceu. Mas Hardegen não sabia o nome verdadeiro do homem. Ele usava sempre um pseudónimo que era tão ridículo que Hardegen tinha dificuldade em dizê-lo sem se rir.

O homem era o agente responsável por Hardegen e o pseudónimo

que usava era Broome.

Shepherd Ramsey trouxe a carta do homem de Londres. Dorothy e Bratton entraram discretamente na biblioteca e leram-na durante a refeição. Dorothy leu-a primeiro, com as mãos a tremerem. Estava mais velha, mais velha e mais grisalha. Uma queda nos degraus gelados da casa de Manhattan, em dezembro, tinha-a deixado com uma anca partida. O coxear que daí resultara roubara-lhe o antigo físico imponente. Tinha os olhos molhados quando acabou de ler a carta, mas não chorou. Dorothy fazia sempre as coisas com moderação. Passou a carta a Bratton, que chorou ao lê-la.

Caro Billy, É com grande tristeza que escrevo esta carta. Tive o prazer de trabalhar com o teu pai apenas por um período muito curto de tempo, mas achei-o um dos homens mais extraordinários que já conheci. Esteve envolvido num dos projetos mais vitais da guerra. No entanto, devido a exigências de segurança, há uma forte possibilidade de nunca vires a saber o que o teu pai fez.

Posso dizer-te isto: o trabalho feito pelo teu pai vai salvar inúmeras vidas e fazer com que os europeus se possam livrar de Mitler e dos nazis de uma vez por todas.

O teu pai deu verdadeiramente a vida para que outros pudessem viver. Foi um herói.

Mas nada que o teu pai tenha conseguido fazer lhe deu tanto prazer e satisfação como tu, Billy. Quando o teu pai falava de ti, a cara dele alterava-se. Os olhos iluminavam-se e ele sorria, mesmo que estivesse muito cansado. Eu nunca tive a sorte de ser abençoado com um filho. Ao ouvir o teu pai falar de ti, dei-me conta da imensidão do meu infortúnio.

Atenciosamente, Alfred Vicary Bratton devolveu a carta a Dorothy. Ela dobrou-a, voltou a colocá-la no envelope e guardou-a na gaveta de cima da secretária de Bratton. Dirigiu-se para a janela e olhou lá para fora.

Toda a gente estava a comer e a beber e parecia estar a divertir-se. Para lá da multidão, viu Billy, Jane e Walker sentados na relva junto à doca. Jane e Walker tinham-se tornado mais do que amigos. Tinham começado uma relação amorosa e Jane até falava em casamento. Dorothy pensou: Seria mesmo perfeito. Billy teria outra vez uma verdadeira família.

Havia algo de apropriado nisso, uma sensação de conclusão para tudo aquilo, que Dorothy considerava reconfortante. Estava outra vez quente e dentro de pouco tempo seria verão. As casas não tardariam muito a abrir e as festas começariam. A vida continua, disse a si própria. Margaret e Peter já cá não estão, mas não há dúvida de que a vida continua.

SESSENTA E TRÊS

GLOUCESTERSHIRE, INGLATERRA: SETEMBRO

DE 1944

Até Alfred Vicary ficou surpreso com a rapidez com que conseguira sair. Tecnicamente, tratava-se de uma licença administrativa até serem conhecidas as conclusões do inquérito interno. Vicary sabia que isso era uma terminologia pomposa que correspondia a um despedimento.

Perversamente, seguiu o conselho de Basil Boothby e fugiu para a casa da tia Matilda — nunca fora capaz de se habituar à ideia de que era sua — para ordenar as ideias. Os primeiros dias de exílio foram aterradores. Sentia falta da camaradagem do MI5. Sentia falta do seu gabinetezinho miserável. Até deu por si a sentir falta da cama de campanha, pois tinha perdido a bênção do sono profundo. Culpava a cama de casal de Matilda, que afundava cada vez mais — demasiado mole, com demasiado espaço para ele se debater com os seus pensamentos atormentados. Num raro clarão de inspiração, foi à loja da aldeia comprar uma nova cama de campanha. Instalou-a na sala de estar, ao lado da lareira, um local estranho, sabia-o, mas não planeava receber visitas. A partir dessa noite, começou a dormir tão bem como se poderia esperar.

Passou por um longo e triste período de inatividade. Mas, na primavera, quando o tempo aqueceu, concentrou a ilimitada energia acumulada na sua nova casa. Os vigias que o visitavam de vez em quando viram, horrorizados, Vicary atacar o jardim munido de uma tesoura de podar, de uma foice e dos óculos em meia-lua. Observaram-no, espantados, a pintar de novo o interior do chalé. Gerou-se uma discussão considerável à volta da cor por ele escolhida: um branco forte e rotineiro. Será que significava que o seu estado de espírito estava a melhorar ou estaria a transformar a casa num hospital e a dar entrada por um período prolongado?

A preocupação também era grande na aldeia. Poole, o homem da drogaria, diagnosticou o estado de espírito de Vicary como sendo de luto. Não é possível, disse Plenderleith, o homem da estufa, que dava conselhos a Vicary acerca do jardim. Nunca foi casado, nunca esteve apaixonado, ao que parece. Miss Lazenby, da loja de roupa, decretou

que estavam ambos errados. O pobre homem está apaixonado, qualquer pateta vê isso. E, pelo aspeto dele, o objeto da sua devoção não lhe retribui esse amor.

Mesmo que tivesse sabido dessa discussão, Vicary não teria sido capaz de a resolver, já que conhecia tão mal os seus próprios sentimentos como as pessoas que os testemunhavam. O chefe do seu departamento no University College enviou-lhe uma carta. Tivera conhecimento que Vicary já não se encontrava ao serviço do Ministério da Guerra e queria saber quando regressaria à universidade. Vicary rasgou a carta ao meio e queimou-a na lareira.

Já não havia nada em Londres para ele — apenas más recordações -, por isso, manteve-se longe. Só lá foi uma vez, numa manhã da primeira semana de junho, quando Sir Basil o chamou para ouvir os resultados do inquérito interno.

— Olá, Alfred! — gritou Sir Basil quando Vicary entrou no seu gabinete.

Lá dentro, brilhava uma suave luz cor de laranja. Boothby estava exatamente no centro do gabinete, como se quisesse espaço para manobrar para todos os lados. Trazia um fato cinzento que lhe assentava na perfeição e parecia mais alto do que Vicary se lembrava. O diretor-geral estava sentado no elegante sofá, com os dedos entrelaçados como se estivesse a rezar e os olhos fixos num ponto do tapete persa. Boothby com a mão direita em riste como uma baioneta, avançou na direção de Vicary. Tendo em conta o sorriso caótico estampado na cara de Boothby, Vicary não tinha a certeza se ele estava a planear abraçá-lo ou atacá-lo. E também não tinha a certeza daquilo que receava mais.

Mas o que Boothby fez de facto foi apertar a mão a Vicary com um bocadinho de simpatia a mais e pousar-lhe a sua patorra no ombro. Estava quente e húmida, como se tivesse acabado de jogar uma partida de ténis. Serviu-lhe ele próprio chá e fez conversa de circunstância enquanto Vicary fumava um último cigarro. A seguir, com considerável cerimónia, tirou da secretária o relatório final da comissão de inquérito e colocou-o em cima da mesa. Vicary não quis olhar para o documento diretamente.

Boothby explicou a Vicary, com um prazer excessivo, que não lhe era permitido ler a avaliação feita à sua própria operação. Mostrou-lhe antes um documento de uma só página, uma versão saneada que supostamente condensava e resumia o conteúdo do relatório. Vicary segurou-o com as duas mãos, mantendo-o bem esticado para que não tremesse enquanto o lia. Era um documento desprezível e obscuro, mas contestá-lo naquele momento não serviria de nada. Devolveu-o a Boothby, apertou-lhe a mão, depois a do diretor-geral, e foi-se embora.

Vicary desceu as escadas. Estava alguém no seu gabinete. Era Harry, com uma cicatriz horrível no maxilar. Vicary não era adepto de despedidas prolongadas. Disse a Harry que tinha sido despedido, agradeceu-lhe tudo o que ele tinha feito e disse-lhe adeus.

Chovia outra vez e o tempo estava frio para junho. O chefe da divisão dos Transportes disponibilizou um carro a Vicary. Vicary recusou educadamente. Abriu o guarda-chuva e seguiu vagarosamente para Chelsea, com a chuva a cair torrencialmente.

Passou a noite na sua casa em Chelsea. Acordou ao amanhecer, com a chuva a bater nas janelas. Era o dia 6 de junho. Ligou a BBC para ouvir as notícias e ficou a saber que a invasão estava em curso.

Ao meio-dia, Vicary saiu de casa, esperando ver multidões nervosas e ouvir conversas ansiosas, mas havia um silêncio de morte em Londres. Algumas pessoas aventuravam-se a ir às compras e outras entravam nas igrejas para rezarem. Os táxis deslocavam-se pelas ruas vazias à procura de clientes.

Vicary observou os londrinos ocupados com a sua vida. Sentiu vontade de correr para eles, sacudi-los e dizer: Não sabem o que é que está a acontecer? Não têm noção do que foi necessário? Não sabem as coisas inteligentes e perversas que fizemos para os enganar? Não sabem o que é que eles me fizeram a mim?

Jantou no pub da esquina e ouviu os animadores boletins noticiosos na telefonia. Nessa noite, de novo sozinho, ouviu a mensagem do Rei à nação e, a seguir, foi deitar-se.

De manhã, apanhou um táxi para a estação de Paddington e regressou a Gloucestershire no primeiro comboio.

Gradualmente, por altura do verão, os seus dias adquiriram uma cuidadosa rotina.

Levantava-se cedo e lia até ao almoço, que comia todos os dias na aldeia, no Eight Bells: tarte de legumes, cerveja, carne quando constava do menu. Do Eight Bells, partia para a caminhada que se obrigava a dar diariamente pelos trilhos ventosos em redor da aldeia. A cada dia que passava, o joelho aleijado recuperava um pouco mais de força e, em agosto, Vicary já fazia dezasseis quilómetros todas as tardes. Deixou de fumar cigarros e passou para o cachimbo. Os rituais do cachimbo — carregá-lo, limpá-lo, acendê-lo e voltar a acendê-lo — assentavam de modo perfeito na sua nova vida.

Não tinha noção do dia certo em que aquilo tinha acontecido o dia em que tudo se desvaneceu dos seus pensamentos conscientes: o gabinete exíguo, o estrépito dos teleimpressores, a comida horrível da cantina, o léxico louco daquele sítio. Double Cross... Mulberry... Phoenix... Kettledrum. Até Helen foi empurrada para dentro de uma sala fechada da sua memória, onde não poderia causar mais danos. Alice Simpson começou a visitá-lo ao fim de semana e passou lá uma

semana inteira no início de agosto.

No último dia do verão, sentiu-se invadido pela suave melancolia que aflige as pessoas do campo quando o tempo quente está a chegar ao fim. Era um crepúsculo glorioso, com o horizonte raiado de púrpura e cor de laranja, a primeira sugestão do outono no ar. As primulas e as campainhas há muito tinham desaparecido. Recordou-se de um fim de tarde assim, meia vida antes, quando Brendan Evans o ensinou a andar de mota nos trilhos da Fens. Ainda não estava frio para acender lareiras, mas do seu poleiro, no cimo de uma colina, conseguia ver as chaminés da aldeia a deitarem fumo suavemente e sentir o cheiro intenso a madeira verde no ar.

Foi então que viu tudo a desenrolar-se nas encostas, como a solução para um problema de xadrez. Consequia ver as linhas de ataque, a preparação, o logro. Nada tinha sido o que parecia.

Vicary voltou apressadamente para o chalé, telefonou para o departamento e pediu para falar com Boothby. Foi nessa altura que se apercebeu de que era tarde e de que era sexta-feira — os dias da semana já não significavam nada para ele — mas, por milagre, Boothby ainda lá estava e atendeu o seu próprio telefone.

Vicary identificou-se. Boothby revelou-se genuinamente agradado por ouvir a voz dele. Vicary garantiu-lhe que estava ótimo.

— Quero falar consigo — disse Vicary. — Sobre a Operação Kettedrum.

A linha caiu num silêncio, mas Vicary sabia que Boothby não tinha desligado o telefone de repente porque o ouvia a mexer-se agitadamente na cadeira.

— Já não pode vir cá. O Alfred é persona nongrata. Por isso, suponho que tenha de ser eu a ir ter consigo.

— Perfeito. E não finja que não sabe como me encontrar porque tenho visto os seus vigias a andarem atrás de mim.

— Amanhã, ao meio-dia — atirou Boothby, desligando o telefone.

Boothby chegou ao meio-dia em ponto, num Humber oficial, vestido para o campo com roupa de tweed, uma camisa aberta no pescoço e um casaco de malha confortável.

Tinha chovido durante a noite. Vicary foi buscar à cave umas botas de borracha tamanho XL para Boothby e percorreram como velhos colegas um prado pontilhado de ovelhas tosquiadas. Boothby foi falando sobre mexericos do departamento e Vicary, com considerável esforço, fingiu estar interessado.

Passado um bocado, Vicary parou de andar e pôs-se a olhar para longe.

— Nada daquilo era real, pois não? — exclamou. -Jordan, Catherine Blake... — era tudo falso desde o início.

Boothby sorriu sedutoramente.

— Não foi bem assim, Alfred. Mas qualquer coisa do género.

Virou-se e continuou a caminhar, o corpo alto uma linha vertical recortada no horizonte. A seguir, parou e fez sinal a Vicary para se aproximar. Coxeando mecânica e rigidamente, Vicary seguiu Boothby, batendo nos bolsos à procura dos óculos em meia-lua.

— Foi a natureza da Operação Mulberry que nos colocou um problema — começou a dizer Boothby, sem aviso. — Estavam envolvidas dezenas de milhares de pessoas. Claro que a grande maioria não fazia ideia daquilo em que estava a trabalhar. Ainda assim, o potencial para ocorrerem fugas de segurança era enorme. As componentes eram tão grandes que tinham de ser construídas à vista de toda a gente. Os locais de construção estavam espalhados pelo país, mas uma parte foi construída mesmo aqui perto, nas docas de Londres. Assim que nos informaram do projeto, percebemos que tínhamos um problema. Sabíamos que os alemães seriam capazes de fotografar os locais a partir do ar. Sabíamos que bastava um espião razoável andar a bisbilhotar as obras para conseguir provavelmente descobrir o que estávamos a preparar. Enviámos um homem para Sesley para testar o grau de segurança. Já estava a beber chá na cantina com alguns trabalhadores quando alguém se deu ao trabalho de lhe pedir a identificação.

Boothby riu. Vicary observou-o enquanto ele falava. Toda a sua arrogância e todo o seu nervosismo tinham desaparecido. Sir Basil mostrava-se calmo, sereno e simpático.

Vicary pensou que, em circunstâncias diferentes, até poderia ter gostado dele. Apercebeu-se, chocado, de que tinha subestimado a inteligência de Boothby desde o início. E também ficou espantado com a utilização que ele fazia da palavra nós. Boothby era membro do clube; Vicary tinha apenas sido autorizado a encostar o nariz ao vidro durante um curto período de tempo.

— O maior problema era a possibilidade de a Operação Mulberry revelar as nossas intenções — recomeçou Boothby. — Se os alemães descobrissem que estávamos a construir portos artificiais, eram bem capazes de concluir que pretendíamos evitar os portos altamente fortificados de Calais atacando na Normandia. Como o projeto era tão grande e difícil de ocultar, tínhamos de partir do princípio de que os alemães acabariam por descobrir o que estávamos a preparar. A nossa solução foi roubar por eles o segredo da Operação Mulberry e tentar controlar o jogo — explicou Boothby, olhando para Vicary. — Muito bem, Alfred, vamos lá ouvir o que tem para dizer. Quero saber o que conseguiu descobrir ao certo.

— Walker Hardegen — afirmou Vicary. — Eu diria que começou tudo com Walker Hardegen.

— Muito bem, Alfred. Mas como?

— Walker Hardegen era um banqueiro e um homem de negócios rico, ultraconservador, anticomunista e provavelmente um bocadinho antisemita. Vinha da Ivy League e conhecia metade das pessoas em Washington. Tinha andado na escola com elas. Os americanos não são assim tão diferentes de nós nesse aspeto. Os negócios dele levavam-no a Berlim regularmente. E quando homens como Hardegen viajavam para Berlim, iam a jantares e festas de embaixadas. Jantavam com os diretores das maiores empresas alemãs e com funcionários nazis do partido e dos ministérios. Hardegen falava alemão perfeitamente. E o mais provável era que admirasse algumas das coisas que os nazis andavam a fazer. Acreditava que Hitler e os nazis funcionavam como um importante amortecedor entre os bolcheviques e o resto da Europa. Eu diria que, durante uma das visitas dele, terá chamado a atenção da Abwehr ou do SD.

— Bravo, Alfred. Foi a Abwehr, por acaso, e o homem cuja atenção capturámos foi Paul Müller, o diretor das operações da Abwehr na América.

— Muito bem. Müller recrutou-o. Oh, calculo que provavelmente tenha suavizado a coisa. Dito que Hardegen não estaria realmente a trabalhar para os nazis. Estaria a ajudar na luta contra o comunismo internacional. Pediu informações a Hardegen sobre a produção industrial americana, o estado de espírito em Washington, coisas desse género. Hardegen aceitou e tornou-se agente. Mas tenho uma pergunta: Hardegen já era um agente americano nessa altura?

— Não — respondeu Boothby, sorrindo. — Não se esqueça, isto passou-se ainda bem no início do jogo, em 1937. Os americanos não eram especialmente sofisticados nessa altura. Mas sabiam, no entanto, que a Abwehr se encontrava ativa nos Estados Unidos, particularmente em Nova Iorque. Um ano antes, os planos relativos à mira de bombardeiro Norden saíram do país dentro da pasta de um espião da Abwehr chamado Nikolaus Ritter. Roosevelt tinha dado ordens a Hoover para atuar com dureza. Em 1939, Hardegen foi fotografado a encontrar-se em Nova Iorque com um conhecido agente da Abwehr. Dois meses mais tarde, viram-no novamente, desta vez a encontrar-se com outro agente da Abwehr na Cidade do Panamá. Hoover queria prendê-lo e levá-lo a julgamento. Meu Deus, os americanos eram mesmo uns lorpas neste jogo. Felizmente, o MI6 já tinha instalado o seu gabinete em Nova Iorque nessa altura. Entreviaram e convenceram Hoover de que Hardegen era mais valioso se continuasse em jogo do que enfiado numa cela qualquer.

— Então quem é que o controlava, nós ou os americanos?

— Na verdade, era um projeto conjunto. Fornecíamos um fluxo constante de ótimo material aos alemães através de Hardegen, tudo coisas de qualidade superior. Em Berlim, o estatuto de Hardegen subiu

em flecha. Enquanto isso, todos os aspetos da vida de Walker Hardegen foram analisados microscopicamente, incluindo a relação dele com a família Lauterbach e com um engenheiro brilhante chamado Peter Jordan.

— Por isso, em 1943, quando foi tomada a decisão de efetuar a invasão através do canal da Mancha na Normandia, com a ajuda de um porto artificial, os serviços secretos britânicos e americanos abordaram Peter Jordan e pediram-lhe para passar a trabalhar para nós.

— Sim. Em outubro de 1943, para ser exato.

— Ele era perfeito — prosseguiu Vicary. — Era precisamente o tipo de engenheiro de que o projeto necessitava e era conhecido e respeitado na sua área. Os nazis só precisavam de ir à biblioteca para ler sobre os feitos dele. E a morte da mulher também o tornava vulnerável em termos pessoais. Por isso, no final de 1943, fizeram com que Hardegen se encontrasse com o agente da Abwehr responsável por ele e lhe contasse tudo sobre Peter Jordan. O que é que lhes revelaram na altura?

— Só que Jordan estava a trabalhar num grande projeto de construção relacionado com a invasão. E também demos a entender que ele era vulnerável, como o Alfred disse. A Abwehr mordeu o isco. Müller convenceu Canaris e Canaris passou o assunto a Vogel.

— Então, toda essa coisa foi um estratagemas complexo para impingir informações falsas à Abwehr. E Peter Jordan foi o cordeiro sacrificado da praxe.

— Exato. Os primeiros documentos eram propositadamente ambíguos. Estavam abertos à interpretação e à discussão. As unidades Phoenix podiam ser componentes de um porto artificial ou podiam ser um complexo antiaéreo. Queríamos que eles andassem à bulha, discutissem, se esfrangalhassem todos. Tem Sun-Tzu em dia?

— Sabota o teu inimigo, subverte-o, semeia a discórdia entre os seus líderes.

— Exato. Queríamos encorajar a fricção entre o SD e a Abwehr. E também não lhes queríamos facilitar demasiado as coisas. Gradualmente, os documentos da Operação Kettledrum foram clareando o quadro e esse quadro foi transmitido diretamente a Hitler.

— Mas porquê darem-se a tanto trabalho? Porque é que não utilizaram simplesmente um dos agentes que já tinham mudado de lado? Ou um dos agentes fictícios? Porquê utilizarem um engenheiro de carne e osso? Porque não inventaram simplesmente um de fio a pavio?

— Por duas razões — respondeu Boothby. — Número um, isso é demasiado fácil. Queríamos que eles se esforçassem para obter as informações. Queríamos influenciar-lhes o pensamento subtilmente.

Queríamos que pensassem que eram eles que estavam a decidir apontar baterias a Jordan. Não se esqueça do mantra de um agente da Operação Double Cross: as informações facilmente obtidas são facilmente descartadas. Havia uma cadeia de informações, por assim dizer: de Hardegen para Müller, de Müller para Canaris, de Canaris para Vogel e de Vogel para Catherine Blake.

— Impressionante — afirmou Vicary. — E a segunda razão?

— A segunda razão foi que, no final de 1943, descobrimos que não conhecíamos todos os espões alemães que atuavam no Reino Unido. Ficámos a saber de Kurt Vogel, ficámos a saber da rede dele e ficámos a saber que um dos agentes era uma mulher. Mas tínhamos um problema grave. Vogel tinha infiltrado os agentes no Reino Unido tão cuidadosamente que só os conseguiríamos localizar se fizessemos com que eles se revelassem. Não se esqueça, o Plano Bodyguard estava prestes a começar a carburar a cem por cento, íamos bombardear os alemães com rajadas de informações falsas. Mas não nos podíamos sentir confortáveis sabendo que havia agentes de carne e osso ativos no nosso país. Tínhamos de os identificar a todos. Caso contrário, nunca poderíamos ter a certeza de que os alemães não estavam a receber informações que contradissem o Plano Bodyguard.

— E como tiveram conhecimento da rede de Vogel?

— Fomos informados.

— Por quem?

Boothby deu alguns passos em silêncio, contemplando a biqueira enlameada das botas de borracha.

— Fomos informados da rede por Wilhelm Canaris — disse por fim.

— Por Canaris?

— Através de um dos emissários dele, na realidade. Em 1943, no final do verão. Isto vai provavelmente chocá-lo, mas Canaris era um dos líderes da Schwarze Kapelle. Queria que Menzies e os serviços secretos o ajudassem a derrubar Hitler e a acabar com a guerra. Num gesto de boa vontade, informou Menzies da existência da rede de Vogel. Menzies informou os serviços de segurança e, em conjunto, engendrámos um estratagema chamado Kettledrum.

— O principal espião de Hitler, um traidor. Extraordinário. E o senhor sabia de tudo isto, claro. Sabia-o na noite em que eu fui destacado para o caso. Aquele relatório acerca da invasão e dos planos de logro... Teve tudo como objetivo assegurar a minha lealdade cega. Motivar-me. Manipular-me.

— Lamento dizê-lo, mas sim.

— Então a operação tinha dois objetivos: enganá-los em relação ao Projeto Mulberry e, ao mesmo tempo, fazer com que os agentes de Vogel se revelassem para os podermos neutralizar.

— Sim — confirmou Boothby. — E mais outra coisa: possibilitar a Canaris um golpe de mestre que lhe permitisse salvar a cabeça até à invasão. A última coisa de que precisávamos era de Schellenberg e de Himmler a comandarem. A Abwehr estava totalmente paralisada e manipulada. Sabíamos que se Schellenberg assumisse o controlo, ia pôr em causa tudo o que Canaris tinha feito. Mas não fomos bem-sucedidos nesse ponto, claro. Canaris foi despedido e Schellenberg apoderou-se finalmente da Abwehr.

— Então porque é que a Operação Double Cross e o Plano Bodyguard não se desmoronaram com a queda de Canaris?

— Oh, Schellenberg estava mais interessado em consolidar o seu império do que em introduzir uma nova leva de agentes em Inglaterra. Houve uma impressionante reorganização burocrática — gabinetes a trocarem de dono, dossiês a mudarem de mãos, esse tipo de coisas. No estrangeiro, mandou embora agentes dos serviços secretos experientes que eram leais a Canaris e substituiu-os por sabujos ainda verdes, leais às SS e ao Partido. Enquanto isso, no quartel-general da Abwehr, os agentes responsáveis faziam todos os possíveis por provar que os agentes a atuarem no Reino Unido eram fidedignos e produtivos. Pondo as coisas de forma simples, era uma questão de vida ou de morte para esses agentes. Se admitissem que os agentes deles estavam sob controlo britânico, teriam sido enfiados no primeiro comboio a caminho do Leste. Ou pior.

Caminharam em silêncio durante algum tempo enquanto Vicary assimilava tudo o que lhe tinha sido dito. Tinha a cabeça à roda. E inúmeras perguntas. Temia que Boothby se pudesse calar a qualquer instante. Ordenou-as por importância, deixando de lado as suas emoções fervilhantes. Passou uma nuvem diante do Sol e de repente fez-se frio.

— E resultou tudo? — perguntou Vicary.

— Sim, resultou de forma brilhante.

— Então e a emissão do Lord Haw-Haw?

O próprio Vicary tinha-a ouvido, sentado na sala de estar do chalé de Máddida, e tinha sentido um calafrio. Nós sabemos exatamente o que é que vocês pretendem faer com essas unidades de betão. Pensam que as vão afundar nas nossas costas durante a invasão. bom, vamos ajudar-vos, rapaces...

— Pôs o Supremo Comando Aliado em pânico. Pelo menos, à superfície — acrescentou Boothby presunçosamente. — Um grupo muito pequeno de oficiais tinha conhecimento do logro da Operação Kettledrum e percebeu que se tratava apenas do último ato. Eisenhower enviou um telegrama para Washington a pedir cinquenta vedetas para resgatar as tripulações caso as Mulberries fossem afundadas durante a travessia do Canal. Certificámo-nos de que os

alemães sabiam disso. Tate, o nosso agente da Operação Double Cross com uma fonte fictícia dentro do SHAEF, transmitiu ao agente da Abwehr responsável por ele um relatório do pedido de Eisenhower. Passados vários dias, o embaixador japonês fez uma visita às defesas costeiras e foi informado por Rundstedt. Rundstedt falou-lhe das Mulberries e explicou-lhe que um agente da Abwehr tinha descoberto que eram torres de artilharia antiaérea. O embaixador enviou por telegrama essa informação aos seus chefes em Tóquio. Essa mensagem, tal como todas as outras comunicações dele, foi interceptada e decodificada. Nesse momento, soubemos que a Operação Kettledrum tinha resultado.

— E quem dirigiu a operação em termos globais?

— O MI6, na verdade. Foram eles que a iniciaram, foram eles que a conceberam, e nós deixámo-los dirigí-la.

— E quem sabia dentro do departamento?

— Eu, o diretor-geral, Masterman, do Comité da Operação Double Cross.

— E quem era o agente que comandava tudo? Boothby olhou para Vicary.

— O Broome, claro.

— E quem é o Broome?

— O Broome é o Broome, Alfred.

— Só não compreendo uma coisa. Porque é que era necessário enganar o agente responsável pelo caso?

Boothby sorriu tenuemente, como se tivesse sido apoquentado por uma recordação ligeiramente desagradável. Dois faisões irromperam da sebe e voaram disparados pelo céu cinzento-escuro. Boothby parou e contemplou as nuvens.

— Parece que vem aí chuva — atirou. — Talvez fosse melhor voltarmos para trás.

Deram meia-volta e começaram a andar.

— Nós enganámo-lo, Alfred, porque queríamos que parecesse tudo verdadeiro ao outro lado. Queríamos que o Alfred seguisse os mesmos passos que em princípio seguiria num caso normal. E também não lhe era necessário saber que Jordan estava a trabalhar para nós desde o início. Não era necessário.

— Meu Deus! — disparou Vicary. — Então comandaram-me, como a qualquer outro agente. Comandaram-me.

— Pode dizer-se isso, sim.

— E porque fui escolhido? Porque não outra pessoa?

— Porque o Alfred, como o Peter Jordan, era perfeito.

— É capaz de me explicar isso?

— Escolhemo-lo por ser inteligente e engenhoso, e, em circunstâncias normais, o Alfred ter-lhes-ia dado água pela barba. Meu

Deus, quase percebeu o logro enquanto a operação estava em curso. E também o escolhemos por a tensão entre nós dois ser lendária afirmou Boothby, parando por uns instantes e olhando para Vicary.

— O Alfred não era propriamente discreto quando me criticava perante o resto do staff. Mas, mais importante do que isso, escolhemo-lo por ser amigo do primeiro-ministro e a Abwehr o saber.

— E quando me despediram, informaram os alemães através de Hawke e do Pelicano. Esperavam que o sacrifício de um amigo pessoal de Winston Churchill reforçasse a confiança deles no material da Operação Kettledrum.

— Exato, fazia tudo parte do guião. E resultou, já agora.

— E Churchill sabia?

— Sim, sabia. Foi ele próprio que aprovou tudo. O seu velho amigo traiu-o. Adora a magia negra, o nosso Winston. Se não fosse primeiro-ministro, acho que teria sido um agente perito em logros. Acho que se divertiu bastante com tudo. Ouvi dizer que aquele discurso de motivação que ele lhe fez nas Salas de Guerra Subterrâneas foi um clássico.

— Sacanas — murmurou Vicary. — Sacanas manipuladores. Mas a verdade é que, se calhar, me devia dar por feliz. Podia estar morto como os outros. Meu Deus! Já se deram conta de quantas pessoas morreram por causa do vosso joguinho? Pope, a namorada dele, Rose Morely, os dois homens da Divisão Especial em Earl's Court, os quatro polícias em Louth, outro em Cleethorpes, Sean Dogherty, Martin Colville.

— Está a esquecer-se de Peter Jordan.

— Por amor de Deus, mataram o vosso próprio agente!

— Não, o A-lfred é que o matou. Foi o Alfred que o pôs a bordo daquele barco. Eu até gostei bastante, devo admitir. O homem cujo descuido pessoal quase nos custou a guerra morre a salvar a vida de uma rapariga e expia os seus pecados. Era assim que Hollywood teria feito a coisa. E é isso que os alemães pensam que aconteceu realmente. E, além do mais, o número de vidas que se perderam não é nada comparado com a carnificina que teria ocorrido se Rommel estivesse à nossa espera na Normandia.

— Trata-se tudo de créditos e débitos? É assim que olha para as coisas? Como se fossem uma gigantesca folha de contabilidade? Ainda bem que estou fora! Não quero fazer parte disso! Não se isso significa fazer coisas dessas. Meu Deus, já devíamos ter queimado pessoas como o senhor na fogueira há muito tempo!

Subiram uma última colina. Ao longe, a casa de Vicary surgiu diante deles. As trepadeiras floridas de Matilda cobriam o muro de calcário que servia de proteção.

Ele queria estar lá — bater com a porta, sentar-se à lareira e

nunca mais voltar a pensar em nada daquilo. Sabia que naquele momento isso era impossível. Queria livrar-se de Boothby. Acelerou o passo, descendo rapidamente a colina e quase perdendo o equilíbrio. Boothby, com o seu corpo alto e pernas atléticas, esforçou-se por o acompanhar.

— Não é mesmo isso que acha, pois não? O Alfred gostou daquilo. Foi seduzido. Gostou da manipulação e do logro. A sua universidade quer que regresse, mas o Alfred não tem a certeza se quer voltar para lá porque tem consciência de que tudo aquilo em que acreditava é mentira e de que o meu mundo, este mundo, é que é o verdadeiro.

— O senhor não é o mundo verdadeiro. Não tenho a certeza do que o senhor é, mas não é verdadeiro.

— Pode dizer isso agora, mas eu sei que sente uma falta terrível de tudo aquilo. É bastante parecido com uma amante, o tipo de trabalho que fazemos. Às vezes, não gostamos muito dela. Não gostamos de nós próprios quando estamos com ela. Os momentos em que nos sentimos bem são fugazes. Mas quando tentamos deixá-la há sempre qualquer coisa que nos puxa outra vez para ela.

— Receio bem que essa metáfora não me diga muito, Sir Basil.

— Lá está o Alfred outra vez, a armar-se em superior, em melhor do que os outros. Pensei que já tivesse aprendido a lição por esta altura. O Alfred precisa de pessoas como nós. O país precisa de nós.

Atravessaram o portão e seguiram pelo caminho de entrada. O cascalho estalava sob os seus pés. Vicary lembrou-se da tarde em que tinha sido chamado a Chartwell e recebido o cargo no MI5. Lembrou-se da manhã nas Salas de Guerra Subterrâneas, das palavras de Churchill: Tem de deixar de lado quaisquer princípios que ainda possua, deixar de lado quaisquer sentimentos de compaixão que ainda possua, e fazer tudo o que for necessário para vencer.

Pelo menos, tinha havido alguém que tinha sido sincero consigo, mesmo que isso tivesse sido mentira na altura.

Pararam ao lado do Humber de Boothby.

— Compreenderá por certo que eu não o convido para entrar e tomar um refresco — disse Vicary. — Quero ir lavar o sangue das mãos.

— A beleza da coisa é essa, Alfred — retorquiu Boothby, mostrando as grandes patorras a Vicary. — Eu também tenho sangue nas mãos. Só que não o consigo ver e mais ninguém consegue. É uma mancha secreta.

O motor do carro disparou quando Boothby abriu a porta.

— Quem é Broome? — perguntou Vicary uma última vez.

O rosto de Boothby ensombrou-se, como se uma nuvem lhe tivesse passado à frente.

— Broome é Brendan Evans, o seu velho amigo de Cambridge.

Contou-nos a sua manobra para entrar para os serviços secretos militares. E contou-nos o que lhe aconteceu em França. Sabíamos o que o impelia e o que o motivava. Tinha de ser... afinal de contas, estávamos a comandá-lo.

Vicary sentiu a cabeça começar a latejar.

— Tenho mais uma pergunta.

— Quer saber se Helen estava envolvida nisso ou se foi ter consigo de livre vontade.

Vicary ficou em suspenso, à espera de uma resposta.

— Porque não vai ter com ela e lhe pergunta?

A seguir, Boothby desapareceu dentro do carro e foi-se embora.

SESSENTA E QUATRO

LONDRES: MAIO DE 1945

Nessa tarde, às seis horas, Lillian Walford aclarou a garganta, bateu suavemente à porta do gabinete e entrou sem esperar que respondessem. O professor estava lá, sentado à janela com vista para Gordon Square, com o corpo franzino debruçado sobre um velho manuscrito.

— Se já não tiver mais nada para eu fazer, vou-me embora, professor — disse ela, dando início ao ritual de fechar os livros e endireitar os papéis que parecia acompanhar sempre as conversas de sexta-feira ao final da tarde entre ambos.

— Não, tenho tudo o que preciso, obrigado.

Ela olhou para ele e pensou: Não, por qualquer razão, duvido muito disso, professor. Havia qualquer coisa nele que tinha mudado. Oh, é verdade que nunca tinha sido do tipo falador; nunca tinha sido pessoa de iniciar uma conversa, a não ser que fosse absolutamente necessário. Mas parecia mais reservado do que nunca, coitadinho. E tinha piorado à medida que o período letivo avançava, em vez de melhorar, como ela tinha esperado. Contavam-se histórias na faculdade, especulações fúteis. Havia quem dissesse que ele tinha enviado homens para a morte ou ordenado execuções. Era difícil imaginar o professor a fazer essas coisas, mas fazia algum sentido, ela tinha de admitir. Alguma coisa o tinha feito fazer um voto de silêncio.

— É melhor não se demorar muito, professor, se quer apanhar o comboio.

.- Estava a pensar em ficar antes em Londres no fim de semana respondeu ele, sem levantar os olhos do trabalho. — Interessa-me ver qual é o aspeto da cidade à noite, agora que as luzes estão outra vez a funcionar.

— Ora aí está uma coisa que eu espero mesmo nunca mais voltar a ver, o maldito blackout.

— Algo me diz que não verá.

Ela tirou-lhe o impermeável do cabide atrás da porta e colocou-o na cadeira ao lado da secretária. Pousou o lápis e olhou para ela. O que ela fez a seguir apanhou-os aos dois de surpresa. A mão dela pareceu estender-se para a cara dele de livre vontade, por reflexo,

como o faria para uma criancinha que tivesse acabado de se magoar.

— O professor está bem?

Ele afastou-se bruscamente e voltou a olhar para o manuscrito.

— Sim, estou ótimo — respondeu ele.

A voz tinha um tom, uma rispidez que ela nunca lhe tinha ouvido. A seguir, ele murmurou qualquer coisa baixinho que pareceu ser nunca estive melhor.

Ela virou-se e dirigiu-se para a porta.

— Tenha um bom fim de semana — disse.

— É essa a minha ideia, obrigado.

— Boa noite, professor Vicary.

— Boa noite, Miss Walford.

A noite estava quente e, quando atravessou Leicester Square, Vicary já tinha despedido o impermeável, levando-o dobrado sobre o braço. O crepúsculo chegava ao fim e as luzes de Londres começaram a acender-se lentamente. Quem diria, Lilian Walford a tocar-lhe na cara daquela maneira! Sempre tinha pensado que era um mentiroso razoável. Interrogou-se se seria assim tão evidente.

Atravessou o Hyde Park. À esquerda, um grupo de americanos jogava softball à luz ténue. À direita, britânicos e canadianos participavam num barulhento jogo de rãguebi. Passou por um local onde apenas uns dias antes se encontrava uma arma antiaérea. A arma tinha desaparecido; apenas se mantinham lá os sacos de areia, como se fossem pedras de ruínas antigas.

Entrou em Belgravia e, por instinto, dirigiu-se para a casa de Helen.

Espero que mudes de opinião, e depressa.

As cortinas opacas estavam levantadas e a casa inundada de luz. Estavam lá mais dois casais. David estava de uniforme, com Helen pendurada no braço. Vicary perguntou-se há quanto tempo estaria ali parado, a observá-los, a observá-la. Para sua grande surpresa — ou seria alívio, talvez -, não sentiu nada por ela. O seu fantasma tinha-o abandonado por fim, desta vez definitivamente.

Afastou-se. King's Road deu lugar a Sloane Square e Sloane Square a sossegadas ruas secundárias de Chelsea. Olhou para o relógio; ainda tinha tempo para apanhar o comboio. Conseguiu um táxi e, antes de entrar, pediu ao taxista para o levar até à estação de Paddington. Baixou o vidro da janela e sentiu o vento quente na cara.

Pela primeira vez em muitos meses, sentiu qualquer coisa parecida com contentamento, qualquer coisa parecida com paz.

Ligou para Alice Simpson de uma cabine telefónica, na estação, e ela aceitou o convite para ir ter com ele ao campo na manhã seguinte. Desligou o telefone e teve de correr para apanhar o comboio. A carruagem ia apinhada, mas descobriu um lugar à janela, num

compartimento com duas velhas e um soldado com cara de menino, agarrado a uma bengala.

Olhou para o soldado e viu que ele trazia a insígnia do 2.^o Regimento de East Yorkshire. Vicary sabia que ele tinha estado na Normandia — em Sword Beach, para ser exato — e que tinha sorte em estar vivo. Os East Yorks tinham sofrido muitas baixas nos primeiros minutos da invasão.

O soldado reparou que Vicary estava a olhar para ele e conseguiu esboçar um ligeiro sorriso.

— Foi na Normandia. Quase não cheguei a sair do barco — disse, erguendo a bengala. — Os médicos dizem que vou precisar de usar isto para o resto da vida. Como ficou com o seu, quer dizer, com o coxear?

— Na Primeira Guerra Mundial, em França — disse Vicary num tom distante.

— E fizeram-no regressar para esta?

Vicary assentiu com a cabeça.

— Um trabalho à secretária, num departamento muito monótono do Ministério da Guerra. Nada de importante, na verdade.

Passado algum tempo, o soldado adormeceu. Por uma vez, nos campos que iam passando, Vicary viu o rosto dela, sorrindo-lhe, apenas por um instante. A seguir, viu o de Boothby. E depois, quando a escuridão se instalou, o seu próprio reflexo a acompanhá-lo em silêncio no vidro da janela.

Fim

NOTAS

[1]No original, Military Intelligence; trocadilho com a palavra intettigence, que pode significar, entre outras coisas, inteligência e serviços secretos. (N. do T.)

[2]Quartel-general de Hitler na Prússia Oriental. (N. do T.)

[3]Cabo da Ira. (N. do T.)

[4]Abreviatura para Metropolitan Police Service of London: Serviço da Polícia Metropolitana de Londres. (N. do T.)

[5]Literalmente, Olho de Lata. (N. do T.)

[6]Esftegonia. (N. do T.)

[7]Balde. (N. do T.)

[8]No original, trocadilho com o nome Broome e a palavra stick, que juntas daria broomstick ou cabo de vassoura. (N. do T.)

[9]Veículo militar desenhado por Ferdinand Porsche e construído pela Volkswagen durante a Segunda Guerra Mundial para uso das forças armadas da Alemanha nazi. (N. do T.)

[10]Literalmente, amoreiras. (N. do T.)

[11]Sigla de Special Operations Executive, o Serviço de Operações Especiais britânico durante a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

[12]No original, trocadilho com as palavras hawk, stick, rod e cane, que significam, respetivamente, falcão, pau, vareta e bengala. (N. do T.)

[13]Retiro montanhoso. (N. do L.)